UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

JOÃO MANUEL CASQUINHA MALAIA SANTOS

Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção
sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de
Janeiro (1915-1934)

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção
sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de
Janeiro (1915-1934)

João Manuel Casquinha Malaia Santos

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em
História Econômica do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a obtenção do título
de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Blanco B. de Moura

São Paulo
2010

“O ILLUSTRE DESCONHECIDO

- Mas afinal, quem é esse Getúlio Vargas?
- Homem, não sei bem. Mas creio que é um novo jogador do Vasco.”

O Malho, 11 de janeiro de 1930

Dedico esta tese a meu pai. Foi ele o grande responsável por despertar minha paixão avassaladora pelo futebol .

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Esmeralda, pela oportunidade, pelo apreço e pela dedicação ao longo desta tese e, principalmente, na parte final da mesma.

Ao Professor Hilário Franco Junior, pelas produtivas reuniões, pelas idéias para o enriquecimento do trabalho e por me ouvir, ou ler, nos momentos de dúvida e de angústia.

Aos professores Flavio de Campos e Elias Saliba. O primeiro pelas idéias e incentivos durante o curso da Pós- Graduação. O segundo por identificar questões importantes a serem investigadas, ainda quando da qualificação para o mestrado.

À Professora Vera Ferlin, pelo apoio e incentivo durante todo o percurso da pesquisa e, em especial, durante o curso da pós-graduação.

A todo o pessoal ligado à secretaria da Pós-Graduação pela especial atenção.

Ao Diretor de Patrimônio Histórico do Vasco, Sr. João Ernesto da Costa Ferreira, e Ricardo Pinto, coordenador do projeto de revitalização do Centro de Memória do Vasco da Gama, pela presteza e gentileza com que me receberam no clube. Aos funcionários do Centro, Walmer e Nickson.

Ao Sr. Paulo Burgos, professor da PUC-RJ, conselheiro do America F. C., que conseguiu a liberação dos documentos do clube para este pesquisador.

Ao Presidente de Cultura do CA Boca Juniors, Osvaldo Cabano, ao Presidente de Biblioteca do clube, Julio Pérez, mas principalmente à Diretora da Biblioteca, María del Valle Calvimonte por toda a educação e todo o trabalho que teve ao me enviar dados da contratação de brasileiros pelo clube.

A Manuel Tomás Belenguer, responsável pelo Centre de Documentació i Estudis del FC Barcelona por ter me recebido em seu clube e me ajudado com a documentação.

Ao Sr. Luis, do Centro de Memória do Fluminense, e ao Diretor de Comunicação, Sr. Nelson Teles, que liberou as imagens do Centro.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

À minha esposa e ao meu filho, pela paciência e pela colaboração ao longo desta longa caminhada.

Aos meus pais e à minha irmã, por toda a estrutura que me deram ao longo da minha vida.

A Fernanda Schnoor, por toda a paciência, trabalho, criatividade e carinho com que tratou este trabalho e a mim mesmo.

Aos meus amigos, fiéis companheiros, em todos os momentos. Para não fazer uma lista imensa de todos eles, prefiro dizer que são “os caras”. Vocês sabem quem vocês são.

A um amigo em especial. Marcelo Maroni, que vale a menção em separado por ser, há muito, parte da minha família.

Ao meu grande amigo Henrique Mangeon, que fez a reprodução fotográfica dos acervos do Vasco da Gama, Fluminense e Biblioteca Nacional. Meu mais profundo agradecimento.

Aos meus professores, tão importantes no meu processo educacional.

Ao CNPQ pelo apoio financeiro a este projeto.

*Quem dá mais por uma mulata que é
diplomada
Em matéria de samba e de batucada
Com as qualidades de moça formosa
Fiteira, vaidosa e muito mentirosa?
Cinco mil réis, duzentos mil réis, um conto
de réis!*

*Ninguém dá mais de um conto de réis?
O Vasco paga o lote na batata
E em vez de barata
Oferece ao Russinho uma mulata [...]*

Quem dá mais? (Leilão do Brasil) Noel Rosa, 1930.

ÍNDICE

Abstract	1
Introdução.....	2

CAPÍTULO 1 OS SPORTS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

1.1 Uma cidade dos esportes.....	15
1.2 A criação dos times de elite da cidade e de suas ligas.....	33
1.3 O crescimento do futebol suburbano.....	58

CAPÍTULO 2 A COMUNIDADE PORTUGUESA E A AVENTURA NOS SPORTS

2.1 A cidade, os imigrantes e as associações portuguesas - o Vasco da Gama.....	106
2.2. Os times grandes do Rio de Janeiro e o clube da Cruz de Malta	
O Vasco no futebol	119
<i>Jogo de futebol: espetáculo urbano das multidões</i>	122
<i>I Guerra Mundial: a mudança na geografia do futebol</i>	129
<i>O Vasco da Gama no futebol: o time da colônia portuguesa</i>	133
<i>Para conter o perigo</i>	141
<i>Grandes x Pequenos</i>	152
<i>Até estrangeiros...</i>	164
<i>A preparação para o Sul-Americano</i>	166

CAPÍTULO 3 SPORT OU NEGÓCIO?

3.1 Sul Americanos: ápice do esporte no país	169
<i>Quem manda: Rio ou São Paulo?</i>	170
<i>Um campeonato de seleções no Brasil</i>	181
<i>1922, o ano em que o Rio voltou a ser a capital sul americana dos sports</i>	185
3.2 A LMDT e a defesa do amadorismo	190
<i>Transferências</i>	193
<i>Jogadores de futebol: brancos pobres e negros na nova ordem social competitiva..</i>	199
3.3 O início da Revolução Vascaína	206
<i>Vasco da Gama: o scratch da suburbana</i>	209
<i>Os proletários da bola</i>	212

<i>Todos queriam jogadores do Engenho de Dentro</i>	214
<i>O potencial vascaíno</i>	219
<i>A queda da Lei do Estágio e a definitiva “Era das borboletas”</i>	223
3.4 A Popularização do Esporte e a Presença das “Torcidas”	230
<i>Futebol e movimento operário</i>	237
<i>A busca pelo grande time</i>	239
<i>O Caso Quintanilha-Esquerdinha</i>	241

CAPÍTULO 4 A REVOLUÇÃO VASCAÍNA

4.1 1922: Vasco, Campeão da série B da 1ª Divisão	249
<i>Às Vésperas da Revolução Vascaína</i>	249
<i>O Vasco e a aplicação da fórmula: bons jogadores, ampliação de estádios e vitória</i>	250
<i>O Campo da Rua Moraes e Silva</i>	261
<i>Futebol e República: a questão dos analfabetos</i>	264
4.2 1923: O Vasco Campeão da série A da 1ª Divisão	274
<i>A Montagem do time</i>	278
<i>O Time do Povo</i>	283
<i>Estádios lotados: festa e dinheiro</i>	285
<i>O Melhor time do Rio de Janeiro</i>	291
<i>Uma máquina de ganhar jogos e fazer dinheiro</i>	297
<i>O Maior jogo da cidade</i>	302
<i>Arrancada para o título</i>	309
4.3. A ELITE DO FUTEBOL SE VOLTA CONTRA O VASCO	313
<i>Campeonato Brasileiro, Sul Americano: as novas estrelas</i>	317
<i>A AMEA e o golpe dos grandes clubes</i>	319
<i>O Vasco era grande demais para os pequenos</i>	334
4.4 Da volta aos grandes a São Januário	344
<i>São Januário</i>	348

CAPÍTULO 5 O VASCO E A LEGALIZAÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL NO BRASIL

<i>A Força do Vasco</i>	358
5.1 Excursão do Vasco	362

<i>As Excursões dos Times de Futebol: Soluções Financeiras</i>	364
<i>O Vasco da Gama Vai à Europa</i>	368
<i>Barça: Més que um Club</i>	371
5.2 Fausto e Jaguaré: Primeiros Craques Negros Brasileiros na Europa	381
<i>Os primeiros profissionais do futebol carioca</i>	383
<i>Os Brasileiros em Barcelona</i>	390
5.3 <i>La Febre Paulistana y Carioca</i>	391
<i>O Futebol Argentino</i>	392
<i>O Futebol Uruguaio</i>	397
<i>A Seleção e os Times Brasileiros: Vitrine de Craques sem Contrato</i>	402
<i>Craques Paulistas e Cariocas em Alta no Mercado Internacional</i>	405
5.4 O Vasco na era profissional	413
<i>A Liga Carioca de Football</i>	413
<i>Um Time de Estrelas e mais um Título: o Vasco e o Futebol Legalmente</i> <i>Profissionalizado</i>	419
CONSIDERAÇÕES FINAIS	429
ICONOGRAFIA	435
ANEXOS	464
FONTES	474
BIBLIOGRAFIA	481

O presente trabalho é um estudo sobre os primeiros anos do futebol carioca, sua inserção no mundo capitalista e seu papel como catalisador de uma ordem social competitiva necessária ao desenvolvimento pleno deste sistema econômico durante a Primeira República e os primeiros anos da Era Vargas. A pesquisa recai sobre um clube em especial, o Vasco da Gama. Seus dirigentes, na maior parte das vezes ligados à classe empresarial da colônia portuguesa, tomaram atitudes inovadoras e até mesmo revolucionárias para o período. Enquanto os principais clubes da Capital defendiam um futebol elitizado, branco e amador, os diretores vascaínos introduziram em seu recém-montado time de futebol elementos das mais variadas camadas da sociedade, muitos deles mulatos e negros, e, em sua maioria, analfabetos, profissionalizando-os. Construíram aquele que chegou a ser o maior estádio de futebol da América do Sul e transformaram o clube em um dos maiores do mundo em menos de vinte anos de prática deste esporte. Dessa maneira, a colônia portuguesa conseguiu meios para fugir ao preconceito exacerbado que sofria na cidade e inseriu definitivamente os jogadores de origem humilde no seio dos grandes clubes como proletários do futebol.

Palavras-chave: História – futebol – capitalismo – racismo – espetáculo de massa

The present paper is the result of a study about the first years of football in Rio de Janeiro, its insertion in the world of capitalism and its role as the focus point of the competitive social order that was necessary to the full development of this economic system during the *Primeira República* (First Republican Period) and the first years of *Era Vargas*. The research focused mainly on one football club – Vasco da Gama. The club directors, most of which were somehow related to entrepreneurs from the Portuguese colony in the city, took innovative actions, which were quite revolutionary for that period. Whereas the main clubs in the capital city defended football as a white amateur practice for the elite, Vasco directors introduced players from the most varied social strata – many were black or mulatto, and most of them were illiterate - and attempted to professionalize them. They built a football stadium, which came to be the largest in South America, and changed their club into one of the most important clubs in the world, in less than twenty years dedicated to that sport. By doing so, the Portuguese colony found their ways to escape from the widespread prejudice of which they were victims in the city and definitely inserted players from lower-classes into the big clubs, changing them into football proletarians.

Keywords: History – football – capitalism – racism – mass entertainment

Introdução

E quando conversam comigo, querem que eu conte coisas do tempo em que eu era um craque. Mas o torcedor só pensa nos grandes jogos. Para ele, a história do futebol se resume no gramado, com os 22 jogadores, o juiz, os bandeirinhas e, até, os gandulas. Mas é um erro. Atrevo-me a dizer que o grave, o dramático, o importante no futebol é, justamente, o que não aparece, o que não se vê, o que não se diz, o que não se confessa. Domingos da Guia ao jornal *Última Hora* em 3 de junho de 1957

Um jogo de futebol mobilizou a cidade do Rio de Janeiro no dia 12 de agosto de 1923. Durante a semana que antecedeu à partida, não se falava em outra coisa nos cafés, nas praças, nas ruas, nos *bonds* e nos *clubs*. Todos os jornais da cidade comentavam sobre a possibilidade do Vasco da Gama ser campeão em seu ano de estréia na 1ª Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), a liga organizadora do campeonato mais famoso da cidade. Bastava uma vitória contra o São Christovão, 4º colocado, para que a equipe vascaína levasse o campeonato. O Vasco da Gama é hoje um dos maiores clubes do Brasil, com enorme torcida e um belo estádio. Mas no início do século, era apenas um dos clubes que juntamente com o Club Sport Luzitano, o Sport Club Luzitano, o Luzitano Club, o Centro Portuguez de Desportos, o Cruz de Malta Athletico Club, o Lisboa-Rio Athletico Club, o Lisboa-Rio Football Club, o Club Gymnatico Portuguez, o Luzo Americano Football Club, o Luziadas Football Club, entre outros, representavam a imensa colônia portuguesa do Rio de Janeiro. Além de ser o estreante na 1ª Divisão em 1923, seus jogadores tinham algo incomum se comparados com os seus pares de outros times que já haviam sido campeões. Os atletas do Vasco eram em sua maioria negros ou mulatos, e mesmo os brancos eram pobres, quase todos analfabetos. Dessa maneira, contrastavam com os ricos associados dos grandes clubes como o Fluminense, o América, o Botafogo e o Flamengo.

O jogo decisivo aconteceu em General Severiano, campo do Botafogo. Geralmente o Vasco, que não tinha estádio próprio, alugava o campo do Fluminense, o maior do Rio, capaz de comportar mais de 20 mil pessoas e sempre lotado nos jogos do time vascaíno. O Fluminense jogava nesse mesmo dia em seu estádio e a possível decisão do campeonato foi então transferida para o campo do Botafogo. O time da colônia portuguesa havia perdido apenas dois pontos no campeonato e ainda tinha mais dois jogos a fazer, contra o São Christovão e contra o Bangu. A única equipe com

capacidade para impedir o título vascaíno era o Flamengo, com 5 pontos perdidos e três jogos a fazer. Naquele tempo, uma vitória dava dois pontos, enquanto um empate, apenas um; se o Vasco perdesse os dois jogos, ficaria com seis pontos perdidos. O Flamengo tinha que ganhar os três jogos que lhe restavam, para alcançar o primeiro lugar, mas não dependia unicamente dos seus esforços. A equipe rubro-negra¹ precisava torcer para que o Vasco perdesse os dois jogos que tinha a fazer.

No jogo decisivo, o São Christovão abriu o placar, ainda no primeiro tempo, com gol de João, aos doze minutos. Logo depois, aos 17 minutos, fez dois a zero, com gol de Epaminondas, o primeiro negro a jogar na seleção carioca. No segundo tempo do jogo, o São Christovão “perdeu as energias anteriores, abrindo-se de contínuo e tornando-se por isso impotente para reter as investidas vascaínas que sempre foram perigosas e violentas”, segundo o cronista do jornal *O Imparcial*. Cecy diminuiu a desvantagem do Vasco aos 5 minutos do segundo tempo, e Negrito empatou o jogo, nove minutos depois. A equipe vascaína atacou incessantemente o São Christovão e depois de muitas tentativas, aos 32 minutos do segundo tempo, “Paschoal, solto, passa a esphera a Negrito que, bem collocado, consegue, em belíssimo tiro, marcar o gol da vitória”.² O jogo foi ganho “brilantemente pelo esforço titânico de onze rapazes cheios de vontade e dominados por um capricho bem capaz de maiores feitos”.³ O campeonato de 1923 estava decidido por esses rapazes donos de uma vontade incomum para a época. O título decidia, também, o futuro do futebol brasileiro.

No início do século XX, existiam várias formas de se praticar o futebol. Podia ser nas escolas, nas ruas, nas praias, nos campos dos subúrbios ou nos vários clubes espalhados pela cidade. Havia, no entanto, um futebol que chamava muito a atenção. Era o futebol praticado nos grandes clubes, um grupo seletivo de agremiações, todas muito bem localizadas, com mensalidades caras, criando com isso locais de convívio exclusivo da elite⁴ carioca. Alguns desses clubes eram frequentados por gente das camadas mais altas da sociedade da Capital Federal, pessoas poderosas, políticos de renome, donos, diretores e gerentes de casas de comércio, das indústrias e dos principais jornais da capital do país, além de médicos, advogados e seus filhos. Gente que via o futebol como símbolo da civilização, evitando se misturar com os jogadores mais

---

¹ Alusão às cores do uniforme do Flamengo.

² *O Imparcial*, 13 de agosto de 1923.

³ *Correio da Manhã*, 13 de agosto de 1923.

⁴ O conceito de elite utilizado neste trabalho é o de Peter Burke, definida como grupos superiores “segundo três critérios: status, poder e riqueza.” BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 16.

pobres, em sua maioria negra e mulata. Os jornais dedicavam especial atenção ao campeonato organizado pela LMDT, atraindo público comprador de ingressos nos grandes estádios para ver os novos astros da cidade, os “artistas da bola”. Era um futebol praticado, comandado e divulgado pelos representantes da mais alta sociedade carioca, mas seu grande público, os torcedores, esses eram oriundos das mais diferentes camadas.

Em 1923, o Clube de Regatas Vasco da Gama já era um desses grandes clubes, representante do maior contingente de imigrantes da cidade, os portugueses. Era famoso por suas conquistas nos esportes aquáticos, como seu próprio nome ostenta, mas não tinha tradição no esporte que mais se popularizava naquele período. Em 1915 montou seu departamento de futebol, em 1916 pagou as caras taxas da Liga Metropolitana de Sports Athleticos (que no ano seguinte mudou de nome para Liga Metropolitana de Desportos Terrestres) e ingressou na 3ª Divisão, a mais baixa das divisões do mais famoso campeonato de futebol daquela entidade. Após os anos iniciais sem muito sucesso, em 1919 começou a montar um time com os melhores jogadores dos subúrbios cariocas e, em 1922, foi campeão da divisão de acesso à 1ª Divisão, ganhando com isso o direito de jogar com a chamada elite do futebol carioca. Em 1923, o ano de sua estréia na série A da 1ª Divisão, assombrou o Rio de Janeiro e o Brasil com a campanha, o título e os estádios lotados de torcedores vascaínos. O impacto da vitória acima descrita não estava apenas na possibilidade do Vasco ser campeão estreando na elite do futebol carioca, nem no fato do time ser representante da colônia portuguesa, alvo dos mais variados preconceitos no início do século XX. Era um time de profissionais que havia rompido com as práticas elitistas e racistas dos clubes representantes da elite do Rio de Janeiro, os chamados “clubes grandes”. A conquista vascaína colocava em cheque o modelo de organização do futebol da cidade.

A Liga Metropolitana de Sports Athleticos, fundada em 1907, era dirigida pelos mesmos homens que controlavam os clubes mais ricos do Rio de Janeiro: o Fluminense, o Botafogo, o América e o Flamengo. Organizava os principais campeonatos da cidade e estabelecia um limite claro entre quem podia e quem não podia se misturar com os seus clubes afiliados. Cobrava uma taxa altíssima de inscrição anual e outras taxas igualmente altas de penalização dos clubes que não cumprissem as suas determinações, afastando dessa maneira os clubes mais pobres. Tinha regras claras sobre que tipo de jogador poderia entrar em campo para disputar uma partida de *football*, tentando afastar aqueles oriundos das camadas mais baixas. Em 1917, com a crescente popularização do

futebol, a liga alterou seu nome para Liga Metropolitana de Desportes Terrestres (LMDT) e elaborou um novo regulamento para deixar ainda mais clara sua intenção de afastar da prática do futebol em seus campeonatos clubes e jogadores de origem humilde. As taxas passavam a ser mais altas e ficavam mais severas as penalizações aos clubes com a presença em seus quadros de jogadores que não cumprissem as determinações do estatuto. O jogador inscrito pelo clube precisava ser sócio do mesmo, atleta amador, exercer profissão honesta, residir na cidade, estar no gozo de seus direitos civis e políticos, saber ler e escrever e ter a moralidade comprovada.⁵ Proibia a contratação de jogadores e sua profissionalização, dificultava a vida de jogadores negros, mulatos e brancos pobres, impedindo a participação dos analfabetos e daqueles que ganhavam a vida com as chamadas “profissões braçais”.

Nem todos os jogadores dos grandes clubes estavam nessas condições. À medida que o futebol se enquadrava dentro das práticas capitalistas, a necessidade por bons jogadores obrigava os clubes a contar com um ou outro jogador extraordinário, oriundo das camadas mais baixas da sociedade. Algum dirigente do clube arrumava-lhe um bom emprego e até ensinava o jogador a ler e escrever se fosse preciso. Jogadores de qualidade aumentavam a possibilidade de vitórias e os grandes clubes não se importavam com um ou dois craques de origem humilde em seus times, mesmo que mulatos ou negros. Mas os dirigentes vascaínos foram além dessa prática. Contrataram vários jogadores dos pequenos clubes dos subúrbios cariocas e os profissionalizaram, sem se importar com a cor ou com a condição social destes, mas apenas com sua qualidade como jogador. Burlavam as leis da liga arranjando emprego fictício nas casas de comércio da colônia portuguesa a esses jogadores e colocando-os para treinar futebol em tempo integral. Especializando-os em sua nova função, a de jogadores profissionais de futebol, transformavam-nos em novas ferramentas de exploração do trabalho. A fórmula era infalível: excelentes jogadores, profissionais, reunidos numa equipe e treinando em tempo integral, ganhando jogos e títulos, dando espetáculo para o enorme público das grandes metrópoles do mundo industrial. Com esses ingredientes, os estádios ficavam abarrotados de torcedores, consumidores do espetáculo, compradores de ingresso para ver os novos astros das páginas dos jornais, gerando dinheiro e poder para novos círculos que se formavam nas incipientes metrópoles brasileiras. Os dirigentes do Vasco logo enxergaram essa situação e passaram a se utilizar dessa lógica

---

⁵ *Estatutos da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres* publicado no *Diário Oficial da União*, 20 de dezembro de 1917, pp. 13.580 a 13.583.

para alcançar o sucesso no futebol. O time da colônia portuguesa, estreante na 1ª Divisão, com seu time de estrelas do subúrbio, dentre eles alguns negros e mulatos, e com sua enorme torcida, simpatizantes do time representante das camadas mais baixas da sociedade, estava pronto para ser o campeão do Rio de Janeiro, desbancar os times da elite carioca e seu modelo arcaico de organização do futebol.

O desenvolvimento desse esporte será visto neste trabalho à luz das próprias transformações ocorridas na economia, na sociedade, na política e na cultura do país nesse período. É importante estabelecer vínculos entre o crescimento do futebol e da sua importância nacional com o processo de urbanização do Brasil, com o crescimento populacional, com a chegada de imigrantes para as grandes capitais e com o desenvolvimento econômico, particularmente industrial, da cidade do Rio de Janeiro e do próprio país. Este esporte foi um dos grandes responsáveis pelo crescimento de um setor novo da economia brasileira, o da indústria do entretenimento, e teve papel de catalisador da ordem social competitiva⁶ que se instaurava em nossa sociedade. O futebol apareceu na Inglaterra, no auge de seu desenvolvimento capitalista e imperial, e foi exportado como hábito para o mundo por essa potência, assim como outros dos seus mais variados hábitos e produtos. Entender seu desenvolvimento, no Brasil e no mundo, é entender um pouco do próprio desenvolvimento do sistema capitalista e de sua sociedade. Tanto o futebol como a sociedade capitalista estão alicerçados em competição, produtividade, secularização, igualdade de oportunidades, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados e fixação de regras - valores típicos da própria sociedade no qual se desenvolveu.⁷ O crescimento vertiginoso do público ligado a esse esporte mostrava o quão ligado estava o futebol aos valores da própria sociedade em que estava inserido.

O futebol brasileiro, do início do século XX, era apenas um iniciante na engrenagem da economia do futebol. Por essa época, nos principais centros urbanos do mundo, a comercialização dos espetáculos esportivos já era uma realidade. No Brasil uma grande massa de trabalhadores escravos, que ocupavam majoritariamente trabalhos agrícolas, conseguiu liberdade apenas no final do século XIX. Após a abolição, esses trabalhadores começaram a se dirigir aos grandes centros urbanos para configurar, juntamente com os imigrantes, um contingente de trabalhadores com capacidade para

---

⁶ FERNADES, Florestan. *Revolução Burguesa no Brasil*. São Paulo: Globo, 2006. p.179.

⁷ FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 25 .

consumir os mais variados produtos, dentre eles espetáculos urbanos, como o cinema, o teatro e as competições esportivas. *El deporte es consecuencia del desarrollo de las fuerzas productivas capitalistas. Es el producto de la disminución de la jornada laboral, de la urbanización y de la modernización de los medios de transporte.*⁸ Com o desenvolvimento deste processo no Brasil, foi-se formando um público consumidor para os grandes espetáculos esportivos.

O crescimento industrial da cidade do Rio de Janeiro atraiu um número grande de trabalhadores para as zonas urbana e suburbana da cidade. O Brasil encontrava-se na fase de industrialização extensiva, em que

[...] a substituição ocorre na faixa dos bens de consumo corrente, de alguns produtos intermediários e de bens de capital, cuja tecnologia exige baixa densidade de capital, e, mesmo, de bens de consumo duráveis ‘leves’, produzindo-se um ‘alargamento de capital’, com uso abundante de mão-de-obra e expansão horizontal de mercado.⁹

O Brasil, especialmente suas cidades mais industrializadas, passava por este processo, que João Manuel Cardoso de Mello define como “industrialização capitalista retardatária”. O desenvolvimento do futebol parece se encaixar neste modelo. Com a migração de trabalhadores livres da zona rural para a zona urbana, a intensificação da imigração e o saneamento do Rio de Janeiro, a oferta de mão-de-obra ampliou-se. Esse novo cenário favorecia ainda mais a expansão industrial e a formação de um grande mercado consumidor interno. Eulália M. Lahmeyer Lobo afirma que, a partir de 1918, nota-se um aumento nos salários, em geral maior que o custo de alimentação, tendência que permanece até 1930.¹⁰ Ao analisarmos o comportamento das rendas nos estádios de futebol do Rio de Janeiro nesse período, poderemos comprovar que o aumento do ganho dos clubes com venda de ingressos coincide com o aumento do mercado consumidor produzido pelo processo de industrialização em curso no país. Eram os trabalhadores assalariados, consumidores, buscando momentos de lazer barato, pois, uma vez que os estádios tinham capacidade para abrigar grandes multidões, os ingressos para o futebol poderiam ter seus preços reduzidos em alguns setores.

---

⁸ BROHM, Jean-Marie. *Tesis sobre el deporte*. in BROHM, Jean Marie et al. *Materiales de sociología del deporte*. Madri: Edición de la Piqueta, 1993, p.48.

⁹ MELLO, João Manuel Cardoso de. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 93.

¹⁰ LOBO, Eulália M. Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)* Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. p. 469.

A análise recairá muito sobre os clubes de futebol e seus jogadores, diretores, funcionários, torcedores, simpatizantes e toda uma gama de profissionais que os rodeavam, como jornalistas esportivos, donos de lojas de materiais para a prática de esportes, apostadores, cambistas, policiais destacados para a segurança dos jogos, empresários e tantos outros. As sedes dos primeiros clubes de futebol, formados por membros da elite, serão vistos como locais de distinção social, como espaços de contato exclusivo dos membros mais destacados da sociedade. Conseguiram se tornar em símbolos de distinção de seus associados e, portanto, mais um ponto importante na trama de distribuição de poderes da cidade, que se remodelava radicalmente no início do século XX. Pierre Bourdieu destaca que

[...] a posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição de poderes que actuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies – o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc..¹¹

Os clubes da elite serão tratados como organizações formadas por elementos da sociedade já detentores de capital econômico, cultural e social e que, através da formação desses clubes, conseguiam produzir mais desse “capital simbólico”, que lhe agregava valor na sociedade como um todo e auxiliava no esforço de incrementar os mecanismos de hierarquia na cidade. Uma das situações mais interessantes que se apresentaram com o futebol, e com o futebol carioca em particular, foi a apropriação desse capital simbólico pelas camadas populares, formadas por negros, mulatos, brancos pobres e imigrantes. Essa apropriação se deu através de três maneiras: da formação de clubes populares que claramente tentavam ser como os clubes da elite; da formação de jogadores oriundos das camadas populares que se especializavam exclusivamente nas práticas esportivas, se profissionalizavam e eram capazes de proporcionar espetáculos de maior qualidade atraindo mais público, mais torcedores; e através dos próprios torcedores, que, impossibilitados de frequentar a sede social dos clubes, seja pelas barreiras sociais ou pelas econômicas, passavam a frequentar as arquibancadas e as gerais e se tornavam seguidores do time, tentando se integrar na aura de civilidade que esses clubes da elite emanavam. Os torcedores formavam verdadeiras multidões durante

---

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. pp. 134 e 135.

o campeonato e devem ser tratados com especial atenção, afinal de contas é através do dinheiro que sai do bolso desses torcedores é que o futebol pôde começar a movimentar altas cifras. Eram consumidores de ingressos, de jornais com notícias esportivas, de produtos ligados ao futebol ou mesmo de produtos que usavam o futebol para fins publicitários.

Devemos estar atentos à natureza do produto que se oferece a essas multidões, o jogo de futebol, e como se organiza a indústria que oferece esse produto, a liga. Os jogos de futebol eram, como ainda são, “espetáculos esportivos de massa” e podiam ser comercializados de uma única maneira no início do século XX: através da venda de ingressos. Os clubes precisavam de parceiros, de outros clubes para organizar partidas, para organizar os campeonatos e poder comercializar os jogos. Para montar campeonatos, os clubes formavam ligas que organizavam e comandavam os jogos. As ligas esportivas funcionavam como instrumentos cruciais na organização do produto, do jogo de futebol, e para isso necessitavam da cooperação de todos os seus membros, aceitando as regras impostas para o bom funcionamento dos campeonatos. A indústria dos esportes, e do futebol em particular, se distingue das outras indústrias pela natureza de seu produto. Os times precisam uns dos outros para organizar campeonatos e todos cooperam para a obtenção de um mesmo produto. Na estruturação econômica do futebol, trabalho (dos jogadores, técnicos e funcionários dos campos) é combinado com capital (os campos, os estádios, os equipamentos usados pelos jogadores) para que os times de uma liga produzam, juntos, um produto (o jogo) a ser vendido a consumidores (os torcedores) em uma praça esportiva adequada para recebê-los.¹²

Em termos metodológicos, este trabalho buscará uma análise dos documentos relacionados ao futebol brasileiro, à imigração portuguesa e à origem dos jogadores do Vasco da Gama, assim como de documentos que mostrem o desenvolvimento urbano e capitalista da cidade do Rio de Janeiro, em particular, e do conjunto do Brasil. Ao considerar como princípio básico deste estudo que o futebol faz parte das principais formas de manifestação cultural brasileira, é possível perceber claramente que o enquadramento deste esporte está em consonância particularmente interessante com as questões sócio-econômicas do próprio país no início do século XX. Será dada ênfase ao período inicial de crescimento da estrutura econômica do futebol carioca, fazendo-se uso de documentos dos mais variados tipos, principalmente os periódicos da época, as

---

¹² DOWNWARD, Paul e DAWSON, Alistair. *The Economics of Professional Team Sports*. United Kingdom: Routledge, 2000. p. 5

atas e relatórios dos clubes, a legislação do período, os dados demográficos dos censos oficiais, os documentos relativos aos meios de transporte da cidade, os almanaques, a iconografia e dados relativos à economia da época, como tabelas de preços e salários, tabelas de consumo de alimentação e de despesas familiares, além de entrevistas dadas por jogadores. Algumas das obras utilizadas nestes trabalhos são livros escritos por pessoas que viveram na mesma época a que este estudo se dedica. Essas obras foram fundamentais, principalmente na reconstituição de alguns personagens do período e também na procura por valores de prêmios de jogadores que obviamente não eram divulgados em documentos oficiais.¹³

Alguns cuidados foram fundamentais no tratamento dado aos documentos. Um dos aspectos importantes é ter em conta que a referência à teoria econômica é obrigatória para a análise dos mecanismos de funcionamento da sociedade capitalista,¹⁴ mas sempre tomando o cuidado de não tratar os dados através de modelos econômicos atuais, para que da história econômica não se passe a um estudo de economia-retrospectiva. Uma vez que se estuda a profissionalização do futebol, este trabalho se utiliza largamente de listas com preços de ingressos, de prêmios, valores envolvidos nas reformas e construções de campos e estádios de futebol, prêmios e salários de jogadores e de outros cidadãos, preços de produtos para a prática de futebol, das passagens nos *bonds* e nos trens da cidade, entre outros valores que poderão ser encontrados ao longo do trabalho e nas listas anexas ao final. Para esta análise, não se formularam listas de conversão para valores atuais, evitando erros básicos de anacronismo. O que se faz é comparar esses valores dos mais variados itens ligados a este esporte com valores de outros itens da sociedade carioca do período. Por exemplo, para se saber se um ingresso era caro, basta comparar seu preço com o de alguns itens básicos da economia do período, ou ver o quanto esse valor representava em relação aos salários das profissões menos valorizadas na cidade, ou em relação ao custo com aluguéis no período. Os dados serão apresentados com o intuito de reconstituir o período estudado não apenas em suas características econômicas, pois a História não pode se reduzir somente à descrição e à interpretação econômica, “se ela possui uma especificidade com relação às outras

---

¹³ São livros como o dos jornalistas Mario Filho (FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. Thomaz Mazzoni (MAZZONI, Thomas. *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950.) e de ex-jogadores como Floriano Peixoto Correa, (CORREA, Floriano P. *Grandezas e Miserias do Nosso Futebol*, Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1933.) ou Araken Patuska, (PATUSKA, Araken. *Os Reis do Futebol*, São Paulo, Bentivegna, 1976.).

¹⁴ CARDOSO, Ciro F. e BRIGNOLI, Hector P. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983. p. 260.

ciências sociais, é precisamente por não ter nenhuma, e por pretender explorar o tempo em todas as suas dimensões”.¹⁵ Procura-se desenvolver este trabalho dentro da orientação do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, em que deve prevalecer “a percepção mais ampla da economia, situada em perspectiva teórica permeável às manifestações sociais, políticas, culturais”.¹⁶

A historiografia apresenta um número considerável de obras sobre futebol no campo da História Social. Esses títulos serão amplamente utilizados como base para este estudo. Mas no caso da História Econômica ainda são poucos os trabalhos, e será importante para a continuidade desse estudo uma discussão mais aprofundada do futebol como objeto da História e, principalmente, da História Econômica, o que será feito ao longo de todo o presente trabalho. O que se procura nesta pesquisa é encarar o futebol como um verdadeiro lugar em que estão postas as questões econômicas, sociais, políticas e culturais que resultam em tensões que podem explodir ou ser aliviadas. Assim como a literatura, o cinema, a música, o teatro e as artes plásticas são formas de expressão das sociedades onde estão inseridas, o futebol também o é. Fazia e faz parte da cultura popular, heterogênea e composta de elementos antagônicos. Parte inicialmente da cultura dominante, teve a ele incorporados elementos populares oriundos da imigração e da própria herança africana. A conquista desse espaço se deu por brechas abertas por alguns membros da elite, de olho nos significativos ganhos que a popularização do futebol gerava. Deixou de ser um esporte exclusivo da camada dominante, um traço cultural da elite, símbolo da chamada civilização, para ser tomado pelas classes menos favorecidas em todo o Brasil e em boa parte do mundo. Sem querer estabelecer relações de causa e consequência, o presente trabalho procura mostrar que o futebol vivenciou as principais mudanças e permanências da sociedade brasileira no período de 1915 a 1934. Essas questões serão tratadas de maneira a apoiar a reconstituição do período desta pesquisa, buscando uma contribuição para a História Econômica, tentando um diálogo com as outras especialidades da história e com os outros campos das ciências sociais.

Com vistas a contribuir para a consolidação do futebol como objeto da História e, principalmente, da História Econômica, este trabalho pretende cumprir alguns

---

¹⁵ LE GOFF, Jacques e NORRA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 61

¹⁶ MOURA, Esmeralda B. Bolsonaro de . *Apresentação in*: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro e FERLINI, Vera Lúcia Amaral (org.) *História Econômica: agricultura, indústrias e populações*. São Paulo, Editora Alameda, 2006. p. 11.

objetivos. O primeiro deles é o de efetivamente entender que o futebol era parte intensa da vida da sociedade brasileira e, portanto, o estudo de alguns de seus aspectos favorece o entendimento da própria sociedade. Outro objetivo é o de abrir novas problemáticas e novos caminhos para a pesquisa histórica, a partir de pontos que ainda não foram pesquisados e que fogem um pouco ao tema analisado, ou mesmo de reflexões em cima do que foi pesquisado e aqui analisado. Além disso, o estudo da “Revolução Vascaína” se propõe a esclarecer as bases da formação de um futebol profissional no Brasil, um verdadeiro espetáculo de massas, dentro da lógica do desenvolvimento capitalista. Busca reconstituir a tomada dos principais palcos do futebol brasileiro por membros das camadas menos abastadas, em sua maioria negros e mulatos, que conseguiam, através da profissionalização deste esporte, a ascensão social e econômica tão difícil em outros setores da sociedade. Além disso, o presente trabalho busca também mostrar como os dirigentes dos clubes passaram a usar as vitórias em campo para conseguir benefícios fora dele. Mas busca mostrar também a exploração dos jogadores de futebol e a geração da mais-valia esportiva, extraída dos craques e acumulada nas poderosas instalações dos grandes clubes de futebol da cidade, controlados pelos membros da elite. Este estudo visa não só contribuir com essa análise, como ser um incentivo para novas pesquisas que ajudem a compreender melhor este interessante fenômeno da sociedade brasileira.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro deles é feita uma pequena análise da chegada dos esportes no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, seus primeiros passos, e os primeiros ímpetus da formação de espetáculos comercializáveis, começando com as corridas de cavalo. Há também um pequeno histórico da formação dos times de futebol do Rio de Janeiro até a primeira metade da década de dez. Também será feita uma análise do crescimento do futebol suburbano, dos pequenos clubes de bairro e a consequente democratização da prática do futebol, iniciado com a elite, e a possibilidade da formação de um sem número de jogadores nesses pequenos clubes que se enfrentavam em campeonatos modestos de ligas suburbanas.

O segundo capítulo é dividido em duas partes. Na primeira delas, se torna necessário mostrar aspectos ligados à imigração portuguesa no Rio de Janeiro, bem como de associações formadas por esses imigrantes na cidade, principalmente ligadas ao esporte, dentre elas o Vasco da Gama. Na segunda parte do capítulo, é feita uma reconstituição do período inicial em que o Vasco monta o seu departamento de futebol, em 1915, indo até 1918 e procurando mostrar a enorme diferença entre os resultados,

esportivos e econômicos, do futebol do Vasco frente aos grandes clubes do Rio de Janeiro.

O terceiro capítulo começa a analisar a “Revolução Vascaina” em si, o início da prática do Vasco na contratação e profissionalização dos craques suburbanos, principalmente do Sport Club Engenho de Dentro, clube que havia sido três vezes campeão consecutivamente da mais importante liga dos subúrbios cariocas. Nessa parte do trabalho, poderá se entender essa nova lógica introduzida pelo Vasco, comparando-o com os outros times do Rio de Janeiro.

O quarto capítulo conta a história das primeiras conquistas do time, fruto dessa lógica adotada pelos dirigentes vascainos. Será feita uma análise das tentativas de reação por parte da elite em conter o “fenômeno Vasco da Gama”, dentro do contexto do sentimento anti-lusitano da época na Capital, bem como a volta do clube ao seio da elite, fruto das enormes rendas que os clubes deixavam de auferir sem a torcida vascaina em seus estádios. Finalmente, será analisada neste capítulo aquela que talvez seja a maior conquista de toda a história do Vasco da Gama, a construção de sua grande praça esportiva, o estádio de São Januário, inaugurado como maior estádio da América Latina, apenas onze anos após o clube se iniciar na prática do futebol.

No último capítulo, será feito um estudo sobre os fatores que levaram os clubes brasileiros à profissionalização de seus jogadores. Ávidos por maiores receitas, os clubes e a seleção carioca e brasileira começavam a excursionar para outros centros do futebol mundial, como Argentina, Uruguai, França, Suíça, Espanha e Portugal. A excursão do Vasco à Península Ibérica merecerá grande destaque, devido ao fato de ser a primeira viagem à Europa de um clube carioca e pelo fato do clube perder dois de seus maiores craques para o grande F.C. Barcelona. As contratações desses jogadores estavam no contexto de uma verdadeira exportação de jogadores paulistas e cariocas, primeiro para a Europa e depois para a Argentina e para o Uruguai, a chamada “região do Prata”. O processo de legalização da profissão dos jogadores no Brasil será analisado a partir dessas contratações e da saída dos craques do Brasil. Na última parte deste capítulo, mais uma vez a tônica será estudar as atitudes pioneiras do Vasco já na era do futebol profissionalizado, como a de formar uma equipe com os maiores jogadores do país, trazendo muitos deles dos campeonatos da região do Prata e concorrendo de igual para igual com os grandes clubes do futebol sul-americano, à época o melhor do continente. Além disso, a montagem dessa equipe deu novo dinamismo ao futebol profissional no país e elevou as receitas e despesas dos grandes clubes a um patamar

nunca antes visto, colocando os clubes de futebol como grandes empresas com a finalidade de proporcionar espetáculos esportivos.

O objeto “futebol”, por ser parte integrante e um dos elementos mais importantes da cultura brasileira, possui um rico vocabulário, com palavras que muitas vezes tem um significado muito próprio relacionado às nuances do esporte. Tomo a liberdade de usar muitas dessas palavras e explicá-las, na medida do possível, para aqueles menos acostumados com a linguagem característica do futebol. Algumas informações reproduzidas neste trabalho são amplamente conhecidas, mas torna-se imprescindível sua repetição para um melhor entendimento do que se pretende esclarecer.

CAPÍTULO 1

OS *SPORTS* NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

1.1 Uma cidade dos esportes

SPORT- Gymnastica de Campo- Domingo, último, às 8 horas da manhã, no centro do jardim da Praça da República, teve começo a temporada de jogos gymnasticos deste anno dirigidos pelo Professor Arthur Higgins.

Os moços que comparecerão (19) dividirão-se em dous partidos. (...) Forão jogadas três partidas de hockey e uma de foot-ball. Os vermelhos ganharão duas partidas de hockey e a de foot-ball.

Os azues lutarão muito mas só obtiverão uma Victória.

Terminou o útil divertimento às 10 ½ horas da manhã.

Jornal do Commercio, 7 de maio de 1901

Durante boa parte do ano de 1901, o Professor Higgins dedicou a manhã de seus domingos a organizar partidas de hóquei e futebol na Praça da República para um grupo de garotos, inclusive seu filho, Jayme Higgins. Em algumas ocasiões contou com a participação de um dos maiores incentivadores do futebol na cidade anos subsequentes, Victor Etchegaray, que viria a ser um dos fundadores do Fluminense Football Club e um dos seus primeiros craques dentro de campo. Higgins organizava partidas entre cerca de 20 garotos, dividindo-os em dois grupos, os azuis e os vermelhos, e fazendo partidas por toda a manhã, desde que o tempo ajudasse.¹⁷ O *Jornal do Commercio*, um dos maiores jornais do país, divulgava, geralmente às terças feiras, como havia sido a prática esportiva do domingo. A iniciativa do professor Higgins mostra como a cidade estava ligada ao desenvolvimento da prática esportiva, apesar de muitas vezes a sua iniciativa se mostrar frustrada. A temporada de atividades de ginástica rítmica, que nada mais eram que a organização de partidas de hóquei e futebol, deveria se estender até 7 de setembro daquele ano, já que a partir daquele período o implacável verão carioca tornava a prática de esportes demasiado penosa para todos. Devido ao sucesso e com a grande presença de garotos nos primeiros encontros a temporada de “jogos públicos” se estendeu até novembro.¹⁸

---

¹⁷ O inverno carioca não ajudava muito, pois as atividades foram suspensas por dois domingos no final de junho de 1901 devido ao mau tempo. *Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1901. Em agosto de 1902, as atividades passaram para o período da tarde, das 12 às 17h, *Jornal do Commercio*, 2 de agosto de 1902.

¹⁸ *Jornal do Commercio*, 28 de junho de 1901, 4 de setembro e 22 de outubro de 1901. Praticamente, todas as terças feiras, de maio a novembro de 1901, o jornal trazia informações sobre a iniciativa do Professor Higgins. Em julho e agosto de 1902, mostra que o Professor estava bastante desanimado com a baixa frequência de garotos à sua atividade. *Jornal do Commercio*, 30 de julho e 5 de agosto de 1902.

Ao analisar mais detalhadamente a notícia acima e a sequência de notícias, podemos observar algumas questões interessantes que serão discutidas ao longo deste trabalho.

A primeira delas é a própria prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro. A Capital Federal era a principal cidade do país naquele momento e passava a incorporar as práticas do chamado “mundo civilizado”. A principal cidade do país precisava se mostrar como a principal “cabeça-de-ponte do mundo moderno. Grupos urbanos procuravam aproximar-se o máximo possível dos exemplos europeus de organização econômica, estrutura social, atitudes e modo de viver”.¹⁹

Nesse contexto, “o futebol tornara-se um novo item da modernidade européia que não podia faltar aos anseios e atualização da elite brasileira”.²⁰ As práticas esportivas estavam inseridas dentro desse quadro, e a notícia acima mostra o esforço na tentativa da disseminação e consolidação dos esportes na cidade no início do século. Iniciativas como essas, noticiadas por um dos principais jornais do país, demonstram a preocupação de alguns dos habitantes da cidade com a prática e a divulgação dos esportes. O local escolhido também mostra a intenção de incentivar a prática, uma vez que é utilizada uma praça pública. O jornal inclusive afirma que são *jogos públicos*. Os espaços públicos da cidade eram usados para o incentivo dos esportes, com regras, com árbitros, com treinadores, uniformes, placar, resultados, competição. São divertimentos coordenados, esportes estimulados em plena praça pública, para quem quisesse ver e até mesmo praticar. Não se sabe quais eram as imposições feitas aos que quisessem participar, ou se esta foi verdadeiramente uma prática pública, para qualquer um, o que nos parece pouco provável. Os participantes eram todos homens, na verdade garotos, excluídos, portanto, meninas e homens mais velhos. O jornal fornece os nomes dos garotos, e podemos notar sobrenomes importantes entre eles, como Dunham, Rangel de Vasconcellos, Oiticica, Ribeiro, Motta, entre outros.²¹ Há também a presença de garotos com sobrenomes estrangeiros como Brinkmann, Rugst e Riegel. É muito difícil saber se

---

¹⁹ GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização do Brasil (1850-1914)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973. p. 117.

²⁰ FRANCO JUNIOR, Hilário, op.cit., p. 63.

²¹ Apenas para ilustrar alguns desses sobrenomes, podemos citar José Valentim Dunham (1863-1943), que era engenheiro e foi sub-diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil e chefe de obras da Avenida Rio Branco em 1901; os Rangel de Vasconcellos, família tradicional de militares e políticos no Brasil, como o Major João Rangel de Vasconcellos (do exército brasileiro durante o Período Regencial e parte do Segundo Reinado) e D’Antas Rangel de Vasconcellos (antigo intendente do Rio de Janeiro); Francisco de Paula Leite e Oiticica foi deputado federal entre 1891 e 1893 e Senador por Alagoas entre 1894 e 1900, passando bastante tempo no Rio de Janeiro.

são mesmo pessoas ligadas a essas famílias, mas o fato de o periódico colocar os nomes desses garotos, mais de uma vez, faz com que possamos supor que fossem pessoas de alguma maneira ligadas a algumas das principais famílias do Rio de Janeiro. A prática poderia ser destinada a esses meninos de famílias mais abastadas, que eram previamente avisados para a reunião esportiva de domingo, mas o ato de ser executada em uma praça pública mostra a todos o esporte e a maneira como o espaço público poderia ser aproveitado para as práticas esportivas.

Outro ponto interessante é pensar no mentor da iniciativa, um professor Higgins, de sobrenome inglês, a difundir esportes pela cidade. Um inglês, que servia aos princípios da civilização, levando os *sports* para o público na Capital Federal. Os esportes foram introduzidos e disseminados no mundo pelos ingleses. Era mais um exemplo do sucesso de seu imperialismo e da imposição de novos hábitos culturais. Produtos, tecnologia e homens, geralmente técnicos e engenheiros, eram exportados para o mundo “atrasado”, principalmente a América Latina. Com eles, seus hábitos e seus costumes eram rapidamente absorvidos pelas elites das cidades brasileiras. A introdução dos esportes e do futebol no Brasil aconteceu cercada “de muitos outros costumes e hábitos importados”.

Exemplos? O chá da tarde, a moda, o mobiliário das casas, o envio de rosas às senhoras; (...) Havia, pois, uma extrema valorização dos hábitos estrangeiros pelas elites urbanas brasileiras em ascensão. Sem tais transformações seria difícil se pensar na renovação da estrutura econômica nacional que deixava o exclusivismo agrário para abraçar as formas industriais da sociedade. (...) Charles Muller, pois, longe de ser o ‘responsável pelo aparecimento do esporte nacional’ foi um símbolo, modelo da penetração dos costumes europeus. Afinavam-se assim as linguagens, à medida que se ‘aproximavam’ os costumes e os esportes se internacionalizavam. Ocorreu uma nivelção de gostos e atitudes: modo capitalista de pensar, agir e ter gosto esportivo. ‘Aproximados’ esportivamente os homens, tornar-se-ia mais fácil se pensar capitalisticamente nas formas de troca, que de certa forma eram também as esportivas.²²

O Professor Higgins pode ser visto como mais um a se sacrificar, a carregar o “fardo do homem branco”, a doar suas manhãs de domingo à divulgação e ensinamento das práticas esportivas. Não era apenas nos clubes fechados que se praticavam os esportes, pois a notícia utilizada como epígrafe a este capítulo mostra o esforço para colocar as práticas esportivas ao alcance de todos, ou pelo menos divulgá-las a todos.

---

²² SHIRTS, Matthew. *Futebol no Brasil ou Football in Brasil*. in SEBE, José Carlos e WITTER, José Sebastião (org.) *Futebol e Cultura- Coletânea de Dados*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982. pp. 91 e 93.

A maneira como os ingleses encaravam o esporte em seu início, vinculava-o às iniciativas educacionais das *public schools*, apoiadas em práticas esportivas como um dos principais mecanismos de ensinamento dos novos valores disseminados com a chegada e a implantação de um mundo industrial. A educação física ainda engatinhava no Brasil, e poucos eram os projetos para torná-la obrigatória nas escolas. A presença de Jayme Higgins, provavelmente filho do Professor Higgins, entre os jovens praticantes, mostra que o esporte era visto por este professor nos moldes do que se fazia nas *public schools* inglesas. Mostra sua preocupação com o esporte como parte da educação desses jovens, ajudando-os a se preparar para o mundo competitivo. Contudo, deveriam também cultivar nos derrotados a esperança em um sistema de leis que *a priori* era justo e estabelecia condições de igualdade.

Esses dois últimos pontos também merecem uma análise mais detalhada. As atividades esportivas buscavam a melhora da saúde, portanto os jogos eram paralisados em novembro por causa do calor excessivo do verão carioca. Os esportes deveriam estar sempre vinculados à saúde, à preparação de corpos saudáveis, prontos para enfrentar o cotidiano frenético das novas metrópoles. A preocupação de Higgins em interromper as atividades nos meses mais quentes do ano mostra como ele estava atento a transformar as práticas esportivas em parte desse mecanismo gerador de corpos tonificados, fortes e preparados, sem prejuízos à sua saúde. Além desse aspecto, é interessante perceber que o jornal fazia questão de colocar os resultados dos jogos das manhãs de domingo. Numa das notícias, a atividade de Ginástica Campestre consistiu de oito partidas de *hockey*, e “os azues ganharão seis partidas e os vermelhos, a despeito da valentia que mostrarão, só conseguiram vencer duas vezes”.²³ Como uma mera atividade recreativa de domingo entre garotos desperta no repórter o desejo de informar a divisão dos times e os vencedores das partidas? Uma das leituras possíveis é pelo fato de não se encararem mais as práticas esportivas como “mera atividade recreativa”. Os esportes já eram vistos no início do século XX como uma das principais expressões do mundo desenvolvido, industrializado, competitivo. Os resultados são cruciais e as vitórias são de suma importância; porém incentivar o perdedor, exaltando sua valentia, é parte inerente do processo de desenvolvimento de uma “ordem social competitiva”. A filosofia aristocrática ligada aos primórdios do desenvolvimento dos esportes tratava de mostrar a importância da dignidade na derrota, da *valentia* dos derrotados.

---

²³ *Correio da Manhã*, 28 de maio de 1901.

O esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer (*will to win*), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.²⁴

A sequência de notícias no *Jornal do Commercio* vai dando novas cores à paisagem do Rio de Janeiro que se tenta reconstituir para esta pequena introdução sobre a cidade. São muitas as obras que se referem à Capital Federal em seus primeiros anos de República. O Rio era a maior cidade do país, com a maior concentração populacional, o maior número de indústrias e operários, maior desenvolvimento dos transportes urbanos e maior contingente de imigrantes. Era o centro de decisões políticas do país e passava pela transformação de um regime monárquico para um republicano, com todas as nuances aí envolvidas. Passava, portanto, não só por transformações na ordem econômica, com o advento das indústrias e a consolidação do capitalismo, mas também por mudanças na ordem política, social e cultural. A República se apresentava, ou deveria ter se apresentado, como o sistema político da participação, da inclusão dos antes súditos e agora cidadãos. Dessa maneira, a capital deveria se transformar no principal centro difusor de absorção e difusão das idéias e práticas do chamado mundo moderno. O que veremos nesta primeira parte deste capítulo é uma tentativa de reconstituir resumidamente a paisagem da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX e sua relação com os esportes. A Capital Federal, durante os primeiros anos republicanos, passava por uma das fases mais turbulentas de sua existência.²⁵ Transformações drásticas na economia e na política ocorriam no país e, principalmente, em suas grandes metrópoles, trazendo novas paisagens, novos personagens, novos hábitos e novos conflitos.

As mudanças mais radicais da cidade começaram ainda no início do século XIX, após a chegada da Família Real Portuguesa, que passou a ser a única capital da América como sede do governo de uma família real europeia. Esse foi um dos principais motivos que impulsionaram uma verdadeira transformação na cidade. As intervenções no espaço urbano, como a reforma do porto, visavam dar dinamismo econômico à cidade, mas também inseri-la dentro de um contexto mais europeizado, condizente com o *status* de sede de uma monarquia europeia. De pequeno núcleo populacional pouco desenvolvido, o Rio passava a experimentar aspectos do chamado “mundo civilizado”, como teatros,

---

²⁴ BOURDIEU, Pierre. op.cit., p. 140.

²⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 15.

bibliotecas, parques e jardins. A presença constante de ingleses entre os membros da elite fazia com que as práticas daquele país passassem a ser vistas e admiradas pelos habitantes da colônia. Os hábitos da corte também eram agora parte do cotidiano dos cariocas.

Após a independência do Brasil, o Rio de Janeiro passou a ter ainda mais importância no cenário nacional, e sua adequação às grandes metrópoles do mundo fazia com que a cidade passasse a absorver com maior intensidade os costumes de países como Inglaterra, França e Estados Unidos. Uma das práticas apreciada na Europa, com destaque para a Inglaterra, desde os tempos mais remotos, eram as corridas em geral, a cavalo em particular, e as lutas. Desde o século XVIII, espectadores pagavam para participar deste tipo de atividade ainda sem uma regularidade que o tornasse parte do cotidiano das pessoas. A presença regular de espectadores esportivos depende de um desenvolvimento econômico da classe trabalhadora, bem como a possibilidade de tempo livre para ser investido em atividades de lazer. E, até que esses benefícios fossem passados à classe trabalhadora, seria impossível a formação de um corpo regular de espectadores que pudessem dar sustentabilidade econômica para que os eventos acontecessem com maior regularidade. Uma das grandes conquistas dos trabalhadores que ajudaram a dar impulso aos esportes comercializáveis foi o ganho da conhecida “semana inglesa” em meados de 1850, com a liberação dos trabalhadores aos sábados à tarde, além da folga de domingo, abrindo assim um novo tempo para as atividades do lazer, dentre elas as esportivas. Com o desenvolvimento do capitalismo e com a ampliação do parque industrial da Inglaterra, as corridas de cavalos foram uma das primeiras atividades a se enquadrar nessa nova dinâmica econômica. Foram criados clubes fechados de criadores de cavalos, com pistas de corrida e arquibancadas. Nos dias das corridas, a pista era aberta mediante o pagamento de uma entrada - o ingresso - e os presentes apostavam nos cavalos e em seus condutores - os jóqueis - com o objetivo de levar prêmios em dinheiro, sempre uma porcentagem do valor arrecadado. A diferença entre o valor arrecadado e os prêmios aos apostadores era dividido entre os criadores de cavalo, de acordo com os resultados de seus animais na pista de corrida. Geralmente os jóqueis eram atletas pagos pelos criadores para correr, talvez um dos primeiros atletas profissionais no âmbito do capitalismo. Essa lógica passou a ser utilizada em todos os outros esportes, desde que houvesse público disposto a pagar o ingresso. Os esportes não visavam mais apenas auxiliar a educação das elites inglesas, fomentar os aspectos competitivos da nova ordem econômica e social, ou habituar a

população ao estabelecimento de regras e mecanismos de controle social, como eram os clubes e as arquibancadas dos eventos esportivos. Passavam a fazer parte integrante da economia, transformados em espetáculo para consumo das grandes massas aglomeradas nas metrópoles.

O Brasil passou a contar com corridas de cavalo logo no início do século XIX. Em 1847, viu a fundação do primeiro clube esportivo da cidade, o Club de Corridas, e, em 1868, o poderoso Jockey Club, fundado junto à antiga estação de trem São Francisco Xavier. Este clube foi um dos primeiros pontos de encontro da elite carioca ao redor dos esportes e um fator de distinção social. Além das altíssimas taxas pagas pelos associados, os proponentes a sócios deveriam ser convidados e aprovados pelos outros sócios, como acontecia na maior parte dos clubes de qualquer natureza no período. O clube dava títulos honorários a personalidades importantes e dava aos sócios escudos de lapela que identificavam prontamente o associado. Porém, o principal intuito desse clube, assim como de outros do mesmo gênero, atrelava-se às corridas de cavalo e às possibilidades de negócio com que acenavam. Assim, as arquibancadas do clube se abriam, mediante pagamento, para os apostadores ou meros espectadores. As arquibancadas tinham divisões entre sócios e não sócios, além de bancadas especiais para as autoridades e para a imprensa. Geralmente nos piores setores das arquibancadas, as camadas menos abastadas poderiam usufruir por alguns momentos do capital simbólico do Jockey Club. Ver e respirar, ainda que de longe, o ar das figuras mais destacadas da capital do país. Como já vimos, o sucesso de público desses eventos esportivos dependia não só da qualidade do espetáculo, mas principalmente da possibilidade de acesso a ele pelo grande público, geralmente dependente de transportes públicos. Esse não era um dos maiores problemas, pois a Estrada de Ferro Central do Brasil, antiga D. Pedro II, servia desde 1861 a antiga estação São Francisco Xavier, rebatizada de estação Jockey Club, minimizando o problema do transporte até o espetáculo. Em um projeto coordenado pelo famoso engenheiro Paulo de Frontin, a Central do Brasil estendeu, em 1898, a malha ferroviária até Honório Gurgel, ampliando assim a rede de trens em direção ao subúrbio.

Ao final do século XIX, o Rio havia crescido muito e entrava em seu primeiro ano de República com 522.621 habitantes. O crescimento da indústria era acompanhado por uma série de investimentos estrangeiros em infra-estrutura, como sistema de transportes, iluminação, sistema de esgotos e abertura de túneis, ruas e estradas. A cidade passava a ser cortada por bondes e trens. Os primeiros trens, da Estrada de Ferro

Pedro II, começaram a circular em 1858, ligando a estação central (Campo) a Queimados, passando por Cascadura e Engenho Novo. Em 1879, mais dois ramais importantes serviam a população da cidade e dos subúrbios, o Ramal da Gamboa e o ramal de Santa Cruz. Em 1885, um novo clube se formou na cidade, mais próximo do centro, quase metade do caminho até o Jockey, e com uma proposta mais dentro da nova perspectiva mundial, segundo a qual os esportes se tornavam espetáculos para consumo. Era o Derby Club, liderado pelo mesmo engenheiro Paulo de Frontin e localizado na chamada Cidade Nova, que englobava o bairro da Tijuca, bem mais próxima do centro da cidade. Os bondes e a recém inaugurada estação de trem Derby Club, atual Maracanã, servida pela mesma linha que servia a estação Jockey Club, possibilitava ao espectador deslocar-se em menos tempo e pagar um preço menor pelo bilhete, visto que o preço das passagens variava conforme a distância percorrida pelos passageiros. Uma boa divulgação, bilhetes vendidos antecipadamente, organização na execução das corridas e das apostas e a presença constante de figuras destacadas da cidade faziam com que as arquibancadas passassem a ter um número ainda maior de pessoas.²⁶ Ainda que os prêmios oferecidos nas corridas no Brasil ficassem muito longe dos valores dos prêmios em países como a Inglaterra,²⁷ passaram a ser um atrativo, ligando as pessoas da cidade pela primeira vez aos esportes comercializáveis. No início do século, os periódicos ressaltavam como os cavalos nacionais eram de boa qualidade, devido ao esforço dos criadores nacionais, e cobravam maior ajuda do governo para que as corridas voltassem a encher:

Incontestavelmente a criação nacional tem apresentado productos dignos de nota e muito tem progredido, principalmente depois destes últimos annos, devido tão sommente aos esforços dos criadores que com incalculáveis sacrificios mantém seus estabelecimentos e a iniciativa das sociedades. Haja um movimento de boa vontade, e as corridas voltarão, na época normal, animadas e procuradas pelo publico que as considera, e com justa razão, um dos entretenimentos mais uteis e agradáveis.²⁸

---

²⁶ Para um panorama mais completo do desenvolvimento do turfê carioca, ver MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

²⁷ Em 1906, os prêmios no Brasil chegavam, no máximo, a 375\$000 réis no Rio de Janeiro e 800\$000 em São Paulo, conforme anunciado nos periódicos *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e *Jornal do Brasil*. Na Inglaterra, no mesmo período, o valor dos prêmios chegava a 540.279 libras esterlinas (ou 8.493.726\$159 réis, um prêmio 10 mil vezes maior que o que se pagava em São Paulo) segundo VAMPLEW, Wray. *Pay Up And Play the Game: Professional Sport in Britain, 1875-1914*. London: Paperback, 2004. p. 104. O câmbio utilizado foi de 15\$721 em 4 de janeiro de 1906, dados do *Jornal do Commercio*.

²⁸ *Jornal do Commercio*, 10 de janeiro de 1901.

A cidade crescia num ritmo tal que se mostrava preparada para as primeiras iniciativas desta natureza. Estava se organizando para incentivar seus habitantes a se tornarem consumidores dos espetáculos esportivos. Não faltariam iniciativas a partir daqueles últimos anos do século XIX de oferecer esses espetáculos e preencher os vazios que a grande metrópole tinha trazido à vida dos trabalhadores. Apesar da jornada de trabalho ainda estar longe de grandes folgas, os trabalhos urbanos ampliavam o tempo livre dos trabalhadores, em relação às atividades do campo. Contudo, para um afluxo maior de espectadores, tornava-se imperativo implantar uma melhor rede de transportes urbanos que facilitasse o deslocamento do público. O desenvolvimento dos meios de transporte daria ainda maior impulso às atividades esportivas, interligando os pontos distantes da cidade aos locais onde eram organizados os espetáculos esportivos, principalmente as corridas. Em 1892, a Companhia Ferro Carril Jardim Botânico implantou os bondes elétricos ligando o Centro ao Largo do Machado e posteriormente interligando os bairros de Laranjeiras, Botafogo, Jardim Botânico e Gávea. Em 1890, a rede de bondes do Rio percorria um total de 251.435 km, com 1.546.834 viagens, transportando 47.519.083 passageiros, e esses números não paravam de crescer. A melhoria nos meios de transporte fazia com que os espetáculos esportivos passassem a contar com mais espectadores. Chamando a atenção para a importância do turfe para a cidade, o *Jornal do Commercio* assim descreveu as atividades que o Derby Club organizou em janeiro de 1900:

SPORT – Derby-Club – Depois de dous domingos de descanso, vão amanhã os sportmen ter ocasião de assistir a uma bella festa no Hypodromo do Itamaraty.
Entre todos os generos de sports incontestavelmente o sport hyyco é o que tem o maior numero de admiradores, e amanhã, com o esplendido programma que a Directoria organizou, as arquibancadas do Derby estarão repletas.²⁹

A expansão da malha ferroviária, que tanto favorecia o deslocamento do público aos inúmeros espetáculos de lazer que a cidade proporcionava, obedecia principalmente à lógica da exploração imobiliária. O subúrbio da cidade era praticamente desabitado antes da construção das linhas férreas. Era uma região formada, em sua maioria, por terrenos particulares, propriedade da elite agrária cafeeira carioca, já decadente na segunda metade do século XIX. Muitas estações tinham o objetivo de atender a essas zonas rurais, mas à medida que novas estações iam sendo construídas nas zonas mais

---

²⁹ *Jornal do Commercio*, 5 de janeiro de 1900.

afastadas do centro, nos subúrbios da cidade, essas áreas subiam de valor imobiliário e passaram a ser loteadas e comercializadas.³⁰ Muitas fábricas se instalaram nas zonas suburbanas, o que passou a ser um fator de atração populacional para aquelas zonas da cidade.³¹ Segundo os dados publicados pelo Recenseamento de 1920, a população das zonas urbanas, que em 1895 não chegava a 430 mil habitantes, chegaria a mais de 619 mil habitantes, um aumento de aproximadamente 44%. Por outro lado, as zonas suburbanas, ainda com uma população menor do que a das regiões mais centrais, contava com 92.906 habitantes em 1890 e 185.687 habitantes em 1906, um crescimento de mais de 100%.³²

Muito desse afluxo para os subúrbios aconteceu não só por conta da atração que as fábricas instaladas nos distantes bairros servidos por linhas de trem e bondes suscitavam, mas também por conta da reforma por que passou a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX e que afastou do centro da cidade as camadas menos abastadas. Quando o presidente Rodrigues Alves nomeou o plenipotenciário prefeito da Capital Federal, o Engenheiro Pereira Passos, o centro do Rio de Janeiro se tornou um canteiro de obras. A partir de 1902, a cidade passou a ser, mais do que nunca, o centro das atenções nacionais. Novas ruas e avenidas foram abertas, o sistema de bondes passou por uma completa reformulação e praticamente todas as linhas passaram a ser elétricas em 1905, após a concessão das linhas de bondes para a Light and Power Company Limited. O número de passageiros transportados naquele ano ultrapassava os 110 milhões, mais do que o dobro do que em 1890.³³ Esse crescimento do número de passageiros insere-se no próprio crescimento da cidade naqueles anos. Em 1906, a população total da cidade já ultrapassava os 800 mil habitantes, um crescimento de mais de 55% em 15 anos, e os estabelecimentos industriais já eram mais de 600, sendo responsáveis por um terço da produção industrial nacional. Eram quase 120 mil trabalhadores empregados em indústrias e mais de 180 mil trabalhadores no setor terciário. Os subúrbios passavam a ser tomados, à medida que os transportes se desenvolviam e baixavam os preços. Freguesias bem servidas por linhas de trem tiveram grande aumento populacional entre 1890 e 1906. A freguesia de Inhaúma,

---

³⁰ DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996. p. 22.

³¹ SOLIS, Sidney Sergio F. e RIBEIRO, Marcus Vinícius T. O Rio onde o sol não brilha: acumulação e pobreza na transição do capitalismo. In. *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, vol.1, n.1. set./dez. 1985. p 50.

³² *Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

³³ PADILHA, Sylvia. Da “Cidade Velha” à periferia. In. *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, vol.1, n.1. set/dez. 1985. pp. 17-19.

servida pela Estrada de Ferro Rio do Ouro, além da Leopoldina Railway, cresceu quase 300%. E outros bairros bem servidos pelos transportes urbanos mais afastados do centro, como Engenho Novo, Engenho Velho, São Cristóvão, Campo Grande e Irajá tiveram um crescimento populacional na casa dos 100%. A população aumentou em quase 290 mil habitantes e, desses, mais de 170 mil foram para as seis freguesias citadas acima.³⁴ O crescimento populacional do Rio de Janeiro se deve ao seu crescimento econômico e ao fato de atrair tanto migrantes oriundos das zonas rurais do país, brancos, negros e mestiços, quanto imigrantes vindos principalmente da Europa. A cidade apresentava-se como uma das únicas a atrair ao mesmo tempo imigrantes europeus, cerca de 25% dos habitantes da cidade eram estrangeiros, e um forte contingente de “antigos escravos que abandonavam a região fluminense em decadência”.³⁵ Apesar de todo o desenvolvimento da cidade, o crescimento industrial e de serviços não acompanhava o ritmo acelerado de crescimento populacional da cidade, levando à degradação da classe trabalhadora nela sediada, obrigada a trabalhar por salários muito baixos no início do século. Essa nova metrópole dilacerava os antigos costumes das comunidades que viviam na cidade. Trens, bondes, fios, postes, ruas, carros, um novo tempo frenético de trabalho nas indústrias, no porto e no comércio transformavam o cotidiano dos habitantes das cidades de maneira avassaladora.

O Projeto de Pereira Passos era adequar a cidade ao seu papel de Capital da República, fazendo-a moderna e dentro dos padrões higiênicos requeridos pela “civilização”. Nesse sentido, os esportes se encaixavam perfeitamente dentro de seu projeto civilizador. A aproximação aos esportes, tanto pelo prefeito, quanto pelo presidente da República, foi notória, principalmente no que se refere às regatas. Não foi à toa que um dos pontos mais importantes da reforma urbana da cidade foi a inauguração, em 1905, do Panteão de Regatas, local apropriado para receber um grande público para as corridas de embarcações cariocas. Várias foram as regatas organizadas com a presença dos políticos e com uma multidão à espreita nas areias da praia. As regatas, ou *rowing* como se dizia na época, era um dos esportes prediletos da elite brasileira. Existiam vários clubes de regatas, e em 1897 foi fundada a “Federação Brasileira de Sociedades de Remo”, inaugurando naquele ano também o seu

---

³⁴ *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906*. Rio de Janeiro, Off. da Estatística, 1907-1908. Vale destacar que havia 25 freguesias na cidade.

³⁵ FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo- Rio de Janeiro: Difel. p. 25.

campeonato.³⁶ A difusão dos esportes na cidade contava com o Estado como aliado, uma vez que esse processo estava em consonância com o novo programa de governo republicano. Tratava-se da difusão de práticas para educar e disciplinar o corpo e os hábitos, e assim canalizar de maneira controlada e normativa os novos tempos disponíveis³⁷ gerados pelos trabalhos tipicamente urbanos:

Que Pereira Passos concebe “aquilo”, isto é, a proliferação da cultura desportiva como complemento lógico da Regeneração, não era obviamente casual. As Regatas do Botafogo correspondiam ao corso e às corridas de carros, bicicletas e motocicletas disputadas na recém-inaugurada Avenida Beira Mar [...] Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma do corpo e das mentes.³⁸

Os esportes foram introduzidos no Brasil como aspecto do desenvolvimento do mundo civilizado, portanto, deveriam ser primeiramente praticados por membros da elite. As primeiras tentativas de se estabelecerem práticas desportivas regulares no país datam do final do século XIX, com a formação de clubes esportivos nas principais cidades do país, principalmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Os clubes eram associações civis sem fins lucrativos, que se destinavam às práticas esportivas. Mas esses clubes funcionavam como mais um dos muitos sinais delimitadores de fronteiras entre a elite e as camadas populares. Detentora do conhecimento e do capital necessário para a compra dos instrumentos adequados para a prática dos diversos esportes, os fundadores desses clubes da elite colocavam em seus estatutos limitações para o ingresso como associado, como taxas extremamente caras. Além das barreiras econômicas, outras sociais e culturais eram impostas aos associados e àqueles que pretendiam se associar. Eram disposições impossíveis de serem cumpridas pelas camadas menos abastadas, como não possuírem profissões braçais, serem alfabetizados, serem convidados por outro associado e aprovados em assembléia de sócios. Os clubes eram verdadeiras “ilhas” que marcavam, ou tentavam marcar, distinções claras entre os seus associados e o restante da população: “[a] ideologia do esporte difunde-se, aos poucos, como conferidor de *status*, marcando a distância dos

---

³⁶ Sobre a história do remo no Rio de Janeiro ver, MELO, Vitor A. de. *op.cit.*

³⁷ BROHM, Jean-Marie. *op. cit.*, p. 42.

³⁸ SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnicas ritos e ritmos do Rio*. In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 571.

que não o praticam. O acesso ao turfe, por exemplo, esporte *chic* e elitista, definia um perfil civilizado e moderno”.³⁹

Os esportes, desde o seu início na Inglaterra, tiveram como fator fundamental o papel de elemento definidor de *status* social. Hobsbawn, ao analisar o crescimento da classe média européia no final do século XIX, percebe com clareza que havia uma busca intensa por esta camada de dispositivos que lhes pudessem conferir distinção ainda maior das classes subalternas. Enquanto a elite inglesa tinha hábitos ligados aos esportes que tinham relação com as práticas da nobreza, como a equitação e a esgrima, a classe média buscava estabelecer modos de distinção que os separassem claramente dos operários e camponeses. Contudo, os clubes deveriam apresentar “uma hierarquia de exclusividade, sem afastar a possibilidade de o candidato galgar os degraus da escadaria social”.⁴⁰ Assim, os esportes estariam dentro deste contexto, na visão de Hobsbawn, juntamente com um conjunto novo de práticas da classe média e um sistema formal de educação, da qual os esportes também faziam parte.

No Rio de Janeiro, o turfe era também uma atividade da aristocracia, e o remo seria o esporte mais ligado à classe média. Os esportes e as atividades de lazer passaram por verdadeiro enquadramento quando o governo percebeu o afluxo de público aos eventos esportivos e os ganhos que as agremiações passavam a auferir com a venda de ingressos. Ao finalizar os trabalhos no ano de 1903, o Conselho Municipal divulga a ata da sessão de 31 de dezembro daquele ano nos principais jornais da capital. Diz que obteve 21.765:085\$000 de receitas naquele ano, sendo 30:000\$000 advindos dos impostos sobre as diversões, aproximadamente 0,14% do total da receita. Para se ter uma idéia, o Distrito Federal arrecadou, em 1905, 1.690:882\$000 com impostos sobre o consumo de fumo, 247:609\$000 com impostos sobre consumo de velas e 6:896\$000 com impostos sobre a venda de bengalas.⁴¹ Os números mostram um potencial de arrecadação importante para o Distrito Federal, além de sua adequação ao projeto civilizador, higienizador e europeizante pelo qual passava a cidade. O objetivo agora era estimular e controlar ainda mais esta nova fonte de receitas do município. Por isso, à medida que as diversões iam se tornando hábitos mais frequentes na cidade, o

---

³⁹ ARAÚJO, Rosa Maria de. *A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p 116.

⁴⁰ HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875 -1914)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002. p 245.

⁴¹ Relatórios do Ministério da Fazenda apresentados ao Exmo Sr. Presidente da República no ano de 1906. *Jornal do Commercio*, 3 de janeiro de 1906.

município ia apresentando códigos mais específicos sobre a arrecadação tributária, exercendo maior controle sobre as atividades lúdicas comercializáveis:

Imposto de Licenças

Art. 21 – Ninguém poderá ter negócio de qualquer natureza, por atacado ou varejo, estabelecido ou ambulante, fabrica ou officina, desporto de qualquer espécie, escriptório, tendas e barracas, exhibições, diversões e espetáculos públicos, vehiculos terrestres e marítimos, particulares ou a frete, kiosques, taboletas, toldos, placas, letreiros, lampiões, bandeiras e postes para annuncios, etc., sem licença municipal, pagando o respectivo imposto de alvará de licença, salvo os exceptuados nessa lei, e nas de caráter permanente, não revogadas ou revogadas.⁴²

Através da leitura do artigo acima, podem-se perceber duas situações interessantes., José Murilo de Carvalho, ao fazer uma análise dos censos de 1890 e 1905, notou a primeira delas. Na sua visão, o artigo 21 constatava que aquilo

que dava ao Rio marca especial em relação a outras grandes cidades da época [era] o enorme contingente de trabalhadores domésticos, de jornaleiros, de pessoas sem profissão conhecida ou de profissões mal definidas. Este *lumpen* representava em torno de 50% da população economicamente ativa, com pouca variação entre 1890 e 1906.⁴³

Isto fica explícito no artigo quando tenta enquadrar toda e qualquer atividade das mais variadas como “tendas e barracas, exhibições, diversões e espetáculos públicos, vehiculos terrestres e marítimos, particulares ou a frete, kiosques, taboletas, toldos, placas, letreiros, lampiões, bandeiras e postes para annuncios, etc.”. Esta característica da cidade abre espaço para também se pensar na possibilidade de serem muitos os possíveis candidatos a atletas profissionais. Sidney Chalhoub assim descrevia o mercado de mão-de-obra no Rio:

Seria importante, por exemplo, esclarecer que “mercado de trabalho é este”, pois neste momento seria ilusório pensar que toda a situação se resume ao velho esquema do trabalhador despossuído, dono apenas de sua capacidade de trabalho, que se encontra então no tal “mercado” com um capitalista altivo e carrancudo que, detentor dos meios de produção, acena-lhe com a possibilidade de um emprego. Esse esquema não dá conta de milhares de indivíduos que, não conseguindo ou não desejando tornarem-se trabalhadores assalariados, sobreviviam sem se integrarem ao tal “mercado”, mantendo-se como ambulantes, vendedores de jogo de bicho, jogadores profissionais, mendigos, biscateiros, etc..⁴⁴

Para esse tipo de pessoa, seria natural pensar assim ao começarem a se familiarizar com as práticas esportivas e a notar a popularidade e as altas somas que giravam ao redor dos

⁴² *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1904.

⁴³ CARVALHO, J. M. de. op.cit., p. 76.

⁴⁴ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. Campinas, S.P.: Editora Unicamp. p. 62.

espetáculos esportivos, para não dizer da *glamourização*⁴⁵ dos atletas. Mas as atividades da moda naquele momento ainda eram esportes que demandavam um capital inicial relativamente alto e que afastavam na maior parte das vezes este tipo de atleta.

Pode-se ainda notar que as autoridades encaravam o desporto como negócio, um dos muitos “negócios de qualquer natureza” posteriormente citados no artigo. E, como negócio, pagava imposto. Por sua vez, o artigo 89 isentava de imposto os “*clubs* de regatas” juntamente com as “caixas econômicas”, as “canoas de pescadores” e os “mercadores de produtos de pequenas lavouras”, mostrando a aproximação do governo com os esportes mais vinculados aos aspectos do individualismo burguês e da exposição do corpo saudável.

Se o turfe já significava um avanço na estrutura social carioca, o remo incorpora perfeitamente a modernidade dos primeiros anos do século XX. O moderno tinha relação com o indivíduo audaz, conquistador, vencedor. O remo é o esporte do “exercício physico”, termo-chave sempre usado pelos que defendiam e propagavam as benesses dessa prática. [...] Não se tratava mais de colocar cavalos para correr, mas sim de participar mais ativamente, de demonstrar no próprio corpo saudável e forte os sinais dos novos tempos, de incorporar definitivamente um novo estilo de vida adequado à velocidade do novo momento. Afinal, quem chega primeiro não é mais um cavalo que tem um homem como coadjuvante, mas um homem que conduz o mais rápido possível, a partir de seu próprio esforço, um barco. No turfe, sempre se divulgava o nome e a vitória dos cavalos; já no remo, é o nome dos remadores que ganha destaque. No remo *crack* era o cavalo; no remo eram os homens que conduziam a embarcação.⁴⁶

O governo já se mostrava ligado ao remo mesmo antes de Pereira Passos e Rodrigues Alves. Ainda em 1901, o campeonato de regatas organizado pelo Conselho Superior de Regatas da cidade despertou enorme interesse, prometendo “lutas renhidas” em que

[...] as apostas são consideráveis; e os corujas procurarão tudo espreitar, tudo observar afim de palpitarem com firmeza[...] contra este ou aquelle. E o campeonato? Quem vencerá? Quantos corações estão ansiosos pelo dia de domingo. Quantas esperanças! Quantas illusões!... Não convém, porém, nada adiantar. Que todos se preparem com afã para entrar galhardamente na luta.⁴⁷

As emoções transpiram pela notícia ao indagar os corações ansiosos pelo dia de domingo, ou pelas esperanças e ilusões, toda a simbologia e o turbilhão de emoções que

---

⁴⁵ Apesar de ainda ser um processo incipiente, muitas páginas de jornais e revistas, alguns deles especializados em esportes, do início do século XX, traziam muitas fotos, poemas, poesias, declarações de amor e notícias que iam muito além do futebol, como viagem de jogadores a outros estados para ver as famílias, momentos de distração em bares e restaurantes da cidade, fazendo com que alguns dos atletas dos grandes clubes passassem a ser vistos como personagens importantes do meio social carioca.

⁴⁶ MELO, V. A. de. op.cit., pp. 77 e 78.

⁴⁷ *Jornal do Commercio*, 19 de agosto de 1901.

seriam vividos pelo público no momento da competição esportiva. As emoções se libertariam das amarras do cotidiano de trabalho de segunda-feira até sábado. Domingo era o dia de colocar os corações para bater mais rápido, dar mais vida aos sentimentos perdidos em meio às horas estafantes do trabalho urbano. Era o momento de se aproximar dos atletas e de torcer pelas vitórias no campo esportivo, já que estavam tão distantes na maior parte das outras esferas de sua vida (“Quantas esperanças!”). Era o momento de sonhar, junto a outros sonhadores, com a possibilidade da vitória, com a aproximação das figuras importantes, sonhar em fazer parte daquilo tudo que era tão moderno, tão dentro do novo conceito almejado por todos (“Quantas ilusões!”). Até o Ministro da Marinha e o próprio presidente Campos Salles estiveram presentes à regata.

Os esportes passavam então a cumprir importantes funções sociais. Um evento esportivo era um divertimento, um lazer, ponto de encontro das elites nos clubes ricos da cidade, símbolo da civilização e da urbanidade, além de ser também um momento de escape da classe trabalhadora que se dirigia para assistir aos espetáculos esportivos ou apostar nos cavalos e, nesse caso, também, de ficar endividada. Passava a ser centro de aproximação entre espectadores, associados e atletas (geralmente associados também), criando pequenos círculos de aproximação entre pontos tão distantes da pirâmide social. O esporte era estimulador de uma ordem social competitiva em plena marcha no país e, principalmente, em sua capital. Ia se transformando em cultura das massas, ocupando o lugar das tradições comunitárias esvaziadas com o alucinante processo de urbanização. E passava a ser encarado como negócio por capitalistas, pelo governo e, num processo lento que esperamos elucidar um pouco com este trabalho, pelos atletas. “Começava de fato uma nova era para a cultura popular não-folclórica; abertamente organizada por empresários da indústria do lazer; fortemente estruturada em razão de um certo público-massa; e necessariamente distinta da ‘alta-cultura’.”⁴⁸ Essa distinção se reforçou quando as arquibancadas ficaram muito grandes para receber públicos maiores e foi necessário criar pagamentos de ingressos diferenciados.

A chegada do futebol daria a esse “lúmpen” a sua oportunidade de introdução no mundo dos esportes, devido à facilidade das regras e à possibilidade de inclusão de biotipos atléticos mais variados, por aumentar a igualdade de condições dos participantes devido à ausência de equipamentos específicos e geralmente caros para a prática do esporte (o cavalo, no caso do turfe, e uma embarcação, no caso do remo).

---

⁴⁸ BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Ed. Vozes. p. 73.

Iniciativas como a do professor Higgins levavam ao público em geral o conhecimento de uma nova prática esportiva, simples e barata. Era a possibilidade das comunidades menos abastadas se inserirem no novo mundo em profusão que se formava. A inserção dessas camadas nas atividades atléticas, já acontecendo timidamente com o remo e com o próprio turfe, fazia com que os indivíduos e as comunidades encontrassem,

[...] por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas de suas energias. Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou como celebração, o esporte tanto viria a preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congeniais a um mundo em imprevisível fermentação.⁴⁹

Era o início do que Sevcenko chamou de “febre esportiva” que assolou o século XX desde o seu início.⁵⁰ Os esportes eram uma das muitas atividades de lazer oferecidas na cidade que emergiram no final do século XIX, quando foi percebido que o prazer de uns poderia ser o lucro de outros. O Rio de Janeiro estava preparado para ser a capital dos esportes no país, centro irradiador da nova cultura civilizada. Havia os dirigentes dos clubes gerenciando o investimento de capital nos atletas e nas dependências dos campos para atrair cada vez mais público, havia os atletas praticantes de vários esportes, não só o turfe e o remo, como das mais variedades esportivas, e havia uma massa de pessoas, muitas delas ávidas por eventos que ocupassem seu tempo e os pudessem remeter a uma nova era de civilização, bem como aproximá-la dos membros da elite, ainda que apenas em seus costumes. Foram organizadas corridas a pé, de ciclismo e de automobilismo nas reformadas ou recém abertas ruas e avenidas da capital higienizada pelo projeto civilizador idealizado principalmente por Pereira Passos e Rodrigues Alves. Competições de natação, tênis, hóquei, basquete, *rugby*, *cricket*, pelota basca, diversas competições de lutas com os mais variados tipos de lutadores de boxe, jiu-jitsu, judô e capoeira, que se digladiavam em confrontos de vale-tudo. As notícias pululavam nos jornais, que ressaltavam os feitos nos esportes dos homens modernos, seus desafios vencidos e suas barreiras quebradas. Quanto mais se mostrasse o lado competitivo dos homens da cidade, tanto melhor para o desenvolvimento e a absorção da “ordem social competitiva”. No Rio de Janeiro havia os esportistas, homens

---

⁴⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p 49.

⁵⁰ SEVCENKO, N. In SEVCENKO, N (org.). op.cit., p. 568.

que orgulhavam o país pela sua desenvoltura nos esportes, um hábito do mundo civilizado, e pela superação das barreiras naturais impostas pela cidade aos seus habitantes, principalmente o mar. A notícia de que um médico e seu amigo nadaram da Ponta da Armação ao Caes Pharoux das 6h25 da manhã até as 10h45, ou seja, mais de 4 horas ininterruptamente,⁵¹ mostrava como os cariocas se espantavam e ao mesmo tempo se interessavam por feitos esportivos desta natureza. Era a cidade dos *sports*, que agora começava a se familiarizar com a nova mania dentre os esportes europeus, aquele que estava enchendo estádios para mais de sessenta mil pessoas no mundo civilizado: o *football*. Esse esporte caiu no gosto do carioca e do brasileiro e cabe agora tentar reconstituir um pouco de sua história como esporte comercializável de massas.

---

⁵¹ *Jornal do Commercio*, 19 de março de 1901.

1.2 A criação dos times de elite da cidade e de suas ligas

[...] todos os nomes que significação luta, força e energia vem da Inglaterra. Assim foi importada a mais de 50 annos a palavra clown e mais modernamente sport, touring, tourist, match, record (adaptado este ainda que metaphoricamente) e da Inglaterra vierão os excercicios que desenvolvem os olhos, as pernas, os braços, o lawn-tennis, o football, paper hunt, o steeple chase e como appendices destes termos sportivos, os sinegeticos: há cachorros setter, pointer, etc.

De accordo com esta energia na vida physica está a energia na vida social e política: self-mad [sic], struggle for life, standard of life são palavras inglezas que indicam toda uma vida publica apaixonada e activa e que forão tomadas à Inglaterra por outras nações: o club, associação por excellência, é inglez. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1901

Com a introdução e a posterior confirmação das práticas esportivas como parte integrante do que Norbert Elias chamou de “Processo Civilizador”,⁵² pelo qual passavam algumas cidades do Brasil em finais do século XIX e início do século XX, a formação de clubes passava a ser o passo seguinte para a disseminação dos esportes entre a alta sociedade carioca. Os clubes formados pelos membros da elite da cidade criaram uma estrutura para serem espaços de distinção social. Essa estrutura incluía a cobrança de duas taxas extremamente altas, a jóia e a mensalidade. A jóia era uma taxa mais alta, paga quando a pessoa se associava ao clube. Já a mensalidade, como o próprio nome mostra, era uma taxa mensal que o associado pagava para poder frequentar as dependências do clube e usufruir de outras vantagens, como ingressos grátis - e posteriormente apenas descontos nos ingressos - para as competições das modalidades esportivas em que o seu clube estivesse envolvido. Além dessas taxas, os estatutos desses clubes impunham normas rigorosas para a aceitação de novos associados. O proponente deveria ser apresentado por um sócio do clube em assembléia geral e aprovado pela mesma, independente do fato de poder pagar a jóia e as mensalidades em dia. Portanto, o que valia mesmo era o peso do associado que “apadrinhava” o proponente a sócio, bem ao sabor da recém-inaugurada república brasileira. Jeffrey Needel, em *Belle Epoque Tropical*, afirma que a elite da capital estabelecia “locais exclusivos para contatos e alianças”,⁵³ com os objetivos de defender seus interesses e reforçar seus valores em comum, legitimando-os como detentores das posições privilegiadas da sociedade. Os clubes funcionavam como esses espaços

---

⁵² ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1993. e _____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993.

⁵³ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. p. 41.

exclusivos de compartilhamento de valores, como as práticas esportivas, que acreditavam reforçar sua posição social.

Como já vimos anteriormente, no início do século XX, os esportes, e particularmente o futebol, iam despertando a paixão dos habitantes das principais metrópoles brasileiras. Os clubes passaram então a montar departamentos especializados na difusão e especialização da prática de futebol. Passaram, também, a se formar clubes com o intuito principal de montar times de futebol e de tê-lo como “carro-chefe” dos esportes daquelas agremiações. Esse intuito pode ser percebido no nome escolhido pelos seus fundadores para esses clubes, pois a maioria termina em *Football Club*. A designação em inglês dos clubes também deixa clara a intenção de seus dirigentes de se mostrarem como os herdeiros da cultura do mundo civilizado no país.

A primeira partida de futebol do Rio de Janeiro aconteceu em Niterói, no Rio Cricket, um dos clubes da elite ligado à comunidade britânica. No dia 22 de setembro de 1901, um time, formado por alguns dos altos funcionários das mais diversas companhias inglesas que prosperavam na cidade e por sócios do Rio Cricket, jogou contra um time de brasileiros, alguns deles sócios de outro clube de *cricket* do Rio, o Paysandu.⁵⁴ Oscar Cox, o capitão do time dos brasileiros, enviou convites aos principais jornais e revistas da cidade para a divulgação do evento. Conseguiu a presença de jornalistas de cinco periódicos, sendo quatro especializados em esportes, o *Brasil Athletico*, a *Semana Sportiva*, o *Correio do Sport* e o *Brasil Nautico*, e apenas um jornal de grande circulação, o *Correio da Manhã*. Dois dias depois, este grande jornal publicava em sua seção *Sport* uma reportagem sobre a partida disputada num campo de *cricket* improvisado. O resultado de empate fez confusão ao repórter, que esperava que houvesse um vencedor. Por isso, afirmou que a partida terminara “indecisa”. O horário da partida, 8 da manhã, e a afirmativa do jornal de que a “concorrência de espectadores foi seleta”⁵⁵ revelam que, em seu nascedouro na cidade, o futebol também estava endereçado às elites. Os objetivos daquele jogo passavam muito longe da lógica dos esportes profissionais de países como os EUA e a Inglaterra. Para Oscar Cox, Cawood Robinson, Macullock e Julio Moraes, todos participantes desse *match*, o mais importante era introduzir o futebol na cidade, anunciá-lo aos seus habitantes e deixar

---

⁵⁴ A notícia era dada pelo jornal *Correio da Manhã* naquele dia, da seguinte maneira: “Foot-Ball – No vasto campo do The Rio Cricket, em Icarahy, realiza-se hoje, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, uma partida de foot-ball. O jogo principiará às 8 horas da manhã, sendo os dois partidos com a denominação de Brasil e Inglaterra. O entusiasmo é grande, palpitamos pela vitória do primeiro dos bandos.”

⁵⁵ *Correio da Manhã*, 24 de setembro de 1901

claro quem eram os responsáveis pela sua introdução e difusão inicial. A preocupação de Oscar Cox em convidar elementos da imprensa carioca para o jogo deixa clara a intenção. Os próximos jogos também aconteceram com a presença de parte da imprensa, e o *Correio da Manhã* noticiou as duas partidas seguintes realizadas no campo de *cricket* do Paysandu, outro clube da elite carioca, e que também terminaram “indecisas”. Em outubro, os jogadores cariocas foram a São Paulo jogar duas partidas com os paulistas e também chamaram a atenção dos jornais do Rio, como o próprio *Correio* e o *Jornal do Brasil*, e de São Paulo, como *O Estado de São Paulo* e o *Commercio de São Paulo*.

Um desses jogos realizou-se em julho de 1902, entre o Clube Athletico Paulistano e um selecionado carioca, chamado pelos jornais de Rio Team. O jornal *O Estado de São Paulo* acompanhou a partida e fez descrição minuciosa dos principais detalhes envolvendo o espetáculo. O futebol era mais antigo em São Paulo, mais conhecido pela sociedade paulista, que já contava com jogos organizados desde os últimos anos do século XX. Não era de espantar, portanto, a possibilidade de maiores públicos presentes aos campos paulistas para presenciar os campeonatos ou os amistosos. A vinda de um time da Capital Federal era, sem dúvida, um grande atrativo de público, como tudo o que envolvia qualquer disputa entre São Paulo e o Rio de Janeiro. As duas maiores cidades do país conviviam com uma grande rivalidade, com cada uma reivindicando o título de o maior centro econômico e cultural do país. O Velódromo Paulista contou com uma assistência de mais de 4 mil pessoas, segundo um jornal paulista e “o entusiasmo tocou as raias do delírio. Senhoras e cavalheiros levantavam-se de seus lugares e freneticamente aplaudiam os jogadores que mais se salientaram. A concorrência era o que é de mais distinto na nossa sociedade”.⁵⁶

Os jogadores cariocas não sabiam o que era jogar para um público tão grande e tão frenético. Os jogadores de um lado e de outro eram constantemente aplaudidos por seus esforços dentro de campo. Em certo momento da partida, um jogador do “Rio Team”, o conhecido Victor Etchegaray, fez um ferimento na testa, o que não o impediu de continuar a partida, mesmo de cabeça enfaixada. O jogo acabou um a zero para o Paulistano, resultado que não impediu que estes jogos entre paulistas e cariocas acabassem estimulando a organização de um campeonato na Capital Federal.

---

⁵⁶ *O Estado de São Paulo*, 15 de junho de 1902.

Estimulava-se, assim, ainda mais, não só a prática do futebol, como também o hábito de se verem partidas de futebol.

Em 1902, eram fundados os dois primeiros clubes que tinham como finalidade desenvolver o futebol, os “Football Clubs”. Nasceram o Rio Football Club, de vida curta, e o Fluminense Football Club, fundado pelo principal incentivador deste esporte na cidade, Oscar Cox. Uma das famílias mais importantes da *belle époque* carioca e que havia feito fortuna ao final do Império, a família Guinle, fez-se sócia do Fluminense. Os irmãos Carlos, Guilherme, mas principalmente Arnaldo, foram decisivos na história do Fluminense e do futebol do Rio de Janeiro. O pai deles, Eduardo Guinle, foi uma das figuras mais ricas do final do Império. A influência de seu sobrenome percebia-se na própria cidade, com uma importante propriedade no centro, o Edifício Guinle. Foi Eduardo quem comprou o terreno, em 1904, para que a sede do Fluminense fosse construída ao lado do campo que fora alugado dois anos antes, nas Laranjeiras. A família teve participação ativa na vida política do clube. Carlos e Guilherme foram presidentes entre os anos 1912 e 1914, mas foi Arnaldo o que mais se destacou. Foi presidente durante longos 14 anos, de 1916 a 1930, e foi responsável pelas maiores obras do clube. Reformou a sede, construiu piscinas, construiu o estádio do clube e empreendeu reformas administrativas, como a instituição de um conselho deliberativo no clube, o primeiro de um clube esportivo no país. Em 1920, a assembléia de sócios declarou-o patrono do clube. No início, o Fluminense tentava desenvolver internamente práticas políticas democráticas, como as assembléias de sócios, com poder de eleger o presidente do clube. Mas estas práticas conviviam com outras mais ao moldes da república oligárquica, como não limitar a reeleição ao cargo máximo do clube e a existência dos cargos de conselheiro vitalício. O Fluminense tinha cerca de quarenta sócios, e a mensalidade inicial do clube foi fixada em 5\$000. Entretanto para conseguir se associar ao clube, o proponente deveria ser indicado por um sócio e aprovado pela assembléia geral dos sócios. Além dessas taxas, havia as subscrições para outros gastos, pois a manutenção de um time de futebol era cara. Cada bola custava cerca de 25\$000 e o aluguel do campo, antes da compra do terreno pela família Guinle, outros 100\$000. O total das despesas quase sempre ultrapassava o que era conseguido com as mensalidades.⁵⁷

---

⁵⁷ FILHO, Mario. op.cit., p. 36. Segundo o Relatório Anual de 1923, o Fluminense teve, em 1903, seu segundo ano de existência, uma receita anual de 6:434\$300. *Fluminense Football Club. Relatório dos*

O Fluminense se enquadrava perfeitamente como um dos clubes da elite da cidade. Era o principal representante da categoria dos *Clubs de Football*. Formado pela mais alta elite do Rio de Janeiro, respira até hoje ares aristocráticos.

O Fluminense foi o clube perfeito para o projeto da nova sociedade carioca, engendrado na *Belle Epoque*. Um clube fino e requintado no qual as melhores famílias da cidade podiam se confraternizar, desfrutando de uma sede belíssima, com salões decorados com imensos vitrais franceses, e assistindo ou praticando um esporte saudável e civilizado, vindo da Inglaterra. [...] Assim, as boas famílias da elite carioca do início do século frequentavam o Fluminense e faziam dele um exclusivo ponto de encontro esportivo e social. O ambiente pretendia ser o mais familiar possível. Tudo era nobre, refinado e branco.⁵⁸

Os salões do Fluminense, principalmente o maior deles, eram motivo de orgulho dos associados e tornaram-se um dos principais pontos de encontro da elite carioca para os diversos bailes, festas e para o carnaval. Needell comenta sobre a função do salão naquele período:

O salão [...] por ser crucial para a sociedade de elite [...] é um dos meios mais úteis para se isolar os elementos dominantes da época. [...] O salão é uma espécie de instituição intermediária entre as instituições formais, como clubes e escolas, e as domésticas, como por exemplo, a família ampliada.⁵⁹

Ao deixar clara a importância do salão como aspecto importante e informal do sistema de poder na estrutura socioeconômica carioca, Needell explica esse fato como algo diferenciador dessa elite do início do séc. XX. Os clubes de futebol, se fossem clubes de boas famílias, tinham que ter o seu salão. O Fluminense tinha e tem um salão digno das características mostradas por Needell. O Botafogo, que também era outro clube da elite carioca, não tinha salão, mas seus sócios podiam recorrer ao salão do “barão de Werneck, da casa de dona Chiquitota, da casa dos Hime”, nas palavras de Mario Filho. Ele afirma ainda que

quem era do Botafogo, porém, também ia aos bailes do Clube das Laranjeiras. Se convidado. O futebol, a rivalidade do bairro, a bandeira e o escudo separavam o Fluminense do Botafogo. O baile unia. Principalmente o baile do Clube das Laranjeiras, no salão enorme, todo iluminado, com a orquestra tocando valsas e polcas.⁶⁰

Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1924.

⁵⁸ MATTOS, Cláudia. *Cem Anos de Paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 50 e 51.

⁵⁹ NEEDELL, J. D. op. cit., pp. 106 e 130.

⁶⁰ FILHO, M. op. cit., pp. 45 e 46.

Os primeiros jogos de futebol da cidade estavam muito longe de se enquadrar na lógica dos esportes comercializáveis. Muito mais importante, naquele primeiro momento, era mostrar-se portador dos símbolos da modernidade. E o futebol, com certeza, era um dos mais poderosos destes símbolos. Na tentativa de se mostrar como detentores da ordem civilizadora, os primeiros clubes de futebol da cidade chegaram a organizar partidas sem a cobrança de ingressos, como foi o caso de um dos primeiros jogos da história do Fluminense, contra o Rio F.C. “No campo do Paysandú, realiza-se no próximo domingo, às 4 horas da tarde um match entre os *teams* do Fluminense Foot-Ball Club e o Rio Foot-Ball Club. É franca a entrada.”⁶¹

Depois do Fluminense, muitos clubes foram formados. Em 1903, surgiu o Football & Athletic Club. No ano seguinte, mais três clubes, dois deles *Football Clubs*, foram formados na cidade. O primeiro surgiu no bairro de Bangu, próximo à estação ferroviária de mesmo nome, cujos trens chegavam a demorar quase duas horas numa longa viagem desde o centro da cidade. Apesar da distância geográfica dos bairros mais nobres da Zona Sul, o bairro contava com uma das principais indústrias de capital inglês da cidade, a Companhia Progresso Industrial, mais conhecida como fábrica Bangu. Fundada em 1892, a empresa contava com vários técnicos ingleses, que desde logo começaram a improvisar a prática do futebol.⁶² Como estava instalada longe de onde havia outras pessoas familiarizadas com a prática do futebol, muitas eram as dificuldades em arranjar o número mínimo de 22 jogadores para uma partida. Por isso, os funcionários ingleses da fábrica tiveram que abrir espaço para os operários brasileiros, muitos deles negros. No dia 16 de abril de 1904, nascia o Bangu Athletic Club, que apesar de não ser *Football Club* no nome, o era na prática. O Bangu nascia forte, com o apoio de uma indústria; seu presidente era o Sr. José Villas Boas um dos principais diretores da fábrica. Contava com vários jogadores ingleses e também com alguns jogadores que seriam considerados intrusos no seio dos clubes da elite praticante do *football*. Não era uma novidade clubes nascerem das fábricas, da união de mestres e técnicos ingleses com operários brasileiros, como foi o caso do Votorantin Athletic Club, fundado pelos altos funcionários da Fábrica de Tecidos Votorantin, em 1902, na cidade de Sorocaba. Outro exemplo era o time da Regoli e Cia. Ltda., do bairro da

---

⁶¹ *Jornal do Commercio*, 16 de outubro de 1902.

⁶² O autor da obra *Nós é que somos banguenses*, Carlos Molinari, que cuidou dos arquivos do Bangu por muito tempo, mostra em seu livro através de vasta documentação a prática do futebol nos campos improvisados do bairro de Bangu, desde 1894. MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos Banguenses!* Rio de Janeiro: 2004.

Mooca, em São Paulo, rebatizado em 1909 para Cavalheiro Crespi F.C., quando da compra da tecelagem pelo empresário Rodolfo Crespi. Em 1924, passou a se chamar Cotonifício Rodolfo Crespi F.C. e, em 1930, Juventus F.C..

O Bangu A.C. nascia atrelado à fábrica e desde sua fundação deixou clara a intenção de contar com associados de origem mais humilde. Em 1904, cobrava 2\$000 de jóia e uma mensalidade de 1\$000, sendo que o salário dos operários da Fábrica Bangu ia de 94\$800 (para os trabalhadores do setor da fiação) até 260\$640 (para os operários de acabamento, por exemplo).⁶³ Para se associar ao clube, todos os operários estavam aptos, mas não era qualquer um que jogava no time principal. Apenas os melhores operários-jogadores conseguiam a vaga no time de futebol, fossem brancos ou negros. O Bangu dava preferência aos funcionários ingleses e supria as posições mais carentes com os operários-jogadores. O futebol passou a se disseminar pelos muitos campos do bairro suburbano de Bangu e aos poucos bons jogadores foram se formando fora do clube. A fábrica passou então a empregar alguns desses bons jogadores, podendo assim colocá-los no time.⁶⁴

Longe do bairro de Bangu e no coração da Zona Sul, surgia um novo time de futebol, fruto dos sonhos de alguns dos filhos dos nomes mais ilustres do bairro de Botafogo, estudantes do Colégio Pedro II e do Pedro Gomes. Esses rapazes fundaram o Botafogo Football Club e se fizeram homens dentro dele. Criaram um estatuto típico dos clubes da elite: jóia de 10\$000, mensalidade de 5\$000, não aceitando os profissionais de “serviço braçal”.⁶⁵ No início, os jogadores improvisavam um campo no Largo dos Leões. Mas, em 1906, alugaram uma área na Rua Real Grandeza, n.11, por 150\$000 por mês. No ano seguinte o Botafogo voltava ao Largo dos Leões, dessa vez para alugar um campo naquele endereço.⁶⁶ As mudanças de campo mostravam a fragilidade do clube que se iniciava. Fundador da Liga Carioca de Futebol com os outros grandes do futebol carioca, precisava de um campo próprio, com arquibancadas

---

⁶³ LOBO, M. E. L. op.cit. (1978) p.97.

⁶⁴ O papel do Bangu e sua relevância na popularização e na introdução de jogadores negros no futebol já foi bastante estudado e pode ser visto em obras e textos de extrema importância para esta pesquisa e para a própria compreensão deste processo. Algumas obras de destaque são: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “*O futebol nas fábricas*”. Dossiê *Futebol*. Revista USP, n.22, junho, julho, agosto 1994. ROSENFELD, Anatol. *O futebol no Brasil. Argumento*, ano 1, n. 4. CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial*. Memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

⁶⁵ Os dados dos estatutos do Botafogo foram conseguidos em dois livros: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op.cit. e OLIVEIRA, Alceu Mendes de. *O Futebol no Botafogo 1904-1950*, Gráfica Milone Ltda.: Rio de Janeiro, 1951.

⁶⁶ *Gazeta de Notícias*, 7 de janeiro de 1907.

para receber os torcedores. Em 27 de abril de 1909, o presidente Souza Ribeiro anunciou a aprovação do construtor Manoel Coelho para fazer as arquibancadas de madeira do clube.⁶⁷ O Botafogo entrava definitivamente no rol dos clubes mais ricos e com melhores estruturas para a prática dos esportes, principalmente o futebol.

Em 18 de setembro de 1904, rapazes moradores da Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade, fundaram o America Football Club. Uma família basicamente comandou as ações iniciais do clube: os Mohrsted. Além de fundadores, ocupavam os cargos de presidente, vice-presidente, tesoureiro e diretor de campo, e a sede ficava na residência do presidente, Alfredo Mohrsted. A mensalidade inicial foi fixada em 2\$000 e o primeiro campo foi um terreno baldio em frente ao prédio da sede.⁶⁸ Em 1905, foi um dos fundadores da Liga Carioca de Football, mas como não era um time da Zona Sul, foi relegado à segunda divisão. Nos anos seguintes, foi conseguindo a adesão de associados importantes, como o Sr. José Villas Boas, presidente do Bangu e da Liga, e de boa parte de sua família. O industrial colocou a gente do América em contato com as figuras mais importantes dos poderosos clubes da Zona Sul, nas festas que dava em sua residência do Engenho Novo. O clube começava a ser incluído no principal círculo de poder do futebol da cidade. Jogadores vindos de São Paulo, o primeiro grande centro de futebol do Brasil, como Gabriel de Carvalho e João Evangelista Belfort Duarte (este sendo nomeado *captain* dez dias após a sua chegada), do Mackenzie College, deram mais qualidade ao futebol praticado pelo novo time carioca. Em 1907, o América aumentou a sua mensalidade para 5\$000, igualando sua mensalidade à do Fluminense e mostrando à sociedade quais segmentos da população pretendia ter como associados. O clube passou por graves crises econômicas no início de sua trajetória, e se tornava imperativo e urgente a montagem de uma equipe de futebol que pudesse alavancar as receitas do clube.

No ano de 1905, mais clubes surgiam na cidade, nem todos os círculos exclusivos da elite. Clubes como o Riachuelo Foot-ball Club, o Cosme Velho F.C., o Leme F.C., o Boêmios F.C do bairro de Vila Izabel, o Humaitá F.C..⁶⁹ mostravam que o futebol começava a se espalhar pela cidade. Qualquer esporte tem o pressuposto da competição, e muitos jogos começaram a se organizar, o que chamava a atenção dos

---

⁶⁷ OLIVEIRA, A. M. de. op. cit., p. 44.

⁶⁸ CUNHA, Orlando e VALLE, Fernando. *Campos Salles, 118. A História do América*. Editora Laudes: Rio de Janeiro, 1972.

⁶⁹ Os jornais citados ao final deste trabalho apontam com frequência a fundação de muitos clubes de futebol nesse período.

jornais e do público. Os fundadores dos clubes mais ricos da cidade, então, se mobilizaram para montar uma liga que controlasse o futebol, em franca expansão. Seria a primeira liga de futebol do Rio de Janeiro e teria a função de definir os rumos do futebol dos clubes mais ricos.

As ligas desportivas funcionam como unidades promotoras do produto a ser vendido aos torcedores. São dirigidas, na maioria das vezes, por diretores ou sócios de clubes que pertencem à liga e congregam um número suficiente de clubes para se organizarem campeonatos. Os jogos acontecem em estádios fechados, e os clubes cobram ingressos dos torcedores para que estes assistam às disputas do campeonato organizado por aquela liga. A importância do interesse coletivo dos clubes participantes de uma liga levou autores como Stephen Dobson e John Goddard a afirmar que as ligas de clubes, do ponto de vista da teoria econômica, devem ser consideradas como as mais relevantes unidades de tomadas de decisão no futebol.⁷⁰

As ligas, como responsáveis pela organização do produto “partidas de futebol”, deveriam organizar um campeonato com um número de equipes que tivesse um bom nível na prática desse esporte, para que os jogos pudessem atrair sempre bom público. Dessa maneira estimulava-se o torcedor a acompanhar seu time ao longo de todo o ano, enquanto durasse o campeonato. Os clubes se uniam e se constituíam em verdadeiros cartéis, formados por uma interdependência mútua dos clubes, que sabiam que o número de torcedores e a renda adquirida com a venda de ingressos por cada clube também dependiam das performances de todos os demais. Os clubes precisavam ser parceiros econômicos, montar um campeonato economicamente viável, entre equipes fortes e, de preferência, próximas umas das outras e ligadas por meios de transporte que pudessem facilitar o deslocamento dos atletas e das torcidas. Wray Vanplew idealizou um modelo das ligas esportivas e analisou as funções básicas dessas ligas-cartéis. Elas deveriam funcionar como um centro de poder para regular os campeonatos e punir os infratores das leis estabelecidas de comum acordo entre os clubes. As leis eram estabelecidas nos estatutos das ligas, redigidos pelos dirigentes dos clubes que as comandavam. As ligas deveriam também regular o mercado de jogadores, instituindo leis de troca de jogadores entre os clubes, e organizar um campeonato de tamanho compatível com o mercado em que estava inserido, maximizando as rendas, mudando as regras para a melhora do espetáculo, organizando jogos especiais, determinando o preço

---

⁷⁰ DOBSON, Stephen and GODDARD, John. “Performance, revenue, and cross subsidiation in the Football League, 1927-1994” in *Economic History Review*, LI, 4 (1998), pp. 763-785.

dos ingressos e o número de jogos a serem jogados pelas equipes.⁷¹ Apesar da aparente livre entrada e saída dos times, as ligas muitas vezes deixaram ou impediram de entrar, ou até mesmo expulsaram clubes, de acordo com os interesses pessoais de seus dirigentes.

A organização de ligas foi uma constante no final do século XIX e início do século XX, por todo o mundo. Ligas distritais, municipais, estaduais, nacionais e supranacionais visavam administrar interesses em comum de clubes e países dentro do esporte. A estrutura adotada pelos campeonatos de futebol no Brasil, no início do século XX, seguiu a estrutura dos campeonatos dos seus inspiradores, os ingleses. Campeonatos com sistema de promoção e rebaixamento, separados em divisões mais fortes e fracas. Os clubes poderiam se inscrever livremente na liga que organiza os campeonatos e disputar ano a ano a subida até a divisão principal. As duas primeiras ligas esportivas do mundo foram a inglesa de futebol e a norte-americana de beisebol, ambas fundadas em 1871. Na Inglaterra, a fundação da *Football Association*, em 1863, e a organização do primeiro torneio, a *F.A. Cup*, em 1871, marcam o início dos campeonatos no país, que foi aberto a todos os clubes ingleses e jogado em sistema eliminatório. A cada jogo, uma equipe era eliminada e outra seguia em frente no torneio, até sobraarem duas equipes para se fazer a final. Apenas em 1889, o campeonato inglês passou a ser disputado no sistema de divisões de clubes, com todos os clubes jogando dois jogos entre si um no próprio estádio e outro no estádio do adversário. Cada vitória correspondia a dois pontos, o empate a um ponto e em caso de derrota, não se computava ponto algum. Ao final de todos os jogos, a equipe que somasse maior número de pontos era declarada campeã. Dessa maneira, as equipes sabiam quantos jogos, no mínimo, fariam durante uma temporada, dando maior possibilidade de ganhos econômicos por parte dos clubes. O sistema eliminatório poderia, precocemente, cortar as possibilidades de arrecadação dos times, uma vez que estes não poderiam mais participar do campeonato. Esse sistema de organização dos campeonatos de futebol foi exportado, para todo o mundo, praticamente em conjunto com o próprio jogo de futebol e permanece sendo o mais habitual sistema dos campeonatos nacionais.

Enquanto a liga inglesa foi montada com o sistema acima descrito, de entrada livre dos times, a liga de beisebol norte-americana foi montada como uma espécie de cartel de *franchisings*, em que as principais cidades do país montavam um time de um

---

⁷¹ VAMPLEW, W. op. cit., pp. 112 e 113.

determinado esporte e o transformavam numa marca. Se sua marca-*franchising* não conseguisse sobreviver financeiramente e não desse lucro em uma cidade, poderia ser repassada para outro grupo de investidores em outra cidade. O número de clubes era limitado pela liga e não havia divisões inferiores dentro da mesma, portanto nenhum clube correria o risco de ser rebaixado. Essa situação permanece até nossos dias. Segundo Louis Cain e Davis Haddock⁷² a opção por esse tipo de organização se deu pelo tamanho do país, que transformava viagens muito longas em um grande prejuízo para os pequenos clubes que se formavam. Dessa maneira, não conseguiam arcar com as despesas dos grandes deslocamentos e, não raramente, faltavam aos seus compromissos, o que acarretava ainda maiores prejuízos para as ligas que administravam os campeonatos e para os times adversários. Com esse sistema de cartel de times, quando as equipes tinham que se deslocar para muito longe, as viagens eram otimizadas e os times passavam por 3 ou 4 cidades para ali fazerem seus jogos. Na Inglaterra, os times eram vizinhos. Enquanto nos EUA, às vezes, as equipes percorriam mais de 2000 quilômetros para jogar, os times da Inglaterra não viajavam mais de 80 quilômetros em um eficiente sistema de ferrovias que interligava as principais cidades industriais do país, onde estavam localizados os principais clubes de futebol, como o Manchester United, o Liverpool FC, ou o Birmingham FC. Vale ressaltar que o beisebol se tornou muito popular durante a Guerra Civil norte-americana e que, com o fim dos combates, a busca pela integração nacional fazia com que fosse imperativo um campeonato nacional. Os times da Costa Leste deveriam fazer jogos com os da Costa Oeste, bem como times do Norte contra os do Sul, elevando as tensões dentro do campo, para esvaziá-las no sentido real. Lutas simbólicas ficavam garantidas entre times que representavam maneiras diferentes de se comportar e ver a vida e, ao mesmo tempo, promoviam uma integração saudável entre eles.

O esporte comercializável crescia rapidamente na Europa e o futebol era o seu “carro-chefe”. Verdadeiras multidões acorriam aos enormes estádios ingleses e escoceses nos sábados à tarde. Os campeonatos das ligas inglesas e escocesas eram um sucesso de público e renda. Havia estádios escoceses, como o do Queen’s Park, com capacidade para quase 120 mil pessoas. A média de público do campeonato inglês, com vinte equipes, na temporada 1908/1909 foi de 15.800 espectadores por jogo, num total

---

⁷² CAIN, Louis P. and HADDOCK, David D. “Similar Economic Histories, Different Industrial Structures: Transatlantic Contrasts in the Evolution of Professional Sports Leagues” *The Journal of Economic History*, Vol. 65 No. 4 (December 2005) p. 1122.

de 6 milhões de entradas vendidas para os jogos daquele campeonato. Além disso, a média de público nos jogos da final da Copa da Inglaterra crescia assustadoramente naqueles anos e mostrava o grande negócio em que o futebol poderia se tornar. Em suas dez primeiras edições (1875 – 1884) a média de público nas finais foi de 4.900 espectadores. Nas dez competições seguintes (1885 – 1894), a média nas finais subiu para 23.400, para dez anos depois (1895 – 1904) explodir para uma impressionante média de 66.800 espectadores por final. De 1904 a 1915, houve um período de acomodação. Apesar dos grandes estádios construídos e os clubes e ligas bem organizados, a média de público nas finais cresceu menos, mas mesmo assim foi muito alta (quase 80 mil pessoas) para os padrões das competições esportivas. Nesse mesmo período, as rendas médias dos jogos na Escócia chegavam a 1.584 libras, enquanto nos dez anos anteriores haviam sido de 871 libras. Os lucros médios de uma equipe inglesa na temporada 1913/1914 rondava as 5 mil libras,⁷³ 74:855\$000 réis ao câmbio da época.⁷⁴ Os números apresentados pelo futebol da Grã-Bretanha não podiam ser desprezados e levaram a um movimento maior, na tentativa de organizar o futebol. O fenômeno ocorreu em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, onde se formaram campeonatos de acordo com o modelo das competições de futebol inglesas, escocesas e européias em geral.

Num país do tamanho do Brasil, a estrutura das ligas norte-americanas não foi adotada. O modelo proposto por Cain e Haddock não pôde ser aplicado ao Brasil regionalista, cheio de intrigas e rivalidades interestaduais que caracterizavam o início do século XX. O modelo das ligas norte-americanas não deu certo, não se aplicou a um país de tamanho continental, mas com uma industrialização apenas em seu início e sem meios de transporte adequados para a integração do território. Todo o campeonato tem que ser viável economicamente. Há que se criar condições para o deslocamento do público que quer se dirigir a um jogo de futebol, pois ainda que os campos tenham grande capacidade, um bom sistema de transportes se torna fundamental para a garantia de bons públicos pagantes. Na maior parte do tempo, para ser viável, os jogos no Brasil aconteciam entre times da mesma cidade ou da mesma região, atraindo os torcedores dos dois times ao estádio, uma vez que o esporte ainda estava em fase inicial e o país não apresentava meios de transporte rápidos e de qualidade para executar um projeto de integração nacional através do esporte, como aconteceu nos Estados Unidos.

---

⁷³ As estatísticas do futebol inglês e escocês foram obtidas na obra de VAMPLEW, Wray. op. cit.

⁷⁴ Ao câmbio de uma libra a 14\$971 publicado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1914.

As grandes rivalidades entre paulistas, cariocas, mineiros e gaúchos, as dificuldades de deslocamento entre as principais cidades do país onde o futebol se desenvolvia e a falta de um verdadeiro projeto de integração nacional deram uma dinâmica própria à estruturação dos campeonatos de futebol no Brasil e facilitaram a formação de ligas metropolitanas e estaduais como a paulista, a carioca, a mineira, a gaúcha, e a baiana. A falta de meios de transporte baratos e desenvolvidos que pudessem facilitar a vida do torcedor-consumidor a acompanhar o seu time em distâncias maiores foi determinante na execução do plano de estruturação das ligas brasileiras de futebol. Era muito difícil para um carioca pagar o preço de uma passagem de ida e volta a São Paulo, enfrentar uma viagem que durava mais de 8 horas, apenas para chegar ao destino, acompanhar seu time e estar pronto para o trabalho, em sua cidade, no dia seguinte.

Por isso, os campos dos times procuravam ser bem servidos pelas linhas de bondes da cidade. Os estádios eram minúsculos se considerados com os estádios ingleses e escoceses do mesmo período. Para se ter uma idéia, em 1909, o Fluminense, que tinha “incontestavelmente o melhor campo do Rio”,⁷⁵ tinha capacidade para 1000 pessoas sentadas, mais cerca de 250 sócios; as arquibancadas do Botafogo comportavam 500 pessoas sentadas. Mesmo com estádios pequenos, com capacidades muito inferiores aos grandes estádios ingleses, os clubes procuravam estar próximos às principais linhas de trens e bondes da malha urbana carioca. Nem sempre o campo se situava no mesmo endereço do clube. Mas o campo, seja dentro da sede do clube ou alugado, deveria sempre estar bem localizado. O estádio do Fluminense, localizado no bairro de Laranjeiras, era muito bem servido de bondes. Todas as linhas de Laranjeiras e Botafogo serviam o clube. O campo do Botafogo era servido pelas linhas da Gávea, Largo dos Leões (que era o endereço do campo), Humaitá e São Clemente. O mesmo ocorria com os campos mais afastados da Zona Sul. O campo do Haddock Lobo, na Rua Campos Salles, Tijuca, era servido pelos bondes Asylo Isabel, S. Francisco Xavier, Fábrica, Villa Izabel, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Tijuca e Boavista. O Sport Club Mangureira tinha seu campo na Rua Figueira de Mello, n. 393, em São Cristóvão e era servido pelas linhas S. Januário, S. Luiz Durão, Caju, Alegria e Jockey Clube. O campo do Riachuelo ficava na Rua Magalhães Couto, n. 17 e era servido pela linha de bondes Engenho de Dentro, mas a distância fazia com que a melhor opção fosse os trens

---

⁷⁵ *Gazeta de Notícias*, 2 de maio de 1909.

de subúrbio que serviam a estação Riachuelo, da Estrada de Ferro Central do Brasil. O campo do América, na Rua Francisco Xavier, n. 78, era servido pelos bondes de Villa Izabel, Engenho Novo, Engenho de Dentro e Aldeia Campista.⁷⁶

Já o campo do Bangu era outra história. A estação de Bangu ficava depois de Deodoro, já no Ramal de Santa Cruz. Era uma viagem quatro vezes mais longa e demorada do que da estação Central até Riachuelo. A *Gazeta de Notícias* alertava os torcedores que quisessem ver o jogo do América contra o Fluminense, no campo do Bangu, com início às 16 horas, para “tomar o trem que [partia] da Central às 12h10 da tarde”.⁷⁷ Os times chegavam a alugar vagões especiais nos trens para os jogadores e torcedores a preços módicos.⁷⁸

A qualidade dos transportes públicos da cidade era, no entanto, muito precária e sempre foi alvo de reclamação e da ira dos cariocas. Basta lembrar que foram os bondes os alvos preferidos nas principais revoltas e manifestações violentas da cidade, como na Revolta da Vacina.⁷⁹ Os bondes e trens eram caros e poucos para atender à população carioca. Demoravam a chegar aos pontos e estações e viviam super lotados. Nos finais de semana, a situação era ainda mais grave. Em relação ao deslocamento dos torcedores, assim um jornal da cidade se manifestava:

Quando o sportsman tem a infelicidade de não dispor, no dia, de alguns cobres para a ‘vacca’ do táxi, ou de um amigo que lhe faça a gentileza desse transporte menos lento, tem que ir ali no bonde, com todas as baldeações do stylo, a roer as unhas ou a gastar os nervos impacientes noutro qualquer serviço capaz de entretel-o e desfogal-o.⁸⁰

O cronista se referia aos torcedores do Fluminense e suas dificuldades de chegar ao Andarahy, que nem era tão longe quanto Bangu, para acompanhar o seu time jogar. No final do artigo são tratados como verdadeiros heróis, tamanho o sacrifício pelo qual tinham que passar. Portanto, campeonatos estaduais ou metropolitanos garantiam a viabilidade econômica de jogos regulares por atraírem um bom público, uma vez que não obrigavam os torcedores a grandes deslocamentos e não demandavam grandes despesas de viagens. Apenas alguns jogos interestaduais de clubes ou de seleções estaduais acirravam ainda mais a já grande rivalidade entre os estados brasileiros na República Velha.

---

⁷⁶ *Gazeta de Notícias*, 2, 9 e 14 de maio de 1909.

⁷⁷ *Gazeta de Notícias*, 28 de maio de 1909.

⁷⁸ Era prática dos times da Zona Sul esse tipo de expediente, como em 21 de abril de 1918, a diretoria do Fluminense disponibilizou o trem a 1\$000, preço da passagem de ida e volta para Bangu, ao que acorreram 300 torcedores tricolores. *Correio da Manhã*, 22 de abril de 1919.

⁷⁹ CARVALHO, J. M. de. op. cit., pp. 104 e 134.

⁸⁰ *Correio da Manhã*, 15 de abril de 1918.

Mesmo com todas as dificuldades de deslocamento para os torcedores, as principais capitais do Brasil começavam a ter o futebol como uma de suas principais atividades esportivas comercializáveis. Com a popularização do esporte e com a proliferação de jogos e festivais que cobravam ingressos para um público pequeno, porém cada vez maior, os clubes de elite, aqueles que despertavam maior interesse da imprensa e cujos associados eram personalidades importantes das respectivas cidades, começaram a organizar as ligas metropolitanas de futebol, a fim de se beneficiar dos primeiros possíveis lucros auferidos com a venda de ingressos para as partidas de futebol. Ao mesmo tempo, tratavam de se fechar em pequenos círculos de clubes de associados importantes. Se os clubes eram ilhas sociológicas, as ligas eram os arquipélagos que se fechavam para outras ilhas que não interessassem. Em São Paulo, os clubes da elite se apressaram em formar uma liga para controlar o futebol que se espalhava pelas várzeas dos rios da cidade. A Liga Paulista de Football foi fundada em 19 de dezembro de 1901 pelo São Paulo Athletic Club, o Club Athletico Paulistano, o Sport Club Germania, a Associação Athletica Mackenzie College e o Sport Club Internacional.⁸¹ A intenção dos clubes da liga era a de controlar o futebol, esporte que ganhava grande destaque nas páginas de *O Estado de São Paulo*. Em 1904, os dirigentes dos principais clubes e das principais ligas nacionais européias fundavam a Fédération Internationale de Football Association, também com a intenção de controlar o futebol altamente popularizado naquele continente.

No Rio de Janeiro, dirigentes dos principais clubes da elite da cidade sentiram que já passara a hora de montarem a sua associação visando o controle do futebol na cidade através da organização do campeonato metropolitano. Entrariam em contato com as outras duas ligas já existentes no Brasil, a Liga Paulista e a Liga Bahiana, para dessa maneira poderem também iniciar o controle da difusão daquele esporte pelo país. Foi formada uma assembléia com o objetivo de fundar uma liga de clubes cariocas com a presença de alguns dos mais ilustres nomes dos principais clubes da cidade. Ismael Maia e Galvão Junior, do Botafogo, Oscar Cox e Victor Etchegaray, do Fluminense, José Villas Boas e John Starck, do Bangu, Romeu Maina e O. Mohrsted, do América e José da Rocha e Álvaro Cerqueira, do Foot-ball and Athletic Club, foram os responsáveis por fundar a Liga Metropolitana de Football (LMF), no dia 8 de julho de 1905. Em dezembro, o Rio Cricket & Athletic Association e o Paysandu Cricket Club

---

⁸¹ MAZZONI, T. op.cit., p. 27.

também ingressaram na liga. A direção da entidade ficou por conta de Francis Henry Walter, presidente do Fluminense. A liga, filha dos clubes da elite e feita à imagem e semelhança destes, colocava nas taxas os maiores impedimentos para o acesso dos clubes de futebol mais humildes. Os clubes que quisessem fazer parte da LMF deveriam ser indicados por dois clubes associados, ser aprovados na assembléia dos clubes, ter a aprovação da diretoria da liga e pagar uma taxa anual de 50\$000 e mais 30\$000 por mês.⁸² Ao mesmo tempo, foi criada uma 2ª divisão para satisfazer os interesses do América FC, ainda engatinhando na organização do futebol. A 2ª divisão obrigava a liga a aceitar times um pouco mais modestos como o Riachuelo e o Colégio Latino Americano. Mesmo assim, só essas duas equipes tiveram condições de arcar com as despesas da liga. Para se ter uma idéia, um clube que cobrasse uma mensalidade de 2\$000, como o América e o Bangu, precisaria da mensalidade de 15 sócios para pagar apenas as taxas mensais da liga. Ainda havia a anuidade e as multas, inevitáveis a quem se dispõe a entrar em uma competição esportiva. Por exemplo, as equipes eram obrigadas a enviar os árbitros para os jogos em que não estivessem envolvidos. Se um árbitro faltasse, por qualquer motivo, o clube era obrigado a pagar pesada multa, mesmo sem ter o controle de todas as atitudes de seus sócios.

Esta era a liga com maior destaque na imprensa, aquela dos times que atraíam mais público aos estádios e que por isso chamavam maior atenção. Os jornais acompanhavam os campeonatos organizados por esses clubes, informando o torcedor de futebol. Os clubes da elite da cidade eram frequentados por pessoas da alta sociedade carioca. Os jornais, dirigidos e escritos por essa mesma elite, noticiava os jogos da liga entusiasticamente, mostrando os nomes e sobrenomes dos jogadores e de espectadores, nos primeiros anos do século XX. Para esses meios de comunicação, colocar o futebol em suas páginas, recheado dos nomes e sobrenomes importantes da sociedade ligados a ele, cumpria dois objetivos. O primeiro, o de dar espaço àqueles que financiavam direta ou indiretamente o jornal, fossem seus donos ou principais investidores, fossem figuras de destaque que impulsionavam as vendas dos periódicos. O outro objetivo era o de mostrar o Rio de Janeiro como o pólo da civilização, agregando mais um esporte europeu em seu seio, através dos mesmos distintos homens da elite. Os jornais tinham a necessidade de mostrar ao carioca o novo Rio de Janeiro, a parte higienizada da cidade,

---

⁸² Durante o trajeto desta pesquisa não foi possível localizar os estatutos da primeira liga do futebol carioca, a LMF. Apesar do documento ser usado por alguns autores em artigos e livros, nenhum deles conseguiu informar a este pesquisador o paradeiro do referido documento. As informações acima foram retiradas de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 64.

das circunscritas reformas urbanas do Eng. Pereira Passos, do Panteão de Regatas, das corridas de cavalo no Jockey Club, do *footing* nas avenidas alargadas e à beira-mar e, agora, das partidas de *football*. Naquele período, ainda era pequeno o espaço dedicado ao futebol, apenas algumas linhas perdidas entre colunas sobre turfe, *rowing*, *cyclismo*, pedestrianismo, natação e *lawn-tennis*. Os quatro principais jornais da cidade começaram a colocar em suas linhas pequenas informações sobre os clubes, seus diretores, os mais ilustres torcedores presentes aos jogos e os jogadores dos principais clubes da cidade. Os quatro maiores jornais da Capital eram *O Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil*, *O Paiz* e a *Gazeta de Notícias*, que desde a fundação da Liga Metropolitana de Football, orgulhava-se em suas linhas de ser o seu “órgão oficial”.

Nos anos seguintes, um número enorme de agremiações *Football Club* ia surgindo na cidade. Na *Gazeta de Notícias* é possível ir descortinando um universo enorme de clubes com times de futebol, não só na Zona Sul e Central, mas também nas zonas suburbanas, como era o caso do Sport Club Mangureira, do Cascadura Football Club e do Club Athletico do Meyer. Na seção *Gazeta dos Sports* do jornal *Gazeta de Notícias* encontramos o registro da fundação de diversos clubes populares durante o ano de 1906 e 1907, além dos citados, como o Nacional Football Club, o São Christovão Football Club, o Pedregulhense Football Club, o Ouro Football Club, o Aluminio Football Club, o Shoot Americano Football Club, o Guarany Football Club, o Recreativo Football Club, o Mauá Football Club, o Eden Brasil Football Club, o Fabrica Football Club, entre outros. Essa onda de crescimento e de popularização do futebol fazia com que os clubes da elite temessem ainda mais a perda do controle do futebol da cidade. A *Gazeta* comenta sobre a possibilidade da criação de uma liga de clubes suburbanos, pois “adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e a empolgação com os jogos atléticos”.⁸³ A LMF ameaçou acabar com a 2ª divisão do seu torneio, em 1906 e em 1907, por haver apenas três e dois times na disputa, respectivamente. Os clubes menores logo se movimentaram no sentido de criar uma liga com jóias e taxas mais modestas, a fim de atrair os clubes da 2ª divisão da liga principal. Mas um dos cronistas anônimos do jornal era totalmente contrário à formação de uma nova liga proposta pelo Mangureira S.C., a Liga Suburbana de Football. Expressava toda a sua apreensão com a possível perda de controle do futebol por parte da elite afirmando ser a iniciativa “extratemporânea”, pois a liga ainda não havia tomado a decisão final sobre as

---

⁸³ *Gazeta de Notícias*, 28 de março de 1907.

divisões inferiores. Mais à frente, no mesmo artigo, comentava que “São Paulo, onde os *clubs de footballers* são em grande número e em igual quantidade as ligas, a desorganização é completa”. O cronista achava que a atitude do Mangureira S.C. era louvável e que mereceria apoio dos clubes que não eram da LMF, mas não traria “resultado algum, nem prático, nem técnico”.⁸⁴

Aos poucos os esportes começavam a despertar maior interesse em todas as camadas da sociedade. As modalidades esportivas eram uma realidade na cidade, e o futebol crescia a passos largos. Os materiais esportivos, outrora artigos de luxo, passavam por um processo de barateamento, e disso se aproveitaram os pequenos clubes do subúrbio para melhorarem suas estruturas. Em 1907, o governo publicou a Lei Orçamentária do ano, em que ficavam isentos de tarifas alfandegárias “as bolas, as redes, e outros objetos necessários aos jogos de *football*, *cricket* e *tennis* importados directamente pelos clubs destes *sports*”. Os equipamentos de regatas também eram contemplados com essa benesse do governo e apenas o *cyclismo* não foi contemplado.⁸⁵ Em 1908, o jornal *A Gazeta de Notícias* publicava nota em que se exigia do Ministro o cumprimento da lei, pois Fluminense e Botafogo haviam comprado redes para a proteção das metas com elevadas taxas aduaneiras e de armazenagem. Cada um pagou, *ad valorem*, cerca de 300% de direitos mais 200% de armazenagem. As redes do Fluminense, “custando lá” 150\$000, e as do Botafogo, 32\$000, saíram por 800\$000 e 137\$000, respectivamente.⁸⁶

Com a proliferação de times pela capital e com as especulações sobre a formação de uma liga de clubes populares, a LMF se apressou a reformar seus estatutos visando ampliar o controle sobre o futebol e dificultar o ingresso de clubes e jogadores de origem popular na liga. A LMF mudou de nome no início de 1907, para Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), deixando clara a intenção de se apoderar dos outros esportes que se desenvolviam na cidade, e não só do futebol. Mas a mudança também tinha outro objetivo, o de tornar mais claras as regras que estipulavam o tipo de jogador apto a participar das partidas organizadas pela liga. Com artigos mais explícitos e uma “Comissão de Syndicancia” mais atuante, algumas reformas foram feitas nos estatutos para dificultar o acesso de jogadores de origem humilde ou de clubes que facilitassem a entrada desses jogadores. No dia 2 de fevereiro, os dirigentes dos clubes

---

⁸⁴ *Gazeta de Notícias*, 6 de janeiro de 1907.

⁸⁵ Nota publicada pela *Gazeta de Notícias*, 3 de janeiro de 1907.

⁸⁶ *Gazeta de Notícias*, 29 de fevereiro de 1908.

ricos da cidade informavam à imprensa que o “único intuito” da reforma dos estatutos era a “progressão da educação physica no Brasil”,⁸⁷ e clamavam para si a organização de todos os esportes, menos o remo. O Rio Cricket, foi o primeiro a abandonar a liga por não concordar com a nova supremacia do futebol. Mais tarde, em maio, a liga enviava aos clubes associados, via imprensa, ofício em que expunha pela primeira vez a questão racial em seus registros: “Comunico-vos que a directoria da liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga pessoas de cor”.⁸⁸

Estava exposta a ferida, mais uma vez. Se os clubes não conseguiam travar o desenvolvimento do esporte, tentavam se fechar em seus círculos exclusivos, criando barreiras econômicas, sociais e agora raciais para a prática do futebol nos clubes de maior prestígio e que chamavam a maior atenção da imprensa e do público em geral.

A disputa pelo controle do futebol, que despertava a maior atenção do público, aumentou nos anos seguintes, e a raiz dessa disputa encontra-se no aumento de público nos estádios. Infelizmente, os jornais não divulgavam os preços dos ingressos, e raramente se encontra alguma referência ao número de espectadores presentes. Em São Paulo, em 1902, já se falavam em 4 mil pessoas no Velódromo para assistir à final entre o São Paulo Athletic Club e o Paulistano.⁸⁹ Os clubes despertavam a atenção de muitas pessoas e passaram a se aproveitar disso. Reservaram espaços específicos em seus campos, separados dos sócios, para que qualquer pessoa pudesse pagar para ver o jogo de futebol comprando um *ingresso*, bem mais barato que a mensalidade dos clubes. Assim, apesar de não serem sócios do clube, os demais podiam acompanhar as novas estrelas que desfilavam nas páginas dos principais jornais e revistas durante as partidas. Não eram apenas os sócios dos clubes os únicos dentro do recinto construído para as partidas de futebol. Havia os torcedores, simpatizantes dos clubes impedidos de frequentar suas sedes pelas altas taxas cobradas e pelas intermináveis exigências impossíveis de serem cumpridas pela maior parte da população. Mas assistir às partidas era agora possível. Os clubes passaram então a sediar seus jogos em locais que pudessem construir arquibancadas maiores e, assim, receber mais espectadores, mais consumidores de seus produtos: as partidas de futebol. Os clubes se iniciavam nas práticas capitalistas, o que já era uma realidade no caso de alguns esportes na cidade. O

---

⁸⁷ *Gazeta de Notícias*, 2 de fevereiro de 1907.

⁸⁸ *Gazeta de Notícias*, 10 de maio de 1907

⁸⁹ *O Estado de São Paulo*, 27 de outubro de 1902.

dinheiro recebido pelas mensalidades passava a constituir um fundo de capital para investimentos na estrutura do clube, possibilitando a obtenção de maiores benefícios econômicos. Quanto maiores os estádios, maiores as possibilidades de arrecadação, desde que o dinheiro arrecadado com as vendas de ingresso fosse reinvestido na equipe de futebol, que deveria ter bons resultados para continuar atraindo público. Quando as mensalidades não eram suficientes, os clubes recorriam a seus mais poderosos associados para conseguirem doações ou até mesmo a empréstimos em bancos para a construção de seus estádios.

Com a lógica capitalista se apropriando do jogo, abria-se um espaço novo para aqueles que não podiam ser associados dos clubes mais ricos da cidade, os torcedores. Impedidos por barreiras econômicas ou sociais, estavam agora possibilitados, mediante o pagamento de um ingresso, a frequentar uma parte das dependências dos clubes, os estádios de futebol. Uma parte das dependências do estádio era destinada aos não-sócios, divididos em arquibancadas e gerais. As *archibancadas*, de madeira ou de concreto, possibilitavam uma visão um pouco melhor do jogo, pois ficavam mais altas em relação ao campo, e ofereciam a possibilidade do público se sentar. Por isso eram mais caras que as *geraes*, onde as pessoas eram obrigadas a ficar em pé ao nível do campo ou em pequenos degraus de tábua. Como o ingresso das *geraes* custava geralmente metade do preço das arquibancadas, aquele era um local constantemente cheio e onde estavam as pessoas de mais baixa renda. Ao que parece, alguns torcedores - tanto de *geraes*, quanto de *archibancadas* - podiam então se apropriar de um pouco do simbolismo ligado àqueles clubes da elite. Eram atraídos pelo que essas agremiações representavam na sociedade carioca, se sentiam próximos aos Guinle, aos Coelho Netto, e a tantas outras famílias importantes. Ao frequentarem os estádios de clubes grandes, formados por sócios de prestígio, os torcedores habitavam, ainda que por alguns momentos, o mesmo espaço destas figuras ilustres. Para alguns setores das camadas mais baixas, isso acabou se tornando mais um dos atrativos dos estádios de futebol, num processo semelhante ao que havia acontecido com o turfe, desde a segunda metade do século XIX, com o acesso das camadas mais baixa a esse esporte.⁹⁰

Os clubes perceberam a demanda pelo futebol, por um espetáculo de massa que aproximasse a população de mais um dos hábitos considerados pela elite como “civilizados”. Apesar da virilidade do esporte inglês, a frequência nas arquibancadas de

---

⁹⁰ ARAÚJO, R. M. de. op. cit., p. 116.

mulheres e até crianças demonstra que este hábito tornava-se uma das mais destacadas opções de lazer da sociedade carioca.⁹¹ Os clubes organizavam o produto, eram os responsáveis pela oferta para suprir essa demanda. Dessa maneira, a sobrevivência dos espetáculos desportivos e dos clubes e ligas que promovem este espetáculo depende de sua capacidade de suprir a demanda do público e dos espectadores. E os dirigentes esportivos vão perceber isso com rapidez. Bourdieu afirma que as transformações pelas quais passou o esporte, tais como a sua popularização, evoluíram como resultado da confrontação e ajustes permanentes entre a oferta e a demanda,⁹² entre o que os clubes queriam (por exemplo, no caso do Rio de Janeiro, manter as camadas menos abastadas afastadas dos clubes da elite) e o que efetivamente levava o público a acorrer aos estádios.

Durante os anos de 1909 e 1911, o Botafogo investiu pelo menos 6:437\$000 na reforma de seu campo, sendo 6:000\$000 com arquibancadas de madeira, 300\$000 com gradeamento do campo⁹³ e mais 137\$000 com redes importadas para a proteção das metas. Nesse mesmo período, o America gastou cerca de 6:000\$000 para construir suas arquibancadas de madeira de 60 metros de comprimento e com 12 degraus e cercar seu campo com grades de zinco.⁹⁴ Os dois clubes estavam, com certeza, de olho nos ganhos que teriam nos próximos anos com as vendas de ingressos e com o aluguel do campo aos clubes menores. Não sabemos exatamente quanto o Botafogo ganhou nos anos seguintes com as arrecadações em seu campo, mas os relatórios anuais de um outro clube grande, o Fluminense, podem nos dar uma idéia das receitas de um clube de futebol com seu campo até a primeira metade da década de dez do século XX. O Fluminense tem em seus arquivos apenas os relatórios a partir de 1916, mas o relatório de 1923 mostra o quanto o clube havia arrecadado dez anos antes com o *ground* de *football*. Vale ressaltar que este não era ainda o *stadium* do Fluminense, construído apenas em 1918 e com capacidade para mais de vinte mil espectadores. O Fluminense conseguiu, em 1913, 36:320\$000 com as bilheterias e mais 4:895\$100 com o aluguel do campo. Longe das monstruosas rendas da década posterior, o montante arrecadado pelo clube das Laranjeiras nos mostra que investimentos como aquele feito pelo Botafogo

---

⁹¹ É possível notar na Iconografia: Imagem I, a presença de muitas mulheres e crianças nos estádios de futebol. As mulheres eram presença constante e até mesmo a publicidade notava a presença feminina na arquibancada. A loja “A Brasileira” usou as páginas da revista *Careta* durante o Campeonato Sul-Americano de 1919 apostando na elegância com que as mulheres compareciam ao estádio de futebol (Iconografia: Imagem II). Quanto à presença de crianças, ver imagem XX.

⁹² BOURDIEU, Pierre. *Deporte y Clase Social* in: BROHM, Jean Marie et al. op.cit., p. 74.

⁹³ OLIVEIRA, A. M. de. op. cit., p. 44.

⁹⁴ CUNHA, O. e VALLE, F. op.cit., pP. 61 e 62.

podiam ser facilmente recuperados. Esses relatórios do Fluminense também mostram a total dependência que os outros esportes passavam a ter em relação ao futebol. Apenas o futebol conseguia atrair um público pagante significativo, e as despesas dos outros esportes passam a depender das receitas com o futebol. Essas receitas só cresciam à medida que o time conseguia vitórias, títulos e mais destaque na imprensa. Para isso, era necessária a constituição de um bom time de futebol, com boa estrutura de campos e materiais para treinamento, técnicos especializados, departamentos especializados, mas, acima de tudo, bons jogadores. E os bons jogadores não estavam só nos clubes da elite da Zona Sul e nem sempre eram brancos. Pouco a pouco, os clubes foram procurando melhorar seus times aceitando sócios de outros clubes da cidade, ou de fora dela, para fortalecerem suas equipes, algumas vezes independente de sua cor, ou de sua posição social. A sobrevivência dos clubes, seu crescimento e sua afirmação no cenário nacional dependiam das rendas produzidas pelas partidas de futebol.

A segunda década do século XX marcaria a afirmação definitiva do futebol como o esporte predileto do carioca e do brasileiro morador dos principais centros urbanos do país. O futebol passava a ser o esporte com maior atenção da imprensa, e os clubes passaram a se beneficiar com essa popularização. As derrotas passaram a ser mais doloridas, uma vez que representavam possíveis quedas nas receitas dos clubes. Sendo a vitória o único interesse, o clima de companheirismo e cavalheirismo, que de há muito já não se via com tanta constância nos jogos, deixa de existir. Em 1911, no campeonato da cidade, Botafogo e Fluminense disputavam palmo a palmo, partida a partida, ponto a ponto, a taça em disputa. Todos os jogos eram verdadeiras decisões, e o Botafogo e o Fluminense haviam se tornado os maiores rivais da cidade. O Fluminense ganhara o primeiro campeonato em 1906. O segundo campeonato acabou empatado entre Botafogo e Fluminense e as duas equipes passaram a disputar a taça nos tribunais, uma vez que os estatutos da liga não previam quem seria o campeão em caso de empate em número de pontos conquistados.⁹⁵ Essa disputa pelo título de 1907 acabou acirrando ainda mais a rivalidade entre os dois clubes. Em 1908 e 1909, o Fluminense foi campeão, sendo o Botafogo o vice-campeão. No ano seguinte, 1910, o Botafogo conseguiu levantar a sua primeira taça no campo, e o Fluminense ficou em 2º lugar. O campeonato de 1911 começava com um Botafogo poderoso, o detentor do título de campeão da cidade. No jogo entre Botafogo e America, houve uma briga generalizada

---

⁹⁵ Apenas em 1996, o então presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, Eduardo Viana, decidiu dividir o título de 1907 entre essas duas equipes.

entre os jogadores, após uma falta grave do jogador americano Gabriel de Carvalho no botafoguense Flavio Ramos. Os dois começaram áspera discussão em campo, e outro jogador do Botafogo, Abelardo Delamare, na tentativa de defender Flavio, foi insultado pesadamente por Gabriel. Delamare deu-lhe uma bofetada e logo estavam todos os jogadores envolvidos na confusão. Após a briga, o árbitro reiniciou a partida, que terminou empatada. Mas não conseguiu terminar com a briga. Delamare organizou um grupo de botafoguenses, e partiram para cima dos jogadores do America agredindo-os a pauladas. Flavio Ramos chegou a desarmar um torcedor munido de um revólver. A polícia foi chamada às pressas, e só a presença de mais de 40 praças permitiu ao America sair do campo do Botafogo, na Rua Voluntários da Pátria. A LMSA puniu Delamare com um ano de suspensão de seus campeonatos⁹⁶ facilitando o caminho para o título do Fluminense. O Botafogo, inconformado com a penalidade imposta a seu atleta e do alto de seu novo poderio como detentor do título da cidade, decidiu abandonar o campeonato e posteriormente a própria LMSA. Julgava ter poder para criar uma nova liga, com seu comando, para gerenciar o futebol da cidade. Tinha estádio, tinha bons jogadores, tinha título, tinha prestígio junto à imprensa e, assim, fundou a Associação de Football do Rio de Janeiro.

O ano de 1911 não seria só de discórdia entre o Botafogo e a LMSA. Esse ano marcaria também o ano de uma cisão interna histórica no Fluminense. Cabe aqui uma explicação prévia. Pouquíssimos eram os times que possuíam um treinador profissional. O primeiro clube a importar um treinador foi o Club Athletico Paulistano, quando trouxe o inglês Jock Hamilton, do Fulham, equipe da 1ª divisão do campeonato inglês, em 1907. O Fluminense foi o primeiro clube do Rio de Janeiro a ter um treinador profissional, o também inglês Charles Albert Williams, antigo *goalkeeper* do Manchester City, clube também da 1ª divisão inglesa, justamente em 1911. A equipe tentava renovar seus quadros após a maioria dos jogadores campeões entre 1906 e 1909 terem largado o futebol.⁹⁷ No início do futebol no Brasil, assim como quando o futebol teve seu início na Inglaterra, quem treinava e comandava a equipe de futebol era um grupo de associados geralmente eleito pelos sócios, o *Ground Committee*. Esse grupo contava com o apoio decisivo do *captain* (o capitão do time), que na maioria das vezes era quem tinha a palavra final nas decisões, principalmente na escalação dos onze

---

⁹⁶ O Paiz, 26 de junho de 1911, MAZZONI, T. op.cit., p. 81 e CUNHA, O. e VALLE, F. op.cit., pp. 58 e 59 e OLIVEIRA, A. M. op.cit., p. 66.

⁹⁷ ASSAF, Roberto. *Banho de Bola*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 19.

jogadores que iniciariam as partidas. Williams passou a orientar os treinos e montou um belíssimo time de futebol. A duas rodadas do final da competição, houve eleição para a escolha de um membro do *Ground Committee*, formado pelos sócios Affonso de Castro, Alair Antunes e Felix Frias, nenhum deles jogador, além do capitão da equipe Alberto Borgeth. A diretoria do clube indicou o jogador Oswaldo Gomes. Mas os jogadores indicaram outro companheiro do time, Joaquim Guimarães. Com o empate nas eleições, a diretoria do Fluminense indicou Oswaldo Gomes para a posição no *Ground Committee*. Gomes não recebeu o apoio do time para a eleição e resolveu se vingar no capitão do time. Quando Borgeth entregou a escalação para o *Ground Committee*, Gomes não a aprovou e entregou uma nova escalação ao capitão. Nela, o nome de Borgeth não figurava no chamado “onze inicial”, nem para o banco de reservas. A revolta tomou conta dos jogadores, mas estes não se entregaram e jogaram as duas últimas partidas do campeonato, venceram e foram campeões levando apenas um gol. Era o time de um treinador profissional, inglês, conhecedor das mais avançadas técnicas de treinamento e táticas de jogo. O Fluminense foi campeão em 1911, assim como o Paulistano havia sido, com seu técnico profissional em 1907. Mas ao final do campeonato, nove dos seus onze jogadores abandonaram o clube em protesto contra o que havia acontecido com Borgeth. E foram todos se filiar a um grande clube da Zona Sul, um clube da elite, sem departamento de futebol, mas extremamente bem visto na sociedade carioca, o Clube de Regatas Flamengo. Os jogadores formavam um time sem clube. O Flamengo era um clube sem time. O Flamengo recebeu assim a base do time campeão carioca de 1911, as estrelas da cidade, o que possibilitou que crescesse ainda mais, se tornasse um clube maior e se aproveitasse das rendas do futebol.⁹⁸

Para a LMSA o fato foi ótimo, perdia o Botafogo, mas ganhava o Flamengo. Perderia com as rendas do Botafogo, mas havia um novo time capaz de suprir a sua ausência. E foi isso o que aconteceu, pois o Flamengo se inscreveu no campeonato e jogou logo na 1ª divisão, entrando pela porta da frente, sem disputar as divisões inferiores, na “canetada”, como se diz no meio futebolístico, em alusão à conquista da vaga apenas com a assinatura de papéis. Ao Botafogo restou o apoio de alguns times paulistas e a formação de uma nova liga de futebol, a Associação de Football do Rio de Janeiro. Formou seu campeonato com times de menor ou nenhuma expressão na cidade,

---

⁹⁸ Para se saber mais sobre o surgimento do departamento de futebol do CR Flamengo, consultar FILHO, M. op. cit., e *História do futebol brasileiro: Vol. I, C.R. Flamengo. Coleção Memórias do Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1983.

como o Cattete, o Americano, o Petropolitano e alguns clubes modestos com nomes inspirados nos grandes clubes de São Paulo, como o Internacional, o Germania e o Paulistano. Além do campeonato ser formado por equipes sem expressão, à exceção do Botafogo, a Associação não teve o sucesso esperado, as rendas de porta iam de mal a pior, a imprensa não dava muita atenção ao campeonato e o clube passou por grave crise econômica, sendo salvo pelas rendas dos jogos que fez contra os times paulistas, três contra a A.A. das Palmeiras, mais três contra o Americano e uma contra o Germania.

Em 1913, o Botafogo voltou para a LMSA e a Associação de Football acabou se extinguindo. O campeão daquele ano foi o America, consolidando-se como uma das principais equipes do cenário carioca e brasileiro. No ano seguinte, após muitas disputas entre Rio de Janeiro e São Paulo, nasceram duas entidades com o interesse de controlar o futebol nacional. Na capital federal surgiu a Federação Brasileira de Sports (FBS) e na capital paulista, a Federação Brasileira de Football (FBF). As duas entidades lutaram para conseguir ser a representante máxima do futebol brasileiro junto à Fédération Internationale de Football Association (FIFA). A vitória inicial foi da FBS; entretanto, as brigas continuaram até 1916, quando as duas entidades se fundiram na Confederação Brasileira de Desportos, sob a presidência do senhor Arnaldo Guinle. O futebol entrava então em uma nova fase, com os clubes relativamente estruturados, um campeonato de sucesso, uma confederação filiada à FIFA e uma seleção brasileira de futebol.

Os próximos anos vão assistir a uma explosão ainda maior do fenômeno futebol.

1.3 O crescimento do futebol suburbano

Como Benedito fizesse questão, fui até a sua casa, sede também do Clube das Violetas, de que é presidente. Para não perder tempo Benedito saltou a cerca do quintal e empurrou a porta, acendendo uma candeia. Eu vi, então, isso: um espaço de teto baixo, separado por uma cortina de saco. Por trás dessa parede de estopa, uma velha cama, onde dormiam várias damas. Benedito apresentou vagamente:

- Minha mulher.

Para cá da estopa, uma espécie de sala com algumas figurinhas nas paredes, o estandarte do clube, o vexilo das violetas embrulhado em papel, uma pequena mesa, três homens moços roncando sobre a esteira na terra fria ao lado de dois cães, e, numa rede, tossindo e escarrando, inteiramente indiferente à nossa entrada, um mulato esquelético, que parecia tísico. Era simples. Benedito mudou o casaco e aproveitou a ocasião para mostrar-me quatro ou cinco facadas e de balaços no corpo seco e musculoso. João do Rio, em *Vida Vertiginosa*, 1911.⁹⁹

A história acima, retirada de uma antologia de crônicas de João do Rio, antigo repórter, escritor, cronista e observador ímpar da cidade do Rio de Janeiro, mostra um aspecto interessante da formação da Capital Federal “regenerada” pelas reformas urbanas do início do século. A idéia de citar este trecho teve origem em um artigo de Nicolau Sevcenko,¹⁰⁰ que usou também uma parte dessa crônica ao fazer uma análise muito interessante das primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro. Alguns aspectos do desenvolvimento da cidade discutidos por ele nessa análise se sentem presentes também neste trabalho. Porém, o objetivo principal deste autor era ilustrar a paisagem dos morros cariocas, de suas ruas estreitas e tortuosas e de suas casas apertadas e humildes, fruto do processo de urbanização feroz que tomou conta das principais cidades do país e, principalmente, do Rio de Janeiro na época. Nicolau Sevcenko abordou principalmente a questão da vida dentro das casas, ou na intimidade das famílias presentes naquele novo tipo de “cidade dentro da cidade”, como afirmava João do Rio na mesma crônica.

Para o presente trabalho, o que chama a atenção é a presença naquela crônica de Benedito, por duas vezes chamado de “presidente do Clube das Violetas, sociedade cantante e dançante com sede lá em cima”,¹⁰¹ no morro de Santo Antônio, próximo ao Largo da Carioca, região central da cidade. No meio de um cenário de pobreza, destacava-se Benedito, o presidente do clube, e a sua casa, a sede do mesmo clube. Uma

---

⁹⁹ Esta nota foi extraída de uma antologia de crônicas de João do Rio, editada por Luis Martins (MARTINS, Luis. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005). Originalmente foi lançada em seu livro *Vida Vertiginosa*, de 1911.

¹⁰⁰ SEVCENKO, N. In: SEVCENKO, N (org.). pp. 513 a 619.

¹⁰¹ MARTINS, Luis. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005. p. 53.

vez que uma das propostas deste capítulo é estudar a formação e o desenvolvimento dos clubes de futebol mais simples da cidade, é inegável o valor desta crônica de João do Rio. Nota-se que Benedito é prontamente destacado do restante dos personagens da crônica, deixando de ser visto apenas como Benedito, mas também como o Benedito presidente do Clube das Violetas. Ser presidente do clube conferiu a Benedito um dos papéis de destaque na crônica de João do Rio. É necessário entender o que levou gente como Benedito e outros moradores do morro de Santo Antônio a se mobilizarem e organizarem um clube, a sua sede e a sua diretoria. A idéia é perceber uma apropriação do capital simbólico produzido pelos grandes clubes daquela sociedade em plena transformação para a ordem capitalista. Assim como vimos no capítulo anterior, a formação de clubes, de naturezas das mais diversas, foi uma das características peculiares das cidades marcadas pelo desenvolvimento do capitalismo. Aqui no Brasil não foi diferente, e quando esse processo se tornou mais intenso, a partir da segunda metade do século XIX, os clubes da elite passaram a ser uma das marcas da cidade do Rio de Janeiro, bem como de São Paulo, de Porto Alegre, de Salvador e de algumas outras cidades do Brasil. Além de proporcionar práticas políticas dentro de sua esfera (eleições para presidente, assembléias, pleitos, prestação de contas da diretoria aos associados), agregavam aos seus associados, principalmente os diretores e o presidente, símbolos que eram reconhecidos pela sociedade como conferidores de uma posição social mais elevada.

O que se vê acontecer na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, e que também foi comentado ao final do capítulo anterior, é que a população mais humilde da cidade passou a se apropriar desse capital simbólico produzido por esses clubes, fazendo eles mesmo seus clubes dançantes, blocos carnavalescos e clubes esportivos, principalmente de futebol. Benedito e seus companheiros perceberam que também poderiam ser presidentes, diretores, tesoureiros ou sócios dessas agremiações tão em moda na *Belle Epoque* carioca. Se não era possível se associar aos grandes clubes da cidade, como o Jockey Club ou outras associações do tipo, fazia-se o próprio clube. Dessa maneira, os clubes das camadas mais humildes das grandes cidades brasileiras pareciam buscar uma aproximação com hábitos, práticas e vivências típicas da elite. Tentando essa aproximação, os clubes mais humildes buscavam produzir também seus próprios símbolos, símbolos que lhes conferissem algumas posições mais altas na escala social, na percepção destes indivíduos. Benedito só se tornou um dos personagens principais de uma crônica de João do Rio, porque organizou com alguns

dos moradores do morro de Santo Antônio (todos boêmios, inveterados bebedores da cachaça Parati, operários que estavam “parados”) um clube de seresteiros, montando uma sede, ainda que em sua humilde casa, e elegendo uma diretoria e um presidente para o clube. Essa iniciativa fez com que Benedito fosse percebido de forma distinta por João do Rio, em relação a outros moradores da cidade, chamados de *mulatos*, apontados como *bando*.

A intimidade da casa de Benedito, invadida pelo astuto cronista, revela um cenário de muita pobreza, de muita miséria. E entre divisórias internas feitas de cortina de saco de estopa e paredes de madeira que davam estrutura à casa, lá estava reluzente o estandarte do Clube das Violetas. Afinal de contas, aquela era não só a sede do clube, mas também a casa do presidente. Assim como havia o Clube das Violetas no morro de Santo Antônio, centenas, até mesmo milhares, eram os clubes espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Foi impressionante o crescimento do número de associações dos mais diversos tipos durante as três primeiras décadas do século XX. Parecia que a República que estrangulava a participação política popular movia as camadas mais baixas da população a se unir e buscar um papel de ator social mais relevante no cenário urbano. Como nota José Murilo de Carvalho, a população mais humilde do Rio de Janeiro foi relegada politicamente no momento em que o novo regime político se instaurou. O impedimento da participação política de mulheres, analfabetos e menores de 21 anos, além dos estrangeiros, na Constituição Federal de 1891, praticamente excluía do jogo político grande parte da população, incluindo as camadas menos favorecidas da sociedade. A questão do analfabetismo impunha uma barreira enorme, principalmente para os negros, em sua maioria ex-escravos ou seus descendentes, e para a maioria dos imigrantes moradores no país. O número de pessoas que votava nas eleições, por exemplo, era ínfimo se comparado ao total da população brasileira. Sem se resignar, a alternativa era buscar nas associações alguma forma de participação. Em todo lado havia um clube, uma associação, um sindicato, uma reunião. Os clubes e associações tiveram um crescimento enorme durante a década de 1910. Eram blocos carnavalescos, clubes dançantes, clubes de samba, de leitura, de xadrez, de remo e, é claro, de futebol. Muitos clubes de futebol, centenas deles. Tantas eram as associações que foi aprovada uma lei, a Lei Federal nº 173 de 10 de setembro de 1893, que obrigava todas as associações a registrar seus estatutos na polícia, juntamente ao Departamento de Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal.

A cidade em transformação apresentava, no início do século, uma vida intensa, cheia de novidades para seus habitantes e dessa maneira transformava-se num complexo mosaico de novas cores e dramas. As pesquisas sobre a cidade do Rio de Janeiro da chamada *Belle Époque* foram profícuas em apontar novas possibilidades de investigação. São estimulantes as obras já citadas de José Murilo de Carvalho, Sidney Chalhoub, Gladys Sabino, entre tantos outros pesquisadores da cidade do Rio. Incentivados por estes e outros pesquisadores, foram aos poucos surgindo pesquisas sobre o futebol praticado pelos times do subúrbio do Rio de Janeiro, sendo a principal delas a obra de Leonardo Affonso de Miranda, *Footballmania*.¹⁰² Para a investigação dos pequenos clubes de futebol, foram utilizados, além dos periódicos da cidade, os estatutos e os pedidos de autorização para o funcionamento desses clubes, registrados junto à polícia do Distrito Federal e à disposição no Arquivo Nacional – RJ.

A proposta é analisar a formação dos clubes de futebol mais populares da cidade, principalmente aqueles mais afastados do centro e da Zona Sul, mais conhecidos como clubes de subúrbio. Eram estes os clubes que na maioria dos casos aceitavam negros, analfabetos e estrangeiros, desde que cumprissem com o que era determinado nos estatutos. Alguns clubes se prestavam a ser elitistas, colocando barreiras mais concretas quanto à adesão dos associados e também merecerão destaque neste estudo.

Mas a grande maioria destes clubes cobrava mensalidades e jóias com valores baixos, muitas vezes algo como 1\$000 por mês. Vale lembrar que os clubes da elite da Zona Sul cobravam mensalidades de mais de 5\$000 no início da primeira década do século XX. Esses valores chegavam a 40\$000 na década de 1910, como era o caso das mensalidades do Fluminense,¹⁰³ revelando o abismo entre os grandes clubes e as agremiações mais populares. As jóias também eram baixas, 2\$000 na maioria das vezes, contra 10\$000 dos clubes mais ricos. A análise dos pequenos clubes de futebol será feita através de *seis* olhares, que se intercalam, com vistas a uma melhor reconstituição deste fenômeno, particularmente interessante no caso da cidade do Rio de Janeiro. Primeiramente, devemos observar esses clubes como uma apropriação do capital simbólico produzido pelos clubes da elite da cidade, numa abordagem inspirada nas obras de Pierre Bourdieu. Ainda que os clubes da elite fossem círculos fechados, suas práticas públicas foram rapidamente percebidas e assimiladas pelas camadas inferiores.

---

¹⁰² PEREIRA, L. A. de M. op. cit.

¹⁰³ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1916*. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1917.

Os clubes formados por gente mais humilde também tinham o objetivo de conferir aos seus associados e jogadores símbolos importantes para uma escalada nos degraus sociais. Era um *Sport Club*, um *Athletic Club*, não importa se da Mangueira, de Bangu ou de Santa Cruz, podendo almejar vitórias que lhe dessem condições de um dia participar do campeonato dos grandes clubes da cidade. Num segundo momento, a análise será feita dentro da proposta de José Murilo de Carvalho, olhando para os clubes de futebol como uma possibilidade de participação política das camadas mais baixas, excluídas da participação política formal. Dessa maneira, essas camadas poderiam vivenciar suas experiências republicanas à maneira dos “bilontras” citados pelo autor. O olhar deve recair, também, sobre o controle que as autoridades exerciam nesses clubes através dos registros policiais obrigatórios. O fenômeno foi percebido pelas autoridades republicanas, que logo tentaram vigiá-lo e controlá-lo, ainda que muitas vezes sem sucesso. Os estatutos exigiam que os associados não tivessem registro na polícia e que tivessem uma conduta moral positiva dentro e, algumas vezes, fora do clube. A exigência de que os associados desses clubes fossem trabalhadores – operários fabris, empregados do comércio ou em qualquer profissão considerada honesta – permite elucidar como o futebol praticado em clubes ligados às fábricas tornou-se, também, um instrumento para incutir, nessa sociedade, ainda tão próxima do passado escravista, uma nova ética do trabalho. Assim, os clubes ligados a fábricas e estabelecimentos comerciais merecerão um pouco da atenção na tentativa de analisar mecanismos de alívio nas tensões entre patrões e empregados e as formas mais comuns de associação entre empregadores e empregados num momento em que eram muitas as greves que atingiam o setor industrial. Por fim, veremos esses clubes como formadores de um novo tipo de trabalhador, o jogador profissional de futebol: num primeiro momento, jogadores em busca de um lugar nos clubes grandes para obter um bom emprego com seus diretores e simpatizantes mais influentes; posteriormente, jogadores buscando espaço como profissionais do jogo, i.e., o emprego de jogador de futebol. A viabilidade econômica para a formação de jogadores, com os clubes tentando se localizar na proximidade de estradas de ferro ou das linhas de bondes da cidade, de maneira a estimular os encontros entre os times de futebol, passa a ser o mote dessas pequenas agremiações, verdadeiras expressões da urbanidade carioca.

Uma das questões mais interessantes quando se trabalha com os estatutos das agremiações menos conhecidas da cidade, a maioria organizada por pessoas das camadas economicamente menos favorecidas, é perceber a necessidade que os dirigentes e sócios desses clubes tinham de tentar se aproximar das práticas esportivas da elite, de seu modo organizacional e, portanto, de parte de toda a simbologia que existia em volta dos chamados grandes clubes de futebol. Adotando o conceito de que o futebol é um sistema simbólico com uma realidade própria que pode ser analisada em si, mas que não pode deixar de estar vinculada aos sistemas institucionais e de poder vigentes à época,¹⁰⁴ pode-se analisar a formação dos clubes menos conhecidos como um processo de apropriação do capital simbólico produzido por aqueles que introduziram o futebol no Rio de Janeiro, a elite da cidade. Os primeiros clubes praticantes deste esporte na cidade funcionavam como *aparelhos de produção simbólica institucionalizados*, que produziam símbolos de aproximação com o mundo europeu e civilizado. À medida que o futebol se desenvolvia, que ia ganhando simpatizantes e que passava a ser parte integrante das práticas mais estimuladas pela República, as camadas menos abastadas passaram a se aproximar desse esporte. O capital simbólico advindo desses *aparelhos de produção simbólica institucionalizados* passam então a ser apropriados na medida em que as pessoas das camadas não identificadas com a elite passam a organizar seus próprios clubes, a elaborar e redigir estatutos e a registrá-los na polícia da Capital, submetendo-se ao controle das autoridades, inclusive em suas vidas particulares, uma vez que alguns diretores forneciam seus endereços e até os endereços de seus trabalhos.

A constituição de uma rede simbólica está intrinsecamente ligada aos atos reais, individuais ou coletivos, praticados em uma sociedade. No caso da prática do futebol no Brasil, agentes sociais organizados coletivamente produziam, através dos clubes, ligas e competições de futebol, uma rede simbólica de um *status* social mais elevado, de uma maior afinidade com os modelos e padrões sociais europeus, considerados expoentes do mundo civilizado. Estes modelos, juntamente com o exercício individual do autocontrole do comportamento e dos sentimentos de cada um, deveriam ainda ser estimulados pelas autoridades e pelas camadas da elite.¹⁰⁵ Dessa maneira, clubes esportivos se encaixavam nessa busca por novos “modelos e padrões sociais”

---

¹⁰⁴ MICELI, Sergio. *A Força do Sentido*. in: MICELLI, Sergio (org.) *A economia das trocas simbólicas/ Pierre Bourdieu*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. VIII.

¹⁰⁵ DUNNING, Eric. *Reflexiones Sociológicas sobre el Deporte* in BROHM, Jean-Marie *et all* (org.) op.cit., p. 85.

estimuladores de práticas controladas de divertimento, tanto para os praticantes dos esportes como para os frequentadores de suas sedes e campos esportivos. Esse processo, já analisado anteriormente, estimulou a formação dos clubes das camadas mais abastadas da sociedade, como também de clubes populares que tentavam uma maior aproximação com as práticas dessa elite.

Mas há um componente que deve ser levado em consideração no momento da análise da produção simbólica, que é o componente do imaginário, ou “alguma coisa ‘inventada’ [...] onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações ‘normais’ ou ‘canônicas’”.¹⁰⁶ A massa de trabalhadores urbanos, os considerados pela elite e pela autoridade como desclassificados e indesejáveis, passaram então a conferir significados aos símbolos produzidos pela elite e a se apropriar deles, levando para a esfera do imaginário a possibilidade de aproximação com esses clubes, com essas práticas e com o mundo civilizado, da ordem, da disciplina, da higiene. Os clubes de subúrbio investiam nesses símbolos de *status* que a prática do futebol e a formação de clubes e ligas proporcionaram quando dos anos introdutórios do futebol na cidade. Constituíam suas equipes, seus clubes, suas ligas, jogavam para ser como era a elite e o seu imaginário usava os símbolos para existir, “para passar do virtual a qualquer coisa mais”.¹⁰⁷ Assim, nos subúrbios ou dentro das fábricas, os clubes de futebol surgiam para ser uma espécie de associações de distinção em meio às camadas inferiores. Como ter destaque nos bairros suburbanos? Como ostentar símbolos de distinção que levassem o indivíduo a ser percebido, no seu meio, como parte do mundo das camadas mais altas na escala social? Uma das estratégias era ser sócio de um desses clubes, fazer parte de uma dessas ilhas de produção simbólica dentro do mar de pobreza e miséria em que se encontrava a maior parte das camadas inferiores da Capital Federal. A cidade febril e convulsiva apresentava seu lado saudável, moral, honesto e de práticas autorizadas e com as benesses das autoridades responsáveis.

Os sócios dos clubes estavam autorizados a usar os distintivos do clube, devendo portar-se bem quando estivessem empunhando os símbolos ou uniformes dos clubes, quer em competição, na sede social, ou mesmo fora dela. Usar um distintivo de lapela, costurar o símbolo do clube no casaco ou no chapéu conferia àqueles que o ostentavam

---

¹⁰⁶ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 154.

¹⁰⁷ Ibid. p. 142.

a percepção de que se estava na presença de um ilustre sócio desta ou daquela associação esportiva. Tomemos como exemplo o Sport Club Santa Cruz. Seus sócios deveriam ser homens, sem distinção de cor ou nacionalidade. Não há menção a uma idade mínima para os associados. Com seu atestado de moralidade comprovado pela comissão de sindicância, órgão de praxe em quase todos os clubes, responsável pelo apuramento das informações dos proponentes a sócio e pela investigação das condutas de seus associados, e aceito pela diretoria do clube, o novo sócio deveria pagar a jóia módica de 1\$000, e o mesmo valor pelas mensalidades. A partir daí, o Capítulo III, Art. 15º dos estatutos do Santa Cruz definia como primeiro direito dos sócios o de “frequentar o Club, usar o seu distintivo e gosar de todas as regalias que lhe [eram] inherentes”.¹⁰⁸

Ao sócio cabia, além de frequentar o clube, usar o seu distintivo (o próprio nome já designa para que servia tal objeto) e algumas regalias inerentes ao próprio fato de ser associado de uma agremiação. Associar-se “abre as portas” para várias possibilidades, assim como não ser sócio de um clube impede o acesso às mesmas.

Se esta pessoa ocupasse um cargo de diretoria do clube era comum que logo se apresentasse como diretor, procurador ou presidente de uma dessas pequenas agremiações. As vitórias dos clubes extrapolavam o campo, colocavam operários, comerciantes ou funcionários liberais de pequeno escalão nas páginas dos jornais, promoviam reuniões entre ligas, inclusive com a principal liga da cidade e mesmo com a Confederação Brasileira de Desportos, incluindo o clube suburbano em esferas nunca antes imaginadas. Aos jogadores cabia participar de festivais com os clubes da elite, quando estivessem frequentando times menores das divisões inferiores da LMDT, e sair nas mesmas páginas de revistas e jornais que os jogadores dos principais clubes da cidade.¹⁰⁹ De volta ao convívio dos seus, eram vistos como pessoas ilustres, como gente simples que não era mais gente simples, pois conviviam agora, ainda que por algumas horas em reuniões esporádicas, com os dirigentes do Fluminense, do Flamengo e do

---

¹⁰⁸ Fonte: Estatutos do *Sport Club Santa Cruz*, fundado em 15 de setembro de 1912. Arquivo Nacional, Caixa IJ6- 655.

¹⁰⁹ Além das várias notícias diárias dos principais jornais da cidade, a revista *Vida Sportiva: Hebdomanario Illustrado, Portivo e Mundano*, com algumas edições ainda guardadas na Biblioteca Nacional- RJ, revela outro mundo do futebol carioca. São fotos e mais fotos de diversos times pequenos, festivais de subúrbio, torneios com equipes grandes e pequenas, e até a cobertura do primeiro grande título internacional da seleção brasileira, o Campeonato Sul-americano de 1919. Algumas fotos desta revista podem ser encontradas no anexo com a parte iconográfica do trabalho, onde se pode notar um número grande de pequenas agremiações atuando na cidade e a presença quase constante de negros nessas equipes. Iconografia: Imagem III.

Botafogo. Davam entrevistas para *O Imparcial*, para *A Vida Sportiva*, para a *Revista da Semana*. Suas fotos, algumas vezes, apareciam estampadas nessas revistas ao lado dos grandes craques da cidade.

Uma das metas dessas agremiações era funcionar como os grandes clubes da cidade, para poderem ser, de alguma maneira, colocados num mesmo grupo social: o dos clubes de futebol. No entanto, já que não podiam cobrar dos seus futuros associados o que cobravam os clubes grandes da Zona Sul, os pequenos clubes suburbanos cobravam mensalidades de às vezes 10% do valor da mensalidade de um grande clube. De resto, funcionavam como os grandes clubes, com mecanismos rígidos de aceitação de sócios, mecanismos de cobranças de mensalidades em atraso e multas, e rígido controle do comportamento sob pena de eliminação dos sócios, como será demonstrado mais adiante. Dessa forma, os clubes cobravam profissão, conduta moral, cumprimento das leis da agremiação e da sociedade e só aceitavam sócios indicados por outros sócios, que apadrinhavam a candidatura do proponente. Conseguiram, portanto, isolar os indesejáveis de seu seio e mostrar-se parte integrante do grupo seletivo dos clubes de futebol. Através desse esporte, da formação de clubes e da participação em ligas e competições, esses agentes sociais perceberam a possibilidade de assumirem outra condição na percepção da sociedade, talvez tão importante para aqueles indivíduos quanto à verdadeira posição social que ocupavam. Estava criada uma “zona de sombreamento” entre a elite e as camadas menos abastadas, possibilitando aos clubes menores entrarem em algumas esferas da “cidade civilizada”, se apropriar dos seus símbolos e tentar ser imaginada como uma parte desse mundo mais em consonância com os desejos da elite e das autoridades republicanas. Essas autoridades viam com bons olhos a proliferação de times de futebol que se integravam de maneira interessante, ao seu modo de ver, à nascente República, tão excludente em seus processos legítimos de participação política. A vivência nos clubes e a prática de esportes estavam longe de ser as duas únicas maneiras dessas pessoas estarem em consonância com os novos tempos. Excluídos pelo governo, esses “desclassificados” vão buscar, nas práticas políticas dentro dos clubes e nas arquibancadas dos estádios, a possibilidade de atuação política (dentro de certas e grandes limitações, é claro).

Os “cidadãos” do futebol

Os primeiros anos republicanos da história do Rio de Janeiro, bem como de todo o país, foram marcados pela falta de compromisso político dos novos cidadãos republicanos nas eleições. Deixando de ser súditos, a maioria destes novos cidadãos da República pouco participou do processo que levou à queda do regime monárquico. Nos principais estudos sobre os primeiros anos republicanos na cidade do Rio de Janeiro,¹¹⁰ percebe-se a pouca presença de eleitores às urnas nos principais pleitos eleitorais. As próprias condições exigidas para um brasileiro ser eleitor já mostrava o caráter excludente da República no país. Se no Império o voto e as candidaturas eram regidos por critérios censitários, o voto republicano estava muito longe de ser um voto amplo que abrangesse a maioria da população. A idade mínima de 21 anos para ser eleitor, o impedimento das mulheres, e daqueles que não conseguissem escrever seu nome completo nas cédulas, os analfabetos, além dos *praças de pret* e frades, deixavam a representação eleitoral muito pequena. Na cidade do Rio, por exemplo, em 1890, a população era de 515.559 habitantes. Excluindo-se os menores de 21 anos, as mulheres, os analfabetos, os *praças* e frades, ficavam então os 109.421 potenciais eleitores.¹¹¹

A exclusão de 80% da população do direito político do voto já é um indicador do pouco que significou o novo regime em termos de participação. O quadro agravava-se se examinarmos o uso que a população fazia da franquia existente, isto é, o número de fluminenses que se alistavam e realmente votavam nas eleições republicanas.¹¹²

Dos quase 110 mil potenciais eleitores acriocas, só 28.585 se alistaram para as eleições da Assembléia Constituinte e, apesar do aumento populacional desses anos na cidade, só 7.857 pessoas votaram nas primeiras eleições diretas para presidente, entre Prudente de Moraes e Rui Barbosa.

Os números claramente mostram como foi a absorção da idéia do que era viver em um regime republicano, na medida em que se toma apenas a participação nas eleições. Mas o que vem se tornando cada vez mais claro nas principais pesquisas a respeito do tema é que os cariocas tiveram sim uma participação grande nos rumos que a República Brasileira foi tomando em seus primeiros anos. Se não foram as eleições, foram as associações, os clubes das mais variadas atividades, os sindicatos e suas

---

¹¹⁰ Muitas das obras já foram citadas em notas anteriores e estão na bibliografia, ao final do trabalho. Neste caso, o ponto a ser abordado assemelha-se ao de José Murilo de Carvalho no livro *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. CARVALHO, José Murilo de. op. cit.

¹¹¹ Fonte: [Brasil. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890](#). Rio de Janeiro, Imp. nacional, 1892.

¹¹² CARVALHO, J. M. op.cit., p. 85.

greves, as manifestações e as revoltas ao longo do período que mostraram algumas faces de parte da população do Rio de Janeiro. Muitas foram as revoltas marcadamente populares dos primeiros anos do regime, com destaque para a Revolta da Vacina, a sucessão de greves, as manifestações contra o aumento de preços, as revoltas dos baixos escalões da marinha - como a revolta da Chibata - e algumas revoltas do exército com participação de elementos das camadas mais baixas, como as revoltas do chamado movimento tenentista.

Essa participação pode ser amplamente percebida quando se estuda um pouco mais a fundo o mundo dos clubes de futebol das camadas mais humildes, as menos bem posicionadas da cidade. Através da análise de seus estatutos, podemos perceber um mundo de vivência política, de tolerância, de convivência e de maior democracia do que se vivia nas instâncias oficiais providas pelo governo. Como foi dito anteriormente, a Lei Federal nº 173, obrigava os clubes e associações a registrar seus estatutos e a renovar a licença anualmente. Os arquivos da polícia do Rio estão guardados no Arquivo Nacional em bom estado de conservação. As caixas revelam um mundo à parte do futebol carioca. São mais de duas centenas de clubes de futebol registrados entre os anos de 1915 a 1923, momento em que recaíram as nossas pesquisas a esses clubes. São pelo menos sete ligas de futebol funcionando na cidade paralelamente à principal entidade carioca desse período, a Liga Metropolitana de Sports Athleticos, que, em 1917, passou a se chamar Liga Metropolitana de Desportes Terrestres.

No que diz respeito à análise desses clubes como uma alternativa à participação política “franqueada” pelo governo, o estudo dos estatutos dos clubes é bastante revelador. A maior parte dos clubes localizados na zona suburbana do Rio, além de não fazer restrições à cor, o que mostra seu caráter mais democrático, cobrava mensalidades em geral mais baratas que os clubes grandes, e tinha também suas práticas políticas bastante democráticas, no tocante às eleições e escolha dos principais dirigentes do clube.

Os estatutos tem basicamente a mesma estrutura, sendo uns mais longos e outros mais reduzidos. Todos eles começam com um capítulo geralmente intitulado “Do Club e seus fins”. A este estudo interessa os clubes que coloquem neste capítulo que sua finalidade seja a prática esportiva, principalmente o futebol. Seguindo esse critério, foram vistos 174 estatutos de clubes na cidade.

Neste primeiro momento interessa a análise dos capítulos que se referem aos sócios, sua admissão, conduta, penalidades e à eleição dos dirigentes do clube. É

importante ressaltar que a própria natureza de clube também tem caráter limitador, uma vez que nenhum clube é aberto a todos. As agremiações tem regras para a admissão e permanência do sócio, com mecanismos bastante claros de controle dos associados, o que será trabalhado mais tarde neste capítulo. Dentro do clube havia diferenças entre os associados, assim como havia as diferenças sociais no mundo cotidiano. Essas diferenças também eram definidas pelo critério econômico.

Os capítulos sobre sócios geralmente são os primeiros e definem a admissão de pessoas, seus direitos e deveres, jóias e mensalidades a serem pagas. São raros os casos em que as limitações à cor aparecem explícitas nos estatutos, como é o caso do Sport Club Americano, fundado em 26 de agosto de 1914, com sede na freguesia de Santo Antônio, situada na considerada região urbana da cidade. A freguesia de Santo Antônio contava, em 1906, com 38.996 habitantes, sendo que destes 41,01% eram analfabetos.¹¹³ O Sport Club Americano fez uma reforma estatutária, infelizmente não se sabe quando (provavelmente no ano de 1921), que deixava explícito o racismo dos membros associados ao seu clube. Nos estatutos, no primeiro parágrafo do Art. 4º estava escrito: “não poderão fazer parte deste Club, qualquer indivíduo de côr escura, exceptos os que já faziam parte por ocasião da refforma destes estatutos”.¹¹⁴

O clube também deixava mais claro o limite para aqueles que se aventurassem a se tornar sócios do S. C. Americano, ao determinar uma jóia de 2\$000 e uma mensalidade de outros 2\$000, acima da maior parte dos clubes modestos, que cobravam apenas 1\$000 de mensalidade. Mesmo assim, as taxas mensais do Americano são muito mais baratas que as do Botafogo ou do Fluminense, que, em 1916, já cobrava mensalidades de 40\$000, como visto anteriormente. Interessante foi notar que em outra caixa, do ano seguinte, havia outro Sport Club Americano, com jóia de 2\$000 e 1\$000 de mensalidade.

Mas não eram apenas restrições sociais, raciais ou econômicas as que apareciam nos estatutos. O Sport Club Galeão, com endereço na Praia do Galeão, n. 180, Ilha do Governador, previa, no capítulo II, artigo 4º, alínea *b*, de seus estatutos, que para ser admitido sócio era preciso “estar no goso de perfeita saúde e não ter defeito physico”.¹¹⁵

Apesar das restrições acima, o S. C. Galeão era um clube bastante popular. Basta apontar o valor de suas jóias e mensalidades, 2\$000 e 1\$000 respectivamente, ou a

---

¹¹³ Fonte: *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906*. Rio de Janeiro, Off. da Estatística, 1907-1908. Vale destacar que havia 25 freguesias na cidade.

¹¹⁴ Fonte: Estatutos do *Sport Club Americano*, fundado em 26 de agosto de 1914. Caixa 6C-479.

¹¹⁵ Fonte: Estatutos do *Sport Club Galeão*, de 5 de outubro de 1919, caixa 6C-432.

formação de sua diretoria, com o *Captain*, Manoel Freitas, e o Diretor de Campo, Antonio Brito, ambos pescadores. O presidente do clube, Francisco Leitão e o vice, João Thomaz, estão na lista de diretores assinalados com a rubrica “commercio”. Não podemos saber se eram donos de estabelecimentos comerciais, o mais provável, ou empregados do comércio. Mesmo com pescadores como membros da diretoria, é bom olhar com atenção suas funções. O *captain* é uma espécie de técnico e jogador ao mesmo tempo, mas é subordinado aos outros diretores. Vejamos as atribuições do *captain* do S.C. Galeão, inseridas no Capítulo VI “Da Directoria e suas atribuições”, artigo 16:

Ao Captain compete

- a) organizar os teams e treinal-os;
- b) acceitar e propor matches com demais congeneres, de accordo com o presidente;
- c) zelar e fazer zelar por todo material sportivo do club;
- d) comunicar à Directoria quando algum player não obedecer às suas ordens sportivas”

Eram poucos os times com técnicos exclusivos. Na maior parte das vezes, o *captain* resolvia como seriam os treinos, a escalação dos times e o posicionamento tático em campo. Mas fica claro nos estatutos a sua subordinação ao presidente e à diretoria, só podendo marcar jogos com a aprovação do presidente e não podendo punir os atletas diretamente quando estes não acatavam suas ordens. Já o “diretor de campo” nada mais era que uma espécie de zelador do campo do clube. Vejamos as suas atribuições, no artigo 18 do mesmo capítulo:

Ao Director de Campo compete:

- a) zelar pela boa ordem dentro do campo;
- b) marcar o campo sempre que for necessário;
- c) botar bola em campo nos dias e hora que for marcado;
- d) communicar ao captain quando punir algum player por indisciplina;
- e) ter sob sua guarda todos os utensílios do club.

Outros clubes se colocavam à moda da República. Diziam ser democráticos, que aceitavam a todos, mas uma brecha em seus artigos aventa a possibilidade de exclusão de alguns “indesejáveis”.

O Amaro Football Club, clube fundado em 1923, em endereço desconhecido, colocava jóia e mensalidades a 5\$000. E em seu capítulo II, Art. 3º, sobre a admissão dos sócios, deixa no ar a dúvida quanto à admissão dos associados: “O Club compor-se-á de associados em número illimitado sem distinção de nacionalidade, crença religiosa ou opinião política, desde que sejam respeitados os principios constitucionais da

República”.¹¹⁶ Se forem respeitados os princípios constitucionais da República, sabemos que muitos serão aqueles que não poderão fazer parte desta agremiação futebolística. Os 5\$000 por mês, de qualquer maneira, já afastaria boa parte da população de mais baixa renda, mas fica a impressão que o Amaro não aceitaria como sócios analfabetos e mulheres. A idade mínima para se tornar sócio era 17 anos, na condição de sócios aspirantes, ainda sem direito a voto.

As mulheres só eram aceitas nos clubes quando esposas ou filhas dos sócios. A questão do analfabetismo é rara entre os clubes mais modestos, mas também aparece. No Sport Club Nacional, um dos clubes mais humildes da cidade, no bairro Encantado, entre as estações de Engenho de Dentro e Piedade, na Estrada de Ferro Central do Brasil, com jóia de 2\$000 e mensalidades de 1\$000, os analfabetos eram excluídos de votar e serem votados nas assembléias do clube. Conforme o Capítulo VI, Art. 17, os sócios tinham os seguintes “Direitos e regalias” :

- 1º- de tomar parte em todos os divertimentos do Club;
- 2º- de propor por escripto qualquer medida de interesse social;
- 3º- de apresentar queixa ou reclamação a bem de seus direitos, podendo discutir mas não votar;
- 4º- de requerer a convocação de Assembléia Geral Extraordinária em petição assignada por 20 sócios quites, declarando quais os motivos que tem para isso; convocação essa que não pode ser recusada pelo presidente, nem demorada por mais de quinze dias, sob pena de ser feita legalmente pelos requerentes; [...]
- 7º - de discutir, votar e ser votado para os cargos administrativos, com excepção dos analphabetos; [...].¹¹⁷

E assim todos os direitos às práticas políticas (que até eram bastante avançados se comparados com os estatutos das outras agremiações), como a possibilidade de fazer uma Assembléia Geral Extraordinária à revelia do presidente, se esvaem na questão da impossibilidade dos analfabetos discutirem, votarem ou serem votados para os cargos administrativos.

Como se pode observar, existiam barreiras bastante claras que os clubes impunham para que as pessoas pudessem se tornar sócias. A própria questão da admissão por proposta de outro sócio e a aprovação dos novos associados em assembléia já mostra um caráter exclusivista do clube. Mas estes tipos de deliberação, como foi afirmado, são exceções no quadro geral dos clubes mais humildes da cidade. O que se pode ver com mais

---

¹¹⁶ Fonte: Estatutos do *Amaro Football Club*, fundado em 8 de abril de 1923, caixa 6C-571.

¹¹⁷ Fonte: Estatutos do *Sport Club Nacional*, fundado em 25 de julho de 1918, caixa IJ6- 655.

frequência no primeiro capítulo, que se refere aos sócios, são frases como: “sendo illimitado o número de seus membros, sem distinção de nacionalidade, opinião política ou religiosa”,¹¹⁸ do *Alliança Football Club*, localizado na rua das Laranjeiras, n. 471, no bairro de mesmo nome, Zona Sul da cidade e que cobrava 2\$000 de mensalidade em 1921; ou ainda: “será constituído por número illimitado de sócios e por tempo indeterminado”,¹¹⁹ do *Amigos da Pátria Football Club*, da Rua Affonso Ferreira, n. 23, Engenho de Dentro, clube de subúrbio que cobrava 1\$000 de mensalidade em 1919. Há ainda o caso do *Belisário Penna F.C.*, clube fundado em 1920 na Estação de Vigário Geral, ramal da Estrada de Ferro Leopoldina, também nos subúrbios da Zona Norte do Rio de Janeiro, em cujos estatutos, no Capítulo I, Art.1º, alínea *a* estava escrito: “será composto por illimitado número de sócios, sem distinção de classes ou nacionalidade”.¹²⁰

O *Brazileiro Foot Ball Club* deixava clara sua intenção de não segregar racialmente seus associados logo no Capítulo I, Art.3º: “O Club compor-se-há de número illimitado de sócios do sexo masculino, sem distinção de cor ou nacionalidade”.¹²¹ Se por um lado deixa claro que não fazia distinção de cor, também deixava clara a intenção de não ter mulheres como sócias do clube. Havia também uma faixa etária para se ser sócio: dos 15 aos 50 anos de idade. Os clubes eram assim, abertos por alguns lados, porém fechados por outros. Era próprio da natureza dessas associações.

Esta primeira análise dos dispositivos gerais de aceitação dos sócios nestas associações nos leva a perceber que o perfil de potenciais associados é o de homens, sem distinção de classe, nacionalidade ou cor. Em relação à idade, a maior parte desses dispositivos não faz menção, mas pontua que os maiores de 17 anos podem ser sócios aspirantes, depois passando a efetivos. Só o fato de não fazerem menção à nacionalidade, nem à questão do analfabetismo, já ampliava bastante o espectro de potenciais associados. Com certeza, o “potencial de associados” dessas agremiações era bem maior do que os 20% da população calculados por José Murilo de Carvalho como o “potencial eleitoral” carioca.

---

¹¹⁸ Fonte: Estatutos do *Alliança Football Club*, fundado em 1910, caixa IJ6- 759.

¹¹⁹ Fonte: Estatutos dos *Amigos da Pátria Football Club*, fundado em 20 de setembro de 1919, caixa IJ6- 763.

¹²⁰ Fonte: Estatutos do *Belisário Foot Ball Club*, fundado em 7 de junho de 1920, caixa 6C- 571.

¹²¹ Fonte: Estatuto do *Brazileiro Foot Ball Club*, fundado em 20 de abril de 1914, caixa 6C- 479.

As práticas políticas dos pequenos clubes cariocas transformaram-se em um dos poucos canais de participação social permitidos pelo governo. Podemos perceber de que maneira estas práticas poderiam preencher a expectativa de participação política não permitida, ou não utilizada em outros meios pela população. Nesse sentido, os estatutos são ainda mais esclarecedores. Rompidas as primeiras barreiras para que uma pessoa se tornasse associada, e que fique claro, mais uma vez, que não eram poucas as barreiras,¹²² os associados tinham plenos direitos e deveres dentro do clube.

Tomemos como exemplo o Sport Club Bom Sucesso, da estação e subúrbio de mesmo nome no Rio de Janeiro. Clube modesto, aceitava sócios apresentados por outros sócios, se aprovados pela Comissão de Sindicância e em Conselho, cobrava mensalidades de 1\$000, não fazia distinção de nacionalidade ou cor e exigia apenas que seus sócios fossem homens, maiores de 15 anos e que cumprissem os seguintes deveres: pagar pontualmente as mensalidades, participar por escrito de mudança de endereço, respeitar os estatutos e acatar as decisões da diretoria e da Assembléia Geral. A partir daí os sócios tinham direito a tomar parte nas Assembléias Gerais, votar e ser votado para qualquer cargo administrativo, a requerer convocação para Assembléia Extraordinária (com requerimento explicando o motivo da assembléia e assinada por quinze sócios quites), além das regalias tradicionais de um clube esportivo, como poder usar o respectivo uniforme, tomar parte nos times de futebol, e frequentar as arquibancadas em dias de jogos.¹²³ Outro exemplo, é o Sonho de Ouro Foot Ball Club, que, segundo seus estatutos, “não [poderia] ter sua sede fora dos limites da paróquia de Inhaúma”, subúrbio carioca, próximo à estação de Del Castilho, no ramal de Queimados, da E.F. Central do Brasil. Muitas de suas determinações eram parecidas com as do Sport Club Bom Sucesso, como as mensalidades de 1\$000, jóia de 2\$000, admissão de sócios sem qualquer restrição no estatuto e direitos amplos como o de “denunciar em Assembléia Geral, erros da administração”.¹²⁴

São muitos os clubes pequenos com poucas restrições para candidatos a sócios, menos restrições que aquelas que a República exigia de seus habitantes para que fossem cidadãos. Ao ultrapassarem as barreiras da comissão de sindicância, esses sócios passam a ter plenos direitos dentro das suas associações e uma prática de vivências políticas que não tinham nas instâncias que o governo republicano criou. Os sócios da

---

¹²² Na maioria dos casos, as exigências eram: ser homem, maior de 15 anos, ser indicado por um sócio, ser aprovado pela assembléia de sócios e pagar a 1ª jóia e as mensalidades subsequentes.

¹²³ Fonte: Estatutos do *Sport Club Bom Sucesso*, fundado em 22 de abril de 1917, caixa IJ6- 649.

¹²⁴ Fonte: Estatutos do *Sonho de Ouro Foot Ball Club*, fundado em 26 de junho de 1922, caixa 6C- 571.

maioria dessas agremiações podiam votar e ser votados, reclamar em assembléias, convocar assembléias extraordinárias, fiscalizar as contas do clube, denunciar situações à assembléia que achassem pertinentes e propor novos sócios para o clube. Em alguns clubes a eleição era por escrutínio secreto.¹²⁵ Qualquer sócio poderia se tornar um Benedito, presidente do Clube das Violetas, do morro de Santo Antônio, eleito democraticamente em assembléia pelos sócios.

Vejamos o caso de Joaquim Baptista de Magalhães, operário, morador da Rua Alegria n.230, São Christovão, vice-presidente do The São João Athletic Club, clube do mesmo bairro, com sede também na Rua Alegria, ao n. 185. Na casa de Joaquim, o vice-presidente eleito pelos sócios do The São João Athletic Club, moravam também o 1º e 2º secretários do time, Domingos José de Paiva, funcionário de uma escola pública, e João Vieira, tintureiro. Para ter mais prestígio, o clube tinha como presidente o mestre de tecidos de lã, Waldemiro Tonelatto, morador da Zona Sul, à Rua Capitão Salomão, n. 68, Botafogo, o que mostra como esses clubes serviam também para uma integração entre alguns dos elementos da classe média com as camadas inferiores da sociedade carioca.

O Nacional F. C., o clube citado acima que impedia a participação dos analfabetos em suas assembléias, encaminhou juntamente com seus estatutos uma lista dos seus diretores, com endereço e profissão, aliás, uma exigência pouco cumprida da lei nº 173. Nela podemos perceber novamente a integração de pessoas de profissões e origens distintas em torno do meio criado pelos clubes futebolísticos. Dos dez membros da diretoria, dois são funcionários públicos, três funcionários da Western, dois empregados no comércio, dois operários e um tipógrafo. Oito são moradores do bairro de Piedade, praticamente vizinhos, mas outros dois caminham muito para acompanhar seu clube. Um, Candido Vicente Ferreira, era morador do bairro de Realengo, pelo menos dez estações de distância em direção aos subúrbios da Zona Oeste. O outro, João Soares Martinho, era morador do bairro de São Cristóvão, distante sete estações da mais próxima ao bairro de Encantado, a estação de Engenho de Dentro, mas na direção oposta, apontando para o centro da cidade. O *S. C. Nacional*, fazia com que Candido, o Procurador do Clube, e Vicente, o Vice-Presidente da agremiação, moradores de pontos tão distantes, tivessem seu encontro para as reuniões, festas, assembléias e, é claro, os jogos de futebol no clube ao qual pertenciam.¹²⁶

---

¹²⁵ Fonte: Estatutos *do Campo Grande Foot Ball Club*, fundado em 12 de agosto de 1916, IJ6- 651.

¹²⁶ De acordo com os estatutos do clube, assim estava composta a diretoria do clube:

O já citado Amigos da Pátria F.C., tinha em sua diretoria oito membros apresentados como tendo o comércio como profissão, porém, nos locais de trabalho podemos ver “Alfândega” ou “Banco Nacional Ultramarino”. O próprio Vice-Presidente do clube, Elias Francisco, trabalhava no “Thezouro Nacional” e morava na Rua do Cattete, n.35, zona central da cidade, bem diferente de todos os outros diretores, todos moradores dos bairros de Encantado, Piedade e Engenho de Dentro, com exceção de Thomaz Martins, 1º Thezoureiro, morador de São Christovão, na Travessa Mantiqueira, n. 9. O presidente do clube, João Tomaz, morava no mesmo local aonde era a sede do clube, na Rua Affonso Ferreira, no bairro de Engenho de Dentro, assim como Benedito do Clube das Violetas e tantos outros. Alguns clubes faziam questão de exaltar a igualdade de direitos entre a maioria dos sócios, excetuando os honorários, por serem “convidados de honra”. No caso do Athletico Municipal Foot Ball Club, no Capítulo V, artigo 15 constava que “os direitos dos sócios são eguaes qualquer que seja a sua categoria, somente os Honorários não podendo votar ou ser votados, excepto os que forem por serviços prestados na Directoria”.¹²⁷

O Santos Football Club deixava claro quem eram os legítimos donos do poder dentro de seu clube. No Capítulo X, Art.23, afirmava que “As Assembleas Geraes constituem o primeiro poder do Club [...]”.¹²⁸ A prática de participação política nos clubes era muito mais ampla do que os associados poderiam sentir no próprio caminhar do dia a dia da República. A maioria dos documentos revela uma participação popular bastante efetiva na vida dos clubes, pelo menos no que indicam as possibilidades estatutárias. Infelizmente, não podemos comprovar a frequência de associados às assembleias, uma vez que estes registros não estão nos arquivos e dependiam da própria conservação dos clubes. Se nos clubes da elite da cidade a conservação dos documentos

<i>Função</i>	<i>Nome</i>	<i>Profissão</i>	<i>Endereço</i>
Presidente	Eduardo Gonçalves Maia	Funcionario publico	R.Goyaz, 59
Vice-presidente	João Soares Martinho	Funcionario da Western	R.José Clemente,100
1º Secretário	Luiz de Moura	Funcionario da Western	R.Clarimundo Mello,25
2º Secretario	Antonio Muciolla	Empregado no commercio	R.Guilhermina,60
1º Thezoureiro	Jacintho Fiuza Cunha	Funcionario da Western	R.José Domingues,55
2º Thezoureiro	Marino Reis de Almeida	Typographo	R.José Domingues,78
Procurador	Candido Vicente Ferreira	Funcionario publico	Triangulo 8 (Realengo)
1º Fiscal	Manoel Veigas de Carvalho	Operário	R.José Domingues,109
2º Fiscal	Joaquim de Cravalho	Empregado no commercio	R.Goyaz,
<i>Captain</i>	Fausto José da Hora	Operário	R.Teixeira de Azevedo,88

Fonte: Estatutos do *Sport Club Nacional*, fundado em 25 de julho de 1918, caixa IJ6- 655.

¹²⁷ Fonte: Estatutos do *Athletico Municipal Foot Ball Club*, fundado em 20 de março de 1921, caixa IJ6- 654.

¹²⁸ Fonte: Estatutos do *Santos Foot Ball Club*, fundado em 7 de setembro de 1917. Caixa IJ6- 655.

foi precária, nestes clubes, a maioria de vida curta, as atas de assembléias e reuniões da diretoria se perderam com o passar dos anos. Mas só com o número de estatutos preservados no Arquivo Nacional é possível perceber esse mundo de participação através do futebol.

Impedida de ser República, a cidade mantinha suas repúblicas, seus nódulos de participação social, nos bairros, nas associações, nas irmandades, nos grupos étnicos, nas igrejas, nas festas religiosas e profanas e mesmo nos cortiços e nas maltas de capoeira. Estruturas comunitárias não se encaixavam no modelo contratual do liberalismo dominante na política. Ironicamente, foi da evolução destas repúblicas, algumas inicialmente discriminadas, se não perseguidas, que se foi construindo a identidade coletiva da cidade. Foi nelas que se aproximaram povo e classe média, foi nelas que se desenhou o rosto real da cidade, longe das preocupações com a imagem que se deveria apresentar à Europa. Foi o futebol, o carnaval e o samba que deram ao Rio de Janeiro uma comunidade de sentimentos, por cima e além das grandes diferenças sociais que sobreviveram e ainda sobrevivem. Negros livres, ex-escravos, imigrantes, proletários e classe média encontraram aos poucos um terreno comum de auto-reconhecimento que não lhes era proporcionado pela política.¹²⁹

Esse foi, com certeza, um dos papéis desempenhados por esses pequenos clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro.

O controle sob os clubes

Ao se pesquisar sobre a cidade do Rio de Janeiro no início do século, pode-se verificar a presença de um número grande de obras que tratam da necessidade da criação, por parte do governo e das elites em geral, de mecanismos de controle das camadas menos abastadas. As pesquisas que se debruçam sobre as camadas populares da Capital Federal durante a República Velha chamam a atenção a este fato e vem revelando, através da análise de documentação variada, principalmente processos e investigações criminais, outra face da população carioca.¹³⁰ As pessoas sentiam no dia a dia da cidade os mecanismos de controle impostos a elas. O vertiginoso crescimento demográfico aliado às reformas urbanas alterava a vida dos cariocas, transformava seus espaços e controlava sua circulação.

A mudança do regime trouxe prontamente uma reformulação no código penal, com a intenção de punir os atos desordeiros.

---

¹²⁹ CARVALHO, J. M. de. op.cit., p. 164.

¹³⁰ As obras utilizadas como referência para este estudo serão citadas ao longo da exposição desta parte do capítulo.

A necessidade de garantir a ordem política no país e o interesse em adequar a lei penal aos novos postulados da modernidade explicaram a rapidez com que [o novo código] foi colocado em execução. Neste aspecto ele funcionou como importante instrumento do processo civilizatório colocado em marcha.¹³¹

Não foi somente o código penal que se adequou, mas toda a legislação republicana vinha sendo costurada de maneira a ir dando conta da criação das leis necessárias para um maior controle da população. É dessa maneira que será vista a já citada Lei Federal nº 173 de 10 de setembro de 1893. Através dela, a polícia da cidade tinha um controle sobre as associações, pois a lei era bastante específica sobre o que deveria conter nos estatutos para que as associações pudessem funcionar. Torna-se portanto necessário a análise de alguns dos trechos mais importantes da lei de maneira a poder entender melhor os mecanismos de controle criados pelo Estado para as associações.¹³²

A polícia era utilizada como instrumento de controle da massa de trabalhadores pobres. Pela leitura dos principais artigos da lei aprovada em Congresso e sancionada por Floriano Peixoto, podem-se perceber os objetivos em regulamentar não só as associações, mas todos os aparatos a ela ligados para seu funcionamento: os seus estatutos, a sua natureza jurídica e seus diretores. As associações estavam autorizadas a funcionar no Art. 1º, e no artigo seguinte eram obrigadas a autenticar os estatutos, ou seja registrá-los na polícia mediante o pagamento dos selos fiscais e a autorização das autoridades competentes. Dessa maneira mostra que as associações podiam existir desde que devidamente regulamentadas e, portanto, vigiadas pelos poderes instituídos. O que deve ser registrado é o estatuto da associação, ou seja, o seu regimento interno, suas normas de funcionamento. No Art. 3º, normatizavam-se os estatutos com as exigências do que deve necessariamente estar ali registrado: a denominação, os fins a que se destina a associação, o endereço da sede, modo pelo qual a associação é administrada e se os associados respondem pelas obrigações contraídas pelos representantes do clube. O artigo seguinte exigia que os clubes publicassem os estatutos aprovados no jornal oficial do estado em que estivessem registrados, mas deixa claro que, na impossibilidade da publicação integral dos estatutos, o Art. 3º não poderia deixar de ser publicado.

A documentação dos clubes menores será novamente utilizada para poder ilustrar como as agremiações obedeceram à lei 173 e em que medida conseguiam burlar

---

¹³¹ MENEZES, Lena Medeiros de. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996. pp. 53-54.

¹³² A Legislação encontra-se no Diário Oficial da União, 25 de setembro de 1893.

alguns dos artigos da mesma. Não se pode esquecer que muitas deveriam ser as associações que simplesmente não se registravam, sendo mais difícil existirem registros de sua existência, como poderia ser o caso do Clube das Violetas, da crônica de João do Rio. O Art. 3º da lei 173 exigia no § 1º “A denominação, fins e sede da associação ou instituto”. A documentação pesquisada recaiu basicamente sobre os clubes esportivos da Capital. As associações escolhidas para investigação, em sua maioria, tinham por fim o desenvolvimento dos esportes, em especial do futebol, que era comumente citado logo nos primeiros artigos:

São Paulo- Rio Foot Ball Club

Capítulo 1º: Da Associação

[...] Art.2º - São seus fins:

1º Constituir entre seus associados dois ou mais teams de foot ball e outros divertimentos que se relacionam com este ramo de Sport;¹³³

Eletro Foot Ball Club

Estatutos

Capítulo 1: Do Club e seus fins:

O Eletro Foot Ball Club [...] é uma sociedade recreativa que tem por objetivo promover entre seus sócios a prática de toda a sorte de jogos e exercícios sportivos capazes de contribuir para o desenvolvimento phisico da mocidade;¹³⁴

Estatutos do Club Athletico Central [...]

Capítulo I

Art. 1º - O Club Athletico Central é uma sociedade sportiva, fundada em 27 de novembro de 1917 com o fim de proporcionar aos seus associados diversões sportivas e athleticas;¹³⁵

Estatutos do Mexicano Foot Ball Club

Capítulo I: Do club e seus fins

[...] Art. 2º- É seu fim principal o desenvolvimento do Foot-Ball Association; entretanto, em relação ao desenvolvimento social, proporcionará aos seus associados outros desportos aconselhados pela hygiene phisica.¹³⁶

E assim os clubes iam mostrando às autoridades seus fins e objetivos. Em alguns casos, como o do Eletro Foot Ball Club e o do Mexicano Foot Ball Club, fica evidente o quanto estavam inseridos no projeto civilizatório do qual a elite carioca se orgulhava em ser a grande mentora. Porém, algumas associações não deixavam claras as informações quanto à localização da sua sede. O Aventureiros Foot Ball Club, por exemplo,

---

¹³³ Fonte: Estatutos *São Paulo- Rio Foot Ball Club*, fundado em 7 de julho de 1911. Caixa 6C-432.

¹³⁴ Fonte: Estatutos *Eletro Foot Ball Club*, fundado em 25 de dezembro de 1917. Caixa IJ6- 670.

¹³⁵ Fonte: Estatutos do *Club Athletico Central*, fundado em 27 de novembro de 1917. Caixa IJ6-655.

¹³⁶ Fonte: Estatutos do *Mexicano Foot Ball Club*, fundado em 1 de maio de 1921. Caixa IJ6- 763.

pontuava que havia sido fundado “nesta capital”.¹³⁷ O 1º Capítulo, “Do Club e seus fins”, do Bahia Foot Ball Club é um dos mais vagos dos que foram analisados:

Art. 1º - O Bahia Foot Ball Club foi instalado em 5 de janeiro de 1914 para o fim de desenvolver entre seus sócios o physico por meio do jogo inglez – Foot-Ball.

Art. 2º - O ground do Club será no subúrbio desta Capital.

Art. 3º - O Club compor-se-há de numero illimitado de sócios do sexo masculino.

Art. 4º - A denominação deste Club não poderá ser mudada sob pretexto algum.¹³⁸

Os estatutos do *Bahia Foot Ball Club* são na verdade uma amostra do que está escrito na maioria dos estatutos dos clubes de futebol da cidade. São informações vagas e que davam aos clubes a mobilidade necessária dentro do sistema. Conseguiram sua aprovação, funcionavam, mas não tinham nos seus estatutos os endereços especificados. Nas caixas não foram encontradas as licenças da grande maioria destes pequenos clubes do Rio de Janeiro. “A sede do Club funcionará nesta Capital”, “O Ground do Club será nos subúrbios desta Capital” ou “fundada nesta Capital”¹³⁹ são algumas das generalizações colocadas nos estatutos aprovados pela polícia.

A lei também era clara quanto à possibilidade de extinção das associações por “promoverem fins illicitos ou se servirem de meios illicitos ou immoraes”, sendo estas passíveis de dissolução “mediante denuncia de qualquer pessoa do povo ou do ministério publico” como estava disposto no Art. 13º. A tentativa de controle do governo torna-se aí explícita e seu poder inseria-se em mais uma das esferas da vida social. Infiltrava-se nas várias veias do corpo da República, invadindo a vida dos indivíduos e de suas práticas populares. Influenciava diretamente a maneira como deveriam se formar, organizar, funcionar e prestar contas, de modo a não receber o golpe final do fechamento. Era mais uma estratégia de disciplinarização, perseguindo as pessoas “buscando redefinir sua maneira de pensar, de sentir, de agir e erradicar práticas e hábitos considerados perniciosos e tradicionais”.¹⁴⁰

A obrigatoriedade do registro, da organização, da demonstração de que não sobreviviam - nem viviam - de declarar que suas práticas não eram ilícitas ou imorais, a

---

¹³⁷ Fonte: Estatutos dos *Aventureiros Foot Ball Club*, fundado em 15 de novembro de 1914. Caixa IJ6-595.

¹³⁸ Fonte: Estatutos do *Bahia Foot Ball Club*, fundado em 5 de janeiro de 1914. Caixa 6C-479.

¹³⁹ Estes são trechos dos artigos dos seguintes clubes, na ordem em que aparecem na frase: ABC Foot Ball Club (Caixa 6C- 468), Brasileiro Foot Ball Club (Caixa 6C-479), Estatutos da Associação Athletica Engenho Velho (Caixa IJ6-655).

¹⁴⁰ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 12.

necessidade de se enquadrar na nova ótica das elites dominantes era o objetivo das autoridades com essas regras. O próprio fato de muitos dos clubes enviarem uma relação de seus diretores constata a intenção de provar às autoridades que a instituição era frequentada por pessoas honestas, trabalhadoras e em alguns casos, fazendo questão de ressaltar a cor branca de seus dirigentes.¹⁴¹

O Marangá Foot Ball Club, fundado em 19 de novembro de 1912, enviou a lista de seus dirigentes de 1913, sendo estes advogados, ajudantes de despachantes alfandegários, estudantes e negociantes.¹⁴² Uma passada de olhos nesta lista de dirigentes mostra também relações do microcosmo desse poder, ao mostrar uma associação cujo presidente era um Despachante Geral da Alfândega e quatro de seus diretores, nomeados por ele, eram do seu meio de trabalho e numa escala abaixo da do presidente do clube. O procurador do clube e mais três dos cinco membros do *ground committee*, órgão que decidia a escalação do time, trabalhavam como Ajudantes de Despachante da Alfândega.

Há uma sintonia entre o que querem as autoridades políticas e policiais, dentro de seu papel de cidadãos responsáveis pela execução do projeto civilizatório e higienicista da Primeira República.

Além dos estatutos colocarem claros valores como moralidade, idoneidade, afastando sócios que cometessem crimes ou que abusassem de bebidas alcoólicas, mostrando seu emparelhamento com tais autoridades, os clubes criavam uma compartimentação do seu poder interno com órgãos criados com a intenção de vigiar

¹⁴¹ Nos estatutos do Botafogo Football Club enviados para a polícia em 16 de julho de 1919, o clube de elite da Zona Sul anexou uma lista em que atestava que todos os seus 12 dirigentes eram brancos.

¹⁴²

<i>Função</i>	<i>Nome</i>	<i>Profissão</i>
Honorário	Dr. Francisco P. da Fonseca Telles	Advogado
Presidente	José Sebastião Arantes Franco	Despachante Geral da Alfândega
Vice-presidente	Dr. Henrique Fox Joppert	Advogado
1º Secretário	Antônio D'Ávilla	Ajudante do 14º Offício de Notas
2º Secretario	José Francisco da Silva	Preposto de Corrector
1º Thezoureiro	Ernani Ramos	Negociante
2º Thezoureiro	Bernardino Oliva da Fonseca Junior	Estudante
Procurador	Mario Oliva da Fonseca	Ajudante de despachante da Alfândega
<i>Ground Committe</i>	Walter Jeronymo Salles	Ajudante de despachante da Alfândega
	Hildebrando Plaisant	Estudante
	Oswaldo G. de Castro Saldanha	Ajudante de despachante da Alfândega
	Mario Ribeiro de Souza	Estudante
	Romeu Ambrosio	Ajudante de despachante da Alfândega

Fonte: Estatutos do *Marangá Foot Ball Club*, fundado em 19 de novembro de 1912. Caixa 6C- 432

seus associados e, quando não cumprissem as normas¹⁴³ do estatuto, puni-los das mais variadas formas até a eliminação. Havia um órgão em todos os clubes encarregado unicamente de fiscalizar os associados e os proponentes a sócios: a comissão de sindicância. O Amaro Foot Ball Club, não tinha uma, mas cinco comissões de sindicância:

Da Comissão de Sindicancia

Art. 41º - Haverá cinco comissões de sindicancia compostas de tres membros cada uma, nomeadas pela Directoria e escolhidas dentre os sócios.

Art.42º - COMPETE-LHES

- a) prestar reservadamente à Directoria informações sobre a conducta dos socios propostos, dentro de oito dias.
- b) levar ao conhecimento da mesma qualquer acto dos socios, que possam prejudicar o Club moral ou materialmente.
- c) Communicar a Directoria, sempre que tiverem conhecimento que algum socio infringiu algum dispositivo dos Estatutos ou do regimento interno.¹⁴⁴

Além das comissões de sindicância, os clubes possuíam outros mecanismos de controle, como o procurador, os membros da diretoria e qualquer sócio, que nas disposições sobre seus deveres de associado tinham a obrigação de denunciar aqueles que infringissem os estatutos ou os regimentos internos de cada clube, fazendo com que os associados se sentissem o tempo todo vigiados e conscientes das punições que poderiam ter, ou seja, advertências verbais, multas, suspensões, eliminação definitiva do clube.

Quando um associado de um clube era eliminado sabia que sua vida de sócio de clubes ficaria quase impossível, pois em quase todos os estatutos lidos as agremiações não aceitavam pessoas que haviam sido eliminadas de outros clubes, situação que era averiguada pela comissão de sindicância. Mas dentre os estatutos, percebem-se tentativas de burlar os mecanismos de controle das autoridades, como foi o caso do Sport Club Curupaity. Nos estatutos, afirmava ser uma “sociedade recreativa que tem por objectivo promover entre seus sócios a pratica de todos os sports, principalmente o ‘foot-ball’ para o desenvolvimento físico da mocidade”. O clube não era muito diferente da maioria, a não ser por alguns detalhes. Cobrava jóia de 3\$000 e mensalidades de 2\$000. Para ser sócio era necessário “idoneidade moral a critério da Junta”, sendo admitidos sócios de qualquer nacionalidade. Um dos detalhes que chama a atenção é a presença de um “director de semana”, que deveria ir à sede do clube todos os dias da semana em que fosse designado para cumprir essa função. A ele competia abrir a sede

---

¹⁴³ Neste caso, o conceito utilizado foi o de Michel Foucault, em que se criam, num sistema capitalista que se apropria do corpo e do tempo do trabalhador, mecanismos de vigilância e punição constantes. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

¹⁴⁴ Fonte: Estatutos do Amaro Foot Ball Club, fundado em 8 de abril de 1923. Caixa: 6C-751.

do clube e tomar conta das atividades. Como o clube aceitava menores de 14 anos, era dever do diretor deixar que esses meninos ficassem no clube apenas praticando as atividades esportivas e até às 9 e meia da noite. Aos outros associados, os maiores, estava liberada a permanência no clube para além deste horário, quando o diretor da semana permitiria a esses associados “jogar o Pocker por ser permitido pela Polícia.”, de acordos com os artigos 47 a 52 dos estatutos do clube, que por sinal estão carimbados pela Polícia do Distrito Federal e com dois selos do Tesouro Nacional, um de 3\$000 e outro de 6\$000.¹⁴⁵

Através de seus estatutos e dos seus códigos, os clubes tentavam mostrar que estavam em consonância com o que se exigia das massas inferiores, disciplinarizadas e trabalhadoras. “O Rio de Janeiro vestiu-se de luxo e modernidade à medida que as elites especializaram os espaços, reprimiram os costumes tradicionais, esconderam a pobreza e os vícios na periferia e procuraram manter sob vigilância e controle as vozes discordantes do conjunto dos excluídos.”¹⁴⁶ Daí, talvez, a necessidade destes clubes de colocarem em seus estatutos os pré-requisitos “profissão honesta” e “idoneidade moral” para seus associados.

Para ser sócio: indique sua profissão e tenha idoneidade moral

A necessidade da valorização de uma ética do trabalho nos primeiros anos da República foi uma das partes mais expressivas do novo plano de modernização da Capital e de sua inserção no chamado mundo civilizado. A vigilância e a repressão exercidas continuamente pelas autoridades policiais e judiciárias eram apenas um lado do movimento que visava à imersão do trabalhador no novo mundo em transformação, principalmente quanto à questão das alterações das relações e das leis de trabalho, da passagem da ordem escravocrata para a assalariada e liberal. O outro lado, simultâneo e não excludente, era a própria valorização da ideologia do trabalho.¹⁴⁷ Os estatutos dos clubes mostram essa valorização e a sua relação com a moralidade, no momento em que exigiam de seus associados que tivessem profissão e que os novos proponentes indicassem suas profissões no requerimento que faziam para tentar se associar a um clube. Quase todos os clubes, sem exceção, exigiam que os novos associados

---

¹⁴⁵ Fonte: Estatutos do *Sport Club Curupaity*, fundado em 8 de junho de 1914. Caixa IJ6- 655.

¹⁴⁶ MENEZES, L. M. op.cit., p. 29.

¹⁴⁷ CHALHOUB, S. op. cit., p. 47.

indicassem a profissão. Casos como o do *Sport Club Braziliense*,¹⁴⁸ que não exigem que o proponente informe sua profissão, são as exceções do conjunto da documentação. Os estatutos dos clubes mostram uma necessidade dos clubes mostrarem às autoridades que não coadunavam com as práticas dos chamados “indesejáveis”, frequentadores das prisões e habitantes do submundo da cidade. Os clubes queriam distância de pessoas com problemas judiciais, meios de vida ilícitos, atitudes imorais e mau comportamento. O mundo do crime do cotidiano carioca “era constituído por vadios, mendigos, jogadores, ébrios, gatunos e ladrões”.¹⁴⁹ E é desse tipo de gente que os clubes faziam questão de mostrar que estavam distantes.

Os clubes de futebol se prestavam ao serviço de estimular as práticas laboriosas, pelo menos para aqueles que pretendessem integrar seu quadro de sócios. Na medida em que um clube exigia de seus associados indicação de profissão e uma conduta moral condizente com os novos padrões da sociedade, ele era agente da nova ordem, ou pelo menos tentava transparecer que era. Para os membros da polícia e para as autoridades em geral, essa era uma garantia de que naqueles clubes não estavam os tão indesejáveis vadios da cidade, um de seus maiores problemas. O novo Código Penal de 1890 “previa uma sentença de 15 a 30 dias de prisão para quem não tivesse recursos próprios ou ocupação, acompanhada de assinatura de termo obrigando a tomar ocupação em até quinze dias após o cumprimento da pena. [...] Os casos de reincidência eram punidos com um a três anos de reclusão em colônia penal”.¹⁵⁰ Dessa maneira, com as exigências de seus estatutos sendo analisadas e aprovadas pela polícia, os clubes se mostravam coadjuvantes das autoridades neste processo de valorização do trabalho e condenação à vadiagem.

Foram 147 estatutos de clubes não ligados à Liga Metropolitana de Desportes Terrestres utilizados nesta pesquisa, a maioria deles de clubes afastados da Zona Sul da cidade, mas não raras também eram as associações mais próximas a esta área e à parte central da Capital. A valorização da ética do trabalho sente-se viva nessa documentação. De todos os clubes estudados, 75% deles (111 clubes) demonstram preocupação com as atividades laborais ou condutas morais dos seus associados ou proponentes a sócios. São 93 os clubes que pediam para os sócios e proponentes indicarem suas profissões, mais de 60% deles. Alguns estatutos não mencionavam a palavra profissão em seus

---

¹⁴⁸ Fonte: Estatutos do *Sport Club Braziliense*, fundado em 31 de julho de 1917. Caixa 6C- 432.

¹⁴⁹ MENEZES, L. M. op.cit., p. 91.

¹⁵⁰ BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro (1907 – 1930)*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997. p. 70.

artigos. Outros 17 clubes, cerca de 15%, apesar de não deixarem explícito a necessidade de se apontar a profissão, exigem “idoneidade moral” (12 deles) ou exigiam que os associados preenchessem uma solicitação impressa do clube, aonde se colocavam as informações pretendidas pelas agremiações. Ainda havia o Guaratyba Athletico Club, que se preocupava com a questão da embriaguez de seus associados, não aceitando os abusadores de bebidas alcoólicas, ou os “desclassificados”.¹⁵¹ Restavam assim 36 clubes, ou cerca de 25% do total que, para coibir as práticas que não estivessem *pari passu* com a nova estrutura, ainda tinham a Comissão de Sindicância ou a própria Diretoria do clube. O passeio pelos estatutos destes clubes revela um mundo de associações, sendo, ou pelo menos tentando ser, parte do que se chamava, no Rio de Janeiro, de civilizado.

Alguns clubes, além de requisitar que seus associados exercessem uma profissão, faziam referência à necessidade de que a mesma configurasse “ocupação honesta e limpa”,¹⁵² “profissão honesta”,¹⁵³ além de ameaçarem com expulsão os sócios que “se [entregassem] a meios de vida ilícitos”.¹⁵⁴ O Magno Recreativo Foot Ball Club, que também possuía um “gremio dansante”, o Gremio Maonolinas, com mensalidades de 1\$000, exigia de cada um de seus sócios “bom comportamento e meios de vida honesta”, além de não estar “envolvido em processos judiciais”.¹⁵⁵ Aliás, são 62 clubes os que não admitem sócios com envolvimento com a justiça por algum tipo de crime. O Leopoldinense Sport Club eliminava os sócios por “condenação judicial ou julgamento por causa deshonrosa”.¹⁵⁶ No mesmo sentido de eliminar sócios com problemas na justiça, nos estatutos do Mayrink Foot Ball Club, clube que cobrava 3\$000 de mensalidade, havia a possibilidade de eliminação de sócios por alguns motivos que a diretoria achava “suficientes”. O primeiro deles a ser citado é a “condenação judicial ou julgamento por causa que o deshonre”.¹⁵⁷ Assim também o Mignon Foot Ball Club eliminava membros que cometessem “crime infamante ou de ofensa moral, mesmo fora das funções de sócio”,¹⁵⁸ inserindo-se na esfera fora da vida do clube e deixando claro o controle sobre as atitudes e práticas do associado no seu cotidiano no que se refere ao

---

¹⁵¹ Fonte: Estatutos do *Guaratyba Athletico Club*, fundado em 10 de junho de 1923. Caixa 6C- 571.

¹⁵² Fonte: Estatutos do *Real Grandeza Foot Ball Club*, fundado em 24 de agosto de 1917. Caixa IJ6-758.

¹⁵³ Fonte: Estatutos do *Sport Club Nacional*, fundado em 25 de julho de 1918. Caixa IJ6- 655.

¹⁵⁴ Fonte: Estatutos do *Club Sport Luzitano*. Caixa: IJ6- 758.

¹⁵⁵ Fonte: Estatutos do *Magno Recreativo Foot Ball Club*, fundado em 18 de agosto de 1913. Caixa IJ6- 655.

¹⁵⁶ Fonte: Estatutos do *Leopoldinense Sport Club*, fundado em 17 de julho de 1919. Caixa IJ6- 694.

¹⁵⁷ Fonte: Estatutos do *Mayrink Foot Ball Club*, fundado em 24 de agosto de 1912. Caixa 6C- 433.

¹⁵⁸ Fonte: Estatutos do *Mignon Foot Ball Club*, fundado em 3 de julho de 1915. Caixa IJ6- 763.

cumprimento da lei e do envolvimento com os crimes do Código Penal. Clubes como o Ramos Foot Ball Club, dos subúrbios da cidade, exigiam que seus associados seguissem “uma norma de conducta distincta e obedecedora e compatível com todos os princípios da moral, educação e urbanidade,” e não aceitavam sócios “sem idoneidade moral”.¹⁵⁹ O Portinho Foot Ball Club só admitia sócios com profissão declarada, com “conhecida moralidade” e sem haver “respondido a processos de crimes, etc.”.¹⁶⁰

A moralidade, a honra, o bom comportamento eram também mote entre os clubes de futebol. São 77 clubes que punem ou não deixam pessoas se associarem se não tiverem a comprovada moralidade, se forem condenados por “crimes deshonrosos”, ou se não tiverem uma conduta de comportamento própria das pessoas “civilizadas”. Ainda que o capitalismo reinasse, e com ele suas práticas selvagens fossem tomando conta das mais variadas esferas das vidas desses personagens, os esportes eram símbolos da civilização, da cultura inglesa, e pessoas de moral era o que se buscava. O Avaré FC indicava no Capítulo 2º “Da Admissão de Sócios e Suas Categorias”, no Art. 3º, alínea *b*, que para ser sócio era necessário ao candidato “ser aprovada sua proposta por maioria de votos da directoria, depois de feita a competente sindicancia sobre sua idoneidade moral”.¹⁶¹ Já o Flor do Prado Foot Ball Club exigia que seus associados seguissem “uma norma de conduta distincta e compatível com todos os princípios da moral e educação cívica sempre que a sua pessoa [assumisse] carácter ou função de sócio dentro ou fora do Club”.¹⁶² Nos estatutos do Primor Foot Ball Club aparece a possibilidade de eliminação dos associados por “attentarem contra a moral pública e os bons costumes”.¹⁶³

Os clubes estavam também atentos ao comportamento de seus associados quando uniformizados com as cores do clube, ou seja, defendendo o clube em jogos de futebol, e também com o comportamento de seus associados em dias de jogos nas arquibancadas do clube. São muitos os clubes que tentam regular o comportamento e até as palavras de baixo calão frequentemente ouvidas nos jogos de futebol. O Cocotá Foot Ball Club declara que eliminará todo associado que “tiver procedimento incorreto”.¹⁶⁴ O Fidalgo Foot Ball Club, bem ao sabor de seu nome, deixava claro que não toleraria comportamentos desviantes. Conforme os artigos 10 e 11 do Capítulo IV, “Dos deveres

---

¹⁵⁹ Fonte: Estatutos do *Ramos Foot Ball Club*, fundado em 1 de junho de 1918. Caixa IJ6- 748.

¹⁶⁰ Fonte: Estatutos do *Portinho Foot Ball Club*, fundado em 8 de agosto de 1908. Caixa 6C- 432.

¹⁶¹ Fonte: Estatutos do *Portinho Foot Ball Club*, fundado em 5 de julho de 1921. Caixa IJ 6-.778.

¹⁶² Fonte: Estatutos do *Flor do Prado Foot Ball Club*, fundado em 3 de maio de 1921. Caixa IJ6 – 763.

¹⁶³ Fonte: Estatutos do *Primor Foot Ball Club*, fundado em 27 de julho de 1920. Caixa IJ6- 759.

¹⁶⁴ Fonte: Estatutos do *Cocotá Foot Ball Club*, fundado em 11 de janeiro de 1919. Caixa IJ6- 749.

e direitos dos sócios”, era dever dos sócios “não perturbar a administração e jogos do Club e a ordem em Campo” e “não faltar com respeito com as pessoas presentes nas festas ou jogos”.¹⁶⁵ No mesmo sentido ia o *Imparcial Foot Ball Club*, que dizia ser dever do seu sócio “não perturbar a administração, os jogos do Club e a ordem nas archibancadas”, bem como “não faltar ao respeito às famílias presentes aos jogos ou festas” além de eliminar os sócios que cometessem “crime infamante”.¹⁶⁶ O *Atlas Foot Ball Club* colocava que era dever dos sócios “não perturbar a administração, os jogos do Club e a ordem nas archibancadas”.¹⁶⁷ O *Inhaumense Foot Ball Club*, do bairro suburbano de Inhaúma, era um dos clubes mais simples de todos os analisados. Um modesto estatuto de duas páginas datilografadas afirmava que a mensalidade não poderia ser superior a 1\$000, além da jóia de 2\$000. Mas, no tocante às questões morais, era dos mais exigentes. Pelas regras daquela associação, ficava expressamente proibido qualquer tipo de jogo de azar em sua sede, e que qualquer sócio pronunciasse, “mesmo que por gracejo, qualquer palavra immoral” ou na sede ou durante os jogos, sob pena de exclusão imediata do clube.¹⁶⁸

O *Guaratyba Athletico Club* ia mais longe na tentativa de controlar o comportamento ou a conduta social de seus associados. Além de todas as exigências comuns, deixava claro nos seus estatutos que não queria como sócios aqueles que “[abusassem] de bebidas, que se [tornassem] ébrios”. Por ser um clube com jóia de 10\$000 e mensalidades de 3\$000, mostrando seu caráter um pouco mais selecionado, ainda colocava como deveres dos associados “manter conducta irreprehensível”, “ter o máximo de escrúpulo em propor novos associados, quanto a idoneidade dos mesmos” e “guardar o máximo de corretismo em todas as reuniões, diversões e muito especialmente ostentando o distintivo de Club em qualquer parte que se achem”.¹⁶⁹ O *Sport Club Liberal* colocou em seus estatutos que seus sócios não podiam ser “ébrios habituaes”, nem daqueles que “sofram de moléstia que cause repúdio”.¹⁷⁰ O já citado *Sport Club Americano*, também não tolerava os indivíduos que se entregavam “ao vício da embriaguez constantemente” ou que eram constantemente detidos por desordens ou mau comportamento.¹⁷¹ Nos estatutos do *Athletico Cajuense Club*, constava que o sócio

---

¹⁶⁵ Fonte: Estatutos do *Fidalgo Foot Ball Club*, fundado em 8 de agosto de 1914. Caixa 6C- 435.

¹⁶⁶ Fonte: Estatutos do *Imparcial Foot Ball Club*, fundado em 24 de fevereiro de 1915. Caixa IJ6- 655.

¹⁶⁷ Fonte: Estatutos do *Atlas Foot Ball Club*, fundado em 19 de novembro de 1916. Caixa IJ6- 655.

¹⁶⁸ Fonte: Estatutos do *Inhaumense Foot Ball Club*. Sem data. Caixa IJ6- 778.

¹⁶⁹ Fonte: Estatutos do *Guaratyba Athletico Club*, fundado em 10 de junho de 1923. Caixa 6C- 571.

¹⁷⁰ Fonte: Estatutos do *Sport Club Liberal*, fundado em março de 1914. Caixa 6C- 432.

¹⁷¹ Fonte: Estatutos do *Sport Club Americano*, fundado em 26 de agosto de 1921. Caixa 6C-479.

que fosse apanhado “em estado de embriaguez” dentro das dependências do clube, seria posto “dahi para fora”.¹⁷²

Interessante notar até onde os estatutos do Magno Recreativo Foot Ball Club chegavam. A citação dava conta da situação “calorosa” em que os jogos eram disputados nos times do subúrbio, sinalizando que para os dias de jogos ficava “expressamente proibido o uso de armas e de palavras obscenas”.¹⁷³

Os clubes usavam em seus estatutos as “armas ideológicas fornecidas pelos construtores da ética do trabalho capitalista”,¹⁷⁴ ao exigir profissões honestas e limpas, idoneidade moral, conduta distinta e “obedecedora”, ordem e bons costumes, decência, sobriedade, bom comportamento. Essas agremiações mostravam-se para as autoridades como eficientes mecanismos de ação repressora e modeladora, aos moldes dos desejos das autoridades republicanas em suas primeiras décadas de vida. Casos expressivos dessa nova ética do trabalho e de um certo alívio nas tensões da relação capital-trabalho são os clubes ligados às fábricas da cidade do Rio de Janeiro, ou de alguns estabelecimentos comerciais.

Os times das fábricas

Não é o objetivo deste trabalho debruçar-se sobre o futebol praticado nas fábricas do Rio de Janeiro, a formação de seus clubes, a análise mais pormenorizada deste fenômeno de associação capital-trabalho. Mas este é um dos campos que se apresenta mais fértil para as futuras pesquisas acadêmicas envolvendo futebol. Num dos períodos de maior crescimento da economia carioca, com a inauguração de muitas fábricas e o fechamento de outras tantas, um dos fenômenos que se apresenta é a formação de um número grande de clubes de futebol ligados direta ou indiretamente a muitas fábricas da cidade. Alguns estudos de qualidade já foram elaborados abordando a questão do futebol nas fábricas no início do século. Trabalhos que já se tornaram referência nas bibliografias das pesquisas sobre futebol, como os trabalhos de Fátima Martim Rodrigues Ferreira Antunes, Waldenyr Caldas e Anatol Rosenfeld, sendo que os trabalhos da primeira autora são aqueles que se debruçaram mais especificamente sobre o tema. Tanto Waldenyr Caldas como Rosenfeld fazem pequenas referências ao futebol

---

¹⁷² Fonte: Estatutos do *Athletico Cajuense Club*, fundado em 3 de outubro de 1915. Caixa IJ6- 758.

¹⁷³ Fonte: Estatutos do *Magno Recreativo Foot Ball Club*, fundado em 15 de agosto de 1913. Caixa IJ6-655.

¹⁷⁴ CHALHOUB, Sidney. op.cit., p. 91.

praticado nas fábricas das principais capitais brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Os dois pesquisadores divergem quanto à participação dos operários das fábricas nos times de futebol. Rosenfeld parte do princípio de que o jogo deveria adestrar os corpos e fatigá-los, incentivar neles o espírito de grupo e a identificação com a fábrica. Jogar, torcer, vibrar com o time da fábrica e assim evitar as manifestações dos trabalhadores.¹⁷⁵ Já para Caldas, como o acesso ao futebol era restrito apenas aos operários “bons de bola”, essa tese não se aplicaria, partindo para uma concepção do *operário-jogador*, aquele que pela conduta exemplar dentro da fábrica era chamado para integrar o time, e posteriormente do *jogador-operário*, o bom jogador conhecido nas redondezas da fábrica e que era chamado para trabalhar e, principalmente, jogar pelo time no campeonato. Mas os dois autores pecam em utilizar-se apenas do Bangu A.C. como caso clássico dos times de fábrica. O Bangu era apenas um dos times da fábrica Cia. do Progresso.

O Esperança Football Club, clube do bairro de Bangu, fundado em 1906, situado no marco 6 estação de Bangu, na Estrada de Ferro Central do Brasil, era um dos muitos clubes de subúrbio que se espalhavam pela cidade. No Cap. II, Art. 7º dos estatutos do clube, podemos perceber a sua tentativa de receber as benesses de ter um grande patrono no futebol. O Esperança, assim como o Bangu A.C., designava como seu presidente honorário o “Director-Gerente da Cia. Do Progresso Industrial do Brasil” que seria consultado em “todas as resoluções da Directoria, extranhas a estes Estatutos”. O Esperança, que disputava o campeonato da 2ª Divisão da Liga Suburbana, usava o campo da Cia do Progresso para treinos e jogos amistosos e do campeonato, e não exigia de seus associados que fossem operários da fábrica. Apenas, como de costume, “comprovada a moralidade, a juízo da Directoria”, tudo que precisava era o pagamento de uma jóia de 5\$000 e 2\$000 de mensalidade,¹⁷⁶ quantias relativamente baixas em relação aos salários recebidos pelos funcionários da empresa. De acordo com os estudos de Eulália L. Lahmeyer, em 1917, ano de registro dos estatutos do Esperança, o salário mais baixo da fábrica era de 155\$040, para os operários da seção de Fiação, e chegavam a 216\$000, para os da seção de Dobação ou Meação.¹⁷⁷ Assim como o Esperança e o Bangu, havia dezenas de pequenos clubes relacionados às fábricas participando das

---

¹⁷⁵ ROSENFELD, Anatol. op.cit., pp. 61 a 85.

¹⁷⁶ Fonte: Estatutos do *Esperança Football Club*, registro de 1 de outubro de 1917. Caixa: 6C-571.

¹⁷⁷ LOBO, M. E. L. op. cit., (1978).

ligas consideradas menores, ou de ligas próprias de funcionários de fábricas, de bancos e do comércio.

Os trabalhos de Fátima Antunes versam sobre esses clubes populares, lançando um dos possíveis olhares para essas associações.¹⁷⁸ São diversos olhares que estabelecem a relação do futebol com o movimento operário, com o anarquismo e o comunismo, com a ótica dos patrões e dos operários sobre o jogo e sobre os clubes. O que esta parte da pesquisa tentará fazer é mostrar um pouco mais desse mundo do futebol praticado nas fábricas e expor algumas tentativas de introdução capilar por parte dos dirigentes e donos de fábricas no cotidiano dos torcedores e praticantes do futebol dentro das fábricas. Muita da responsabilidade da popularização do futebol nos primeiros anos do século XX na cidade do Rio de Janeiro recai sobre os funcionários das fábricas que se instalaram nos subúrbios da cidade. O Bangu A.C., brevemente citado no capítulo anterior, era um dentre os muitos clubes de fábrica na cidade. Ele era a vitrine, o espelho para as centenas de fábricas espalhadas pela Capital Federal. A fórmula revelou-se um sucesso com a inserção de alguns operários no time de futebol comandado pelos funcionários ingleses e sob a batuta de uma diretoria do clube toda ligada aos principais cargos da fábrica. O time se inscreveu no primeiro campeonato da cidade, o campeonato da Liga Metropolitana, e era um sucesso no bairro de Bangu, pois obrigava os meninos da Zona Sul a fazerem a peregrinação ao subúrbio, a sentirem o que era viver na zona periférica, cidade dos “indesejáveis e desclassificados”. Por isso, os trens com torcedores dos times da Zona Sul eram apedrejados quer quando chegavam ao bairro, quer quando o deixavam, fossem ou não vitoriosos, mas principalmente nos momentos em que se viam derrotados. Dali para frente, todas as fábricas, lojas comerciais e bancos passaram a formar o seu time de futebol, sonhando em ser o novo Bangu A.C.. Nem todos tinham tantas benesses dos patrões como o Bangu. A maioria dispunha de um campo dentro da fábrica, um dirigente ligado aos diretores e o apoio da

---

¹⁷⁸ Alguns desses trabalhos são:

ANTUNES, F. M. R. F. “O futebol na Light & Power de São Paulo”. Pesquisa de Campo Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, Rio de Janeiro, n. 3/4, p. 51-64, 1997.

ANTUNES, F. M. R. F. op.cit. (1994) p. 102-109.

ANTUNES, F. M. R. F.. “Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica”. D O Leitura, São Paulo, v. 12, n. 141, p. 8-9, 1994. Além da própria dissertação de mestrado da autora, defendida em 1992 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo [s.n.] 1992.

classe patronal, que via no futebol um possível remédio à febre revolucionária que rondava os meios operários.

A tensão nos primeiros anos da República foi grande entre patrões e operários. Era cada vez maior o número de sociedades comerciais na cidade, sendo que em 1906 eram mais de 600 fábricas. O século XX se iniciou com a Capital apresentando pouco mais de seiscentas sociedades comerciais. Na década de 1910, esse número já era maior do que mil. Ao mesmo tempo em que muitos estabelecimentos se constituíam, muitos eram também ou dissolvidos ou liquidados, numa média aproximada de quinhentos por ano.¹⁷⁹ Esses números podem revelar um pouco da tensão vivida entre trabalhadores e patrões, devido à grande disputa por vagas nos novos estabelecimentos, mas principalmente devido aos constantes fechamentos de antigos estabelecimentos, o que aterrorizava a população apavorada com o desemprego. O número de greves ocorridas na cidade no período também é revelador da situação em que vivia a classe operária do Rio de Janeiro. Entre 1890 e 1929, foram 314 greves na cidade, concentradas principalmente nos anos de 1903, 1906, 1912, 1917, 1918, 1919 e 1920.¹⁸⁰ São anos intensos, de lutas travadas entre a classe trabalhadora e o patronato. A maior parte das greves se dava por tentativas de aumento salarial e regulamentação da jornada de 8 horas de trabalho. Entre 1917 e 1920, os anos mais emblemáticos no âmbito da resistência operária, ocorreram 106 greves ou pouco mais de um terço do total de paralisações registradas no período analisado.

---

¹⁷⁹ Número de sociedades constituídas e dissolvidas no Distrito Federal:

Anos	Constituídas	Dissolvidas
1901	638	439
1902	698	382
1903	710	459
1904	771	440
1905	778	452
1906	850	476
1907	958	528
1908	990	571
1909	873	543
1910	896	563
1911	1.041	535
1912	1.060	626
1913	1.127	706
1914	895	560
1915	828	598

Fonte: LOBO, Eulalia Maria L. e STOTZ, Eduardo Navarro. Flutuações cíclicas da economia, condições de vida e movimento operário (1880-1930). *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói, vol 1, nº 1, set/dez, 1985.

¹⁸⁰ Ibid. p.86.

Uma das estratégias para se aliviar as tensões entre patrões e empregados, entre trabalho e capital, foi sem dúvida a formação de um número grande de times de futebol ligados às fábricas da cidade. O futebol assumia, assim, a feição de mecanismo capaz de atenuar resistências, de aproximar patrões e empregados, de diluir contrastes sociais e econômicos e, não obstante as tensões inerentes a sua natureza competitiva, de fazer aderir às tensões da convivência na fábrica, outra imagem da relação entre capital e trabalho: a de relação pautada na harmonia, no interesse comum e, portanto, isenta de conflitos. Para os operários mais politizados, mais ligados às práticas conhecidas como subversivas, como o anarcossindicalismo ou o comunismo, o futebol era o ópio do povo, o desmobilizador das classes trabalhadoras, atividade mais do que lúdica, passível de distanciar a classe operária de sua consciência de classe. Boris Fausto chama a atenção para o fato das organizações operárias verem com péssimos olhos a difusão da prática do futebol entre os trabalhadores. Mediante notícia do jornal operário *Terra Livre* de 9 de dezembro de 1907, ele conclui que

[...] um jogo de futebol realizado por iniciativa de operários da Votorantin, em uma festa na empresa, [torna-se] objeto de críticas não apenas porque redundava em colaboração de classes: ‘vamos ter também o elegante jogo do football, depois do qual os jogadores fatigados, aborrecidos, vão brigar com a família; é um jogo bom para os parasitas e ociosos que precisam de exercitar os músculos em um trabalho inútil, desprezando ao mesmo tempo o trabalho útil e os que o fazem. Quanto a nós, temos exercício de sobra. Exercício até rebentar’. Condenação esporádica do nascente futebol, reiterada preocupação com a dança que logo se converte em combate.¹⁸¹

É claro, portanto, o descontentamento demonstrado, quanto ao futebol de fábrica, por setores mais politizados da classe operária, prática que, em seu entender, remetia a colaboracionismo e alienação.

A estratégia era mais ou menos seguida por todos os estabelecimentos industriais que sediavam clubes. No caso das fábricas, estas forneciam o espaço para a sede e o campo para seus funcionários praticarem o futebol. Os clubes eram constituídos entre os operários, que geralmente colocavam altos dirigentes em cargos importantes como presidente, vice ou presidente de honra. As sedes dos clubes, bem como o campo, situavam-se, em geral, nas dependências da fábrica e a participação dos operários ficava condicionada ao pagamento de jóia e de mensalidade. Os clubes de operários formavam times de futebol para participar de jogos amistosos, em festivais ou em campeonatos de times de fábrica ou mesmo das muitas ligas da cidade do Rio de Janeiro. Formava-se

---

¹⁸¹ FAUSTO, B. op. cit., p. 87.

então uma competição entre os operários, que passavam a ter a tendência de torcer por seus companheiros de fábrica durante os jogos. Assim, formavam-se um grupo de operários, o time de jogadores e os torcedores, dentro da fábrica, mascarando os contornos de sua condição no âmbito da tradicional relação capital/trabalho. Ali todos estavam juntos para defender o time da fábrica, e num nível superior, a própria fábrica em si. Os donos e dirigentes dos estabelecimentos apadrinhavam esses clubes e permitiam suas atividades, pois, em seu entender, essas práticas não só eram atraentes à mão-de-obra, mas também reverteriam em favor da produtividade. Ainda que essas atividades possam ter criado ou estreitado laços entre operários das mais distintas funções, entre operários e patrões, entre o operário e o espaço da produção, identifica-se, em sua raiz, a intenção de construir, mediante o esporte, uma imagem positiva da fábrica perante os trabalhadores e suas famílias, assim como de atrair e de garantir mão-de-obra, além de exercer sobre seu desempenho econômico, suas convicções políticas e suas práticas sociais um controle mais eficaz. Ainda que essas atividades possam ter criado ou estreitado laços entre operários das mais distintas funções, entre operários e patrões, e entre o operário e o espaço da produção, identifica-se, em sua raiz, a intenção de, mediante o esporte, construir uma imagem positiva da fábrica perante os trabalhadores e suas famílias, atrair e garantir mão-de-obra, e exercer um controle mais eficaz sobre seu desempenho econômico, suas convicções políticas e suas práticas sociais. A formação de clubes destinados às práticas esportivas e à formação de para participar em competições cumpria excepcionalmente bem esses objetivos, principalmente por utilizar a nova febre do momento, que eram os torneios de futebol.

Foram muitos os times ligados às fábricas. Ainda que o mais famoso tenha sido o Bangu AC, o Carioca Foot Ball Club, time dos operários da Fábrica Carioca, foi uma das agremiações de destaque nas principais ligas que administraram o chamado futebol da elite da cidade durante os anos 1910, 1920 e 1930. O Confiança Athletic Club, time dos operários da Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial, uma fábrica de tecidos com cerca de três mil funcionários localizada em Aldeia Campista, na zona norte da cidade, jogou no mesmo período na 1ª Divisão da poderosa Liga Suburbana, principal liga dos clubes menores da cidade. O Confiança A.C. merecia atenção especial da direção da fábrica, assim como o Bangu A.C., pois se tratava de uma das maiores fábricas da cidade, palco, em julho de 1918, de uma longa greve de cinco dias por

aumento salarial e cumprimento das 8 horas de trabalho diárias.¹⁸² Esse momento pode ter alertado os patrões para a necessidade de investir no clube da fábrica, com vistas a aliviar as tensões vividas em seu cotidiano. Outra equipe que participava na mesma divisão dessa liga era o Mavillis Foot Ball Club, da Fábrica Mavillis, comprada em 1911 pela Companhia America Fabril, e que também possuía um bom time de futebol. O já citado Esperança Foot Ball Club era habitual frequentador da 2ª Divisão da Liga Suburbana. Mas muitos times ligados aos funcionários de fábricas, estabelecimentos comerciais e bancos não frequentavam as principais ligas da cidade. Organizavam suas próprias ligas, como era o caso da Liga Bancária de Football, da Liga Commercial ou da Federação do Alto Commercio, que contava com 24 times representantes dos mais importantes estabelecimentos da cidade: Costeira, Commercio e Navegação, Produce & Warrant, Rio Flour, Mills, City, Wilson Sons, P.S. Nicolson, Leopoldina Railway, Ed Ashworth, American Foreign, Cia Du Port, Western (que no mesmo ano tentou pedir filiação à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres), Banco Ultramarino, Banco Hollandez, Lloyd Nacional (filiado à liga, mas ainda sem o time de futebol), Lloyd Brasileiro, Lloyd Sulamericano, Banco Italiano de Descontos, Royal Bank (do Canadá), British Bank, Standart Oil, Anglo-Mexican, Texas Oil (que contava com o ex-jogador do Bangu, French).¹⁸³ Outra forma de competirem entre si era através da participação em amistosos e festivais, muito comuns entre os times de futebol ligados a fábricas e instituições bancárias e comerciais. São muitos os times ligados especificamente às fábricas da cidade, como o Botafogo Athletico Club, fundado dentro da Fábrica de Tecidos Botafogo, na rua D. Eliza, bairro Aldeia Campista, vizinho ao Confiança A.C.; o Minerva Foot Ball Club, ligado à fábrica Lanificio Minerva, o Santa Cruz Foot Ball Club, ligado à Empresa Ceramica Santa Cruz, ou ainda o Ferreira Souto Football Club, fundado pelos empregados da fábrica de calçados Souto.

Os estatutos desses clubes, também registrados na polícia da cidade, dão mostras de aspectos da vida ativa das pessoas que participavam dessas associações e dos objetivos que embasavam a criação das mesmas. O Republicano Athletico Club, por exemplo, foi o primeiro clube da Fábrica Confiança, e que depois se tornaria o Confiança A.C.. Em seus estatutos, vemos a tentativa de enquadrar o comportamento dos operários e incutir neles as benesses da nova ética do trabalho. Os sócios tinham de ser “empregados da Fábrica Confiança”, “pessoas honestas e de bom comportamento”,

---

¹⁸² FAUSTO, B. op.cit., p. 268.

¹⁸³ *O Imparcial*, 28 de fevereiro de 1920.

sendo que o clube aceitaria pessoas de fora da fábrica, desde que tivessem o mesmo comportamento citado acima e num número “nunca superior a um terço” do número total de associados. Os sócios pagavam 2\$000 de mensalidade e perdiam o direito a sócio aqueles que se entregassem “aos maos costumes” e “os que [perturbassem] os trabalhos e a ordem social, com desordem e alaridos”.¹⁸⁴

Já o Botafogo A.C. cobrava também 2\$000 por mês de seus associados e eliminava aqueles que atrapalhavam “os trabalhos e a ordem com desordens ou alaridos”. Embora não afeto à elite, o clube adotava um sistema de admissão de sócios que reproduzia os seletos critérios constitucionais vigentes quanto às eleições no país. Os analfabetos eram admitidos, mas não tinham direito a voto e nem a serem votados para cargos do clube. Havia também um cargo de 1º Fiscal, responsável por “fiscalizar por ocasiões dos ensaios ou matches: se os associados se [apresentavam] de accordo com o Regulamento Interno”. Outro artigo dos estatutos a chamar a atenção, é o de número 31: “Todos os associados que por occaziões dos Exercícios Athleticos, previstos no Art. 2º resulte não poder trabalhar, depois de provado, o Club indenisará com a quinta parte correspondente a um subzidio de duzentos mil réis, nos casos que os cofres permitam”.¹⁸⁵ O Art. 2º falava da natureza do clube e de sua função de proporcionar competições esportivas, principalmente o futebol. A constituição deste artigo mostra que deveriam ser comuns as lesões entre os operários-jogadores e as soluções adotadas pelo clube para amparar o jogador, pagando os salários daquele que ficasse incapacitado de trabalhar por conta das lesões sofridas ao representar o time da instituição para a qual trabalhava. O clube se responsabilizava, portanto, por uma quinta parte de um subsídio de 200\$000. Não se sabe que subsídio é este, mas poderia ser um subsídio pago pela própria fábrica, em torno da média salarial, em caso de lesão ocorrida no futebol que incapacitasse qualquer funcionário para o trabalho. Só para se ter uma idéia da faixa de salários pagos nos estabelecimentos industriais da cidade no ano de 1913, os estudos de Maria Eulália Lahmeyer mostram uma variação grande nos valores recebidos pelos trabalhadores naquele ano. Os salários dos trabalhadores da fábrica de velas Luz Stearica, por exemplo, variavam de acordo com sua especialização. Os trabalhadores da seção de máquinas, os operários mecânicos e ferreiros ganhavam entre 200\$000 e 292\$499 ao mês. Já os menos especializados, como empacotadores, chegavam a ganhar miseráveis 32\$624 mensais. Já na Fábrica de Tecidos Bangu, o

---

¹⁸⁴ Fonte: Estatutos do *Republicano Athletico Club*, de 23 de julho de 1912. 6C- 367.

¹⁸⁵ Fonte: Estatutos do *Botafogo Athletico Clube*, fundado em 19 de abril de 1913. 6C- 432.

salário médio mensal era de 200\$000.¹⁸⁶ Portanto, caberia ao clube pagar 20% desse subsídio, ou seja, 40\$000, desde que sua condição financeira permitisse. Se esta hipótese, que ainda carece de maior investigação, for comprovada, passa a ser mais uma das evidências de que fábrica e clube caminhavam juntos no estímulo e na instrumentalização da prática do futebol entre seus operários, mostrando a preocupação com a lesão dos atletas e tranquilizando-os quanto àquelas que pudessem interferir no seu rendimento no trabalho. Vale a pena ressaltar que esta condição no estatuto também oficializava o pagamento em dinheiro para um atleta do clube, ainda que em condições especiais, inclusive especificando a quantia a que o jogador teria direito.

O time do Mavillis F.C., cuja sede e campo ficavam “nos terrenos da Companhia America Fabril”, empresa que comprou a Fabrica Mavillis, como de costume, exigia bom comportamento e idoneidade de seus associados, assim como eliminava os sócios que cometessem os tais “crimes infamantes ou de ofensa moral”.¹⁸⁷ O Mavillis tinha como presidente e vice-presidente honorários, respectivamente, Mark Sutton e Affonso Bebiano. Affonso era filho de Domingos Bebiano, imigrante português que fez fortuna no Rio de Janeiro como importador de tecidos e, em 1903, como dono da Fábrica Bonfim. A partir daí, vendeu sua fábrica para a Companhia América Fabril, tornando-se diretor-geral até 1914, quando faleceu. Affonso assumiu a direção da fábrica e, juntamente com seu cunhado, o próprio Mark Sutton (o diretor-técnico da fábrica), gerenciou a América Fabril e fundou a primeira fábrica de oxigênio do país, em 1912, a S. Maclauchlan & Cia., que em 1920 passaria a se chamar White, Martins e Cia.¹⁸⁸ Os dois maiores dirigentes da empresa eram presidente e vive-presidente de honra do clube, cargo dado. O título de sócio honorário no Mavillis era dado a todo aquele que, sócio ou não, fizesse “jus a esse título, a juízo da Assembléia Geral”. Portanto, o presidente e vice-presidente de honra deveriam ser os cargos das pessoas que possivelmente mais faziam jus ao título “honorário” na visão do órgão máximo deliberativo daquele clube de operários, e esses homens eram o diretor-gerente e o diretor-técnico da fábrica. O clube enviou juntamente com seus estatutos uma lista com o nome dos diretores, o endereço, a idade, a cor de cada um deles (eram todos brancos), se sabiam ou não escrever (todos afirmavam saber ler e escrever), a residência, filiação paterna e materna e nacionalidade. Dos sete diretores apresentados, cinco eram operários da fábrica,

---

¹⁸⁶ LOBO, E. M. L. e STOTZ, E. N. op. cit. (1985) p. 76.

¹⁸⁷ Fonte: Estatutos do *Mavillis Foot Ball Club*, fundado em 23 de setembro de 1915. IJ6- 758.

¹⁸⁸ LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2002. p. 190 e 191.

inclusive o presidente e o vice-presidente. Havia um “proprietário” e “negociante”, de nome Manoel Silva, 31 anos, português. Outro português está entre os diretores, José Areal, 35 anos, operário. Os dois portugueses ocupavam o cargo de 1º e 2º Tesoureiros do clube, carregando a tradição de seus patrícios de serem bons administradores. Brasileiros e portugueses na diretoria da fábrica, brasileiros e portugueses na diretoria do clube da fábrica, todos brancos, todos sabendo ler e escrever. Assim a Companhia América Fabril ia costurando suas relações, mais aliviadas do conflito entre o capital e o trabalho, em um momento tão delicado do processo de desenvolvimento do capitalismo e do movimento operário na Capital.

O Minerva Foot-ball Club, era uma “sociedade sportiva e recreativa” que tinha “por fim especial promover e facilitar a educação e desenvolvimentos phisicos de seus associados”. O clube estava ligado à fábrica Lanifícios Minerva “sob cujos auspícios e protecção foi fundado este Club”. Era dever do sócio “zelar pelo bom nome do Minerva Foot-ball Club” e previa-se eliminar o sócio que “por qualquer mau procedimento ou por qualquer acto praticado, [fosse considerado pela Diretoria] prejudicial ao Club”. O Minerva propunha uma promoção da educação juntamente com o desenvolvimento físico. Essa preocupação pode ser percebida na constituição do quadro de sócios do clube, com a presença do sócio aspirante, possibilidade aberta a menores de 17 anos. As tentativas de disciplinar o lazer do operário estavam em curso nos grandes centros industriais da Europa, principalmente na Inglaterra, como foi o caso do West Ham, time da indústria siderúrgica, do Manchester United, dos serviços ferroviários, e do Arsenal, da indústria armamentista.¹⁸⁹ Em São Paulo, este processo era posto em prática através do “patrocínio do futebol de várzea e do esporte por fábricas ou empresas”.¹⁹⁰ No Rio de Janeiro, as indústrias adotavam as mesmas estratégias ao patrocinar os clubes e os eventos e ao buscar uma aproximação com seus empregados num momento em que as relações se mostravam particularmente tensas. As notícias de *O Imparcial* dão o tom da extensão das relações entre patrões e empregados em meio ao futebol. Por exemplo, por ocasião de um festival esportivo no *Audax Club*, em que uma das partidas seria entre o Curupaity F.C. e o Lacta F.C., time da fábrica de chocolates, informava o jornal: “A

---

¹⁸⁹ FRANCO JUNIOR. op. cit., p. 35.

¹⁹⁰ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Cotidiano de Trabalhadores na República: São Paulo – 1889/1940*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 58.

companhia acima citada ofereceu mil e quinhentos pacotinhos de chocolate para serem distribuídos aos torcedores”.¹⁹¹

Já na cidade de Campos, a Liga Campista conseguiu duas taças para o campeão. Uma era presente da Câmara Municipal da cidade e outra da “Companhia Antártica, oferecida pelos senhores Gonçalves, Zenha e Cia.”.¹⁹²

Os jogadores de futebol dos clubes de subúrbio e as novas oportunidades

A profusão de clubes dedicados ao futebol nas regiões mais afastadas do centro da cidade e oriundos de fábricas e estabelecimentos comerciais abria espaço e oportunidade para que milhares de pessoas passassem a ter contato com o novo esporte e com suas regras, formas de organização, penalizações e artimanhas. Assim, se considerarmos como *jogadores de futebol* apenas os indivíduos ligados, de alguma maneira, aos diversos clubes de futebol e que, corretamente uniformizados, disputavam jogos, amistosos ou de competições organizadas, em campos de dimensões regulamentares, sob a arbitragem conjunta de pessoa designada para essa finalidade e de dois auxiliares situados nas laterais do campo, torna-se menos complicado visualizar aqueles que potencialmente poderiam ser incorporados aos grandes clubes da cidade e tentar, ainda que com imprecisões, traduzir, em números, sua presença.

A tarefa de quantificar os jogadores não é das mais fáceis, e os números a seguir não tem a mínima pretensão de se aproximar da exatidão, mas servem para se ter uma idéia do número de praticantes de futebol nessas condições na cidade do Rio de Janeiro. Era nesse tipo de jogo que os diretores e sócios dos grandes clubes, os chamados *olheiros*, poderiam descobrir talentos para colocar nos clubes da Liga Metropolitana. Apenas para o ano de 1914, foram contados 134 clubes de futebol, cruzando os dados dos jogos anunciados pelo jornal *O Imparcial* com os estatutos pesquisados no Arquivo Nacional. Não estão contabilizados os clubes de futebol da Liga Metropolitana, apenas os clubes das ligas menores da cidade como a Liga Fluminense, a Associação Carioca de Futebol, a Associação Brasileira de Sports Athleticos, ou a Federação Brasileira de Futebol. Se pensarmos que cada clube desses apresentava pelo menos duas equipes com 11 jogadores, pois se jogava os campeonatos dos primeiros e segundos times, chegaríamos a um número de 268 times de futebol se apresentando regularmente naquele ano. É importante chamar a atenção para o fato de que a maioria dos clubes

---

¹⁹¹ *O Imparcial*, 14 de dezembro de 1919.

¹⁹² *O Imparcial*, 8 de janeiro de 1915.

tinha três times e não dois, mas como poderia haver casos de clubes com um único time de futebol, a média estimada é de dois times por clube. Cada time de futebol, sem contar os reservas era, como atualmente, composto de onze jogadores. Portanto, os 268 times de futebol colocavam em campo, no mínimo, 2.948 jogadores. Eram quase três mil pessoas jogando futebol nas condições acima descritas, em clubes apropriados e que passavam a ter como base de seus dias, extra-trabalho, a prática do futebol.

Para que pudessem sobreviver, os clubes menores de futebol tinham que ter uma estrutura mínima. A formação de um corpo de sócios pagando regularmente as mensalidades era a única maneira de se conseguir os recursos necessários para os pagamentos das despesas do clube. Dos estatutos analisados, podemos perceber a disposição de capítulos específicos para receitas e despesas. Como receitas, os clubes contavam com os valores pagos por jóias, mensalidades e possíveis multas impostas aos associados. A atribuição da cobrança desses valores ficava a cargo ou dos tesoureiros ou de uma comissão fiscal, geralmente nomeada pela diretoria. Os sócios que ficassem três meses sem pagar eram eliminados do clube, podendo ser readmitidos desde que regularizassem todos os meses em atraso. Se comparadas às mensalidades dos grandes clubes da Liga Metropolitana, as dos clubes analisados eram extremamente baixas, entre 1\$000 e 2\$000, acompanhados por uma jóia, paga apenas uma vez, com valores quase sempre com acréscimos de 50 a 100% em relação à mensalidade do clube, variando, portanto entre 2\$000 e 3\$000. Outra fonte de renda dos clubes era a venda de ingressos para eventos esportivos. Esta sim poderia ser uma fonte de renda maior, uma vez que os campos utilizados, muitas das vezes, eram os dos grandes times da cidade.¹⁹³ Os jornais não noticiavam os preços dos ingressos dos jogos de pequena importância, mas as entradas para festivais de clubes menores, com vários jogos em um mesmo dia custavam o mesmo que o ingresso das gerais dos principais clubes da cidade, 1\$000. Como vimos anteriormente, a Lacta iria distribuir 1.500 chocolates para o público do jogo do time da sua fábrica contra o Curupaity, o que faz supor um fluxo de público considerável aos campos suburbanos. Se, com base nessa suposição, calcularmos um público de 1.500 pessoas pagando um ingresso por metade do valor do mais barato da Liga Metropolitana, vemos que as rendas dos clubes pequenos poderiam chegar a 750\$000, valor equivalente a 750 mensalidades dos clubes mais baratos, ou a quase quatro salários de um operário da Fábrica Bangu. Tudo isso num único dia, num único

---

¹⁹³ O América era um dos times que alugava seu campo para as pequenas equipes. Iconografia: Imagem V.

jogo. Por isso, cada final de semana apresentava cerca de trinta a quarenta jogos, envolvendo muitas equipes, muitos campeonatos, ou simplesmente jogos arranjados.

Alguns clubes possuíam campos próprios e poderiam alugá-los aos clubes que não os tivessem. Para vender ingressos para um jogo de futebol, era necessário que um campo totalmente cercado, impedindo a visão de quem estivesse do lado de fora, e uma estrutura mínima para vender as entradas e receber o público. Isso demandava um alto investimento, pois comportava não só a aquisição de uma propriedade grande, com as dimensões mínimas de um campo de futebol, além de mais algum espaço para as instalações necessárias. A propriedade adquirida ainda teria que passar por novos investimentos para que se tornasse um campo de futebol com condições para cobrar ingressos. Um campo deve ser plano, de preferência gramado, com as marcações regulamentares, traves e redes, que se prendem a essas traves para fazer as balisas. Fora do campo deve haver vestiários para os jogadores dos dois times e para os árbitros, além de espaço para acomodar o público, se possível com a construção de arquibancadas para comportar mais torcedores. Os clubes que tivessem esse tipo de instalações poderiam ganhar dinheiro com o aluguel nos dias e horários em que não as estivessem usando. Em 1915, o aluguel das instalações já era de praxe entre os grandes clubes da cidade, como o América, o Fluminense e o Botafogo, e era parte importante das receitas desses clubes, como veremos adiante. Havia até quem se arriscasse a fazer tal investimento com vistas a alugar as instalações para clubes, oferecendo-as aos interessados, por intermédio da imprensa, em anúncios publicados na seção esportiva: “Campo de Football: aluga-se um, fechado, prompto para jogo, no Engenho Novo. Bondes à porta. Informações com o senhor José Barros, Caixa dos Correios 856”.¹⁹⁴

A preocupação em demonstrar que o campo estava em condições de viabilizar a cobrança de ingressos e uma boa afluência de público é notória quando o anúncio ressalta que o campo era cercado e estava pronto para jogo. Os bondes que passavam à porta do campo eram a garantia de sua boa localização e da possibilidade de fácil acesso ao público. Uma empreitada que demonstra o quanto o futebol começava a ser visto como fonte de renda na sociedade brasileira. Cruzando os dados resultantes da análise dos estatutos dos clubes suburbanos e da leitura dos periódicos da época, foi possível garimpar 42 campos de futebol na cidade, sem contar os campos dos clubes da Liga Metropolitana. Dezoito deles pertenciam a clubes de alguma das ligas menores da

---

¹⁹⁴ *Correio da Manhã*, 12 de julho de 1919.

cidade. Os outros 24 campos eram de clubes que não aparecem como filiados a qualquer liga. Muitos clubes alugavam outros campos, às vezes dos clubes maiores, a fim de conseguir públicos e, conseqüentemente, rendas maiores.

Outras duas fontes de renda para os clubes frequentemente citadas nos estatutos eram as doações em dinheiro e a venda de material esportivo. As doações poderiam estar dentro da modalidade do sócio remido, associado que pagava uma quantia alta (entre 200\$000 e até 500\$000) de uma só vez, para não precisar mais pagar mensalidades.

Se as fontes de renda basicamente se resumiam à cobrança de mensalidades e ingressos para jogos e festas esportivas, sendo esta a maior parte das rendas do clube, as despesas eram inúmeras: dos bens do clube, aluguel da sede social e do campo e pagamento das respectivas contas, ordenado dos empregados, material para expediente da secretaria e da tesouraria, despesas para organização de festas, compra de móveis e utensílios, bem como a sua conservação, impostos, mensalidades da liga a que estivesse inscrito, inscrição de jogadores e pagamento das multas e taxas anuais, aquisição de material esportivo e toda a sorte de despesas eventuais que pudessem surgir para esses clubes. Seria difícil para um clube de porte menor sobreviver apenas com os valores cobrados de 1\$000 ou 2\$000. Tornava-se imperativo a participação em campeonatos, em ligas menores, organizadas pelos próprios clubes pequenos e que viabilizassem a formação de jogos constantes, com clubes próximos ou interligados por meios de transporte, facilitando o deslocamento dos sócios e dos simples torcedores, os que não pagavam mensalidade do clube, mas apenas compravam os ingressos nos dias de jogo. Várias ligas foram organizadas nesse período, várias desapareceram e outras tantas foram projetadas, mas não saíram do papel. Aqui serão analisadas as que permaneceram por mais tempo, ganhando certo prestígio e organizando campeonatos, festivais e amistosos com regularidade.

Durante a década de 1910 e boa parte da década de 1920, havia pelo menos 6 ligas reunindo os times de subúrbio da cidade: a Liga Sportiva Suburbana, ou “a Suburbana”, (com cerca de 25 clubes filiados), a Associação Athletica Suburbana (com cerca de 20 clubes filiados), a Aliança Sportiva Municipal (sempre com mais de 10 clubes filiados e rebatizada em 1919 como Liga Municipal de Football), a Liga Rodrigo de Freitas (que não ultrapassava os 10 clubes inscritos), a Liga Sportiva de Futebol (com cerca de 10 clubes filiados) e a Associação Brasileira de Sports Terrestres (outra

liga que raramente chegava a dez clubes inscritos).¹⁹⁵ Quando um clube se registrava numa liga, pagava uma jóia (nesses casos entre 20\$000 e 30\$000), paga uma única vez enquanto o clube fosse sócio da mesma. Além disso, havia uma anuidade (entre 120\$000 e 240\$000), que podia ser paga mensalmente em parcelas iguais. O clube tinha ainda que pagar uma taxa de inscrição por cada atleta a ele filiado que fosse disputar competições. As associações tinham também suas despesas e por isso necessitavam de receitas. Assim como as jóias e mensalidades não eram a parte maior das receitas dos clubes, também não eram das ligas. Eram cobradas taxas caras como 5\$000 para enviar um ofício registrado para reclamação,¹⁹⁶ mas o mais importante eram as porcentagens das receitas que os clubes conseguiam com a venda de ingressos para os jogos. A Associação Brasileira de Desportes Athleticos, liga fundada em 1915, como muitas outras, não conseguiu espaço para sobreviver por muito tempo. Esta associação cobrava jóia de 30\$000, mensalidades de 20\$000 e ainda 10% sobre a renda bruta dos jogos oficiais, 40% da renda bruta das provas eliminatórias¹⁹⁷ e dos jogos de futebol ou de qualquer outro esporte organizado no fim da temporada, como “festas sportivas, matches entre o ‘team’ campeão do anno, contra ‘scratches’ formados entre os jogadores dos clubes concurrentes e ‘teams’ Estaduaes e Internacionaes”.¹⁹⁸ Assim, eram eliminadas as chances do clube organizar qualquer jogo sem ter uma bela parte da renda confiscada pela liga, isso sem contar os impostos do governo de 10% sobre os espetáculos públicos. Era o preço a se pagar para que os clubes pudessem movimentar um montante de dinheiro muito maior do que estavam acostumados a lidar.

As duas principais ligas suburbanas da cidade, a Liga Suburbana e a Associação Athletica Suburbana, rivalizavam na formação da associação que congregasse os melhores clubes do subúrbio do Rio de Janeiro, seja da Zona Norte, seja da Zona Oeste. Suas exigências para que um clube fosse associado eram muito parecidas. Para a Liga Suburbana, o clube que desejasse disputar seus campeonatos deveria:

- a) ter estatutos próprios aprovados em assembleia geral;
- b) ter uma directoria idonea com a indicação de residência, profissão e local em que a exercem os directores;

---

¹⁹⁵ Essa afirmação foi obtida cruzando dados coletados mediante a leitura dos diversos periódicos do período e análise de alguns estatutos também disponíveis no Arquivo Nacional.

¹⁹⁶ Fonte: Estatutos da *Liga Sportiva Suburbana*, de 25 de junho de 1912. Caixa IJ6- 655.

¹⁹⁷ Partidas jogadas entre o último colocado da 1ª divisão e o 1º colocado da 2ª divisão do campeonato disputado num mesmo ano, para se saber quem jogaria na 1ª e 2ª divisões no ano seguinte.

¹⁹⁸ Fonte: Estatutos da *Associação Brasileira de Desportes Athleticos*, fundada em 25 de março de 1915. Caixa IJ6- 655.

- c) ter uma sede social e um campo ou local apropriado à prática dos desportos, conforme as exigências dos respectivos regulamentos;
- d) remeter um desenho do uniforme e pavilhão adoptados;
- e) provar estar licenciado pela polícia para funcionar;
- f) provar haver depositado na tesouraria da Liga a importância de 50\$000, valor da jóia exigida, a qual será restituída no caso de não ser concedida filiação;
- g) juntar ao requerimento uma relação geral de seus associados com as respectivas residências e profissões.¹⁹⁹

Poucos dias depois dessa publicação, a A. A. Suburbana publicou também suas exigências para a filiação dos clubes à sua entidade. A principal diferença entre as exigências para um clube se associar estava no valor da sua taxa de inscrição, que era de 40\$000. A Liga Suburbana era, sem dúvida, a mais forte liga da cidade e, para muitos, os seus jogos rivalizavam com os jogos dos grandes clubes da cidade. É difícil estabelecer o número exato de participantes em cada liga, pois as licenças eram renovadas anualmente e muitos clubes deixavam de participar de uma liga para migrar para outra ou para realizar apenas amistosos com outros clubes não filiados a nenhuma delas. Mas a liga Suburbana contava sempre com mais de 20 clubes filiados, formando duas divisões com 10 clubes cada uma. Nos estatutos encontrados, datados de 1912, a liga exigia 120\$000 anuais e uma taxa de 20\$000.²⁰⁰ Como visto acima, em 1919, a taxa anual já era de 50\$000, uma alta de 150%, provavelmente a mesma da anuidade dos clubes. Mesmo assim, essas taxas eram muito menores do que aquelas cobradas pela Liga Metropolitana naquele período, como veremos na segunda parte deste capítulo. A popularização do futebol e a procura cada vez maior por ingressos nas muitas bilheterias espalhadas pela cidade faziam com que as ligas aumentassem as taxas, as porcentagens e as multas, para abocanhar uma fatia desse bolo, o que era complicado para um time que cobrava 1\$000 ou 2\$000 de mensalidade. A solução? Realizar muitos jogos, ligando os times mais pobres da cidade, através das ferrovias e dos novos *bonds* elétricos, e cobrar ingressos mais módicos na tentativa de encher os acanhados campos.

Dos clubes da Liga Suburbana em que foi possível a identificação dos campos, todos estavam localizados muito próximos das estações de trem das principais ferrovias da cidade. Na linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, da estação Central do Brasil até a estação final de Santa Cruz, os clubes apareciam ao lado das estações. Logo na primeira estação, havia o Central Athletic Club, clube dos ferroviários daquela companhia de trens. Da lista de 64 associados do *Central*, 59 eram funcionários

¹⁹⁹ Parte da notícia em *O Imparcial*, de 7 de fevereiro de 1919, informando como os clubes deveriam proceder naquele ano para jogar na Liga Suburbana.

²⁰⁰ Fonte: Estatutos da *Liga Sportiva Suburbana*, fundada em 23 de abril de 1912. Caixa 6C- 367.

públicos, provavelmente empregados da E.F. Central do Brasil, 2 eram comerciantes, 2 empregados do comércio e 1 negociante. O caminho das estradas de ferro vão revelando outros clubes filiados à liga suburbana. Duas estações depois da Central, na estação de São Christóvão, a Associação Athletica São Christovão e o clube da fábrica Mavillis tinham seus campos próximos à estação do bairro. A estação seguinte, a Derby Club, servia aos clubes do bairro operário Aldeia Campista, como era o caso do Argentino Foot Ball Club. Três estações adiante, em Riachuelo, o Club Athletico Riachuelo. Mais três estações adiante, na Engenho de Dentro, o Engenho de Dentro Athletico Club, um dos clubes mais fortes dos subúrbios cariocas. Andando mais três estações, chegando a Cascadura, aparecia o Cascadura Foot Ball Club. Ainda havia mais clubes depois da bifurcação entre os ramais de Queimados e Santa Cruz. No ramal de Queimados não havia times da Liga Suburbana, mas para o ramal de Santa Cruz ainda havia mais quatro times. O Dramático Realengo, na estação de Realengo, seis estações adiante de Cascadura. Uma estação depois de Realengo, ficava a estação de Bangu, no bairro operário e local de muitos campos de futebol. Os bairros operários tinham muitos clubes e campos de futebol. Em Aldeia Campista, bairro operário da Fábrica Confiança, pelo menos quatro clubes tinham campo: o Confiança A.C., o Argentino Foot Ball Club, o Paladino Foot Ball Club e o Mignon Football Club. No bairro de Bangu, com a instalação da Fábrica Progresso, observa-se o mesmo processo, com pelo menos quatro times com sede e campo: O Bangu A.C., O Bangu - Progresso Foot Ball Club, o Progresso Foot Ball Club e o Esperança Foot Ball Club, sendo este último o representante do bairro na Liga Suburbana. Mais três estações adiante, em Campo Grande, o Campo Grande Foot Ball Club e dali, mais duas estações à frente, na última estação do subúrbio, o Sport Club Santa Cruz.

Já nos trens servidos pela Leopoldina Railway, da primeira estação, a Barão de Mauá, próximo ao porto da cidade, eram necessárias apenas três estações, para se chegar ao Bomsucesso Foot Ball Club, na paragem com o mesmo nome do bairro e do clube. Na estação seguinte, a de Ramos, o Ramos Foot Ball Club e na sequência, em Olaria, o Olaria Foot Ball Club. São treze clubes próximos a estações das duas principais linhas férreas da cidade, interligando assim clubes de regiões distantes, e o futebol com as linhas e paragens de trem. Em 1915, o Mayrink F.C., clube que não era filiado a nenhuma liga, mas que aparece constantemente envolvido em jogos amistosos, convocava seus sócios para um jogo amistoso com o Bomsucesso sendo que “a sahyda será no campo do Mayrink, às 11h30 da manhã, afim de seguirem no trem de 11h53, em

Triagem”.²⁰¹ Esta pequena nota do jornal *O Imparcial* revela um dado interessante na busca de uma reconstituição da importância das linhas férreas e dos meios de transporte na viabilização da formação de jogos, campeonatos e ligas. A diferença de tempo entre a hora marcada para a reunião dos atletas e sócios do Mayrink e o horário da saída do trem da estação de Triagem é de apenas 23 minutos. Esse seria o tempo que teriam as pessoas que fossem ao jogo contra o Bomsucesso para se deslocar da sede do clube até a estação, mostrando sua proximidade.

Os outros campos da cidade parecem obedecer à mesma lógica de localização próxima a estações das duas principais linhas férreas da cidade. São 21 campos espalhados pelo centro e subúrbios, 2 campos em Niterói e um em Guaratiba, sendo este último dentro de uma fazenda particular e com instalações para a prática de tiro. Dos 21 campos, sete estão localizados no bairro da Tijuca, próximo à estação Derby Club da E.F. Central do Brasil, além de serem servidos por diversas linhas de *bonds*. São os campos dos clubes Smart Team, Belriot F.C, Paladino F.C., Campo Alegre F.C., Mangueira F.C. (esse clube também ficava próximo à estação Mangueira), S.C. Rio de Janeiro e Mignon F.C.. Ainda nas estações da Central do Brasil, havia o Mexicano F.C. (campo na Praça da República, próximo à estação Central), o Aventureiros F.C., na estação de São Christovão, o Portinho F.C., da estação de Praia Formosa, o Ideal F.C. da estação Quintino Bocaiúva, o Royal F.C., na estação Engenho de Dentro, o Suburbano F.C., na estação de Piedade. Na estrada de ferro Leopoldina, havia os clubes Ouvidor F.C. (com sede na Rua do Ouvidor e campo na Praça XV de novembro) próximo à estação Mauá, o Black and White e o Penha F.C., na estação da Penha, o Palestra Itália F.C., na estação Braz de Pinna. Havia ainda o Leme F.C., com o campo próximo ao Túnel Novo, que ligava o bairro a Botafogo, Zona Sul da cidade.

Dessa maneira, outro futebol floresceu, um futebol apropriado pelas camadas populares, tomado das elites e praticado aos quatro cantos da cidade. O futebol insere-se no processo de urbanização e expansão da cidade. São mais de duas centenas de clubes organizados, mais de cinco mil homens (quase 1% da população total da cidade) jogando futebol regularmente pelos diversos clubes das mais variadas naturezas espalhados pela Capital Federal. Ali estavam homens e garotos de todas as camadas sociais participando de jogos e campeonatos, aparecendo nos jornais, ganhando fama pela habilidade com a bola nos pés. Eram os jogadores de futebol das camadas humildes

---

²⁰¹ *O Imparcial*, 3 de abril de 1915.

jogando um esporte inglês, mas com as feições do Rio de Janeiro: futebol de brancos e negros, nacionais e imigrantes, analfabetos e letrados, compondo um mosaico de raças, etnias, condições sociais e uniformes que coloria a cidade do Rio de Janeiro e mostrava sua diversidade. Eis o exército de reserva onde os clubes grandes começaram a buscar jogadores para completar seus quadros, para atrair mais público, para conseguir vitórias. Esse o caminho a ser desvendado na próxima parte deste capítulo.

CAPÍTULO 2

A COMUNIDADE PORTUGUESA E A AVENTURA NOS *SPORTS*

2.1 A cidade, os imigrantes e as associações portuguesas - o Vasco da Gama

O Rio de Janeiro do final do século XIX e início das primeiras décadas do século XX tinha forte marca dos portugueses, não só por ter sido sede da maior e mais importante colônia de Portugal por mais de um século, mas também por ter sido a própria sede do reino português durante o chamado Período Joanino (1808-1821) e capital de um império de família real portuguesa, a família Bragança. Na capital da República viviam muitos portugueses. São números reveladores da importância da colônia portuguesa para a configuração da cidade neste período de transição tão determinante. Os portugueses ajudaram a configurar o que conhecemos como a classe trabalhadora e empresarial da cidade, principalmente através dos seus muitos estabelecimentos comerciais e até pelo fato de alguns terem se tornado grandes empresários locais. Estudos sobre a presença desses imigrantes na cidade do Rio de Janeiro no período tornam-se imperativos para uma compreensão maior do comportamento dos imigrantes portugueses e do comportamento adotado em relação a eles na cidade.

A onda de imigração passou a ter um ritmo acelerado desde a segunda metade do século XIX, com o fim do tráfico negreiro. Os imigrantes se dirigiam principalmente para os Estados de São Paulo e do Sul do país, mas o Rio de Janeiro recebeu também um grande número deles, atraídos pelo crescimento que a capital do Império, e posteriormente da República, vinha apresentando. A urbanização, a industrialização e os conflitos internos que ocorriam na Europa desde o século XIX, certamente constituíram o fator primordial para as grandes migrações, principalmente para o continente americano. No início do período republicano brasileiro, existiam vários órgãos responsáveis pelo incentivo à imigração. No Rio de Janeiro, por exemplo, funcionou até 1891 a Sociedade Central de Imigração, que defendia a entrada de imigrantes no Brasil, não para fornecer braços para as lavouras de café, mas para povoar áreas ainda distantes dos grandes centros, sem ocupação agrícola, através da montagem de pequenas

propriedades. Segundo Maria Tereza Schorer Petrone, analisando mais especificamente o caso do Estado de São Paulo,

[...] os imigrantes, além de se fixarem nas fazendas de café como mão-de-obra assalariada ou como pequenos proprietários, também se radicaram nas cidades, contribuindo de maneira decisiva não só para a urbanização do Estado, mas também para o processo de industrialização que se inicia praticamente a partir do momento em que para cá se dirigem as primeiras grandes levas de imigrantes.²⁰²

O Rio de Janeiro também foi pólo de atração de imigrantes, mas em seu caso, com as lavouras de café da Baixada Fluminense já praticamente falidas no início do século XX, esses imigrantes se dirigiram especificamente para a cidade, aumentando sobremaneira a urbanização na capital federal. As fábricas que se multiplicavam no final do século XIX e início do XX, como a América Fabril, a Fábrica Carioca, a Fábrica Mavillis, ou a fábrica de tecidos Progresso Industrial - matriz do time do Bangu - faziam com que a cidade fosse invadida por muitos portugueses, espanhóis, italianos e turcos em busca de empregos. Muitos foram os imigrantes a ocuparem os postos das primeiras fábricas da cidade, mas o contingente desses trabalhadores que entrava no Rio era muito maior que a possibilidade de empregos oferecida pelos estabelecimentos industriais recém-instalados. Restava então aos estrangeiros mais humildes disputar o mercado de trabalho com os ex-escravos nas mais variadas atividades da cidade, como no comércio, nos portos, ou ainda nas muitas pequenas ocupações informais, como carroceiros, vendedores ambulantes, carregadores e outros. A maior parte desses imigrantes era formada por portugueses e muitos foram os estudiosos que se dedicaram a analisar essa imigração para o Brasil e para o Rio de Janeiro, mais especificamente. A análise dos censos efetuados entre 1890 e 1920, principalmente o censo da Capital Federal, também pode dar uma boa idéia do contingente e do peso dos imigrantes portugueses no Rio de Janeiro.

Foi grande o número de portugueses que abandonou a terra natal no final do século XIX e início do século XX. Com o desenvolvimento da indústria e do capitalismo na Europa, a crise que assolava seus países periféricos expunha as fraquezas das economias que passaram por este processo mais tardiamente como foi o caso de Portugal, Espanha, países do leste europeu e até regiões de países mais industrializados, como o sul da Itália. No caso de Portugal, seus emigrantes tiveram uma grande

---

²⁰² PETRONE, Maria Tereza Schorer. *Imigração* In FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, vol. 9, O Brasil Republicano, São Paulo: DIFEL, 1985, pp. 100 e 101.

propensão a se dirigir para o Brasil, devido à facilidade da língua e à semelhança de costumes. De uma maneira geral, “o Brasil atraía porque já desaparecera a escravidão que aviltava as condições de vida no campo, e os salários urbanos eram, em geral, mais elevados que em Portugal, sobretudo no Rio de Janeiro, onde tinha início a industrialização”.²⁰³ De 1875 até 1907 saíram aproximadamente 675 mil portugueses de sua terra natal, e uma boa parte deles veio para a cidade do Rio de Janeiro. Em 1890, somados os imigrantes portugueses com seus descendentes, chegamos a um total de mais de 50% da população carioca (267.664 portugueses ou descendentes, num total de 522 mil habitantes), numa demonstração clara do número de pessoas ligadas a essa colônia.²⁰⁴ Só de 1891 a 1900, entraram 202.409 portugueses no Brasil. Em 1906, dos mais de 811 mil habitantes da cidade, 133 mil eram portugueses (mais de 15% da população), contingente muito maior que os 25 mil italianos, 20 mil espanhóis, 3 mil e poucos franceses ou os modestos 1.600 ingleses, que tanto peso tinham para a economia, sociedade e cultura brasileiras. Naquele ano, havia distritos verdadeiramente tomados pelos portugueses, tais como Candelária (2.281 brasileiros e 1734 portugueses), Santa Rita (28.349 brasileiros e 11.327 portugueses), Sacramento (12.408 brasileiros e 7.549 portugueses) São José (25.537 brasileiros e 10.237 portugueses), Gamboa (26.664 brasileiros e 10.045 portugueses). Todos esses distritos ficavam mais próximos do centro da cidade, onde foi a tendência de fixação inicial da colônia portuguesa, ainda que também fosse considerável sua presença nos distritos mais afastados como São Christovão (36.179 brasileiros e 6.440 portugueses), nos bairros mais novos como a Tijuca (5.823 brasileiros e 1.454 portugueses) ou os distritos suburbanos como Irajá (22.485 brasileiros e 3.067 portugueses).²⁰⁵ No período posterior, de acordo com o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, após recenseamento em 1920, efetuado pelo Diretório Geral de Estatísticas e Recenseamento, dos mais de 1.100.000 habitantes da cidade, 210.515 eram portugueses, representando um total de 72% dos estrangeiros da cidade e quase 20% de sua população.²⁰⁶ Esses números são claros ao mostrar o significado da colônia portuguesa para o Rio de Janeiro.

---

²⁰³ LOBO, Eulália Maria L. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 16.

²⁰⁴ Ibid. p. 42.

²⁰⁵ *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906*. Rio de Janeiro, Off. da Estatística, 1907-1908 e Quadros estatísticos. Rio de Janeiro: Directoria de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional, 1968.

²⁰⁶ Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922. MENEZES, L. M. de. op.cit., p. 61.

Esses imigrantes que chegavam à Capital praticamente não tinham qualificações para galgar postos de trabalho que pudessem lhes oferecer uma remuneração elevada. Na maior parte dos casos, eram pobres e pobres permaneciam. Em geral se tornavam empregados do comércio, da construção civil, das oficinas, das docas e das companhias de transportes ou dos chamados trabalhos informais. É interessante analisar algumas passagens do *Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil*, lançado no ano de 1929, com o objetivo de ser um “elogio documentado” do real valor da imigração portuguesa para o Rio de Janeiro, uma vez que é uma visão que a própria colônia tinha de si mesma. O enorme livro, do qual o Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, guarda uma cópia, descortina o mundo dos portugueses no Rio, dando ênfase para a elite portuguesa, principalmente por ter sido a financiadora do projeto do livro. Mas são muitas as fotos de portugueses da classe trabalhadora, de vendedores ambulantes, junto dos maiores empresários vinculados à colônia. Ressalta que a maioria dos imigrantes que vinha de Portugal chegava aqui

[...] sem os mais rudimentares alicerces da instrução. Mal sabem alguns ler, escrever e contar. Vieram atrás de um grande sonho - e desfeito este, não desanimaram. A resignação fatalista da raça faz com que encarem, com denodo e animo sereno, as mais imprevisas situações. Não podem regressar mais às aldeias que deixaram.²⁰⁷

A passagem confirma os números dos censos quanto à questão do analfabetismo de quase metade dos imigrantes portugueses. No início do século, o índice de analfabetos entre os brasileiros era de 48,67%, e dos portugueses no Brasil 44,30%, o que mostra bem o nível social da maioria daqueles que se aventuravam nas terras brasileiras em busca do sonho da imigração. Fica clara a procedência desses imigrantes, vindos principalmente das zonas rurais de Portugal, das aldeias às quais não podiam mais regressar. É notória também a visão que o português tinha de si mesmo, como herdeiro de uma tradição de privações e desbravamentos em nome da humanidade, uma verdadeira raça de heróis que não se resignam a qualquer privação.

Esses imigrantes portugueses que vinham para o Brasil, em sua maioria camponeses sem instrução originários das aldeias do norte de Portugal, configuravam com a massa de recém-libertos e de seus descendentes, e com os demais imigrantes, as camadas mais baixas da sociedade carioca. O imigrante português ajudava a configurar

---

²⁰⁷ CARINHAS, Teófilo (Dir. e Org.) *Álbum da Colônia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Número de Carinhas e Cia. Ltda, 1929. p. 85.

o lumpem, a classe proletária do Rio de Janeiro. A entrada avassaladora de imigrantes, e majoritariamente de portugueses, fazia com que aumentasse sobremaneira a oferta de mão-de-obra, levando a uma baixa nas médias salariais. No período de 1889 a 1894, “a expansão industrial foi ainda favorecida pelo barateamento da energia e da mão-de-obra, devido à abolição da escravidão que impulsionou a migração campo-cidade e a imigração estrangeira”.²⁰⁸ As tabelas de salários apresentadas por Maria Eulália L. Lobo em sua obra *História do Rio de Janeiro*, largamente usada neste trabalho, mostram que de uma maneira geral, a tendência de salários nas fábricas e na construção civil do Rio de Janeiro foi de estabilização, com pequenos aumentos e quedas bruscas no período de 1894 a 1904. Um servente de obra da construção civil ganhava 102\$157 réis por mês em 1895 e 105\$744 em 1904. O pedreiro teve um aumento um pouco maior, de 197\$639, para 210\$291; já carpinteiros e pintores tiveram queda drástica, o primeiro de cerca de 200\$000 para 180\$000 e o segundo de aproximadamente 195\$000 para pouco mais de 168\$000 por mês. É bom lembrar que de 1902 a 1904 houve grande procura por funcionários da construção civil devido ao início das obras de remodelamento da cidade. Já os empregos nas indústrias tiveram uma queda salarial muito acentuada no mesmo período. Operários da fiação da fábrica Bangu, que chegaram a receber mais de 300\$000 por mês em 1894, chegaram a receber 94\$800 por mês em 1904. Os operários das cardas tiveram queda de cerca 208\$000 para 128\$000. Só a doação aumentou de 197\$280 para mais de 295\$000, mas a maioria das ocupações teve queda de 286\$000 para aproximadamente 260\$000 nesses 11 anos.²⁰⁹ A própria autora, em sua obra sobre a imigração portuguesa, mostra como teria sido a situação no período anterior, com cores ainda mais dramáticas: “conforme denúncia de um jornal operário, os trabalhadores empregados na tecelagem do Distrito Federal recebiam em 1890 entre 1\$500 e 1\$700 [por dia], quando oito anos antes tinham uma remuneração de 2\$000 a 4\$000”.²¹⁰ Muitos dos portugueses vindos para o Rio de Janeiro trabalharam nas indústrias da cidade e tinham participação efetiva no movimento operário carioca. Para citar um exemplo, dos estivadores matriculados na *União dos Operários da Estiva* entre 1903 e 1905, quase um quarto (24, 8%) eram portugueses.²¹¹

---

²⁰⁸ LOBO, E. M. L. e STOTZ, E. N. op.cit., p. 62.

²⁰⁹ Fonte: LOBO, E. M. L. op.cit. (1978) Estatísticas e tabelas.

²¹⁰ LOBO, E. M. L. op.cit. (1978) p. 25.

²¹¹ ALBUQUERQUE, Marli Brito Moreira de. *Trabalho e Conflito no Porto do Rio de Janeiro (1904-1920): um estudo sobre a participação política das categorias portuárias no movimento operário da Primeira República*. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1983.

A posição majoritária dos portugueses refletiu-se diretamente na base do movimento operário, onde a maior parte da militância de origem estrangeira estava constituída por lusitanos. Da mesma maneira, a tendência repetiu-se no universo da marginalidade, onde os vadios, gatunos e ladrões provenientes de Portugal ocuparam um percentual expressivo no conjunto dos estrangeiros. [...] Os portugueses pobres tiveram papel expressivo no mercado de trabalho do Rio de Janeiro, explicando por que, no período de afirmação nacional, os ódios se voltaram para eles, principais concorrentes no comércio, na construção civil, nos transportes e na estiva.²¹²

Os imigrantes portugueses, portanto, eram a maioria na cidade, ajudavam a configurar as camadas mais baixas da sociedade, pressionavam os salários industriais para baixo, vinham das aldeias do interior de Portugal, quase metade deles eram analfabetos, muitos trabalhavam em “atividades marginais, que cresciam *pari passu* com o processo de modernização em marcha, oferecendo alternativas variadas”.²¹³ Essas atividades marginais, em que muitos dos membros da colônia portuguesa passaram a encontrar a solução para a sobrevivência na cidade, eram das mais variadas naturezas.

As profissões dos portugueses humildes que no Brasil [trabalhavam] [eram] múltiplas. [Iam] desde os varredores das ruas até o posto mais elevado de *chauffer* ou motorneiro de bonde. [Eram] vendedores ambulantes de ovos, pães, cestos, vassouras, sorvetes, refrescos, frutas, garrafas vazias, frangos, carvão, além de doceiros, motoristas de carroça, carregadores do Cais do Porto, *chauffer*, condutor de carrinho de mão.²¹⁴

Eram muitos, milhares deles, praticamente tomando conta da cidade. Por isso, não é de estranhar que os brasileiros de elite, e não só eles, empolgados com a chegada do progresso (via ingleses principalmente) vissem os portugueses como a antítese desse processo de aproximação dos costumes e, portanto, do mundo civilizado. Os portugueses não eram apenas vistos como símbolo do atraso quando comparados com os ingleses e franceses, mas também como portadores de uma repressão e controles históricos. “Numa época de polarizações, os portugueses passaram a ser identificados com o passado que as elites buscavam apagar”²¹⁵ e passaram a ser objeto das mais variadas formas de preconceito na cidade.

No entanto, apesar da baixa qualificação profissional da maioria dos imigrantes portugueses “o imigrante deveria servir de exemplo ao trabalhador nacional. O imigrante e sua família deveriam estar sempre dispostos ao trabalho árduo e às

---

²¹² SERRÃO, Joel. *A Emigração Portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1974, pp. 71 e 72.

²¹³ MENEZES, L. M. de. op.cit., p.51.

²¹⁴ CARINHAS, T. op.cit., p. 87.

²¹⁵ MENEZES, L. M. de. op.cit., p. 61.

condições difíceis da vida, pelo menos nos primeiros tempos (...).”,²¹⁶ e dessa maneira o imigrante português incluía-se numa esfera muito particular. Se era visto como símbolo de atraso, concorrente árduo no mercado de trabalho, alvo de preconceitos, em muitos casos era visto como expoente máximo da vitória do modelo de *self made man*, tão ao gosto do espírito capitalista que tomava conta da Capital. O imigrante português que conseguisse alcançar o sucesso econômico galgava posições importantes na sociedade e mostrava a todos o poder do novo sistema econômico em alavancar indivíduos da miséria. Era o protótipo perfeito para se disseminar a idéia do sucesso do capitalismo em um país que acabava de deixar suas amarras escravistas e que tanta dificuldade tinha em criar modelos que comprovassem a propaganda eficácia do sistema. Essa possibilidade de sucesso dos imigrantes era mais um catalisador da ordem social competitiva em processo de desenvolvimento no país, principalmente em suas grandes cidades do Sudeste. Num país com uma forte tradição escravocrata, a vitória de alguns imigrantes era, para os mentores e defensores do grande projeto da imigração, a prova concreta de que aqueles que fugiam da miséria em sua terra natal podiam alcançar as tão almejadas vitórias na esfera econômica e galgar melhores posições na sociedade. A vitória de alguns imigrantes era a prova de que a miséria em que o negro se encontrava era culpa dele mesmo e não do sistema, dos anos de escravidão, da falta de um projeto para inserção dos ex-escravos na sociedade, uma vez que aqueles imigrantes humildes haviam conseguido alcançar os objetivos de terem uma vida melhor por aqui.

Assim, a forma como o imigrante era visto e considerado dependia de suas condições econômicas e sociais. Aqueles que se mantinham nas camadas mais baixas, eram o símbolo do atraso. Aqueles que subiam, que alcançavam posições melhores, que tinham sucesso econômico, não eram mais símbolo do atraso, mas sim de um modelo vitorioso, de um modelo capaz de alavancar seres humanos da miséria e alçá-los aos melhores postos da sociedade. Muitos foram os portugueses de sucesso no Rio de Janeiro, ou como acionistas (como a América Fabril e a Petropolitana), ou como fundadores das mais importantes fábricas. Albino de Souza Cruz, por exemplo, chegou ao Brasil em 1885, com 15 anos, e foi trabalhar na fábrica de cigarros Veado. Dezoito anos depois, fundou a sua própria fábrica de cigarros, a Souza Cruz.

Mas nem sempre os portugueses que alcançavam as “vitórias” do capitalismo no Rio de Janeiro eram vistos como modelos. Muitas das vezes esses portugueses se

---

²¹⁶ CHALHOUB, Sidney. op.cit., p. 77.

tornaram patrões, donos de indústrias e casas de comércio, muitos se tornaram proprietários e viviam da cobrança de aluguel, ou monopolizavam setores importantes do comércio por atacado e por isso eram vistos também como exploradores. Nuno Simões destaca que

[...] os portugueses ocupavam posições de destaque na indústria, no comércio por atacado e varejo, nos bancos; representavam um mercado consumidor considerável para os artigos de exportação lusos, constituíam parte importante da mão-de-obra rural e urbana de algumas regiões do Brasil e eram grandes proprietários de imóveis, sobretudo urbanos.²¹⁷

Nesse verdadeiro mosaico português da cidade do Rio de Janeiro, múltiplos eram também os olhares sobre os portugueses, vistos ora como modelo de atraso e, portanto tendo a si direcionados sentimentos não muito amistosos por parte dos nacionais, ora como símbolo do trabalho, da superação, do empreendedorismo, tão almejados nas sociedades capitalistas. O ódio extremo era representado pelo jacobinismo²¹⁸ O principal divulgador deste movimento na cidade era o jornal *O Jacobino*, publicação cuja especialidade era a lusofobia.²¹⁹ Era um jornal florianista, do início do período republicano que

[...] veiculava a imagem do português como o rapaz rude, trabalhador, mas burro e que retornava a Portugal com os ganhos ilícitos à custa dos brasileiros. [O jornal exigia] leis que reservassem o comércio de retalho para

---

²¹⁷ SIMÕES, Nuno. *Portugueses no mundo*. Lisboa: Oficinas Gráficas Minerva, 1940. p. 110.

²¹⁸ Obras de relevância, dentre outras, que estudam o jacobinismo como fenômeno da lusofobia no Rio de Janeiro:

FLORENTINO, Manolo & MACHADO, Cacilda. “Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil dos séculos XIX e XX”. In: LESSA, C. (Org.). op.cit. pp. 91 a 116.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. “Migração Portuguesa no Brasil”. In: *Revista Brasileira de História*. vol.23, no.45. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

MENEZES, L. M. de. op.cit.

MUZZI, Amanda, *Os jacobinos e a oposição a Prudente de Moraes na transição entre as presidências militar e civil- 1893 -1897*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Nós e eles, relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PENNA, Lincoln de Abreu. *O Progresso da Ordem: o Florianismo e a construção da República*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República*. Jacobinismo: ideologia e ação (1893-1897), São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. “O Jacobinismo na historiografia republicana”, In: LAPA, José Roberto do Amaral (org.), *História Política da República*: coletânea de ensaios inéditos comemorativa do centenário da República, Campinas, São Paulo: Papirus, 1990, p. 69-81. (Coleção Tempo e Memória, v. II).

RIBEIRO, Gladys Sabina. “*Cabras*” e “*pés-de-chumbo*”: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Niterói: UFF, 1987.

_____. *Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

²¹⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966. p. 302.

os brasileiros, confiscassem imóveis de propriedade dos portugueses, proibissem os estrangeiros de servir nas forças armadas e no serviço público, controlassem a imigração, expulsassem estrangeiros que criticassem o Brasil via imprensa e famílias que autorizassem casamento de seus filhos com portugueses. [Publicavam] piadas insultuosas sobre portugueses, reclamavam a nacionalização do comércio [...] condenavam os portugueses por cobrarem preços dos gêneros, aluguéis de imóvel e juros de empréstimo elevados, por terem trazido a escravidão, por se oporem à independência do país, por tentarem derrubar o governo republicano (Revolta da Armada), pelo câmbio baixo e até pela prostituição no Rio de Janeiro.²²⁰

Notícias com retoques de crueldade contra os portugueses poderiam ser lidas nas suas páginas nos anos iniciais da República:

É a primeira vez que vemos uma anedota de portuguez que tenha espírito: Esmagado pelo caminhão que conduzia, devido ter cahido debaixo das rodas, falece no hospital da Midericórdia o portuguez Eduardo Baventura Salamonde. Esse bruto momentos antes tinha passado uma descompostura num brasileiro. Bem feito; é um de menos!²²¹

Este jornal representava o extremo do que era visto na imprensa como ódio à colônia portuguesa.

Alguns dos principais estudos envolvendo os imigrantes portugueses no Rio de Janeiro feitos até o presente momento, como as obras de Gladys Sabino, *Mata Galegos*, de Eulália Lobo, *Imigração Portuguesa*, e de Sydnei Chalhoub, *Trabalho, Lar e Botequim*, já citados, apontam para um número maior de casos em que os ódios são voltados para os portugueses, sem deixar claro que também havia momentos de valorização dos membros da colônia quando estes se enquadravam nos valores da nova ordem social almejada pela elite.

As visões do português manifestar-se-ão não só de acordo com as vivências de cada segmento, como também de acordo com as conjunturas sócio-econômicas e com as necessidades de se construir esta nova ordem, baseada no valor fundamental do trabalho, e tendo como horizonte a construção da nacionalidade. Muitas vezes o português aparece como sujeito ‘trabalhador’, outras como ‘explorador’, ‘sugador’.²²²

Os ódios chegavam ao extremo. Veremos adiante como o caso do Vasco da Gama se torna interessante para analisar aspectos da colônia portuguesa sob esse prisma de “amor/ódio”.

Com um contingente tão grande de portugueses na cidade era bem provável que existissem alguns elementos dessa colônia que conseguissem romper o estigma do imigrante pobre e muitas vezes analfabeto, vindo de uma aldeia camponesa do interior de Portugal. Havia muitos empresários, banqueiros, comerciantes, donos de jornais que

²²⁰ LOBO, E. M. L. op.cit. (2001) pp. 27 e 28.

²²¹ *O Jacobino*, 26 de setembro de 1894.

²²² LOBO, M. E. L. op. cit (2001) p. 29.

sentiam de alguma maneira os preconceitos contra os pares de sua colônia. Daí a necessidade da formação de associações, clubes e festas para a colônia portuguesa na cidade. É impossível se fazer uma reflexão sobre a cidade do Rio de Janeiro sem olhar para as muitas formas de participação dos elementos da colônia portuguesa na cidade. Pode-se perceber essa influência, por exemplo, através da religião, do número de instituições católicas espalhadas pela cidade,²²³ além das festas católicas como a Festa da Penha, considerada uma romaria “caracteristicamente portuguesa”.²²⁴ Com o passar do século XIX e com a chegada de mais e mais imigrantes portugueses no nascimento do século XX, começaram a surgir associações, das mais variadas naturezas, para a reunião dos membros da colônia. Durante o século XIX, poderíamos citar a Sociedade Portuguesa de Beneficência (1846), o Liceu Literário Português (1878) e o Centro Republicano Português (1881), além do Real Gabinete Português de Leitura, a mais antiga instituição pós-independência ligada à colônia. Mas é no final do século XIX e no início do século XX, com a proliferação de clubes e associações na cidade, que vão proliferar também aqueles que se destinavam a congregar os imigrantes e aqueles ligados à extensa colônia portuguesa.

Tão presentes no processo de urbanização carioca e oriundos na maioria das vezes de regiões rurais de Portugal, essas festas e associações ligadas à colônia ajudavam a conferir identidade aos membros da colônia. Participar de um clube da colônia era não só juntar-se aos membros da sua terra natal, mas era também esvair-se da cultura rural que carregava de sua vida em Portugal e integrar-se à cultura urbana. As funções essenciais de uma cidade, no dizer de Jacques Le Goff, “são a troca, a informação, a vida cultural e o poder” e “a festa e os jogos participam da identidade urbana, que procura se afirmar diante da cultura camponesa”.²²⁵ Dessa forma, muitos foram também os clubes dançantes, literários e esportivos, casas regionais portuguesas, vários tipos de associações de portugueses que vinham tentar cobrir o vazio e a saudade da terra natal, além de possibilitar àqueles que carregavam tradições camponesas o sentimento de participação nesse processo de urbanização pelo qual a cidade passava. Vítimas de ódios e preconceitos, estas associações eram também mecanismos de defesa

---

²²³ Muitos são os exemplos de igrejas e conventos católicos na cidade que mantinham relações das mais variadas com Portugal, como a Igreja do Carmo, a Igreja Nossa Senhora da Candelária, a Igreja São Francisco de Paula, o Mosteiro de São Bento, o Convento de Santa Thereza, a Igreja do Carmo e a Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

²²⁴ CARINHAS, T. op.cit., p. 52.

²²⁵ LE GOFF, Jacques. *Por Amor às Cidades: conversações com Jean Lebrun*. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, 1998. p. 29.

e de união, como era o exemplo das casas que buscavam apoiar os imigrantes, como a Casa do Minho,²²⁶ instituição que pretendia ajudar os portugueses recém-chegados, arrumar-lhes emprego, além de tentar ser um centro de lazer da colônia portuguesa. Fazer parte de uma das inúmeras associações simbolizava um certo acomodamento do imigrante na sociedade brasileira e com os numerosos membros de sua nacionalidade.

A formação de clubes esportivos ligados às colônias de imigrantes nas grandes capitais é um fenômeno conhecido e em alguns casos estudado. Existem inúmeros clubes originalmente formados por imigrantes no Brasil. Os casos mais famosos são, sem dúvida, os do Palestra Itália²²⁷ (Palmeiras em São Paulo, e Cruzeiro em Minas Gerais, atualmente) e os de clubes portugueses, como a Portuguesa de Desportos em São Paulo e o Vasco da Gama no Rio. Além desses, havia clubes de outras colônias, como os clubes de ingleses - o São Paulo Athletic Club (onde teria “nascido” o futebol brasileiro) e o Rio Cricket, e os clubes alemães como o Germânia (atual Pinheiros, em São Paulo). Com o desenvolvimento do esporte no final do século XIX, a colônia portuguesa no Rio de Janeiro foi brindada com um clube, fundado em 1898, ano de comemorações do IV Centenário da Descoberta do Caminho das Índias. O esporte escolhido era aquele que chamava mais a atenção da imprensa no momento e que tinha os campeonatos de maior prestígio, o remo. No dia 21 de agosto de 1898, Henrique M. Ferreira, José Alexandre D’Avellar Rodrigues, Manuel Teixeira de Souza Junior e Gaspar de Castro declaram “que a presente reunião tinha por fim fundar-se nesta capital da República dos Estados Unidos do Brasil uma associação com o título de Clube de Regatas Vasco da Gama”.²²⁸ O primeiro presidente foi um rico comerciante do bairro da Saúde, o brasileiro Francisco Gonçalves do Couto Junior, proprietário de um estabelecimento de produtos náuticos que teria emprestado os primeiros equipamentos ao clube, e que meses depois o abandonou para formar o Clube de Regatas

---

²²⁶ A historiadora Maria Helena B. Lima fez um excelente trabalho analisando a *Casa do Minho*, instituição de apoio aos portugueses no Rio de Janeiro, localizada no bairro de Laranjeiras. LIMA, Maria Helena B. *A Missão Herdade: um estudo sobre a inserção do imigrante português*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1973.

²²⁷ O Palestra Itália de São Paulo foi objeto de análise em dissertação de mestrado da Universidade Estadual de Campinas como típico caso de estudo de associações de imigrantes do início do século XX. ARAÚJO, José Renato de Campos - *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália* - IFCH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, Dep. Sociologia, Campinas, 1996.

²²⁸ CARVALHO, Candido Fernandes de (org.) C. R. VASCO DA GAMA (autor) *Memória do Cinquentenário (1898-1948)*. Rio de Janeiro, graf. C. Mendes Junior, 1948.

Guanabara.²²⁹ Os anos iniciais do Vasco da Gama não foram dos mais fáceis. O clube, assim como vários outros que ocupavam sedes na orla marítima do centro da cidade, foi diretamente afetado pelas reformas urbanas introduzidas com a gestão do Engenheiro Pereira Passos na prefeitura da Capital Federal. O Vasco da Gama procurou desde o início ser um formador de atletas do remo. O clube teria sido um dos primeiros a montar escolinhas com horários de treinos noturnos e diurnos em que “até os mais desajeitados mereciam palavras de estímulo e confiança”.²³⁰ As mudanças de sede e as dificuldades iniciais com as trocas de presidente não impediram que o clube começasse a galgar posições no principal campeonato de remo da cidade, o campeonato da União de Regatas, rebatizada em 1900 de Conselho Superior de Regatas. Em 1904, um feito é conferido ao Vasco da Gama, feito esse de dimensões muito grandes para ser tão pouco comentado e estudado. Ao Vasco é conferida a primazia de ter tido o primeiro sócio negro como presidente de um clube carioca.²³¹ Apesar da foto de Cândido José de Araújo não revelar muito a cor da pele do presidente do Vasco em 1904, o registro é dado como fato em alguns livros sobre a história do Vasco e da história dos esportes no Brasil.²³² Sob a presidência de Cândido José de Araújo, o clube passou a ser tratado pelos membros da colônia como símbolo conferidor de *status*, através da participação e das vitórias nos campeonatos. O Vasco foi o primeiro bi-campeão da cidade ao sagrar-se vencedor em 1905 e em 1906, batendo clubes mais tradicionais do remo da cidade e que haviam conquistado os títulos dos anos anteriores como o Grupo de Regatas Gragoatá (campeão em 1898, o primeiro campeonato da cidade, 1900 e 1904), o Club de Regatas Botafogo (campeão em 1899), o Clube de Regatas Boqueirão do Passeio (campeão de 1901 e 1903) e o Clube de Regatas e Natação Santa Luzia (campeão de 1902). Aquelas vitórias passaram a conferir ao Vasco da Gama uma posição privilegiada no esporte mais importante do início do século XX. Era a tradição marítima portuguesa que estava simbolizada nas campanhas vitoriosas do campeonato de remo da cidade. O Vasco ainda seria tri-campeão ao vencer os campeonatos de 1912 a 1914,

---

²²⁹ Boa parte das informações deste pequeno resumo dos anos iniciais do Vasco até 1915, ano da fundação de seu departamento de futebol, foram retirados do livro acima citado *Memória do Cinquentenário*, do livro *São Januário – Arquitetura e História*, de Clara Malhano e Hamilton Malhano (MALHANO, Clara & MALHANO, Hamilton. *Memória Social dos Esportes: São Januário. – Arquitetura e História*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2002) e de um pequeno resumo de crônicas retiradas do diário *A Noite*, de agosto de 1948, com o título *Um Cinquentenário Desportivo*.

²³⁰ ROCHA, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama – Histórico*. Rio de Janeiro: Grafica Olímpica Editora. 1975. p. 25.

²³¹ MALHANO, C. e MALHANO, H. op.cit., p. 60.

²³² São os livros citados nas notas anteriores sobre a História do Vasco da Gama.

marcando presença definitiva como um dos grandes clubes desportivos do Rio de Janeiro. O Vasco da Gama já era visto como um dos símbolos da colônia e mais um dos grandes empreendimentos dos imigrantes portugueses no Rio de Janeiro, mas o esporte do momento não era mais o remo, e a entrada de um empresário do ramo do comércio do Rio de Janeiro na presidência do clube transformaria sua história. A entrada do Vasco no futebol se deu na presidência de Raul Campos, homem que juntamente com seu irmão Antônio da Silva Campos, mudou a história do Vasco e do futebol carioca e brasileiro, a partir do ano de 1915. Essa, a história que pretendemos descortinar daqui para a frente.

2.2. Os times grandes do Rio de Janeiro e o clube da Cruz de Malta

O Vasco no futebol

Lembro apenas que o facto se passou em 1915, nos tempos floridos em
que o Vasco da Gama não praticava o football.
Álvaro do Nascimento, dirigente do Cascadura, em entrevista ao *Jornal
dos Sports*, 2 de abril de 1932

O trecho acima faz parte de uma série de denúncias que Álvaro Nascimento vinha fazendo à prática corrente dos clubes de futebol de pagarem dinheiro para seus atletas, situação que era proibida pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA) até 1917 e pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), até 1934. O assunto era o mais discutido do futebol naquele período, gerando uma polêmica fervorosa por uma legislação que pudesse oficializar a situação, já comum nos clubes, dos atletas receberem dinheiro para exclusivamente jogar futebol pelo clube. O dirigente se referia a um parecer da Comissão de Sindicância da Liga sobre um jogador, que havia brilhado na seleção carioca naquele ano, 1915, e cujo nome ele não revelou. Na supracitada entrevista, Álvaro declarou que o parecer afirmava que o referido jogador,

[...] dado como agente comercial, da casa... á rua... n.27, não é absolutamente empregado naquelle local. Os seus precedentes são os peores possíveis: anda em companhia de gente duvidosa, não tendo occupação de espécie alguma. Perambula pelos botequins, sendo acusado de viver á custa do club pelo qual joga.

A entrevista de Álvaro fazia referência ao período em que o Vasco da Gama ainda não disputava torneios de futebol como um tempo “florido” e mostra o quanto o dirigente responsabilizava o Vasco pela disseminação da prática da remuneração dos jogadores. Mas mostra também que essa era uma prática utilizada pelos clubes cariocas, já em 1915.

O futebol deixara de ser mera distração, apenas jogos divertidos entre sócios de clubes. A partir do momento em que a cidade cresceu rapidamente e formou um grande mercado consumidor para atividades ligadas ao lazer, o futebol tornara-se um negócio bastante interessante. O teatro e as inovações do mundo moderno, como o cinema e as competições esportivas, estavam na ordem do dia, sendo os dois últimos os preferidos da classe trabalhadora. No caso dos esportes, e principalmente do futebol, a constante busca do público por espetáculos desta natureza fez com que os clubes construíssem espaços cada vez maiores para a organização dos jogos. Multidões passaram a afluir aos estádios de futebol, assim como acontecia no resto do mundo. Não era novidade que os

jogadores fossem se tornando, num processo bastante peculiar, jogadores profissionais. O cronista do jornal *O Imparcial*, em janeiro de 1915, mostra como se dava este processo.

Embora os estatutos da Liga não dêem permissão á pratica do tão decantado profissionalismo – uma coisa bastante comum no Velho Mundo – julgamos que muito veladamente elle pode ter guarida nos clubes da Metropolitana e de outras quaesquer agremiações que por acaso existam nos vastos pontos deste tão vasto território.

Imagine-se o seguinte: um *sportman*, qualquer que seja elle, aporta a esta capital munido de todos os requisitos necessarios ao estabelecimento de seu credito entre os illustres desconhecidos com os quaes vem conviver. Assim como são verdadeiros os documentos que consigo vêm, elles também poderão ser falsos e o *sportman* em questão, alem de ser profissional pode ser também uma figura bem pouco digna de fazer ‘pendant’ com os nossos rapazes de sport. Ora o ‘nobre’ recém-chegado é um *footballer* de fama e esta logra chegar aos ouvidos dos jogadores de um dos nossos *clubs*, que entram immediatamente em cavações²³³, a fim de conseguirem o concurso de tão affamado *player*. Este, que só joga por dinheiro, promete bater-se pelo *club* de cujo *team* fazem parte os seus solicitantes, mas por achar-se desempregado, sem recursos e com dificuldade para colocar-se, elle, em troca dos seus esforços, exige que lhe dêem uma módica quantia que especifica [...].

Dizem-lhe que aqui é prohibido o profissionalismo, mas que para a coisa ficar encoberta elles lhe arranjam um emprego qualquer, emprego esse que só serve para constar, pois os ordenados estipulados sairá dos cofres do *club*.²³⁴

A longa crônica continua e afirma que o referido jogador era funcionário da Light ou professor e que ia ficando pelo Rio de Janeiro, pois “onde se está bem é que é a pátria”. É interessante notar como se dava o processo, e a crônica destaca bem como acontecia a incorporação de um novo jogador de futebol a um clube. No exemplo acima, a preocupação era com os jogadores de fora da cidade, muitos vindos de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, e até mesmo de fora do país, como do Uruguai, da Argentina ou da Inglaterra. Mas o processo era o mesmo quando se buscavam melhores jogadores nos clubes menores da cidade, ou do interior do estado. Ao final da crônica, talvez numa tentativa de não comprometer o jornal, uma frase que deixava em aberto a veracidade da história: “*se non é vero, é bene trovato...*”.

No período abordado por este capítulo, o Fluminense é o clube de futebol com o maior número de sócios e com a maior torcida da cidade, levando elevado número de torcedores ao seu estádio e sendo responsável pelas maiores rendas obtidas através da venda de ingressos. Em 1916, o jornal *Correio da Manhã* promoveu um concurso para eleger o clube e o jogador mais popular do Rio de Janeiro. As pessoas deveriam

²³³ *Cavar* era o ato de buscar jogadores em outros clubes.

²³⁴ *O Imparcial*, 1 de fevereiro de 1915.

comprar o jornal, preencher o cupom com o nome do clube e do jogador preferido e enviar para a sede do jornal. Obviamente este concurso não tem nenhum caráter de pesquisa ou censo, mas mostra a popularidade dos times de futebol na cidade. Após alguns meses de disputa, o resultado obtido foi o seguinte:

Qual o clube mais querido?

1º) Fluminense: 15.907 votos;

2º) Botafogo: 5.798 votos;

3º) Flamengo: 2.678 votos;

Qual o melhor *footballer*?

1º) Francisco Netto: 15.096 votos [zagueiro do Fluminense];

2º) Benjamim Sodré: 6.833 votos [atacante do Botafogo];

3º) Emmanuel Nery: 912 votos [zagueiro do Flamengo].²³⁵

O jornal só divulgou os três primeiros de cada categoria e não divulgou os números totais do concurso. Mas percebe-se a enorme diferença de votos entre o Fluminense e seu “melhor *footballer*” para os outros clubes da cidade. Essa popularidade foi construída com vitórias e investimentos no seu estádio de futebol, capacitando-o a atender à crescente demanda de público para seus jogos e, forçosamente popularizando suas arquibancadas e gerais. Em 1916, o Fluminense era detentor de cinco títulos de campeão da cidade (1906, 1907, 1908, 1909 e 1911), enquanto o Botafogo tinha três campeonatos (1907, 1910 e 1912).²³⁶ Quanto ao Flamengo, que havia criado seu time de futebol somente em 1912, não conseguiu uma imediata popularização de seus torcedores, nem com o bi-campeonato de 1914 e 1915. No entanto, esses títulos, com certeza, ajudaram no crescimento do número de adeptos que garantiram ao clube a terceira maior torcida da cidade.²³⁷ O caminho para o engrandecimento e enriquecimento dos clubes passava, portanto, pela popularização do futebol, pelo menos no tocante ao público pagante de ingressos, os torcedores. Era necessário atrair o público para os jogos, mas para isso eram necessárias vitórias, conquistas, títulos. Para isso eram necessários os melhores jogadores da cidade, buscá-los onde estivessem e tentar introduzi-los discretamente no seio dos associados dos clubes da elite. Nesta segunda parte deste capítulo, será feita uma análise do crescimento do futebol neste período, com foco nos grandes clubes da cidade e em sua

---

²³⁵ *Correio da Manhã*, 26 de julho de 1916.

²³⁶ O ano de 1907 contou com dois campeonatos por conta das brigas pelo gerenciamento do principal campeonato da cidade. No ano seguinte o Botafogo voltou à Liga Metropolitana.

²³⁷ O processo de popularização e aumento da torcida do Flamengo leva a discussões intermináveis na chamada “literatura futebolística”. Mas é indiscutível a participação de Ary Barroso, locutor esportivo da Radio Nacional nos anos 1930, que transmitia em rede nacional os jogos do Flamengo de maneira apaixonada. O fanatismo de Ary Barroso contagiou milhares de torcedores pelo Brasil afora e até hoje se encontram torcedores do Flamengo por todo o país.

principal liga. Posteriormente faremos uma análise da entrada do Vasco da Gama no futebol de elite da cidade e dos primeiros anos de sua participação.

Jogo de futebol: espetáculo urbano das multidões

Para entender melhor o poderio do Fluminense na cidade foi de crucial importância a análise dos relatórios anuais do clube. Esses relatórios, em que era apresentado um resumo da vida do clube a cada ano, constituem uma fonte rica, repleta de informações valiosas. Infelizmente, os relatórios dos primeiros anos do clube, de 1902 a 1914, não existem. Mas desse período em diante estão todos à disposição na Biblioteca Arnaldo Guinle no interior do clube. Outra fonte importante é o livro de Paulo Coelho Netto, *História do Fluminense*, traz um resumo anual com o número de sócios do quadro social, a receita total e a despesa em cada ano desde a fundação do clube. Além disso, traz uma série de outros detalhes da vida econômica do clube, que não constam nos relatórios. Possivelmente esses dados encontram-se nas atas das reuniões da diretoria, do conselho ou das assembléias gerais.²³⁸ Em muitos casos, os dados do livro não batem com os dados dos relatórios anuais do clube, por isso é necessário algum cuidado no tratamento dessas informações.

O ano de 1915 foi decisivo para a história do Fluminense, na busca para transformá-lo no grande representante da *cultura sportiva* carioca e brasileira. O Fluminense dava maior impulso ao seu modelo de desenvolvimento pautado no crescimento do futebol, único evento esportivo com capacidade para a formação de grandes públicos naquele tempo. O aumento do interesse pelos jogos do clube por parte dos chamados torcedores era muito grande. Torcedor era um simpatizante do clube, mas não seu sócio, portanto não era frequentador das dependências do clube. Mas como os torcedores pagavam ingressos para os jogos, participavam daquela parte da vida do clube quando este abria as suas dependências para esses espectadores.²³⁹

---

²³⁸ O acesso a tais documentos foi negado a este pesquisador. Foram vários os ofícios em papel timbrado enviados pela orientadora desta tese para sua assessoria do presidente do clube que sequer tiveram resposta. O presidente do Fluminense em exercício durante o período de pesquisa (2003-2009) foi o Sr. Roberto Horcades.

²³⁹ O termo torcedor, segundo o ex-goleiro do Fluminense e da seleção brasileira campeã do campeonato sul-americano de 1919 e 1922, Marcos Carneiro de Mendonça, tem sua origem no seu hábito de amarrar uma fita da cor do uniforme do clube ou da seleção à volta dos calções, como se fosse um cinto. Como Marcos era um verdadeiro ídolo daquele tempo, muitas meninas e rapazes, diga-se de passagem, passaram a imitá-lo e usar tais fitas. A imprensa da época notava que as pessoas, com o nervosismo do jogo, passaram a torcer a fita, sendo então os 'torcedores'. Num primeiro momento, como as mulheres tinham uma presença muito grande nos estádios e foram as primeiras a usar as fitas, ficaram conhecidas como 'torcedoras' ou 'torcidas'. Entrevista de Marcos Carneiro de Mendonça concedida ao Prof.

O futebol despertava a paixão numa verdadeira multidão, que acompanhava com bastante fidelidade os jogos pela cidade e, principalmente, no estádio das Laranjeiras. A necessidade de se vender mais e mais entradas misturava sócios e torcedores no mesmo recinto. Os clubes que já tinham arquibancadas para os sócios, ou para aqueles que pagassem entradas de valor maior, passaram a criar barreiras mais eficazes de separar seus sócios dos torcedores no estádio. O jornal *O Imparcial*, publicou um resumo do relatório do Fluminense de 1914, onde citava os melhoramentos para o público e para os sócios: “isolamento do público de entradas gerais dos locais destinados aos sócios e assistentes de arquibancadas; construção de chalets para a venda de bilhetes; preparo do campo; medidas de ordem e higiene”. Mais adiante, na mesma notícia, o repórter do jornal completava sobre o arrendamento do campo: “arrendamento do campo: o bello campo da rua Guanabara, o mais bello e confortável dos nossos campos de football, foi arrendado pelo club por escriptura publica pelo prazo de 15 annos”.²⁴⁰ O terreno pertencia a D. Guilhermina Guinle, mãe de Arnaldo Guinle, e, segundo Paulo Coelho Netto, teria sido arrendado “pagando o clube aluguel de 1:700\$000 nos primeiros 5 annos e 2:000\$000 nos últimos 5 annos”.²⁴¹

Joaquim da Cunha Freire Sobrinho era o presidente do clube, e seu mandato, iniciado em 16 de abril de 1914, foi marcado por uma tentativa de aumentar a importância do clube, ampliar suas dependências e conseguir, com uma equipe vencedora, abocanhar os lucros dessa empreitada. Foram gastos 30:500\$000 para a construção da nova sede, com um dos melhores salões de festas da cidade, e 2:950\$000 para a construção de uma pequena arquibancada exclusiva para sócios em frente à sede. Foram investidos ainda 10:500\$000 para a ampliação da arquibancada em 24 metros, e mais 4:920\$000 para a construção de gerais em madeira, pequenas arquibancadas de 85 metros. Com essas mudanças o estádio poderia receber até 5 mil espectadores, muito mais do que os 765 sócios que o clube tinha. A partir daí, houve uma divisão mais clara entre torcedores e sócios, podendo haver um setor mais amplo com ingressos mais

---

Sebastião Witter para o Museu de Imagem e Som de São Paulo, em 1982. Entrevista feita a Marcos Carneiro de Mendonça em 5 de agosto de 1982 por José Sebastião Witter e José Pedro Pinto Espozel. *Projeto História do Futebol Brasileiro*. Museu da Imagem e do Som. Centro de Documentação e Acervo. Localização: 100.17-A FUTEBOL. Há também afirmações de que o termo deriva do fato dos espectadores se (con)torcerem devido ao nervosismo durante as partidas. É possível ver caricaturas típicas das mulheres torcedoras, na Iconografia: Imagem V. As imagens das torcedoras remetem a outra explicação ainda derivada da fornecida por Mendonça, a de que a palavra “torcida” teria origem no gestual contorcido das espectadoras. Ver Iconografia: Imagem V.

²⁴⁰ *O Imparcial*, 23 de janeiro de 1915.

²⁴¹ COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense (1902-2002)*. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002. p. 39.

baratos para a acomodação de um público maior. Os ingressos para os jogos do campeonato custavam, em média, 1\$000 para as arquibancadas e \$500 para as gerais, e eram um pouco mais caros para jogos interestaduais ou internacionais, geralmente sofrendo um aumento de 50% nessas ocasiões.²⁴² Esses valores não eram absurdos para a classe trabalhadora, principalmente se considerarmos os preços mais baratos dos ingressos para as gerais, que custavam mais barato que muitos gêneros de primeira necessidade na cidade. Ao final deste trabalho, na seção de *Anexos*, há uma tabela com o preço dos gêneros alimentícios de primeira necessidade e dos ingressos para o futebol nas arquibancadas e gerais. Um ingresso de geral era mais barato que um quilo de arroz, ou de açúcar. Preços atrativos e a magia despertada pelos jogos de futebol faziam com que os estádios fossem ficando mais cheios. O Fluminense enxergou aí a solução para sua crise no campo, causada pela saída do time principal para formar o Flamengo.

Após o título conquistado pela equipe das Laranjeiras em 1911, vieram dois quintos lugares consecutivos, em 1912 e 1913, um quarto lugar em 1914 e o vice-campeonato de 1915, perdendo para o archi-rival Flamengo. As mudanças implantadas pelo presidente Joaquim da Cunha Freire Sobrinho, no ano de 1915, como o aumento das arquibancadas e as reformas na sede, surtiram rápido efeito no vice-campeonato daquele ano. Mas ao assumir a presidência em 1916, Arnaldo Guinle desejava dar um passo ainda maior com o Fluminense. Naquele tempo já não era novidade o clube convidar jogadores de futebol para serem sócios dos clubes grandes, arranjando para eles até, se necessário, empregos considerados “decentes” pela comissão de sindicância da Liga Metropolitana. O próprio Fluminense tem um caso curioso com um jogador que foi convidado para ser sócio do clube pelos seus dotes futebolísticos, o *center-half* Carlos Alberto. Ele destoava do restante do elenco por sua pele ligeiramente mais morena. Segundo Marcos Carneiro, que veio com ele do América para o Fluminense, era por isto que Carlos Alberto tinha o hábito de passar pó-de-arroz no rosto após fazer a barba com a intenção de deixá-lo mais claro. Durante os jogos, com o suor escorrendo pelo rosto e o pó-de-arroz saindo da pele, Carlos Alberto revelava sua cor para o público do estádio, que impiedosamente começava a gritar “pó-de-arroz!” para Carlos Alberto e, depois, para todo o time do Fluminense. Era a desforra das outras torcidas, inconformadas com os ares aristocráticos do clube das Laranjeiras quando este revelava sua necessidade de ganhar no futebol a qualquer custo.

---

²⁴² Os preços de ingressos foram pesquisados nos variados periódicos ao longo da pesquisa e foram utilizados os preços mais comuns dos jogos.

Era necessário que o Fluminense mudasse para poder retornar aos trilhos da vitória. O clube precisava de novos jogadores e alguma alternativa para ter que colocar no seu time mais “Carlos Albertos”. Uma possível solução seria o desenvolvimento deste esporte junto aos jovens, com a organização das categorias infantis e juvenis do clube, com treinos, jogos amistosos e campeonatos regulares. Esta seria uma boa maneira de se conseguir garimpar futuros craques para colocá-los no time principal. Foi justamente no ano inicial da gestão de Arnaldo Guinle que o Fluminense conseguiu organizar pela primeira vez uma seção infantil consistente que pudesse ajudar a Liga Metropolitana a fazer um campeonato dos mais jovens.

Antes de existir esse campeonato, os clubes não tinham departamentos organizados para crianças e jovens, e os garotos que tinham vontade de jogar futebol de maneira organizada tinham que fundar seus próprios clubes. Um desses clubes era o Curupaity Football Club, formado por garotos entre 7 e 12 anos, orientados por Euclides Joaquim da Silva, negro, operário, auxiliar de uma tipografia e que tinha o apelido de Cuca, nome dado pelos meninos que treinava, por esquentar seu jantar numa latinha com uma fogueira ao lado do campo. Alguns dos meninos desse clube eram os filhos de Coelho Netto, um deles Paulo Coelho Netto, autor da obra já referida sobre a história do Fluminense. Quando o clube de Laranjeiras montou seu infantil, o primeiro diretor desta seção, Augusto Tota Rodrigues, pediu a Cuca que fizesse o convite aos meninos do Curupaity. O treinador consciente de que, por ser negro e ainda por cima sem uma mão (que havia perdido trabalhando), não seria aceito no Fluminense, pediu aos jovens jogadores para o acompanharem para o Carioca F.C., clube de operários que aceitava negros e que disputaria o campeonato de infantis da Liga Metropolitana. Mas os meninos foram para o Fluminense, para ser a base de um time supercampeão da cidade, com jogadores garimpados por Euclides, o Cuca, que pôde apenas frequentar as arquibancadas e ver seus meninos envergando a camisa do Fluminense. Todos jogavam na posição em que Cuca havia determinado para eles quando garotos, inclusive Prego, um dos maiores atletas da história do futebol e do esporte brasileiros.²⁴³

Porém, Guinle sabia que o investimento nos garotos do clube não seria, nem de longe, a única solução para alavancar o clube a outro patamar dentro dos esportes comercializáveis. Para a melhora da saúde financeira dos clubes, tornava-se necessário seguir a onda européia de construção de estádios cada vez maiores para o futebol e

---

²⁴³ COELHO NETTO, P. op.cit., pp. 41 a 49.

popularizar a assistência com a adoção de preços populares para um público cada vez maior. Suntuosas construções para eventos esportivos passaram a ser referências de uma nova época, como as arenas de gladiadores foram na Roma Antiga, por exemplo. Toda a grande cidade, todo o grande clube queria o seu “Coliseu”, os estádios, que em conjunto com as fábricas, os prédios, as linhas férreas, os automóveis e os bondes faziam da cidade-industrial um novo marco arquitetônico e urbanístico. Com estádios maiores, muito dinheiro, fruto da venda de um número cada vez maior de entradas para os jogos de futebol, passou a circular pelos clubes e pelas ligas. Os estádios poderiam acolher a multidão, a massa urbana que procurava distrações no seu período de descanso e de ócio. Longe dos afazeres do trabalho e da família, com as obrigações cumpridas, o trabalhador procurava atividades recreativas que preenchessem um tempo cada vez maior, que ficava à sua disposição, fruto das conquistas que os trabalhadores iam timidamente alcançando naquele período. Eram procuradas atividades sociais das mais variadas, como o próprio jogo, em que as pessoas podem participar como organizadoras, jogadoras ou espectadoras.²⁴⁴ O público buscava fortes emoções, algo que o fizesse transcender, que o colocasse numa outra esfera, que o apaixonasse e que o aliviasse das duras horas de trabalho. Os espetáculos de futebol, principalmente quando cheios, iam se mostrando capazes de suprir essa necessidade da classe trabalhadora.

O futebol, institucionalizado e jogado por clubes em grandes estádios, tornava-se um espetáculo de massa. A temporada 1913/1914 na Inglaterra teve público médio de 23.100 espectadores por jogo, num total de 8.778.000 ingressos vendidos para 20 equipes disputarem um longo torneio com 38 rodadas ao longo de 10 meses, num total de 760 jogos. A final da Copa da Inglaterra daquela temporada teve público de 78.300 espectadores. Os oito principais clubes ingleses tiveram média de arrecadação de £19.269, ou 288:476\$199, e média de lucro com a venda dos ingressos £5.823,²⁴⁵ ou 87:176\$133,²⁴⁶ números ainda impensáveis para os clubes brasileiros, apenas engatinhando na engrenagem do futebol profissional. Para se ter uma idéia, o clube que mais arrecadava com venda de ingressos nesse período, o Fluminense, conseguiu um total de 36:320\$000 com a venda de ingressos durante todo o ano de 1913, pouco mais de 10% do que um clube inglês arrecadava em média por jogo da temporada 1913/1914.

---

²⁴⁴ ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *El Ocio en el Espectro del Tiempo Libre*. in ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio em El Proceso de La Civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. pp. 123-125.

²⁴⁵ VAMPLEW, W. op.cit., pp. 63 e 64.

²⁴⁶ A conversão de libras em moeda brasileira foi feita com base nas informações do *Jornal do Commercio*, da primeira quinzena de janeiro de 1914. Câmbio de 1 £ a 14\$971 réis.

O aumento do número de espectadores no Reino Unido fazia com que os clubes investissem altas somas na construção de gigantescos estádios, se comparados aos modestos campos brasileiros. As praças esportivas cariocas estavam longe de se comparar aos grandes estádios europeus.

Os grandes clubes ingleses investiam seus lucros com a venda de ingressos em seus estádios, na intenção de abrigar maiores públicos pagantes, consumidores da mais nova mania dos trabalhadores urbanos. O Blackburn Rovers Football Club gastou cerca de £36.000, ou 538:956\$000 réis, entre 1905 e 1906, na ampliação de seu estádio, o Ewood Park. O Manchester United, tradicional equipe de uma das maiores cidades industriais da Inglaterra, investiu £36.000, ou 538:956\$000, na construção de novas arquibancadas para seu campo de jogo. Já o Ewerton Football Club, clube da cidade de Londres, investiu £41.000, ou 613:811\$000, na ampliação do estádio Goodison, entre 1906 e 1909.²⁴⁷ Esses valores e essa quantidade de espectadores presentes em jogos de futebol do campeonato inglês se explicam se considerarmos a população das grandes cidades inglesas, os centros urbanos industriais que abrigavam os times de futebol do país. Só a cidade de Londres contava, na última década do século XIX, com quase 5 milhões de habitantes²⁴⁸ e abrigava pelo menos quatro grandes times do país: Arsenal, Chelsea, West Ham United, Tottenham Hotspur e Fulham. Aqui no Brasil, principalmente nas grandes capitais, esse processo ainda não havia tomado corpo como na Europa, mas a percepção daqueles que organizavam os primeiros campeonatos entre os clubes de elite era de que entrávamos num novo tempo para a cultura urbana. “Começava de fato, uma nova era para a cultura popular claramente não-folclórica; abertamente organizada por empresários da indústria do lazer, fortemente estruturada em função de um certo público-massa.”²⁴⁹ O maior estádio do Rio de Janeiro era o do Fluminense. Abrigava módicos 5.000 espectadores. Reformas nos estádios eram urgentes para que não se perdesse o passo com a civilização. Era dado o momento de se entrar no jogo capitalista do esporte profissional, altamente rentável.

O primeiro grande empresário da “indústria esportiva” carioca foi exatamente o presidente do Fluminense, Arnaldo Guinle, que dirigiu o clube de 1916 até 1931 e que também foi presidente da Confederação Brasileira de Desportos entre 1916 e 1920. Guinle percebeu a necessidade de colocar o Fluminense como um dos grandes clubes

---

²⁴⁷ VAMPLEW, Wray. op.cit., p. 64.

²⁴⁸ BRIGGS, Asa. *Victorian Cities*. Grã-Bretanha: Penguin Books, 1979. p. 59.

²⁴⁹ BOSI, E. op.cit., p. 89.

esportivos do mundo e confundiu a vida do Fluminense com a vida da Confederação Brasileira de Desportos. Seu ponto principal para alavancar o Fluminense era o estádio, reformado e com maior capacidade de público, para poder abrigar competições internacionais de todos os esportes em que o clube estivesse envolvido. O clube deu um salto em 1916, passando para 1.178 sócios, sendo apenas 898 efetivos, os que pagavam mensalidades, juntamente com a seção dos infantis, garotos entre 15 e 18 anos, que pagavam cerca de 10\$000 por mês. Os 280 sócios restantes eram honorários e beneméritos, as figuras ilustres que ganhavam títulos por prestarem serviços ao Fluminense ou à sociedade em geral e que ajudavam a dar ao Fluminense a sua marca de distinção. O relatório anual de 1916 afirma que o clube arrecadou com mensalidades 63:775\$000 e com jóias 8:525\$000. Se dividirmos esse valor pelo número de sócios efetivos, chegaremos a um valor médio de mensalidades de mais de 70\$000, valor muito superior ao cobrado pelos clubes pequenos da cidade. Como visto anteriormente, as mensalidades eram de 40\$000 e a jóia de 100\$000, para o ano de 1914.²⁵⁰ Por esses valores dá para perceber que existe sim, além de uma barreira social criada pelos sócios do clube em seus rígidos estatutos, uma barreira estritamente econômica na seleção de membros do clube. Mensalidades de 40\$000 ou 50\$000 e jóias de 100\$000 não eram valores que os habitantes das camadas sociais inferiores, os que se destinavam a trabalhos considerados à época como menos dignos - tais como operários, garçons, choferes ou pedreiros - pudessem sequer cogitar em pagar.

O problema é que pouco mais de mil sócios não eram suficientes para sustentar o clube e tornava-se necessário, cada vez mais, acomodar os grandes públicos, sempre objetivando o aumento das arrecadações que dariam aos clubes maior poder econômico e, conseqüentemente maior poder político dentro da Liga Metropolitana. Eram necessárias reformas nos estádios, para viabilizar a entrada de grandes multidões, mas para isso eram também necessários novos investimentos nos campos. Os acanhados campos com muros à volta e pequenas bancadas para pouca gente já não eram suficientes.

Em 1916, as receitas do Fluminense foram de 141:275\$500, sendo que deste total quase 20% (27:240\$000) foi arrecadado com a venda de ingressos nas partidas que o Fluminense fez em seu estádio. As partidas do campeonato da Liga Metropolitana renderam 17:857\$000, e tiveram uma despesa de 2:347\$470, além dos 10% de taxa

---

²⁵⁰ *O Imparcial*, 23 de janeiro de 1915.

cobrada da Liga nos jogos, totalizando uma despesa de 4:133\$170. O lucro com as partidas do campeonato foi de 13:723\$830. O futebol apresentou um superávit de 11:193\$430, enquanto o clube teve um déficit de 2:064\$200.²⁵¹ Apesar do futebol representar uma parte ainda pequena no total das receitas do clube, o aumento da procura por ingressos era intensa, e o presidente Arnaldo Guinle sabia disso. Tratou então de fazer do estádio do Fluminense e de seu clube o maior do Brasil.

I Guerra Mundial: a mudança na geografia do futebol

A I Guerra Mundial trouxe danos ao futebol carioca. Dois clubes formados basicamente com sócios ingleses logo sentiram o peso do conflito. Muitos dos representantes do Reino Unido residentes na Capital foram convocados para servir as forças armadas do reino e deixaram os clubes formados basicamente por esses elementos praticamente sem jogadores para disputar o campeonato da Liga Metropolitana:

O Paysandu e o Rio Cricket – Juntamos nossas palavras ao coro que se levanta na imprensa a respeito da situação em que se encontram essas duas conceituadas e veteranas sociedades inglesas na Liga Metropolitana.

O Paysandu e o Rio-Cricket, a quem deve o nosso *football* os mais relevantes serviços, impossibilitados de participar do campeonato da 1ª divisão, em virtude da partida para a Guerra de seus jogadores, pedem para serem considerados licenciados na 1ª Divisão e pedem para jogar com os últimos colocados da 1ª divisão quando quiserem voltar a jogar.²⁵²

Ressalte-se que o Paysandu foi o último colocado no campeonato de 1914 e o Rio Cricket foi o último do campeonato de 1915. Nesse ano o último colocado da 1ª Divisão deveria jogar uma partida com o 1º colocado da 2ª Divisão para saber quem ficaria na 1ª Divisão e quem seria rebaixado. Essa medida, inovadora desde o surgimento da 2ª Divisão na Liga Metropolitana, foi uma consequência direta da queda do Paysandu para a 2ª Divisão em 1914. A Liga tentava proteger seus clubes mais tradicionais com a adoção de um jogo-extra, e o Rio-Cricket teve que jogar com o Andarahy, time formado basicamente por operários e recheado de jogadores negros do bairro de mesmo nome, próximo da Tijuca, Zona Norte da cidade.

Composto em sua maior parte por operários, o clube representava junto com o Bangu, um sério perigo para os outros membros da Liga: a participação de jogadores negros na sua primeira divisão. Essa era uma presença que,

---

²⁵¹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1916.* Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1917.

²⁵² *Jornal do Commercio*, 15 de março de 1916.

embora já aceita em algumas ocasiões, ainda parecia causar entre os demais clubes um sério desconforto.²⁵³

Era um ciclo que se encerrava no futebol brasileiro. Um ciclo em que a primazia de jogadores de origem inglesa, ou que haviam estudado por lá, começava a decair. Simbolicamente, a saída dessas duas importantes agremiações, marcou o declínio da importância dos ingleses no futebol brasileiro. “Não podíamos ter mais contatos com os europeus, porém o intercambio sul-americano ainda estava em seus primeiros passos,”²⁵⁴ referia-se Thomas Mazzoni ao início da organização do futebol sul-americano.

Os clubes de futebol da América do Sul, órfãos das equipes européias, passaram a intensificar seus contatos visando um maior intercâmbio entre os países do continente, principalmente Argentina, Brasil e Uruguai. As seleções nacionais passavam a ser percebidas pelos governos de seus países como referências importantes para uma associação positiva do governo com o sucesso no esporte, primordialmente o futebol. Os eventos internacionais se intensificam, geralmente com o apoio do governo. No Brasil, por exemplo, a fundação da Confederação Brasileira de Desportos, em 1915, e o início das competições sul-americanas, a partir de 1916, mostravam a tentativa da organização dos esportes em nível nacional e internacional. Durante a disputa do torneio sul-americano na Argentina, ficava definida também a realização de um congresso, visando à fundação de uma confederação sul-americana destinada a organizar os rumos do futebol no continente.²⁵⁵

Os países da América do Sul tinham que intensificar o intercâmbio entre suas seleções e seus clubes para a melhora do nível técnico do futebol. Não vinham mais jogadores e equipes da Europa, pelo menos como vinham anteriormente. E foi ao final de 1916 que o Botafogo fez um convite ao time uruguaio do Dublin F.C., organizando um confronto internacional, que não ocorria desde 1913 quando da vinda de um selecionado de jogadores chilenos ao Rio. O Dublin fez seis jogos no Brasil, ganhou cinco e perdeu apenas um. Ganhou de 5 a 1 do Botafogo, 4 a 1 do América. Em São Paulo perdeu por 2 a 1 para o Paulistano e ganhou por 4 a 1 da Seleção Paulista. No caminho de volta para casa, antes do embarque no porto de Santos rumo a Montevideu,

---

²⁵³ PEREIRA, L. A. de M. op.cit., pp. 113 e 114.

²⁵⁴ MAZZONI, T. op.cit., p. 112.

²⁵⁵ O *Jornal do Commercio*, nos dias 8 e 9 de março de 1916 dava a notícia da reunião afirmando que seriam “convidadas todas as associações sul-americanas filiadas à Federação Internacional de Foot-Ball”.

o Dublin ainda teve tempo para mais duas goleadas no Santos Football Club, por 5 a 3 e 4 a 1.

O Sul-Americano de 1916 fez com que os campeonatos de São Paulo e Rio de Janeiro ficassem paralisados, devido ao desfalque das principais equipes das duas cidades que cederam seus principais jogadores para a Seleção Brasileira. Para movimentar o futebol e continuar com as arrecadações, jogos interessantes foram feitos durante o período em que a Seleção Brasileira participava do campeonato em Buenos Aires, entre 2 e 17 de julho. Sem poder contar com os principais jogadores da cidade, como Sidney Pullen (único estrangeiro a defender a seleção brasileira) e Emmanuel Nery do Flamengo, Mimi Sodr e Lulu Rocha do Botafogo, e Marcos Carneiro de Mendonça do Fluminense, entre outros, a solução foi improvisar jogos amistosos entre selecionados locais.

No dia 1 de julho, um interessante encontro entre os jogadores ingleses e brasileiros no Rio de Janeiro agitou a cidade. Os jogadores ingleses de clubes filiados à Liga Metropolitana formaram um time de futebol só de jogadores oriundos da Inglaterra. Calvert, Sterling e Patrick, do Bangu e Lawerett, do São Christovo, ambos times do subrbio carioca, alinharam ao lado de jogadores dos times da Zona Sul, como Kentish, do Fluminense e Teague, Masson e Clapsall, do Botafogo. Pelo time dos brasileiros da Liga, jogadores do Flamengo (como Bahiano), do Fluminense (como Netto) e do America (como Luiz Antonio) se misturaram a jogadores como De Maria, do Andarahy e Joo Canturia, do So Christovo.²⁵⁶ Com jogadores de todos os sete times da 1 Diviso da Liga, o jogo tentava alavancar receitas num perodo de estiagem de jogos do campeonato.

Na semana seguinte, mais um jogo amistoso, de forte apelo popular, para entreter os cariocas com uma partida “totalmente original entre ns, que consiste em separar os *clubs* filiados a Liga Metropolitana em duas zonas – a Norte e a Sul da cidade”.²⁵⁷ As equipes foram divididas da seguinte maneira: pelo time da Zona Norte, jogariam os atletas do America, o Andarahy, o Bangu e o So Christovo; pela equipe da Zona Sul, aqueles a defender a zona mais nobre da cidade, os atletas de Botafogo, Flamengo e Fluminense. No dia do jogo, um detalhe chama a ateno na escalao da equipe da Zona Norte. No h nenhum jogador do America, nem no banco de reservas. A equipe que entrou em campo tinha seis jogadores do So Christovo, quatro

---

²⁵⁶ *Correio da Manh*, 1 de julho de 1916.

²⁵⁷ *Correio da Manh*, 9 de julho de 1916.

jogadores do Bangu e um jogador do Andarahy.²⁵⁸ Provavelmente o America, clube da Tijuca, Zona Norte da cidade, não quisesse ser identificado junto aos clubes pequenos e por isso tenha vetado a participação de seus jogadores convocados. Episódios como este mostram como as linhas limítrofes entre os clubes da elite e os clubes de menor expressão eram claramente expostas. No mesmo dia houve também, em São Paulo um jogo entre um selecionado formado pelos estrangeiros contra uma equipe de brasileiros dos clubes da Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA). O selecionado não era só de ingleses, como Hopkins do São Bento, da cidade de Sorocaba. Em São Paulo, havia italianos bons de bola, como Bianco, da Società Sportiva Palestra Italia.

Em 1916, as transformações pelas quais passava o futebol também foram percebidas na formação dos times para os campeonatos paulista e carioca. Os times de imigrantes, considerados “populares”, passaram a ser necessários para o aumento do público nos estádios. Em São Paulo, não se poderia prescindir das possíveis rendas geradas pela enorme colônia italiana. Em 1914, foi fundado o Palestra Itália e, dois anos depois, a APEA incluiu em seu campeonato paulista o clube dos italianos, juntamente com o Santos Futebol Club. A influência da riquíssima e poderosa família italiana Matarazzo, conseguiu fazer com que o Palestra fosse logo aceito na 1ª divisão, para duelar com os grandes clubes da cidade. A manobra para aceitar o Palestra Italia fazia parte de uma estratégia para combater a outra liga de São Paulo, a Liga Paulista de Futebol (LPF). A APEA foi formada em 1913, como reação da entrada no campeonato de times populares como o Ypiranga e o Corinthians. O campeonato da APEA contou com apenas três times, o Paulistano Athletic Club, A Associação Athletica Mackenzie e a Associação Athletica das Palmeiras. Em 1916, a APEA mostrou a sua vontade de atrair mais torcedores para seus estádios aceitando o Santos e o Palestra Itália, um time de forte apelo popular, ligado à enorme colônia italiana da capital paulista, para fazer frente à Liga Paulista. Em 1917, a Associação recebeu a adesão do Corinthians, e a Liga Paulista praticamente encerrou suas atividades.²⁵⁹

O time dos imigrantes italianos fez um campeonato modesto e, no ano seguinte, em 1917, com a pacificação da guerra pelo domínio do futebol paulista entre a APEA e a LPF, houve um campeonato duríssimo, com a entrada do forte Corinthians. A

---

²⁵⁸ *Correio da Manhã*, 11 de julho de 1916.

²⁵⁹ A história das ligas paulistas pode ser conferida em MAZZONI, Tomas. *op.cit.* ; STORTI, Valmir. FONTENELLE, André. *História dos Campeonatos Paulistas: 1902 – 1996*. São Paulo: Publifolha, 1997. RIBEIRO, Andre. *Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

“italianada” conseguiu o vice-campeonato e venceu o primeiro jogo importante de sua história contra o Corinthians por 3 a 0. O caminho do sucesso foi curto e, em 1920, o Palestra Itália, com sua enorme torcida, foi campeão paulista, na quarta edição de que participou, feito que levou parte da colônia italiana ao êxtase na capital. Era a vitória dos imigrantes.²⁶⁰

O Vasco da Gama no futebol: o time da colônia portuguesa

Em 1916, o Vasco da Gama, clube da colônia portuguesa, clube de regatas e tri-campeão dos mares cariocas (1912-13-14) se aventuraria nos campos de futebol. Antes daquele tempo, não se falava em futebol no Vasco da Gama. Mas a visão de um homem de negócios da colônia portuguesa mudou a história do clube e, porque não, do futebol brasileiro. Seu nome: Raul Campos. Dono da loja Raul Campos e Cia, mais conhecida como a “Casa Campos”, na Rua Sete de Setembro, n.84, Campos assumiu a presidência do Vasco da Gama em 1915. Exímio nos negócios, como muitos dos portugueses que para cá vieram, em 1911 já era sócio de uma fábrica de móveis de vime e malas, a *Segura, Campos e Cia.*, juntamente com José Luiz Segura. Diversificou a produção da fábrica com artigos de tapeçaria e de jogos em geral. Sua paixão pelo esporte, unida a seu tato com os negócios, fez com que sua fábrica fosse uma das primeiras a investir na produção de artigos esportivos e sua loja, uma das mais famosas da cidade para a venda de material para uso dos *sportsmen* cariocas.²⁶¹ Quando assumiu o clube, já deveria ter em mente o potencial que tinha para ter uma equipe com uma das maiores torcidas da cidade.

Os portugueses, como já foi visto, eram, de longe, a maior colônia do Rio de Janeiro e, naquele período, a maior do Brasil. O Rio de Janeiro, por seu rápido crescimento, atraiu muitos portugueses. Raul Campos viu nesse crescimento uma potencial torcida vascaína, enorme, grandiosa, capaz de dar à colônia portuguesa as glórias que a colocaria mais perto do sucesso em terras estrangeiras.

O departamento de futebol do Vasco foi montado durante o ano de 1915, o que era uma difícil empreitada, visto que uma tentativa anterior, na presidência de Marcílio

---

²⁶⁰ Para um estudo da representatividade do Palestra Italia com a colônia italiana de São Paulo ver: ARAÚJO, José Renato de Campos . *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália*. São Paulo: FAPESP/Editora Sumaré, 2000; ARAÚJO, José Renato de Campos . *Palestra Itália e sua Trajetória: Associativismo e Etnicidade* in *Revista Brasileira de Estudos da População*, Brasília, v. 14, n. 1/2, pp. 19-49, 1997.

²⁶¹ CARINHAS, T. op. cit., p. 251.

Telles, não havia dado muitos frutos.²⁶² A gigantesca colônia portuguesa não tinha ainda um clube forte que disputasse o principal torneio de futebol da cidade, e eram para lá que estavam voltadas as atenções do meio esportivo da Capital e de próprio Brasil. Os clubes que quisessem ter uma projeção maior deveriam jogar os torneios de futebol das principais ligas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O remo já não era mais o esporte da moda e não dava a mesma projeção. O tri-campeonato de remo do Vasco (1913-14-15) não foi páreo nos jornais para o primeiro campeonato de futebol vencido pelo América (1913) e o posterior bi-campeonato do Flamengo, também seus primeiros títulos no futebol (1914-15) na LMSA. A oportunidade se abria para que algum “empresário do futebol”, ligado à colônia portuguesa, organizasse um clube de futebol. O Vasco, pelo seu poderio no remo, era o clube ideal, pois não tinha ainda um departamento de futebol, mas tinha já o prestígio no meio esportivo carioca e um grande número de admiradores, bem como empresários portugueses ligados à sua diretoria.

A presença dos portugueses na configuração da classe empresarial carioca é substancial.

Na verdade, havia uma espécie de divisão do espaço econômico no meio empresarial carioca, pois a elite local preferencialmente se dedicava às atividades agropecuárias, às profissões liberais e aos altos postos da política e da administração pública, enquanto o imigrante português concentrava-se nas atividades comerciais e fabris. As empresas estrangeiras, britânicas em especial, se encarregavam dos investimentos em áreas mais dinâmicas, tais como estradas de ferro, bancos e companhias de navegação.²⁶³

Havia muitos portugueses envolvidos com o meio empresarial carioca. Tinham ações em empresas como a Companhia de Fiação e Tecidos Aliança (90%), a Fábrica de Fiação e Tecidos Corcovado (80%) ou a Cia. São Lázaro (45%). E o que não faltariam eram portugueses dispostos a dar uma ajuda ao Vasco da Gama na sua empreitada para se tornar um dos grandes clubes de futebol da cidade.

Apesar do apoio de seus diretores, a história do clube da maior colônia de imigrantes do Rio de Janeiro foi muito diferente da história do clube da maior colônia de imigrantes de São Paulo. Se na capital paulista, o Palestra Itália contou com a ajuda dos Matarazzo e foi logo colocado na 1ª divisão, a história do Vasco da Gama no futebol assemelha-se mais à do português pobre que teve que suplantar todos os tipo de obstáculos possíveis para se estabelecer como membro de uma elite da cidade. Esse

---

²⁶² Ibid. p. 399.

²⁶³ FREITAS FILHO, Almir Pita. A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do X. LESSA, Carlos (org.). op.cit., p. 175.

espaço foi conquistado no meio empresarial, na maioria das vezes, com muito sacrifício, privações que só os imigrantes estariam dispostos, em nome do sonho do sucesso longe da terra natal. Os Bebiano, os Sotto Mayor, os Souza Cruz é que faziam dos portugueses um povo orgulhoso de sua raça na Capital. A história desses homens, assim como a história da família Campos, os dois irmãos Raul e Antônio, seria como a história do futebol do clube.

A idéia do Vasco de formar uma equipe de futebol foi impulsionada com a excursão de um combinado de jogadores portugueses ao Brasil. Era uma seleção de Lisboa, com jogadores dos três melhores clubes da capital portuguesa, e foi o acontecimento mais comentado do futebol lisboeta e brasileiro no ano de 1913. Os jogadores foram selecionados pela Associação de Futebol de Lisboa, órgão que controlava o futebol dos principais clubes da capital portuguesa. As três principais agremiações da cidade, Sport Lisboa e Benfica, Sporting Club de Portugal e Club Internacional de Football (CIF) cederam seus principais jogadores para a empreitada ao Brasil. Sabia-se da importância de se representar bem Portugal, afinal de contas jogariam representando o futebol português pela primeira vez no Brasil e logo em uma cidade que tinha mais portugueses que a maioria das cidades de Portugal. Do Benfica vieram os jogadores Henrique Costa, Homem de Figueiredo, Artur José Pereira, Luiz Vieira, Augusto Simões, Álvaro Gaspar, José Fernandes e o “*crack*” do time, Cosme Damião. O *Sporting* cedeu Amadeo Cruz, João Bentes, Cândido Rosa Rodrigues e o seu principal jogador, Francisco Stomp. Do *CIF*, principal clube da elite de Lisboa, foram chamados os jogadores Carlos Sobral, Boaventura Bello e Eduardo Luiz Pinto Basto, todos de famílias importantes da cidade.

A equipa partiu de Portugal, a bordo do vapor Drina, a 26 de junho de 1913. No dia anterior, realizara um jogo de apresentação, no Lumiar, seguido de grande jantarada comemorativa no Hotel Francfort da Rua de Santa Justa. A prestação portuguesa no Rio de Janeiro saldou-se por duas derrotas, um empate e uma vitória. Os desafios foram amplamente comentados pela imprensa brasileira, tendo contado com a presença do Presidente da República [Hermes da Fonseca].²⁶⁴

A partir dessa excursão, a colônia portuguesa se agitou. Os jogos dos portugueses no Rio haviam levado milhares de membros da colônia aos estádios. Logo foram surgindo mais clubes portugueses, destinados à prática do futebol: o Lusitânia Esporte Clube, o Centro Português de Desportos, o Lusitano Futebol Clube. Raul

---

²⁶⁴ DIAS, Marina Tavares. *História do Futebol em Lisboa*. Lisboa: Quimera, 2000, p. 100.

Campos estava decidido a fazer no Vasco um time de futebol capaz de rivalizar com os grandes do Rio e do Brasil, quem sabe do mundo. E por isso, desde o início, parece que o clube não fez muita questão de ter jogadores identificados com os *players* dos grandes clubes cariocas. Cedo, o presidente percebeu que havia um batalhão de excelentes jogadores nos subúrbios da cidade. Eram homens das camadas menos abastadas, trabalhadores flutuantes numa cidade marcada pelos baixos salários, pelo desemprego e pelo surgimento de inúmeras oportunidades de trabalho fora do mercado tradicional e formal da cidade. Em maio de 1915, rumores de uma nova excursão de uma equipe de portugueses agitavam a colônia portuguesa no Rio de Janeiro. A bela figura dos portugueses em 1913 causou grande alvoroço entre os clubes ligados à colônia portuguesa e aos portugueses em geral.

A colônia portuguesa aqui domiciliada terá este anno ainda, uma vez o prazer de acompanhar as disputas de sensacionais matches entre os players cariocas e luzitanos. [...] Esperamos pois os players portugueses e façamos-lhes uma recepção condigna de accordo com os laços de sympathia que nos prendeu ao velho Portugal.²⁶⁵

Através da crônica, percebe-se como o futebol poderia amenizar as tensões típicas entre brasileiros e portugueses, como já foi visto na primeira parte deste capítulo. Os cariocas não chegaram a receber os portugueses, pois não houve jogos internacionais naquele ano,²⁶⁶ mas nem por isso a colônia deixou de se organizar para o futebol. No ano de 1916, devido ao fracasso da excursão dos portugueses ao Brasil, provavelmente em virtude das dificuldades resultantes do endurecimento dos conflitos europeus da I Guerra Mundial, o presidente de Portugal enviou uma carta aos membros da Liga Metropolitana e da Federação Brasileira de Sports, o embrião da Confederação Brasileira de Desportos que seria fundada ainda naquele ano, afirmando o “desejo de receber os *sportsmen* brasileiros como meio de firmar a ‘entente’ sportiva luso-brasileira, iniciada com a visita que em 1913 fez á Capital brasileira a Embaixada portugueza de Football”.²⁶⁷ Os dirigentes brasileiros afirmavam em nota anexa à carta do presidente de Portugal, publicada no *Jornal do Commercio*, que só seria possível tal visita desde que os governos federais repassassem as verbas para as suas respectivas federações para os custeios da viagem, o que também não chegou a ocorrer.

---

²⁶⁵ *O Imparcial*, 22 de maio de 1915.

²⁶⁶ MAZZONI, T. op.cit., p. 108.

²⁶⁷ *Jornal do Commercio*, 19 de março de 1916.

O Vasco da Gama agitava-se para a formação de um time de futebol. E, ao final de 1915, o presidente Raul Campos propôs aos parceiros do Lusitânia para que levassem para o Vasco seu time de futebol. Segundo Mario Filho, o Lusitânia tinha dois mulatos, os irmãos Tavares, que foram logo incorporados pelo Vasco, assim como outros jogadores de outras equipes, “o Antonio Marreteiro, o Faria, o Alfredo Godói, o Benedito Palhares, o Esquerdinha, mulatos e pretos que o Vasco andou apanhando nas peladas, nos clubes pequenos, já feitos”.²⁶⁸ Os trabalhos foram duros entre novembro de 1915 e março de 1916. O clube precisava correr para entregar a tempo a sua inscrição e a dos jogadores à Liga Metropolitana, que se encerrava em 10 de março. No meio disso tudo, ainda havia as eleições para presidente do Vasco, e o momento era de colocar um amante do futebol para dar continuidade ao projeto da montagem do departamento daquele esporte no clube. No dia 14 de janeiro de 1916, os sócios definiram Marcílio Telles, que fora presidente do clube em 1911 e havia dado apoio a uma tentativa sem sucesso para a formação do departamento de futebol naquele ano. Além de Marcílio Telles, a Assembléia Geral dos sócios empossou os outros membros da diretoria (um vice-presidente, um 1º e um 2º secretário, um 1º e um 2º tesoureiro, um 1º e um 2º diretor de regatas, além do Conselho Fiscal), mas não foi empossado nenhum diretor específico para o futebol, apesar de haver dois para as regatas.²⁶⁹

O clube conseguiu fazer a sua inscrição a tempo e agitou a imprensa esportiva carioca. O *Jornal do Commercio* acompanhava de perto os passos do Vasco rumo ao ingresso no futebol:

O VASCO DA GAMA NO FUTEBOL

É provável que da ordem do dia da sessão que a Liga Metropolitana vai celebrar hoje, faça parte o pedido de filiação do Vasco da Gama que, ao que nos consta, já teve parecer favorável das Comissões de Syndicancia, de Informações e de Football das 3ª Divisão. É mais um elemento de grande valor sportivo para dar luzimento este anno aos campeonatos da Liga Metropolitana.²⁷⁰

Começava aqui a história do Vasco no futebol brasileiro. As dificuldades encontradas para se reescrever as atividades do clube no futebol neste período. Os jornais dão notícias esporádicas sobre as divisões inferiores do futebol carioca. Não há livros que se interessem em contar as histórias dos campeonatos de 2ª e muito menos de 3ª Divisões. Os periódicos serão, portanto, a principal fonte para a reconstrução deste período inicial da história do futebol no Vasco da Gama. Foram utilizados o já citado

---

²⁶⁸ FILHO, Mario. op.cit., p. 120.

²⁶⁹ *Jornal do Commercio*, 6 de fevereiro de 1916.

²⁷⁰ *Jornal do Commercio*, 23 de fevereiro de 1916.

Jornal do Commercio, *O Paiz*, *O Imparcial* (que tem uma página de destaque para o esporte chamada *Vida Sportiva*), o *Correio da Manhã*, (que já destaca meia página, pelo menos, para uma sessão especial chamada *Correio Sportivo*), o *Jornal do Brasil* e *A Noite*, entre outros que também publicavam notas das antigas entidades que organizavam o futebol de primeiro escalão da cidade do Rio de Janeiro. O *Jornal do Commercio* seguia acompanhando de perto os rumos do Vasco no futebol. Em notícia que se referia à Liga Metropolitana de Sports Athléticos, publicou:

Sob a presidência do Sr. Souza Ribeiro (...) reunio-se ante-hontem, à noite, o Conselho Diretor da Liga Metropiltana. (...) São discutidos, votados e aprovados os pareceres das Comissões de Syndicancia, Informações e 'Football', favoráveis ao pedido de filiação do Club de Regatas Vasco da Gama. A Mesa declara este *club* filiado à Liga Metropolitana de Sports Athléticos.²⁷¹

Assim, o Vasco estava apto a participar da 3ª Divisão do Campeonato Carioca, juntamente com os clubes Sport Club Brasil, Club de Regatas Icarahy, Palladino Football Club, River São Bento Football Club e o Parc Royal. Diferente do time da maior colônia de imigrantes de São Paulo, o Palestra Itália, o Vasco não teve seu lugar garantido na 1ª Divisão da Liga Metropolitana. O clube dos portugueses, poderoso campeão de regatas da cidade, foi relegado para a última divisão, a 3ª, a mais baixa divisão do futebol da LMSA. A Liga criou a 2ª Divisão para abrigar os times mais pobres da cidade e conseguir conter os grandes clubes separados dos clubes de negros e brancos pobres. Na 3ª Divisão, a situação era ainda pior. A percepção que os *sportsmen* importantes da cidade tinham era a de um ambiente de “promiscuidade que se verifica principalmente na segunda divisão e em alguns clubes da terceira”,²⁷² como afirmava o cronista da revista *Sport*, Alberto Silvaes, dirigente também do Villa Izabel, clube que sempre figurava na 2ª Divisão. Por isso, o mesmo cronista defendia em uma nota enviada a *O Imparcial* que a Comissão de Sindicância fosse mais atuante também nos jogos da 2ª e 3ª Divisões, pois eram muitos os jogadores naquelas divisões que:

[...] absolutamente não estão no nível moral da mocidade dos *clubs* que em sua maioria disputam os campeonatos instituídos pela Metropolitana. [...] A Comissão de Syndicancia deve syndicar com rigor os associados que não estiverem em condições de cultivo moral e intelectual para jogar na Metropolitana.²⁷³

---

²⁷¹ *Jornal do Commercio*, 25 de fevereiro de 1916.

²⁷² JOFFRE (Alberto Silvaes), “A nossa campanha”, *Sports*, 6 de agosto de 1915.

²⁷³ *O Imparcial*, 16 de abril de 1915.

Já o cronista do *Correio da Manhã* afirmava que o que se jogava na 2ª Divisão não era um jogo de futebol, mas um “jogo mixto: 5% de football, 30% de tauromachia, 25% de boxing e quantidades de 20% de capoeirismo e luta romana”.²⁷⁴

O time do Vasco não tinha muita estrutura. Na tentativa de preparar a equipe para a estréia na 3ª Divisão no início de maio, com um combinado de jogadores, começou à procura de times para fazerem jogos com o clube. Os treinos da equipe só começaram em 23 de março, dando ao time apenas 41 dias de preparação para a estréia contra o Paladino no dia 3 de maio. Era pouco o tempo para formar uma equipe de futebol, principalmente uma equipe totalmente nova e com pouquíssimos recursos para treinos. O primeiro jogo-treino²⁷⁵ foi contra um clube já parceiro do Vasco nas regatas desde há muito tempo, o Boqueirão do Passeio, time da 2ª Divisão da Liga Metropolitana. O jogo entre “as duas sociedades náuticas”²⁷⁶ terminou 8 a 0 para o Boqueirão, mostrando desde o início que a vida do time de futebol vascaíno não seria fácil.

Esporte coletivo, o futebol passava por transformações na parte técnica e a parte tática se tornava cada vez mais importante na configuração dos times. Só os clubes atentos às inovações esportivas da época, como os treinamentos físicos e técnicos, poderiam ter sucesso no futebol. Os clubes de futebol da 1ª Divisão, como o Fluminense, tentavam acompanhar o desenvolvimento do esporte, como vimos com a contratação de Taylor para técnico do time de futebol. O Vasco conhecia muito bem essa receita nas regatas, pois fundou seu clube em 1898 e só foi ganhar o primeiro título de campeão carioca em 1905, sete anos depois. O próprio Flamengo, clube de regatas, fundado em 1895, só foi ganhar o primeiro título em 1916.

Estava tudo preparado para a estréia do Vasco no principal campeonato de futebol da cidade, mas, infelizmente, essa estréia não aconteceu como os vascaínos desejavam. O jogo de estréia aconteceu “no belo *ground* do Botafogo, à Rua General Severiano”,²⁷⁷ alugado pelo Vasco, contra a equipe do Paladino. Uma derrota humilhante por 10 a 1 foi um cartão de visitas nada animador para o calvário que o time de futebol teve que percorrer no ano de 1916. No dia seguinte, enquanto o *Jornal do Commercio* dedicava quase meia página para reproduzir os acontecimentos da estréia do

---

²⁷⁴ *Correio da Manhã*, 16 de julho de 1916.

²⁷⁵ O “jogo-treino” é um jogo praticado entre duas equipes, mas sem caráter de competição, tem apenas como objetivo exercitar as duas equipes e treinar determinadas situações de jogo.

²⁷⁶ *Jornal do Commercio*, 26 de fevereiro de 1916.

²⁷⁷ *Jornal do Commercio*, 3 de maio de 1916.

Fluminense, o time de maior torcida do Rio, contra o São Christovão, num empate por 2 a 2, não há qualquer referência ao resultado do jogo de estréia do Vasco. Apenas o *Correio da Manhã* indicava o placar da desastrosa estréia do clube da Cruz de Malta, como era e é conhecido o Vasco da Gama. Dez dias depois, o Vasco entrava em campo para o segundo *match* do campeonato. A decepção não poderia ser maior: 9 a 0 para o S.C. Brasil. A desorganização do time era imensa, e praticamente todas as bolas que iam ao gol vascaíno entravam. O goleiro Ary, buscou 19 vezes a bola no fundo da balisa em apenas dois jogos. Havia times que não levavam 19 gols em todo um campeonato. Para o terceiro jogo, contra o Icarahy, o *Jornal do Commercio* já afirmava que “o match será no campo do Botafogo, parecendo-nos que a victoria penderá para o Icarahy”; e pendeu: 4 a 0 para a equipe de Niterói. Para piorar a situação, não bastasse a gritante fragilidade do time de futebol, a equipe jogou contra o River-São Bento e o jogador vascaíno José Soares de Carvalho sem inscrição, foi punido com repreensão pela Liga Metropolitana.²⁷⁸

Ao final do campeonato carioca de 1916, o Vasco tinha como time-base: Ary; Jaime e Lula; Victorino, Lamego e Batista; Adão, Bernardino, Lima, Pauleta e Miranda. O primeiro campeonato de futebol disputado pelos vascaínos não deixou saudades: uma campanha pífia com 10 jogos, 9 derrotas e apenas 1 vitória. Foram apenas 10 gols marcados contra 32 gols sofridos, e a última colocação na tabela dos times da 3ª Divisão. Mas se a equipe levou 23 gols nos três primeiros jogos (uma média de 7,6 gols por partida), levou somente 9 gols nas outras sete partidas (uma média de 1,3 gols por jogo). O time apresentou uma evolução notória na parte final do campeonato e não desanimou os dirigentes vascaínos. O esforço da “turma vascaína”, como eram chamados os jogadores do Vasco, foi recompensado com a escolha do *center-half* João Lamego para a seleção do campeonato da 3ª Divisão. Além dele, seu companheiro de meio de campo, o *right-midfielder* Victorino Silva foi escolhido para a reserva da mesma seleção. Nem tudo estava perdido para os homens da Cruz de Malta. Apesar da falta de experiência em administrar times de futebol, os portugueses do Vasco mostravam que tinham jeito para descobrir jogadores e em meio a uma campanha desastrosa, dois de seus elementos estavam na seleção do campeonato. A solução era continuar tentando galgar os degraus da Liga para tentar alcançar os clubes da elite.

---

²⁷⁸ *Jornal do Commercio*, 16 de julho de 1916.

Para conter o perigo

Outro marco no que diz respeito à transformação do futebol em negócio aconteceu no ano de 1916, com a organização de um torneio com todas as equipes da 1ª Divisão da Liga Metropolitana, no Rio de Janeiro, no final de semana anterior ao início do seu campeonato. O chamado Torneio Initium foi organizado pelos cronistas esportivos da cidade, e sua renda seria revestida para o Patronato de Menores.²⁷⁹ O torneio era jogado em um dia, em que as equipes se enfrentavam em caráter eliminatório, em jogos de 20 minutos. Além dos gols, para o caso de desempate, valiam pontos os escanteios e a equipe com menos faltas. Os ingressos tiveram um aumento em relação aos dos jogos do campeonato do ano anterior, visto ser um torneio com os sete clubes da 1ª Divisão, envolvendo, pelo menos 77 jogadores. Para o inédito torneio, a ser disputado no campo do Fluminense, os cronistas, reunidos na sede da Liga, definiram os preços de 2\$000 para as gerais e 3\$000 para as arquibancadas. “Era pensamento cobrar um preço superior ao estabelecido. Mas, levado em conta também o caráter da festa, que possui um cunho popular, elle foi fixado como citamos.”²⁸⁰

O torneio aconteceu dia 16 de abril. No mesmo dia, jornais como o *Correio da Manhã*, *O Paiz* e *O Imparcial* anunciavam, pelo menos, mais 22 jogos, mostrando claramente a enorme procura pelo futebol como lazer na cidade. A partida final do torneio foi feita entre Fluminense e Botafogo. Cerca de quatro mil pessoas das “famílias de nossa melhor sociedade”,²⁸¹ estavam lá, nas palavras do cronista do *Correio da Manhã*. Mas, com as gerais e as arquibancadas lotadas, era difícil que todos os presentes fossem, na visão do próprio cronista, de famílias da “melhor sociedade”.

A necessidade por maiores arrecadações fazia com que os times deixassem de lado alguns dos pontos dos seus estatutos visando à obtenção de melhores jogadores. Quanto maior a qualidade dos jogadores, maiores eram as possibilidades de se montar um bom time que fizesse bons jogos e pudesse disputar os melhores campeonatos em condições de se tornar o vencedor. Essa era a fórmula para atrair cada vez mais sócios e torcedores e aumentar as receitas do esporte que sustentava boa parte dos clubes. Os clubes passaram a aceitar sócios pelo seu potencial como bom jogador de futebol, e eram vários os convites para que um jogador trocasse de um clube para outro. Os jornais mostravam certa indignação quanto a essa movimentação de jogadores pelos

---

²⁷⁹ *Correio da Manhã*, 10 de abril de 1916 e *O Imparcial*, 12 de abril de 1916.

²⁸⁰ *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1916.

²⁸¹ *Correio da Manhã*, 17 de abril de 1916.

clubes. Faltavam dois meses e meio para o começo do campeonato e um jornalista reparava que:

[...] nossos *sportsmen* não deixam de parte aquella actividade que tanto redunda em benefício pra os vários clubes a que elles pertencem. Trabalham e trabalham bastante. Empenham-se para que ‘fulano’ faça parte de determinado *team* e não descansam um único momento até que uma resposta satisfatória os faça commentar o êxito da comissão de que o incumbiram, ou uma negativa formal os obrigue a apreciar as habilidades do jogador cobiçado num outro *team*, que não veem com bons olhos.

Por todos os cantos [...] o que se ouve é perguntar qual o motivo porque o *footballer* P. sahiu do *club* F. e se é verdade que um extraordinário *footballer* da adeantada Paulicéia vem dar seu valioso concurso a equipe de um dos sympathicos centros sportivos desta capital. Os comentários sempre em effervescencia!...²⁸²

A troca de jogadores e de empregos se dava abertamente. A situação se desenhava mais ou menos da seguinte maneira: um determinado jogador, com alta “capacidade futebolística” e defendendo um clube pequeno da cidade, era constantemente aliciado por diretores de grandes clubes no sentido de passar a defender esses clubes da cidade, ato conhecido como *cavação*. Ofereciam ao jogador trabalho em uma empresa de alguém ligado a este ou àquele clube, com salários razoáveis e condições de trabalho que dessem ao jogador possibilidade de não perder os treinos e jogos do novo clube. Não havia restrições à transferência de *footballers* e eram comuns as trocas de jogadores de um clube para o outro mediante as vantagens que cada clube poderia oferecer. No início dos primeiros campeonatos, era hábito levar os jogadores para jantar após uma vitória. Os diretores pagavam as comidas, as bebidas e mais um ou outro excesso. Em meados da década de 1910, os clubes tinham arquibancadas amplas, concentravam muita gente, e os diretores e tesoureiros trabalhavam com uma soma de dinheiro considerável. Em 1916, só no mês de setembro, os relatórios do Fluminense dão conta da renda dos dois jogos do campeonato em seu estádio: 11:940\$000. Nos relatórios, aumentam as despesas gerais, quando estas são designadas, sendo este item um dos de maior relevância no total das despesas até o fim do amadorismo.

A questão do amadorismo dos atletas estava na ordem do dia. O esportista, para alguns, não poderia ser profissional, pois estaria deixando de representar seu clube apenas pelo tão almejado espírito esportivo, ou seja, por amor a ele (origem do termo “amador” ou da comum expressão “jogar por amor à camisa”). Esse era o argumento usado pela elite para a defesa do amadorismo. Na realidade, pretendia-se a exclusividade da prática e da organização do futebol por parte dessa elite. A

---

²⁸² *O Imparcial*, 19 de janeiro de 1915.

democratização do estádio de futebol, com a cobrança dos ingressos, já trazia incômodos suficientes para as camadas mais abastadas. Para isso foram criadas as gerais, as arquibancadas e as arquibancadas exclusivas para sócios. Mas a profissionalização dos jogadores trazia o perigo das camadas mais baixas dominarem a prática do jogo, dentro do campo. Se a classe trabalhadora, principalmente a enorme quantidade de trabalhadores informais da cidade, tivesse o tempo que tinham os estudantes, os profissionais liberais, ou funcionários de altas posições em suas empresas para treinar, poderiam ameaçar o domínio do futebol branco, elitizado e praticado por bons moços da alta sociedade carioca. O jornalista Paulo Várzea, ex-jogador de clubes pequenos no início do século XX no Rio de Janeiro e um dos principais defensores da regulamentação do profissionalismo, notou que “em 1915 já não era escândalo a gratificação aos jogadores feita às claras em qualquer clube de São Paulo ou do Rio, de Pernambuco ou do Rio Grande do Sul”.²⁸³

Durante o ano de 1916, a nova ótica da popularização do futebol gerou uma grande discussão sobre os rumos a serem tomados pelo futebol da Liga Metropolitana. Era inegável o processo de popularização do espetáculo, com o aumento do número de pessoas presentes aos jogos pagando ingressos. Esse processo era incentivado pelos grandes clubes, cada vez mais dependentes das rendas do futebol. A mistura de jogadores oriundos das camadas mais baixas com distintos elementos da elite carioca nos campos de futebol incomodava os clubes da elite. Mesmo estes clubes abriam exceções para jogadores mais humildes defenderem suas cores, mas o processo estava se espalhando e se tornando perigoso para os homens mais poderosos dos clubes mais ricos. Uma nova lei foi proposta com a intenção de separar os elementos em seus devidos lugares. Era a Lei do Amadorismo, aprovada em abril daquele ano, definindo quem era amador para a Liga Metropolitana. A notícia foi dada pelo *Correio da Manhã*:

NOVA LEI DO AMADORISMO APROVADA ANTE-HONTEM

Art. 30º - São considerados amadores:

- a) todas as pessoas que por gosto ou divertimento, jamais com intuito de lucro, exercem qualquer Sport athletico;
- b) os alumnos das escolas militares ou navais do paiz.

Art. 31º - A Liga não reconhece como amadores:

- a) aos que a troco de dinheiro, ou prêmio em dinheiro, ou como profissionais tenham tomado parte em festas, partidas, matches, campeonatos, torneios, ou concursos athleticos de qualquer natureza, dentro ou fora do paiz;

---

²⁸³ VARZEA, Paulo. Prefácio in: CORRÊA, F. P.op.cit., pp. 24 e 25.

- b) aos que tirem os seus meios de subsistencia de qualquer profissão braçal, considerando como taes, todas aquellas em que o individuo depende inteiramente de seus poderes phisicos, e não dos recursos de sua intelligência: marinheiros, catraeiros, barqueiros, canoeiros, pescadores, mestres de embarcações de trafego, condutores de vehiculos, e bem assim todos aquelles que exercem officio, profissão ou emprego remunerado, manual ou braçal, seja por conta própria, seja ao serviço de terceiros, seja ao serviço de arsenais, estaleiros, fabricas ou officinas particulares, ou do Estado;
- c) aos criados de servir, aos empregados (denominados caixeiros) de armazéns de seccos e molhados, vendas ou mercearias, aos criados de confeitarias, bilhares, sorveterias, “bars”, hoteis, caffes, botequins, restaurantes, officiaes de barbearias, empregados de agencias de locação e de casas de bilhetes de loteria;
- d) aquelles cuja profissão lhes permita o recebimento de gorgeta;
- e) aos que para auferirem, directa ou indirectamente, dinheiro, lucro, remuneração ou outra vantagem pecuniária dirigirem, mantiverem ou explorarem escolas, curso ou aulas de exercicios athleticos de qualquer especie, bem como aos que, com intuitos de lucro tenham custeado ou facilitado de qualquer forma, a organização ou realização de quaesquer festas, partidas, matches, campeonatos, torneios ou concursos de quaesquer sports athleticos destinados a profissionaes e com premios em dinheiro;
- f) aos que tenham tomado parte em qualquer festa, partida, match, torneio ou campeonato de sports athleticos disputando com profissionaes, salvo com prévio consentimento do Conselho Superior;
- g) aos contínuos, estafetas, correios e serventes em geral;
- h) aos guardas civis e ‘praças-de-pret’;
- i) aos que se entregarem a exploração de jogos prohibidos ou tiverem qualquer co-participação directa nesse trafego illegal;
- j) aquelles a quem outra qualquer federação de sports reconhecida pela Liga, negar a qualidade de ‘amador’;
- k) aos que pertencerem a qualquer sociedade suspensa pela Liga e aos que foram expulsos de qualquer federação reconhecida pela Liga ou club a ela filiado, até que façam cessar o motivo da expulsão e disso tenha a Liga conhecimento official pela respectiva federação ou club;
- l) aos que exercerem qualquer posição, profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nível moral e social exigido pelo sport e pelo amadorismo [...]²⁸⁴

A longa citação se faz necessária para a demonstração de como os homens dos clubes grandes da cidade viam o esporte. Temiam perder o controle de sua prática nos principais jogos da cidade. Clubes como o São Christovão, o Bangu, o Carioca e agora o Andarahy, formados basicamente por operários, se fortaleciam, e as chamadas *cavações* estavam cada vez mais frequentes, agora também nos clubes mais modestos. Os clubes grandes sempre tiveram a prática de aliciar jogadores. O próprio Marcos Carneiro de Mendonça, o ilustre *goalkeeper* do Fluminense, saiu do America para defender um clube maior, mais aristocrático. Mas a prática se disseminava rapidamente entre os clubes, e cada vez mais pessoas humildes tomavam conta dos times de futebol da cidade que se defrontavam com os grandes clubes.

---

²⁸⁴ *O Imparcial*, 28 de abril de 1916.

Os clubes formados basicamente por operários, como o Bangu, o Andaraí e o Carioca, reclamaram, pois seus jogadores estavam impossibilitados de jogar no campeonato. O presidente do Bangu, Noel de Carvalho, protestou em carta enviada a *O Imparcial* contra esse processo explícito de seleção dos atletas na liga.²⁸⁵ Nas primeiras semanas de funcionamento da nova Lei do Amadorismo, o Carioca, clube formado por operários da Fábrica de Fiação e Tecelagem Carioca, teve 25 atletas indiciados pela Comissão de Sindicância por não estarem de acordo com as novas determinações da Lei do Amadorismo da Liga. Um dos homens fortes da Comissão era Alberto Silves, presidente do Villa Izabel. Desde 1913, Silves havia começado uma fervorosa campanha para a exclusão dos times formados por operários e trabalhadores braçais. Quando se tornou membro da Comissão de Sindicância e segundo-secretário da Liga exigia maior controle dos jogadores que não tinham nível para enfrentar os verdadeiros *sportsmen* da cidade.²⁸⁶ Os jogadores do Carioca foram eliminados justamente na semana anterior ao jogo do Carioca contra o o Villa Izabel, time de Silves. A eliminação de 25 jogadores da equipe pareceu uma manobra suja e revoltou alguns cronistas da cidade.

O jornal *O Paiz* assim retratou o episódio:

O CASO DO CARIOCA

Três membros da Comissão de Syndicancia, apenas, assistiram a leitura do parecer da Comissão de Syndicancia, que manda negar registro a 25 jogadores do Carioca Football Club. Dissemos, assistiram, apenas, a leitura, porque nada foi deliberado, relativamente. O que não obsteu que o relator fizesse sair da secretaria da Metropolitana uma participação para o Carioca, advertindo-lhe que aquellos seus 25 inscriptos decapitados no registro não poderiam tomar parte em matches da Liga. [...] affirmamos que, pelas circumstancias, foi premeditado, calculadamente aparelhado para dar vantagem ao seu adversário de hoje na lucta do *football*. Pelo que chamamos a atenção da directoria da Liga e do seu Conselho. A Lei do Amadorismo vem sendo applicada como arma de paixões pouco escrupulosas. A sua intenção acaba de ser burlada por que, pelo gesto do autor do parecer de que tratamos, verifica-se que os imscriptos da Liga poderão ser victimas do nivel moral pouco definido do legislador que tiver de applicar a lei, “*verbi gratia*”, no caso presente. Mas, estamos certos, o Carioca reagirá e mandará a campo todos os seus inscriptos lavrando protesto na Liga Metropolitana contra o acto da Comissão de Syndicancia e estamos a adivinhar que a Metropolitana dará pleno apoio ao Carioca, como demonstração de que não se prestará a defender desregradas paixões, ou interesses de *clubs* contra outros confederados. E o gesto do Carioca ficara bem gravado como honesto protesto de energia contra os abutres que tentam galgar os sinos da 1ª Divisão, a custa dos direitos alheios.²⁸⁷

²⁸⁵ *O Imparcial*, 9 de maio de 1916.

²⁸⁶ *O Imparcial*, 26 de outubro de 1913.

²⁸⁷ *O Paiz*, 7 de maio de 1916.

O jornal denunciava a manobra de Silveiras para que sua equipe tivesse maiores possibilidades frente ao forte conjunto do Carioca. Mesmo com a ameaça, o clube levou todos os seus atletas “decapitados” a campo. Talvez por não ter vencido o jogo contra o Vila Izabel, o clube não sofreu punição. Assim, abria-se um precedente importante no futebol carioca. A nova lei era logo desmoralizada perante a não punição dos jogadores do Carioca e juntamente com ela, a Comissão de Sindicância.

A discussão sobre a Lei do Amadorismo ultrapassou a esfera esportiva. Por ser uma afronta aos princípios republicanos, o deputado Otacílio de Carvalho Camará, criticando a postura da LMSA quanto à questão da exigência do amadorismo, levou a discussão para o Congresso Nacional. O deputado criticava um dos dirigentes da LMSA, o Sr. Marcondes, por conta de seu repúdio à proposta que outro dirigente da entidade, Sr. Antunes Figueiredo, fez para que a Taça Rio Branco²⁸⁸ fosse disputada entre operários brasileiros e uruguaios. A questão envolvendo a exclusão dos operários pela nova lei gerou controvérsias:

O Sr. Dr. Octacílio Câmara, deputado pelo Districto Federal, fallou na secção de hontem, justificando o requerimento de informações já publicado sobre a Lei do Amadorismo da LMSA. O orador condemna tal exclusão que a refferida lei faz, de grande número de compatrióticos, os operários, das disputas de seus matches internacionais, estabelecendo uma odiosa selecção de classes ou de castas, incompatível com o regimen de democracia em que vivemos.

O deputado carioca explica porque o seu requerimento solicita, neste sentido, informações do Ministério do Exterior: é que esse Ministro creou uma ‘Taça Rio Branco’ para ‘matches’ sportivos sul-americanos entre clubs de football, premio esse creado, naturalmente, antes que se houvesse odiosamente selecionado os ‘sportsmen’ em classes ou castas. Nem o Governo, Governo Republicano, Governo do povo pelo povo, poderia sequer concordar com este critério condemnavel de selecção tendente a formar a aristocracia do ‘sport’.²⁸⁹

O deputado Camará usou palavras duras como “odiosa selecção de classes ou de castas” e se mostra inconformado em como o “governo do povo pelo povo” poderia concordar com a formação de uma verdadeira “aristocracia do esporte”, mostrando sua total indignação com a prática exercida pela principal liga da cidade. A Lei do Amadorismo extrapolava a simples esfera do futebol. A tentativa de exclusão dos operários do futebol levantou inúmeros debates em calorosas cartas enviadas aos órgãos da imprensa carioca. A discussão tomava maior vulto por conta da reformulação dos estatutos da Liga, que deveriam ocorrer no ano seguinte, em 1917.

---

²⁸⁸ A competição foi idealizada em 1916, pelo então Ministro do Exterior do governo Wenceslau Braz, Sr. Lauro Muller, em conjunto com o governo uruaio para ser disputada entre as seleções dos dois países. Só foi realizada pela primeira vez em 1931.

²⁸⁹ *Jornal do Commercio*, 18 de maio de 1916.

Os clubes pequenos estavam decididos a não deixar uma lei como a Lei do Amadorismo de 1916 ser aprovada. Mas, pela estrutura da Liga Metropolitana, necessitavam de uma jogada política, do apoio de um grande clube. O presidente do Botafogo, J. Souza Ribeiro, foi hábil na questão e se aliou aos clubes pequenos para que se mantivesse na presidência da Liga Metropolitana. America, Flamengo e Fluminense ficaram isolados, enquanto uma facção formada pelo Botafogo, Bangu, Andarahy, Carioca, além dos clubes da 2ª e 3ª Divisões, exigiu participação maior na elaboração dos novos estatutos da Liga. Propuseram a formação de uma comissão com a participação decisiva do grupo formado pela maioria dos clubes, sob ameaça de saírem da Liga Metropolitana e fundarem uma nova associação. Os três grandes isolados não resistiram à pressão, e os representantes das facções dissidentes reuniram-se na sede da LMSA. Ficou decidido que cada uma das partes indicaria “uma comissão de dois membros [...] para, em comum accordo, com plenos poderes, decidir e accordar na organização dos estatutos da Metropolitana”.²⁹⁰

As duas partes divergentes eram tratadas por “maioria”, no caso da facção liderada pelo Botafogo, e por “minoria”, quando se referiam ao grupo dos outros três grandes clubes. A comissão com plenos poderes para a reformulação dos estatutos foi então formada por Octavio Carrão, do America, e Couto e Souza, do Flamengo, representantes da “minoria”, enquanto a “maioria” era representada por Antonio Miranda, do Andarahy, e Antunes Figueiredo, do Icarahy. Os grandes dividiam poder com os pequenos, e os novos estatutos estabeleceram mudanças importantes no futebol de maior destaque na cidade. Os pequenos clubes da Liga Metropolitana davam um passo decisivo na tentativa de se estabelecer definitivamente entre os clubes grandes do futebol carioca. A República Oligárquica se perdia no futebol carioca. Pequenas associações, organizadas, se rebelaram contra suas congêneres maiores e mais ricas para estabelecerem direitos políticos equivalentes no momento da reformulação das leis que iriam reger a todos dali em diante. Aqui se vê uma república de bilontras, não de bestializados.

Na esfera da organização do campeonato, a 1ª e a 2ª Divisões foram ampliadas, enquanto a 3ª Divisão passou a receber clubes menores, como o Esperança F.C. e o Tijuca F.C., ampliando a participação dos clubes na Liga e aumentando o número total de clubes nas três divisões de 21 para 28. Essa mudança alçou o Vasco à 2ª Divisão,

---

²⁹⁰ *Correio da Manhã*, 17 de fevereiro de 1917.

mesmo sendo o último colocado da 3ª Divisão no ano anterior. As três divisões de sete clubes da Liga Metropolitana foram trocadas por uma primeira divisão com dez clubes, uma segunda divisão com nove clubes e mais uma, a terceira, com oito clubes. Assim haveria mais clubes na 1ª Divisão, mais jogos para os clubes grandes lucrarem com as rendas, além de mais jogos dos grandes para dar rendas altas aos pequenos clubes e, obviamente, para a Liga. Com mais três clubes na divisão principal seriam mais três jogos em casa e três jogos no campo do adversário por ano para cada equipe, passando cada time a fazer 18 ao invés de 12 jogos ao longo do campeonato. Se, ao fazer mais três jogos em casa, os clubes elevariam sua arrecadação, o mesmo deve ser dito quanto às receitas da Liga. Pensando somente na 1ª Divisão, em 1916, com todos os sete clubes jogando entre si duas vezes, a Liga arrecadou os 10% de taxa sobre as rendas com a venda de ingressos nas bilheterias em 84 jogos do campeonato. Com a 1ª Divisão com 10 clubes, a Liga arrecadaria em cima de 180 jogos, sendo que deste total, cada grande clube, que gerava mais renda, faria mais 6 jogos no campeonato por ano. Assim, a Liga arrecadaria em mais 24 jogos nos confrontos envolvendo os grandes clubes.

Foi um pedido dos clubes pequenos para que o número de participantes de cada divisão subisse de sete para dez, mas o pedido não deixava de ser bom para todos. Os grandes fariam mais partidas do campeonato e teriam maiores lucros. Como foi apresentado anteriormente, o futebol vinha se apresentando como o único esporte altamente lucrativo para os clubes. Os clubes pequenos passavam a ter maiores possibilidades de confrontos com os clubes grandes através da ampliação da 1ª Divisão. Como os jogos com os grandes eram um atrativo enorme, poderiam arrecadar grandes somas e manter sua estrutura funcionando. Para a Liga, era um aumento de mais de 200% em relação ao número de jogos da 1ª Divisão, aquela que realmente gerava as grandes arrecadações do campeonato, o que iria ampliar sobremaneira sua arrecadação. Aos jogadores, mais jogos era significado de mais gratificações, de mais “ajudas de custo” e de mais ofertas de emprego vinculadas à troca de clube.

Com a ampliação da 1ª Divisão, os clubes grandes tentaram, sem sucesso, criar um mecanismo de poder que lhes desse o controle ainda maior da liga, uma vez que mais três times pequenos passariam a fazer parte da 1ª Divisão. “Tudo se inicia quando, reunidos, os representantes dos clubes pequenos conseguem anular um dos artigos já votado pela assembléia, o qual definia uma composição seleta para o Conselho Superior da Liga – a instância que, de fato, detinha o poder decisório da associação. Articulados,

eles criavam, assim, uma nova hegemonia no seio da entidade na qual, estando em maioria na Liga, os clubes pequenos teriam um poder muito maior”.²⁹¹

A aprovação dos novos estatutos trouxe, também, um novo nome para a associação que passava a se chamar Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT). Apesar da Lei do Amadorismo não ter sido aprovada, os estatutos tinham a intenção clara de mostrar os limites entre os jogadores que praticavam o futebol na sua liga, que se colocava para o público como aquela em que os verdadeiros *sportsmen* jogavam, eliminando as hipóteses de se jogar por dinheiro. Era notório que havia jogadores que recebiam dinheiro para jogar, ou que tinham empregos arranjados por diretores e simpatizantes dos clubes. Novamente, apesar de longa, faz-se necessária a transcrição de parte dos novos estatutos da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres de 1917, no quesito jogadores:

Cap. 7: DOS JOGADORES

Art. 61: reputam-se amadores os jogadores que, possuindo os requisitos de amadorismo official da LMDT, não recebam remuneração de qualquer espécie como jogadores de football.

Art. 62: o recebimento de salários por um jogador como treinador, massagista ou professor em collegios ou clubs de qualquer genero de desporto ou exercicios athleticos é motivo para consideal-o profissional.

Art. 63: o jogador que tenha sido ou seja profissional em qualquer ramo de desporto, é considerado profissional para todos os effeitos do campeonato ou torneio de football.

DO REGISTRO DE JOGADORES

Art. 64:

Poderão ser registrados:

a) todos os sócios de clubs filiados que por divertimento, sem o intuito de lucro, pratiquem qualquer desporto terrestre.

Art. 65 - Não poderão ser registrados:

a) os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos de qualquer natureza, dentro ou fóra do paiz.

b) Os que tirem os seus meios de subsistencia de qualquer profissão braçal, considerada como taes as que dependam exclusivamente de esforços physicos;

c) aquelles que exerçam profissões humilhantes que lhes permitam recebimento de gorjetas;

d) os que directa ou indirectamente tirem proveito da pratica de desportos;

e) os que tenham tomado parte em quaesquer festas, partidas de campeonatos ou concursos desportivos, disputando-os com profissionaes, sem o previo consentimento da Liga;

f) os guardas civis e praças-de-pret, exceptuando-se, porém, aquelles que forem obrigados ao serviço militar em virtude de sorteio e os alumnos das escolas militares;

g) os que se entreguem à exploração de jogos prohibidos;

h) aquelles que não sejam reconhecidos como amadores pela lei da Confederação Brasileira de Desportos;

i) os que pertençam a qualquer club suspenso pela Liga e os que tenham sido expulsos ou negado registro por qualquer federação reconhecida pela

---

²⁹¹ PEREIRA, L. A. de M. op.cit., p. 119.

Confederação Brasileira de Desportos, até que cessem esses motivos e que tenha a Liga conhecimento official;
j) os analphabetos e os que embora tenham posição, emprego estejam, a juizo do Conselho Superior, abaixo do nivel moral exigido pelo amadorismo;
k) os pronunciados em quanto durarem os effeitos da pronuncia e todos aquelles que forem condemnados por crimes capitulados no Codigo Penal, ou comprovadamente culpados de actos deshonestos.²⁹²

Uma rápida comparação entre a Lei do Amadorismo de 1916 e os novos Estatutos da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres de 1917 mostra que a primeira era mais rígida na questão da classificação dos amadores. A lei de 1916 especificava as profissões indesejadas, enquanto os novos estatutos deixam essa questão em aberto, havendo nas duas a possibilidade do Conselho Superior decidir pela questão. Os estatutos de 1917 faziam referência clara ao analfabetismo, questão ausente na lei de 1916. No entanto, podemos perceber um caráter mais flexível em relação às profissões dos jogadores nos novos estatutos:

LEI DO AMADORISMO 1916: Art. 31º - A Liga não reconhece como amadores:	NOVOS ESTATUTOS DA LMDT 1917: Art. 65 - Não poderão ser registrados:
a) aos que a troco de dinheiro, ou premio em dinheiro, ou como profissionaes tenham tomado parte em festas, partidas, matches, campeonatos, torneios, ou concursos athleticos de qualquer natureza, dentro ou fora do paiz;	a) os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos de qualquer natureza, dentro ou fóra do paiz.
b) aos que tirem os seus meios de subsistencia de qualquer profissão braçal, considerando como taes, todas aquellas em que o individuo depende inteiramente de seus poderes physicos, e não dos recursos de sua intelligência: marinheiros, catraeiros, barqueiros, canoeiros, pescadores, mestres de embarcações de tráfego, condutores de vehiculos, e bem assim todos aquelles que exercem officio, profissão ou emprego remunerado, manual ou braçal, seja por conta própria, seja ao serviço de terceiros, seja ao serviço de arsenais, estaleiros, fabricas ou officinas particulares, ou do Estado;	b) Os que tirem os seus meios de subsistencia de qualquer profissão braçal, considerada como taes as que dependam exclusivamente de esforços physicos;

²⁹² *Diario Official da União*, 20 de dezembro de 1917, pp. 13.580 a 13.584.

l) aos que exercerem qualquer posição, profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nível moral e social exigido pelo sport e pelo amadorismo;	j) os analphabetos e os que embora tenham posição, emprego, estejam, a juízo do Conselho Superior, abaixo do nível moral exigido pelo amadorismo;
h) aos guardas civis e ‘praças-de-pret’;	f) os guardas civis e praças-de-pret, exceptuando-se, porém, aqueles que forem obrigados ao serviço militar em virtude de sorteio e os alumnos das escolas militares;
c) aos criados de servir, aos empregados (denominados caixeiros) de armazéns de seccos e molhados, vendas ou mercearias, aos criados de confeitarias, bilhares, sorveterias, “bars”, hoteis, caffes, botequins, restaurantes, officiaes de barbearias, empregados de agencias de locação e de casas de bilhetes de loteria; g) aos contínuos, estafetas, correios e serventes em geral;	

Apesar de não citar nominalmente as profissões vedadas aos jogadores a legislação de 1917 abria novas possibilidades de interpretação e poderia dar maiores oportunidades aos praticantes do futebol de origem humilde. É interessante notar que os mesmos dirigentes que formulavam esses novos estatutos eram aqueles que administravam os maiores clubes de futebol da cidade, em suma os maiores beneficiados com a prática de oferecer empregos e gratificações em dinheiros para os jogadores. Mas o medo desses dirigentes era de que os clubes menores comesçassem a se utilizar desse método, passassem a ter bons jogadores, pudessem formar fortes equipes, disputar campeonatos, ganhar títulos e desbancar os grandes com um time de maioria de profissionais. Por isso tentavam colocar regras mais rígidas, pois eram estes mesmos homens, dirigentes das agremiações mais poderosas os que ocupavam os principais cargos e que escolhiam os membros das comissões de sindicância. O que valia para uns não valia para outros.

De maneira geral, os “donos” do futebol da elite da cidade toleravam um ou outro jogador que fugisse às exigências da principal liga carioca. A chave para o cumprimento dos estatutos da Liga era a Comissão de Sindicância, que era formada por membros dos diversos clubes. Se a Comissão era a chave para o cumprimento, também o era para o descumprimento, pois não será de todo estranho imaginar acordos entre os

membros da Comissão para deixar passar algumas situações irregulares. Durante todo o ano de 1917, a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, “pela methodisação das disposições combinadas, pela elaboração das leis e pelo melhor ajustamento das mesmas”,²⁹³ foi rearranjando seus mecanismos legais, inclusive através de várias reformas durante os anos subsequentes com o intuito de resolver brechas que se abriam com a legislação da Liga que a regulamentava.

Com os novos estatutos e com um novo campeonato com duas divisões de 10 clubes cada, o Vasco foi extremamente beneficiado sendo alçado imediatamente à 2ª Divisão, ampliada e agora composta pelos clubes Cattete, Palmeiras, Progresso, Boqueirão do Passeio, S.C. Brasil, River São Bento, Paladino, Icarahy e o Vasco da Gama. Pela primeira vez o Vasco participou no campeonato dos segundos times²⁹⁴, que faziam as preliminares das partidas dos primeiros times. Dessa vez a campanha do Vasco foi substancialmente melhor. Do último lugar da 3ª Divisão para o 4º lugar da 2ª Divisão. O Vasco jogou 14 jogos, teve 8 vitórias, 2 empates e apenas 4 derrotas. Fez 39 gols e sofreu outros 30. O campeão foi o Cattete. Com a reformulação dos estatutos, o campeão da 2ª Divisão precisava disputar uma partida com o último colocado da 1ª Divisão para saber quem estaria na divisão principal no ano seguinte. O Cattete foi derrotado pelo Vila Izabel e teve que jogar o campeonato de 1918 na 2ª Divisão. Enquanto isso, como afirmado anteriormente, o Fluminense era o campeão da 1ª Divisão.

Grandes x Pequenos

O campeonato de 1917 só terminou no ano seguinte, e um dos motivos foi a falta de campos apropriados para os jogos das divisões inferiores. Este era o reflexo imediato da ampliação do número de clubes. Em relação à arrecadação com jogos, os dados do relatório de 1917 só computaram os jogos daquele ano, em que se realizaram apenas 67 dos 90 jogos então previstos. Ou seja, fica faltando para o total geral da Liga, a computação de 23 jogos, quase um terço de todos os jogos previstos total. Mesmo

---

²⁹³ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 31 de dezembro de 1917 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918.

²⁹⁴ Os clubes que tinham muitos jogadores de futebol tinham seus Segundos e Terceiros times que eram formados, geralmente pelos “verdadeiros sócios”. Uma vez que esses jogadores não tinham a categoria necessária para jogar no Primeiro time, devido à presença cada vez maior de “sócios de ocasião”, como os jogadores que vinham a convite de outros clubes, formavam-se equipes secundárias para a acomodação de jogadores mais fracos. Muitas vezes os garotos, chamados de “sócios aspirantes”, eram lançados nessas equipes antes de serem efetivados no Primeiro time.

assim, o aumento da popularidade dos grandes clubes era notório. Nesse ano, a Liga teve uma receita de 44:015\$700. O aumento de clubes naquela temporada levou a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres a ter 1.374 atletas inscritos para a disputa dos torneios de natação, tênis, basquete, futebol e vôlei daquele ano. Cada atleta inscrito pelo clube pagava 1\$000 sendo que só de inscrições a Liga recebeu 1:374\$000, ou 3% de sua receita. Além disso, um aumento no número de clubes fez com que as receitas com mensalidades fossem para 6:720\$000, arrecadados com as mensalidades de 20\$000 dos 28 clubes da Liga nos doze meses do ano de 1917, ou cerca de 15% do total das receitas. A maior parte das receitas vinha dos 10% cobrados pela Liga sobre a venda de ingressos em jogos do campeonato. Em 1917, a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres conseguiu 11:298\$830 com a taxa dos jogos de futebol, ou cerca de 25% do total de sua receita naquele ano.

Os clubes grandes eram os responsáveis pelas maiores arrecadações e, conseqüentemente, da maior parte do que era arrecadado com os jogos pela Liga. Naquele ano, os quatro grandes clubes arrecadaram juntos 7:999\$200, mais de 70% do total. O único dado a se ressaltar é que até a data da entrega do relatório de 1917, os clubes grandes já haviam feito quase todos os jogos em casa, faltando apenas uma partida para o America e três para o Flamengo em seus respectivos estádios. Já os clubes pequenos ainda teriam que fazer 19 jogos em casa. Mesmo assim, analisando as arrecadações dos pequenos clubes, em 35 jogos conseguiram um total de 3:299\$630, ou seja uma arrecadação média de 94\$275 por partida - muito pouco perto dos quase 8 contos dos grandes clubes em 32 jogos, com a média de 249\$975 por jogo. A maior arrecadação de um clube grande foi do Fluminense, em jogo contra o America, quando conseguiu um total de 10:298\$000 com a venda de ingressos. Dos clubes conhecidos como pequenos, o São Christovão teve uma arrecadação de 4:584\$000, em jogo contra o Fluminense. Se forem analisadas apenas partidas entre clubes pequenos, a maior arrecadação foi no jogo São Christóvão e Andarahy, no estádio do São Christovão, que rendeu 1:208\$000, quase dez vezes menos que a maior renda entre os grandes.

Em relação à arrecadação específica dos clubes, o Fluminense, por exemplo, arrecadou 17:857\$000²⁹⁵ com seus jogos em casa, durante o campeonato da cidade em

---

²⁹⁵ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1916.* Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1917.

1916. No ano seguinte, arrecadou 30:604\$000,²⁹⁶ segundo o relatório da Liga, e depois de já ter feito todos os jogos planejados em seus domínios para aquele ano. Como o Fluminense já havia feito todos os jogos em seu estádio, podemos perceber a grande diferença que os jogos contra os chamados “grandes clubes”, America, Botafogo e Flamengo, fizeram em seus cofres. Os três jogos contra esses clubes renderam 19:381\$000, ou 63% do total das arrecadações do clube no campeonato. Já os outros seis jogos, contra Andarahy, Bangu, Carioca, Mangueira, São Christovão e Villa Izabel, os chamados “pequenos clubes”, renderam os outros 11:223\$000. O Botafogo foi outra equipe que efetuou todos os jogos em casa antes do final do campeonato e teve uma arrecadação total em seu estádio de 20:578\$000. Desse total, 14:457\$000, ou 70% do total arrecadado pelo time com a venda de ingressos em seu estádio, foi conseguido nos três jogos com os outros grandes clubes.

Os grandes clubes tiveram um benefício pequeno com o aumento dos clubes na 1ª Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Não são desprezíveis as arrecadações dos pequenos clubes, mas é inegável que estes passaram a ter maiores benefícios ao terem contato maior com os grandes clubes da cidade. Agremiações que nunca tinham feito confrontos com os grandes passaram a movimentar somas muito maiores em seus cofres. O Mangueira, por exemplo, conseguiu em seu jogo contra o Fluminense, uma arrecadação de 1:388\$000, quase metade do total arrecadado nas sete partidas que fez em seu estádio.

Aliás, os clubes grandes eram os principais responsáveis pelas rendas também como visitantes. O clube que gerou maior renda como visitante foi o America, com um total de 23:615\$000 em seis jogos, numa média de 3:935\$833 por jogo. O Fluminense foi o segundo colocado neste quesito, com um total de 20:512\$200 arrecadado por todos os clubes que receberam o Tricolor, numa média de 3:418\$700 por jogo. Logo abaixo dos dois vinha o Flamengo, que como visitante proporcionou 18:831\$800 para os clubes que o receberam em 8 jogos, numa média de 2:353\$975 por jogo. O Botafogo era o quarto time que mais atraía torcedores de outras equipes, de acordo com as rendas dos clubes. Foram 12:528\$000, em 6 jogos, numa média de 2:088\$000 por jogo. As equipes pequenas não geravam tanta receita quando eram visitantes. Não havia muita atração por jogos envolvendo as equipes pequenas. Os estreantes Mangueira e Villa Izabel, por

---

²⁹⁶ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 31 de dezembro de 1917 à Assembléa Geral.* Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918.

exemplo, só geraram, como visitantes, receita de 3:624\$100 e 4:515\$00, mostrando o quão pouco atrativos eram seus jogos para o público pagante.

A diferença entre o que era arrecadado nos jogos da 1ª e 2ª divisões era absurda. Até o final do ano de 1917, só onze jogos da divisão inferior tinham sido efetuados. O total de ingressos vendidos para essas partidas gerou uma receita de 447\$200, uma média de 40\$654 por jogo, muito longe da média de 1:686\$392 por jogo na 1ª Divisão. No único jogo do Vasco da Gama realizado no ano,²⁹⁷ contra o Cattete, a arrecadação foi de 79\$000, valor que não chegava perto da pior arrecadação da 1ª Divisão, no jogo do Carioca contra o Mangueira, que foi de 100\$100.²⁹⁸ O caminho era mesmo o da 1ª Divisão, pois ali estavam as grandes somas de dinheiro e os círculos mais importantes do futebol carioca.

O Fluminense de Arnaldo Guinle voltou a ser campeão em 1917, depois de cinco anos sem conquistas. O que se viu foi uma explosão no quesito receitas e despesas do Tricolor. O clube resolveu investir em obras em seu estádio, visando o Campeonato Sul-Americano de 1918, a ser disputado no Brasil. Guinle era presidente do Fluminense e da Confederação Brasileira de Desportos e aproveitou a oportunidade para fazer de seu clube a sede da primeira competição esportiva internacional do Brasil. A receita total do clube chegou a 549:887\$530, sendo que 84:996\$000 (cerca de 15,5%) foram recebidos pelo clube em forma de donativos. Mais 78:000\$000 (cerca de 14,5%) foram obtidos através de hipotecas, além da existência de um saldo de 188:058\$180 (cerca de 34%), designado simplesmente como “conta corrente”. Como fruto do prestígio que alcançava como baluarte do desporto nacional e com o primeiro lugar obtido nos campeonatos de 1916 e 1917, o Fluminense teve um aumento de sócios, totalizando 1.274 sócios efetivos, o que acarretou um aumento de 20% nas receitas com mensalidades em relação ao ano anterior, totalizando 79:814\$900 (quase 15% do total das receitas do clube). Além das mensalidades, os novos sócios também pagavam a jóia de 100\$000 e o clube arrecadou 20% a mais do que em 1916, 10:220\$000 (valor ínfimo que não chegava a 2% do total das receitas). Na arrecadação com jogos o Fluminense também movimentou somas maiores, 30:699\$500²⁹⁹ (cerca de 5,5% do total de receitas do clube), só com os jogos do campeonato, um aumento de quase 50% em relação ao

---

²⁹⁷ Todos os outros jogos do Vasco da Gama do campeonato de 1917 foram jogados no ano de 1918, por conta do atraso dos jogos na 2ª Divisão.

²⁹⁸ O quadro completo das rendas do campeonato da cidade para o ano de 1917 está ao final do trabalho, na seção de *Anexos*.

²⁹⁹ O número acima foi apresentado pelo relatório do Fluminense e difere do apresentado pelo relatório da Liga, pois são de datas diferentes.

ano anterior. De acordo com os relatórios do clube, foram nove jogos em seu estádio, com capacidade para cerca de cinco mil pessoas, uma média de arrecadação de 3:411\$055 por jogo. A arrecadação do Fluminense em seus jogos do campeonato carioca pagou, por exemplo, toda a folha salarial do clube (26:029\$850) e mais todos os impostos pagos pelo clube naquele ano (3:297\$380).

Mas se as receitas aumentaram, as despesas vieram no mesmo ritmo, elevando-se para 546:565\$630. Os principais gastos do clube eram por conta das obras no estádio, no ginásio de esportes e nas piscinas. Foi implantado no campo de futebol um sistema de irrigação com dois reservatórios com 14 mil e 5 mil litros cada um, em que a água era puxada por uma bomba elétrica. Foram colocadas 700 cadeiras nas arquibancadas exclusivas para os sócios, além de obras no ginásio de esportes e nas piscinas. A descrição das despesas do relatório anual de 1917 é bastante simples. As maiores despesas são aquelas com “conta corrente” (168:062\$640 ou cerca de 30% das despesas) e com a compra de imóveis visando a ampliação do estádio (164:033\$000, 29% do total). Os empréstimos com “letras a pagar” (88:104\$300, ou pouco mais de 16% das despesas) eram um dos gastos mais altos do clube. As outras despesas aparecem num patamar muito inferior. O clube gastou 26:029\$850 (quase 5% do total) em salários e uma quantia parecida foi descrita com as sempre obscuras “despesas geraes”,³⁰⁰ que chegaram a 23:082\$400 (também quase 5% do total).

Um dos gastos interessantes é o que o clube precisava investir em material esportivo para se manter como um clube com esportistas de alto nível, como era o caso do Fluminense. Em 1917, o clube gastou 7:782\$180 com material para fornecer a seus atletas e associados para a prática de esportes como o futebol, a natação, o tênis, o basquete e o vôlei. Só para se ter uma idéia do quanto isso significava para o clube, tudo o que o Fluminense conseguiu arrecadar com a venda de ingressos para o futebol nos meses de julho (3:398\$000) e agosto (3:635\$000) daquele ano não foram suficientes para cobrir os gastos com o material esportivo. A análise dos relatórios vai mostrando uma nova realidade nos clubes. O futebol precisava ser tratado como verdadeiro esporte de massas. O clube arrecadou 30:699\$500, no campeonato da Liga Metropolitana, e teve como despesas desses jogos 3:658\$950,³⁰¹ uma diferença significativa de 27:040\$550, com um estádio ainda em obras e com capacidade máxima de cinco mil

---

³⁰⁰ Os periódicos e autores do período afirmavam que quando os clubes pagavam os jogadores, os tesoureiros, afim de não levantar suspeitas, anotavam como despesas gerais.

³⁰¹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1917*. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1918.

pessoas. Era urgente o término das obras para comportar um estádio calculado para abrigar mais de 20 mil pessoas.

Juntamente com os investimentos em infra-estrutura e nas chamadas “categorias de base”, ou os infantis do clube, Arnaldo Guinle também fez do treinamento de seus jogadores algo primordial. O senhor J. A. Quincey Taylor veio para o Brasil para trabalhar como professor de Educação Física do Colégio Anglo-Americano em 1913.³⁰² Em 1917, foi contratado pelo Fluminense para ser o técnico da equipe. *Mr.* Taylor fazia várias sessões de treinos no Fluminense. O clube mandou construir dormitórios e salas de massagens para seus atletas. A rotina era dura com treinos físicos pela parte da manhã, muitas vezes acompanhado pelo próprio Guinle, e bate-bola, após o café da manhã oferecido no clube. Após os treinos, depois de massagens para relaxamento, os jogadores estavam dispensados para as aulas ou para o trabalho. Muitas vezes havia um segundo treino na parte da tarde, antes que a noite tomasse conta do campo. Nas vésperas de jogo, iam jantar cedo no restaurante Lamas e, em seguida, iam todos para o clube para dormir cedo e enfrentar o jogo no outro dia.³⁰³ Era o início da “concentração”, termo largamente difundido até hoje no futebol para dar conta de períodos em que os jogadores ficam reunidos, longe de casa, justamente se concentrando para a partida de futebol. Dessa maneira, os dirigentes poderiam controlar melhor seus atletas, dar-lhes uma alimentação adequada e horas de sono suficientes para uma prática esportiva de alto rendimento. Ao longo do ano de 1917, o clube foi conquistando vitórias e voltou a ser o grande time da cidade. Após cinco anos longe da briga pelo título, o Fluminense voltava a ser campeão e era o clube com as maiores arrecadações do Rio de Janeiro. Taylor foi dos poucos ingleses a permanecer no Brasil durante a Primeira Guerra.

O ano de 1918 foi muito triste para o país, mas particularmente para a cidade e o futebol. A epidemia de Gripe Espanhola, a *Influenza*, foi terrível no mundo e em território brasileiro, onde foi responsável por vitimar muita gente, inclusive o presidente eleito Rodrigues Alves. No futebol a situação não foi diferente, e o campeonato foi paralisado por 56 dias. A desoladora situação fez a Liga mencionar em seus relatórios que a epidemia estaria desorganizando “profundamente todos os serviços da cidade, não poderia deixar de atingir a esfera de acção desta Liga, já atacando inúmeros jogadores dos Clubs filiados, já prostando igualmente directores e funcionários dos

---

³⁰² ASSAF, R. op.cit., p. 22.

³⁰³ FILHO, M. op.cit., p. 120.

mesmos e da própria Liga”.³⁰⁴ Nesse ano morreram vários *sportsmen* ligados a clubes filiados à LMDT. Segundo suas contas, foram 35 *sportsmen* mortos. João Cantuária, exímio jogador e um dos fundadores do São Christovão Futebol e Regatas, morreu em 25 de outubro de 1918 e foi homenageado, na década de 1930, quando seu nome se tornou o nome do jornal do clube, “O Cantuária”.³⁰⁵ Seu nome não aparece no Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres do ano de 1918³⁰⁶ como uma das vítimas da epidemia. Um dos que consta na lista da Liga é Arquibald French, inglês que foi centro-avante do Bangu, em 1917. Convidado para ingressar no Fluminense, logo tomou o lugar de Moraes no time titular. French ajudou o Fluminense a ser campeão antecipado de 1918. Quando o campeonato parou, e o Fluminense, com todos os seus jogadores acometidos pela gripe, suspendeu os treinos, o clube já tinha feito quinze jogos e vencido doze, assegurando o título. Quando a Liga decidiu pela volta da competição, o Fluminense desistiu do jogo contra o Carioca, em luto pela morte do seu craque.³⁰⁷

Em novembro, com a diminuição do número de mortos vítimas da epidemia, os cuidados ainda eram grandes para a volta do campeonato:

O Reencetamento do campeonato e torneios - A Assembléia Geral da Liga Metropolitana, convocada para sexta-feira próxima, vae decidir sobre a situação do campeonato de torneos de football, suspensos em virtude da epidemia reinante, bem como tomar conhecimento dos actos da directoria durante esse período anormal. É possível que o campeonato e torneios de football sejam reencetados em 24 do corrente mez, havendo também quem pense em recomêçal-os a 15. Parece-nos que a melhor data é a de 24, quando os jogadores estarão refeitos da moléstia.

A Liga deve ser muito cautelosa na sua decisão, não se esquecendo de que seu escopo é justamente o do fortalecimento de nossa mocidade. Antes de 24, nunca; depois, sim.³⁰⁸

Apesar do campeonato só terminar em 1919, praticamente tudo foi decidido ainda em 1918 com seu reinício. Apenas 11 dos 90 jogos foram jogados no início de 1919, e o

---

³⁰⁴ Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30/12/1918 à Assembléa Geral. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

³⁰⁵ QUADROS, Raymundo. *Chuva de Glórias: a trajetória do São Cristóvão de Futebol e Regatas*. Rio de Janeiro: Editora Pontes, 2004, p. 36

³⁰⁶ Segundo o Relatório de 1918, os *sportsmen* falecidos foram: Carlos Augusto Tavares, Antonio Vieira e Thiers A. Silva, do Botafogo; Alipio Gomes, Archibald French, Bento Affonso Pragan, Ernesto Silva, Evandro Santos, Francisco Carvalho, Mario Carvalho e Dr. Seraphin Lafaille, do Bangu; Frederico Burrowes e Henrique Tavares, do Carioca; Antonio Vieira, Benedicto do Nascimento, Gaspar Fernandes Salgado, Joaquim Augusto da Costa, José Pereira Portugal, José da Rocha e Manoel M. Fonseca, do Vasco da Gama. Além desses, mais oito *sportsmen* do Americano, quatro do Ypiranga, um do Hellenico e mais um do S.C. Rio de Janeiro morreram. Vale ressaltar que Archibald French era do Bangu em 1917, mas em 1918 já defendia o Fluminense.

³⁰⁷ COELHO NETTO, Paulo. op.cit., p. 60.

³⁰⁸ *Jornal do Commercio*, 6 de novembro de 1918.

relatório da liga contabilizou 80 partidas daquele torneio, contra 67 do ano anterior.³⁰⁹ O Fluminense continuava sendo o clube com as maiores arrecadações em jogos em seu estádio e também quando jogava nos estádios dos adversários. Naquele ano, arrecadou um total de 30:306\$000 em 8 jogos, numa média de 3:788\$312 por jogo.

O Flamengo foi o clube que teve maior crescimento de arrecadação no ano de 1918. Passou de 1:342\$000 por jogo em 1917 para 3:726\$500 em 1918, mostrando o rápido crescimento da torcida flamenguista. É interessante a comparação das receitas dos clubes com as vendas de ingressos dos anos 1917 e 1918, uma vez que são raros os anos em que existem documentos oficiais da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres ou das outras ligas anteriores e posteriores. Há que se levar em consideração que o número de partidas registradas para o ano de 1917 é menor, portanto a opção foi por se trabalhar com as médias por jogo. Nesse caso, também se deve notar que o comportamento da arrecadação de um ou outro clube vai depender do interesse que o time de futebol despertar em seus torcedores, a ponto de fazê-los comprar ingressos para assistir ao jogo. Quando a equipe vai mal, a tendência é a diminuição do número de torcedores nos estádios. No entanto, o desespero da equipe por ter que jogar o jogo eliminatório contra o 1º colocado da divisão inferior e o risco de sair da elite do futebol podiam fazer com que os torcedores comparecessem em maior número na tentativa de “salvar” sua equipe.

De maneira geral, o que se pode perceber na análise dos números é o poder econômico dos clubes grandes. Trabalhando com os dados das tabelas contidas na seção *Anexos*, fica muito claro que os quatro clubes grandes da cidade (America, Botafogo, Flamengo e Fluminense) eram aqueles que movimentavam as maiores somas de dinheiro no futebol. Em 1917, quando jogaram em seus estádios, os quatro grandes arrecadaram 79:990\$000, ou 70% do total arrecadado com a venda de ingressos naquele ano, 112:988\$300. Já os pequenos (Andarahy, Bangu, Carioca, Mangueira, São Christovão e Villa Izabel) conseguiram, com a venda de ingressos em seus estádios, 32:998\$300, apenas 30% do total. A força da torcida dos clubes grandes pode ser percebida ao analisar as rendas dos jogos entre os grandes clubes. Os 12 jogos entre as quatro equipes de maior torcida do Rio renderam um total de 55:784\$000, pouco mais de dois terços do total arrecadado naquele ano por esses clubes. Já as receitas dos 20

---

³⁰⁹ Os dados a seguir foram retirados dos relatórios da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria à Assembléa Geral para os anos de 1917 e 1918.

jogos entre os clubes grandes contra os pequenos renderam 24:206\$000, representando o outro terço de tudo o que foi arrecadado pelos grandes no campeonato de 1917.

No ano seguinte, a concentração de rendas nos clubes grandes aumentou. Dos 141:107\$750 arrecadados com a venda de ingressos por todos os clubes, os jogos dos clubes grandes como mandantes conseguiram uma arrecadação de 104:438\$500, ou 75% do total. Já os seis clubes pequenos, quando mandantes, conseguiram arrecadar juntos apenas os outros 25% do total, ou 36:639\$000. Mas há uma diferença nas arrecadações em casa dos quatro grandes. A pequena participação dos clubes pequenos nas rendas dos grandes foi substancialmente alterada. Enquanto em 1917, os jogos entre grandes e pequenos renderam apenas um terço da renda dos grandes com a venda de ingressos em seus estádios, no ano seguinte a participação chegou a quase metade do total arrecadado nas mesmas condições. Os 22 jogos dos grandes clubes contra os pequenos renderam 51:548\$000, enquanto os 11 jogos entre os grandes rendeu 52:890\$000.

A tabela a seguir mostra as médias das rendas dos jogos de 1917 e 1918 da 1ª Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Os jogos “Grandes x Pequenos” mostram a média dos jogos dos quatro grandes clubes do Rio (America, Botafogo, Flamengo e Fluminense) contra os outros seis times do campeonato, com os jogos sendo organizados pelos grandes. “Pequenos x Grandes” mostram a média dos jogos quando os seis clubes menores recebem os quatro grandes clubes em seus domínios:

Média de arrecadação por jogo do(s):	1917	1918
Campeonato da LMDT	1:686\$392	1:785\$791
Jogos entre os 4 grandes	4:684\$666	4:808\$227
Jogos “Grandes x Pequenos”	1:210\$300	2:343\$090
Jogos “Pequenos x Grandes”	621\$906	1:342\$158
Jogos entre os 6 pequenos	439\$615	412\$519

Os grandes clubes conseguiam efetivamente as maiores arrecadações com a venda de ingressos e, por isso, eram responsáveis por grande parte do total arrecadado pelos clubes no campeonato da cidade. Boa parte das receitas da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres vinha da cobrança de 10% sobre a venda de ingressos para jogos. Em 1917, quase um quarto das receitas advinha dessas cobranças.

Em 1918, esse peso caiu para cerca de 13%, o que ainda representava um percentual elevado. Nesse ano, o que deu mais dinheiro para a Liga foi a organização dos jogos entre as seleções de Rio e São Paulo. Com os ingressos aumentados em 100% e com toda a receita para a Liga. 45:506\$900 foram parar diretamente nos cofres da entidade, mais da metade de toda a sua receita. Os dados da tabela a seguir mostram a média de arrecadação que cada equipe conseguiu nos dois anos quando teve o mando de campo:³¹⁰

Média de arrecadação por jogo em casa do:	1917	1918
Fluminense	3:400\$000	3:788\$312
America	2:594\$375	2:555\$666
Botafogo	2:286\$444	2:665\$250
Flamengo	1:342\$000	3:726\$500
São Christovão	2:194\$714	1:757\$428
Andarahy	1:079\$333	1:151\$888
Bangu	629\$666	332\$625
Carioca	401\$900	607\$111
Mangueira	491\$833	348\$375
Villa Izabel	251\$061	611\$000

Além de serem os que mais arrecadavam quando mandantes, também eram os quatro grandes clubes os que atraíam maior público aos estádios dos outros clubes. Na tabela abaixo vemos a média de arrecadação nas partidas em que cada clube jogou fora de seu estádio, como visitante:

Média de renda gerada por jogo fora de casa do:	1917	1918
Fluminense	3:418\$700	4:935\$000
America	3:935\$933	2:252\$000
Botafogo	2:088\$000	3:795\$583
Flamengo	2:353\$975	1:992\$750

³¹⁰ As imagens de alguns dos campos dos times da 1ª Divisão do campeonato da LMDT encontram-se ao final deste trabalho. Ver Iconografia: Imagens VI a XVI.

São Christovão	1:540\$888	2:346\$570
Andarahy	1:107\$800	1:306\$111
Bangu	718\$700	461\$111
Carioca	635\$833	303\$714
Mangueira	604\$016	354\$125
Villa Izabel	645\$128	599\$222

As médias de arrecadação por jogo apresentadas acima mostram o poder de atração dos clubes grandes quando estes são os visitantes. Além disso, como comprovam notas anteriores, esses clubes levavam muitos de seus torcedores aos estádios dos adversários, chegando a alugar vagões de trens ou bondes especiais para o deslocamento de sua torcida. O Fluminense alugou vagões do trem que partia da Central do Brasil com destino a Bangu às 12h25. Ao preço de 1\$000, o torcedor do Tricolor poderia ir nos vagões exclusivos do clube com destino ao subúrbio. A volta deveria acontecer no trem que saía da estação de Bangu às 18h10 e o preço da viagem de ida e volta era de 1\$000.³¹¹ Cerca de trezentas pessoas foram no trem e eram a maioria no estádio,³¹² num jogo de arrecadação fraca, 674\$000.³¹³ No mesmo final de semana, o Carioca organizou um serviço especial:

Carioca organiza serviço especial de auto-omnibus: A directoria do Carioca põe na Ponte de Taboas em correspondência com os bonds da Gávea, Jardim Botânico, Leblon e Humaytá, auto-omnibus para o seu campo, para o jogo Carioca x Flamengo. As entradas, com direito ao auto-omnibus estão à venda na Casa Stamp por 2\$200.³¹⁴

O Flamengo, na mesma temporada, fez o mesmo que o Fluminense para o jogo contra o Bangu, alugando três vagões de um trem da Central para sua torcida ao preço de 1\$000, ida e volta.³¹⁵

Infelizmente, não há registro dos públicos dos estádios, nem quantas pessoas havia por setor. Sabe-se apenas que os ingressos de gerais (\$500) e arquibancadas (1\$000) eram vendidos em maior número do que as cadeiras numeradas (2\$000), ou os camarotes (4\$000), até porque os sócios do clube ocupavam esses lugares, cujo acesso

³¹¹ *Correio da Manhã*, 19 de abril de 1918.

³¹² *Correio da Manhã*, 22 de abril de 1918.

³¹³ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30/12/1918 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

³¹⁴ *Correio da Manhã*, 21 de abril de 1918.

³¹⁵ *O Imparcial*, 25 de agosto de 1918.

era permitido mediante a apresentação do recibo de pagamento do mês vigente. Quando havia jogos interestaduais ou internacionais os preços sofriam aumento.³¹⁶ São raras as notícias nos periódicos em que aparecem especificadas as vendas por setor. Os jornais falam em estádios lotados com cerca de sete mil espectadores, tudo na base do palpite, ou de informações que tal cronista havia recebido do tesoureiro do clube. Geralmente, o estádio tinha uma divisão de um terço de sua capacidade para as cadeiras numeradas e camarotes, um terço para as arquibancadas e mais um terço para as gerais. A maior parte dos ingressos vendidos eram aqueles que davam direito às arquibancadas e gerais. É impossível se fazer um cálculo do número de pessoas presentes, mas calculando o ingresso a uma média de 1\$000, os públicos geralmente não passavam de quatro mil espectadores. O Botafogo registrou nas Atas da Diretoria, que havia vendido 1.025 entradas para gerais e 1.074 para arquibancadas para o jogo contra o São Christovão, gerando uma renda total de 3:173\$000,³¹⁷ não havendo informação da venda de cadeiras e camarotes, os ingressos mais caros. Um público pagante de 2.099 espectadores, que pagou um preço médio de 1\$511 para assistir ao jogo.

Há que se fazer um registro sobre dois clubes que representam uma espécie de classe média na configuração do poder de atrair torcedores e gerar rendas para os clubes e para a Liga. São eles o São Christovão e o Andarahy. O primeiro obtinha uma média bastante razoável de arrecadações em seu estádio: 2:194\$714 em 1917 (maior que o Flamengo) e 1:757\$428 em 1918. O Andarahy também conseguia atrair um público significativo. O clube arrecadou em média 1:079\$333 por jogo em 1917 e 1:151\$888 por jogo no ano seguinte. Os dois também atraíam um público razoável fora de casa, devido ao bom nível de seus times. O São Christovão proporcionou, como visitante, rendas de 1:540\$888 por jogo em 1917, enquanto os jogos do Andarahy fora de casa tiveram arrecadação média de 1:107\$800, nas mesmas condições naquele mesmo ano. Já em 1918, a forte equipe do São Christovão era garantia de jogos bons, gerando uma renda média de 2:346\$570 por jogo, enquanto o Andarahy teve média de arrecadação fora de casa de 1:306\$111 em cada jogo. Essas duas equipes acabam elevando a média dos pequenos consideravelmente.

---

³¹⁶ *O Imparcial* divulgava 4\$000 para arquibancada e 2\$000 para a gerais para o jogo da seleção de Rio de Janeiro contra São Paulo; 3\$000 arquibancada e 1\$500 gerais para o jogo das seleção do R; e 1\$000 arquibancada e \$500 gerais para Botafogo x Fluminense.

³¹⁷ *Ata da sessão da Directoria* de 29 de abril de 1918, Botafogo Football Club. Era raro os clubes colocarem as arrecadações dessa maneira, pormenorizando as vendas por setor.

A necessidade de aumentar as arrecadações fazia com que os clubes, aos poucos e em ocasiões especiais, abandonassem o costume de sócios não pagarem ingressos e ainda serem acompanhados por duas mulheres da família, também isentas de pagamento. Os estádios eram modestos e o público feminino que costumava acompanhar os jogos era grande. Eram espectadores que não eram consumidores, apenas acompanhavam os sócios, mas também ocupavam lugares. Cada lugar acompanhado por uma moça era um lugar a menos para um potencial torcedor. O antigo cavalheirismo ia sendo colocado de lado, do mesmo modo que, no campo, havia muito o futebol não era mais um esporte para cavalheiros. Posteriormente, com a popularização do futebol, basicamente só homens frequentavam os estádios. Em 1918, num jogo do Fluminense contra o Paulistano, válido para uma espécie de campeonato brasileiro da época e jogado no campo do Botafogo, o ingresso era “pessoal, não se podendo fazer acompanhar de senhoras”.³¹⁸

Em 1918, o conjunto de times que formavam a 2ª Divisão era composto por Americano, Mackenzie, Palmeiras, Cattete, Progresso, Rio de Janeiro, S.C. Brasil e Vasco da Gama. Após a paralisação do campeonato, a reestréia do Vasco foi contra o River São Bento. “A luta [prometia] ser titânica e os referees [seriam] pescados na archibancada”, dizia a notícia inusitada publicada no *Jornal do Commercio* de 15 de dezembro daquele ano, mostrando um pouco da (des)organização que imperava na 2ª Divisão do Rio. O Vasco terminou num honroso 3º lugar, jogando 16 vezes, com 9 vitórias e 7 derrotas, fazendo 38 gols e sofrendo 46. O campeão da 2ª Divisão foi o Americano. Na 1ª Divisão, o campeão foi o Fluminense, que passou boa parte do ano se preparando para ser a sede dos Jogos Sul-Americanos do ano de 1918.

Até estrangeiros...

Como foi visto, os cronistas parecem unânimes em apontar para uma prática cada vez mais corrente do pagamento de atletas para jogar futebol. As tentativas para coibir esta prática vieram aumentando ao longo dos anos, até culminar na mudança dos estatutos da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres. As práticas de profissionalização dos jogadores variavam de clube para clube, de jogador para jogador, mas era fato que os grandes craques, quase todos, recebiam dinheiro para jogar. Por isso a tentativa da obrigatoriedade do amadorismo e de discussões ásperas sobre a

---

³¹⁸ *Correio da Manhã*, 5 de abril de 1918.

possibilidade ou não de trabalhadores considerados “indignos”. Apesar das conquistas dos times pequenos, ainda eram muitas as barreiras para os jogadores oriundos das camadas mais baixas.

No ano de 1918, um episódio passou a ser exemplar na mudança de rumos que o futebol apresentaria. O Botafogo, campeão pela última vez em 1912, estava cansado de ficar atrás dos outros grandes. As rendas do time não se equiparavam mais às do Fluminense, começavam a ficar menores que as do Flamengo e se equiparavam ao America. Talvez por isso, o Botafogo apareceu naquele ano com dois jogadores uruguaios, Monti e Beheregaray.

A transferência agitou novamente o meio esportivo carioca. Logo começaram as cartas nas redações dos jornais, e os cronistas a bradar por moralidade na Liga Metropolitana. Alberto Silves, do Villa Izabel, membro ativo da Comissão de Sindicância passa a investigar os dois uruguaios. Antonio Prado Aguiar, em carta a um dos principais jornais da cidade escreveu:

A Liga deve aproveitar o ensejo para estabelecer, uma vez por todas e de modo insophismavel, as diferenças entre o amador e o profissional, para que não reste a menor dúvida a respeito da situação social de uns tantos ‘capitalistas’ que annualmente apparecem vindos dos Estados ou do estrangeiro para defender o ‘querido’ pavilhão deste ou daquele club, levando vida folgada e milagrosa com os proventos do exercício de empregos vagos e problemáticos em cujas existências todos fingem acreditar, porque, com exceção dos clubs de honrados operários – Bangu, Andarahy e Carioca – todos tem maior ou menor pedaço do rabo na ratoeira.³¹⁹

Os jogadores uruguaios se tornaram o centro das atenções, mas quase todos os clubes tinham jogadores em situações mais ou menos dentro das regras da Liga. Como Paulo Várzea notou “a clássica tapeação do emprego fora relaxada e o az ou os astros exibiam-se assim acintosamente como profissionais, porque sabiam da proteção que disfrutavam dentro das entidades denominadas APEA, Metropolitana, etc.”.³²⁰ O caso desses dois estrangeiros é um exemplo típico daquilo que Paulo Varzea destacou. A Comissão de Sindicância, uma espécie de vigília da moralidade, entregou seus relatórios sobre os jogadores.

O *Correio da Manhã* publicou aquilo que era para ser uma espécie de reunião secreta para aprovar os dois jogadores uruguaios na LMDT:

O Conselho Superior da Liga tomou ontem, em sessão secreta, conhecimento da nota que lhe foi enviada pela directoria sobre os registros

³¹⁹ *Correio da Manhã*, 22 de abril de 1918.

³²⁰ VARZEA, P. In CORREA, F. P. op.cit., p. 25.

de Montti e Beheregaray, na qual a directoria disse que lhes concedeu o registro por não ter encontrado no parecer da Comissão de Syndicancia nenhuma prova que habilitasse a directoria a negar o referido registro.³²¹

A reunião em caráter secreto foi uma manobra para tentar evitar a presença dos membros da Comissão de Sindicância, principalmente Alberto Silveiras. A resposta do homem forte do Villa Izabel foi imediata. E, dois dias depois, o dirigente enviava carta ao mesmo jornal comunicando o seu desligamento da referida comissão. Não suportava mais aquela situação, pois estava ligado:

[...] aos princípios puros do amadorismo, e de outros são ideias da moralidade sportiva [...] O parecer da Comissão de Syndicancia foi um grito de nacionalismo sportivo [...] Não tem mais cabimento a minha ação na Comissão de Syndicancia quando meus ideias não encontraram apoio na directoria da Liga. É lastimável, não há duvida, que esses senhores, que tem responsabilidade no 'football', convencidos, como eu, da veracidade das minhas afirmações, como em particular muitos me confessaram, não tivessem coragem de aceitar as provas circumstanciaes do parecer da syndicancia, cumprindo a lei do amadorismo. Continuarei de fora, firme em meus ideias que não se vendem por preço algum, nem cederão jamais às injunções dos grandes clubs, porque tem grandes rendas e grande audácia para burlar as leis, quando os seus interesses estão em jogo [...] Renuncio, pois, o lugar de membro da Comissão de Syndicancia que poderá ser confiado a alguém que tenha o espírito flexivel e se curve com facilidade aos mandões, aos inimigos do Sport moderno.³²²

O caso acima retratado mostra em que pé estava a situação do amadorismo no futebol carioca.

A preparação para o Sul-Americano

Enquanto a competição internacional estava suspensa por conta da epidemia de gripe, o Fluminense continuou todo o ano trabalhando nas obras de ampliação de seu estádio e de melhoria nas instalações esportivas para as outras modalidades dos Jogos Sul-Americanos. Era a primeira vez que uma cidade brasileira sediaria uma competição esportiva internacional, evento que acabou por ser responsável por uma das transformações mais profundas da história do futebol como esporte de massas no Brasil. Os relatórios para o ano de 1918 do clube são extremamente resumidos. Despesas e receitas não foram especificadas, mas o clube arrecadou bem menos do que no ano anterior, conseguindo um total de 333:308\$100. As vitórias no campo não traziam apenas um número maior de torcedores, os que só compravam ingresso para os jogos. Quando o clube ganhava notoriedade, principalmente no futebol, o aumento do número

³²¹ *Correio da Manhã*, 13 de julho de 1918.

³²² *Correio da Manhã*, 16 de julho de 1918.

de sócios era fantástico. Os números do Fluminense ao se tornar campeão carioca três vezes seguidas são bastante elucidativos.

Em 1916, o Fluminense tinha 898 sócios efetivos, aqueles que pagavam a mensalidade do clube. O número de sócios efetivos do clube variava muito, devido à necessidade desses sócios de manterem em dia as mensalidades do clube. Após três meses de atraso, o sócio era expulso do clube. Além disso, havia um código moral que o associado deveria respeitar dentro das instalações do clube ou ao defender suas cores em competições esportivas ou qualquer outro tipo de encontro. Nesse ano, por exemplo, 100 sócios foram “demitidos” e mais 145 foram eliminados do clube.

Com a vitória no campeonato de 1917, entraram 557 novos sócios para o clube, que passou a contar com 1.224 sócios efetivos. O time do Fluminense foi campeão também no ano de 1918, e só isso já seria suficiente para um aumento do número de associados. As vitórias no futebol aliadas à euforia com a chegada do Campeonato Sul-Americano e às obras na sede atraíram 1.478 novas adesões e o clube atingiu a marca de 2.486 sócios efetivos.³²³ A agremiação quase triplicou o número de associados de 1916 para 1918, mas, infelizmente, não há no relatório deste último ano as especificações quanto ao total arrecadado com as mensalidades.

A compra de imóveis próximos ao seu estádio foi a principal despesa, tudo visando as reformas do clube e, principalmente, a ampliação daquele que seria o maior estádio do Brasil. O Fluminense deveria reestruturar toda a sua sede para poder sediar os Jogos e, para isso, praticamente construiu um novo clube. As obras se iniciaram em maio de 1918, quando o clube “contraiu no Banco do Brasil, sob forma de desconto, com o endosso particular do presidente Arnaldo Guinle, obrigações que ultrapassaram a soma de 2.000 contos de réis”.³²⁴ Os patronos do Fluminense se mexeram para ajudar o clube, capitaneados por Guinle, que, lembremos, era também presidente da CBD. Além dos sócios efetivos, os clubes contavam com as categorias de sócios honorários (título dado pelo clube para pessoas ilustres), beneméritos (título dado a alguma pessoa que prestasse um grande bem ao clube) e remidos (sócios que pagavam uma soma altíssima de uma só vez para ficarem isentos da jóia e da mensalidade). Nenhum desses três tipos

---

³²³ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1916.* Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1917.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1917. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1918.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1918. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1919.

³²⁴ COELHO NETTO, P. op.cit., p. 67.

de associados pagava mensalidades e os títulos só poderiam ser dados através da aprovação em assembléia geral. Os gastos com a compra de casas e terrenos adjacentes ao clube, propriedades de José C. de Oliveira à Rua Álvaro Chaves, dos números 19 a 31, somaram 141:714\$800. Para comprar as casas 33 e 35, de propriedade de José Vicentino Ribeiro, foram gastos mais 73:563\$990, além de outros 224:972\$000 para a aquisição de mais um terreno na mesma rua. A construção de um novo estádio capaz de comportar grandes públicos era o ponto principal das atividades do clube naquele ano. A visão empreendedora da diretoria, além de seu bom relacionamento com as camadas mais altas, facilitou a obtenção dos empréstimos e benefícios do Estado necessários para a grande obra.

Em 1916, o clube tinha 2 sócios honorários, 21 beneméritos e 11 remidos. No ano seguinte, com o título carioca e a indicação pela Confederação Sul-Americana para ser sede dos Jogos de 1918, o clube passou a ter 3 sócios honorários, 22 beneméritos e 25 remidos. No ano seguinte, o número de sócios honorários permaneceu o mesmo, mas o de beneméritos aumentou para 24 e o de sócios remidos para 52. Esses eram os sócios que colocavam seu nome e seu dinheiro no clube para o financiamento das obras. Em dois anos o clube contou com mais 41 sócios remidos, que colocaram altas somas de dinheiro em seus cofres. O Livro de Ouro, lançado em 1917 para angariar fundos para a compra dos terrenos, conseguiu donativos na ordem dos 90:195\$000. Uma fortuna, mas muito pouco frente aos gastos do clube.

O ano de 1918 terminava sob a calamidade e o luto da Gripe Espanhola e sob a esperança da entrada na era dos esportes modernos. Os Jogos Sul-Americanos colocariam o país definitivamente entre as grandes capitais esportivas do mundo. Mas o ano não começaria sem polêmicas. O governo daria incentivos fiscais aos clubes e às ligas esportivas, desde que as mesmas não realizassem seus eventos entre 1º de dezembro e 31 de março, durante o intenso verão carioca. O ano de 1919 trouxe uma das maiores transformações na história do futebol brasileiro, não só por ser o ano do Sul-Americano - e por todas as transformações adjacentes a essa competição - e aos legados deixados pelas obras para os jogos, mas principalmente porque o time da colônia portuguesa percebeu qual era a fórmula para o sucesso de uma equipe. E a partir desse ano, vai brincar de futebol mais a sério.

CAPÍTULO 3

SPORT OU NEGÓCIO?

3.1 Sul Americanos: ápice do esporte no país

SPORT OU NEGÓCIO?

- A Confederação aumentou o preço das entradas para os treinos dos combinados.
- A Federação do Remo cobrou entrada para um match do campeonato, não o realizou e deixou de restituir as importâncias das mesmas.
- Os clubs já começaram a elevar as jóias e mensalidades.
- Alguns jogadores (até jogadores!) já não querem continuar a jogar pelo mesmo preço e reclamam melhorias de vencimentos.

O sport assim, no fim desse negócio passa a ser negócio deixando de ser sport.

E a imprensa, fica muda, continuando a fazer tudo de graça por esse sport?

Vida Sportiva, 19 de abril de 1919

O Sul Americano de 1919 foi encarado como o maior evento internacional, não só esportivo, já realizado no país. Era chegado o momento de mostrar ao mundo que o país havia entrado definitivamente na nova era da modernidade, através da organização e, dentro do possível, do sucesso das delegações representantes do país. Com a organização desta competição, o Brasil poderia mostrar à América e ao mundo toda a sua caminhada *pari passu* com os principais centros desenvolvidos, através do aprimoramento de suas práticas esportivas, imprimindo definitivamente os desígnios do capitalismo no esporte. Por isso o Fluminense, através da figura de seu presidente, Arnaldo Guinle (não coincidentemente também presidente da Confederação Brasileira de Desportos), teve todas as benesses possíveis do governo para a ampliação das instalações de seu clube a fim de receber os jogos. As principais obras foram a ampliação do estádio de futebol e a construção de um novo parque aquático.

Começava, naquele momento, um estreitamento pernicioso entre Estado e agremiações esportivas, costurado por relações políticas e sociais dos membros da elite envolvidos na política do país e dos clubes grandes. O presidente do Fluminense, através de sua influência no meio político, conseguiu a presidência da CBD e com isso levou os jogos para dentro daquele clube. Como analisado no capítulo anterior, Guinle contraiu no Banco do Brasil mais de 2.000:000\$000 em empréstimos e transformou as instalações do “Tricolor” na mais moderna praça de esportes nacional.

A transformação de seu estádio foi notável. A descrição do antigo campo do Fluminense, o maior e melhor do Rio de Janeiro, feita por Paulo Coelho Netto, é muito

interessante para se ter uma idéia de como eram os campos antes de se transformarem em grandes estádios:

[...] acesso pelo portão da rua Guanabara, 94; arquibancada de madeira coberta com folhas de zinco, à direita de quem entrava; em frente à arquibancada, ao longo da rua do Roso, e atrás do gol à rua Guanabara, as gerais, também de madeira, com ingresso pelo portão fronteiro à rua do Roso. Pitorescas e aprazíveis, as gerais tinham abrigo da própria natureza nas lindas árvores que amenizavam o ardor dos torcedores. Na outra extremidade do campo, atrás do gol, erguia-se a sede social; [...] O local privativo dos sócios e suas famílias, primitivamente, fixado na arquibancada, na extremidade à esquerda da tribuna central, tomava toda a cabeceira entre o campo, de um lado, e, de outro, o rink, a sede e o bar.³²⁵

Tudo isso deixaria de existir. As arquibancadas de madeira foram mais tarde compradas e remontadas pelo Sport Club do Recife, da capital pernambucana, mostrando como outras praças esportivas buscavam o seu desenvolvimento, ainda que tardiamente, em relação às cidades com número maior de habitantes e de indústrias. O novo estádio do Fluminense era todo em concreto, com arquibancadas imponentes, que mudaram a paisagem da rua Guanabara e a vida dos moradores do bairro e da cidade. Um estádio em que não se sabe ao certo dizer quantas pessoas cabiam. Existem registros de públicos superiores a trinta mil pagantes. Segundo Paulo Coelho Netto, o estádio tinha capacidade para dezoito mil pessoas, muito mais do que cabia quando as primeiras arquibancadas foram levantadas nos primeiros anos do século XX (cerca de cinco mil espectadores) e teria custado 840:717\$701,³²⁶ quase metade de todo o empréstimo conseguido por Guinle para todas as obras. O clube passava agora a contar com um belo e amplo estádio de futebol, com capacidade para receber grandes públicos, que propiciariam arrecadações muito maiores.

Quem manda: Rio ou São Paulo?

“Somos, agora, antes de cariocas e paulistas, brasileiros, e, como brasileiros, vamos proceder.”³²⁷ Assim clamava o cronista do *Correio da Manhã* ao tratar da convocação da seleção brasileira para o Campeonato Sul Americano de 1919, quando ocorreram os primeiros impasses entre paulistas e cariocas sobre a formação do selecionado. Com a aproximação dos jogos, o interesse pelo futebol aumentava sobremaneira, e as primeiras discussões sobre a formação da seleção nacional foram tomando vulto. A primeira do ano, envolvendo novamente as duas principais

---

³²⁵ COELHO NETTO, P. op.cit., pp. 67 e 68.

³²⁶ Ibidem. p. 73.

³²⁷ *Correio da Manhã*, 1º de março de 1919.

associações do país, aconteceu logo no início de 1919, mas sua origem remonta ao ano anterior. Como se sabe, o Sul Americano deveria ter acontecido em 1918 e foi adiado por conta da tragédia ocasionada pela Gripe Espanhola. Antes do adiamento da competição, três jogadores paulistas, Friedenreich do Paulistano, e Amílcar Barbury e Manuel Nunes (o Neco) do Corinthians foram convocados para os primeiros treinamentos com a seleção. Como esses treinamentos ocorriam no Rio de Janeiro, os jogadores receberam da CBD 530\$000 cada um para ajuda de custo e deslocamento à Capital Federal. Com o campeonato e todas as competições esportivas e treinamentos cancelados, os jogadores paulistas não se deslocaram ao Rio de Janeiro, mas gastaram o dinheiro recebido. Vale lembrar que o valor recebido por cada um dos jogadores era extremamente alto, seis vezes maior que o salário de um operário do setor de fiação (85\$440) ou mais do que o dobro do maior salário de um operário do setor de acabamento da Fábrica Bangu, (225\$000 por mês), por exemplo.³²⁸ Os três jogadores receberam a quantia apenas para treinar no Rio de Janeiro, circunstância que mostra os valores praticados à época para o pagamento dos jogadores.

Passada a tormenta da epidemia, foi pedido que os jogadores restituíssem o dinheiro, uma vez que não haviam se deslocado ao Rio de Janeiro para treinar. Os *footballers* se recusaram a devolve-lo, e uma grande confusão se estabeleceu. O presidente Arnaldo Guinle havia pedido afastamento da presidência da CBD para dedicar-se exclusivamente a seu clube, para dar conta a tempo das obras para o campeonato. O presidente em exercício da Confederação, Ariovisto Almeida Rego, também presidente da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, convocou a assembléia das entidades filiadas para discutir a questão. Ariovisto acusou os três jogadores de profissionalismo e propôs a suspensão dos mesmos. Em reunião com as entidades filiadas, menos a de São Paulo, ficou decidida, por 13 votos a favor e uma abstenção (da LMDT), a suspensão dos atletas³²⁹. Os craques daquela cidade justificaram sua atitude perante a Associação Paulista de Sports Athleticos em cartas enviadas ao presidente e publicadas nos jornais do país. Na carta de Friedenreich pode-se ler

[...] como o campeonato não se realizou, mas recebi uma ordem para receber a quantia acima mencionada, não me sendo isso possível, porquanto

---

³²⁸ LAHMEYER, E. M. L. op. cit. (1978). p. 667.

³²⁹ *O Paiz*, 27 de janeiro de 1919.

empreguei o dinheiro no qual achei necessário. Esperando que tenha satisfeito o digno presidente, subscrevo-me [...] Arthur Friedenreich.³³⁰

A APSA ficou do lado dos jogadores, não os suspendeu e rompeu suas relações com a Confederação. A situação ficou mais complicada quando o *Correio da Manhã* divulgou que a CBD havia convocado seis jogadores da Liga Mineira para o lugar dos jogadores paulistas, sem, no entanto, fornecer os nomes dos mesmos.³³¹ A briga entre as entidades era o mote da crônica esportiva. Era uma questão nacional, pois o selecionado poderia ficar sem alguns dos seus principais elementos.

Longe de ser apenas uma confusão entre duas associações, a briga revelava uma disputa de poder travada nos bastidores do futebol entre a elite de São Paulo e a do Rio de Janeiro pelo controle do futebol nacional. As disputas para se saber qual das duas cidades teria a primazia da organização do futebol no Brasil existiu desde a chegada desse esporte no país. A rivalidade existente entre as duas cidades era absolutamente incendiada pelo crônica esportiva das duas cidades. Os jogos entre equipes paulistas e cariocas, bem como entre os selecionados das duas cidades, sendo a seleção de São Paulo completada vez por outra com atletas do Santos Football Club, o clube da cidade com o maior porto do Estado, serviam para comprovar superioridade em aspectos diversos como o esportivo, o social, o econômico e o moral. O Rio de Janeiro, a Capital Federal, assistia ao crescimento excepcional de São Paulo, e o futebol serviria como um dos muitos campos de embates para se provar qual das duas era a cidade mais importante do país. A imprensa de São Paulo se colocou ao lado da APSA e, acreditando no maior valor dos jogadores paulistas, afirmava que quem perdia com a saída dos mesmos era a CBD e a LMDT, pois teriam a seleção muito mais fraca. *O Estado de São Paulo* afirmava “[...] A Associação eliminada! Irra! Que energia![...]”,³³² mostrando a soberba dos paulistas.

Na virada do século XIX para o XX, São Paulo tornou-se a maior metrópole do Brasil. As estatísticas mostram que o crescimento populacional e industrial é mais acentuado em São Paulo, que vai lentamente ultrapassando o Rio de Janeiro. Os censos de 1907³³³ e 1920³³⁴ podem dar uma idéia desse processo, apenas uma idéia, pois o

---

³³⁰ *O Imparcial*, 7 de fevereiro de 1919.

³³¹ *Correio da Manhã*, 1 de março de 1919.

³³² *O Estado de São Paulo*, 25 de janeiro de 1919.

³³³ *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906*. Rio de Janeiro, Off. da Estatística, 1907-1908 e Quadros estatísticos. Rio de Janeiro: Directoria de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional, 1968.

censo compara a cidade do Rio de Janeiro com o estado de São Paulo. No entanto, é possível se chegar a algumas conclusões. Em 1907, a produção industrial do Rio de Janeiro representa 33,3% da produção brasileira, enquanto a de São Paulo ocupava o segundo lugar com 16,5%. Já em 1920, a produção paulista representa 31,5% do total nacional e o Rio cai para a segunda posição, com uma produção de 20,8%. Podemos notar, também, a diferença entre as duas cidades nesse momento, se analisarmos o quadro do número de estabelecimentos industriais e de operários em cada um desses censos. Em 1907, o Rio tinha 662 estabelecimentos e 34.850 operários, enquanto São Paulo tinha 326 estabelecimentos e 24.186 operários. Já em 1920, São Paulo supera e muito o Rio tanto em número de estabelecimentos, 4.145 contra 1.541, quanto em número de operários, 83.998 contra 56.229.³³⁵ Em 1920, a população do Rio era de 1.147.599 habitantes, enquanto a da cidade de São Paulo ainda era menor, com 579.033 habitantes.³³⁶ Porém, o crescimento de São Paulo se dava muito rapidamente. Os números apresentados por M. Inez Machado Borges Pinto são ainda mais esclarecedores para o período analisado. Em 1890, São Paulo tinha 64.934 habitantes. Dez anos depois, passou para 239.820 (um crescimento de 269%) e em 1920 atingiu 579.033 (um crescimento de 141%).³³⁷ Paul Singer afirma que, ainda que seja difícil estabelecer um marco cronológico sobre o momento em que a capital paulista passa a ser a principal metrópole do país, “uma conclusão se impõe: São Paulo superou o Rio como grande centro industrial, entre 1920 e 1938”.³³⁸ Fica evidente que as cidades disputavam durante esse período o papel de protagonista nacional.

Na Capital Federal, percebia-se que a liderança se transferia para São Paulo, onde era claro o inconformismo com a prepotência da Capital. Percebia-se, também, que esse era o momento certo para a metrópole paulistana se afirmar ainda mais e desqualificar seu maior concorrente ao posto de cidade número um do país. Nicolau Sevcenko mostra que

---

³³⁴ *Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

³³⁵ CARONE, Edgard. *A República Velha (instituições e classes sociais)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972-1974. p. 77.

³³⁶ MORTARA, Giorgio, Um Enigma Resolvido: A População do Brasil. *Estudos Brasileiros de Demografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1 (7):72-3, julho 1947 e Recenseamento do Brasil de 1920. p. 47.

³³⁷ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 35.

³³⁸ SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. p. 49.

[...] é em torno de 1919-20 que [...] a imprensa suscita e repercute, ao mesmo tempo, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura. O Rio de Janeiro e Buenos Aires podiam ser provisoriamente maiores, mas o compasso do crescimento e a magnitude dos recursos da capital paulista eram tais, que seu triunfo sobre as duas rivais mais próximas era inapelável e apontava para destinos ainda mais altos. Verifica-se, pois, uma tomada de consciência tanto de um sentido de identidade, quanto de uma manifestação de destino da cidade.³³⁹

Notam-se, através das crônicas da imprensa, tentativas da construção de uma rede de símbolos ligados aos atletas de uma e de outra cidade, para a constituição da imagem de cada uma delas. Principalmente no caso de São Paulo que buscava reforçar a imagem de cidade poderosa, competidora e vencedora, capaz de carregar nos ombros a nação. O estudo das construções ideológicas a respeito da cidade de São Paulo e do paulista se faz importante, uma vez que a própria cidade apresenta falta de referências materiais, sendo necessário recorrer às “emoções, percepções, sentidos e visualizações”,³⁴⁰ campo muito fértil quando se analisa o futebol e os seus registros nas crônicas esportivas. Maria Stella Bresciani repara que, para a São Paulo do período estudado, há uma espécie de fórmula para se falar da cidade.³⁴¹ Números, dados e dimensões ajudam na construção da imagem de potência dos homens paulistas. Nota-se que os símbolos de “potência da riqueza” e do “pioneirismo desbravador bandeirante” foram determinantes na constituição de uma imagem do paulista. Esmeralda Moura destaca, também, a imagem da valorização do trabalho e do progresso, esclarecendo uma das funções desse imaginário social criado em torno dos paulistas: o de permitir organizar, no plano simbólico, as ações coletivas e individuais de seus cidadãos.³⁴² Esses símbolos exaltados não só nas crônicas e memórias, nem apenas nos jornais e publicidade da época, estão presentes, ainda, em trabalhos acadêmicos da época, como no trabalho analisado pela mesma Stella Bresciani do sociólogo Antoine Renard. Com fundamento na eugenia, o prefácio da obra *S. Paulo É Isto!*, de 1933, escrito por Oliveira Martins, é categórico: “De S. Paulo pode sair a raça que fez o Brasil”.³⁴³

---

³³⁹ SEVCENKO op.cit. (2003). p. 37.

³⁴⁰ GLAZER, Raquel. Visões de São Paulo. In: *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1994. p. 165.

³⁴¹ BRESCIANI, Maria Stella. Imagens de São Paulo: Estética e Cidadania. In: *Encontros com a História: Percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 20.

³⁴² MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Bandeirantes do progresso: imagens do trabalho e do trabalhador na cidade em festa. São Paulo, 25 de janeiro de 1954. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 231-246, 1994.

³⁴³ MARTINS, Oliveira. Prefácio In RENARD, Antoine. *São Paulo É Isto!*. São Paulo: S.N., 1933. p 14.

Durante os últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a imprensa foi se tornando um importante fator na vida das metrópoles urbanas. Uma linguagem mais simplificada, voltada para um grande público consumidor, foi sendo incorporada aos jornais. O número de publicações aumentou muito no final do XIX e início do XX. Jornais diários passaram a circular cada vez mais à medida que a cidade crescia e se urbanizava, como o *Correio Paulistano* (1854), *A Província de São Paulo* (1875), *O Diário Popular* (1884), *O Estado de São Paulo* (1888), *A Gazeta* (1906), *Folha da Manhã* (1925). Nelson Werneck Sodré frisou ainda a importância que ganhava o futebol na sociedade paulista ocupando “largos espaços nos jornais [o que permitiu] à *Gazeta* lançar, em dezembro de 1928, a *Gazeta Esportiva*”.³⁴⁴ A escritora Heloisa de Faria Cruz analisa essa fase da imprensa paulista e nota que a

[...] imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura impressa [...]. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos.³⁴⁵

O futebol era amplamente difundido por esses jornais. É notório o crescimento dos espaços reservados ao futebol na imprensa. No início das primeiras jornadas futebolísticas, havia apenas uma coluna pequena, no interior do jornal, ainda sem uma seção de esportes propriamente dita. Logo foi criada esta seção independente ocupando meia página, depois uma página inteira e, na década de 1920, já se pode notar na primeira página as notícias dos jogos mais importantes.

Os embates dentro de campo seriam ótimas oportunidades para as duas cidades medirem força e para que os cronistas esportivos da época pudessem desfilarem sua montanha de símbolos reforçando a imagem de paulistas e cariocas.

Ora, a vitória veio, pois encher-nos de imenso regosijo. Nós todos, que a não esperávamos, nós todos nunca mais devemos agora duvidar da pujança dos nossos. Mais uma vez o Rio é estrondosamente batido; mais uma vez sentem a fortaleza de seus adversários; mais uma vez se lhe escapa das mãos, como enguia dos dedos do pescador inexperto, a vaidade da sua hipotética supremacia.³⁴⁶

Assim o jornal paulista *A Gazeta* anunciava a vitória da seleção paulista sobre a carioca pela Taça Rodrigues Alves daquele ano. Foram duas vitórias incontestáveis. Em

---

³⁴⁴ SODRÉ, N. W. op.cit., p. 420.

³⁴⁵ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo: Educ: FAPESP, 2000. p. 71.

³⁴⁶ *A Gazeta*, 6 de julho de 1919.

São Paulo, o primeiro jogo foi 3 a 1 para os paulistas e no Rio de Janeiro, mais uma vitória paulista por 4 a 2. Podemos perceber que a vitória foi uma surpresa para o cronista, e este deixa claro a “pujança” e a “fortaleza” dos paulistas, de quem nunca mais ousem duvidar. Na cobertura do evento pelo jornal é possível perceber a vontade de fazer transparecer os símbolos que remetem à imagem do paulista: força e pujança. E não é apenas na afirmação desses símbolos que se constitui o imaginário, mas também na negação do adversário, na sua desqualificação. A falta de esperteza e a vaidade de uma hipotética supremacia dos cariocas são registradas também na crônica, sinalizando os defeitos destes em oposição às qualidades dos paulistas.

Referindo-se a outro jogo, do ano de 1923, em que os paulistas mais uma vez saíram vencedores, o jornal carioca *O Imparcial* não se resignava a essa suposta superioridade paulista. O cronista Raul Loureiro, que assinava como *Perigoso*, escreveu em sua coluna *Dribblando*:

Vae haver em São Paulo, no mínimo, uma semana de festas, foguetes, discursos ao ar livre, passeatas, reco-reco, missa campal, ladainhas, o diabo, enfim. Não ha duvida de que, as vezes, para as grandes maguas, apparece, inesperadamente, um allivio. Foi, pois, justamente o que acaba de acontecer ao povo da terra dos Bandeirantes. É que, desde o começo deste anno, todos ali passam pelos mais commoventes dissabores, em consequencia das successivas e estrondosas victorias dos gremios cariocas sobre os paulistas, por elevados scores. (...) Exclamavam, então, elles, para toda a parte: - Malditos cariocas. Antes elles não existissem! (...) O nosso consolo é que os proprios paulistas sairam daqui convictos de que os cariocas são os unicos footballers do Brasil e que o nosso poderio no ‘association’ é um facto. Ainda bem.³⁴⁷

Perigoso não hesita em recorrer à analogia que se faz entre os paulistas e os Bandeirantes. Usando de uma leve ironia, o autor nada mais faz a não ser reforçar essa imagem de um povo que descendeu dessa “raça de gigantes”. Outro dado de interesse é analisar que, por mais que a vitória dos paulistas tenha sido inconteste, 4 a 0, o cronista se recusa a aceitar a superioridade de seu futebol. Como se aceitá-la fosse aceitar a superioridade do paulista de uma maneira geral. Mesmo após o resultado, afirmou que os paulistas ainda sabiam que os cariocas eram “os unicos *footballers* do Brasil”. Ainda no mesmo jornal, uma notícia dava conta que José de Carvalho, cronista de São Paulo, havia estado no Rio para acompanhar a final e que “jamais julgava que os cariocas [...] fossem abatidos pelos seus discípulos provincianos, lá da Paulicéia”.

Aqui os paulistas foram rebaixados a “discípulos provincianos”. Era o contra-ataque das derrotas no futebol e, de uma maneira geral, na corrida para ser a primeira

---

³⁴⁷ *O Imparcial*, 23 de outubro de 1923.

cidade do país. Nesses dois trechos, percebemos como as derrotas e vitórias poderiam elevar as tensões entre as duas cidades. As disputas no campo da política e da economia passavam também para o terreno de jogo. Naquele mesmo ano, um jogador paulista exigiu 5:000\$000 da CBD, mais custos de viagens da noiva e da sogra, para defender o Brasil no Campeonato Sul Americano de 1923, em Montevideu.³⁴⁸ Os jogadores paulistas foram cortados e a seleção brasileira foi representada por jogadores dos times do Rio. O Brasil perdeu os três jogos, para Paraguai (1 a 0), Argentina (2 a 1) e Uruguai (2 a 1). Antes da estréia do Brasil, o *Jornal do Commercio*, de São Paulo, mostrava sua indignação com o corte dos jogadores paulistas. A nação não poderia prescindir daqueles valores que haviam acabado de bater acintosamente os cariocas, e por isso

São Paulo [...] com a responsabilidade que lhe cabe e com o direito que lhe assiste, deve ter a primazia de um movimento com [o objetivo de formar uma nova entidade nacional]. E estamos certos de que uma outra entidade nacional, fundada de acordo com os princípios sãos e realmente moralizadores do nosso sport, há de vencer a toda linha.³⁴⁹

A responsabilidade que cabe e o direito que assiste a São Paulo é o de fundar uma entidade de princípios sãos e moralizadores. Esses atributos do povo paulista lhe dariam não só a capacidade, mas também a responsabilidade – pensemos no peso da palavra “responsabilidade” – da criação e administração de uma entidade que cuidasse dos interesses do futebol nacional. A preponderância na política e na economia nacional deveria ter seu paralelo, também, na administração do futebol brasileiro.

Mas o caso dos três jogadores paulistas citados anteriormente – Friedenreich, Amílcar e Neco – às vésperas do 3º Campeonato Sul Americano, a ser sediado no Brasil, tinha que extrapolar as questões regionais das duas capitais. O que estava em jogo era o orgulho nacional e uma oportunidade que não se podia desperdiçar, a de colocar o Brasil, definitivamente, como um dos países respeitados no mundo dos esportes e, particularmente do futebol. O retrospecto de jogos entre equipes brasileiras contra equipes estrangeiras era muito fraco. Numa lista de jogos publicados por *O Imparcial* entre equipes cariocas, paulistas e combinados de cariocas e paulistas contra equipes estrangeiras, o resultado era desastroso. De 1906 a 1918, foram 103 jogos, sendo apenas 24 vitórias e 58 derrotas, além de 19 empates. As equipes brasileiras fizeram 147 gols e sofreram 276. Cariocas e paulistas separados tiveram resultados

---

³⁴⁸ *O Imparcial*, 30 de outubro de 1923. O jornalista não cita o nome do jogador.

³⁴⁹ Reprodução da notícia do *Jornal do Commercio* de São Paulo, publicada pelo jornal carioca *O Paiz*, em 1 de novembro de 1923.

parecidos. Os cariocas disputaram 36 partidas, perderam 24, ganharam 7 (19,4%), marcaram 48 gols (média de 1,3 por partida) e sofreram 110 (média de 3 por partida). Já os paulistas jogaram 46 partidas contra equipes estrangeiras, perdendo 28 vezes e vencendo apenas 9 jogos (19,5%). Os representantes de São Paulo marcaram 67 vezes (média de 1,4 gols por jogo) e sofreram 142 gols (média de 3 por jogo). Quando juntos, paulistas e cariocas tinham muito mais chances contra as equipes estrangeiras. Dos 21 jogos disputados, o combinado só perdeu 4 vezes e ganhou 9 partidas (43%), fez 32 gols (1,5 por partida) e sofreu outros 24 (1,1 por partida), mostrando o quão poderoso poderia ser um combinado de jogadores entre as duas cidades e como diminuiriam as chances da seleção sem o concurso dos jogadores paulistas.³⁵⁰

O problema foi solucionado com a intervenção da LMDT, após acaloradas discussões via imprensa. As acusações de profissionalismo praticado em São Paulo por parte dos cronistas cariocas era um dos pontos mais comuns, quando o assunto envolvia os três jogadores paulistas que se recusaram a devolver o dinheiro adiantado pela CBD.

[...] O amadorismo, em alguns estados do torrão brasileiro, é simplesmente uma ficção, uma utopia!...

O profissionalismo estendendo as suas malditas e endemoninhadas garras, ávidas e sedentas do execrável airo, impera livremente, sem encontrar um Hércules que com sua força de caráter e moral, dominasse este cruento horrífico dragão.³⁵¹

Esse era o tom da retórica contra a profissionalização dos jogadores de futebol. A defesa inequívoca do amadorismo tentava travar o processo de proletarização pelo qual passava o jogo e os jogadores, principalmente estes últimos, transformados em trabalhadores como quaisquer outros. A APSA ainda tentou a não realização dos jogos entre as equipes sul-americanas, mas sem sucesso.³⁵² A própria Liga Metropolitana apresentou proposta para que os jogadores ou a APSA devolvessem o dinheiro que haviam recebido. Tudo em nome do selecionado nacional.³⁵³ A organização de um selecionado que efetivamente contasse com o que havia de melhor, ou o que a grande imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro julgava ser o que havia de melhor, no futebol brasileiro, era de suma importância. O processo ajudaria na tentativa de se buscar uma maior identificação dos brasileiros com a seleção nacional e poder ajudar a construir uma idéia do Brasil como uma verdadeira nação. As cicatrizes de longas

---

³⁵⁰ *O Imparcial*, 11 de maio de 1919.

³⁵¹ *Vida Sportiva*, 18 de janeiro de 1919.

³⁵² MAZZONI, T. op. cit., p. 135.

³⁵³ *Vida Sportiva*, 11 de janeiro de 1919.

disputas regionais do século XIX não haviam se fechado com a consolidação territorial do país. Os regionalismos se sentiam muito fortes e a organização de um selecionado brasileiro, com possibilidades de vitória, seria importante no processo de consolidação da nação.

O processo se tornava típico na Europa, durante a Primeira Guerra e nos anos imediatamente posteriores. As novas nações européias alinhavadas com o Tratado de Versalhes precisavam, de alguma maneira, se sentir vivas e unificar povos diferentes.

As partidas internacionais [de futebol] foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam as unidades desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçavam o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudo lutas.³⁵⁴

A leitura de Hobsbawn, abordando o contexto europeu da Primeira Guerra e dos anos posteriores, pode ser transportada para os embates ocorridos entre as seleções sul-americanas, institucionalizadas (ou seja, com campeonatos, datas regulares e chancelados pelos governos de seus países) justamente durante o grande conflito europeu, no ano de 1916. Dentro do contexto das tensões na região do Prata no final do século XIX, o campeonato poderia servir para aproximar e ao mesmo tempo criar rivalidades e disputas saudáveis entre os países envolvidos na disputa. O Paraguai, praticamente eliminado na guerra, também foi à competição, e sua primeira participação foi na quinta edição do torneio, em 1921. Por outro lado, o campeonato pode ser visto também como a oportunidade para a criação de um espírito nacional no país.

Portanto, a paz interna do futebol brasileiro precisava ser alcançada, em nome do esporte nacional e de um aumento claro nas chances da equipe de onze jogadores que carregariam a bandeira e o nome do país. Coelho Netto, sócio do Fluminense e fervoroso defensor do futebol, se incumbiu da “patriótica missão”³⁵⁵ de pacificador do “*sport patrio*”.³⁵⁶ Arnaldo Guinle foi pressionado por Coelho Netto, seu amigo pessoal e como ele sócio do Fluminense, e voltou a exercer o cargo de presidente da CBD, que havia sido ocupado por Ariovisto Rêgo durante sua ausência. O escritor tinha em mãos

---

³⁵⁴ HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. pp 170 e 171. Na Iconografia: Imagem XVII, a revista *Careta* trouxe uma caricatura sobre os Jogos Sul Americanos de 1919 que retrata muito bem essa situação, comparando a conferência de paz entre estados beligerantes, no pós I Guerra Mundial, e o futebol: a proposta de confraternização entre Argentina, Brasil, Chile e Uruguai transformada um embate físico pela vitória.

³⁵⁵ *Correio da Manhã*, 12 de março de 1919.

³⁵⁶ *O Paiz*, 16 de março de 1919.

uma moção com a assinatura dos 23 integrantes da LMDT e foi designado como representante dos paulistas em uma reunião especialmente convocada pelo presidente Guinle para a discussão do problema. A volta de Guinle foi comemorada pela imprensa paulista, principalmente por Mario Cardim, do jornal *O Estado de São Paulo*, que já havia tentado em ocasiões anteriores criar uma liga nacional de futebol sob o comando dos paulistas, a Federação Brasileira de Football. Para o cronista de São Paulo,

[...] parece que os horizontes sportivos estão agora desanuviados; o Dr. Arnaldo Guinle, presidente da Confederação voltou ao seu lugar e vae exercel-o [...] com patriotismo e isenção de ânimo. [...] Vemos não estar longe o dia em que, com o valiosíssimo auxílio de Coelho Netto, consiga ele o congraçamento.³⁵⁷

A carta de Coelho Netto aos membros da CBD é cheia de elementos do discurso nacionalista. Com o prestígio de seu nome e de ser um dos maiores “intelectuais” a defender o futebol, o escritor tentava aparar as arestas entre os paulistas e a CBD. A carta não cita o dinheiro recebido pelos jogadores, nem propõe uma solução para o que se fazer com o dinheiro, mas foi vista como a “fórmula pacificadora nacional”.³⁵⁸ Dirigida ao presidente da CBD e do Fluminense, Arnaldo Guinle, a carta foi lida durante a reunião em voz alta, e afirmava para todos os presentes que “uma diligência, facilmente sanavel, não deve prevalecer contra a causa que não é deste nem daquele grupo, senão da Pátria, qual é a da representação entre as Repúblicas Sul-americanas que concorrem ao campeonato internacional”.³⁵⁹ A carta comoveu os membros da CBD e foi decretada a reintegração da APSA à CBD. Mas os conflitos estavam longe de acabar. Em dezembro de 1919, os três jogadores afirmaram ter passado recibos à APSA, para justificarem a não devolução do dinheiro, nos seguintes valores:

Arthur Fridenreich	1 mês de ordenado- 450\$000 passagens: 80\$000
Amilcar	1 mês de ordenado- 400\$000 passagens: 80\$000
Neco	1 mês de ordenado- 200\$000 passagens: 80\$000. ³⁶⁰

Por esse verdadeiro atestado de que recebiam um ordenado, salário muito acima da média de um trabalhador urbano, a notícia dava conta de que os três paulistas seriam

³⁵⁷ *O Estado de São Paulo*, 11 de março de 1919.

³⁵⁸ *Correio da Manhã*, 11 de março de 1919.

³⁵⁹ *O Paiz*, 16 de março de 1919.

³⁶⁰ *O Imparcial*, 31 de dezembro de 1919.

considerados não amadores pela CBD, além de poderem incorrer no Art. 331, § 2º do Código Penal Brasileiro, que consignava como crime de furto “apropriar-se de coisa alheia que lhe houver sido confiada ou consignada por qualquer título, com obrigação de a restituir, ou dela fazer uso determinado”.³⁶¹ Apesar da união momentânea para o campeonato, as entidades paulista e carioca novamente se desentenderam. O motivo: mais uma vez a questão do profissionalismo.

Um campeonato de seleções no Brasil

Nessas grandes horas em que as maduras nações européias fazem, alternando-as, a diplomacia do espírito e a diplomacia das armas, ninguém no Rio de Janeiro, escuta o sussurrar desse longínquo espírito [...] e ninguém ouve esse rumor de armas [...] porque no Rio de Janeiro [...] a América do Sul, a correr atrás de uma bola, faz a diplomacia do pé.

Careta, 17 de maio de 1919

Selada a paz, ainda que extremamente provisória, entre as entidades que controlavam o futebol brasileiro (LMDT-RJ, APSA-SP e CBD), era dado o início da preparação do selecionado nacional, ou do combinado Rio-São Paulo. Os treinos aconteceram no Rio de Janeiro, no novíssimo *stadium* do Fluminense. Era urgente que o clube e a CBD começassem a faturar com os jogos. O Fluminense necessitava pagar os vultosos empréstimos que havia adquirido e a Confederação precisava levantar verba para pagar aos jogadores as suas elevadíssimas “ajudas de custo”. Por isso, os treinos para se assistir aos jogos entre os jogadores selecionados do Rio e de São Paulo passaram a ser cobrados. Com o sucesso de público no primeiro treino, os ingressos foram aumentados em 100%: as gerais aumentaram de \$500 para 1\$000 e as arquibancadas de 1\$000 para 2\$000, gerando uma renda de 3:600\$000 para a CBD.³⁶² Depois de muitas reclamações quanto ao valor do preço dos ingressos, a CBD resolveu diminuir em 50% as entradas de gerais e arquibancadas. O estádio recebeu sete mil pagantes, que geraram uma renda superior a “3 contos de réis”,³⁶³ ou seja, praticamente a mesma arrecadação. Com ingressos à metade do preço, o público pagante praticamente dobrou.³⁶⁴

Para mostrar que a paz estava selada entre as entidades CBD e APSA-SP, os jogadores selecionados se distribuíram entre paulistas e cariocas, numa proporção

³⁶¹ [SOARES, Oscar de Macedo](#). *Código penal da República dos Estados Unidos do Brasil: commentado e anotado segundo a legislação vigente até 1901*. Rio de Janeiro : Typ. da Empresa Democrática, 1902.

³⁶² *O Imparcial* 14 e 15 de abril de 1919.

³⁶³ *O Imparcial*, 30 de abril de 1919.

³⁶⁴ Na Iconografia: Imagens XVIII, XIX e XX os resultados da medida parecem evidentes.

semelhante. Foram escolhidos 9 jogadores do Rio de Janeiro e 12 de São Paulo. Os clubes que mais cederam atletas foram o Palestra Itália e o Santos, os dois do Estado de São Paulo, juntamente com os clubes cariocas Flamengo e Fluminense. Cada agremiação cedeu 3 atletas de seu clube para a conquista do primeiro campeonato Sul Americano da história do futebol brasileiro. Além desses clubes, outras agremiações poderosas tiveram atletas convocados, como o Paulistano, o Corinthians, o Ypiranga e o Mackenzie College de São Paulo, além dos clubes cariocas Botafogo, America e a surpreendente convocação de Martins do São Christóvão.³⁶⁵

O campeonato foi uma verdadeira festa, e a competição de futebol superou todas as expectativas. Os registros de público do Campeonato Sul Americano são muito superiores aos dezoito mil da capacidade do estádio. No próprio livro oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF, órgão que sucedeu a CBD) constam públicos superiores a vinte mil espectadores em todos os jogos. Teriam sido 20 mil pagantes, na estréia vitoriosa por 6 a 0 contra o Chile, 21 mil na vitória por 3 a 1 contra a Argentina, 23 mil na primeira final contra os uruguaios e 28 mil no segundo jogo contra os mesmos uruguaios.³⁶⁶ Segundo os periódicos da época, os jogos tinham mais de 30 mil pagantes.³⁶⁷ Os preços dos ingressos eram bem mais altos que os preços do campeonato carioca ou dos jogos interestaduais. As cadeiras numeradas passaram para 10\$000, sendo 5\$000 a arquibancada e 3\$000 as gerais. Dentro do estádio, as bebidas eram caríssimas. A cerveja custava 1\$300, o copo d'água 1\$000 e a bebida mais barata, a soda, custava \$600. Os ingressos foram vendidos nas maiores casas de artigos esportivos da cidade, a Casa Stamp,³⁶⁸ Viuva Henry, Casa Braga da Costa, Casa Oscar Machado, Casa Vieiras e Padaria Franceza.³⁶⁹ Pessoas pediam 50\$000 a 60\$000 por uma cadeira para a estréia do Brasil contra o Chile, fazendo o cronista de *O Imparcial* afirmar: “É uma seccura”.³⁷⁰ Dois dias antes da final entre Brasil e Uruguai, todos os ingressos de arquibancadas haviam sido comprados e estavam sendo vendidos ao dobro do preço, 10\$000.³⁷¹ Um dos costumes mais habituais nos estádios do início do século

---

³⁶⁵ ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Antonio C. *Seleção Brasileira 90 anos (1914- 2004)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2204, p. 117.

³⁶⁶ Ibidem. p. 117.

³⁶⁷ Todos os periódicos consultados, *O Imparcial*, *O Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*, afirmam que se calculava a assistência em mais de 30 mil pessoas.

³⁶⁸ A “Casa Stamp”, assim como outras casas de artigos esportivos, passaram a fazer cada vez mais parte do cotidiano carioca. Veja-se na Iconografia: Imagem XXI, propaganda da “Casa Stamp” em *O Imparcial*.

³⁶⁹ *Gazeta de Notícias*, 13 de maio de 1919.

³⁷⁰ *O Imparcial*, 11 de maio de 1919.

³⁷¹ *O Imparcial*, 23 de maio de 1919.

XX foi abolido para o Sul Americano. Os sócios efetivos que comprassem os seus ingressos não poderiam levar mais as filhas e a esposa ao jogo sem que as mesmas pagassem ingresso. A tesouraria do clube, prevendo o enorme movimento em suas bilheterias nos dias dos jogos, pedia para que os sócios acertassem logo os meses de abril e maio, e pudessem ter acesso às disputas do Sul Americano a serem iniciados no dia 3 de maio de 1919.³⁷²

As *shooteiras* “Marcos”, alusivas ao goleiro brasileiro Marcos Carneiro de Mendonça, provavelmente o primeiro uso de imagem de jogador para se vender um produto no país,³⁷³ voltaram a ser anunciadas às vésperas da estréia do Brasil no campeonato.³⁷⁴ O proprietário do morro ao redor do campo do Fluminense, posicionado atrás das cadeiras numeradas, cobrou \$500 de cada torcedor que ali se colocou para assistir ao jogo, conseguindo uma boa renda com essa iniciativa.³⁷⁵ O evento foi largamente documentado pelos fotógrafos das mais variados periódicos que registraram verdadeiras “enchentes” de público ao estádio do Fluminense. Algumas delas encontram-se ao final deste trabalho na seção “Iconografia”.³⁷⁶

O novíssimo estádio do Fluminense fazia parte de mais um conjunto de obras levadas a efeito na cidade do Rio de Janeiro, na administração do prefeito Paulo de Frontin. Avenidas famosas, como a Avenida Atlântica em Copacabana e a Vieira Souto em Ipanema, eram algumas das obras que o carioca acompanhava em meados daquele ano. Se a cidade passava por nova reformulação, o *stadium* era um dos seus maiores símbolos. Cada vez era maior a presença da “torcida”, muito ligada ao elemento feminino, na maioria das vezes jovens, filhas de sócios dos grandes clubes. A “torcedora” era uma figura constante nos estádios de futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro. A palavra “torcida” estava disseminada nos estádios brasileiros e não eram só mais as fitas amarradas na roupa a imitar Marcos de Mendonça as únicas peças a serem retorcidas pelo público feminino. Seus vestidos, blusas e outras peças do vestuário eram torcidas durante os jogos:

[...] pharmaceuticos ganharam fortunas vendendo calmantes á antecipada excitação das torcedoras. Essas distintas senhoras e senhoritas que acompanham com febre a evolução dos jogadores, os movimentos dos pés, os saltos da bola – passaram delirantes horas de felicidade anciosa e cruel. Houve damas que na furia e na angustia da torcida, quebraram as unhas que levaram meses a crescer, para poderem ser cortadas em ameaçadoras pontas

³⁷² *O Imparcial*, 1 de abril de 1919.

³⁷³ Este anúncio já havia aparecido no mesmo jornal, *Gazeta de Notícias*, em 17 de junho de 1917.

³⁷⁴ *Gazeta de Notícias*, 7 de maio de 1919.

³⁷⁵ MAZZONI, T. op. cit., p.143.

³⁷⁶ Iconografia: Imagens XXII, XXIII e XXIV.

triangulares, esfiaparam lenços e faixas que não custaram barato, dilaceraram vestidos que lhes ficavam muito bem, arrancaram tacões batendo com os pés no chão, perderam luvas, extraviaram leques, retorceram músculos, desequilibraram os nervos para muito tempo e voltaram á casa levando olheiras de verdade por baixo das olheiras pintadas. [...]³⁷⁷

A longa crônica da edição de número 569 da revista *Careta* descrevia, de forma caricata, as torcedoras, após a estréia do Brasil no campeonato contra o Chile. Descrevendo brevemente as torcedores como “ardentes”, pedia glórias ao *football* e honras aos *footballers*. Completava o artigo fazendo uma exaltação do povo brasileiro e do desenvolvimento dos esportes: “somos um povo jovem, e o prazer querido dos jovens é o sadio prazer que a natureza lhes inspira para facilitar o surto e o desenvolvimento da energia *physica*, base da saúde e escudo da energia *moral*”.³⁷⁸

Aquele número da revista mais característica e popular daquele período³⁷⁹ estampava na capa uma caricatura parodiando o clima de apurações finais para as eleições daquele ano³⁸⁰ entre o paraibano Epitácio Pessoa, o candidato das oligarquias, e o paulista Rui Barbosa, uma das mais agitadas da Primeira República. Na caricatura, o candidato Rui Barbosa torce o fraque de Epitácio Pessoa, que levava vantagem na apuração, nas dependências do novo estádio durante uma partida do Campeonato Sul Americano com os dizeres abaixo: “A torcida oficial”.³⁸¹ A edição da revista contou com um artigo sobre o futebol de uma página e meia, 13 caricaturas relacionadas a esse esporte, muitas delas das “torcedoras”, 26 fotografias sobre a competição, sendo 22 dos primeiros jogos do campeonato, Brasil x Chile e Argentina x Uruguai. As fotos do jogo de estréia do Brasil contra o Chile ocupam as duas páginas centrais da revista.

O sucesso do campeonato foi enorme. A exaltação na cidade e no país foi maior ainda. A conquista encheu de orgulho os brasileiros, que por um instante esqueceram suas diferenças e foram ao delírio com o futebol. A conquista e o envolvimento do país com a seleção brasileira, ou melhor, com o combinado Rio-São Paulo, chamou a atenção de cronistas da época e despertou interesse para pesquisas acadêmicas relativamente recentes.³⁸² O estádio do Fluminense, lotado em quase todos os jogos de futebol do Campeonato Sul Americano, com ingressos caros, variando de 3\$000 a

---

³⁷⁷ *Careta*, 17 de maio de 1919.

³⁷⁸ *Careta*, 17 de maio de 1919.

³⁷⁹ SODRÉ, N.W. op.cit., pp. 345 e 346. O autor afirma ainda que a revista podia ser encontrada em “engraxates, barbeiros, consultórios, etc.”.

³⁸⁰ As eleições ocorreram a 12 de abril de 1919.

³⁸¹ Iconografia: Imagem XXV.

³⁸² Sobre o assunto ver FRANZINI, Fabio. *Corações na Ponta da Chuteira- capítulos iniciais da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. e PEREIRA, L. A. de M. op.cit.

10\$000, era a prova de que havia mercado suficiente para dar sustentação aos negócios que derivavam do futebol. A receita total do campeonato, que teve um total de oito jogos, foi de 316:030\$500, uma arrecadação média de 39:503\$812 por partida. O campeonato teve uma despesa total de 275:715\$350 e um lucro final de 40:315\$150, cerca de 25% a mais do que o Tesouro do Estado afirmava ter arrecadado durante todo o ano de 1919 “em virtude do imposto sobre ingressos: 32:743\$170”.³⁸³ O futebol era negócio. E com um estádio de grandes proporções na cidade passava a ser um grande negócio. A afirmação do cronista de *A Gazeta de Notícias* nos mostra um pouco da sensação no país após a vitória do selecionado brasileiro:

“O football está geralmente para o brasileiro como o pão de cada dia.”³⁸⁴ Para algumas pessoas significava efetivamente a possibilidade de obter o “pão de cada dia”.

1922, o ano em que o Rio voltou a ser a capital sul americana dos sports

Muitas coisas se passaram entre os três anos que separam os dois campeonatos sul americanos sediados no Rio de Janeiro, e essa grande transformação será analisada no decorrer deste capítulo. Cabe agora uma pequena análise do segundo campeonato sul americano sediado no Brasil, por conta das comemorações do centenário da independência, que aconteceriam em 1922.

O envolvimento do governo com o projeto foi muito maior do que quando o Brasil sediou pela primeira vez os jogos. O sucesso da seleção de 1919 e a grande identificação entre o povo e o time de futebol que representava o país foi enorme, e o governo de Epitácio Pessoa, que terminaria naquele ano, se envolveu ativamente no processo. A participação das autoridades no futebol tinha tomado maiores proporções depois de 1919. Em 1920, já eleito governador de São Paulo, Washington Luis afirmou estar disposto a construir um grande *stadium* em São Paulo e criticava o projeto feito às pressas para a ampliação do estádio do Fluminense.³⁸⁵ A própria CBD enviou carta ao futuro governador elogiando o seu programa de desenvolvimento lançado em sua plataforma de governo a 25 de janeiro de 1920, que reconhecia ser necessário promover a “educação physica a par da intelectual [...] para a realização do fim que temos em vista que é fortificar o brasileiro”.³⁸⁶ O projeto do estádio não saiu, mas durante o seu

---

³⁸³ *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920.

³⁸⁴ *Gazeta de Notícias*, 4 de junho de 1919.

³⁸⁵ *O Estado de São Paulo*, 8 de fevereiro de 1920.

³⁸⁶ Trecho da resposta de Washington Luis à CBD, reproduzida em *O Imparcial*, 13 de fevereiro de 1920.

governo foi criada a Inspectoria Estadual de Educação Physica, subordinada à Secretaria do Interior. A imprensa paulista aclamou o fato afirmando:

Onde está o remédio senão na verdadeira educação physica nacional? [...] A vontade torna-se mais firme, obrigando a obedecer a um methodo preestabelecido; bons hábitos de trabalho ou melhor á religião do trabalho, ultimamente pregada com tanto fervor.

Para nós, ahi, um dos grandes segredos do sucesso dos Estados Unidos – a divisão do trabalho, tornando-o mais proveitoso. Todos reconhecem a utilidade do exercício do corpo.³⁸⁷

Eram constantes as invasões da esfera política na esportiva e vice-versa. Em 1921, o presidente da CBD era, também, o deputado federal José Eduardo de Macedo Soares, que ocupou o cargo no Congresso de 1917 a 1923. Apesar de ficar na presidência da CBD por pouco tempo, o deputado conseguiu convencer o Ministro da Fazenda a isentar de impostos o material esportivo importado pela CBD para a organização do Campeonato Sul Americano de 1922.³⁸⁸ O próprio presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, era figura frequente nos jogos de futebol mais importantes realizados na Capital Federal. O presidente era sócio honorário do Fluminense, o que facilitava a obtenção dos empréstimos “em obrigações até á quantia de 5 mil contos de réis”³⁸⁹ pelo governo para as reformas no clube, que novamente voltaria a sediar a competição esportiva mais importante da América do Sul. Mas o clube do coração do presidente parecia ser mesmo o Flamengo, do qual era Presidente de Honra. Boatos corriam na imprensa, principalmente nos jornais de maior oposição ao governo, o *Correio da Manhã* e *O Imparcial*,³⁹⁰ que o presidente assinaria um decreto doando ao clube um terreno na Praia Vermelha com vistas à construção de um estádio para abrigar as provas de *rowing* dos Jogos de 1922, ou os Jogos do Centenário, como ficaram conhecidos.³⁹¹ O Ministro da Fazenda chegou a assinar um despacho para que o Flamengo ocupasse provisoriamente o local “com todas as suas bemfeitorias, accessorios e edificações compreendida entre a Urca e a Praia da Saudade”.³⁹²

Os preparativos finais do campeonato ocorreram em clima de tensão na capital do país por conta da rejeição à vitória nas eleições presidenciais de Artur Bernardes, representante da oligarquia mineira, e por todo o clima de ruptura entre as oligarquias nacionais. Em julho daquele ano, no Rio de Janeiro, a Revolta dos 18 do Forte de

³⁸⁷ *Folha da Noite*, 24 de abril de 1921.

³⁸⁸ *O Imparcial*, 18 de maio de 1921.

³⁸⁹ *O Imparcial*, 29 de janeiro de 1920.

³⁹⁰ SODRÉ, N. W. op. cit., p. 398.

³⁹¹ Notas de 12 a 16 de março de 1921 em *Correio da Manhã* e em *O Imparcial*.

³⁹² *O Imparcial*, 21 de maio de 1921.

Copacabana tinha chocado o país. A troca de fogo entre membros das Forças Armadas e o assassinato a sangue frio dos revoltosos em plena rua escancaravam as divisões em que o Brasil se encontrava. O governo sabia que era importante criar mecanismos de união e de representatividade, e a força da vitória da seleção de 1919 foi lembrada. A CBD tomou uma medida inédita. Ao invés de convocar o tradicional combinado Rio-São Paulo, resolveu fazer um campeonato de seleções estaduais, representantes dos principais estados do país. Representantes da política do café-com-leite (São Paulo e Minas Gerais) e da chamada “Reação Republicana”, o movimento que tentou derrubar paulistas e mineiros nas eleições presidenciais de 1922 (Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia e Pernambuco), foram convidados a fazer parte do torneio que serviria para escolher os jogadores da seleção brasileira. Além desses estados, o Pará, com tradição em futebol e, também, em rusgas com o governo central ao longo da história, não deixou de ser convidado. O campeonato começou menos de um mês após a revolta militar.

Os times foram divididos em três zonas. A Zona Norte contou com Bahia, Pará e Pernambuco. Como os dois últimos desistiram de participar do torneio, o time baiano classificou-se para as finais. A Zona Centro foi formada com Rio Grande do Sul e Paraná, e os gaúchos empataram um jogo e ganharam o outro contra os paranaenses, também classificando-se para as finais. Pela Zona Sul, o Distrito Federal e o Rio de Janeiro se enfrentariam por uma vaga nas finais, e São Paulo e Minas Gerais lutariam pela outra vaga para um quadrangular decisivo. Os cariocas venceram a seleção do estado do Rio de Janeiro por 2 a 0, e os paulistas mostraram toda a sua superioridade ganhando de 13 a 0 da seleção mineira. A seleção paulista derrotou a gaúcha por 4 a 2 e depois a seleção baiana por 3 a 0. Os cariocas venceram os gaúchos por 2 a 0, mas não conseguiram vencer os baianos, que jogando com dois ex-jogadores do América do Rio (Manteiga e Nebulosa) e um ex-jogador do Botafogo do Rio, empataram em 2 a 2 com os cariocas. A final foi decidida entre paulistas e cariocas, sendo que a equipe da Capital Federal não podia empatar se quisesse ser campeã. Não houve chances para os cariocas, que perderam por 4 a 1 em São Paulo, no estádio do Palestra Itália. A CBD ainda marcou outro jogo no Rio, mas os paulistas venceram de novo por 2 a 1. O campeonato foi um sucesso de público e renda, com o jogo entre paulistas e cariocas, em São Paulo,

conseguindo 32:664\$000 com a venda de ingressos.³⁹³ Toda a renda foi para a CBD, pois esta se responsabilizava pelas passagens e hotéis dos jogadores.

Para a seleção de 1922, mais uma vez, somente jogadores de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro foram convocados. Da equipe que disputou a final do torneio contra o Paraguai, sete jogadores eram de equipes paulistas e apenas quatro eram de equipes do Rio de Janeiro, sendo que dois deles eram originários de outros Estados. Palamone, do Botafogo, havia vindo de São Paulo, e Kuntz, do Flamengo, do Rio Grande do Sul. A tentativa de fazer vingar a imagem de uma verdadeira seleção nacional, transformando o indivíduo, “mesmo apenas aquele que torce”, em “símbolo da nação”³⁹⁴ havia fracassado, pelo menos no tocante à formação da seleção.

Os Jogos do Centenário, como ficou conhecido o Sul Americano de 1922, foram um sucesso na esfera esportiva, e o Brasil conseguiu levantar o seu segundo título internacional. No entanto, foi enorme o prejuízo para os cofres da CBD e do governo. A crônica esportiva calculava otimista o montante que entraria nos cofres da Confederação. Com um mínimo de onze jogos e com uma frequência média de 20.000 pessoas por jogo, 220.000 entradas seriam vendidas no total, gerando uma renda de 860:000\$000, a uma média de 4\$000 o ingresso. Como as despesas com os jogadores do Chile, Uruguai, Argentina e Paraguai somavam 200:000\$000, haveria um considerável lucro de 660:000\$000.³⁹⁵ Mas a realidade foi outra. A organização da CBD fez com que as despesas somassem 1.345:000\$000, e o Sul Americano acabou dando um prejuízo de 485:000\$000. No balancete de agosto da CBD, o lucro que lhe coube montava a 12:302\$870, depois das subvenções dadas pelo presidente Eptácio Pessoa.³⁹⁶

O presidente, o mesmo que havia pedido um ano antes ao presidente da CBD para que não levasse jogadores negros para o Sul Americano de 1921,³⁹⁷ teve que se render ao artilheiro mulato Friedenreich que, apesar de não ter atuado em todos os jogos e ter perdido a posição para Heitor, do Palestra Italia, marcou presença nos empates contra o Chile e Uruguai. A pacificação momentânea do país através do futebol foi conseguida a duras penas. Após três empates consecutivos frente a Chile, Paraguai e Uruguai, a seleção brasileira venceu a Argentina e esperava o resultado do jogo entre Uruguai e Paraguai. Se os paraguaios vencessem, ficariam empatados em primeiro lugar

---

³⁹³ MAZZONI, T. op. cit., pp. 165 a 167.

³⁹⁴ HOBBSAWN, Eric. op. cit. (1988) p. 171.

³⁹⁵ *Jornal do Commercio*, 13 de maio de 1922.

³⁹⁶ *O Imparcial*, 24 de agosto de 1922.

³⁹⁷ Sobre a polêmica ver FILHO, M. op.cit. ASSAF, R. e NAPOLEÃO, A. C. op.cit. GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e Sombra*. Porto Alegre: L.& P.M. Editores, 2008.

juntamente com o Brasil e o próprio Uruguai. Este, precisava apenas de um empate para se tornar campeão. O árbitro escolhido para a partida foi o brasileiro Affonso de Castro que, além de aceitar um gol ilegal do Paraguai, anulou dois tentos legais da equipe uruguaia. Revoltada, a Associação Uruguaia abandonou o torneio e cortou relações com a CBD. O Brasil ganhou do Paraguai a partida final por 3 a 0. O projeto da vitória havia se concretizado. A revista *Jornal de Theatro & Sport* assim definiu a vitória do Brasil no campeonato: “[...] deve ter ficado satisfeita a vaidade dos donos do football no Brasil”.³⁹⁸

---

³⁹⁸ *Jornal de Thetaro & Sport*, ano IX, 28 de outubro de 1922.

3.2 A LMDT e a defesa do amadorismo

SCRATCH DE DOUTORES

Magalhães (Flamengo);
Pindaro(Flamengo) e Nery (Flamengo);
Oswaldo (Fluminense), Sisson (Flamengo) e Cícero (Flamengo);
Gumerindo(Flamengo) e Riemer (Flamengo), H. Nabuco (Botafogo),
Menezes (Bota) e Alcindo (Flamengo)”

[time escolhido pelo jornalista Tom Max, de *O Imparcial*, para a festa da ACD, em 31 de jan Imp 1919]

O Sul Americano de 1919 não foi o momento em que a população descobriu o futebol no Brasil. Foi, na verdade, o ápice de uma era deste esporte na cidade do Rio de Janeiro e no país. São Paulo não ficou atrás e tratou logo de reformar seus principais estádios. A lógica do capitalismo passava a se apoderar do futebol. Este, transformado em espetáculo comercializável para multidões, passou a conviver mais de perto em seus diversos setores com aspectos inerentes ao desenvolvimento deste tipo de economia. As décadas de 1910 e 1920 foram períodos de decadência do regime político oligárquico, de consolidação da economia comercial urbana e de estímulos à indústria. O aumento da produção industrial e sua diversificação pintavam com novas cores as grandes cidades brasileiras.

Na década de 1920, a lista de manufaturados nacionais continuou a aumentar. Os bens de consumo incluíam *rayon*, artigos de alumínio, artigos de esmalte, artigos de porcelana e de vidro, dentifrício e tubos de dentifrício, lâmpadas elétricas, tintas para escrever, baterias, lâminas de barbear, discos de vitrola, pentes, papel fotográfico, fogões, equipamento de escritório, piano, baterias de automóveis e tubos. Além disso, estava sendo encetada a produção de bens de capital: cimento, aço maleável e várias máquinas – elevadores, dispositivos de pesagem, motores elétricos, máquinas têxteis, equipamentos de usinas de açúcar e peças de aço de locomotivas.³⁹⁹

Assim Warren Dean descreve a economia nas grandes cidades naquele período. Podemos ver, ainda que simbolicamente, o jogo de futebol comercializável como mais um “bem de consumo”, desses tantos que o autor enumerou. A própria construção do *stadium* pode ser vista como um dos símbolos do grande aumento no consumo de cimento observado pelo autor, que quadruplicou do ano de 1918 para o ano de 1919.

Importante, nesse sentido, analisar, ainda que brevemente, dois objetivos que se fortaleceram com a possibilidade de obtenção de lucros e de acumulação de capital no futebol: o primeiro, o de aprofundar o fosso existente entre uma minoria de clubes formados por homens das mais altas camadas da sociedade e uma grande maioria de

---

³⁹⁹ DEAN, Warren. *Industrialização Durante a República Velha*. in: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, Vol.8, 1975. pp. 264 e 265.

clubes pequenos formados basicamente por elementos oriundos das camadas menos afortunadas; o segundo, o de conferir prestígio aos dirigentes dos clubes da elite que comandavam esse processo, tornando-os verdadeiros “tutores” do futebol nacional e detentores dos órgãos de poder deste esporte. Para a execução do primeiro objetivo, era necessário fazer um investimento de capital para construir campos com arquibancadas capazes de comportar grandes públicos, ter pessoas influentes na direção do clube para que os jornais divulgassem constantemente as notícias dessas agremiações com o seu devido destaque,⁴⁰⁰ arrumar bons jogadores e dar-lhes a estrutura necessária para o melhor treinamento possível. Como já foi analisado anteriormente, eram vários os métodos de atração de jogadores para um grande clube. O mais comum era alguma pessoa ligada a um grande clube oferecer um emprego com um salário acima da média e condições de trabalho menos rígidas para o jogador pretendido, para que este pudesse conciliar trabalho, treinamentos e jogos.

Para o controle do futebol, os dirigentes criavam ligas municipais, estaduais e nacionais e aproveitavam de seu prestígio junto aos governantes para serem considerados pelo Estado como os legítimos representantes dos esportes em suas respectivas áreas de atuação. A LMDT (da cidade do Rio de Janeiro e que aceitava equipes de Niterói) era filiada à CBD (órgão nacional), que por sua vez era autorizada junto ao governo para representar o país em competições internacionais, inclusive com o apoio financeiro do governo.

A aplicação do capital das grandes equipes cariocas se dava de forma intensa no investimento nos estádios, na melhoria da infra-estrutura para treinos e no pagamento de prêmios em dinheiro aos jogadores. Os estádios passavam por reformas com o objetivo de ampliar sua capacidade de público. A intenção era vender mais ingressos e obter rendas maiores, com o objetivo de conseguir o dinheiro necessário para melhorar as condições de treinamento e a obtenção dos bons jogadores. As rendas provenientes das vendas de ingressos e as mensalidades dos sócios dos clubes eram as principais fontes de receitas dos grandes clubes. O potencial do mercado da venda de ingressos era extremamente promissor, o que poderia gerar os recursos a mais para os outros empreendimentos do clube. Os relatórios anuais de atividades do Fluminense em 1919

---

⁴⁰⁰ RIBEIRO, André. *Os Donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. O autor mostra durante a sua obra o envolvimento entre a imprensa e os grandes clubes de futebol do país.

afirmam que o clube tinha chegado ao limite de 2.500 sócios que poderia comportar.⁴⁰¹ Fazendo uma pequena suposição, se agregarmos aos sócios suas esposas e filhas, pode-se vislumbrar um clube com mais 7.000 pessoas aptas a frequentar sua sede social. O aumento da receita com a venda de ingressos tornava-se uma necessidade para a própria dinamização da economia do futebol, e da própria sociedade.

Segundo Florestan Fernandes, na fase de expansão do capitalismo competitivo, o mercado precisava

[...] expandir-se em termos de tamanho, de diferenciação e de intensidade financeira, para tornar-se uma fonte de estímulos à constituição de um sistema de produção diretamente vinculado a necessidades socioeconômicas do setor urbano e às funções de saturação econômica que este devia preencher em relação às unidades escravistas, às de trabalho livre ou semilivre, e às mistas da economia agrária.⁴⁰²

O autor, analisando um período que iria da segunda metade do século XIX ao fim da primeira metade do século XX, diz ainda que

[...] o lastro interno para ‘crescimento natural’ do mercado capitalista moderno procedia do incremento constante das populações urbanas, especialmente nas cidades-chave para a reorganização geográfica, econômica, sociocultural e política, que a transformação apontada requeria.⁴⁰³

Ainda que uma pequena engrenagem, o futebol se transformava em uma das expansões do mercado capitalista moderno, justamente em uma das cidades-chave deste processo, o Rio de Janeiro. Neste palco, o esporte transformado em espetáculo comercializável, era um dos atores dessa reorganização geográfica, econômica, sociocultural e política, como já vem sendo analisado desde os capítulos anteriores.

O Fluminense, fruto da conquista do terceiro campeonato consecutivo da cidade, o tri-campeonato, continuava sendo o clube que mais arrecadava e que tinha a maior média de rendas do campeonato. A arrecadação com os 9 jogos em seu estádio para o campeonato da LMDT em 1917 foi de 30:604\$000,⁴⁰⁴ enquanto em 1918, 30:606\$500⁴⁰⁵ em apenas 8 jogos, um crescimento, em média de 14%. Em 1919, a equipe tricampeã arrecadou 43:424\$000,⁴⁰⁶ apresentando um crescimento na média de arrecadação de 27,3% em relação ao arrecadado no ano anterior. O total obtido com a

---

⁴⁰¹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1919*. Rio de Janeiro: Tip. Gomes Brandão e Marcondes, 1920.

⁴⁰² FERNANDES, F. (2006) op.cit., p. 267.

⁴⁰³ Ibidem. p. 269.

⁴⁰⁴ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 31 de dezembro de 1917 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918.

⁴⁰⁵ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30/12/1918 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

⁴⁰⁶ *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920.

venda de ingressos para o campeonato carioca em 1917 foi de 112:988\$300. Em 1918, chegou a 141:077\$500, o que representou um crescimento de 25%. Já em 1919, a venda de ingressos para o campeonato gerou um total de 164:952\$000, um crescimento de 14,5% em relação ao ano anterior. Ficava claro o sucesso do futebol como espetáculo e evidente que os times vencedores seriam aqueles que teriam maior chance de ter maior público em seus estádios.

Os investimentos nos estádios resultaram em arrecadações maiores. Esta nova fonte de receita fez com os dirigentes passassem a dispor de um capital maior para o investimento na formação da equipe de futebol. Um dos pontos principais, demonstrado pelo Fluminense em 1917 e 1918, era que a figura do técnico poderia ser fundamental para que os times conseguissem ter maior aplicação tática e, conseqüentemente, maiores chances de ganhar os jogos. Quincey Taylor foi o responsável pelos treinos da equipe. Mas o técnico inglês que “vinha prestando seus serviços profissionais ao Fluminense FC, como *entreineur* dos players do mesmo [enviou] uma carta á directoria daquelle club, exonerando-se do cargo que occupava”.⁴⁰⁷ A diretoria do Fluminense não perdeu tempo. Quando a seleção uruguaia veio ao Brasil para a disputa do Sul Americano, aliciou Ramon Platero, que se apresentava aos brasileiros como auxiliar de Severino Cartino, técnico da seleção uruguaia. O treinador foi contratado pelo Fluminense e prestava, também, serviços como treinador do *scratch* da LMDT.⁴⁰⁸

Transferências

Com o passar dos anos e com a entrada do futebol definitivamente no mundo dos negócios, a necessidade de vitórias aumentava. E, para que essas vitórias acontecessem, era primordial a formação de bons times de futebol e a obtenção de bons jogadores. A reforma nos estatutos e a criação do novo Código de Futebol da Liga Metropolitana, ainda no ano de 1917, nada mais faziam do que tentar coibir uma prática já entranhada no futebol carioca e brasileiro, a da transferência de jogadores. Como os jogadores passaram a receber propostas de empregos melhores, chegando a ganhar ordenados para jogar futebol, rapidamente esqueciam o “amor” pelo seu clube e passavam a defender as cores da agremiação que melhor proposta lhes fizesse. Geralmente, a fonte de jogadores onde os clubes cariocas da 1ª Divisão iam buscar seus

---

⁴⁰⁷ *O Imparcial*, 24 de janeiro de 1919.

⁴⁰⁸ *Correio da Manhã*, 20 de julho de 1919. “*Reunião da Directoria da Liga: [...] g) gratificar com 100\$000 o sr. Ramon Platero pelos serviços de treinar e massagista do referido jogo.*” O jogo foi o Rio x São Paulo de 5 de julho de 1919.

jogadores eram os clubes de menor expressão da própria LMDT, os melhores jogadores de fora da cidade do Rio de Janeiro e dos subúrbios cariocas. Portanto, a LMDT deveria legislar em duas frentes. Primeiro, impedindo a troca de jogadores que pertencessem a clubes filiados à Liga. Posteriormente, criando um código para fazer frente às transferências de jogadores oriundos de outras ligas, tanto da cidade do Rio, quanto de fora dela.

Para impedir a troca frenética de jogadores entre os clubes da LMDT, foi elaborado o Art. 63, do Capítulo 13 *Dos Campeonatos* dos Estatutos: “Art. 63: Nenhum jogador poderá disputar jogos de campeonato ou de torneios por outro club sem que tenha decorrido o estagio de um anno a contar da data do último jogo do gênero de desporto em que tenha tomado parte”.⁴⁰⁹ Esse artigo ficou conhecido no meio do futebol como “A Lei do Estágio” e tinha como objetivo fazer os jogadores e clubes se desinteressarem pela troca, pois o jogador ficaria um ano “na cerca”.⁴¹⁰

No Código de Football, a Liga tentava impedir a troca de jogadores de outros países e de outras cidades que não o Rio de Janeiro e Niterói:

Capítulo 7: Dos jogadores

Art. 66: Para que possa jogar, deve o jogador ter inscrição concedida pela LMDT, sendo necessário para isso:

- a) ter o seu nome inscripto no registro especial por espaço de 30 dias;
- b) ter residencia no país por espaço de 60 dias;
- c) apresentar, caso já tenha pertencido a ligas ou associações estrangeiras, documentos de transferência passados pela mesma;
- d) ser domiciliado no Distrito Federal, ou em Nichteroy, se se tratar de jogadores de clubs filiados à Liga; [...]

A Liga ainda fazia referência aos estatutos em artigo posterior para deixar claro o dispositivo do estágio de um ano: “Art. 73: Para que um jogador, que disputou em uma temporada por um *club*, possa depois disputar por outro é necessário que requeira á Liga a sua transferência, provando documentadamente que é sócio deste *club* e que observou o disposto no Art. 63 dos Estatutos”.⁴¹¹

No caso dos jogadores serem sócios de mais de uma agremiação, deveriam optar por um dos dois clubes, para poderem representá-lo na competição da Liga Metropolitana, segundo o Art. 76, do Código de Football:

Quando um jogador for inscripto por mais de um club, a Liga officiará dando o prazo de oito dias para que opte por um delles e, uma vez feita a

---

⁴⁰⁹ *Diario Official da União*, 20 de dezembro de 1917, pp. 13.580 a 13.583.

⁴¹⁰ Assim era denominado o tempo que o jogador ficava sem poder jogar futebol.

⁴¹¹ *Diario Official da União*, 20 de dezembro de 1917, p. 13.583

opção, não poderá o jogador representar outro club nessa temporada, salvo se o club por que optou desistir de disputar o campeonato ou torneio.

O Artigo 77 colocava ainda que “o jogador que deixar de optar no prazo concedido, não poderá jogar nessa temporada por club algum”.⁴¹²

Os clubes tentavam burlar as leis a todo o momento e conseguir as transferências. Vejamos o caso do Flamengo. O time de 1918 era completamente diferente da equipe do ano de 1919. Cansado de ver o arqui-rival levantar a taça de campeão da cidade por duas vezes seguidas, o rubro-negra montou uma time quase todo novo, trazendo, pelo menos 3 jogadores do Rio Grande do Sul e mais dois de São Paulo. Junqueira (campeão com o Paulistano de São Paulo em 1918)⁴¹³ e Mesquita (meia esquerda que já havia atuado no 1º time do também do Paulistano)⁴¹⁴ foram os paulistas “importados” pelo Flamengo, enquanto Kuntz, Candiota e Sisson⁴¹⁵ vieram do Sul. Candiota começou a carreira no Guarany de Bagé-RS e depois foi para a capital gaúcha jogar no Cruzeiro de Porto Alegre. Kuntz, destinado a ser o goleiro da equipe, veio do Grêmio de Football Portoalegrense, assim como Sisson, que estava no clube desde 1916. A equipe era modificada ano após ano, e em 1919 houve uma reformulação enorme no primeiro time. Kuntz (goleiro), Burgos (defesa), Dino e Rodrigo (meio-campistas), além de Candiota, Mesquita e Junqueira (atacantes) davam uma cara nova ao Flamengo e mudavam o que se chama no futebol de “espinha dorsal” da equipe. Eles se juntavam a Nery, Carregal e o gaúcho Sisson, além do inglês Sydney Pullen, que voltava ileso dos combates da Primeira Guerra diretamente para ser o comandante do ataque rubro-negro, o “artilheiro” do time. Pullen regressava ao time que havia deixado quando foi defender seu país no conflito mundial, trazendo a fama de ter sido campeão por um clube inglês e marcado 39 dos 50 gols do time.⁴¹⁶ Além desses jogadores, outros eram convidados para o time, mas não obtinham o sucesso desejado, como Bitú, do Sport Club Internacional (RS),⁴¹⁷ que jogou apenas um jogo pelo Flamengo em toda a temporada.

---

⁴¹² Código Football Liga Metropolitana de Desportes Terrestres. *Diario Oficial da União*, 20 de dezembro de 1917. p. 13.581.

⁴¹³ O jogador se mudou para o Rio e foi para o Flamengo. *O Imparcial*, 17 de fevereiro de 1919.

⁴¹⁴ *O Imparcial*, 27 de abril de 1919.

⁴¹⁵ *O Imparcial* afirmava que Kuntz era do SC Internacional, mas na verdade era do Grêmio de Football Portoalegrense. Reproduzindo nota de o *Correio do Povo*, o jornal carioca colocava: “Aos poucos os quadros dos nossos clubs vão sendo desfalcados de bons jogadores, os quaes demandam o Rio de Janeiro, onde vão atuar nos principais grounds dali.” *O Imparcial*, 11 de junho de 1919, reproduzindo o *Correio do Povo* de Porto Alegre.

⁴¹⁶ *O Imparcial*, 27 de agosto de 1919.

⁴¹⁷ *O Imparcial*, 3 de abril de 1919.

Não era só o Flamengo que trazia jogadores para a sua equipe. A leitura dos periódicos do final dos anos 1910 e inícios dos anos 1920 mostra um verdadeiro mercado de jogadores. Eram as “borboletas”⁴¹⁸ sempre tentando “cavar” uma vaga em algum clube e prontas a “voar”⁴¹⁹ para novos horizontes. São inúmeros os comentários de jogadores que aceitavam dinheiro ou emprego, ou os dois, para sair de um clube e ingressar em outro. Se analisarmos as escalações das equipes de um ano para outro, percebemos que aconteciam muitas mudanças e nem sempre se sabia a origem dos jogadores. Um sócio aparecia com um novo sócio para o clube e o apresentava para a assembléia de sócios. Por acaso, aquele novo proponente jogava muito bem o *football* e coincidentemente acabava de conseguir uma profissão que a LMDT considerava honesta, ganhando um bom salário e não dependendo mais apenas de suas habilidades físicas. Dessa maneira, ainda conseguia tempo suficiente para treinar pela equipe. Só das equipes da 1ª Divisão, America e Botafogo apresentaram, cada um, ao menos sete jogadores novos que estiveram em campo com alguma regularidade, em seus primeiros times, durante a temporada de 1919. O Botafogo tinha em sua equipe jogadores vindos do Comercial de Ribeirão Preto-SP, como o atacante Benedicto Santos, o Santinho, e Carlos Carvalho, o Americano, vindo do Andarahy, time do subúrbio carioca.⁴²⁰ Durante aquele ano Villa Izabel, Andarahy e Mangueira apresentaram seis novos jogadores cada nas mesmas condições, o Bangu e o São Christovão apresentaram cinco novas caras (no São Christovão, um dos novos jogadores entrou no lugar de João Cantuária, vitimado pela Gripe Espanhola no ano anterior). O Carioca, time de operários, mudou apenas três jogadores do seu primeiro time, e o Fluminense, dois.

O noticiário dos jornais aponta um número grande de jogadores se transferindo de clube. Um jogador sócio de um determinado clube que recebesse proposta para ingressar em outro clube da Liga Metropolitana e desejasse fazer a troca tinha um caminho a ser percorrido. A primeira coisa era ser aceito como sócio no novo clube, fazendo com que o jogador fosse sócio de dois clubes. Os clubes pagavam a inscrição do atleta como jogador de futebol, e este tinha trinta dias, a contar do início do prazo de inscrição, para fazer a opção pelo clube que desejasse, como determinava o Art. 76 do Código de Football. A LMDT também se metia a legislar quando os jogadores vinham de outros clubes estranhos à liga, julgando os casos conforme os interesses. Quando a

---

⁴¹⁸ Jogadores que trocavam de time.

⁴¹⁹ Transferir-se para outro clube.

⁴²⁰ OLIVEIRA, A. M. de.op.cit., p. 71

inscrição não era aceita, o jogador ou voltava para o seu clube ou ficava um ano parado para cumprir a Lei do Estágio. Quando as transferências eram de outras cidades para a LMDT, esta pedia a liberação da inscrição para a CBD, que requisitava o “passe”⁴²¹ para a equipe de onde o jogador estaria vindo.

Os jogadores que viessem de outras ligas incorriam no Art. 71 do Código:

O jogador que já tiver tomado parte em jogos de campeonato ou torneios em qualquer sub-liga reconhecida pela LMDT não poderá tomar no campeonato ou torneio da Liga durante a mesma temporada.

Paragrafo único: Ficam sujeitos às exigências do Art. 63 dos Estatutos os jogadores das outras Ligas federadas á Confederação Brasileira de Desportos que hajam tomado parte por ellas em partidas do campeonato.⁴²²

O julgamento, no entanto, variava muito de acordo com quem cometia a irregularidade. Nenhuma discussão sobre transferências foi tão acalorada quanto a transferência do paulista Palamone, do Mackenzie College, para o Botafogo do Rio. O “caso Palamone” abalou novamente as relações entre cariocas e paulistas e escancarou mais uma vez o profissionalismo mascarado que habitava os grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo. O jogador paulista esteve no Rio convocado pela CBD para defender a seleção nacional no Campeonato Sul Americano de 1919. Não chegou a jogar no campeonato, mas jogou uma partida contra a Argentina dois dias após a final do Sul Americano, pela Taça Roberto Cherry, registrado na CBD como jogador do Mackenzie College de São Paulo. Porém, o jogador havia sido aliciado para jogar o campeonato carioca daquele ano pelo Botafogo. O clube deu entrada no ofício de inscrição do jogador Luiz Bento Palamone, na secretaria da LMDT em 15 de maio,⁴²³ em pleno andamento do Campeonato Sul Americano. Não era a primeira vez que Palamone se envolvia em confusões, levantando a suspeita de ser profissional. Em março do mesmo ano, o jogador tomou parte em um amistoso pelo Santos Football Club contra o São Paulo Railway, sem autorização de seu clube, o Mackenzie College, que pediu à APSA uma punição severa ao Santos.⁴²⁴ O jogador foi apresentado e aceito como sócio do Botafogo, que fez a sua inscrição na Liga Metropolitana dentro do prazo. Como se tratava de uma transferência inter-estadual, o passe deveria ser concedido pela CBD. A Confederação entrou em contato com a liga de São Paulo para pedir o passe do jogador, alegando que o mesmo havia se mudado para o Rio de Janeiro para estudar

---

⁴²¹ Espécie de autorização para que o jogador se transferisse.

⁴²² Código Football Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. *Diario Oficial da União*, 20 de dezembro de 1917. p. 13.581.

⁴²³ *O Imparcial*, 16 de maio de 1919.

⁴²⁴ *O Paiz*, 14 de março de 1919.

medicina.⁴²⁵ A APSA se negou a dar a transferência do jogador, pois o Mackenzie College, clube filiado à associação paulista, não aceitou a saída do mesmo.

A manobra do Botafogo, comum a quase todas as equipes cariocas, deu certo, pois a CBD concedeu passe ao jogador e este fez a sua estreia contra o Fluminense. Apesar da vitória Tricolor, uma reclamação formal foi feita à Liga antes mesmo do início da partida pelo clube, indagando como a Liga poderia ter aceito a inscrição de Palamone, se este havia jogado pela seleção nacional contra a Argentina enquanto registrado na CBD como jogador do Mackenzie-SP. O jogo da seleção ocorreu a 1 de junho de 1919, e o Fluminense reclamava apontando ser esta a prova de que Palamone não residia na cidade há pelo menos 60 dias. A LMDT não deu ouvidos à reclamação do Fluminense, pois a obrigatoriedade de 60 dias de residência na cidade era uma exigência para os jogadores que vinham de fora do país. Além disso, o Botafogo alegava que havia pedido a inscrição de Palamone em 15 de maio, configurando os 60 dias de residência. O *Correio da Manhã* se mostrava indignado com a atitude da Liga: “[...] Causou-nos estranheza o fato da diretoria [da Liga], ante um exemplo de relevância, desprezar as declarações de uma sociedade filiada, sem apurar os factos”.⁴²⁶

Mais uma vez as discussões se tornaram acaloradas e a APSA resolveu se desligar da CBD e da LMDT. A entidade máxima do futebol carioca, em nota oficial retirada em reunião da diretoria, anunciou que estavam “rotas as relações da LMDT com a APSA, por unanimidade de votos”.⁴²⁷ Como visto anteriormente, a disputa entre São Paulo e Rio de Janeiro se colocava mais uma vez na defesa dos interesses da administração e controle do futebol nacional. Sem procurar entrar novamente nessa questão de maneira mais aprofundada, vale a pena acompanhar o artigo principal da revista *Vida Sportiva*, assinado por Mario Vidal. O trecho escolhido, apesar de longo, é extremamente elucidativo quanto às questões da rivalidade entre paulistas e cariocas e ao profissionalismo dos jogadores:

Uma cousa ficou o Rio sabendo e que até agora ignorava por completo: entre os jogadores paulistas há muitos delles que são elementos perniciosos, indivíduos sem moral e que se trocam por promessas indecorosas, vantagens pecuniarias e outros favores menos licitos, tanto assim que a Associação para poder retel-os em seu seio, evitar que elles se vendam ao primeiro que lhes offerecer melhor paga, é obrigada a propor as suas congeneres medidas coercitivas como a que propos á Liga Metroplitana e que esta, altivamente, repeliu com indignação, fazendo ver aos dirigentes do football na Paulicéia

---

⁴²⁵ OLIVEIRA, A. M. de. *op. cit.*, p. 89.

⁴²⁶ *Correio da Manhã*, 29 de julho de 1919.

⁴²⁷ *O Imparcial*, 2 de agosto de 1919.

que aqui no Rio todos os jogadores são ‘sportmen’ na verdadeira acepção da palavra, dignos e incapazes de se venderem ou se deixarem seduzir pelos processos que a Associação Paulista teme sejam adoptados em relação aos seus players. [...] O reatamento [...] é uma cousa fatal [...] mas uma cousa porém se impõe: é que esse reatamento se faça sómente quando a Associação Paulista tiver a mesma educação sportiva e o mesmo nível moral que a Liga Metropolitana.⁴²⁸

Os argumentos de Vidal são facilmente derrubáveis, mesmo que não se conheça uma das muitas informações sobre transferências e pagamentos de jogadores. Quem trouxe o “elemento pernicioso, indivíduo sem moral”? Quem lhe fez as “promessas indecorosas, vantagens pecuniarias e outros favores menos licitos”? Não seria o Botafogo, um dos fundadores da Liga Metropolitana e formado por “‘sportmen’ na verdadeira acepção da palavra, dignos e incapazes de se venderem”?

Jogadores de futebol: brancos pobres e negros na nova ordem social competitiva

O Botafogo não foi punido e a imprensa carioca começou a questionar a validade de tantas leis e artigos para a defesa do amadorismo. A contínua defesa de uma prática de esportes absolutamente desinteressada em envolvimento profissionais e econômicos era uma das dimensões de uma filosofia aristocrática que dominou o processo de popularização dos esportes e, principalmente, do futebol.⁴²⁹ Um dos pilares na defesa do amadorismo era o Art. 63, a Lei do Estágio. A discussão sobre o fim dessa lei passou a dominar as polêmicas esportivas e envolvia a própria defesa da liberdade de escolha do novo cidadão republicano. Alguns jogadores se arriscavam e ficavam obrigatoriamente um ano sem jogar para poder ter um emprego melhor, ou uma posição em um clube de maior destaque.

O ano de 1919 é um dos anos mais turbulentos do futebol carioca e nacional. O Campeonato Sul Americano foi uma festa e provou a capacidade de transformação do futebol em um espetáculo de massa altamente lucrativo. Mas, quando se analisa mais de perto os acontecimentos daquele ano, repara-se que o grande campeonato era apenas uma das partes de uma complexa história. As transferências de jogadores, as discussões sobre a profissionalização dos mesmos, as brigas entre paulistas e cariocas pelo controle do futebol e a própria discussão da liberdade no esporte escancaravam uma realidade que a elite tentava esconder. O futebol no Brasil, após passar por este processo na Europa, se proletarizava. Não só as arquibancadas e gerais, cujos ingressos os

---

⁴²⁸ *Vida Sportiva*, 9 de agosto de 1919.

⁴²⁹ BOURDIEU, P. in: BROHM, Jean Marie et al. op.cit., p. 63.

torcedores podiam pagar para acompanhar as partidas, mas também os seus praticantes estavam se transformando. Era minoria aquele grupo de médicos, engenheiros, advogados, empresários e estudantes filhos dos membros da elite que formavam os primeiros times dos grandes clubes da cidade.

Em 1919, a seleção da cidade do Rio de Janeiro contou , por exemplo, pela primeira vez em sua história, com um jogador negro. Era Epaminondas, meio campo do Carioca, time que havia sido campeão do Torneio Initium antes da convocação do selecionado que faria dois jogos em julho daquele ano contra a seleção paulista. O jogador apareceu pela primeira vez como um dos 33 convocados para o primeiro jogo do Rio-São Paulo daquele ano.⁴³⁰ No primeiro jogo em São Paulo, Epaminondas jogou de *center-half* na derrota por 3 a 1 para os paulistas. O jogo da volta, no Rio, seria difícil para os cariocas, pois para ficarem com o título de 1919, precisavam ganhar a partida por 3 gols de diferença. Epaminondas sabia que era um dos principais nomes do futebol carioca. E, além disso, era um jogador profissional de futebol, um profissional-jogador, um operário da Fábrica Carioca, com privilégios adquiridos por ser um dos principais jogadores da equipe da mesma desde 1917. Ao saber que Neco, Friedenreich e Amílcar tinham recebido mais de 400 mil réis cada para defender a seleção brasileira, o jogador do Carioca resolveu pedir dinheiro à LMDT para defender as cores do selecionado da Capital Federal.

Ora, Ramon Platero, o uruguaio, técnico do Fluminense, foi contratado pela LMDT só para treinar o *scratch* carioca e ganhou 100\$000 pelo trabalho.⁴³¹ Se o técnico levava dinheiro, o jogador também deveria levar. O jogo, no Rio de Janeiro, aconteceu a 5 de julho, e os ingressos para as partidas foram aumentados em 100% em relação aos jogos do campeonato, sendo 2\$000 as gerais, 4\$000 as arquibancadas e 6\$000 as cadeiras numeradas do *stadium*.⁴³² Havia uma expectativa de que o jogo desse uma alta renda aos cofres da LMDT, mas a arrecadação só chegou a 15:024\$000,⁴³³ que apesar de ser um alto valor, foi menor que a renda de um dos dois jogos do Flamengo contra o Fluminense no mesmo ano, 17:199\$000,⁴³⁴ em jogo vencido pelo Fluminense por 4 a 0 e que lhe garantiu o tricampeonato carioca. O detalhe era que os ingressos para o campeonato carioca custavam a metade do preço dos ingressos do jogo interestadual.

---

⁴³⁰ *O Imparcial*, 29 de maio de 1919.

⁴³¹ *O Imparcial*, 21 de junho e 1 de julho de 1919 e *O Estado de São Paulo*, 7 de julho de 1919.

⁴³² *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã* e *O Imparcial*, 3 de julho de 1919.

⁴³³ *O Imparcial*, 10 de julho de 1919.

⁴³⁴ Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres para o anno de 1919, publicada em *O Imparcial*, 26 de janeiro de 1920.

Para *O Imparcial*, o alto preço dos ingressos “afugentou do stadium os que não [podiam] gastar em 80 minutos a importância que [ganhavam] em um dia”.⁴³⁵ Basta lembrar que, em 1919, os salários dos operários da Fábrica Bangu variavam de 85\$440 a 225\$200, enquanto o salário mais baixo da America Fabril era de 151\$920.⁴³⁶ Se for tomado um valor de 150\$000 mensais, um operário que trabalhasse 25 dias, ganharia por dia 6\$000, valor cobrado por uma cadeira no dia do jogo.

Epaminondas não jogou na derrota dos cariocas por 4 a 2 contra os paulistas. A falta de um dos principais jogadores do selecionado carioca causou estranheza e dias depois ficava confirmado:

UM CASO ESCANDALOSO

Segundo os contas de hontem, Epaminondas vae ser elliminado do sport por haver pedido á Liga dinheiro para jogar no Scratch Carioca. Será verdade?⁴³⁷

Epaminondas havia sido eliminado do *scratch* momentos antes do jogo começar e não precisou que a Liga punisse o jogador, pois o próprio Carioca o suspendeu, punindo exemplarmente um jogador, negro, que tentava corromper a moralidade esportiva do Rio de Janeiro. O jogador do Carioca não havia sido o primeiro a pedir e/ou receber dinheiro para jogar futebol, mas como afirmou o cronista de *O Estado de São Paulo*, aproveitando para apimentar a rivalidade das duas cidades:

Esqueceu Epaminondas, jogador do obscuro Carioca, que não se pode comparar com os 20 e tantos moços illustres que são a menina dos olhos da Metropolitana e que pertencem ao Flu, ao Bota, ao Fla e outros clubs que são da 1ª divisão da Metropolitana, da sua linha de preferência.⁴³⁸

Esqueceu Epaminondas que era negro também. A polêmica em torno dos jogadores negros se tornou cada vez mais forte, e assim em 1919, principalmente após a punição de Epaminondas, surgem mais notícias e casos relacionados com as questões raciais no futebol. A estranheza de ver negros como maioria nos times mais modestos da primeira e segunda divisões e na maioria dos times dos subúrbios da capital fez com que os cronistas esportivos passassem a fazer uso de piadas com a língua e o comportamento dos mesmos. A situação do negro, naquele momento, não era das melhores. Fazia pouco mais de trinta anos da abolição da escravidão e a elite carioca via com péssimos olhos um movimento no sentido inverso do que as autoridades gostavam de divulgar e comemorar como o “embranquiçamento” do brasileiro. O recenseamento

⁴³⁵ *O Imparcial*, 7 de julho de 1919.

⁴³⁶ LAHMEYER, E.M. L. op.cit. (1978) Os dados constam em várias tabelas e anexos ao longo da obra.

⁴³⁷ *O Imparcial*, 8 de julho de 1919.

⁴³⁸ *O Estado de São Paulo*, 10 de julho de 1919.

brasileiro de 1920 é um dos documentos mais importantes no sentido de perceber esse processo no Brasil, nas primeiras décadas da República. O *Summario* da 2ª parte da obra, de nome *Evolução da Raça* e assinado pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Ildefonso Simões Lopes, tem em alguns de seus artigos os seguintes termos:

[...]
 XII- Evolução dos typos regionais no sentido da aryanização progressiva,
 [...]
 XIV- Instabilidade dos typos mestiços; tendencia para a clarificação dos mestiços; apuramento da raça;
 XV e XVI- O phenomeno da aryanização progressiva da nossa população. Dados estatísticos que a demostram. [...] estas duas raças inferiores [negros e índios] só se fazem agentes da civilização, isto é, somente concorrem com elementos eugenicos para a formação das classes superiores, quando perdem a sua pureza e se cruzam com o branco.⁴³⁹

Para comprovar a tese do embranquecimento ou da “aryanização” da população brasileira, a obra divulgava os seguintes números:

	Branços	Mestiços	Negros
1835	845.000	620.000	1.987.000
1872	3.818.403	3.833.015	1.970.509
1890	6.302.198	4.638.495	2.097.426

O que se via na sociedade não acontecia no futebol. Apesar da “pirâmide social” do futebol ser bem definida com os 4 maiores clubes no topo (America, Botafogo, Flamengo e Fluminense), uma camada intermediária contando com as restantes equipes da 1ª divisão e as divisões inferiores da Liga Metropolitana, além de uma camada inferior, mais ampla, com todas as outras centenas de equipes não pertencentes à LMDT, o fenômeno de ascensão dos negros entre os praticantes de futebol era acintoso.

O cronista D’arcy, da revista *Nossa Terra*, em meio à discussão do caso Epaminondas, escreveu um artigo intitulado: “A EUGENIA DA NOSSA RAÇA BASEADA NOS DESPORTOS”. Nela, o autor afirmava que não existia um típico homem brasileiro e que não se podia ter o Jeca-Tatu como símbolo deste homem. Afirmava que a vastidão do território nacional era um dos empecilhos para a formação de um homem nacional, mas que havia o exemplo dos “Estados Unidos que, apesar da vastidão do seu território e dos múltiplos reagentes, possuem um typo ethnico robusto,

⁴³⁹ *Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1922. p. 329.

sadio, primavera de vida, graças ao aperfeiçoamento que lhe ministram os desportos, praticados com methodo”.⁴⁴⁰

A população negra do Rio de Janeiro estava basicamente como estavam os negros das grandes cidades do país. Em relação às oportunidades de trabalho, se sujeitavam àquelas consideradas braçais, de menor remuneração e estabilidade. Largado a seu próprio destino pela sociedade brasileira, o negro teve a “responsabilidade de se reeducar, de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideais de ser humano, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo”.⁴⁴¹ O futebol estava ajudando o negro a se familiarizar com esses novos padrões e a se comportar dentro deles. A capacidade futebolística há muito vinha servindo para a obtenção de bons empregos, mas a prática deste esporte ia se tornando mais uma profissão, ainda que ilegal para as ligas que controlavam o futebol de maior expressão nas maiores cidades do país. Os jogadores, principalmente aqueles oriundos das camadas mais baixas, passavam a exigir a sua fatia nos altíssimos rendimentos do futebol. Além disso, o exemplo do jogador negro Epaminondas, percebendo o seu valor e exigindo dinheiro, parte dos mais de 15 contos de renda do jogo, mostrava à elite controladora do esporte, e do país como um todo, uma tentativa de se estabelecer uma nova correlação de forças no futebol, principalmente envolvendo os jogadores negros.

Não foi só Epaminondas a vítima de racismo no futebol em 1919. Os jogadores negros das equipes pequenas, como Chiquinho do Andarahy e Jobel do Villa Izabel eram constantemente ridicularizados pela imprensa por falarem de maneira incorreta e por acreditarem que a maioria dos jogadores negros eram profissionais. Reproduzindo conversa fictícia de Braulio e Chiquinho, do Andarahy, após serem derrotados pelo America, *O Imparcial* assim colocava o diálogo entre os dois:

- Quá, seu Xiquinho, nunca vi genti p'ra módi jugá tanto. O tá du centrifó
Préres mi fez ficá taliquá um homi tontu, acim uma simiança di inguilez
atrapaiado p'ra módi falá a falação dus arabis.
- Assuncê tem mesmo a razão. Os atacantes e os frubéquis são mais pió que
os alemães no campo dus rivá...⁴⁴²

Chiquinho, o preferido para ser retratado como analfabeto, em diálogos parecidos e reproduzidos pelo jornal citado, dá a idéia ao jogador do Villa Izabel, Jobel,

---

⁴⁴⁰ *Revista Nossa Terra*, 7 de agosto de 1919.

⁴⁴¹ FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na sociedade de classes. Volume I*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008. pp. 35 e 36.

⁴⁴² *O Imparcial*, 26 de agosto de 1919.

de montarem o “Gremio Escuridão”.⁴⁴³ Clubes grandes, como o Flamengo, também discriminavam os jogadores negros. Apesar das tentativas de inserirem jogadores negros no time principal, a pressão dos outros sócios e jogadores levava a diretoria a situações como essa:

Café com leite

Ao que se dizia hontem na Brahma, a directoria de um club da Zona Sul, que faz parte da 1ª divisão da Liga, resolveu ‘patuscamente’ [em referência a Ary Patusca] não pedir registro para um seu jogador ‘goal-keeper’ pelo facto de não ser o mesmo ‘um pouquinho mais claro!’...

É boa essa!... Comem a mensalidade do rapaz ‘que não é claro’ e deixam de o registrar por ser elle escuro!...

Anda mal o citado club procedendo dessa forma, pois, se quer ter preconceitos deve os ter quando aprovar suas propostas de sócios, e não depois.

Além disso, quem sabe se esse jogador não virá a ser um Friedenreich?⁴⁴⁴

O artigo é revelador, não só do racismo dos dirigentes do Flamengo, mas da aceitação de preconceitos por parte do próprio cronista, que não vê mal algum em o clube tomar aquele tipo de atitude, desde que a tomasse antes de aceitar determinada pessoa como sócia. Mas equipes pequenas como o Carioca não podiam prescindir de seus jogadores negros, principalmente quando eles eram os principais craques do time. A equipe da Fábrica Carioca foi muito mal durante toda a temporada e acabou ficando na última colocação do campeonato. Teve a pior arrecadação de toda a 1ª divisão, conseguindo um total de 3:298\$000, e rendas pífias, como a que conseguiu no jogo contra o Mangueira, 88\$000, a pior de todo o campeonato, muito longe dos mais de 17 contos do jogo do Flamengo contra Fluminense.⁴⁴⁵ Como havia ficado em último lugar, o Carioca tinha que jogar a eliminatória contra o campeão da 2ª divisão, o Palmeiras Athletic Club, para saber se continuaria na 1ª divisão. O jogo seria realizado no início de janeiro, e o Carioca, desesperado com a possibilidade de cair de divisão, resolveu “relevar a pena imposta ao conhecido *center-half* Epaminondas Berlita da Silva”.⁴⁴⁶ A Liga aceitou a nova inscrição de Epaminondas, mas desta vez era o momento do jogador dar o troco no clube.

Dois dias antes do jogo, um dos acontecimentos que mais mexeram com a temporada do futebol dos próximos anos, a tão famosa Lei do Estágio, caía, definitivamente:

---

⁴⁴³ *O Imparcial*, 5 de dezembro de 1919.

⁴⁴⁴ *O Imparcial*, 10 de janeiro de 1919.

⁴⁴⁵ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres para o anno de 1919*, publicada em *O Imparcial*, 26 de janeiro de 1920.

⁴⁴⁶ *O Imparcial*, 1 de janeiro de 1920.

Fica creada a lei do passe com relação á lei do estágio:

a) o jogador que requerer o passe e lhe for concedido pelo club de que fez parte, não estará sujeito ao interstício;

b) em caso contrário, isto é, sendo-lhe negado o passe, sofrerá interstício da lei, sem que possa recorrer para qualquer poder da Liga.⁴⁴⁷

Dessa maneira, os jogadores não precisariam mais ficar um ano parados à espera do estágio e poderiam trocar de clube com maior facilidade. Abria-se um novo mercado, inclusive, dentro do mundo dos negócios do futebol, a negociação dos valores dos passes dos jogadores pelos clubes. Epaminondas recebeu um convite para fazer parte de uma equipe mais forte, o São Christovão. Chegaria para suprir a ausência do ídolo João Cantuária, vítima da Gripe Espanhola. O jogador se recusou a participar do encontro decisivo do Carioca contra o Palmeiras. Segundo *O Imparcial*, um *center-half* conhecido “que se encontrava suspenso, e foi ultimamente perdoado, a directoria de um club que tem que disputar amanhã um *match* no Stadium, offereceu-lhe 300\$ para que o mesmo tomasse parte no encontro, o que aliás não conseguiu. Será verdade?”.⁴⁴⁸ A referência a Epaminondas é clara. E se for verdade que o jogador recusou 300\$000, mais do que o salário mensal de um operário de acabamento da Fábrica Bangu (225\$000),⁴⁴⁹ para jogar uma partida de 80 minutos, o que estamos assistindo é uma verdadeira transformação do futebol e a conquista de espaço de jogadores negros como profissionais deste esporte, por sinal muito bem pagos para os níveis salariais médios da cidade.

O Carioca ganhou a eliminatória, mas contava com jogadores do Cattete, que havia abandonado a disputa da segunda divisão depois que praticamente todos os seus jogadores haviam abandonado a equipe. A razão desse ato foi o fato da direção do Cattete, no meio do campeonato, ter inscrito na LMDT uma série de jogadores de uma equipe dos subúrbios cariocas para reforçar o time. Aliás, da melhor equipe dos subúrbios, o tri-campeão da Liga Suburbana, o Engenho de Dentro A. C.. Esta foi uma das equipes responsáveis pela transformação do futebol carioca no final da década de 1910. O Cattete inscreveu a metade dos jogadores do Engenho de Dentro que havia sobrado. A outra metade já havia sido levada pelo Vasco.

---

⁴⁴⁷ *O Imparcial*, 9 de janeiro de 1920.

⁴⁴⁸ *O Imparcial*, 10 de janeiro de 1919.

⁴⁴⁹ LOBO. E. M. L. op.cit. (1978). p. 667.

3.3 O início da Revolução Vascaína

E depois digam que a Suburbana não é o celeiro da Metropolitana.
O Imparcial, 22 de março de 1919

O Engenho de Dentro foi uma das equipes mais significativas para o futebol dos subúrbios do Rio de Janeiro. Desde 1916 aplicava a fórmula de conseguir bons jogadores de outros times para colocar em sua equipe. Não se sabe como o Engenho de Dentro conseguiu montar a equipe que ganhou os campeonatos da Suburbana de 1916, 1917 e 1918. Mas o clube, como a maioria das agremiações suburbanas, participava de muitos festivais de futebol. Acredita-se que esses festivais tenham sido a grande fonte de renda para os clubes suburbanos. É raríssimo se encontrar alguma referência às rendas desses pequenos festivais de futebol. Como já foi visto anteriormente, esse tipo de competição atraía bom público, que pagava um ingresso para ver três ou quatro jogos. Muitas vezes eram organizados combinados de jogadores de vários clubes diferentes para jogos cujos ingressos eram facilmente vendidos devido à qualidade dos jogadores. Estes, por sua vez, recebiam parte da renda de bilheteria, o que muitas vezes era mais do que a média do salário que se pagava na época. Em 1920, o Festival do Sport Club Civil conseguiu 1:617\$500 com a venda de ingressos e teve uma despesa de 585\$000, obtendo um lucro de mais de 1 conto de réis.⁴⁵⁰ Na leitura dos periódicos da época que davam maior atenção à prática de futebol, pode-se notar um número enorme de festivais de futebol entre os anos finais da década de 1910 e o final da década de 1930.

Em um desses festivais, em janeiro de 1919, o Engenho de Dentro conseguiu convidar duas equipes da Liga Metropolitana para fazer frente à sua equipe. Os convidados foram o Americano F. C. e o Esperança F. C., da 2ª Divisão da LMDT. O Artigo 58 dos Estatutos da Metropolitana apontava como um dos deveres do clube “não permitir que jogadores seus associados tomem parte em jogos de ligas não confederadas á Confederação Brasileira de Desportos ou de clubs avulsos”.⁴⁵¹ Além disso, o Artigo 7 do Código de Football afirmava que “clubs e jogadores não podem tomar parte em

---

⁴⁵⁰ *O Imparcial*, 14 de novembro de 1920.

⁴⁵¹ Estatutos Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. *Diario Official da União*, 20 de dezembro de 1917. p. 13577.

jogos cujo producto não se destine a clubs filiados, instituições ou obras de beneficencia reconhecidas pela LMDT ou associações congeneres”.⁴⁵²

Os clubes foram denunciados pelo Palmeiras A.C. em uma reunião da Liga Metropolitana, e cada um deles acabou recebendo uma multa de 50\$000, apesar dos dirigentes afirmarem que os jogadores haviam participado do festival sem o conhecimento de suas respectivas diretorias. Como vimos acima, não era muito difícil se conseguir um lucro de 1:000\$000 em festivais com times de futebol. Um festival do tri-campeão do subúrbio contra dois times da principal liga da cidade deveria atrair um bom público pagante e deveria até valer a pena levar uma multa de apenas 50\$000.⁴⁵³ O cronista Marcio Vidal, da revista *Vida Sportiva*, tinha uma visão interessante sobre a participação dos clubes nesses tipos de festivais. Aliás, defendeu posições parecidas, a que chamava de “liberaes”, em outras ocasiões, apesar da revista ser veementemente contra o profissionalismo dos jogadores: “[...] As leis para serem postas devem ser equitativas e liberaes e nunca perturbadoras da liberdade individual quando para isso, não haja necessidade absoluta”.⁴⁵⁴

Dessa maneira, equipes de menor porte iam conseguindo sobreviver, e o futebol suburbano ganhava espaço em alguns jornais, com destaque para o jornal *O Imparcial*. Além deste, *A Gazeta Suburbana* era poderosa defensora do futebol dos “pequenos clubes” do Rio de Janeiro. Em seus artigos tentava apontar para a importância dos campeonatos jogados pelos clubes dos subúrbios:

A SUBURBANA É NO FUTURO CAMPEONATO O CELEIRO DA METROPOLITANA.

Para os sportsmen que entendem que a entidade suburbana não preenche os fins progressivos do desenvolvimento sportivo da nossa terra, como de quando em vez se propala nas rodas desportivas, levamos ao conhecimento daquelles que de facto se interessam pelo progresso do football, o escandaloso caso de suborno, de vantajosas promessas de bons empregos, de gordas gorjetas que estão sendo postas em prática aos jogadores da Suburbana para se filiarem aos diversos clubes das três divisões da Metro.

Já sobe a número superior de 20 players que se transfiriram com malas e bagagem para a entidade da Rua Buenos Aires.

E depois digam que a Suburbana não é o celeiro da Metropolitana.⁴⁵⁵

A palavra celeiro ficou muito conhecida no meio do futebol, que significava, e ainda significa, local onde se “produzem” bons jogadores. De maneira lenta, ano após ano,

---

⁴⁵² Código do Football da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres. *Diario Official da União*, 20 de dezembro de 1917. p 13579.

⁴⁵³ *O Imparcial*, 24 de janeiro de 1919.

⁴⁵⁴ *Vida Sportiva*, 25 de janeiro de 1919.

⁴⁵⁵ *O Imparcial*, 22 de março de 1919.

jogadores de equipes consideradas pequenas, de ligas menores, iam aparecendo nos clubes da Liga Metropolitana. Os times de fábrica como o Carioca, o Bangu e o Andarahy já colocavam jogadores oriundos das ligas suburbanas em seus times de futebol; era, no entanto, mais difícil um grande clube ter este tipo de postura. Era costume, nos jornais da época, pequenas crônicas que abordavam os boatos e as fofocas do futebol. Em *O Imparcial*, era o cronista *Perigoso* o principal responsável por tais notas. A *Gazeta Suburbana*, também, possuía a coluna “Dizem...”, onde se encontram pistas interessantes sobre o futebol suburbano: “DIZEM... Que só tem bom jogo na Liga Suburbana, pois, entre o pessoal da Metro, não anda...”.⁴⁵⁶

O jornal fazia eco ao movimento de contratações dos últimos dias, com vários representantes de equipes da Metropolitana assediando jogadores dos subúrbios. Em abril de 1919, houve um festival em homenagem à Liga Suburbana em que se defrontaram as equipes do Engenho de Dentro, campeão de 1918, contra um *scratch* dos melhores jogadores do campeonato da Liga da temporada. A equipe do Engenho de Dentro era muito forte e contava com jogadores experientes, com passagens por equipes da 1ª Divisão da LMDT, como Sebastião Pinheiro (conhecido como simplesmente Villa), que jogou pelo primeiro *team* do São Christovão e America. Villa era um jogador tão importante que a Liga Suburbana, em ofício à entidade que comandava o selecionado nacional,⁴⁵⁷ anunciava que “convencida de possuir o mais perfeito center-half do Brasil, põe à disposição da CBD esse valoroso *player* que se chama Sebastião Pereira (Villa) para figurar no quadro representativo do Brasil”.⁴⁵⁸

O Engenho de Dentro, que havia tentado filiação à LMDT no início do ano,⁴⁵⁹ figurou com a sua equipe para o festival com o ídolo Néelson da Conceição, conhecido como *Chauffer*, na posição de goleiro. Os dois *backs* eram Mascate e Gonçalo. No meio de campo figuravam Quintanilha, Villa e Miguel. No ataque os cinco jogadores que completavam a equipe: Pederneiras, Merly I, Esquerdinha, Sebastião e Merly II. Já o *scratch* da Liga Suburbana contava com jogadores de equipes como o Confiança, o Cascadura, o Dois de Junho e a forte equipe do Mavilles, ligada à fábrica de mesmo nome e com forte poder de atração de bons jogadores devido aos empregos que podia oferecer. O defesa Lamego e o atacante Leão, que já havia defendido Bangu e Andarahy, e que defendiam o time da Fábrica Mavilles, eram os destaques da equipe.

---

⁴⁵⁶ *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919.

⁴⁵⁷ O ofício foi publicado em *O Imparcial* a 17 de abril de 1919.

⁴⁵⁸ *O Imparcial*, 12 de abril de 1919.

⁴⁵⁹ *O Imparcial*, 22 de janeiro de 1919.

Jogando nos subúrbios, os jogadores de alto nível despertavam a atenção dos clubes da Metropolitana, frequentemente atraindo ofertas para mudança de clube. A vantagem de se trazer um jogador suburbano, era que ele não pertencia a nenhum clube filiado à LMDT e, portanto, não havia que esperar o período de um ano sem jogar, imposto pela famosa “Lei do Estágio”. Algumas vezes, a Liga Metropolitana negava o registro de jogadores, mas logo advogados tentavam a liberação dos mesmos, apoiados nos Estatutos e no Código de Football. Por isso o cronista de *A Gazeta Suburbana* colocava: “DIZEM... que o sr. Almeida Marques [diretor da Liga Suburbana] vae nomear uma comissão para apreender os ‘caçadores de players suburbanos’”.⁴⁶⁰

As “borboletas” passaram a “voar” com cada vez mais intensidade. A equipe do Engenho de Dentro, a grande campeã da principal liga suburbana, foi praticamente desmontada durante o ano de 1919. O Vasco da Gama, uma equipe da 2ª Divisão da LMDT, mas que contava com donos de grandes, médias e pequenas casas de comércio na sua direção, levou quatro dos seus melhores jogadores. Estes homens estavam dispostos a fazer da sua equipe o símbolo do sucesso de toda uma enorme colônia na cidade.

Vasco da Gama: o scratch da suburbana

DIZEM... que o Vasco pretende comprar o Engenho de Dentro.
Gazeta Suburbana, 5 de abril de 1919

A diretoria do Vasco da Gama, sob a presidência de Francisco Marques da Silva, resolveu mudar a lógica do futebol até aquele momento. Sem se importar com a cor da pele ou com a condição social dos jogadores do seu primeiro quadro, e nem com seus dotes comprovados em grandes jogos, o Vasco contratou, de uma vez, seis jogadores dos dois melhores times dos subúrbios cariocas. O clube buscou o que se chama no futebol, a “espinha dorsal” do tricampeão suburbano. Nelson, o *Chauffer*, negro, foi para o gol vascaíno. Para o meio de campo, o Vasco contratou o capitão do Engenho de Dentro, Alberto Quintanilha. E, para o ataque, o veterano Aquiles Pederneiras e Aristides Baptista, o Esquerdinha. Os dois melhores jogadores do time da Fábrica Mavilles foram contratados: o defensor Lamego e o atacante Leão. Ambos, grandes destaques do *scratch* da Liga Suburbana, também passaram a defender o Vasco no ano de 1919.

---

⁴⁶⁰ *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919.

No primeiro torneio da cidade, o *Torneio Initium*, uma espécie de apresentação para a temporada, jogado no campo do Botafogo por todas as equipas da 2ª Divisão da LMDT, o Vasco surpreendeu. O time base de 1918 sofreu várias alterações. Os goleiros Odorico, Wiggand, Lulu e Casemiro que se alternaram na posição em 1918 foram substituídos por Nelson. Na defesa, Carlos Cruz se manteve, mas ganhou a companhia de Lamego, no lugar de Fernando. O meio de campo sofreu duas alterações e apenas Palhares conseguiu se manter de uma temporada para a outra. Entrava em cena o meio de campo do Engenho de Dentro com Arnaldo Quintanilha no lugar de Dino e com Ferramenta estreando na posição de Godoy. No ataque, mais substituições com a entrada de Pederneiras e Esquerdinha. O Vasco foi chamado pela imprensa de “scratch da Liga Suburbana”.⁴⁶¹ O cronista do jornal suburbano não podia acreditar na notícia que ele mesmo dava:

OS QUE DESERTAM...

No torneio Initium promovido há dias pelo glorioso e intrépido Palmeiras, tomou parte o Vasco da Gama, apresentando em seu *team* vários elementos do Engenho de Dentro. Dentre eles, vimos Nelson (Chauffer), Pederneiras e Quintanilha.

Mas será mesmo possível que esses players abandonem seu glorioso club para jogar por um club estranho a eles, como é o Vasco?

Não queremos crêr, mas... em todo caso... esperemos os acontecimentos.⁴⁶²

A edição desse dia do jornal semanal suburbano se dedicou bastante ao assunto dos jogadores do Engenho de Dentro. Numa seção chamada “Pelo sem fio”, uma espécie de diálogos em telegramas imaginários, Mascate, jogador que havia permanecido no Engenho de Dentro dialoga com alguns jogadores que haviam saído do clube para o Vasco:

PELO SEM FIO...

Informações de toda parte

Quintanilha,

Isso não é sério, isso não se faz. Has de ter remorso e então quando voltares... a porta está fechada! [assinado] Mascate.

Mascate,

Não continuo jogando no teu team por que agora vou ser profissional. [assinado] Quintanilha.

Mascate,

Queres jogar pelo Vasco? Se quizeres escreva-me para a sede do club, faço a tua inscrição, virás a todos os treinos, terás emprego, medalha de ouro e serás campeão no proximo campeonato. [assinado] Pederneiras.

Chauffer [Nelson da Conceição],

⁴⁶¹ *O Imparcial*, 22 de março de 1919.

⁴⁶² *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919.

Toma cuidado, roda. Teu pneumático esquerdo está furado e o volante não gira... [assinado] Mascate.

Ainda, nesse mesmo dia, um leitor do jornal acusava Pederneiras de ser diretor do Vasco e de não se envergonhar de “seduzir os *players*” do Engenho de Dentro “promettendo naturalmente o que não tem competência para dar, e, embora tenha, não deixa por isso de ser evidente o seu papel”. Ou seja, o atleta do Engenho de Dentro era responsável pelas “cavações” do Vasco. Assinada por “leitor M. P. A.”, a carta acusatória pedia medidas urgentes à diretoria do Engenho de Dentro para que Pederneiras não carregasse “todos para o Vasco”. Nos números seguintes do jornal, aparece um valor que poderia ser o valor a ser rateado entre os jogadores que Pederneiras levasse para o Vasco. Na semana seguinte, em diálogo fictício, Gonçalo, jogador da defesa do Engenho de Dentro falava “PELO SEM FIO...” com Chauffer, Esquerdinha, Pederneiras e Quintanilha: “10:000\$ é dinheiro pr’a burro, se arranjares para mim irei também”.⁴⁶³ Os valores citados pelo jornal suburbano em relação ao que se poderia pagar aos jogadores são altíssimos e impossíveis de serem confirmados. Mas vale a pena citar o diálogo de Marques (supostamente representante do America), com o jogador Queiroz, do clube suburbano Fidalgo FC, também na seção “PELO SEM FIO...”: “Queiroz, qual é a vantagem que te ofereceu o Fidalgo? Um conto [1:000\$000] por mez? Vem para o America que te daremos dois contos...”.⁴⁶⁴

Dois contos é um valor que aparece novamente em novo diálogo entre jogadores do subúrbio. Um deles era Chiquinho, jogador do Andarahy, da LMDT. O outro era Esquerdinha, recém contratado pelo Vasco e eleito pelos leitores do jornal como o melhor jogador do subúrbio.⁴⁶⁵ Chiquinho, que era constantemente ridicularizado em *O Imparcial*, teve mais uma vez seu português incorreto reproduzido no jornal suburbano:

Esquerdinha,
Então vancê se vendeu pro dois conto di réis, quá num credito. [assinado]
Chiquinho.⁴⁶⁶

Chiquinho,
A caboco, tu num imagina, como tô alegre, arranjei uma morena da cô di jabuticaba que é memo um primô. [assinado] Esquerdinha.⁴⁶⁷

⁴⁶³ *Gazeta Suburbana*, 12 de abril de 1919.

⁴⁶⁴ *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919.

⁴⁶⁵ Esquerdinha teve 75 votos contra 68 do segundo colocado, Mathias, do Mackenzie. *Gazeta Suburbana*, 31 de maio de 1919.

⁴⁶⁶ *Gazeta Suburbana*, 26 de abril de 1919.

⁴⁶⁷ *Gazeta Suburbana*, 3 de maio de 1919.

Os proletários da bola

A discussão estava posta e não era mais em relação só aos “vôos” das “borboletas”, mas a quanto os atletas estavam recebendo por mês, para trabalharem como jogadores de futebol. Não havia necessidade de se matar de trabalhar em uma fábrica, para ganhar muito menos que um jogador de futebol, que ainda por cima aparecia nos jornais e frequentava meios sociais nunca antes imaginados. O jogador de futebol se convertia em um verdadeiro trabalhador urbano. Com a popularização dos esportes e, principalmente, com o fenômeno futebol, jogadores oriundos das camadas menos abastadas se mostravam bons jogadores em clubes menores e passavam a ser de interesse das grandes empresas do futebol, aquelas agremiações com potencial para lotar estádios e ter rendimentos anuais na casa das centenas de milhares de contos de réis. Aliás, esse novo trabalhador urbano encaixa-se bem no modelo de trabalhador das cidades do início do século XX, como permite perceber Boris Fausto ao se referir às condições gerais nas grandes empresas:

“Sobre o trabalhador recai não só a forma absoluta de extração do excedente como a contínua insegurança. Em regra, nada impede a despedida imediata após longos anos de serviço, os frequentes acidentes não são indenizados, inexistente a previdência social”.⁴⁶⁸ Não difere em quase nada a situação dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro no período em questão, principalmente após a entrada do Vasco e sua nova lógica de inclusão de jogadores suburbanos. Os jogadores ganhavam um pedaço muito pequeno das rendas adquiridas com a venda de ingressos, configurando uma exploração enorme de seu trabalho produzido por este trabalhador. Quando contundidos de forma grave, que os impedisse de continuar sua breve carreira, os jogadores praticamente não tinham assistência dos clubes, como aconteceu a vários atletas. A venda de ingressos para jogos era determinante para a existência de jogadores profissionais de futebol.

A transformação do futebol numa grande indústria do entretenimento estava intimamente ligada ao processo de urbanização, especialização do trabalho e diversificação das atividades de lazer. A própria vida em cidade transformou os hábitos da cultura popular em eventos fechados para grandes públicos, que para poderem acompanhá-los deveriam pagar ingressos. Para a obtenção de espetáculos de qualidade para um público cada vez mais exigente, era necessária a formação de um trabalhador especializado na produção de espetáculos. Essa necessidade foi paulatinamente

---

⁴⁶⁸ FAUSTO, B. op. cit., p. 105.

transformando os responsáveis pela produção de entretenimentos regulares em trabalhadores pagos especificamente para exercerem esse ofício. Isso aconteceu com artistas de teatro, sambistas e jogadores de futebol, cada um a seu tempo e com as suas especificidades, tendo o processo ocorrido com os sambistas num período muito próximo ao dos jogadores profissionais.⁴⁶⁹

O entretenimento do futebol passou a ser organizado por empresários com os objetivos da obtenção de lucros e de vitórias, uma situação levando à outra e vice-versa. Para os jogadores, era necessário o desenvolvimento cada vez maior do espetáculo, de maneira a se criar times de futebol suficientes para gerar empregos e rendas para um número cada vez maior de jogadores. Havia três maneiras de um indivíduo se sustentar através da prática do futebol. A primeira, arranjando um bom emprego em algum lugar por conta do futebol. Esses jogadores tinham regalias no trabalho e se dedicavam mais ao futebol do que às suas colocações profissionais. Havia ainda uma segunda possibilidade, com a obtenção de prêmios pagos em dinheiro e disfarçados de ajudas de custo e de transporte. A terceira maneira dava-se através do próprio pagamento direto pela dedicação à prática de futebol para um clube exclusivamente. Esse foi o modelo escolhido pelos dirigentes do Vasco, colocando-o em prática de maneira sistemática com a maioria dos seus jogadores.

Como exemplo típico de uma das primeiras formas de profissionalização dos jogadores, além de alguns exemplos citados anteriormente, há a coluna da *Gazeta Suburbana*, em diálogo de dois jogadores pela seção “SEM FIO...”: “Bororó, como é pessoa do Centrã vão me arranjá o lugá de Guarda-Freio da Centrã ou não? Eu só jogo no Centrã se tivé lugá na Centrã!... [assinado] Chiquinho”.⁴⁷⁰

Chiquinho, jogador do Andarahy, estaria tentando “cavar” um lugar no time do Central, ligado à Estrada de Ferro Central do Brasil, mostrando que só jogaria pelo clube se lhe fosse arranjado um lugar de guarda-freio. Dois anos mais tarde, o mesmo jogador conseguiu um emprego na Fábrica Santa Helena, em Petrópolis, e jogou a temporada de 1921 pela equipe do Cruzeiro da cidade. Essa prática não terminou, mesmo com o advento do profissionalismo, e se tornou um dos grandes propulsores da profissionalização efetiva do jogo.

---

⁴⁶⁹ Para um estudo mais aprofundado dos aspectos da profissionalização e disseminação do samba no Brasil ver: VIANNA, Hermano. *O mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ, 2004.

⁴⁷⁰ *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919.

A segunda maneira de se ganhar dinheiro com o futebol era mediante o recebimento de prêmios por jogo e ajudas de custo para os jogos. É possível perceber essa grande movimentação de despesas nos relatórios dos clubes. Mais uma vez, os relatórios do Fluminense são de extrema importância para análise. No documento que registra os acontecimentos do ano de 1923, o tesoureiro demonstra todas as despesas com o departamento de futebol, num ano em que a arrecadação com a venda de ingressos para seus jogos foi a maior de sua história. As despesas foram assim colocadas:

Material: 11:985\$380
Inscrições: 721\$000
Dormitório e refeitório: 4:179\$300
Concertos de roupas e shooteiras: 843\$100
Automoveis, passagens e transporte: 5: 036\$400
Reforma e conserva do campo: 6:293\$500
Despesas diversas: 5:944\$980
Despesas de jogos:
Bilheteiros e porteiros: 2:388\$600
Imposto de diversões: 9:034\$070
Liga Metropolitana: 8:212\$900
Gratificações: 70\$000⁴⁷¹

As despesas com automóveis, passagens e transportes, da ordem de 5:036\$400, num campeonato em que o Fluminense jogou catorze partidas, sendo sete em seu próprio estádio e sendo Bangu seu maior deslocamento, são um pouco exageradas. Para se ter uma idéia, a Confederação Brasileira de Desportos gastou pouco mais que o valor gasto pelo Fluminense com transportes, para trazer os jogadores do Gremio Sportivo Brazil da cidade de Pelotas, campeão do Rio Grande do Sul, até o Rio de Janeiro, passando e parando em São Paulo, para jogar o primeiro Campeonato Brasileiro de Clubes. A CBD gastou exatos 6:080\$000⁴⁷² pelas passagens de ida e volta dos gaúchos, que perderam os dois jogos para o Paulistano, campeão paulista, e para o Fluminense, campeão carioca.

Além das despesas com automóveis, também chamam a atenção as despesas diversas, em que foram gastos 5:944\$980, valor alto, uma vez que praticamente todos os itens que poderiam gerar despesas já haviam sido discriminados como gastos com material esportivo, concertos de uniformes e chuteiras, reformas do campo, impostos da Liga Metropolitana e da Prefeitura, gastos com porteiros e até mesmo gratificações. Para deixar claro que os jogadores praticamente não gastavam quando estavam à disposição do clube, uma alta conta de “dormitório e refeitório” mostra toda a estrutura

---

⁴⁷¹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923.* Rio de Janeiro: Tip. Papellaria Luis Macedo e Cia., 1924.

⁴⁷² Relatório de Finanças da CBD, publicado em *O Imparcial*, 28 de abril de 1920.

que o Fluminense vinha colocando à disposição de seus atletas de futebol. O gasto com as refeições era alto, 4:179\$300, uma vez que um restaurante do Rio de Janeiro anunciava refeições a 1\$500,⁴⁷³ fazendo com que o valor dispendido fosse suficiente para comprar um total de 2.786 refeições, o que corresponde a dar uma refeição por dia para sete jogadores do Fluminense durante os 365 dias do ano. Obviamente as contas não são exatas, e nem o Fluminense gastava todo o valor só em refeições, mas o clube fez apenas 14 partidas durante o ano e os gastos com cada jogador são bastante altos. O campeonato geralmente tinha início em maio e acabava em dezembro, ou seja, tinha oito meses de duração e o clube gastava com refeições e dormitório aproximadamente 522\$412 por mês com os cerca de 15 jogadores do primeiro time, ou 34\$827 por jogador por mês, para que o mesmo jogasse duas, no máximo três, partidas durante esse período. Fazendo o mesmo cálculo para os gastos com transportes, cada jogador custou ao clube 49\$541, já que durante os oito meses do campeonato o clube gastou 743\$122 em transporte de jogadores. Porém, as despesas gerais foram de 5:944\$980, um valor extremamente alto e não há como saber a que se destinavam. Era provavelmente dessas despesas que saíam a maioria dos prêmios dados aos jogadores.

A terceira maneira de o jogador ganhar dinheiro com o futebol era exigindo dos clubes pagamentos para a dedicação exclusiva a esta atividade, fazendo com que o atleta pudesse ter o máximo de rendimento no dia dos jogos, ou seja, a efetiva profissionalização do jogador. A transformação de um entretenimento popular num espetáculo proporcionado para grandes audiências fazia com que lentamente o futebol fosse se tornando parte integrante e cada vez maior da “indústria do entretenimento”. O futebol foi se tomando ares de uma grande empresa, e os dirigentes dos clubes passavam a tentar administrá-lo como tal. Para que o espetáculo atraísse cada vez mais espectadores, eram necessários mais investimentos nos estádios e nas equipes.

O espectador ou torcedor de futebol é um consumidor diferente de todos os outros da indústria do entretenimento. Dificilmente um fã de cinema se desloca semanalmente aos cinemas para ver um filme de um diretor ou ator específico. Nem os apaixonados por música vão a todos os shows de seus cantores preferidos, a não ser os mais fanáticos, em número pequeno. Já os torcedores de futebol, independentemente do período em que analisamos, acompanham seus times pelo mundo afora, semanalmente. As médias de público dos times principais da Inglaterra superavam os trinta mil

---

⁴⁷³ Refeição no anúncio “O grande campeão – RESTAURANTE ALEXANDRE - Rua 7 de setembro, 174”. Uma refeição: 1\$500; 60 coupons: 70\$000. *O Imparcial*, 4 de maio de 1923.

espectadores. O crescimento do futebol pelas principais cidades do país era notório, e a necessidade de se incrementar o espetáculo era cada vez maior. Para a produção de um belo *show*, a equipe tem que ter bons jogadores e tem que formar um bom conjunto, coisas bastante diferentes.

Mas a indústria do futebol, aquela dirigida pelos grandes clubes, precisava de mais jogadores de qualidade, e esgotavam-se as possibilidades de renovação dos times apenas com *footballers* da elite. Era necessário que algum clube poderoso economicamente tivesse coragem de dar um passo definitivo na transformação do futebol. Para a formação de uma equipe são necessários mais de vinte jogadores com algum conhecimento daquela prática esportiva. O que os dirigentes vascaínos fizeram, capitaneados por Raul e Antonio da Silva Campos, foi absorver o material disponível, sem distinção social ou racial, para a formação de sua equipe ainda na 2ª Divisão. O importante era ter os melhores jogadores da cidade para conseguir cumprir a primeira etapa na construção de um grande time de futebol.

Todos queriam os jogadores do Engenho de Dentro

O processo pelo qual o Engenho de Dentro estava passando era inevitável, uma vez que o futebol se inseria de vez na esfera do capitalismo. Uma das tendências do futebol, assim como da sociedade capitalista, é uma separação cada vez mais nítida entre ricos e pobres, aumentando sobremaneira as diferenças. Até mesmo os clubes menores da LMDT chegavam a ter prejuízos sócio-econômicos enormes em seus jogos, como no amistoso entre o Ypiranga, da 3ª Divisão da Liga Metropolitana, contra o Ramos F.C., da Liga Suburbana. A renda do jogo foi de apenas 34\$000 e as despesas para a realização do mesmo foram de 160\$300, gerando um prejuízo de 126\$300, ao que o cronista de *O Imparcial* reagiu, exclamando: “Imaginem os leitores se tal se verificasse com certos clubes da 1ª Divisão. Era uma vez o tal poderio dos mesmos!”.⁴⁷⁴

O cronista faz notar que o poderio dos clubes da 1ª Divisão reside no fato de os mesmos conseguirem boas arrecadações com as bilheterias. E o Engenho de Dentro, apesar de uma agremiação forte do subúrbio, não poderia concorrer com o dinheiro dos clubes grandes, que podiam jogar em estádios maiores e ter assim arrecadações muito superiores às dos clubes mais modestos. Apesar do Vasco da Gama ainda não ser um

---

⁴⁷⁴ *O Imparcial*, 16 de outubro de 1920.

grande clube de futebol, era poderoso no remo e era dirigido por elementos abastados da colônia portuguesa no Rio.

O melhor time de futebol do subúrbio do Rio de Janeiro estava a ponto de perder seus jogadores. O clube começou a tomar medidas desesperadas na intenção de viabilizar economicamente a manutenção dos *cracks* suburbanos. Os seus jogadores treinavam no Vasco, começaram a jogar o campeonato da LMDT pelo clube da Cruz de Malta e enfraqueceram o Engenho de Dentro. Este se desligou da Liga Suburbana e tentou fazer uma fusão com uma equipe da 2ª Divisão da LMDT, o Cattete F.C.. Mas o Artigo 97 dos Estatutos da LMDT era muito claro quanto às fusões entre clubes: “Nenhum club filiado poderá fazer fusão com club não filiado à Liga”.⁴⁷⁵ Além das disposições contrárias da Liga Metropolitana, os dirigentes dos dois clubes não esperavam a reação de seus jogadores quando foram incluídos na equipe, de uma hora para outra, quatro jogadores do Engenho de Dentro: Sebastião Pinheiro, o Villa, os irmãos Merly, além de Nicomedes Conceição, o Torterolli. O campeonato da 2ª Divisão já estava a meio, e o Cattete pensava em fazer frente ao poderoso time do Vasco da Gama, contando com os outros jogadores do Engenho de Dentro. Da equipe titular do Engenho de Dentro, só sobrava o defensor Mascate, pois até Gonçalo acabou tentando sua transferência para o America.⁴⁷⁶ A maioria dos jogadores que já estavam no Cattete simplesmente abandonou a equipe, e enquanto a LMDT não resolvia se aceitava ou não a inscrição dos jogadores, o Cattete não se apresentou em duas partidas, uma contra o Palmeiras e outra contra o Brazil S.C.. Não eram só os jogadores do Cattete que estavam revoltados com a fusão dos dois times.

Os clubes da Liga também mostraram seu descontentamento, principalmente o Flamengo, o clube que alugava seu campo para o Cattete. Da primeira vez desmarcou o campo para o jogo contra o Vasco da Gama, jogo que vinha sendo muito comentado na imprensa por reunir as duas equipes que tinham adquirido os jogadores do Engenho de Dentro. Raul Loureiro, cronista feroz de *O Imparcial*, concluiu em sua coluna “*Dribblando*”: “O Engenho de Dentro, domingo próximo vai jogar contra elle mesmo!... É que uma metade de seus players está fazendo parte do Vasco da Gama e a outra do Cattete”.⁴⁷⁷

---

⁴⁷⁵ Estatutos da Liga Metropolitana de Desportos terrestres. Publicado no Diário Official em 20 de dezembro de 1917. p13.678.

⁴⁷⁶ *O Imparcial*, 14 de junho de 1919.

⁴⁷⁷ *O Imparcial*, 3 de outubro de 1919.

Em outra ocasião, o Flamengo sequer avisou o Cattete que seu campo seria usado. Quando o time do Cattete chegou para mandar o seu jogo contra o S.C. Brasil, que já havia sido adiado por falta de jogadores, encontrou o campo ocupado. Algum desavisado deve ter dado a idéia de pedirem para os jogadores desocuparem o campo, afinal de contas era um jogo da Liga Metropolitana. Mas o campo fora reservado para a disputa da Taça Flamengo, entre a seleção da Marinha contra a seleção do Exército, com mais de dez mil membros dessas forças armadas na assistência e um ilustre torcedor na tribuna de honra, que não perdia os jogos de futebol mais interessantes da Capital: o presidente da República, Epiácio Pessoa.⁴⁷⁸ Não havia como retirá-los do campo. Assim, o Cattete foi obrigado a entregar os pontos de uma partida pela segunda vez e acabou sendo eliminado da competição e relegado ao último lugar, tendo que disputar a eliminatória com o campeão da 3ª Divisão da LMDT. Após esse episódio, vários diretores, assim como o presidente do Cattete se demitiram em bloco. Porém, nem todos foram contra a fusão dos dois clubes. Já haviam acontecido fusões de clubes, como a do clube da Associação dos Antigos Alunos Salesianos, o River Football Club⁴⁷⁹ com a Associação Athletica São Bento, formando a Associação Athletica River São Bento. Ou como a fusão do Sport Club Brasileiro com o suburbano Royal Football Club, da estação da Piedade,⁴⁸⁰ formando o Metropolitano Athletic Club. O cronista anônimo de *Vida Sportiva* achava “absurdo porque não se póde admittir que a Liga intervenha dessa forma na economia interna de seus filiados, cerceando-lhes um direito que lhes assiste [...]. É um verdadeiro attentado á liberdade de acção”.⁴⁸¹ Mas a defesa pela liberdade dos clubes foi praticamente isolada e no dia 17 de novembro de 1919, o clube se desligou da Liga Metropolitana.

Uma vez que o Cattete se desligou da LMDT, deixava livres os jogadores de seu time, inclusive para disputarem o final da temporada. O Carioca, time da 1ª Divisão, andava mal das pernas quando o Cattete saiu da Liga. A equipe já tinha feito 14 de seus 18 jogos e havia feito apenas 5 pontos. Precisava desesperadamente de vitórias nos últimos jogos para escapar da eliminatória e da possibilidade de cair para a 2ª Divisão, uma tragédia em termos econômicos, pois deixava de lucrar com as rendas proporcionadas pelos grandes clubes. A solução foi absorver quatro jogadores do Cattete, sendo os dois mais cobiçados ex-atletas do Engenho de Dentro: Villa e

---

⁴⁷⁸ *O Imparcial*, 25 de outubro e 11 de novembro de 1919.

⁴⁷⁹ Arquivo Nacional, caixa 6C-479.

⁴⁸⁰ Arquivo Nacional, caixa IJ6-655.

⁴⁸¹ *Vida Sportiva*, 30 de agosto de 1919.

Torterolli, além de Mario e Ary. Villa e Torterolli defendiam a terceira equipe no ano de 1919, por três campeonatos diferentes. Primeiro, jogaram pela 1ª Divisão da Liga Suburbana, depois pela 2ª Divisão da Liga Metropolitana e depois pela 1ª Divisão desta mesma liga. Mas os reforços não foram suficientes. Torterolli só jogou uma partida. Villa e Torres jogaram duas. E Ary jogou apenas uma das quatro partidas finais do campeonato. O Carioca perdeu todos os jogos e acabou em último lugar, tendo que disputar a eliminatória contra o Palmeiras, campeão da 2ª Divisão.⁴⁸²

O potencial vascaíno

O Vasco da Gama, apesar do favoritismo, não conseguiu se sagrar vencedor da 2ª Divisão. Durante o ano, o Vasco teve impugnada a inscrição de vários jogadores, entre eles Esquerdinha e Quintanilha. Com a regularização de todos os jogadores, a equipe do Vasco começou a ser considerada como a mais poderosa daquela divisão. No entanto, na parte final do campeonato, a equipe perdeu jogos importantes e aparentemente fáceis. Quando o Vasco era o primeiro colocado, perdeu um jogo para uma das equipes mais fracas da competição. O resultado não foi o esperado para os vascaínos:

O Progresso logra vencer o Vasco da Gama

Na praça de sports da rua Paysandu, encontraram-se hontem, em disputa do torneio da 2ª Divisão, os quadros do Progresso e do Vasco da Gama. Pella colocação dos dois antagonistas, esperava-se um outro resultado nessa peleja, o que se não deu com a victoria, justa, merecida e brilhante do team do Progresso. Pelo estado do team poderoso que todos nos conhecemos, no Vasco, contava-se a victória deste contra, o seu relativamente fácil adversário e dahi, talvez o descaso dos jogadores vascaínos. Os nossos footballers ainda não se aperceberam de que não existe (pelo menos é o que se tem verificado este anno) adversário fraco. O football é na maior parte das vezes a antitheses da logica e dahi, despreocuparem-se os fortes, dos jogos que tem a disputar com os fracos. Esses comentários, longe de desmerecer o team do Progresso só podem encher de satisfação, pois um team incontestavelmente mais fraco, que logra derrubar o leader da tabela, só pode fazer com orgulho de tamanho igual ao da victória que obtém, e dahi os nossos francos elogios pela brilhante victória do team da Piedade sobre o poderoso e leal adversário Cruz de Malta.⁴⁸³

Uma semana depois, o Vasco, ainda líder, enfrentava o segundo colocado, o Americano, perdendo por 2 a 0 e complicando sua situação:

“Com esta victória, fica o Americano leader da tabela, com maior probabilidade para o titulo supremo do torneio”.⁴⁸⁴ O Vasco ainda perderia para o Palmeiras por 4 a 2,

⁴⁸² *O Imparcial e Correio da Manhã*, de 13 a 29 de dezembro de 1919.

⁴⁸³ *Correio da Manhã*, 1 de dezembro de 1919.

⁴⁸⁴ *Correio da Manhã*, 8 de dezembro de 1919.

e para o Mackenzie por 3 a 2. Teve apenas uma vitória nesses últimos 5 jogos: para o penúltimo colocado, o Esperança, por 3 a 2. Assim a equipe “cruzmalina” terminaria o campeonato num modesto 5º lugar. Fracassava o projeto de inserir o Vasco entre os grandes. A experiência que se vinha adquirindo com a constante prática do futebol entre as equipes fez com que os vascaínos continuassem apostando no projeto, de maneira a levar a equipe ao topo do cenário do futebol carioca.

O campeonato da 1ª Divisão de 1919 foi vencido pelo Fluminense, pelo terceiro ano consecutivo, consagrando este clube como o maior do Rio de Janeiro e rivalizando com o Paulistano, de São Paulo, como o maior clube do Brasil. O crescimento do futebol naquele ano pôde ser sentido nas arrecadações dos maiores clubes do Rio de Janeiro, como mostra a tabela abaixo:

Valores dos 10% das rendas arrecadadas pela LMDT sobre o total conseguido pelos clubes com a venda de ingressos, apenas nos jogos em casa, em 1917, 1918 e 1919:⁴⁸⁵

Clube	1917	1918	1919
Fluminense	3:400\$000	3:788\$312	4:824\$888
America	2:594\$375	2:555\$666	1:449\$888
Botafofo	2:286\$444	2:665\$250	2:756\$222
Flamengo	1:342\$000	3:726\$500	3:348\$000
São Christovão	2:194\$714	1:757\$428	2:806\$000
Andarahy	1:079\$333	1:151\$888	746\$222
Bangu	629\$666	332\$625	950\$111
Carioca	401\$900	607\$111	366\$444
Mangureira	491\$833	348\$375	374\$888
Villa Izabel	251\$061	611\$000	705\$333

Analisando o comportamento das receitas com a venda ingressos por parte desses times entre 1917 e 1919, podemos perceber crescimento no Fluminense (41%), Flamengo (153%), Botafogo (22%), São Christovão (27%), Bangu (51%) e Villa Izabel (180%). Enquanto isso, três clubes tiveram decréscimo nas suas rendas. O America teve o maior decréscimo nas arrecadações (44%), seguido por Andarahy (30%), Mangureira (23%) e Carioca (7%). A queda do America pode ser explicada pelas campanhas pífi

⁴⁸⁵ Dados calculados a partir dos Relatórios da LMDT de 1917, 1918 e 1919.

que o clube fez nos anos de 1918 e 1919. Após ser campeão carioca em 1916, o clube viu sua torcida comparecer em peso em seu acanhado estádio da Rua Campos Salles. Em 1917, disputou o título com o Fluminense, e uma inesperada derrota para o Andarahy acabou com o sonho do bicampeonato. No ano seguinte, mesmo com a campanha irregular, a torcida americana manteve as altas médias de arrecadação para ver a sua equipe ficar em quinto lugar, atrás do São Christovão, clube que crescia ano a ano. Já no campeonato de 1919, o America ficou em sexto lugar, numa campanha com seis vitórias, um empate e dez derrotas. Essa campanha deve ter feito o torcedor pensar duas vezes antes de se deslocar e gastar dinheiro para ver o seu time. Além do America, as equipes pequenas tinham contínuos decréscimos em suas arrecadações. É um processo nítido de concentração de renda e de poder nas mãos dos clubes da elite, análogo ao que se passava com a própria sociedade capitalista, em que o futebol já se encontrava totalmente inserido. São times que frequentavam a parte de baixo da tabela e que lutavam para não ficar em último lugar e ter que jogar a eliminatória, correndo risco de cair de divisão. Os clubes pequenos dependiam das arrecadações conseguidas com a venda de ingressos para os jogos com os grandes, e a queda para a 2ª Divisão poderia significar um ano todo no prejuízo.

As rendas da 2ª Divisão eram muito menores que o obtido com os jogos da 1ª Divisão. Embora jogos de pouco apelo da divisão superior tivessem rendas pequenas, as divisões inferiores trabalhavam em um patamar econômico muito inferior. A maior arrecadação da 2ª Divisão de 1918 ocorreu com a venda de ingressos para o jogo do Americano contra o Mackenzie, que gerou 630\$000. Muito maior que a renda do jogo do Mangueira contra o São Christóvão, 38\$000, a pior arrecadação do ano na 1ª Divisão. Mas muito longe dos 15:188\$000 arrecadados no jogo do Flamengo contra o Fluminense, o jogo de maior arrecadação do campeonato da LMDT daquele ano. A Liga Metropolitana somou um total de 678\$000 com a taxa de 10% sobre as rendas com a venda de ingressos para os jogos da 2ª Divisão, enquanto a 1ª rendeu 14:107\$750 aos cofres da LMDT.⁴⁸⁶ Os registros dos relatórios de 1918 anotam apenas 48 partidas da 2ª Divisão, com uma arrecadação total de 6:780\$000, numa média de 141\$250 por partida. Na 1ª Divisão, a média arrecadada com a venda de ingressos por partida era de 1:785\$791, quase 13 vezes a média da divisão inferior.

---

⁴⁸⁶ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30/12/1918 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

No ano de 1919, as diferenças diminuem entre as arrecadações da 1ª e 2ª divisões. A média arrecadada por uma partida da 1ª Divisão foi de 1:853\$393, aumentando pouco em relação ao ano anterior. Já os jogos da 2ª Divisão subiram para 193\$300 por jogo, um aumento de 36% em relação ao ano anterior, mesmo com o Cattete abandonando o campeonato e com rendas de até 2\$000 como a do jogo do Esperança contra o próprio Cattete. Dois eram os times da 2ª Divisão com as arrecadações em alta. Um deles era o Americano, clube influente na Liga Metropolitana. Em 1918, conseguiu arrecadar uma média de 218\$888 por jogo e no ano seguinte 398\$000, tendo um crescimento de 82%. A outra equipe era o Vasco da Gama, que teve média de 220\$857 de receita por jogo em 1918 para, no ano seguinte, pular para 421\$833, num crescimento de mais de 90% da arrecadação com a venda de bilhetes para seus jogos, passando a ser o clube com a maior média de arrecadação por jogo na 2ª Divisão. Era também do Vasco a maior arrecadação do campeonato de 1919, 1:628\$000, justamente contra o Americano.

Se o clube não tinha conseguido o acesso à 1ª Divisão, estava descobrindo o caminho economicamente viável para se formar uma equipe lucrativa e vencedora. Com um time montado às pressas, o clube fez boa campanha, disputou as primeiras colocações até as últimas rodadas e conseguiu ser a maior atração do campeonato de 1919. Com certeza, a vinda de quatro elementos do melhor time dos subúrbios da cidade para o clube da colônia portuguesa foi um grande atrativo, uma novidade no mercado do futebol daquele ano. O clube havia conseguido uma média de arrecadação maior que as obtidas com duas equipes da 1ª Divisão, Carioca e Mangureira, sendo que esses dois clubes contavam com pelo menos quatro jogos com enorme atrativo, contra America, Botafogo, Flamengo e Fluminense. O jogo do Vasco contra o Americano levou mais torcedores do que 50 dos 89 jogos da 1ª Divisão.

O Vasco tinha o exemplo do Palestra Itália, de São Paulo, o time da maior colônia da cidade. O clube rapidamente se tornou um dos mais populares da cidade e do estado, e uma enchente de torcedores lotava o seu estádio, o Parque Antártica, comprado em 1919 por mais de quinhentos contos de réis.⁴⁸⁷ O peso do clube dos italianos nas receitas da APSA era enorme e pode ser visto nas receitas da entidade paulista nos anos de 1918, ano em que o Palestra esteve fora do campeonato,⁴⁸⁸ e no ano

---

⁴⁸⁷ MAZZONI, T. op cit., p. 129.

⁴⁸⁸ No início do campeonato, após o Palestra estar perdendo por 3 a 1 para o Paulistano, quatro jogadores revoltados com a atuação do árbitro abandonaram a partida, deixando a equipe com apenas sete

seguinte, em que voltou a disputar o campeonato principal de São Paulo. No ano em que o Palestra esteve fora, a APSA conseguiu um total de 17:976\$800 com os 10% que cobrava de taxa dos clubes com a venda de ingressos para os jogos do campeonato paulista. No ano seguinte, com a volta do time da colônia italiana, o arrecadado com a taxa subiu para 28:213\$500, um crescimento de 56%. O fanatismo dos torcedores do Palestra Itália era tamanho que situações extremamente inusitadas ocorriam. Um torcedor do interior de São Paulo deu ao seu filho o nome de Palestra Italia. O clube foi convidado para ser o padrinho, e enviou um diretor para representá-lo na cerimônia.⁴⁸⁹

A colônia portuguesa era enorme no Rio de Janeiro e se o Vasco pudesse duelar com os grandes times da capital, facilmente obteria os resultados que os italianos de São Paulo conseguiram. A dificuldade para o Vasco era conseguir elementos, dentro de sua colônia, que jogassem bem o futebol. Vindos em sua maioria de zonas rurais e de um país aonde o futebol ainda não era tão desenvolvido quanto em outros centros europeus mais industrializados, os portugueses se mostraram incapazes de suprir uma equipe de futebol forte. A solução foi fazer um time de bons jogadores, mas os jogadores dos principais clubes da Liga jamais defenderiam o time da colônia portuguesa, tão ridicularizada na Capital Federal. A fórmula de atrair os melhores jogadores suburbanos, de origem humilde e em sua maioria negros e mulatos, e profissionalizá-los começou dando certo na 2ª Divisão. O projeto do Vasco seria agora a chegada à 1ª Divisão e disputar logo no primeiro ano o título daquela temporada.

A queda da Lei do Estágio e a definitiva “Era das borboletas”

Estágio ou prisão: ‘c’est la meme chose’!
O Imparcial, 4 de março de 1919.⁴⁹⁰

A QUEDA DO ESTAGIO (borboletas)
Com a queda da Lei do Estágio, verificada na Assembléia de ante-hontem, vão as secções dos jornaes ficar repletas de notas sobre vôos de conhecidos “borboletas”.
O Imparcial, 18 de março de 1920

A reforma dos Estatutos e do Código de Football levou ao fim a lei que dificultava as transferências entre times da LMDT. A queda da Lei do Estágio não foi só

---

jogadores. Na semana seguinte, o Palestra resolveu sair da APSA e montar uma federação alternativa, porém sem sucesso. Em 1919, estava de volta à principal liga paulista. MAZZONI, T. op.cit., p. 125.

⁴⁸⁹ *O Imparcial*, 22 de abril de 1922.

⁴⁹⁰ Em pleno carnaval, o jornal colocava os carros alegóricos do mundo do futebol. “*Estágio ou prisão: ‘c’est la meme chose’!*” era o nome do 21º carro. Outro carro de destaque, o 18º do desfile, era o “*Nós queremos é dinheiro!*”. Fazia referência ao clube conhecido como aquele que abrigava os sócios mais ricos da cidade, o Fluminense. Iconografia: Imagens XXVI e XXVII.

uma conquista dos clubes poderosos, que com suas maiores habilidades econômicas poderiam contar mais facilmente com jogadores de alto nível. Raramente havia nos jornais entrevistas com os jogadores, fazendo com que seja difícil saber qual a posição deles e até que ponto os mesmos se envolveram na questão da transferência. Porém, é inegável que o fim da referida lei era também uma conquista dos jogadores de futebol e um passo sem precedente na conquista do direito à profissionalização desta atividade. Além do Art. 63 dos Estatutos ter sido modificado e retirada a obrigatoriedade do estágio, o novo Art. 42 do Código colocava que: “o jogador que tiver disputado, em temporada anterior por outro club só poderá ser transferido pagando a taxa de 10\$000”.⁴⁹¹

A queda do Artigo 63 dos Estatutos fez com que uma verdadeira avalanche de jogadores trocasse de equipe. De acordo com o Art. 84 do Código de Football, a Lei da Opção, quando um jogador estivesse inscrito por mais de um *club*, ele era convocado pela diretoria da LMDT e esta lhe dava o prazo de oito dias para que optasse por qual clube disputaria as provas esportivas daquela temporada. A prática já existia, e o Vasco já havia inovado um ano antes trazendo jogadores da Liga Suburbana e conseguindo liberá-los dos estágios. Até 1920, muitos jogadores não trocavam de clube e nem os clubes tinham tanto interesse nessa troca, pois o jogador ficaria no “estágio” por um ano. Uma das soluções passava por trazer jogadores de ligas menores, de outras ligas não ligadas à CBD, de todo o país e até mesmo jogadores de fora do país. Um dos craques mais famosos daqueles anos, o defensor Monti, que jogava no Botafogo, era uruguaio.

Em ritmo frenético, o mercado de jogadores se agitou definitivamente. Estava aberta a caça aos melhores jogadores da cidade. Assim se manifestava o *Correio da Manhã* a respeito:

Vamos assistir ao espetáculo que promete fortes emoções [...] Os cavadores podem voltar ao exercício de suas funções [...]. Agora o estímulo para o prata da casa passou as calendas gregas. Os clubs práticos e sabidos cruzarão os braços e preferirão commodamente esperar pelos jogadores feitos pelos outros.⁴⁹²

O cronista do *Correio da Manhã* apontava o que ele achava ser o maior problema da nova legislação: o abandono dos “pratas da casa”, dos jogadores oriundos dos quadros sociais dos clubes, uma coisa que, como já foi visto, quase não era feita

---

⁴⁹¹ *O Imparcial*, 22 de abril de 1920.

⁴⁹² *Correio da Manhã*, 18 de março de 1920.

pelos clubes. Poucos eram os jogadores de clubes grandes formados dentro do próprio clube. A crônica do jornal *O Paiz* foi ainda mais sintomática. Chamou a queda da “Lei do Estágio” de “o 13 de maio da LMDT” e ironizava:

[...] Na sede da Liga, logo após a votação da celebre lei, que quebrava os grilhões que prendiam os pés de muitos footballers, um representante, que por sinal deu seu voto a favor da lei, levantou, em voz alta e clara, um grande viva á Republica, sem dizer a qual dellas, a da ‘palhaçada’ ou a ‘sportiva’.⁴⁹³

A crônica assinada por Xandico faz a crítica à Liga e à própria República brasileira.

A troca de jogadores entre as equipes da Liga se fazia abertamente. Uma das que chamou a atenção foi a saída de Arlindo do America para o Botafogo. O jogador, após a queda do “Estágio” se ofereceu a vários clubes. Jogou o Torneio Initium pelo Villa Izabel e depois fez um jogador do Flamengo de intermediário nas suas negociações com aquele clube:

O LINDINHO RUBRO-NEGRO?

Hontem, na Brahma, ouvimos o conhecido flamengo Adhemar Martins (Japonez) diser ao seu grupo que estava autorizado pelo player Arlindo Pacheco (Lindinho) a dar a sua proposta para o Flamengo. Puxa!⁴⁹⁴

Antes de fazer a sua opção pelo Botafogo, Arlindo se comprometeu com o Villa Izabel, mediante uma carta de opção assinada de próprio punho. O Botafogo se apressou, inscreveu o jogador e rapidamente enviou a carta de opção antes do Villa Izabel. Este clube foi até ao Conselho Superior da LMDT para que fosse julgado o “nível moral do citado jogador”.⁴⁹⁵ O caso se estendeu aos tribunais da Liga Metropolitana, até que o Conselho deu ganho de causa ao Botafogo, que passou a contar com os serviços do jogador.⁴⁹⁶

As opções tornaram-se grandes notícias dos jornais e a dança dos jogadores não parava. O America também perdeu Rodrigo Brandão, seu meia-esquerda, para o Flamengo. Aliás, o Flamengo era o time que mais tinha tido aumento em suas rendas com o futebol e, por isso, era o foco dos maiores boatos lançados pelos jornais. Corriam até, pelas páginas da imprensa carioca, boatos de que Arthur Friedenreich poderia jogar no Flamengo, a pedido de seu pai e da sua família que morava no Rio.⁴⁹⁷

---

⁴⁹³ *O Paiz*, 17 de março de 1920.

⁴⁹⁴ *O Imparcial*, 9 de março de 1920.

⁴⁹⁵ *O Imparcial*, 9 de abril de 1920.

⁴⁹⁶ *Correio da Manhã*, 22 e 23 de abril de 1920.

⁴⁹⁷ *O Imparcial*, 1 de abril de 1920.

A questão das transferências começou a fazer com que alguns clubes reclamassem da origem dos jogadores e de suas condições para serem jogadores da Liga. A situação era simples. Quando um time perdia, ou se sentia prejudicado no jogo político, começavam as perseguições aos jogadores de origem mais humilde através da Comissão de Sindicância, órgão de destaque na LMDT e que ganhava agora importância ainda maior como meio de impedir que os mesmos jogadores tomassem conta dos principais times de futebol da cidade. A Comissão de Sindicância, juntamente com a de informações, tinha por objetivo fiscalizar a situação dos jogadores em relação aos inúmeros dispositivos que a LMDT apresentava para sua inclusão. Competia à Comissão:

- a) dar parecer sobre os pedidos de registro dos socios jogadores dos Clubs filiados, tendo em vista as condições exigidas pelo amadorismo; [...]
- d) abrir inquérito sobre factos graves a pedidos dos poderes da Liga, apresentando o respectivo relatório; [...].⁴⁹⁸

Estava, portanto, nas mãos dessa comissão a entrada dos jogadores nos campeonatos da liga, bem como policiar as atividades dos atletas. “Tal comissão assemelhava-se à Comissão Verificadora de Poderes, responsável pelo registro dos deputados federais eleitos, que tentava impedir a diplomação de elementos que não merecessem a confiança do governo federal”,⁴⁹⁹ notou Hilário Franco Junior, relacionando a política nacional com a forma de organização política da principal liga de esportes do Rio de Janeiro. Havia basicamente duas situações que a Liga tentava evitar: o profissionalismo dos jogadores e a presença de jogadores analfabetos nos times da liga. O combate ao profissionalismo era mais complicado de ser feito, pois na maioria das vezes os jogadores eram registrados em empregos obtidos através da influência de dirigentes e simpatizantes dos clubes. Dessa maneira, os empregos conseguidos deveriam ter uma grande atividade fora do local de trabalho, para justificar a ausência do empregado toda a vez que aparecesse alguém da “sindicância”. Para evitar esse tipo de situação, foi feita uma pequena reforma nos Estatutos, ainda em 1919, no Capítulo XIV, em relação ao registro de jogadores:

Art. 64: não poderão ser registrados:

- a) os que não são considerados empregados effectivos nas casas onde trabalham, como agentes, compradores e despachantes, quando os dois primeiros trabalhem à comissão e o último para mais de uma casa.⁵⁰⁰

---

⁴⁹⁸ Estatutos da Liga Metropolitana de Desportos terrestres. Publicado no Diário Oficial em 20 de dezembro de 1917. p. 13.576.

⁴⁹⁹ FRANCO JUNIOR, H. op.cit., p. 69.

⁵⁰⁰ *O Paiz*, 25 de dezembro de 1919.

Era a demonstração de um dos subterfúgios utilizados pelos times de futebol para a inscrição de “amadores”. Já para a segunda situação, para o combate aos jogadores analfabetos, os jogadores eram obrigados a passar por inúmeros constrangimentos. O primeiro e mais grave deles era o jogador ter que fazer a carta de opção de punho próprio, em frente a um diretor da liga para poder conseguir sua transferência e a sua inscrição. Os pedidos apresentavam inúmeros erros de escrita, como a carta de Braulio, pedindo seu ingresso no Carioca, reproduzida na revista *Vida Sportiva*.⁵⁰¹ Heitor Pinheiro, o Leão, do São Christovão fez o seu primeiro pedido de opção por aquele time “em português incompreensível”, mas voltou dias depois para fazer sua opção de maneira correta e “dictada por um membro da Comissão de Sindicancia”.⁵⁰² A pressão era grande em cima dos jogadores analfabetos e, além das opções e a inscrição, estes deveriam assinar as súmulas dos jogos todas as vezes que entrassem em campo. Eram frequentes as denúncias de equipes se utilizando de jogadores analfabetos. Os casos eram denunciados à Liga Metropolitana, que em suas reuniões deliberava: “a) conceder a comissão de sindicancia autorização para apurar denuncia sobre jogadores acusados de analphabetos”,⁵⁰³ tentando excluir, ao jeito da república brasileira, aqueles que não sabiam escrever, em sua maioria negros e mulatos.

Um dos principais opositores da queda da “Lei do Estágio” foi o tricampeão Fluminense. O clube era o principal da cidade, com o maior número de sócios, com a maior arrecadação no futebol e com as principais instalações esportivas do país, fruto do enorme prestígio de seus dirigentes na esfera de poder político da Capital. Não lhe interessava, portanto, nenhum tipo de mudança na estrutura do futebol carioca. Mas apesar de todo esse poder, o Fluminense não mandava na LMDT, que tinha representantes de quase todos os clubes nos cargos importantes da entidade.

Os times que tinham mais sócios ocupando esses cargos na Liga eram o America, o Flamengo e o Fluminense, com três sócios cada. Depois vinham Andarahy, Mangueira, Botafogo, Carioca, River, Rio de Janeiro e Villa Izabel, com dois sócios de cada clube nas representações da Liga. Bangu, Brasil, Mackenzie, Esperança, Americano e Vasco tinham, cada um, apenas um sócio nos cargos da LMDT, enquanto São Christovão, Palmeiras, Progresso, Boqueirão, Paladino, Metropolitano, Everest e

---

⁵⁰¹ Em 20 de junho de 1919, já encontrava-se inscrito na LMDT pelo Mackenzie, São Christovão e Andarahy e escreveu de próprio punho a opção por este último clube. A revista *Vida Sportiva* teve acesso ao pedido de Braulio e estampou seu erros de português em suas páginas. Iconografia: Imagem XXVIII. *Vida Sportiva*, 5 de julho de 1919.

⁵⁰² *O Imparcial*, dia 15 de abril de 1920.

⁵⁰³ *Correio da Manhã*, 3 de agosto de 1919.

Tijuca não tinham nenhum.⁵⁰⁴ As estruturas de poder da LMDT estavam ocupadas pelos clubes que mais receita geravam para a entidade. O restante dos cargos era distribuído de maneira a dar a impressão de que havia espaço para todas as agremiações. Mas uma análise rápida mostra que os clubes da 1ª Divisão ocupam 20 dos 31 cargos da LMDT, e todos os clubes tinham pelo menos um sócio na Liga. Os quatro clubes de maior arrecadação na cidade (Fluminense, Flamengo, America e Botafogo) ocupavam 11 cargos na Liga, ou mais de um terço de todos os cargos disponíveis para dirigentes da associação dos clubes. Já os clubes da 2ª Divisão tinham 9 sócios como seus representantes dentro da Liga e três times não tinham nenhum sócio ocupando cargo da LMDT. Para os clubes da 3ª Divisão a situação era ainda mais complicada. Só dois times tinham um representante cada na Liga, enquanto quatro times não tinham nenhum sócio dentro da entidade. O poder estava concentrado nos grandes clubes, naqueles que detinham a força econômica na liga. E o Fluminense não podia lutar sozinho contra todos os outros clubes da liga, todos favoráveis ao fim do estágio.

A medida que o Fluminense tomou foi proibir sócios do clube que defendessem outros times inscritos no campeonato de treinar na sede das Laranjeiras. O diretor Mario Pollo dizia que o intuito da medida era

[...] altamente moralizador e sportivo. Não parece justo a assemblea do club, doctado actualmente de um aparelhamento moderno de treino, com especialistas a dirigil-o, preparasse elementos para se baterem contra – aperfeiçoasse elle mesmo combatentes para se voltarem contra suas cores. [...] Seria o mesmo que o Brazil, conscienciosamente, apurasse atiradores de fuzil, para depois esses apontassem suas armas e exercessem sua pericia contra o proprio Brazil.⁵⁰⁵

O processo, porém, mostrou-se intenso demais para ser evitado por apenas uma equipe, mesmo sendo essa equipe o poderoso Fluminense. O ano de 1919 marcou uma verdadeira explosão de jogadores de futebol registrados na LMDT, que renovou registros de 1.639 e concedeu novos registros a 2.019 atletas que ingressaram naquele ano. Apenas 137 jogadores cumpriram estágio de um ano para atuarem por um novo clube, enquanto 84 vieram transferidos de outras ligas associadas à CBD.⁵⁰⁶ Eram 3.742 jogadores, dos quais 3.614 pagaram 1\$000 de inscrição cada um, gerando uma receita de 3:614\$000, 75% a mais sobre o valor esperado pela diretoria da Liga para aquele ano. Com a taxa de inscrição, a entidade carioca esperava recrutar cerca de 2.000

---

⁵⁰⁴ *O Imparcial*, 14 de janeiro de 1920.

⁵⁰⁵ *O Imparcial*, 22 de julho de 1920.

⁵⁰⁶ Parte do Relatório anual da LMDT publicado em *O Imparcial*, 19 de janeiro de 1922.

jogadores, ou seja, esperava renovar o seu quadro e a entrada de cerca de mais 300 a 400 novos atletas. Na verdade, mais de 2 mil novos *footballers* se inscreveram. As taxas de transferências pagas pelos jogadores de outras entidades, dos quais era cobrada a taxa de 10\$000, deram à LMDT 860\$000, mais de 70% acima das expectativas da diretoria, que esperava arrecadar cerca de 500\$000. Ou seja, a expectativa era de se transferirem apenas 50 jogadores e mais de 80 ingressaram na principal liga da cidade.

A queda da Lei do Estágio inaugurava uma nova realidade do futebol. Esse novo panorama passava a ser altamente capitalista e necessitado de vitórias para o aumento da procura dos torcedores por ingressos ou pelos títulos de sócio dos clubes. Uma nova lógica se apropriava do futebol, que definitivamente se transformou em espetáculo de massas e palco das principais tensões, mudanças e permanências da sociedade e da economia brasileiras. O futebol daquele período é um “verdadeiro microcosmos da sociedade, ao mesmo tempo espelho e ingrediente dinâmico das transformações em curso nos tumultuados anos 1920”.⁵⁰⁷ E é dentro dessa perspectiva que devemos analisar o período em questão.

---

⁵⁰⁷ FRANCO JUNIOR, H. *op.cit.*, p. 70.

3.4 A Popularização do Esporte e a Presença das “Torcidas”

Após analisar o final da década de 1910 e a chegada dos primeiros anos da década de 1920, vale a pena olhar um pouco para o crescimento das rendas com o futebol, principalmente até 1922, o último ano em que os ingressos para os jogos dos campeonatos estaduais ou municipais custavam 1\$000 as gerais e 2\$000 as arquibancadas. Esse foi também o último ano sem o Vasco na 1ª Divisão da LMDT. Infelizmente, após 1919 os jornais deixaram de publicar os relatórios da Liga Metropolitana na íntegra gratuitamente. Somente *O Imparcial*, o jornal que tinha a melhor e mais polêmica cobertura do futebol daquele período, publicou-os até 1919 e mesmo assim destacando que era o único a fazê-lo gratuitamente, pois os outros cobravam cerca de 2 contos de réis para fazê-lo.⁵⁰⁸ Os dados encontram-se esparsos em notas publicadas ao longo de cada ano. Mas são suficientes para mostrar o crescimento das receitas com a venda de ingressos e o potencial deste tipo de empreendimento. As receitas dos campeonatos carioca e paulista continuavam crescendo ano a ano. Nessas ligas, as receitas conseguidas com a venda de ingressos para os jogos da 1ª Divisão foram as seguintes:

	1917	1918	1919	1921
LMDT	112:988\$300 ⁵⁰⁹	141:077\$500 ⁵¹⁰	164:952\$000 ⁵¹¹	285:255\$000 ⁵¹²
APSA	179:768\$000	282:135\$300 ⁵¹³	-----	281:295\$790 ⁵¹⁴

A análise do crescimento das rendas do Torneio Initium também é interessante. Em 1916 e 1917, anos iniciais da sua disputa, a arrecadação ficou na casa dos 7 contos. Em 1919, pulou para 11:000\$000, em 1920 para 14:000\$000 e em 1921 foi “superior a 20 contos”.⁵¹⁵ Apesar da pequena queda em 1922 para 18:070\$000,⁵¹⁶ o valor ainda é quase três vezes maior que o arrecadado em 1916.

⁵⁰⁸ *O Imparcial*, 13 de janeiro de 1920.

⁵⁰⁹ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 31 de dezembro de 1917 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918.

⁵¹⁰ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30/12/1918 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

⁵¹¹ Relatório da LMDT de 1919, publicado em *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920.

⁵¹² Nota publicada em *O Imparcial*, 14 de janeiro de 1922.

⁵¹³ Os valores de 1918 e 1918 são parte de trecho do relatório da APSA publicado em *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920.

⁵¹⁴ Nota publicada em *O Imparcial*, 29 de março de 1922.

⁵¹⁵ *O Imparcial*, 28 de março de 1921.

Os relatórios da Liga e do Fluminense também dão idéia do crescimento das rendas com o futebol nos primeiros anos da década de 1920. Os dados sobre as arrecadações apenas desta equipe durante esses anos já são suficientes para análise:

1916 ⁵¹⁷	1917 ⁵¹⁸	1918 ⁵¹⁹	1919 ⁵²⁰	1920 ⁵²¹	1921 ⁵²²	1922 ⁵²³
17:857\$000	34:000\$000	37:883\$120	48:248\$880	44:699\$700	54:458\$000	44:112\$000

Mesmo com o fracasso dos anos 1920, 1921 e 1922, quando não conseguiu se sagrar campeão, o Fluminense continuava a manter arrecadações muito altas, sempre maiores de 40 contos de réis. As equipes que triunfaram nesses anos foram o Flamengo, em 1920 e 1921, e o America, campeão de 1922. Em alguns jogos aconteceu o aumento de preços apenas para as arquibancadas, mantendo-se o preço das gerais. Isso pode ser observado no jogo Flamengo e América, final do campeonato da LMDT de 1921. Uma descrição precisa (e rara de ser vista nos jornais) da venda de ingressos foi feita pelo Flamengo mostrando que havia conseguido uma renda de 36:800\$000 com a venda de 10.000 arquibancadas ao preço de 3\$000 (especialmente majorado em 50% para o evento), mais 5.000 gerais ao preço normal de 1\$000 e 300 cadeiras numeradas a 6\$000 cada. Enquanto as numeradas renderam 1:800\$000 e as gerais 5:000\$000, as arquibancadas eram as grandes responsáveis pelo salto na arrecadação do clube, 30:000\$000.⁵²⁴ Se os ingressos de arquibancada tivessem tido seu preço de 2\$000 mantido, o clube deixaria de receber em seus cofres a quantia de 10:000\$000.

As receitas conseguidas com a venda de ingressos eram parte importante no total de dinheiro arrecadado pelos clubes de futebol no Rio. Mas havia uma questão a ser discutida, pois a necessidade de aumentar as receitas dos clubes tornava imperativo ampliar os estádios para a acomodação de um número maior de torcedores. Essa

⁵¹⁶ *O Imparcial*, 29 de março de 1922.

⁵¹⁷ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1916*. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1917.

⁵¹⁸ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 31 de dezembro de 1917 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918.

⁵¹⁹ *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30/12/1918 à Assembléa Geral*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

⁵²⁰ *Relatório da LMDT de 1919* publicado em *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920.

⁵²¹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1920*. Rio de Janeiro: Tip. Gomes Brandão e Marcondes, 1921.

⁵²² *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1921*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1922.

⁵²³ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1922*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1923.

⁵²⁴ *O Imparcial*, 6 de setembro de 1921.

necessidade fazia com que cada vez mais os estádios tivessem, em suas dependências, um número maior de torcedores do que sócios. Como os torcedores geralmente eram de camadas menos abastadas da sociedade carioca passaram a ser vistos como os responsáveis pelo aumento contínuo da violência nos estádios. Realmente, o número de casos de violência ligados ao futebol crescia rapidamente e tomava proporções cada vez maiores, envolvendo um grande aparato policial e enormes contingentes de torcedores. A violência é uma das marcas do futebol, desde a sua origem. A própria natureza do jogo é, de certa maneira, violenta, a começar com o grande contato físico por parte dos oponentes e a primitividade do jogo decorrente principalmente da maneira como o esporte foi delineado: conseguir o objetivo dando pontapés em uma bola. Como afirma Hilário Franco Junior,

[...] futebol é jogo de caráter mais primitivo. É guerra simbólica que estimula a guerra concreta dos torcedores. [...] à medida que o futebol foi se integrando mais à lógica capitalista, o mesmo aconteceu com a violência ligada a ele. Porque violência é parte integrante de qualquer concorrência, seja ela econômica ou esportiva.⁵²⁵

A carta endereçada ao chefe da polícia da Guanabara, Geminiano da Franca, assinada por *VERUS* e publicada em *O Imparcial* é reveladora para analisarmos esse fenômeno do futebol através desse prisma. Primeiramente, o autor da correspondência agradece a todos os que iniciaram o esporte na cidade, pois isso teria constituído um progresso material e moral. Afirma que de todos os esportes o futebol tornou-se o favorito do público e que os 10 jogos aos finais de semana levavam, sem exagero, mais de vinte mil pessoas aos estádios da cidade. Após esse diagnóstico, a conclusão:

Como V. Exca. sabe, esses matches realizam-se com entradas pagas e dahi a impossibilidade em que estão as autoridades das ligas e dos clubs de poder fazer uma perfeita selecção nas assistencias. Dahi resulta que uma parte desse público, sem a devida educação, principalmente, de caracter um pouco inflamado, e porque o sport do football occasiona lances verdadeiramente emocionantes – insulta e calumnia ora jogadores, ora juizes e provoca conflitos entre a grande assistencia, conflitos esses que, em muitos casos, tem sido bem sérios e dos quaes tem sahido muita gente ferida. [...] Desses repetidos conflictos um grande mal tem provido ao nosso sport predilecto, qual o de afugentar as nossas distinctas familias dos grounds dos nossos clubs. [...]

Afirma, ainda, serem necessários cerca de duzentos homens para o policiamento em cada jogo da LMDT “para o benefício do nosso desenvolvimento sportivo e, portanto, o

---

⁵²⁵ FRANCO, Hilário. op.cit., p 198.

aperfeiçoamento da raça. [...] Só nas mãos de V. Ex. está a moralização da assistência dos nossos matches de football”.⁵²⁶

Para o cronista, a culpa do aumento da violência nos estádios era, primeiramente, estimulada pelos “lances verdadeiramente emocionantes” que contagiavam uma assistência que não podia ser controlada pelos clubes, uma vez que os mesmos vendiam entradas a qualquer tipo de pessoa. Partindo desse pressuposto, entrega à polícia toda a responsabilidade de moralização dos estádios de futebol. São muitos os casos de violência, seria impossível fazer o relato de todos neste trabalho, até porque este não é o foco central da discussão. Mas a constância dos acontecimentos é muito grande, o que torna imperativo se fazer uma pequena análise, ainda que superficial do fenômeno.

Em 1920, os associados do São Christovão celebraram uma missa em ação de graças na Igreja de São Francisco de Paula, uma das igrejas mais tradicionais da cidade, por terem saído vivos do campo do Botafogo os jogadores Luis Vinhaes e Epaminondas, após o jogo contra aquela equipe no dia 2 de novembro. Vinhaes havia dado uma entrada dura no goleiro do Botafogo, o que fez um torcedor invadir o campo acertando uma “bengalada” na cabeça do jogador, que desmaiou ensanguentado. Epaminondas tentou agredir o torcedor botafoguense, e o campo virou uma praça de guerra. O jogo acabou sendo suspenso, pois não havia condições após a pancadaria generalizada que tomou conta do estádio.⁵²⁷

Muitas das agressões eram dirigidas à autoridade em campo, os juízes. Sendo a autoridade máxima dentro do campo de jogo, o juiz rapidamente passou a ser identificado pelos torcedores como um símbolo da autoridade exercida sobre eles, das mais diversas formas, em seu cotidiano. Para os torcedores mais exaltados, o estádio era uma expansão da sua própria vida. Os descontentamentos com a autoridade na esfera econômica e política era transferida para dentro do estádio e a autoridade esportiva pagava pela ira dos torcedores quando estes se sentiam prejudicados ou “roubados” como se cunhou desde cedo no vocabulário do futebol. Nas partidas de futebol, o torcedor longe de escapar da realidade, tomava parte fundamental em um de seus

---

⁵²⁶ *O Imparcial*, 16 de julho de 1920.

⁵²⁷ *O Imparcial*, 27 de novembro de 1920.

principais aspectos.⁵²⁸ Os árbitros sofriam dentro dos campos e até seus familiares eram ameaçados.

Em 1919, os torcedores do Andarahy se dirigiram à residência do árbitro Max Eckstein, que morava no bairro do Jardim Zoológico e ameaçaram sua esposa, que se encontrava sozinha em casa. Segundo denúncia do próprio árbitro, alguns “mostrando punhaes e revólveres”.⁵²⁹ Por isso, o árbitro Paulo Magalhães enviou à Liga Metropolitana um requerimento em que pedia para atuar com uma espécie de cassetete e justificava a sua posição, argumentando que “a arma não podia ser uma affronta nem aos players disputantes, nem á assitencia educada, mas sim uma defesa pessoal do juiz contra um ou outro perturbador da ordem e dos elevados meritos dos desportos”.⁵³⁰

Clubes como o Fluminense, desde há muito não queriam mandar representantes para arbitrar os jogos. Em seu Relatório Anual de 1917, por exemplo, uma mensagem do Departamento Técnico desse clube afirma que “deixamos de fornecer referees para a Liga Metropolitana devido a maneira por que se manifesta o publico desta Capital, preferindo não expôr os nossos sócios a factos desagradaveis e que tanto depõem contra a educação desportiva dessa parte do nosso publico”.⁵³¹

O campo do Jardim Zoológico, onde o Villa Izabel fazia seus jogos, também foi palco de inúmeros casos de violência ligados ao futebol. O local era onde tradicionalmente se realizavam festivais anarquistas em benefício dos sindicatos invadidos e de militantes do jornal anarquista *Spartacus* presos pelas autoridades.⁵³² Naquele campo, muitos foram os confrontos, e em um desses, o do Villa Izabel contra o Fluminense, a imprensa carioca fez uma brincadeira que “no campo do Villa, a polícia encontrou duas orelhas, três pedaços de pés e um fio de cabelo”,⁵³³ dando o tom de como foi a confusão naquele estádio.

No mesmo ano, uma briga entre os jogadores Hilário Martins, do Andarahy, e Jobel Braga e Mourão, do Villa Izabel, os levou à prisão no 16º Distrito Policial

---

⁵²⁸ LEVINE, Lawrence W. (December 1992). “The Folklore of Industrial Society: Popular Culture and Its Audiences”. *The American Historical Review* 97 (5): 1369–1399. p. 1.375.

⁵²⁹ *O Imparcial*, 26 de novembro de 1919.

⁵³⁰ *A Noite*, 4 de maio de 1920 e *O Imparcial*, 8 de maio de 1920.

⁵³¹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1917*. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1918.

⁵³² GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV. pp. 131 e 132.

⁵³³ *O Imparcial*, 25 de novembro de 1919.

acusados de “terem travado luta no referido campo de *football*”,⁵³⁴ sendo que apenas o atleta do Andarahy foi preso.⁵³⁵

A imprensa cobrava providências, pois o futebol estava afugentando as belas moças e as famílias dos estádios:

AS FAMILIAS COMEÇAM A SE AFASTAR DOS ESTADIOS.
ATRITOS EM CAMPO

E a Metropolitana?

A directoria da Liga Metropolitana, até a presente data, nenhuma providência tomou no sentido de serem evitados esses acontecimentos que vem diminuindo o football sob sua direcção. Não providenciou, mas nunca por falta de ocasião ou motivo, pois estes appareceram em grande dose, no domingo anterior. [...] O aficionadodo sport bretão, ante os terríveis acontecimentos narrados pela imprensa desta cidade, esperava, como era natural que uma providencia qualquer, ou medida enérgica, fosse tomada, para que não mais se verificassem como ameudadamente vem acontecendo, esse atritos em campo, essas agressões a juizes, jogadores, etc que afugentam as famílias das praças de sports.⁵³⁶

A escalada da violência nos estádios levou os homens da LMDT a pensar em soluções para o caso. Como se acreditava que a causa do problema era os não-sócios, ou “torcidas”, aqueles que só pagavam entradas de 1\$000 e 2\$000 para assistir aos jogos, a solução era barrar a sua entrada. Porém, os “torcidas” eram os responsáveis por parte considerável das arrecadações nos estádios. Basta observar o peso que os ingressos de arquibancada e geral tiveram na renda do jogo Flamengo e America (92%), de 1920.

A solução apresentada deveria ser economicamente viável, ou seja, para abrir mão da receita que entrava com a venda de ingressos para as “torcidas”, se tornava necessário substituí-la por alguma outra.

O membro do Conselho Superior da LMDT, Nilo Bittencourt, apresentou um projeto na liga apontando para o possível fim da venda de ingressos nas bilheterias. Sua proposta implicava o aumento das mensalidades dos sócios dos clubes da liga e a admissão aos estádios só dos sócios dos clubes e mediante apresentação do recibo do mês pago.

Para isso apresentou vários cálculos, preciosos para a pesquisa, pois informa os valores das mensalidades e o número de sócios de todos os clubes da 1ª Divisão da LMDT. O quadro de rendimentos anuais dos clubes seria o seguinte:

---

⁵³⁴ *O Imparcial*, 12 de dezembro de 1919.

⁵³⁵ A análise do caso foi feita ao detalhe por PEREIRA, L. A. M. op. cit., pp. 267 a 270.

⁵³⁶ *Correio da Manhã*, 30 de novembro de 1920.

Clubes	Nº de sócios	Mensalidade	Mensalidades no ano	Renda anual c/ ingressos
Fluminense	3.000	10\$000	360:000\$000	47:615\$000
Flamengo	2.000	10\$000	240:000\$000	34:293\$000
America	1.000	7\$000	84:000\$000	22:090\$000
Botafogo	700	10\$000	84:000\$000	24:736\$000
S. Christovão	500	5\$000	30:000\$000	15:745\$000
Mangureira	450	5\$000	27:000\$000	7:098\$000:
Villa Izabel	400	5\$000	24:000\$000	7:058\$000
Andarahy	300	5\$000	18:000\$000	8:904\$000
Bangu	200	5\$000	18:000\$000	4:068\$000
Palmeiras	200	5\$000	12:000\$000	4:913\$000

O conselheiro provava que a renda de porta representava uma parcela pequena dos rendimentos dos clubes e aventava a possibilidade de que, não tendo que comprar ingressos, os torcedores poderiam economizar e se associar ao clube. Fazia cálculos que não fazem muito sentido. Argumentou, por exemplo, que, se um clube de 1.000 sócios que pagassem 4\$000 e conseguisse novos 150 sócios pagando 14\$000 cada, o clube teria um aumento mensal de 6:100\$000, ou 73:200\$000 por ano, o que representaria um aumento em relação à renda de portas de, no mínimo, 60%. E concluía:

Muitos dirão: e o público?! E o público?! O que tiver o nível moral e social dos clubs da Metropolitana a elles se filiará e o que não tiver, que frequente os campos dos clubs compostos de pessoas de mesmo nível que o seu. [...] O futebol já não está entregue aquelles que o crearam no Rio de Janeiro.⁵³⁷

Os números apresentados por Bittencourt traem sua argumentação. Seus parâmetros são para clubes grandes, e mesmo assim seria difícil esses clubes conseguirem 150 novos associados cada, pagando 14\$000 por mês. Clubes como o Palmeiras dependiam demais das rendas para a sobrevivência. Com um número de sócios baixo, as arrecadações obtidas, principalmente contra os clubes grandes, estabelecia-se como uma verdadeira salvação das agremiações. Além disso, os números são divergentes em relação ao relatório da LMDT. Segundo o relatório, o Bangu teria arrecadado 8:551\$000, mas mesmo com a discrepância de dados, é inegável que a venda de ingressos tinha um peso enorme nas receitas dos pequenos clubes. O Bangu, em uma partida com o Fluminense arrecadava duas vezes e meia (2:630\$000) o que arrecadava durante todo o mês se os

⁵³⁷ *O Imparcial*, 25 de junho e 9 de julho de 1920. *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* comentam a notícia entre os dias 26 de junho e 12 de julho.

seus 200 sócios pagassem a mensalidade (1:000\$000), o que dificilmente ocorria. Decididamente, as “torcidas” não poderiam ficar longe dos estádios, sob o risco das pequenas associações falirem e os grandes não terem com quem jogar.

Futebol e movimento operário

O fato de haver um público que ano após ano gastava cada vez mais tempo e dinheiro com o futebol pode ser compreendido dentro de uma análise da própria esfera do capitalismo e de seus aspectos mais importantes. Como já visto anteriormente, o crescimento industrial das principais capitais brasileiras alcançava um nível bastante avançado durante os anos 1920. Os anos de 1917 a 1921 foram de muitas lutas dos trabalhadores no Rio de Janeiro, com a cidade sendo assolada por grandes greves e manifestações. Geralmente, as manifestações do movimento operário tinham como objetivos principais o estabelecimento da jornada de trabalho de oito horas semanais e o aumento salarial. Conquistas como o estabelecimento do descanso semanal e a regulamentação das horas de trabalho dos empregados de hotéis, restaurantes e cafés do Rio de Janeiro, aprovadas em decreto municipal em 2 de janeiro de 1918, eram fruto de anos de luta de sindicatos ligados ao setor, como o Centro Cosmopolita.⁵³⁸ No ano seguinte, a Associação dos Construtores Cíveis aprovou o descanso semanal para seus funcionários, apoiando-se em razões “de higiene, dos preceitos da religião católica e como possibilidade de união das famílias”.⁵³⁹ As greves de 1920, na capital do país, realizadas por associações de tecelões, marmoristas, sapateiros, padeiros, metalúrgicos, cocheiros e marceneiros tiveram como bandeiras de luta comuns a todas elas a redução ou a manutenção “da jornada diária de oito horas, [...] o respeito a uma tabela de salários e [...] a presença de delegados das associações operárias nas fábricas”.⁵⁴⁰ O maior número de reivindicações nesse período passava por conquistas que dariam mais dinheiro e mais tempo livre ao trabalhador. Com as campanhas por aumento de salário e redução do preço dos alimentos e dos aluguéis, os trabalhadores teriam dinheiro para gastar em atividades durante o tempo em que não estivessem trabalhando.

O acentuado crescimento do número de sindicatos e associações anarquistas e maximalistas durante o período fez com que diferentes esferas da elite passassem a

---

⁵³⁸ CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1877 – 1944)*. São Paulo: Editora Difel, 1984. pp. 454 e 455.

⁵³⁹ LOBO, E. M. L. e STOTZ, E. N. op.cit., p. 67.

⁵⁴⁰ GOMES, A. de C. op.cit. (2005) p. 134.

adotar discursos e medidas necessárias para combater a atuação dos trabalhadores organizados. Além de ceder em algumas negociações com os grevistas, a solução adotada pela classe patronal foi apostar na formação ou ampliação das associações ou sindicatos de cooperação com os patrões. E, dentro deste espectro, se inserem os clubes de futebol de fábrica, analisados no capítulo anterior.

Já as autoridades passaram a reprimir as greves com maior violência e a identificar no estrangeiro a fonte dos males e das organizações sindicais. Como no Rio de Janeiro a grande maioria dos estrangeiros era de portugueses, que tiveram participação ativa no movimento operário carioca⁵⁴¹, houve o ressurgimento do jacobinismo carioca e um forte movimento nacionalista. No Rio de Janeiro, o antilusitanismo tomou conta de várias esferas da vida social, e “*não era de espantar que a Ação Social Nacionalista fosse considerada uma instituição de utilidade pública*”.⁵⁴² No futebol, a onda nacionalista envolvia principalmente a nacionalização dos nomes estrangeiros. O presidente do Brasil Football Club, Mario Freire Junior, fez a proposta para que o clube mudasse de nome para Brasil Pébol Club, considerando ser de “grande vantagem que se [nacionalizassem] os nomes estrangeiros”, e achava que, pelo nome que seu clube tinha, deveria ser o primeiro a dar o exemplo.⁵⁴³ Uma lei votada e aprovada pelo Conselho Municipal do Rio de Janeiro e em vigor a partir de 1 de janeiro de 1920 proibia placas de estabelecimentos comerciais e outros de terem nomes estrangeiros. O cronista avisava aos clubes de futebol que tinham “*placa na porta com a palavra football que [ficassem] pois de prevenção!...Adoptem balípedo, pébol ou coisa que o valha*”⁵⁴⁴ e indagava ainda como ficariam clubes como o River Football Club.

A imprensa teve papel fundamental no combate ao movimento operário maximalista. No futebol, também se percebe essa tendência quando os cronistas identificam os times operários com as ideologias reivindicatórias do período. A primeira grande conquista de um time operário na cidade do Rio de Janeiro foi do Carioca, time da fábrica de tecidos Carioca, no Torneio Initium, de 1919. O espanto da imprensa foi geral e o cronista Raul Loureiro comentou:

“O Carioca (club de operarios) venceu o Initium, e o Gentil explicou com graça:

---

⁵⁴¹ Para analisar o processo de participação dos imigrantes portugueses no movimento operário carioca durante a Primeira República ver: MARTINHO, Francisco Carlos Palamone. O imigrante português no mundo do trabalho. in LESSA, C. (org).op.cit. CHALHOUB, S. op.cit.

⁵⁴² GOMES, A. de C. op. cit. (2005) p. 137.

⁵⁴³ *O Imparcial*, 22 de janeiro de 1919.

⁵⁴⁴ *O Imparcial*, 4 de janeiro de 1920.

- É o maximalismo que começa a triumphar no football!”⁵⁴⁵

O futebol carioca mostrava-se, assim, parte integrante daqueles anos de luta da classe trabalhadora. Do lado dos jogadores, longe de se articularem greves ou sindicatos, uma transformação lenta e obscura se passava por debaixo dos olhos das autoridades da LMDT. Era a luta pela sua profissionalização, a negociação por posições melhores em empresas (clubes) que pagassem melhor; era a pequena burguesia da cidade do Rio de Janeiro, “formada de militares, empregados públicos, funcionários da justiça, profissionais liberais, comerciários, estudantes, etc.”,⁵⁴⁶ que havia se apoderado dos cargos diretivos da Liga e dos principais clubes da cidade e achava seu papel nesse jogo, investindo capital nas estruturas dos clubes e oferecendo salários aos jogadores. E como visto anteriormente, os dirigentes vascaínos, homens de negócio, comerciários em sua maioria, utilizavam essa lógica dentro do futebol, quebrando barreiras sociais importantes em nome dos lucros que podiam obter.

A busca pelo grande time

Os anos 1920 e 1921 representaram para o Vasco da Gama a obtenção da experiência e dos jogadores necessários para a montagem de uma equipe em condições de vencer a 2ª Divisão e fazer boa figura nos campeonatos da 1ª Divisão.

Durante esses anos, uma nova discussão tomou conta do meio do futebol no Rio de Janeiro. O Fluminense iniciou um movimento para a diminuição do número de clubes das divisões, criando quatro divisões com sete clubes cada uma. As equipes da 2ª Divisão do Rio ainda queriam um aumento no número de clubes na 1ª Divisão para o ano de 1920. O argumento era que 10 times ainda seria um número pequeno, devido à grande quantidade de clubes de futebol na cidade. Parte da crônica esportiva fez campanha juntamente com o clube mais rico da cidade e buscava argumento no desenvolvido campeonato inglês:

COM VISTAS AOS CLUBES DA 2ª E 3ª DIVISÕES DA LIGA METROPOLITANA: Na Inglaterra 323 mil pessoas accorreram, num domingo, aos campos de football e houve um jogo da 2ª divisão com 30 mil espectadores

É razoável esse desanimo periódico, que accomette certas sociedades da 2ª e 3ª divisões da Liga Metropolitana, quando se trata de reformar as leis desta federação, levando-as a fazer tudo para sair, seja como for, de onde estão, e subir à divisão superior, mesmo que esse benéfico seja parcial? É procedente este movimento? Ao nosso ver elle é disparatado e revelador da falta de

⁵⁴⁵ *O Imparcial*, 1 de abril de 1919.

⁵⁴⁶ CARONE, Edgar. *A Primeira República*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969. p. 219.

energia e persistência dos que administram os núcleos desesperançados e com a monomania periódica do acesso. Em todos os países em que o football está normalmente organizado e é methodicamente praticado, os torneios são realizados por divisões ou turmas, afim de que sejam praticáveis. O processo de separar os competidores jamais lhes comprometeu o futuro e, desde a divisão superior até as inferiores, os grêmios e os quadros, progridem num incremento extraordinário, distraíndo-se o público por todas as divisões. Sabe-se perfeitamente que não é a divisão o único atractivo dos aficionados e sim a preferência que dão a este ou aquelle club, sem distinção de categorias ou turmas. O Botafogo, o Flamengo, o América ou o Fluminense perderiam os seus sócios e admiradores se mudassem de divisão? Claro que não. [...] Haja visto o que ha na Inglaterra, o país typo para os assumptos relativos ao football. O público inglez, depois da guerra, retomou com entusiasmo extraordinário, o caminho dos campos do “soccer”. [...] Na primeira divisão verificou-se a concorrência de 237 mil espectadores; na segunda divisão a de 86 mil! [...] A questão é dar tempo ao tempo e não se esquecerem os grêmios das divisões citadas que Roma não se fez num dia. [...] O congestionamento da 1ª divisão não resolve coisa nenhuma. Mesmo que o mal fosse o apontado por alguns ‘Jecas Tatus’, o remédio para uma parte não remediaría o soffrimento de todos. Seria uma medida escandalosamente egoísta e parcial [...].⁵⁴⁷

O campeonato de 1920 ocorreu sem alterações. Na primeira divisão, o Flamengo, com mais da metade dos jogadores gaúchos, paulistas e ingleses, conseguiu parar a seqüência de triunfos do Fluminense, do goleiro Marcos, que anunciou sua saída do futebol no início do ano, após este time perder por 4 a 1 para o Paulistano. No ano em que a “Lei do estágio” caiu, o Flamengo manteve a base de 1919 e conseguiu se sagrar campeão carioca. Na segunda divisão, o Vasco teve que enfrentar um concorrente de peso: o Carioca. A eliminatória contra o Palmeiras foi impugnada, pois os jogadores que o Carioca apresentou de última hora, do Engenho de Dentro e do Cattete, tiveram seus registros negados após denúncias da *Comissão de Syndicancia*.

A equipe do Vasco manteve a base de jogadores contratados em 1919 e apresentou duas importantes novidades para seu primeiro *team*. Para a posição de *center-half*, o jogador Jayme Fructuoso, que atuava pelo Andarahy, um dos times de operários da 1ª Divisão da LMDT. Era a primeira vez que o Vasco conseguia trazer um jogador diretamente de um time da 1ª Divisão. Leão, ou Augusto Alves, já havia jogado pelo mesmo Andarahy, mas havia sido eliminado do clube ao final da temporada de 1917 e se transferido para o Mavillis, da Liga Suburbana, clube do qual saiu para o Vasco. Dessa vez, os vascaínos conseguiam trazer um jogador diretamente de uma equipe da divisão superior, prova de que jogar na equipe dos portugueses poderia ser bem mais vantajoso. Além dele, o Vasco contratou o jogador Carlos Medina do S. C. Rio de Janeiro, time da 2ª Divisão da LMDT; Domingos Passini, o Mingote, loiro,

---

⁵⁴⁷ *Correio da Manhã*, 23 de janeiro de 1920.

quase analfabeto e jogador do Pereira Passos F. C.⁵⁴⁸, um clube do bairro da Saúde, subúrbio carioca; e Negrito, jogador do pequeno Lapa Football Club. Mingote começou a jogar no terceiro time do Vasco, antes de conseguir aparecer na equipe principal. Dessa maneira, o clube dos portugueses combinava a prática aberta com a queda do estágio das transferências entre os times da Liga Metropolitana com as contratações que vinham dando certo das ligas suburbanas.

Como era de se esperar, Vasco e Carioca foram os protagonistas da 2ª Divisão. O jogo do 1º turno aconteceu no início de agosto, e o Vasco alugou o campo do America. Antes do jogo começar, as dependências do estádio “já estavam repletas bem como o morro ali existente”.⁵⁴⁹ O Vasco ganhou o jogo por 4 a 1 e dava um passo decisivo para a conquista da vaga na 1ª Divisão. O Carioca enviou um protesto à LMDT, acusando o jogador Leão de estar atuando ilegalmente, uma vez que havia sido eliminado do Andarahy. O jacobinismo entrou em ação, e a equipe do Vasco foi prejudicada pelo Conselho Superior, sendo o jogo anulado pela LMDT. Em jogo repetido, e sem Leão, o Vasco foi derrotado por 2 a 0. No 2º turno, o jogo aconteceu no campo do Carioca. Era a decisão do campeonato, sendo que o vencedor teria o direito de disputar a eliminatória para a 1ª Divisão. O Vasco conseguiu que o Andarahy perdoasse Leão, e o jogador pôde participar da decisão.

Mas o jogo decisivo da 2ª Divisão daquele ano foi cercado de acontecimentos que caracterizam muito bem o mundo do futebol amador da época. Fatos que se deram antes e depois da partida, envolvendo dois jogadores do Vasco. Um caso que surpreende a todos.

O Caso Quintanilha-Esquerdinha

O Vasco havia vivido anos turbulentos em sua política interna ao final de 1919 e ao longo de 1920 e 1921. Durante aquele período, dois eram os nomes fortes para a presidência do clube: o português Francisco Marques da Silva e o brasileiro Marcílio Telles. Francisco havia sido presidente em 1918 e 1919. Ao final daquele ano foram convocadas eleições para o ano de 1920. O presidente, através de uma manobra, fez as eleições em finais de dezembro de 1919 e conseguiu se eleger. Porém, o pleito foi anulado por haver menos pessoas na assembléia do que o necessário para a eleição do presidente do clube. Em fevereiro de 1920, novas eleições foram convocadas, e o

---

⁵⁴⁸ FILHO, M. op.cit., p. 131.

⁵⁴⁹ *O Imparcial*, 2 de agosto de 1920.

brasileiro Marcilio Telles foi o vencedor, obtendo 201 votos, contra 183 de seu opositor, Gastão dos Santos Costa.⁵⁵⁰ Ao final de 1920, Telles tentou a reeleição justamente contra Francisco Marques da Silva. Após vitória apertada do português, por apenas cinco votos de diferença, o mesmo afirmou estar contente com o voto dos sócios, pois não acreditava que o clube fosse “entregue” a um brasileiro. Telles ficou revoltado e fez uma denúncia a *O Imparcial*. O jornal também mostrou indignação com os acontecimentos na política interna vascaína: “Há inumeros elementos vascainos portuguezes, contrarios á mesma luta, com a qual só o club, e não o senhor Marques da Silva, terá a perder”.⁵⁵¹ Meses depois Marques da Silva renunciou ao cargo, devido a problemas de saúde⁵⁵² e regressou a Portugal. Antonio de Almeida Pinho foi eleito presidente para o resto do ano de 1921.

Com esse panorama político, com brigas internas e acusações públicas contra dirigentes, o Vasco ia enfrentando as perseguições aos seus jogadores. Em 1920, *O Imparcial* indagava:

UM ESCANDALO NO TIME DO VASCO?

Continua a correr com insistencia nas rodas sportivas o boato de que arrebentará em breve um grosso escândalo no qual ficarão envolvidos varios jogadores do Club de Regatas Vasco da Gama, que, com o rotulo de amadores não passam de refinados malandros profissionais, conforme já tem demonstrado com as inúmeras vantagens que obtiveram, inclusive dinheiro. Devido a isso, segundo ainda nos informaram, há vascaínos da velha guarda que, zelando pelo nome do glorioso grêmio, que tem um passado brilhante no sport carioca, vão propor em assemblea o fechamento da secção de football. Aguardemos os acontecimentos.⁵⁵³

As graves acusações acima eram feitas pelos dirigentes do Carioca, cerca de um mês antes do jogo contra o Vasco. O clube passava então a ser responsabilizado pela disseminação da profissionalização dos jogadores de futebol. Os dirigentes do Carioca fizeram uma acusação sobre dois jogadores do Vasco e a comissão de sindicância foi apurar a condição dos jogadores Quintanilha e Esquerdinha (Aristides Baptista).

Os dirigentes do Vasco, alarmados com a situação, convocaram de imediato uma assembleia extraordinária de sócios, para dar conta das acusações sobre a profissionalização de seus dois atletas. O objetivo era fazer com que a assembleia desse plenos poderes à diretoria para que a mesma pudesse resolver o caso e tomar medidas, sem a prévia aprovação dos sócios, como por exemplo, entrar na justiça comum e

---

⁵⁵⁰ *Acta da Assembléia de Socios do Club de Regatas Vasco da Gama*, 2 de fevereiro de 1920.

⁵⁵¹ *O Imparcial*, 7 de janeiro de 1921.

⁵⁵² *Acta da Assembléia da Directoria do Club de Regatas Vasco Gama*, 6 de abril de 1921.

⁵⁵³ *O Imparcial*, 13 de novembro de 1920.

mesmo abandonar a Liga Metropolitana, decisões que estatutariamente só poderiam ser tomadas desde que aprovadas em assembléia de sócios. O presidente Marcilio Telles era o representante do Vasco na LMDT e afirmou que havia “má vontade” para com o Vasco da Gama. Disse que “não se admirava com as acusações feitas pelo Carioca, pois de tudo serão capazes nossos adversários para nos derrotar e deslocar qualquer terreno de qualquer modo”. O presidente, revoltado, diz aos sócios que representantes de outros clubes lhe confidenciaram que, por vezes, mesmo tendo o Vasco a razão “eles não lha dariam porque iriam prejudicar clubs cujo apoio lhes viria a ser precioso futuramente”. Sua declaração mostra, com indignação, a fraqueza política do Vasco, time de futebol novo e ainda por cima da colônia portuguesa, vítima de muitos preconceitos na capital. O opositor de Marcilio Telles no Vasco, o português Francisco Marques da Silva, pediu a palavra e “com sincero patriotismo” fez coro ao pedido do presidente de se darem plenos poderes à diretoria “para manter a integridade moral” do Vasco e disparava que o associado que não desse apoio à diretoria estaria procedendo “como um criminoso”.⁵⁵⁴

Após a aprovação da assembléia, a plenipotenciária diretoria convocou a Assembléia da Diretoria para resolver o caso. O presidente do Vasco, Marcilio Telles informou que havia passado uma procuração para o sócio Manfredo Liberal para que ele acompanhasse “como nosso advogado, junto a Comissão de Syndicancia da Liga Metropolitana o inquerito a respeito do caso dos jogadores Arnaldo Quintanilha e Aristides Baptista”.⁵⁵⁵

Os dois não puderam jogar os dois últimos e decisivos jogos do campeonato de 1920, mas estiveram presentes no festival tradicional de final de ano no campo do Esperança. O time do “Pé de Anjo”, do Meyer, enfrentou o “Quem é bom não se mistura”, e os jogadores vascaínos alinharam nesta última equipe, ao lado de Villa, uma das maiores “borboletas” da época e ex-companheiro dos dois no Engenho de Dentro.⁵⁵⁶ Os dois jogadores acabaram sendo eliminados do Vasco⁵⁵⁷ e, no ano seguinte, apareceram como os grandes reforços do Carioca (!). O clube de operários do Jardim Botânico foi censurado por inscrever dois ex-atletas do Vasco, uma agremiação sócia da

---

⁵⁵⁴ *Acta da Assembléia de Sócios do Club de Regatas Vasco da Gama*, 22 de novembro de 1920.

⁵⁵⁵ *Acta da Assembléia da Directoria do Club de regatas Vasco da Gama*, 14 de dezembro de 1920.

⁵⁵⁶ *O Imparcial*, 21 de dezembro de 1920.

⁵⁵⁷ Durante a assembléia, um sócio afirmou ter informação que um dos dois jogadores acusados teria se vendido ao Hellenico por 30\$000, o que causou alvoroço nos sócios e abriu outra vertente nas investigações, agora internamente no clube. *Acta da Assembléia da Directoria do Club de regatas Vasco da Gama*, 14 de dezembro de 1920.

liga que havia eliminado os dois.⁵⁵⁸ Mas os jogadores estiveram presentes na equipe do Carioca durante a temporada de 1921, o que mostra que as acusações contra os dois às vésperas do jogo contra o Vasco pode ter sido uma grande armação envolvendo ainda os dirigentes do Carioca, uma verdadeira peça de engenharia para que este clube conseguisse tirar dois dos principais craques do Vasco. Em 1931, um cronista esportivo do *Jornal dos Sports* afirmou ser este caso o primeiro envolvendo a compra do passe de jogadores de futebol, e afirmava que uma consulta às atas da diretoria do Vasco poderia comprovar,⁵⁵⁹ mas a análise das mesmas não cita a referida transferência do jogador, apenas os casos vistos acima. Essas informações poderiam estar nas atas do Conselho Deliberativo, não arquivadas no Centro de Memória do Vasco da Gama. Talvez por isso, quando enfrentou o Vasco pela sua nova equipe em 1921, Esquerdinha “escapou de ser agredido por uma turma de adeptos do Vasco”.⁵⁶⁰ O jogo do campeonato de 1920 gerava grande expectativa, como apontava o *Correio da Manhã*:

SEGUNDA DIVISÃO. O importante match Carioca x Vasco da Gama
No campo da Estrada D. Castorina, no Jardim Botânico, será realizada hoje a maior pugna sportiva do atual torneio da 2ª Divisão da Liga Metropolitana. Encontrar-se-ão as fortes equipes dos clubs Carioca e Vasco da Gama, incontestavelmente as mais homogêneas e fortes que possui a Metropolitana em sua divisão intermediária. E tanto assim é que a equipe alvi-rubra é a campeã e a alvi-negra a segunda collocada na tabella. Além de possuírem os dois quadros elementos de grande valor (...) ambos estão em apurado estado de treino. Esse encontro vem despertando interesse como até então não foi verificado em torneios anteriores. [...] O grande número de torcidas que possui a equipe do club da Cruz de Malta leva-nos a crer que a praça de sports do sympathico campeão de 1913, 1916, 1919 e 1920 será pequena para conter o grande número de sportmen interessados nesse match.⁵⁶¹

Mais uma vez, o campeão dos mares não conseguiu derrotar a forte e experiente equipe do Carioca e acabou perdendo pelo mesmo placar de 2 a 0. A torcida do Vasco, cada vez mais numerosa, começava a se tornar uma das mais ativas nos estádios. Revoltada com o afastamento de seus principais jogadores no jogo decisivo do campeonato, a torcida vascaína acabou cometendo atos de violência ao final da partida. O jornal *O Paiz*, de propriedade do português João Lage, já havia notado que a torcida vascaína se excedia em seu comportamento, pelo menos para o que se considerava como padrão civilizado de comportamento e exigia atitudes por parte do presidente do clube. Em um jogo em que o Vasco visitou o S. C. Rio de Janeiro:

---

⁵⁵⁸ *O Imparcial*, 2 de abril de 1921.

⁵⁵⁹ *Jornal dos Sports*, 31 de abril de 1931.

⁵⁶⁰ *O Imparcial*, 6 de junho de 1921.

⁵⁶¹ *Correio da Manhã*, 19 de dezembro de 1920.

A criteriosa direção do glorioso C.R. Vasco da Gama, em cuja frente se acha um homem Francisco de Marques da Silva, deve providenciar para que d'ora avante reprovem seus associados, por terem agido de forma tão pouco cavalheiresca como hontem agio para com os players locais; esse facto foi notado por todos os presentes tendo gerado ampla reprovação; oxalá, que nunca mais se tenha o ensejo de taes accidentes, mormente, por se tratar de um centro de desportos que muito tem trabalhado desenvolvimento physico dos filhos deste querido Brasil e que é composto por rapazes educados.⁵⁶²

Prejudicado por punições, suborno a seus jogadores e estratagemas políticos que demonstravam sua fraqueza do Vasco nos meandros e corredores da Liga Metropolitana, o Vasco terminou o campeonato de 1920 em 2º lugar e o Carioca foi o campeão da 2ª Divisão.

Ao final do ano, o Vasco teria uma experiência inédita: pela primeira vez que a equipe jogava fora do Rio. O *Correio da Manhã* deu destaque, de quase uma página, para a vitória do Vasco sobre o Serrano, em Petrópolis, sendo a principal notícia da seção de segunda-feira. Nela, podemos notar que o Vasco continuava carregando consigo uma grande legião de fãs:

Os associados do glorioso Club de Regatas Vasco da Gama, realizaram hontem a sua primeira excursão de footballers. Foram felizes nesse primeiro encontro, realizado fora desta capital, pois abateram o seu forte antagonista - o Serrano F.C.- que é reconhecidamente forte, pelo score de 3 goals a zero. [...] Desde o primeiro trem para Petrópolis, às 6 horas da manhã, começaram a partir desta cidade os sócios do grande club da gloriosa Cruz de Malta; os restantes que montavam um total aproximado de seiscentas pessoas tomaram ingresso nos comboios de 8.25 e 10.20 horas. Assim a bella cidade serrana, aquelle lindo recanto onde brotam, como as hortênsias e os cravos cheirosos, as nossas lindas conterrâneas, ficou em verdadeiro dia de festa, quasi totalmente occupada pelos excursionistas do C.R. Vasco da Gama, acompanhados de suas exmas famílias.⁵⁶³

Esse jogo seria um dos jogos de preparação para a época do ano seguinte. A partir desse ano, o Vasco começaria a se preocupar mais com as vitórias e com as reais chances de chegar à Primeira Divisão, principalmente após o vice-campeonato de 1920. O clube era acusado sempre de estar à procura de bons jogadores para o seu quadro. Quando o Vasco foi jogar contra o Serrano, de Petrópolis, um jornal da cidade afirmava que o clube da colônia portuguesa “poz-se á caça de jogadores para reforçar sua equipe, já por si bastante forte”.⁵⁶⁴

---

⁵⁶² *O Paiz*, 8 de setembro de 1919.

⁵⁶³ *Correio da Manhã*, 28 de novembro de 1920.

⁵⁶⁴ Reprodução em *O Imparcial*, 19 de janeiro de 1921.

Ninguém mais duvidava do Vasco

Coelho Netto [F.C.]:
Carnaval
Martins e Rubens
Vinhaes, Sylvio Netto e Fortes
Mano, Raul, Welfare, Nonô e Orlando
O Imparcial, 20 de abril de 1921.

O time apontado acima foi escalado para ser a principal atração de um festival promovido pelo Luzitano Football Club. Não era para menos, pois o clube que levava o nome do homem que mais defendia o futebol no Rio de Janeiro, o Coelho Netto F. C., inclusive em verdadeiras batalhas via imprensa contra Lima Barreto,⁵⁶⁵ tinha uma “constelação” em seu elenco. A equipe reunia jogadores de três dos principais clubes do Rio de Janeiro. Sylvio Netto, Fortes, Mano e Welfare eram estrelas do Fluminense, sendo os três últimos tri-campeões (1917, 1918 e 1919). Nonô e Orlando eram jogadores recém-contratados do Flamengo, enquanto Carnaval, Martins, Luiz Vinhaes e Raul eram os principais jogadores do São Christovão. O adversário escolhido para jogar contra esta verdadeira seleção do Rio de Janeiro foi o Vasco da Gama. O clube tinha duas vantagens enormes para qualquer organizador. Primeiro, adorava participar de festivais, talvez porque assim conseguisse levantar recursos para pagar a seus atletas. Nas atas das assembléias da diretoria do clube,⁵⁶⁶ são pedidos atrás de pedidos para o Vasco participar de festivais, principalmente com o Engenho de Dentro, devido à aproximação de Pederneiras, já parte da Comissão de Sports Terrestres do Vasco desde finais de 1919.⁵⁶⁷ Em segundo lugar, como está sendo demonstrado, ter o Vasco jogando uma partida era ter também a companhia da imensa torcida vascaína.

A temporada de 1921 foi agitada, com os clubes grandes conseguindo a sua vitória e diminuindo o número de clubes das divisões. Foram criadas 4 divisões de sete clubes cada, as chamadas 1ª Divisão, séries A e B, e a 2ª Divisão, também com as séries A e B.⁵⁶⁸ O artigo de *O Imparcial* defendendo a diminuição de clubes e o aumento de poder dos clubes grandes é interessante para mostrar a mentalidade burguesa e liberal que via como algo natural a concentração de poderes econômicos e políticos:

[...] A seleção é a força. Devem vencer os mais fortes. Não é lógico pois que estes mais fortes dominem a Liga? Sejam elles que a dirijam? Ninguém por certo o contestará de boa fé. Vamos além. Que mal há que com a seleção os

⁵⁶⁵ Para maiores detalhes sobre a briga dos dois autores, ver MIRANDA, L. op.cit.

⁵⁶⁶ As atas das assembléias da diretoria que ainda se encontram no clube para esse período compreendem os anos de 1920, 1921 e 1922.

⁵⁶⁷ *Acta da Assembléia de Sócios do Club de Regatas Vasco da Gama*, 11 de dezembro de 1919.

⁵⁶⁸ NAPOLEÃO. op. cit., p. 93.

grandes clubs venham a ganhar mais? Pagariam, assim, de facto, suas dívidas; melhorariam suas sedes; tomariam novo impulso; e, com isso, só lucrará o sport do Brasil! [...] Reflectam, pois os pequenos, e não briguem, porque a briga só lhes será prejudicial.⁵⁶⁹

A semelhança com o discurso político das elites é impressionante. Além de se apoiar nas diferenças “lógicas” entre grandes e pequenos, ainda acaba com o conselho de que estes não se rebelem contra os grandes, como havia acontecido em 1917, pois não conseguiriam “ganhar a briga”. Enquanto isso, o *Suplemento Sportivo* do mesmo jornal, um caderno especial e semanal de esportes de *O Imparcial*, notava em seu número de abertura que a nova divisão dos clubes fora ruim para os clubes pequenos, pois haviam perdido a renda dos jogos com os grandes.⁵⁷⁰

O Vasco trouxe mais jogadores para reforçar sua equipe. Mingote assumiu o posto de Palamone, que foi atuar no segundo time como um dos dois defensores, ao lado de Carlos Cruz. Para o meio de campo, o Vasco subiu para o primeiro time o jogador Arthur, do Hellenico, que havia contratado ainda em 1920;⁵⁷¹ o negro Godoy e Nolasco também aparecem nas escalações, mas a procedência dos mesmos não foi possível determinar. A equipe do Vasco vinha despertando a ira da crônica esportiva, mas a causa não era unicamente esportiva, pois, como vimos, o final dos anos 1910 e início dos anos 1920 foram marcados pelo revigoramento do sentimento antilusitano na Capital Federal.

Os jogadores começaram a ser acusados de praticar jogo violento e, conseqüentemente, inflamar sua torcida. Dessa maneira, os jornais afirmavam que o clube da maior colônia da cidade, e que a cada final de semana lotava as acanhadas canchas da 2ª Divisão da LMDT, estaria desvirtuando as bases daquele belo esporte jogado por *gentlemen*. O jogo entre Palmeiras e Vasco, dá ensejo a uma reportagem enorme descrevendo lance a lance do jogo. Uma grande confusão aconteceu nessa partida:

Há um incidente entre Nolasco e um player palmeirense. Atracam-se em luta e não se compreendeu mais nada! Jogadores atracam-se! O povo invade o campo, chovem os sopápos, os bofetões, bengaladas, cacetadas entre jogadores, assistentes, policia e tudo mais que se havia em campo. A cavallaria entra no ground. As vaías estrugem a cada lado das archibancadas e o jogo continua suspenso. Uma balburdia! Vergonha! Deprimencia contra o sport nacional!⁵⁷²

---

⁵⁶⁹ *O Imparcial*, 7 de janeiro de 1921.

⁵⁷⁰ *Suplemento Sportivo de O Imparcial*, Anno 1, n. 1, 5 de março de 1921.

⁵⁷¹ *O Imparcial*, 21 de agosto de 1924.

⁵⁷² *Correio da Manhã*, 21 de agosto de 1921.

O jogo recomençaria e o resultado final seria 1 a 1. O campeão da série B daquele ano foi uma equipe tradicional da 1ª Divisão, que foi relegada à divisão inferior com a redução dos clubes em cada divisão: o Villa Izabel. Em segundo lugar ficou o Carioca, outra equipe forte e tradicional da 1ª Divisão em anos anteriores. O Vasco ficou em terceiro lugar, mas dava um passo decisivo com a obtenção de um campo maior para conseguir rendas mais consistentes.

Na primeira divisão, o Flamengo contratou o técnico uruguaio Ramon Platero,⁵⁷³ campeão pelo Fluminense em 1919 e que havia regressado ao Uruguai em 1920. A equipe se tornou novamente campeã e teve a maior receita com mensalidades e jóias pagas por associados de toda a sua história: 293:305\$000, mais do que o dobro conseguido no ano anterior.⁵⁷⁴ O Fluminense, clube que liderou o movimento para a diminuição de clubes na 1ª Divisão, ficou em último lugar. Teve que jogar a eliminatória com o campeão da série B, o Villa Izabel, e conseguiu ganhar, ficando assim na série A. Em 1922, o campeão da série A foi o America, em um de seus títulos mais importantes, pois ficou designado como o Campeão do Centenário.⁵⁷⁵ O America teve que comprar o seu campo nesse ano, quando da morte do proprietário, pois os herdeiros colocaram o terreno à venda, e uma cláusula no contrato dava o direito da rescisão unilateral mediante depósito de 30:000\$000, não importando as benfeitorias construídas pelo inquilino. Com tudo o que o America havia investido naquele campo, o valor da propriedade aumentou de 100:000\$000 para 330:000\$000, e ao America restou fazer um esforço para comprar seu estádio. O clube tentava assim dar um passo importante em sua história e tornar-se definitivamente uma das equipes mais competitivas da cidade e do país. Enquanto o América sagrava-se campeão da 1ª Divisão, os clubes da divisão inferior travavam uma batalha para chegar à elite do futebol carioca. Quanto ao Vasco da Gama, continuava o seu projeto de ter o melhor time do Rio e alavancar as conquistas da colônia portuguesa. A qualquer preço.

---

⁵⁷³ *O Imparcial*, 13 de abril de 1921.

⁵⁷⁴ Relatório do Clube de Regatas Flamengo. Quadro retrospectivo da renda de jóias e mensalidades. *O Imparcial*, 6 de março de 1922.

⁵⁷⁵ Um relato apaixonado da conquista do campeonato do America em 1922 pode ser lido em CUNHA, O. e VALLE, F. op.cit., pp. 123 a 126.

CAPÍTULO 4

A REVOLUÇÃO VASCAÍNA

4.1 1922: Vasco, Campeão da série B da 1ª Divisão

Às Vésperas da Revolução Vascaína

O ano de 1922 foi de extrema importância na esfera esportiva no Brasil, pois, além da criação do Campeonato Brasileiro de seleções estaduais pela CBD, ocorreram importantes conquistas para o Vasco e, conseqüentemente, para a comunidade de imigrantes portugueses no Rio. Logo no início daquele ano, o clube se sagrou campeão de Remo. As partidas do Vasco enchiam os acanhados estádios do Rio, e a força dos torcedores vascaínos foi se sentindo em campo. A equipe foi convidada para o *Festival Sportivo* organizado pelo S.C. Brasil. Para se ter uma noção da importância que o Vasco começava a ganhar no meio futebolístico carioca, foram convidados para o festival juntamente com a equipe cruzmaltina, o América, o Botafogo, o Fluminense e o Flamengo, ou seja, os clubes da elite do futebol carioca. A equipe de futebol do Vasco iniciou a preparação para o campeonato carioca no dia 16 de janeiro, quando jogou um amistoso contra aquele que seria o seu maior rival no ano de 1922, a equipe do Villa Izabel. A partida foi vencida pelo “Villa”, também conhecido como o time do Jardim Zoológico, por 2 a 1. Ainda no mês de janeiro, o Vasco se meteu em uma confusão com a Liga Metropolitana. Por motivos desconhecidos, o clube não compareceu à reunião dos representantes filiados à Liga para as eleições das Comissões Permanentes para 1922. Por isso, a equipe foi substituída no Festival Sportivo do S.C. Brasil pelo Mangureira F.C. e teve que recorrer à participação no Festival do Campo do Andarahy para continuar seus jogos de preparação para a temporada.

Com o desenvolvimento dos campeonatos, com a entrada de mais times e principalmente com um público cada vez maior nos estádios, vencer no futebol era dar provas de superioridade perante toda a sociedade. Além disso, vencer era atrair um número maior de torcedores, compradores de ingressos, consumidores do espetáculo. Na primeira divisão, os ingressos ainda custavam 1\$000 para as gerais, 2\$000 para as arquibancadas e 5\$000 para as cadeiras numeradas, o que poderia gerar uma boa renda, em caso de estádio cheio e caso o mesmo comportasse uma grande quantidade de pessoas. Pelas análises dos Relatórios Anuais do Fluminense Football Club, podemos

perceber também a evolução das receitas relacionadas com o futebol. Os *matches* renderam 27:246\$000 em 1916, 30:699\$500 em 1917, 44:699\$700 em 1920 e 54:458\$000 em 1921, praticamente dobrando as receitas em apenas 6 anos, sem um aumento dos ingressos desde então.⁵⁷⁶ A façanha econômica do Fluminense tinha uma fórmula: ampliação do estádio e vitórias dentro do campo com uma equipe recheada de bons valores. No período analisado acima, o estádio do Fluminense passou por duas grandes reformas para abrigar os campeonatos Sul-Americanos, a primeira em 1919 e a segunda em 1922. A capacidade do estádio subiu de oito para vinte e cinco mil espectadores, i.e. passou a comportar três vezes mais torcedores. Somado a isso, o Fluminense foi vitorioso em campo e se tornou tri-campeão entre 1917 e 1919. Era um clube com estrelas da envergadura de Marcos da Conceição, Lais e Fortes - todos campeões pelo *scratch* nacional em 1919 e 1922 - e jogadores de renome como Welfare, único estrangeiro a ter defendido a seleção brasileira, e o paulista Bachi. A vitória passou a ser um imperativo para os clubes atraírem mais torcedores e arrecadarem mais. E a ampliação dos estádios deveria ocorrer de maneira a suportar o crescimento do número de adeptos presentes a cada ano naquelas praças esportivas.

O Vasco e a aplicação da fórmula: bons jogadores, ampliação de estádios e vitórias

ESSE TEAM É MESMO O DO VASCO DA GAMA?

Durante o match final do Initium jogado entre os teams do Palmeiras e do Vasco da Gama, um assistente chamou da grade o sr. Ferreira Vianna, que era o juiz da partida e perguntou-lhe:

-Oh! Dr. Ferreira Vianna! Eu não sou grande conhecedor de futiboli mas cá bim a ber o Basco jogar. Diga-me, esse 'timio' que está em campo de camisa preta, com a cruz de malta ao peito é mesmo o 'timio' do Vasco?

-É, respondeu o Ferreira Vianna.

-Mas com tantos pretinhos?! Retrucou o torcedor vascaíno.

- É o team do Vasco da Gama depois de ter dobrado o Cabo da Boa Esperança e ter chegado à África.

Suplemento Sportivo de O Imparcial, Anno 1, n.5, 2 de abril de 1921

Em abril de 1922, começa o Campeonato Carioca. A série A da 1ª Divisão era formada por Flamengo, Fluminense, São Cristóvão, Bangu, América, Andarahy e Botafogo. Já a série B da 1ª Divisão tinha as equipes do Palmeiras, Mangueira, Americano, Carioca, Mackenzie e os principais rivais do ano - Villa Izabel e Vasco.

A equipe do Vasco da Gama se reforçou para o campeonato de 1922. Não eram mais os jogadores suburbanos os que interessavam ao Vasco, que agora queria

---

⁵⁷⁶ *Fonte:* Relatórios Anuais do Fluminense Football Club de 1916, 1917, 1918, 1919, 1920 e 1921. Os relatórios de 1918 e 1919 não apresentavam as receitas separadas por esporte do clube.

jogadores com experiência em jogos de grande audiência da Liga Metropolitana. Uma das contratações urgentes era para o lado esquerdo da defesa. O veterano Carlos Cruz, o único remanescente da “era pós-1919”, quando a equipe começou a ser constituída pelos jogadores das equipes suburbanas, iria deixar de jogar futebol. Para o seu lugar, o clube contratou Albanito Nascimento, o Leitão, jogador que começou na equipe do Bangu e, desde 1917, era titular do primeiro time. Vivendo num bairro de grande maioria de negros como Bangu, Leitão tinha esse apelido pelo tom rosado de sua pele branca e sob o jogador recaíam suspeitas de que fosse analfabeto.

Para o meio de campo, o Vasco trouxe o jogador Braulio, jogador do Andarahy. O meia-esquerda era uma “borboleta” conhecida desde os idos de 1919, quando deixou o Sport Club Taubaté para a equipe da America Fabril, dos subúrbios cariocas.⁵⁷⁷ Outros dois jogadores vieram para reforçar o ataque vascaíno. Um deles era Paschoal, jogador que se destacou na Liga Suburbana, jogando pelo Mavillis,⁵⁷⁸ de onde saiu para o S.C. Rio de Janeiro, time da 2ª Divisão da LMDT conhecido como “fábrica de jogadores”.⁵⁷⁹ Do S.C Rio de Janeiro, Paschoal saiu para o Vasco,⁵⁸⁰ para ocupar o lado esquerdo do ataque, no lugar de Pederneiras, também um dos jogadores símbolo da transformação vascaína, tendo sido este o jogador que fez a ponte entre o Engenho de Dentro e o clube da Cruz de Malta em 1919 para a obtenção de jogadores daquele clube. Pederneiras foi inclusive absorvido como membro da diretoria e transformou-se num dos maiores “cavadores” (nome que se dava a quem atraía jogadores para determinada equipe) do clube da Cruz de Malta.

O último reforço do Vasco também veio do Bangu. Era Claudionor Correa,⁵⁸¹ o Bolão, jogador negro, alto e forte, que jogava na posição de *center-half*, no centro do meio-campo, entre o ataque e a defesa. Bolão era, assim como Leitão, operário da Fábrica Progresso, a fábrica do time do Bangu. Na descrição de Mario Filho, “[o] Bolão não era da sala de pano, pegava pesado, trabalhando na sala das tintas, de avental, de tamancos altos como botinas, cobrindo todo o pé. Qualquer descuido, uma queimadura. No Vasco ele podia subir. O que não faltava era português querendo ajudar o jogador do Vasco”.⁵⁸²

---

⁵⁷⁷ *O Imparcial*, 12 de março de 1922.

⁵⁷⁸ *Gazeta Suburbana*, 21 de junho de 1919. O jogador participou do jogo do *scratch* da Liga Suburbana contra o Engenho de Dentro no festival anual daquela entidade.

⁵⁷⁹ *O Imparcial*, 24 de março de 1922.

⁵⁸⁰ *O Imparcial*, 11 de janeiro de 1922.

⁵⁸¹ *O Imparcial*, 12 de março de 1922.

⁵⁸² FILHO, M. op.cit., p. 120.

Esses quatro jogadores se juntaram aos outros da equipe vascaína de olho nos pagamentos feitos pelo clube dos portugueses para que seus jogadores se dedicassem exclusivamente ao futebol.⁵⁸³ O fato, que era comentado na imprensa esportiva da época, virou verdade em praticamente qualquer livro sobre a história do futebol, de qualquer natureza, seja uma pesquisa acadêmica, seja um livro de memorialistas, ou de crônicas, ou mesmo almanaques de futebol feitos por jornalistas.

No livro das atas das reuniões da diretoria, um relato valioso das atividades do final de 1921 e do ano de 1922 mostra que a diretoria do Vasco estava decidida a entrar na elite do futebol do Rio de Janeiro. Os homens do Vasco aplicaram com maestria e de maneira inédita a fórmula de somar bons jogadores, ampliar as dependências do local onde se realizavam os jogos e conseguir vitórias para a sua ascensão esportiva, econômica e social. O ineditismo do Vasco residia no fato de constituir uma equipe de jogadores totalmente profissionais oriundos das camadas mais baixas da população carioca.

Numa dessas reuniões, a diretoria do Vasco, talvez por descuido, relatou o pagamento dos jogadores. Sem disfarces, tudo foi confirmado, jogador por jogador, inclusive o valor mensal que cada um recebia. É uma prova inequívoca de que o departamento de futebol do Vasco vinha mantendo relações profissionais com seus atletas, fazendo sua inserção definitiva nas relações Capital/Trabalho, que estavam em pleno desenvolvimento no país. Ou, nos termos da

Acta da 3ª Sessão da Directoria. 1 de fevereiro de 1922.

O Sr. Director de Desportos Terrestres disse que era necessário momentaneamente, continuar a [palavra ilegível] seguida pela Directoria anterior no [palavra ilegível] gratificar sete dos jogadores de football do 1º team, com a importância mensal de 485\$000, assim distribuidos: Nicomedes: 80\$000; Nolasco: 50\$000; Mingote: 80\$000; Nelson: 35\$000; Godoy: 80\$000; Fernandes: 80\$000; e Dutra: 80\$000, no que foi rebatido com insistência pelos senhores Directores presentes, que apreciaram o caso como uma grave irregularidade no esporte e que era necessario ir eliminando no mais curto espaço de tempo possível. Então, aquelle sr. Director se comprometeu a ir dispensando aquelles jogadores logo que tivessem substituto idoneos, mas que já o não podia fazer. Nessas condições ficou aprovada a sua resposta.⁵⁸⁴

A ata, assinada pelo presidente Antonio de Almeida Pinho, mostra a anuência do presidente e de todos os diretores presentes, que, apesar da discussão, assinaram o

⁵⁸³ Iconografia: Imagem XXIX. Foto do time do Vasco de 1922.

⁵⁸⁴ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 1º de fevereiro de 1922.

pagamento dos referidos jogadores. A reunião, de foro íntimo do clube e com a presença apenas de diretores, continha importantes resoluções.

Primeiramente, mostrava que a prática não era nova, nem recente, pois o diretor afirmava ser necessário dar continuidade ao que era feito pela diretoria anterior, também sob a presidência de Almeida Pinho. A prática em questão referia-se à gratificação em dinheiro a jogadores do primeiro time do Vasco. As gratificações não eram apenas os famosos “bichos”, tão difundidos por Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro*⁵⁸⁵ e absorvidos pela maior parte da literatura ligada ao futebol. Os “bichos” eram as gratificações que os jogadores recebiam pelos treinos e jogos, variando de acordo com os resultados. Não se pode negar a existência do “bicho”, muito menos a sua crucial importância no desenvolvimento do futebol profissional, mas essa não era a prática revolucionária que os dirigentes do Vasco estavam colocando em prática. O “bicho” era uma prática comum, com dinheiro rateado pelos sócios ou dado pelos clubes, como as ajudas de custo e os muitos milhares de contos gastos em “outros”, ou “despesas variadas”, ou qualquer dos outros subterfúgios já analisados anteriormente. Os padrões de recebimento de valores por jogadores de futebol são praticamente impossíveis de determinar, uma vez que os clubes não faziam esse tipo de registro. Porém, vale lembrar que as ajudas de custo, uma das maneiras mais comuns de se dar dinheiro aos jogadores de futebol, podiam chegar a cerca de 500\$000, como foi dado pela CBD aos 17 jogadores que disputaram o Sul-Americano de 1921.⁵⁸⁶ O jogador Russinho, que jogou no time do Vasco a partir de 1923 vindo do Andarahy, deu uma entrevista em 1931, para *O Globo*, e mostrou bem como essa prática se efetuava e como os times faziam para dar dinheiro a seus jogadores:

Eu recebo e todos recebem. Quem dá a ‘condução’ é a CBD, é a AMEA, são os clubes. Contra os uruguaios, os brasileiros receberam cem mil réis de condução. Contra os paulistas, na decisão do Campeonato Brasileiro, os cariocas receberam cinquenta. Contra o Botafogo eu recebi trinta mil réis. Veja bem as diferenças. Depende da importância do jogo, da renda que o jogo produz. E eu pergunto: se eu não gasto nem cem mil réis, nem cinquenta, nem trinta de condução em um dia de jogo, a que título me dão o resto? Sim, a que título? Só pode ser como gratificação; e convenhamos que, se for assim, é pouco, é irrisório.⁵⁸⁷

---

⁵⁸⁵ FILHO, M. op.cit.

⁵⁸⁶ *Despesas da Embaixada Sportiva no 4º Campeonato Sul-Americano. O Imparcial*, 21 de dezembro de 1921.

⁵⁸⁷ *O Globo*, 30 de setembro de 1931.

Se recorrermos aos relatórios, já analisados anteriormente, do Fluminense do ano de 1923,⁵⁸⁸ as palavras de Russinho tomam amplo sentido. Do total de despesas do Fluminense, 5:036\$400 (quase 10%) está registrado como “automóveis, passagens e transporte”. Outros 5:944\$980 (pouco mais de 10%) aparecem como “Despesas diversas”. Se lembrarmos que o Fluminense vendeu a seus torcedores passagens para Bangu, uma das estações mais distante da Zona Sul e, portanto, com as passagens mais caras, a 1\$000 ida e volta, temos uma idéia de quanto custava se locomover pela cidade. O campeonato era restrito à cidade do Rio de Janeiro, a maioria dos campos ficava na Zona Sul e Centro do Rio de Janeiro.⁵⁸⁹ Mais de 5 contos de réis para transporte, a “condução” da entrevista de Russinho, é exagero. Além desse montante, o Fluminense gastou mais outro tanto em despesas diversas, quase 6 contos de réis, o que dava uma média de despesas diárias com o futebol da ordem de 200\$000, o suficiente para comprar 125 refeições em um restaurante popular da cidade por dia. No mesmo relatório, o Fluminense apresenta uma despesa com dormitório e refeitório de 4:179\$300,⁵⁹⁰ ⁵⁹¹. O gasto com material esportivo naquele ano foi muito alto, 11:985\$300, o suficiente para comprar 200 bolas oficiais de futebol da marca Gregori, as mais caras da Casa Sportsman, de propriedade de Raul Campos.⁵⁹²

Realmente inovador era “gratificar sete dos jogadores de football do 1º team, com a importância mensal de 485\$000”. O pagamento não era um prêmio por jogo, ou uma ajuda de custo para os transportes em dia de treinamentos. Era feito mensalmente e os jogadores contavam e poderiam continuar contando com aquele fixo por mês. O valor era pequeno se comparado ao que era colocado nos jornais como possíveis valores pagos aos atletas. Mesmo assim, são valores que se aproximam dos salários de um operário no Rio de Janeiro. Na Fábrica Bangu, os operários homens, adultos, da seção de fiação ganhavam 103\$500. Já na Luz Stearica, fábrica de velas, um operário do setor de empacotamento ganhava um salário de 90\$512. Os salários mais altos, entre os

---

⁵⁸⁸ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923*. Rio de Janeiro: Tip. Papellaria Luis Macedo e Cia., 1924.

⁵⁸⁹ Na Zona Sul, ficavam os já tradicionais campos do Botafogo, Fluminense e Flamengo. O Vasco jogava no campo do Fluminense. Os campos do America e do Andarahy ficavam na chamada Cidade Nova, compreendendo parte da região do bairro da Tijuca, próximo ao centro da cidade. O campo do São Christovão, à Rua Figueira de Mello, se situava no bairro de mesmo nome, servido por trens e também próximo do centro. Só o estádio do Bangu poderia ser considerado bastante afastado, mas cada equipe ia uma vez por ano a Bangu.

⁵⁹⁰ Ver nos anexos os detalhes da tesouraria do departamento de futebol do Fluminense de 1923.

⁵⁹¹ Como visto no capítulo anterior, o “Restaurante Alexandre - O Grande Campeão”, na Rua 7 de Setembro, n. 174, tinha refeições a 1\$500 e 60 cupons custavam 70\$000. Anúncio em *O Imparcial*, 4 de maio de 1923.

⁵⁹² *Careta*, 19 de maio de 1923.

percebidos pelos operários dessas fábricas, podiam chegar a 401\$999, no caso dos operários da fábrica de velas, naquele ano de 1922.⁵⁹³

Para completar os rendimentos de seus jogadores, o Vasco se utilizava dos mesmos subterfúgios que as outras equipes para conseguir dar dinheiro a seus atletas. As atas do Vasco estão repletas de ajudas de custo, despesas altíssimas com suprimentos para os jogadores de futebol, com treinos⁵⁹⁴ e até mesmo “donativos a jogadores”, no valor de “89\$000 a 165\$000; aliás, 165\$000 e 330\$000”,⁵⁹⁵ valores muito mais próximos das médias salariais e até de bons salários nas indústrias dos subúrbios do Rio de Janeiro. Talvez por isso, Claudionor Correia, o Bolão, operário da Fábrica Bangu, que pegava pesado e deveria ganhar algo entre 169\$128 e 192\$120 (os valores mínimos e máximos pagos aos operários da fábrica),⁵⁹⁶ tenha resolvido trocar o emprego de operário da fábrica por um “emprego no comércio”, quando trocou o Bangu pelo Vasco. Como ele, Albanito Nascimento, o Leitão, também deixou o emprego de operário para “trabalhar” no comércio, quando entrou para o Vasco. A diretoria do Cruz de Malta comunicou à LMDT que “os jogadores vascaínos Claudionor Correia e Albanito Nascimento deixaram de ser empregados da Fábrica Bangu e que passaram a ser empregados no commercio”,⁵⁹⁷ Mostrando claramente o acordo entre casas de comércio e os clubes, em que os comerciantes passam a ser laranjas dos clubes para pagar os jogadores. Nota-se ao decorrer da leitura das atas que existem pagamentos para casas de comércio da cidade do Rio de Janeiro, sem a devida especificação, como as despesas com a “J.C. Miranda: 193\$000; Alexandre Ribeiro: 210\$000”⁵⁹⁸ e “Martins Macheiro e Cia: 1:923\$000; L.B. de Almeida e Cia: 1:045\$000; F. Passos e Cia: 559\$750”,⁵⁹⁹ entre outras.

O jogador Nelson da Conceição, um dos destaques da equipe vascaína, o *Chauffer*, tri-campeão da Liga Suburbana com o Engenho de Dentro, tinha seus privilégios dentro do Vasco da Gama. O jogador era o único que apresentava altas contas de despesas de farmácia:

---

⁵⁹³ LOBO, E. M. L. e STOTZ, E. N. op.cit., pp. 82 e 83.

⁵⁹⁴ Na *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 19 de abril de 1922. As despesas com os suprimentos chegaram a 485\$000 e com os treinos foram os seguintes: contra o Botafogo- 130\$000; Mangueira- 80\$000; Fluminense: 110\$000.

⁵⁹⁵ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 8 de março de 1922.

⁵⁹⁶ LOBO, E. M. L. op. cit., p. 677.

⁵⁹⁷ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 5 de abril de 1922.

⁵⁹⁸ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 12 de abril de 1922.

⁵⁹⁹ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 26 de abril de 1922.

“Foi apresentada uma conta de tratamento médico e farmácia para o jogador Nelson de 132\$000. [...] O club não satisfará mais contas de identica natureza, deste ou qualquer outro jogador, sem a sua [da diretoria] previa consulta.”⁶⁰⁰ A resolução, tomada dia 8 de março de 1922, mostra que o clube não se opõe a pagar a Nelson em contas de uma farmácia o que um operário ganhava em um mês no Rio de Janeiro, apenas pedia para que o diretor de futebol consultasse antes a assembléia dos diretores. Portanto, menos de um mês depois, dia 5 de abril do mesmo ano, foi apresentada à diretoria “uma conta do tratamento do jogador Nelson no mês de março de 100\$000, cujo pagamento foi aprovado”.⁶⁰¹

O Vasco da Gama seguia, portanto uma linha de conduta, de pagar bons jogadores, tirá-los de seus times de origem e fazê-los trabalhar em campo para o clube.

O Vasco estabelecia uma nova relação entre o Capital e o Trabalho no meio do futebol, corrompendo as leis da Liga, mas adequando-se à realidade brasileira e inserindo-se nas práticas capitalistas em desenvolvimento. A relação estabelecida entre do clube e seus jogadores, entre os patrões e os empregados, era, inclusive, muito mais flexível que nos clubes chamados amadores, aqueles que não pagavam salários, como o era o caso do Vasco, por mais contraditório que pareça. Era fato que muitos jogadores recebiam dinheiro para participar em festivais de futebol pela cidade e até mesmo fora dela. Já foi visto antes que jogadores de todas as equipes participavam em festivais de clubes menores, jogando em times com outros nomes. Os próprios jogadores do Vasco faziam isso com frequência, principalmente na época da aquisição dos jogadores originários do Engenho de Dentro. Aliás, aquele clube suburbano aparece constantemente nas atas vascaínas agradecendo e pedindo novas participações do clube da colônia portuguesa em seus festivais. A diretoria do Vasco não se importava quando seus jogadores participavam dessas festas esportivas, independentemente do conhecimento do clube.⁶⁰²

Já os dirigentes do America pensavam de forma diferente. Não deixavam seus atletas participarem deste tipo de festivais, que tinham o único objetivo de levantar dinheiro para os clubes menores e que eram uma maneira dos jogadores de futebol complementarem as suas rendas mensais. Os irmãos Curtys, jogadores do time do

---

⁶⁰⁰ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 8 de março de 1922.

⁶⁰¹ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 5 de abril de 1922.

⁶⁰² Nos arquivos do Centro de Memória do Vasco, há uma foto dos jogadores vascaínos agachados, em que aparecem ao fundo os do combinado Engenho de Dentro- Mackenzie em pé. Iconografia: Imagem XXX.

America, resolveram participar de um desses festivais por um “club avulso”. Para piorar a situação, Manoel Curtys, que jogava no primeiro time, deixou de comparecer ao jogo do America contra o Villa Izabel, num dos jogos mais difíceis do campeonato, em que a equipe de Curtys ganhou por um magro 1 a 0.⁶⁰³ Os jornais, e principalmente *O Imparcial*, davam destaque para o caso e apoiavam a atitude da diretoria do America, que pensava em suspender os atletas, acusados pelo jornal de serem “maximalistas”.⁶⁰⁴ Raul Loureiro, em suas tiradas para a coluna *Dribblando*, afirmava que os dois irmãos Curtys iriam jogar pelo Revolução F.C.,⁶⁰⁵ após a suspensão que levaram do clube. Oswaldo Curtys, que atuava pelo segundo ou terceiro time americano, foi eliminado. Seu irmão, um dos principais jogadores do primeiro time, foi suspenso por 60 dias.⁶⁰⁶ O mais curioso do “caso Curtys”, foi que Manoel, que não foi eliminado do clube, se revoltou quando o America trouxe um jogador dos subúrbios, negro, conhecido como Manteiga. Ele foi um dos que abandonaram o clube, quando Manteiga entrou no time, tornando-se sócio do Flamengo e Fluminense.⁶⁰⁷ Essa era uma das diferenças da diretoria do Vasco no trato com seus jogadores. Vários aparecem em festivais de muitos dos clubes suburbanos, mostrando uma alteração na maneira de se encarar o jogador de futebol e o gerenciamento do departamento deste esporte dentro do clube.

O gerenciamento do departamento de futebol do Vasco da Gama estava indo na direção certa, basta observar a evolução dos resultados do time entre 1916 (ano de sua estréia) e 1918 e, depois, entre 1919 (ano em que começou a contar com os *cracks* suburbanos) e 1921. O clube figurava como um dos principais nomes da 2ª Divisão e estava próximo à conquista do título da 2ª Divisão e a uma vaga na elite do futebol carioca.

Porém, a medida da LMDT de diminuir para sete os clubes de cada divisão, tomada em 1921, tornou o campeonato ainda mais complicado para as equipes das divisões inferiores da Liga Metropolitana. Uma primeira divisão com apenas sete clubes tornava a vida de clubes como Vasco da Gama, Carioca, Andarahy, Villa Izabel e Palmeiras muito complicada. O objetivo das agremiações consideradas pequenas, incluindo o Vasco da Gama, era conviver ao lado de seis clubes que tinham uma razoável situação econômica, apoio de membros de setores importantes da sociedade

---

⁶⁰³ *O Imparcial*, 4 de outubro de 1920.

⁶⁰⁴ *America reage contra maximalistas. O Imparcial*, 6 de outubro de 1920.

⁶⁰⁵ *O Imparcial*, 9 de outubro de 1920.

⁶⁰⁶ *O Imparcial*, 6 de outubro de 1920.

⁶⁰⁷ *O Imparcial*, 1º de julho de 1921.

carioca e estrutura para não cair de divisão. Os clubes que estavam nessa situação eram: America, Bangu, Botafogo, Flamengo, Fluminense e São Christovão. Com a não aprovação de medidas como o fim da venda de ingressos, analisada no capítulo anterior, os clubes tentavam se fechar num círculo cada vez menor, deixando praticamente apenas uma vaga para que os “pequenos” se enfrentassem, pois as outras seis vagas dificilmente deixariam de ficar com os seis clubes acima referidos.

Esse era mais um motivo para o Vasco dar mais um passo importante em sua caminhada rumo a mais um item da fórmula para se tornar um grande clube, as vitórias em campeonatos. O presidente do Vasco, Antonio de Almeida Pinho, em conjunto com a diretoria do clube, chegou à conclusão de que os *cracks* do Vasco precisavam de um *entreineur* e trataram logo de buscar o melhor que havia no mercado. Com enorme prestígio devido à conquista dos campeonatos de 1919, pelo Fluminense, e 1921, pelo Flamengo, Ramon Platero era o homem dos sonhos dos dirigentes vascaínos. O treinador uruguaio, que havia estado na “Celeste”,⁶⁰⁸ tinha a possibilidade de conquistar um duplo tri-campeonato em 1922, o seu e o da equipe do Flamengo, fato que igualaria a conquista da equipe do Fluminense. Só uma proposta tentadora conseguiria tirar Platero do Flamengo, e o treinador pediu muito alto para realizar o sonho do Vasco de contar com o melhor treinador da cidade, numa equipe de 2ª Divisão. O desprestígio de treinar uma equipe da divisão inferior da Liga tinha um preço e, portanto, era preciso negociar um bom contrato e condições para a execução de um bom trabalho.

Em abril de 1922, às vésperas do início do campeonato carioca, a diretoria do Vasco resolveu fazer uma primeira proposta para Platero. A diretoria esperava contratar o técnico como massagista, “a mesma profissão no Clube de Regatas Flamengo mediante a contribuição mensal de 300\$000, o que foi aprovado”.⁶⁰⁹ O treinador recebeu a proposta e não gostou. Negociou e, no prazo determinado, se inscreveu pelos dois clubes, Flamengo e Vasco. O campeonato, entretanto começou. O Vasco estreou em abril, dia 16, contra o Palmeiras com uma vitória contundente de 4 a 0. Na segunda rodada, o clube sofreu uma dura derrota para o Villa Izabel. Os jornais já demonstravam que sabiam ser aqueles os principais concorrentes ao título da série B daquele ano. Logo após o jogo que completava a segunda rodada, o *Jornal do Commercio* publicava esta notícia:

---

⁶⁰⁸ Maneira como a seleção uruguaia é conhecida, devido à cor de seu uniforme.

⁶⁰⁹ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 5 de abril de 1922.

Serie B - VILLA IZABEL x VASCO DA GAMA: Impossível seria prever o resultado do jogo do Villa Izabel X Vasco da Gama dada a excelência dos quadros que se iriam bater. Muitos mesmos eram de opinião que o resultado desse match influiria decisivamente no resultado final do campeonato da serie B da Primeira Divisão.

Hontem realizou-se finalmente esse encontro, tendo por local o campo do Jardim Zoológico e assistido por numeroso público que, desde cedo, occupou completamente todas as dependências da praça de sports villaizabelense. Asseguravam que seria aquele o melhor jogo da tarde e, somos da opinião de que realmente o foi.⁶¹⁰

Já *O Malho* destacava, ao lado de uma caricatura de Nelson,⁶¹¹ “o ‘bão’ da série B”, as características deste importante *match* em que as equipes apresentavam vários craques negros:

“- Dizem que o jogo Villa x Vasco vae ser ‘roxo’!”⁶¹²

- ‘Roxo’ nada, rapaz; vae ser ‘preto’...”⁶¹³

O Vasco jogou com a sua melhor formação: Nelson; Leitão e Cruz; Nolasco, Braulio e Mingote; Pires, Torterolli, Claudionor, Paschoal e Negrito. Numa mesma tarde, em que se debateram Botafogo e Bangu, o jornal afirmava que o melhor jogo do dia teria sido o da série B. Mas o Vasco não conseguiu ganhar, perdeu por 1 a 0, e as profecias feitas pelos cronistas de que aquele jogo selaria os destinos da série B aterrorizaram os dirigentes vascaínos. O técnico uruguaio percebeu o momento de tensão e declarou ao Vasco que tinha sido chamado à LMDT para optar entre o permanecer no Flamengo ou ingressar no clube da Cruz de Malta. Afirmou em comunicado à Diretoria que em igualdade de condições trabalharia no Vasco, mas que seu salário era de 900\$000 com uma multa rescisória de 2:000\$000, ou seja três vezes mais do que o Vasco havia oferecido no primeiro contato entre os dois. Além do salário, exigia do Vasco uma pesada multa em caso de o clube não querer contar mais com seus serviços. Apenas o vice-presidente se manifestou contra a contratação do técnico por conta do alto valor da transação, afirmando que aqueles valores passavam da capacidade de administração do clube, mas mesmo assim “resolveu-se por unanimidade fechar o negócio com o referido funcionário”.⁶¹⁴ O Flamengo, entretanto, demitiu Platero “em vista de seu descaso pelos serviços que lhe estavam affectos”.⁶¹⁵

---

⁶¹⁰ *Jornal do Commercio*, 24 de abril de 1922.

⁶¹¹ Ver Iconografia: Imagem XXXI..

⁶¹² “Roxo” significava que seria um jogo apertado, que deixaria hematomas nos jogadores e nos torcedores.

⁶¹³ *O Malho*, 22 de abril de 1922.

⁶¹⁴ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 8 de maio de 1922.

⁶¹⁵ *O Imparcial*, 19 de maio de 1922.

Enquanto os diretores do Vasco negociavam com o treinador, a equipe vascaína conseguiu duas importantes vitórias, contra o Mackenzie por 3 a 0 e depois para o concorrente direto, a forte equipe do Carioca, por 2 a 1, com dois gols de Bolão, um dos reforços da temporada.⁶¹⁶ O contrato entre Platero e Vasco foi assinado fixando o salário do treinador nos exigidos 900\$000 mensais, determinando dedicação exclusiva nas funções de “treinador de football, massagista e professor de ginástica sueca” e estabelecendo dois anos de contrato e uma multa de rescisão de 3:000\$000.⁶¹⁷ Sua estréia foi contra o forte time do Americano, outra agremiação de grande torcida na 2ª Divisão. O jogo foi tratado como uma verdadeira decisão. O Vasco conseguiu empatar em 1 a 1, com um gol de um dos *cracks* do Engenho de Dentro, Nicomedes Conceição, o Torterolli.

Com o treinador uruguaio no comando, o regime de treinamentos do Vasco mudou completamente. Platero introduziu no Vasco algo que já fazia no Fluminense, porém sem a adesão de todos os jogadores: a concentração. O Fluminense, em 1919, passou a contar com dormitórios e restaurante para os atletas, mas alguns jogadores, como Marcos de Mendonça, nunca se submeteram a tal medida. No Vasco, a medida foi tomada logo após a chegada do treinador, e a diretoria aprovou a compra de camas para os jogadores dormirem e “o melhor proveito tirarem dos treinos do nosso *entreineur*”.⁶¹⁸

O planejamento para a formação de uma equipe capaz de se tornar campeã da difícil série B da LMDT estava completo. O time era composto por grandes jogadores. O melhor treinador disponível passou a conduzir a equipe com treinamentos rígidos e com os jogadores sob severo controle do clube. Faltava um campo com espaço adequado para se poder alcançar rendas maiores e suportar toda a carga de despesas, agora muito maiores, com o departamento de futebol. O Vasco alugou um campo maior, o antigo campo do S.C. Rio de Janeiro, praticamente abandonado e precisando de muitas reformas para se adequar às exigências da Metropolitana. Mesmo assim, os dirigentes vascaínos se lançaram na empreitada e transformaram o acanhado campo da Rua Moraes e Silva num campo agradável, capaz de receber públicos na ordem dos cinco mil espectadores. Mas a Liga Metropolitana, através de seus homens fortes, começou a aumentar a fiscalização em cima dos jogadores do Vasco. Acusações da imprensa vieram de todos os lados, e o Vasco foi considerado como o clube que

---

⁶¹⁶ *Correio da Manhã*, 2 e 15 de maio de 1922.

⁶¹⁷ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 8 e 31 de maio de 1922.

⁶¹⁸ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 24 de maio de 1922.

desvirtuava o futebol da cidade. Esses serão os dois próximos pontos a serem analisados.

O Campo da Rua Moraes e Silva

O campo era pequeno, acanhado, precisava de ampla reforma. Só uma empresa com algum capital e com um produto de grande potencial de consumo poderia entrar em um empreendimento do tipo que a reforma do campo à Rua Moraes e Silva requeria. As vantagens que oferecia eram a melhor localização e a maior capacidade de público em relação ao campo em que o Vasco costumava jogar. Ainda durante o ano de 1921, a diretoria do clube começou a pensar em substituir sua acanhada praça de esportes da Rua Barão Itapagipe por uma outra que acomodasse maior público. O tesoureiro do clube pediu “poderes à Directoria para tratar da aquisição do campo do Sport Club Rio de Janeiro, à rua Moraes e Silva, cujos poderes vão até a compra”.⁶¹⁹ O pleito do tesoureiro foi aprovado pelos diretores e transferido para as mãos do presidente Antonio de Almeida Pinho. O campo da Rua Moraes e Silva, 43 já era conhecido do público e era bem mais perto, apenas duas quadras de distância, da estação de trem São Christovão, e nada perto da longa caminhada da estação até a Barão de Itapagipe. Mas estava muito decaído, precisaria de reformas, e os dirigentes do Vasco começaram a buscar a viabilidade do investimento. O clube, que tinha contrato de aluguel com o proprietário do campo da Barão de Itapagipe, pensou logo em re-alugar o campo, o que foi feito ao clube da Leopoldina Railway Athletic Association⁶²⁰ um inquilino com um fiador relativamente confiável, a própria Leopoldina Railway, por 205\$000 mensais.⁶²¹ Já o contrato com o proprietário do campo da Moraes e Silva, Sr. Alfredo Novais, foi assinado com validade de 6 anos, a 650\$000 mensais, mais impostos por conta do clube.⁶²²

As reformas ficaram para 1922, ano em que o Vasco teria um belo campo à sua disposição e faria novas contratações de impacto para constituir uma equipe vencedora da série B da 1ª Divisão, no ano do Centenário da Independência. A primeira reforma no campo foi aprovada ainda em dezembro de 1921, sendo apresentado um orçamento

---

⁶¹⁹ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 10 de novembro de 1921.

⁶²⁰ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 15 de dezembro de 1921.

⁶²¹ O clube tinha que pagar 300\$000 por mês ao proprietário, que quando soube da re-locação e da saída do Vasco para outro campo, tentou fazer com que o clube desocupasse parte do terreno que o proprietário julgou estar ocupado ilegalmente, ou o pagamento de mais 300\$000 por mês. *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 18 de janeiro de 1922.

⁶²² *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 25 de novembro de 1921.

pelo senhor Fernando Lima no valor de 2:350\$000.⁶²³ Já em janeiro, o presidente do clube autorizou o pagamento de 350\$000 para “cimentar o passeio e pintar o portão”⁶²⁴ do novo estádio vascaíno. No mês seguinte, foi necessário o pagamento de três dias de trabalho para um carpinteiro, num total de 18\$000.⁶²⁵ Mas o mais caro era a construção das arquibancadas. O mesmo Fernando Lima apresentou um orçamento de 30:500\$000, que foi levado à reunião da diretoria pelo vice-presidente do clube. O orçamento foi considerado bastante oneroso e o clube resolveu procurar outras empresas que pudessem oferecer um preço menor.

As primeiras reformas não foram suficientes, e a LMDT reprovou o novo estádio do Vasco “pela falta de installações hygienicas dos juizes na sede e para o publico em local apropriado, assim como falta de enfermaria”.⁶²⁶ A Liga Metropolitana de Desportos Terrestres anunciou uma “lista de material para socorro de urgencia”, a que ficavam os clubes “obrigados a possuir, de acordo com o estabelecido na letra B do artigo 39 do regulamento do football”. Alguns dos principais itens, além de uma enfermaria, eram água oxigenada, álcool, balsamo de “benguê”, amônia, éter, ergolina, óleo canforado, cafeína, injeções antitetânicas, dentre outros,⁶²⁷ mostrando uma maior preocupação com as contusões dos atletas. Rapidamente o presidente mandou providenciar o que fosse necessário para a adequação do campo à legislação e à sua aprovação pela Liga Metropolitana.

O Vasco não conseguiu deixar o campo pronto para a estréia contra o Palmeiras. Teve que pagar 250\$000 para usar o estádio do Botafogo, gastando em uma tarde quase 40% do que pagava de aluguel mensal pela sua mais nova casa, ainda sem aprovação da Liga Metropolitana. O jogo teve renda de 793\$000, que foi insuficiente para pagar as despesas só com a preparação da equipe para a estréia. O Vasco teve 130\$000 de despesas para o treino que fez contra o Botafogo, mais 80\$000 para o treino contra o Mangueira e 110\$000 para o treino com o Fluminense. Gastou mais 485\$000 com suprimentos para jogadores, além do aluguel do campo, num total de 1:055\$000.⁶²⁸ A semana de estréia deu prejuízo para o departamento de futebol do clube, mas o esforço valeu a vitória por 4 a 0. O clube sabia que não poderia gastar tanto dinheiro com o aluguel do campo e rapidamente providenciou agilizar as reformas que vinha fazendo na

---

⁶²³ *Acta da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 15 de dezembro de 1921.

⁶²⁴ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 3 de janeiro de 1922.

⁶²⁵ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 15 de fevereiro de 1922.

⁶²⁶ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 29 de março de 1922.

⁶²⁷ *Jornal do Commercio*, 26 de maio de 1923.

⁶²⁸ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 19 de abril de 1922.

sua nova praça de esportes com a construção de arquibancadas pelo valor de 22:000\$000, a cargo do construtor José da Rocha Pereira.⁶²⁹ O valor era pequeno se comparado com a reforma no campo do America, na Rua Campos Salles, 118, que começou a ser executada no mesmo ano. O total da obra, completada apenas no ano seguinte, foi de 181:000\$000.⁶³⁰ Só para a construção da “archibancada geral”, que eram pequenos degraus em concreto para que as pessoas das gerais ficassem em pé, aumentando a capacidade do estádio, a diretoria do America liberou verba de 14:500\$00, em janeiro de 1923.⁶³¹ Os modestos investimentos de uma equipe ainda na divisão inferior da Liga Metropolitana só colocaram o campo da Rua Moraes e Silva pronto para ser liberado em junho,⁶³² antes do jogo decisivo contra o Villa Izabel.

O Vasco pôde capitalizar em cima de seu novo campo, cobrando 15\$000 por mês de M. Torres, para que este colocasse dois empregados a vender bebidas como ambulantes durante os jogos⁶³³ e arrendando o bar do estádio por 115\$000 mensais,⁶³⁴ valor abaixo do que recebiam os grandes clubes, mas efetivamente um bom negócio para o clube dos portugueses. O America, em maio de 1922, recebeu duas propostas para arrendar o bar do seu campo. Os valores propostos são anuais e foram feitos por duas empresas. A Cervejaria Polonia Ltda. ofereceu 3:600\$000 (300\$000 por mês), e a Perez e Cia. ofereceu 2:800\$000 (233\$333 por mês) para poderem servir aos torcedores dos estádio do America.⁶³⁵ É necessário lembrar que a capacidade do estádio do America era quase o triplo da do campo da Rua Moraes e Silva. O Vasco ainda teve a possibilidade de fazer propaganda de cigarros dentro de seu estádio. O clube recebeu ofício da “Grande Manufatura de fummos A. Carlos”, juntamente com maços do novo cigarro Football, pedindo para fazer no campo “reclame das mesmas”.⁶³⁶

Em campo, tudo ia bem, e a equipe sob os treinamentos de Ramon Platero ganhava os jogos importantes do torneio. O Vasco venceu o jogo contra o Mangueira e acabava o 1º turno com quatro vitórias, um empate e uma derrota. Estava atrás apenas do Villa Izabel, que contava com cinco vitórias, uma derrota e um ponto a mais. O problema do Vasco estava fora de campo, com as perseguições que a Liga vinha fazendo aos seus jogadores por conta da questão de seu suposto analfabetismo.

---

⁶²⁹ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 14 de junho de 1922.

⁶³⁰ CUNHA, O. e VALLE, F. op.cit., pp. 130 e 136.

⁶³¹ *Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 15 de janeiro de 1923.*

⁶³² *O Imparcial*, 4 de junho de 1922.

⁶³³ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 29 de março de 1922.

⁶³⁴ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 21 de junho de 1922.

⁶³⁵ *Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 8 de maio de 1922.*

⁶³⁶ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 14 de junho de 1922.

Só agora a APEA⁶³⁷ oficializa que não aceita analfabetos.
O Imparcial, 10 de novembro de 1922

Havia um jogador que acabava de chegar ao Vasco e que há muito jogava em um clube da LMDT, o já referido Albanito Nascimento, o Leitão, jogador do Bangu desde 1917. Leitão sempre foi titular da equipe do Bangu e, pelos periódicos consultados, jogou praticamente todas as 86 partidas disputadas pela sua equipe na 1ª Divisão do campeonato da LMDT entre 1917 e 1921. Como Leitão se inscreveu pelo Vasco em 1922, foi chamado a fazer a opção por um dos dois clubes. O problema, conforme já foi apontado, é que a opção deveria ser feita de próprio punho, em frente a um representante da Liga Metropolitana. Assim atestava o cronista de *O Imparcial*:

Jogadores não sabem o B-A-BÁ
[...] Há poucos dias foi à Liga Metropolitana um player da 2ª Divisão que, ignorando a nova determinação, acabou “dando o fora”, como que dizendo de si para consigo: “Quem teve tão desastrada ideia deveria ser deportado para o inferno!...”.⁶³⁸

A Liga enviou ofício ao Vasco da Gama pedindo para que a diretoria do clube agisse junto a seus jogadores para que cumprissem até 30 de junho daquele ano as disposições dos estatutos da entidade quanto à questão da obrigatoriedade dos atletas de provarem que sabiam ler e escrever.⁶³⁹

Duas semanas depois, o Vasco acusou o recebimento de novo ofício da LMDT afirmando ser imprescindível para a inscrição dos jogadores o cumprimento do artigo 67 dos Estatutos e do artigo 54 do Código de *Football*, i.e. que os jogadores provassem que sabiam ler e escrever.⁶⁴⁰ Os novos jogadores do Vasco, nomeadamente Albanito, o Leitão, já haviam jogado 5 partidas pelo clube. Mas a pressão da Liga aumentava, devido à proximidade do jogo contra o Villa Izabel, clube de grande influência na LMDT. No dia 4 de junho de 1922, o Vasco receberia o Villa Izabel para o jogo do retorno. Uma derrota do Vasco faria com que o Villa praticamente definisse o campeonato a seu favor. Era o jogo da inauguração do campo do Vasco, e uma vitória era tudo o que interessava.

---

⁶³⁷ Associação Paulista de Esportes Athleticos, também conhecida como APSA, substituindo o Esportes por *Sports*.

⁶³⁸ *O Imparcial*, 19 de março de 1922.

⁶³⁹ Na transcrição da ata a diretoria afirma que o pedido da Liga era para que “estejamos dispostos a agir junto dos nossos jogadores de football para que até 30 de junho [ilegível] vão cumprir o disposto nos seus estatutos, art. 67 e 104 que se [ilegível] em provar que sabem ler e escrever”. *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 8 de maio de 1922.

⁶⁴⁰ *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 24 de maio de 1922.

Durante a semana, o Vasco “havia se entregado a um entrainment methodico e severo”, e, com dois gols de Claudionor contra apenas um do Villa Izabel, “a turma vencedora jogou à altura do renome que é tida. Todos os seus componentes se empenhavam, por geral, com ardor na peleja, não havendo, por conseguinte, nomes a salientar”.⁶⁴¹ O Vasco mostrava, segundo o cronista de *O Imparcial*, um dos aspectos mais importantes do futebol, a sua força de conjunto. O jogo fez com que o Vasco tivesse uma arrecadação recorde em sua história, 4:072\$000, segundo o relatório de sua diretoria.⁶⁴² Este relatório mostra inclusive um dado, no mínimo, curioso. No princípio de 1923, o *Correio da Manhã* divulgou “CURIOSIDADES SOBRE AS RENDAS. NOTAS ESTATÍSTICAS DOS JOGOS DE 1922 (series A e B)” e colocava que a maior renda da série B teria sido no jogo do Americano contra o Vasco, no valor de 2:231\$000,⁶⁴³ valor que contrasta com as Atas do Vasco. Como a LMDT e as outras ligas que organizavam jogos de futebol no país, geralmente, cobravam uma porcentagem sobre a venda de ingressos, a imprensa comentava ser comum a evasão das rendas, ou seja, era comum a prática de declarar um valor menor que o realmente arrecadado para fugir das taxas das ligas e dos impostos cobrados pelo Estado.⁶⁴⁴

Mas os maiores problemas do jogo aconteceram após o seu término. A vitória do Vasco levou sua torcida à loucura. E parece que Ramon Platero e o empresário, fanático por futebol, Antonio da Silva Campos também perderam o juízo depois da partida. A torcida saiu em carreata do campo da Rua Moraes e Silva e foi em direção à sede do clube no centro da cidade. Pelo caminho, fizeram questão de passar pelo *Boulevard* 28 de Setembro, local da sede do Villa Izabel, onde foram recebidos a pedradas pelos torcedores locais. A imprensa carioca afirmava que um carro com vascaínos tinha ido em direção aos torcedores do Villa Izabel e que dois dos ocupantes do carro teriam disparado tiros de revólver em direção à sede. Os tiros foram respondidos com mais

---

⁶⁴¹ *O Imparcial*, 5 de junho de 1922.

⁶⁴² *Acta da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 7 de junho de 1922.

⁶⁴³ “Maior renda (A): S. Christovão x Flamengo- 13:295\$000; Menor renda (A): S, Christovão x Bangu- 584\$000; Maior média: Fluminense- 4:390\$700; Menor média: Bangu- 1:323\$300; Maior renda (B): Americano x Vasco- 2:231\$000; Menor renda (B): Mackenzie x Palmeiras AC- 45\$000; Maior média: Vasco- 880\$000; Menor média: Palmeiras AC- 207\$600” *Correio da Manhã*, 18 de fevereiro de 1923.

⁶⁴⁴ Um caso curioso é contado em *O Imparcial* sobre fato ocorrido por ocasião de um jogo entre a seleção do Paraná e a do Rio Grande do Sul, válido pelo Campeonato Brasileiro. Como a competição era organizada e bancada pela CBD, a entidade ficava com 100% da renda dos jogos. Dr. Paulo Silva, representante da Confederação, compareceu aos dois jogos e calculou o público em 8 mil para o primeiro jogo e 2 mil para o segundo. Os ingressos custavam 2\$000 e 4\$000 e o representante notou que “ainda que todas tivessem pago sómente 2\$000 a renda montaria a 20:000\$000”, mas que os paranaenses apresentaram uma renda de bilheteria de 3:380\$000. *O Imparcial*, 6 de agosto de 1922.

pedradas e com vários feridos.⁶⁴⁵ Testemunhas do Villa Izabel disseram ver Ramon Platero e Antonio da Silva Campos disparando tiros para o ar naquela confusão, fato que revoltou a diretoria do Vasco da Gama e levou ao rompimento de relações entre os dois clubes.⁶⁴⁶ O técnico do Vasco foi detido no “16º Districto, em consequencia de se ter envolvido num conflito [...] com partidarios do Villa Izabel”.⁶⁴⁷ No dia seguinte, longa crônica do mesmo jornal dava conta do aumento da violência nos estádios e fora deles e deixava implícita a participação do Vasco no episódio, redimindo os diretores do Villa Izabel. O artigo é longo, mas vale a pena pela riqueza do documento ao abordar diversas questões interessantes sobre o futebol daquele período:

Não é a primeira vez que factos de tal gravidade se registram. E infelizmente, não estamos em condições de garantir que seja a última. Cumpre, portanto, aos dirigentes das instituições sportivas tomar as mais energicas providencias, estabelecendo penalidades severas aos provocadores dessas occorrencias que tanto depõem contra nossos costumes.

Já uma vóz se fez ouvir, ante-hontem, no Conselho da 1ª Divisão, a propósito do caso em questão. Foi o Sr. Mario Bethlen, que censurou a pratica das passeatas, com bombas explosivas e foguetes, realizadas pelos sportmen vencedores. Na verdade, urge que se ponha um paradeiro aos excessos frequentes nas manifestações que os torcedores chamam ‘o gozo’. Nos paizes civilizados, onde se faz o verdadeiro sport, as victorias são festejadas por vencedores e vencidos, em plena cordialidade. Aqui, o que preocupa ao vencedor é a maneira de gozar ao vencido, lançando mão de recursos os mais irritantes, para augmentar-lhes a ‘cabeça inchada’. [...]

No recente e lamentavel caso Vasco-Villa, já a directoria deste último club providenciou no sentido de punir um de seus sócios accusado de haver tomado parte saliente no conflicto. A attitude dos directores dessa sociedade é digna de applausos. Agora que os do Vasco se entendam com elles, para, em acção conjuncta, apurar a quem cabe de facto, a responsabilidade dos successos de domingo, afim de que seja applicado o justo castigo.

O que não seria admissivel é que os responsáveis pelos destinos das duas sympathicas agremiações, de tão bom conceito no mundo sportivo, cruzassem os braços ante um caso como o de domingo, consentindo que se arraigasse no espirito de seus consorcios um sentimento que não tem razão de ser.⁶⁴⁸

O jornal mostra claramente que o Vasco não tomou as mesmas medidas que o Villa Izabel, que puniu um dos envolvidos. O Vasco não puniu nenhum de seus sócios, e, em reunião da diretoria, o tesoureiro do clube afirmou que a imprensa estava declarando o Vasco como perturbador da ordem, mas que o delegado do 16º Distrito afirmava que os associados do Vasco da Gama é que sofreram agressões ao passar pelo

---

⁶⁴⁵ *O Imparcial*, 5 de junho de 1922.

⁶⁴⁶ *Actas da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dias 14 de junho e 8 de agosto de 1922.

⁶⁴⁷ *O Imparcial*, 7 de junho de 1922.

⁶⁴⁸ *O Imparcial*, 8 de junho de 1922.

Boulevard 28 de Setembro.⁶⁴⁹ O jornal *O Imparcial*, sempre a favor do governo Epitácio Pessoa e inimigo do jornal *O Paiz*, de propriedade do português João Lage, aproveitava para desfiar a sua raiva pelos portugueses do Vasco, enquanto o jornal “português” não mostrava uma defesa clara do clube que representava sua colônia no Rio de Janeiro.

O Vasco continuou sua caminhada para chegar à série A da 1ª Divisão. Na rodada seguinte, um diretor do Americano, o próximo adversário do Vasco, escreveu uma carta para *O Imparcial* afirmando não participar de “complot” para derrubar o Vasco e subir o Villa Izabel, mas afirmava que queria derrotar o Vasco por uma revanche do 1º turno.⁶⁵⁰ No entanto, o caminho do Vasco foi sendo trilhado com vitórias e o clube venceu o Mackenzie por 4 a 2. Nesse mesmo dia, os jogadores do terceiro time do Vasco, após vencer o Mackenzie por 5 a 0, se sagraram campeões cariocas entre os terceiros times. O jogo teve uma renda fraca e o clube só conseguiu arrecadar 420\$000.⁶⁵¹ Depois, foi a vez de o Vasco enfrentar, outra vez em seu campo, o Americano. Dessa vez, foi grande a audiência, apurou-se a boa renda de 1:435\$000⁶⁵² e o clube lusitano alcançou uma vitória convincente por 2 a 0, o que fazia com que mais uma vez não houvesse “nomes a destacar tendo todos cooperado igualmente para a victoria da Cruz de Malta”.⁶⁵³

O jogo seguinte contra a forte equipe do Carioca foi marcado por fortes polêmicas, com acusações de subornos e compra de jogadores por parte dos diretores do Vasco. O campeonato entrava em sua fase decisiva, e o jogo de bastidores se mostrava quase tão importante quanto o jogo dentro das quatro linhas. Tudo começou alguns dias antes da partida, quando a imprensa comentou sobre uma aliança entre Carioca, Villa Izabel e Palmeiras contra o Vasco da Gama. Já os dirigentes do Vasco faziam sérias acusações aos dirigentes e jogadores do Palmeiras. Annibal Peixoto, representante do Vasco, entrou com uma denúncia junto ao Conselho Superior da Liga acusando Paulo Cannógeas, do Carioca, de ter comprado dois jogadores do Palmeiras por cerca de 500\$000.⁶⁵⁴ O jogo entre Vasco e Carioca era decisivo, pois mais duas vitórias colocariam o Vasco na eliminatória da série A. O Vasco ganhou pelo estranho placar de 8 a 3, e o dirigente do Carioca, Paulo Cannógeas, acusou o Diretor de Desportos

---

⁶⁴⁹ *Actas da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 7 de junho de 1922.

⁶⁵⁰ *O Imparcial*, 22 de junho de 1922.

⁶⁵¹ *Actas da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 28 de junho de 1922.

⁶⁵² *Actas da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 12 de julho de 1922.

⁶⁵³ *O Imparcial*, 10 de julho de 1922.

⁶⁵⁴ *O Imparcial*, 3 de agosto de 1922.

Terrestres do Vasco, Antonio Campos, de ter comprado os jogadores do Carioca.⁶⁵⁵ O jogador Braz de Oliveira fez os dois primeiros gols do Carioca, conseguindo fazer 2 a 1 na equipe vascaína. Após o empate do Vasco com gol de Claudionor, o gol da virada do Vasco foi muito contestado pelos jogadores do Carioca. O mais revoltado foi Braz, que acabou por abandonar o campo de jogo. Isso lhe valeu a eliminação da Liga Metropolitana, em decisão tomada pelo seu Conselho Superior.⁶⁵⁶ A partir daí, com um jogador a mais, o Vasco aplicou a goleada.

O Conselho da Liga também investigou as denúncias de suborno efetuadas pelo Carioca. O vice-presidente do Vasco, Annibal Peixoto, afirmou aos membros da Liga “que a directoria do Vasco desconhece a procedência da accusação no caso de ficar provado suborno no inquérito que corre”, enquanto o cronista de *O Imparcial*, mais uma vez, pedia punição exemplar defendendo que a Liga Metropolitana, a bem da moral esportiva, eliminasse “de seu seio os culpados”.⁶⁵⁷ Anos mais tarde, ao escrever o prefácio da obra de Floriano Peixoto Correia, *Grandezas e Misérias do Futebol*, o jornalista Paulo Várzea⁶⁵⁸ conta uma versão curiosa para o caso. Apesar de não colocar com exatidão alguns fatos da partida, afirma que o suborno dos jogadores do Carioca contou com a aprovação e participação dos diretores daquela agremiação, sendo inclusive o próprio Paulo Cannógeas a entregar o dinheiro para os jogadores Surica e Esquerdinha (ex- Engenho de Dentro e Vasco da Gama) para “irem passear a Niterói no dia do jogo”. Já Braz de Oliveira teria recebido 500\$000 do dirigente Mario Bethlen, do Villa Izabel, para que o jogador ajudasse a derrotar o Vasco da Gama. Braz de Oliveira era um jogador conhecido e vivia se envolvendo em confusões. O *center-forward* veio do S.C. Taubaté para o Rio de Janeiro com a responsabilidade de substituir João Cantuária, ídolo do time e que faleceu vítima da Gripe Espanhola. Quando chegou ao Rio de Janeiro foi interceptado por um dirigente do Fluminense, que tentou atravessar, sem sucesso, a chegada do jogador ao São Christóvão.⁶⁵⁹ Após ser eliminado do São Christóvão em 1920, acusado de ter sido subornado e entregue alguns jogos do clube,⁶⁶⁰ foi para o Carioca e mais uma vez viu seu nome envolvido em casos de corrupção no futebol.

---

⁶⁵⁵ *Actas da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 19 de julho de 1922.

⁶⁵⁶ *O Imparcial*, 14 de agosto de 1922.

⁶⁵⁷ *O Imparcial*, 13 de agosto de 1922.

⁶⁵⁸ VARZEA, P. *Prefácio* In CORREIA, F. P. op. cit.

⁶⁵⁹ *O Imparcial*, 27 de março de 1919.

⁶⁶⁰ *O Imparcial*, 8 de fevereiro de 1923.

Para poder terminar o campeonato em primeiro lugar, o Villa Izabel precisava que o Vasco perdesse. Várzea afirmou ainda que o árbitro da partida também estava colaborando com o Vasco e por isso teria sido eliminado da Metropolitana algum tempo depois do episódio. Braz de Oliveira foi eliminado e o jornalista exclamou: “Os canalhas eram varios, mas eliminaram apenas um para salvar as aparencias”.⁶⁶¹ Na preliminar do jogo dos primeiros times, os segundos times se enfrentaram, e a vitória por 2 a 0 deu ao Vasco o título de campeão carioca dos segundos quadros. Na semana anterior, havia sido campeão dos terceiros times, agora dos segundos. No futebol, era barba e cabelo. Faltava o bigode, o título da 2ª Divisão dos primeiros times.

O título poderia chegar logo no final de semana seguinte, no jogo contra o Palmeiras. No dia 23 de julho, o Vasco jogaria contra o Palmeiras, e uma vitória garantiria a conquista do campeonato. Era a chance que o clube de imigrantes tinha para chegar à Primeira Divisão e disputar jogos oficiais com os grandes times do Rio. Chegava o momento decisivo para o Vasco e para sua imensa torcida. O clima de decisão era enorme, como se pode comprovar nas notícias de jornal do dia do jogo:

O Vasco, uma vez vencedor do encontro, terá alcançado o título de campeão da serie. No caso de um empate, aquele grêmio terá que desempatar o titulo com o Villa Izabel, que lhe esta abaixo apenas 1 ponto. Se, finalmente, o Palmeiras vencer a luta, terá entregue ao Villa Izabel o titulo de campeão da série, porquanto o Vasco passará nessa hypótese, a ocupar o segundo posto na tabela. São essas as condições do Vasco, o que é bastante para assegurar ao Palmeiras hoje uma enchente para seus cofres.⁶⁶²

Aqui fica demonstrado claramente o papel que as rendas dos jogos de futebol passam a ter. Essa “enchente para os cofres” mostra a importância da torcida vascaína que, com certeza, encheria o estádio, visto que o Palmeiras já não aspirava mais nada no campeonato. Se pensarmos que os portugueses formavam a maior colônia de imigrantes da cidade e que o Vasco já contava com vários elementos representantes das classes populares, atraindo torcedores que se identificavam com eles, consegue-se imaginar a atração que o Vasco poderia exercer entre esses elementos da sociedade carioca. Em 1920, a população de imigrantes portugueses na capital federal era de 172.338, e muitos deles, com certeza, estavam no estádio do Palmeiras para acompanhar a vitória contundente por 5 a 0, que deu ao Vasco o título e acesso para a série A da Primeira Divisão.

---

⁶⁶¹ VARZEA, P. Prefacio in: CORREIA, F. P. op.cit., p. 26.

⁶⁶² *Jornal do Commercio*, 23 de julho de 1922.

A victoria do Vasco sobre o Palmeiras- Esta partida realizou-se hontem, na praça de sports da Rua Pref. Serzedello, cujas dependencias achavam-se completamente cheias, dado o valor da luta que se ia ferir.[...] O Vasco, possuidor de um excelente conjunto, que se pode considerar um verdadeiro scratch, actuou de um modo impecavel e o seu triunfo, pelo desenrolar da peleja, já estava mais ou menos assegurado. O honroso titulo de campeão conquistado brilhantemente pelo club da Cruz de Malta, foi bem merecido, pois sua actuação durante o presente campeonato foi sempre digna de nota e a sua victória de hontem foi honesta, sob todos os pontos de vista”

Assim informava o *Correio da Manhã*, que completava a notícia dando conta da rivalidade enorme que Vasco e Villa travaram no ano de 1922:

Verificada que foi a victória do Vasco da Gama, alguns indivíduos, typos de verdadeiros desocupados, postaram-se, depois do jogo, a frente da sede do Villa Izabel e começaram a atacar automóveis em que vinham partidarios do club campeão, chegando ao ponto de arrebatarem os chapeos dos passageiros, atirando-lhes tamancos e comettendo toda sorte de desatinos.⁶⁶³

Essa agressividade e o uso de tamancos, símbolo pejorativo do imigrante português, para se referir e ofender o time do Vasco vai ser usado no futuro novamente, como veremos posteriormente. *O Imparcial* assim se referia à torcida do Vasco: “Não há dúvida que a turma do querido grêmio da Cruz de Malta se não existisse, era preciso ser inventada”.⁶⁶⁴ O Vasco conseguia, enfim ser campeão da série B da 1ª Divisão e conquistava assim o direito de jogar a eliminatória contra o último colocado da série A. Mas eis que surge novamente o caso Leitão. Uma reunião do Conselho da 1ª Divisão da Liga suspendeu o registro de Albanito Nascimento e de Antonio Domingos da Silva, por conta de os dois jogadores não cumprirem o art. 66 dos Estatutos, por serem considerados analfabetos.⁶⁶⁵ Com isso, o Vasco perderia os pontos do jogo contra o Carioca. Até mesmo *O Imparcial* se mostrava surpreso com a medida, comentando que “[se] a entidade carioca fosse seguir agora tal medida, a maioria dos nossos clubs, nas divisões secundárias, estaria seriamente prejudicado na perda de pontos. Diz o adagio que, quem tem telhado de vidro, não atira pedras no do vizinho...”.⁶⁶⁶ No mesmo dia, o Vasco entrou com um recurso junto à Liga, pedindo os pontos de volta. Neste documento, que aparece por inteiro em *O Imparcial*, os dirigentes do Vasco afirmaram que o jogador estava com o registro perfeitamente legalizado, pois havia optado pelo Vasco da Gama em 22 de março, recebendo carteira n. 1833, das mãos do representante da LMDT, Sr. Paula e Silva.

⁶⁶³ *Correio da Manhã*, 24 de julho de 1922.

⁶⁶⁴ *O Imparcial*, 2 de agosto de 1922.

⁶⁶⁵ *Actas da directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, dia 30 de agosto de 1922.

⁶⁶⁶ *O Imparcial*, 25 de agosto de 1922.

Até mesmo este periódico, um dos que mais criticava as ações da diretoria do Vasco da Gama, mostrou revolta quando surgiram boatos de que o Vasco poderia ser acusado de “prejudicar o *sport*” e eliminado da Liga Metropolitana. O cronista completava, comentando que apenas “num meio de onde houvesse sido banido o senso moral” poderia surgir uma idéia como a de expulsar o clube da colônia portuguesa.⁶⁶⁷ Mas o campeonato ficou decidido a favor do Vasco, pois em reunião do Conselho Superior, o recurso do clube foi aceito e a decisão do Conselho da 1ª Divisão da Liga foi anulada.⁶⁶⁸ O clube levantava definitivamente a taça de campeão da 1ª Divisão da série A, dois meses depois de ter goleado o Palmeiras por 5 a 0 e vencido no campo aquela competição, dois meses de uma verdadeira batalha nos bastidores da Liga e com a supervisão da imprensa carioca, ávida por vender cada vez mais jornais para a inflamada torcida vascaína. O passo seguinte era a eliminatória da 1ª Divisão, e o adversário era uma forte e tradicional equipe carioca, o São Christóvão.

O jogo se realizou em novembro de 1922, e os ingressos tiveram os preços tradicionais de 1\$000 as gerais e 2\$000 as arquibancadas. O jogo terminou em 0 a 0, e a imprensa criticou a atuação da equipe vascaína afirmando que esta não estava à altura da série A.⁶⁶⁹ A LMDT, dias depois do jogo, declarou o São Christóvão vencedor da eliminatória. O motivo? “[...] Examinando a sumula deste importante prelio, descobriu que o player vascaíno, Albanito Nascimento, não tinha condições de registro”.⁶⁷⁰ Começava assim, em 1923, mais uma longa batalha pelo direito de jogar na série A.

Alegavam os homens fortes da Liga Metropolitana que Leitão não tinha cumprido o art. 51, que determinava em que condições os jogadores deveriam estar para poderem entrar em campo.⁶⁷¹

O caso de Leitão, segundo a imprensa, era simples. O jogador fora chamado para fazer opção entre o Vasco e o Bangu, para escrever de próprio punho a sua inscrição,

---

⁶⁶⁷ *O Imparcial*, 30 de agosto de 1922.

⁶⁶⁸ *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, 27 de setembro de 1922.

⁶⁶⁹ *O Imparcial*, *Jornal do Commercio*, 6 de novembro de 1922.

⁶⁷⁰ *O Imparcial*, 9 de novembro de 1922.

⁶⁷¹ A transcrição dos itens do art. 51 determinavam que o atleta deveria:

- a) ser registrado;
- b) ter 30 dias de inscrição pelo club pelo qual vae disputar;
- c) ter residencia no paiz por espaço de 60 dias;
- d) ser domiciliado no Distrito Federal;
- e) não estar em débito de multa imposta por qualquer poder da Liga;
- f) ter uma carteira ou ficha sanitária, onde sejam rigorosamente anotados seu estado de saúde no acto de inscrição e quaesquer modificações de accordo com o regulamento que fôr estabelecido em 1923;
- g) cumprir os requisitos porventura estabelecidos pela Confederação Brasileira de Desportos para transferencia interestadual ou internacional de amadores. *Correio da Manhã*, 17 de novembro de 1922.

provando assim não ser analfabeto. O jogador, que atuava pelo Bangu desde 1917 e nunca havia passado por tal constrangimento, não conseguiu fazer a inscrição de próprio punho e teve seu registro cassado, como mostram as atas da diretoria do Vasco. O clube entrou com recurso e pediu novamente a inscrição do jogador, e assim Leitão pôde jogar os últimos jogos. No dia seguinte ao jogo da eliminatória contra o São Christovão, Albanito Nascimento, o Leitão, foi chamado à LMDT para fazer sua inscrição. Após ter aprendido a “ler e escrever, muito rudimentarmente”,⁶⁷² conseguiu completar sua ficha de inscrição e fez um requerimento para um novo registro. A polêmica consiste em que o novo registro tinha sido pedido um dia após o jogo, portanto o jogador não teria 30 dias de inscrição pelo clube, como manda a alínea “b” do artigo 51 dos Estatutos da LMDT. Os dirigentes do Vasco, principalmente seu diretor de esportes terrestres, Antônio da Silva Campos, enviou novo recurso à Liga Metropolitana, afirmando que o jogador cumpria todos os itens do artigo 51 e, por isso, havia tomado parte em todos os jogos da Liga Metropolitana.

As discussões se arrastaram por mais de duas semanas e a questão era delicada. O Vasco introduzia uma lógica diferente no futebol carioca. Apoiado por uma imensa colônia de imigrantes ávidos por conquistas na esfera social, o clube conseguia o capital necessário para crescer e se colocar entre os grandes. Com seu poderio econômico, conseguia montar um time completo com os melhores jogadores de futebol da cidade e profissionalizá-los, inseri-los na esfera das relações entre Capital e Trabalho, e explorar os lucros produzidos por eles, através da comercialização de entradas para os jogos em que os funcionários do clube praticavam futebol. O poderio do Vasco se fez valer, e o recurso foi aceite pela direção da LMDT.⁶⁷³ O clube foi inserido na 1ª Divisão, mas para a Liga Metropolitana acertar as coisas com o São Christovão, não rebaixou nenhum clube aquele ano e o campeonato da série A da 1ª Divisão passaria a contar com oito equipes.

A polêmica pergunta persiste: qual seria a diferença entre o Bangu e o Vasco? Porque Leitão jogou quatro anos no Bangu, nos jogos da 1ª Divisão, e contra os maiores clubes da cidade, e só passaram a exigir a prova de alfabetização quando o jogador estava no Vasco, um clube que perambulava nas divisões inferiores e que o máximo que havia ganhado era algumas taças em festivais suburbanos? Porque o jogador Leitão do Vasco incomodava mais que o Leitão do Bangu? As diferenças eram claras. O Bangu

---

⁶⁷² *Correio da Manhã*, 17 de novembro de 1922.

⁶⁷³ *O Imparcial*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e *Correio da Manhã*, 3 de dezembro de 1922.

introduzia alguns jogadores humildes em suas fileiras, todos operários, sempre com a presença de um ou outro inglês no time. Era um time de fábrica de um bairro longínquo e era dirigido por capitalistas poderosos da Fábrica Bangu. O Vasco tinha o time inteiro de jogadores oriundos de camadas mais baixas da sociedade carioca, muitos negros e alguns brancos das camadas baixas. Leitão era branco e analfabeto e, segundo os diretores do Vasco, trabalhava em uma casa de comércio do Rio. Na verdade, era um profissional dedicado exclusivamente a treinar e jogar futebol, assim como os outros jogadores do time. O time estava jogando bem, era treinado pelo melhor treinador da cidade, Ramon Platero, e chegava à elite do futebol carioca seguido por uma enorme legião de fãs. Essa era a diferença entre o Vasco e o Bangu. Na verdade, essa era a diferença entre o Vasco e qualquer outro clube carioca. Por isso incomodava tanto.

4.2 1923: O Vasco Campeão da série A da 1ª Divisão

O ano de 1923 foi um ano difícil para a economia do país. A inflação colocou muitos trabalhadores do Brasil, principalmente nas grandes cidades, em situação complicada. O *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio* comparava os preços dos gêneros de primeira necessidade durante os anos de 1922 e 1923. Produtos como o açúcar tiveram altas exageradas nos preços. Em janeiro de 1922, um quilo de açúcar custava em torno de \$500 e \$540 e, em fevereiro do ano seguinte, já não se encontrava o mesmo produto por menos de 1\$000, chegando inclusive aos 1\$200. A alta do custo de vida era realmente um problema, e o *Jornal do Commercio* notava que no ano de 1923 “a alta de preços de todas as cousas é real e em ascendência ainda maior, e o assumpto não póde, portanto, deixar de impressionar os que se interessam pelos negócios publicos e pelo bem-estar da população”.⁶⁷⁴

O presidente da União dos Operários em Fábricas de Tecido, em carta ao governo, denunciava os péssimos salários pagos durante aquele ano aos operários daquela categoria. Falava em salários diários de 2\$000 a 2\$900, que com os descontos em folha, variavam de 36\$000 a 92\$300 mensais. Enquanto isso, o capital empregado em fábricas de tecido no país era de 437.000:000\$000, e a produção dos cerca de 125.000 operários do setor elevou-se a 566.000:000\$000. Na carta, o presidente fazia um pedido de aumento que variava de 30 a 50%, dependendo do setor e do valor do salário recebido, sendo os maiores aumentos para diárias de até 4\$000. O presidente considerava justo o pedido “tendo em atenção a situação em que se encontravam os operários das fábricas de tecido, a deficiência dos seus ganhos, o encarecimento da vida, de um lado, e do outro a renda líquida auferida pelos senhores industriais”.⁶⁷⁵ O governo do presidente Artur Bernardes, passou aquele ano a tentar estabelecer uma maior regulamentação das relações entre o Capital e o Trabalho. A primeira medida foi a instituição, por decreto presidencial em abril de 1923, do Conselho Nacional do Trabalho, um órgão não administrativo, apenas consultivo, composto por doze pessoas nomeadas pelo Presidente da República, sendo oito membros do governo, dois dos patrões e dois dos operários. Em outubro do mesmo ano, o governo enviou projeto à Câmara para a elaboração de um novo Código de Trabalho regulamentando o trabalho industrial e comercial como um todo. O projeto previa 8 horas de trabalho diário, 48

---

⁶⁷⁴ Fonte: *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio* (1919- 1934).

⁶⁷⁵ CARONE, Edgar. op.cit. (1984) pp. 191 a 193.

horas semanais, descanso aos domingos, 15 dias de férias recebendo salários, proibição do trabalho a menores de 14 anos (a não ser em casos excepcionais). Em relação às mulheres, o projeto previa a proibição do trabalho noturno e direitos por ocasião de gravidez e amamentação, além da criação de um sistema previdenciário, ainda que precário.⁶⁷⁶ Ao final do ano, o que se percebe ao analisar os salários dos operários das fábricas no Rio de Janeiro,⁶⁷⁷ é um aumento, ainda que pequeno.

O cronista do *Jornal do Commercio*, em sua análise sobre aqueles que considerava serem os fatores com maior influência no aumento de preços, creditava a carestia e o processo inflacionário ao próprio trabalhador. Afirmava que

[...] a diminuição de horas de trabalho, as condições de hygiene e de conforto que rodeiam o trabalhador, as suas exigências quanto á sua vida particular elevaram por toda a parte, o custo da produção. [...] Os nossos habitos estão mais exigentes, os nossos desejos mais variados e novas creações, instituições, diversões e usos tornaram mais complexa e, portanto, mais cara a existencia.⁶⁷⁸

Da mesma forma, acompanhar o futebol também ficou mais caro no Rio de Janeiro em 1923. O torcedor teria que desembolsar 50% a mais, se quisesse acompanhar seu time no campeonato da LMDT:

Attendendo ao encarecimento geral do custo de vida que, attingindo a todas as manifestações sociaes, não podia deixar de alcançar o esporte, e, principalmente o football, sobre o qual recaem onus pesados, agravados cada ano, de modo consideravel, veem-se os clubs da serie A da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres coagidos a fazer face á situação, fixando a partir de domingo em 3\$000 e 1\$500 respectivamente os preços dos lugares em archibancadas e geraes, nos encontros dos campeonatos, certos de que essa medida inadiavel será bem compreendida pelo publico afficionado, conhecedor das despesas avultadas que o desenvolvimento e a conservação de suas sédes delles exigem.

As directorias de Club de Regatas do Flamengo - America Football Club - Andarahy A. Club - Bangu A. Club - Club de Regatas Vasco da Gama - S. Christovam A. Club - Fluminense Football Club - Botafogo Football Club.⁶⁷⁹

Os jornais cariocas notavam, inclusive, que esses preços já estavam vigorando há algum tempo em São Paulo e só em 1923 é que passavam a vigorar no Rio de Janeiro.⁶⁸⁰

A “medida odiosa”, como se referiu *A Gazeta de Notícias*, era praticamente inevitável, devido ao constante aumento de preços e salários que aconteciam desde

---

⁶⁷⁶ GOMES, Angela Maria de Castro. *Burguesia e Trabalho: Política e legislação social no Brasil. 1917-1937*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979, pp. 97 a 99.

⁶⁷⁷ LOBO, E. M. L. e STOTZ, E. N. op.cit., p. 64.

⁶⁷⁸ Fonte: Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio (1919- 1934).

⁶⁷⁹ *Gazeta de Notícias*, 14 de Abril de 1923.

⁶⁸⁰ *O Imparcial*, 13 de abril de 1923.

1917. As greves e a ampliação das ações do movimento operário fizeram com que os níveis salariais crescessem de uma maneira geral, entre os anos 1917 e 1924.⁶⁸¹ Além disso, algumas conquistas, como a diminuição das jornadas de trabalho e o descanso semanal, iam sendo garantidas em alguns estabelecimentos e eram direitos já amplamente discutidos dentro da esfera do Estado.⁶⁸² Com certeza, esses elementos, aliados à manutenção do preço dos ingressos entre 1917 e 1922,⁶⁸³ foram cruciais para a possibilidade de um crescimento concreto do número de pessoas em condições de consumir espetáculos esportivos, mormente o futebol. E como o futebol adentrava a esfera do capitalismo, sendo ao mesmo tempo potencializado e potencializador das práticas inerentes a esse sistema, encontrava dentro das suas esferas administrativas os mesmos problemas que qualquer padrão naquele período. O presidente do Fluminense, Arnaldo Guinle, declarou ao final de 1922, que, apesar dos 295:000\$000 injetados pelo governo para a realização dos Jogos Sul-Americanos, o clube teve um déficit de 114:807\$843 “devido ao aumento de 50% nos salários” dos funcionários do clube e acrescentou que já previa para o ano de 1923 um aumento de 5\$000 na mensalidade dos associados.⁶⁸⁴ A prefeitura do Distrito Federal resolveu abocanhar parte do negócio da venda de ingressos e começou a cobrar 10% do valor total sobre as “receitas de portas”, além de cobrar os impostos inerentes ao funcionamento dos clubes esportivos e casas de diversão. A Prefeitura chegou até a propor a cobrança de um selo para colocar nos ingressos, à razão de 15% do seu valor.⁶⁸⁵ A situação se agravou de tal maneira que os clubes que não tinham uma grande estrutura, os chamados pequenos, foram os mais atingidos. Como notou o *Correio da Manhã*, “o encarecimento geral da vida trouxe para os chamados clubs pequenos, sob o ponto de vista financeiro, uma situação opressiva que perdurará ainda longo tempo se não forem tomadas providências efficientes para debellal-a”.⁶⁸⁶

Os jogadores, aqueles que passavam a vender a sua força de trabalho, também passaram a exigir mais, a negociar melhores empregos, ou mesmo a sua efetiva

---

⁶⁸¹ LOBO, E. M. L. e STOTZ, E. N. op.cit., p. 64.

⁶⁸² Para um estudo um pouco mais aprofundado sobre os projetos dos dois Códigos do Trabalho, de 1918 e de 1923, FAUSTO, B. op.cit., pp. 223 e 233. Para o Código de 1918 ver GOMES, A. de C. op. cit., (1979) p. 99. e GOMES, A. de C. op.cit. (2005).

⁶⁸³ Como visto nos capítulos anteriores, os preços para o campeonato da LMDT eram de 1\$000 para as gerais e 2\$000 para as arquivancadas.

⁶⁸⁴ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1922*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1923.

⁶⁸⁵ *O Imparcial*, 23 de dezembro de 1922.

⁶⁸⁶ *Correio da Manhã*, 11 de novembro de 1923.

profissionalização, com pagamentos mais altos do que os feitos anteriormente. Nada mais faziam do que o que toda a classe trabalhadora daquele período fazia, ao lutar por uma legislação que lhes desse algum amparo e melhores salários. O jornal *A Gazeta*, de São Paulo, reproduzia assim este significativo diálogo entre dois jogadores, ex-colegas de equipe, que atuavam em campos paulistas. Um dos jogadores confidenciou ao repórter do jornal que o outro jogador apareceria em um poderoso time da cidade naquele ano:

- O ordenado que me fizeram é de 500\$000 por mez.
- Maior do que do seu antigo club...
- É. Lá, porém, as despesas eram menores e depois eu tinha 400\$000, mas eram livres.
- ...
- Logo, porém, que comece o campeonato exigirei 800\$000...
- Se não derem?
- Regressarei lá para a “boa terra”...
- Ouvi dizer que eles vão arranjar um emprego para você...
- Qual emprego, qual nada; no dia em que eu precisar trabalhar não jogarei mais futebol.⁶⁸⁷

O jornal não citava os nomes, como no Rio também acontecia, mas os valores são bem próximos do que este pesquisador acredita que poderiam ser os salários de um bom jogador de um grande time de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Os jogadores da seleção brasileira receberam 500\$000 cada como ajuda de custo para a participação nos Jogos Sul-Americanos de 1921.⁶⁸⁸ Seriam, portanto, justos os valores que um jogador exigia para jogar “num poderoso *team*” da capital paulista. Fica claro, também, que o jogador não exerceria mais nenhuma outra atividade profissional, mas que também não tinha consciência, ao menos em termos de seu discurso, de que o futebol era o seu trabalho. Outro dado importante era a negociação entre patrão, ou o clube empregador, e seu empregado. Visto que uma equipe de futebol tem muito menos funcionários que uma fábrica, a falta de um jogador de alta qualidade poderia causar uma queda no próprio rendimento da equipe e uma maior dificuldade na obtenção de vitórias. O jogador escolheria o início do campeonato para pedir um aumento de 60% em cima dos vencimentos que acabara de negociar. Eram raros os casos de greves entre os jogadores de futebol. Um dos poucos exemplos foi dado pelos jogadores do segundo time do Sport Club Corinthians Paulista, de São Paulo, que “como não fossem atendidos em sua ‘pretensão’ combinaram de fazer greve” e não compareceram aos treinos com o primeiro time. O cronista do jornal se mostrava indignado com o fato de até os

---

⁶⁸⁷ *A Gazeta*, 23 de fevereiro de 1923.

⁶⁸⁸ Relatório da Confederação Brasileira de Desportes publicada em *O Imparcial*, 26 de outubro de 1920.

jogadores dos segundos times fazerem imposições aos clubes da 1ª Divisão.⁶⁸⁹ Outro caso interessante foi a greve de árbitros da APSA, de São Paulo.

POR CAUSA DE 15\$000

A Associação Paulista está presentemente lutando contra a falta de juizes que estão em ‘greve pacífica’, porque aboliram os 15\$000 que lhes davam para se sujeitar a ouvir mil desaforos e ainda de vez em quando, levar alguns cascudos. Aqui no Rio, paga-se aos juizes, e há um club que chega mesmo a dar 50\$000, para a condução, e também vem a faltar quem os queira ganhar. A Apea que satisfaça a vontade dos referees paulistas, porque não é caro.⁶⁹⁰

Apesar dessa falta de uso constante do instrumento da greve para conquistas coletivas, muitas eram as denúncias nas páginas dos jornais de jogadores que se recusavam a jogar sem aumento, inventavam contusões, doenças ou viagens familiares às vésperas dos jogos importantes para conseguirem pressionar os seus patrões, ou mesmo que se deixavam subornar para conseguir maiores rendimentos. Numa equipe com apenas onze jogadores, se a “peça” mais importante da “engrenagem” não for reposta à altura, o “produto final” pode não sair com a mesma qualidade. Os jogadores nessas condições sabiam disso e disso se valiam para constituir a sua luta de classes.

O futebol do Rio de Janeiro era parte integrante do capitalismo. A carestia estava estrangulando a população da Capital Federal, e um aumento de 50% no preço dos ingressos poderia afugentar o público do futebol, como havia ocorrido em São Paulo quando sua principal liga resolveu inflacionar sobremaneira as entradas para os estádios naquela cidade. Os clubes teriam ainda que pagar mais impostos, e seria difícil manter os principais jogadores com um orçamento mais apertado. A solução para os problemas foi um fato novo no mercado, um time diferente que se apresentaria na cidade. O time da maior colônia de imigrantes do Rio de Janeiro, com jogadores negros, mulatos e brancos, quase todos de origem humilde, se configuraram nesse fato inédito, o produto novo a ser consumido e que poderia salvar as economias dos clubes naquele ano difícil de 1923.

A Montagem do time

Aos olhos de Ramon Platero, parecia que a equipe do Vasco estava quase pronta para enfrentar os grandes clubes da cidade em seu ano de estréia na série A. O novo presidente da equipe era o fanático por futebol Antonio da Silva Campos, e o projeto do

---

⁶⁸⁹ *O Imparcial*, 6 de março de 1923.

⁶⁹⁰ *Gazeta de Notícias*, 1 de julho de 1923.

Vasco era ser campeão logo no ano de estréia. O novo presidente tratou logo de colocar a Taça Constantino, que era entregue ao campeão da série B da 1ª Divisão da LMDT, na vitrine de sua loja, a Casa Campos, na Avenida Rio Branco, um dos pontos de maior movimento na cidade. Antiga Avenida Central, a Avenida Rio Branco era o símbolo máximo da chamada Regeneração do Rio de Janeiro, após as reformas de Pereira Passos, sendo o eixo fundamental do projeto de reurbanização da cidade, operando como seu principal índice simbólico.⁶⁹¹ Para os portugueses, ter um patricio com uma casa de comércio naquela avenida já era uma conquista e simbolizava a ascensão daquela comunidade de imigrantes. Expor mais uma conquista na sua vitrine, vista por muitos elementos da sociedade, principalmente da elite carioca que fazia suas compras naquela avenida, era reforçar a conquista dos imigrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro. Uma vitrine de uma grande loja na principal avenida da cidade, de propriedade de portugueses, exibia com orgulho a taça de campeão do esporte mais popular do país, uma taça que, apesar de não ser a do campeonato principal, conferia à colônia portuguesa, algo mais do que a vitória restrita ao campo dos esportes.

Após o 0 a 0 contra o São Christovão pela eliminatória, as críticas à qualidade da equipe do Vasco foram fortes. Pouco antes das festividades de 1922, veio em excursão ao Rio de Janeiro o Britannia F.C., “eterno campeão do Paraná”,⁶⁹² e fez alguns amistosos, inclusive contra o Vasco da Gama, vencendo a equipe campeã da série B carioca por 2 a 0. As críticas por parte da imprensa se referiam à derrota como a prova de que o Vasco da Gama não tinha condições de estar entre os grandes do Rio de Janeiro. “Seu quadro é apenas soffrível e não está acostumado aos grandes embates”,⁶⁹³ declarou o cronista da Revista Theatro & Sport.

Apesar das críticas da imprensa carioca ao Vasco, o técnico uruguaio apostava na base da equipe, com os *cracks* suburbanos campeões da série B. Para o gol, manteve o cada vez melhor Nelson da Conceição, o único a se salvar das críticas nesses dois jogos. Para a defesa, continuou com Domingos Passini, o Mingote, que “quase louro, viera do Pereira Passos, um clube da Saúde, quase analfabeto”⁶⁹⁴ e Leitão, apesar de toda a polêmica envolvendo o jogador no ano anterior. O meio de campo sofreu duas alterações. Braulio, que havia vindo do Andarahy em 1922, regressava para esse time, e de lá o Vasco trazia Nicolino, um jogador negro, também suspeito de ser analfabeto.

---

⁶⁹¹ SEVCENKO, N. op.cit. (1998). p. 545.

⁶⁹² *O Imparcial*, 17 de dezembro de 1922.

⁶⁹³ *Revista Theatro & Sport*, 23 de dezembro de 1922.

⁶⁹⁴ FILHO, M. op.cit., p. 131.

Para a posição de *center-half*, Platero recuou seu *center-forward* Claudionor Correia, o Bolão, que mostrou toda a sua capacidade de se adaptar a novas funções em seu trabalho, ocupando novamente a posição que o consagrou no Bangu. Ao lado dele e completando o meio campo do Vasco, foi mantido Arthur, um dos jogadores mais antigos do elenco e que havia estreado no Vasco em 1920, vindo do Hellenico, time da 2ª Divisão da Liga Metropolitana. No ataque foram mantidos Paschoal, Torterolli e Negrito.

Foram feitas também duas contratações de peso. Em uma delas, o Vasco trouxe um jogador de um de seus grandes rivais da série B, Cecy. O jogador havia sido eliminado do Villa Izabel por supostamente ter-se deixado subornar para não fazer gols ou ter uma boa atuação a fim de favorecer a equipe da Cruz de Malta. As acusações partiram do representante do Villa Izabel e foram feitas em duas ocasiões. A primeira ocorreu logo após a partida. A segunda foi uma semana depois, quando o mesmo dirigente fez a mesma denúncia em reunião do Conselho da Liga. O jogador ficou absolutamente revoltado com as declarações dos dirigentes do Villa Izabel e, em carta enviada aos jornais, deixava claro o seu descontentamento e a revolta contra o que vinha sendo afirmado sobre sua pessoa:

Não medindo consequencias de tão graves inverdades S.S., bom portuguez, patenteou todo o seu ódio á minha pessoa citando verdades só cabíveis no seu cérebro doentio. [...] Se por acaso alguma pessoa (quem quer que seja) tiver provas de semelhante coisa convido-a a vir publicamente, pela imprensa proval-o. E para que não suponham que meu silencio é a confirmação de taes boatos aqui lavro o meu protesto e aguardo a verdade que certamente surgirá. Digo – Sylvio Moreira – Cecy.⁶⁹⁵

O jogador, que estava no Villa Izabel desde 1917, foi eliminado do time após as ofensas ao diretor,⁶⁹⁶ o que o impossibilitava de disputar torneios ligados à LMDT, ou mesmo a qualquer filiada da CBD. Mas boatos começaram a correr ainda no final de 1922 de que Cecy iria jogar o campeonato da série A da LMDT pelo Vasco da Gama. O próprio jogador garantia à imprensa do Rio de Janeiro que já era jogador do Vasco, após o clube ter conseguido a vaga na elite do futebol carioca.⁶⁹⁷ Não se sabia se o jogador iria para o Vasco, para o Andarahy, ou se iria ficar parado, pois para que pudesse atuar por outra equipe, necessitava ser perdoado pela equipe do Villa Izabel, que o havia eliminado. Aqui se apresenta uma questão curiosa. Alguns dos jogadores que eram

---

⁶⁹⁵ *O Imparcial*, 7 de agosto de 1922.

⁶⁹⁶ *O Imparcial*, 16 de março de 1923.

⁶⁹⁷ *O Imparcial*, 23 de dezembro de 1922.

eliminados de uma equipe eram perdoados posteriormente para jogar em outros clubes da mesma liga. O caso de Cecy foi clássico nesse sentido e não é tão difícil compreender que motivos levavam as diretorias a perdoar jogadores outrora eliminados de seu seio para reforçar agremiações adversárias.

Ao investigar a inscrição do jogador na Liga, o repórter do jornal *A Tribuna* foi chamado num canto por um funcionário da entidade, que lhe confidenciou que Cecy não havia feito a sua inscrição na Liga Metropolitana, mas sim “no escriptório de um figurão vascaíno, numa rua bem perto da Liga, tendo a assistil-a um paredro cá de dentro”. O repórter mostrava que o Vasco tinha influência junto a alguns dirigentes da LMDT e se mostrava indignado, pois Cecy havia sido eliminado do Villa Izabel, ainda que o mesmo “personagem da inscrição clandestina [tenha garantido] ao pessoal vascaíno que arranjar[ia] o seu perdão com o Villa”.⁶⁹⁸ Esse “personagem da inscrição clandestina” era uma figura relativamente nova nas inscrições e transações de jogadores. A certeza de que conseguiria o perdão do Villa Izabel para Cecy, deixa no ar a suspeita de que a inscrição do jogador era feita já com a autorização dos dirigentes do Villa Izabel. Paulo Várzea, jornalista ativo que acompanhou toda a fase da luta pela legalização da profissão de jogador de futebol, escreveu que era conhecido por todos o fato de que muitos diretores de clubes de futebol no Brasil faziam “de combinação com seus companheiros de directoria, negócios da China, na transação de passes de jogador de um clube para o outro”.⁶⁹⁹

Essa era uma palavra que passava a fazer parte do vocabulário do futebol, o “passe”, uma espécie de autorização do clube que um determinado jogador representava nos campeonatos. A origem da palavra vem das transações interestaduais e internacionais, quando a CDB concedia o “passe” para que os jogadores pudessem atuar em ligas diferentes de seus estados ou países. Na Inglaterra, havia notícias de que clubes negociavam passes de jogadores por 5 mil libras,⁷⁰⁰ ou 150:000\$000.⁷⁰¹ No caso de Cecy, o seu “passe” pertencia ao Villa Izabel, último clube que o mesmo havia defendido e que o havia eliminado devido a uma suspeita de suborno contra o próprio Vasco da Gama. O Vasco da Gama conseguiu a inscrição de Cecy e o perdão do Villa Izabel ao seu jogador. Era mais um negro nas fileiras do primeiro time vascaíno.

---

⁶⁹⁸ *A Tribuna*, 14 de março de 1923.

⁶⁹⁹ VARZEA, P. *Prefácio* in CORREA, F. P. op.cit., p. 37.

⁷⁰⁰ *Suplemento Sportivo de O Imparcial*, 9 de setembro de 1922.

⁷⁰¹ Ao câmbio de 30\$000 por uma libra, do *Jornal do Commercio*, 5 de janeiro de 1922.

Faltava uma grande contratação, um *center-forward* que pudesse mexer com o chamado “mercado de jogadores”. Com as saídas de Nolasco e de Braulio do meio-de-campo, o Vasco só tinha trazido Nicolino do Andarahy para o setor. Uma manobra de Platero resolveu o problema no meio-de-campo do Vasco, mas criou outro no ataque. O técnico recuou Claudionor Correia, o Bolão, da posição de *center-forward* para *center-half* e o clube ficou necessitado do chamado “artilheiro”, o homem responsável pelos gols.

O Vasco foi atrás de um *center-forward* de um clube grande e foi atrás de uma conhecida borboleta. Arlindo Pacheco, o Lindinho, havia começado no Villa Izabel, foi para o America em 1917 e para o Botafogo em 1920. Em março de 1923, os boatos começaram a surgir de que Arlindo poderia aparecer entre os vascaínos. Como era um jogador que já vinha de várias transferências, os rumores poderiam fazer sentido. Realmente, Arlindo Pacheco optou pelo Vasco da Gama⁷⁰² e, em carta ao jornal *O Imparcial*, expunha os motivos de sua troca. Afirmava que os dirigentes do Botafogo haviam lhe informado que, durante 1923, teria que jogar no segundo time e com isso ele não se conformava. Dizia que no Vasco da Gama poderia jogar no primeiro time e continuar desfilando o seu futebol entre os principais jogadores do Rio de Janeiro.⁷⁰³

Pela primeira vez o Vasco tirava um jogador de um dos grandes clubes do Rio de Janeiro. Sua torcida começava a encher os estádios nos jogos treino e nos torneios de preparação. Em fevereiro de 1923, o clube fez um pedido para mandar seus jogos no estádio do Fluminense.⁷⁰⁴ Um clube estreante na divisão mais forte da cidade queria organizar os seus jogos no maior estádio do país. Para isso, deveria arcar com as despesas de aluguel do estádio, muito altas, e confiar que sua torcida enchesse os mais de vinte mil lugares do recinto. O Vasco não queria mais o campo da Rua Moraes e Silva, que lhe daria rendas na casa dos 4 contos. Com o aumento dos ingressos e com mais umas reformas, talvez chegasse a 10 contos de réis. Mas com estádio para 20 mil pessoas, pagando 1\$500 e 3\$000, os valores dos investidores portugueses poderiam chegar facilmente à casa dos 30:000\$000. As atitudes do Vasco, que já incomodavam quando o clube estava na série B, passaram a ser de maior proporção agora que o clube estava na série A. E a reação dos outros clubes foi imediata.

---

⁷⁰² *O Imparcial*, 4 de abril de 1923.

⁷⁰³ *O Imparcial*, 8 de abril de 1923.

⁷⁰⁴ *Correio da Manhã* e *O Imparcial*, 16 de fevereiro de 1923.

O Time do Povo

O time que se reuniu para enfrentar pela primeira vez os grandes clubes da cidade era um verdadeiro mosaico, um verdadeiro microcosmo das camadas mais baixas da sociedade carioca. Todos eles dirigidos por um conjunto de imigrantes e descendentes de imigrantes portugueses, donos de casas de comércio e indústrias, prontos a ajudar o clube que lhes dava maior significação na sociedade. Eram homens que faziam com que mais uma engrenagem do mundo capitalista tomasse forma dentro da cidade, homens que escancaravam a relação profissional do trabalho dos jogadores de sua equipe, pois estes recebiam salários para se dedicar exclusivamente a atividades que executavam melhor do que as outras pessoas.

Infelizmente, as ligas que administraram o futebol do Rio de Janeiro não conservaram todos os seus registros oficiais para facilitar a vida dos pesquisadores em descobrir efetivamente quem eram esses jogadores, de onde vieram, quais os clubes pelos quais passaram. Porém, para a elaboração desta pesquisa, foi necessário recompor todo este time de 1923 do Vasco da Gama, através da leitura dos periódicos, de livros sobre o tema e da montagem de tabelas para acompanhar as transferências dos jogadores. Como vimos, a montagem desse time começou em 1919, com as contratações dos jogadores que foram tri-campeões da Liga Suburbana com o Engenho de Dentro. Mas a lenta transformação em um time de ponta do futebol carioca se completou com a equipe de 1923, que tinha como goleiro Nelson, negro, *chauffeur*. Na defesa, dois jogadores, brancos, acusados de serem analfabetos, Leitão e Mingote. Dos três jogadores do meio de campo, dois eram negros. Um deles, Bolão, chegou a ser operário da sala das tintas da Fábrica Bangu. O outro, Nicolino, era acusado de ser analfabeto. Arthur era branco, havia vindo do Hellenico, e não se sabe muito mais sobre esse jogador. No ataque, Paschoal, ex-peixeiro, quase analfabeto, estava ao lado de Torterolli, que veio ainda em 1920 do Engenho de Dentro e também era suspeito de ser analfabeto, e Negrito, que havia vindo do Lapa F.C. A esses três juntavam-se Cecy, negro, também sem saber ler e escrever muito bem, e Arlindo, branco, que veio do Botafogo e era um verdadeiro operário do futebol, já passando pela quarta equipe de sua carreira. Dos onze jogadores da equipe titular do Vasco da Gama, seis eram acusados de ser analfabetos, sendo que desses seis, dois eram negros. O time tinha quatro negros e sete brancos, e destes suspeitava-se que quatro eram analfabetos.

Uma equipe como essa estava muito mais próxima de ser reconhecida em campo pelas camadas mais baixas da sociedade do que um time cheio de advogados, médicos,

engenheiros e estudantes das mais diversas faculdades, quase todos brancos e com sobrenomes distintos, muitas vezes estrangeiros. A equipe descrita acima tinha muito mais a ver com o que realmente era a sociedade brasileira do início dos anos 1920. Talvez por isso e pela falta de provas de que os dirigentes do Vasco profissionalizavam seus jogadores, a LMDT começou uma campanha pela moralização do futebol, mesmo antes do início do campeonato de 1923. Foi criada na LMDT uma espécie de “Liga contra o Analfabetismo”, responsável por fazer uma séria investigação, juntamente com a comissão de sindicância, sobre os jogadores analfabetos. Nos primeiros dias de investigação, 50 jogadores tiveram seus registros cassados, sendo três deles do Vasco da Gama, Cecy, Nicolino e Torterolli.⁷⁰⁵ Os três jogadores já há muito participavam dos torneios organizados pela LMDT, cada um pela sua equipe. Cecy, desde 1917 atuava pelo Villa Izabel, em torneios da 1ª e da 2ª Divisão. Nicolino havia sido jogador do Andarahy, da 1ª Divisão em 1922, e Torterolli jogou, pelo próprio Vasco, os campeonatos de 1920, 1921 e 1922. Só em 1923 é que foram levantadas as suspeitas sobre esses jogadores. Um de cada vez, os jogadores do Vasco foram sendo chamados à Liga para fazer a prova do “B-A-BÁ” e cumprir as exigências institucionais.⁷⁰⁶ A equipe estava pronta para a temporada de 1923. Nunca antes uma equipe vinda da divisão inferior causara tanto entusiasmo na cidade e tanta agitação entre os torcedores.

Pela primeira vez, nota-se, numa das páginas do jornal *O Imparcial*, a publicidade de uma loja de calçados para homens direcionada para os torcedores de um clube de futebol. Em várias oportunidades podia-se ver publicidade dos mais variados produtos utilizando o futebol como referência. Os cigarros *Olympicus*, por exemplo, tinham em seus maços os escudos de todos os clubes da Liga Metropolitana,⁷⁰⁷ mas o que se vê neste anúncio em 1923 é inédito: “C. R. VASCO DA GAMA. Avisamos aos sócios e ‘torcidas’ que ‘A CASA AZAMOR’, 55 Ouvidor, tem calçados para homens. Variado sortimento”.⁷⁰⁸ Dessa maneira a casa de calçados tentava atrair os sócios e “torcidas” do Vasco para comprar em sua loja. O sucesso do Vasco no futebol era tanto que fez com que o dono da casa pagasse por um anúncio no jornal, em que ele se dirigia exclusivamente aos vascaínos, demonstrando o quão grande deveria ser a torcida do time da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, já em 1921. A prova maior de que a torcida do Vasco era mesmo a maior de todas do Rio de Janeiro, já em 1923, estava na

---

⁷⁰⁵ *O Imparcial*, 17 de março de 1923.

⁷⁰⁶ *O Imparcial* e *Correio da Manhã*, 22 de março e 2 de abril de 1923.

⁷⁰⁷ Veja-se Iconografia: Imagem XXXII. *O Imparcial*, 28 de agosto de 1921.

⁷⁰⁸ *O Imparcial*, 8 de abril de 1923.

lotação dos estádios nos jogos do Vasco. Quase todos os jogos tiveram “casa cheia”, a casa do “amigo” rico Fluminense, que alugava o seu maior salão e via as festas vascaínas darem mais dinheiro que as suas.

Estádios lotados: festa e dinheiro

[...] follego, conjunto, louros.
O Sport, 30 de julho de 1923

A temporada oficial de 1923 começou com o já tradicional Torneio Initium, da Associação dos Cronistas Desportivos. O Vasco jogaria pela primeira vez esse torneio entre os grandes da cidade. A tecnologia passou a ser um instrumento colocado também a serviço do futebol e do lazer. O cinema, juntamente com o futebol, um dos principais elementos da chamada indústria do entretenimento,⁷⁰⁹ estava em franca fase de crescimento. No Rio de Janeiro, “desde o início dos anos 20, impulsionado pela situação privilegiada da indústria cinematográfica americana, o mercado de distribuição [de filmes] cresceu rapidamente e as salas de cinema se multiplicaram por toda a parte”.⁷¹⁰ E o futebol poderia se tornar mais uma fonte de material para se produzirem filmes para o público crescente do cinema. Assim, *O Imparcial* noticia:

OS ASPECTOS DO JOGO SERÃO FILMADOS

Diversas empresas cinematographicas nacionaes mandarão hoje ao campo do Botafogo F. C. os seus operadores a fim de reproduzirem os aspectos dos jogos e da assistência. Á Associação dos Cronistas Desportivos chegaram pedidos nesse sentido.⁷¹¹

O Vasco ganhou o primeiro jogo contra o São Cristóvão. No segundo jogo, contra o Mackenzie, que viria a ser campeão, mais uma vez a imprensa, neste caso o *Correio da Manhã*, destacou o comportamento negativo de jogadores e adeptos do Vasco da Gama: “Foi a partida que pretendeu empanar o brilhantismo da festa da Associação, no procedimento pouco cortez de alguns jogadores vascaínos e de um grupo de adeptos seus”. O Vasco fez um a zero e, quando o Mackenzie empatou em

---

⁷⁰⁹ No caso dos tipos de entretenimento, os mais usuais eram o teatro, o cinema e algumas práticas esportivas como o turfe, o boxe, o basquete e principalmente o futebol. Todos tem ingressos baratos, de 1\$000, exceto o boxe e o turfe, em que os ingressos mais baratos variavam de 3\$000 a 5\$000. A diferença em relação ao teatro é que, enquanto no futebol de 1922 os ingressos mais caros não passavam de 5\$000, no teatro estes podiam chegar a 50\$000, o que levava a uma maior distinção entre o público e uma elitização mais fácil deste tipo de entretenimento. Talvez aí resida também um dos motivos de uma maior abertura do futebol às camadas mais pobres quanto à frequência nos estádios. Lotados, geravam mais dinheiro para os clubes e para as federações.

⁷¹⁰ SEVCENKO, N. op.cit. (1998). p. 598.

⁷¹¹ *O Imparcial*, 8 de abril de 1923.

jogada duvidosa para os vascaínos, “foi quanto bastou para que alguns jogadores do campeão da série B insurgissem e desrespeitassem a autoridade do juiz que validara acertadamente aquele ponto [...]”. O Vasco só perderia o jogo na prorrogação e, ao final, o árbitro, Sr. Ramos de Freitas “foi apupado por alguns adeptos do Vasco. Mas a interferência de alguns membros da Associação impediu o gesto deseducado daqueles moços”.⁷¹²

Mais uma vez o Vasco era apontado pela imprensa carioca como o causador dos maiores males do futebol. Sua torcida chamada de violenta, seus jogadores acusados de analfabetismo e sua diretoria de profissionalizar seus jogadores, desmoralizando o esporte e quebrando acintosamente as regras estabelecidas pela liga. Seus jogadores eram acusados de se “insurgirem” e serem “desrespeitosos com as autoridades” e, ao longo do ano, serão também apontados como causadores de uma violência extrema contra os adversários durante os jogos.

Para a reconstituição desses jogos do Vasco da Gama, conta-se mais uma vez com os periódicos da capital, ainda que a situação dos mesmos não fosse das melhores naquele ano. O governo Artur Bernardes censurou reiteradas vezes jornais como a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Brasil* e *O Imparcial*, inclusive com invasões às redações e até mesmo o confisco de muitas das edições desses periódicos. O jornal que dava maior destaque aos esportes e que vem sendo largamente utilizado neste trabalho entra em período de decadência. *O Imparcial*, fundado em 1912 por José Eduardo Macedo de Soares, foi comprado por Henrique Lage, cuja família era proprietária também de *O Paiz*.⁷¹³ O futebol ganhava destaque cada vez maior na imprensa da cidade, que acompanhou de perto o campeonato de 1923. Esse campeonato começou com o Vasco tendo a autorização para colocar todos os seus jogadores em campo. Infelizmente, devido à crise que os jornais viviam à época e por conta do aumento das taxas cobradas pelos periódicos às ligas e clubes para a publicação de trechos de seus relatórios, diminui sensivelmente o número de publicações oficiais das ligas, dos clubes e da própria CBD. Os números de público e renda deste campeonato aparecem ocasionalmente nos jornais, mas mesmo assim as descrições e as fotos da época mostram uma verdadeira corrida aos campos em jogos do Vasco. Torna-se necessário fazer um pequeno resumo das 14 partidas disputadas por esse time em seu primeiro ano entre os grandes do futebol carioca, para se ter uma noção do impacto que as vitórias e a

---

⁷¹² *Correio da Manhã*, 9 de abril de 1923.

⁷¹³ SODRÉ, N. W. op.cit., p. 415.

enchente da torcida vascaína aos estádios causavam na imprensa e no seio da LMDT. O primeiro jogo do Vasco no seio da elite do futebol aconteceu com uma equipe das pequenas, o Andarahy. Assim o *Correio da Manhã* anunciava a sua expectativa quanto à equipe vascaína, ao dar conta do início do campeonato de futebol: “A outra partida que promete ser boa é a do Vasco e Andarahy. O Vasco vae estreiar-se na serie A e, ao que se diz, com um team capaz de impor a qualquer adversário uma boa dose de respeito”.⁷¹⁴ *O Imparcial* deu destaque ao início do campeonato de futebol, que passava a ser considerado o “desporto predilecto que é do povo desta capital, sem distinção de classe”.⁷¹⁵

Após estar perdendo por 1 a 0 na primeira parte do jogo, “em casa”, o Vasco empatou na estréia, em 1 a 1. Mais uma vez sua praça esportiva estava cheia. Neste jogo com o Andarahy,⁷¹⁶ o Vasco tinha o mando de campo, mas, como seu acanhado estádio da Rua Moraes e Silva não preenchia os requisitos mínimos para um jogo da série A, o embate se deu no campo do Botafogo na Rua General Severiano. *O Imparcial* afirmava estar presente para assistir o *match* uma “considerável assistência”.⁷¹⁷

Na mesma semana, a 18 de Abril, o Vasco recebeu o convite para um amistoso contra o poderoso Flamengo num jogo em beneficio do Hospital Sanatório dos Empregados do Comércio a ser realizado no campo do Botafogo. A escolha do Vasco, além de mostrar a força futebolística da equipe, mostra que, com um convite ao clube da colônia portuguesa, estava garantida casa cheia e, portanto, uma maior arrecadação para o Hospital.⁷¹⁸

No domingo seguinte, o Vasco jogaria pela segunda rodada contra um dos grandes times da capital federal. Pela primeira vez em sua história, enfrentaria um time da elite do futebol do Rio por um campeonato da Liga Metropolitana. O adversário seria o poderoso Botafogo, que jogaria em casa, no estádio da Rua General Severiano. O Vasco, ganhando contornos de uma grande equipe, entrou em campo com o atacante Russinho, que fez a sua estréia na equipe e que vinha também do Andarahy. A crônica esportiva se impressionou com a força da torcida vascaína que lotou o estádio do adversário. O Vasco era atacado no início do jogo, mas Russinho abre o placar, aos 20 minutos, em um contra-ataque da equipe vascaína. Conforme relata o *Correio da*

---

⁷¹⁴ *Correio da Manhã*, 15 de abril de 1923.

⁷¹⁵ *O Imparcial*, 15 de abril de 1923.

⁷¹⁶ Ver Iconografia: Imagem XXXIII.

⁷¹⁷ *O Imparcial*, 18 de abril de 1923.

⁷¹⁸ *O Imparcial*, 18 de abril de 1923.

Manhã, “a torcida vascaína, que é por sinal a mais incomodativa de quantas temos visto, explode no diapásão de um ‘vaaaaasco!’ formidável”.⁷¹⁹

Nilo empatou para o Botafogo antes do fim do primeiro tempo. O Vasco praticamente não atacou no segundo tempo. De acordo com o cronista anônimo da partida, Russinho voltou a campo depois de estar contundido e foi ovacionado pela bravura. Numa bobeada da defesa do Botafogo, Paschoal fez o segundo gol do Vasco. Logo em seguida, para delírio dos vascaínos, Ceci aumentou o número de gols para o clube.

O Botafogo passava por momentos conturbados em sua organização política interna, o que levou o cronista a fazer bela dissertação sobre a história da política dos gregos, romanos e Maquiavel para explicar o momento crítico do clube de General Severiano. E ao final assinala: “É de admirar ainda a ‘torcida’ animada em que vimos muitos senhores da chamada ‘oposição’ torcendo freneticamente contra o próprio Botafogo. A política! Lastimável causa da derrota de ontem”.⁷²⁰

A crônica do período destaca o excelente condicionamento físico dos jogadores do Vasco, assim como a forma como tiravam proveito dessa condição na segunda parte dos jogos. “No segundo tempo os vascaínos melhoraram de jogo e de técnica, cansando desse modo os componentes do ‘gloriosos’, conseguindo marcar mais dois goals contra o nihil do seu adversário.”⁷²¹

Assim o cronista tentava explicar o que parecia inexplicável. Uma equipe de segundo escalão, cheia de jogadores das camadas inferiores da sociedade carioca, ganhava por 3 a 1 de uma das maiores equipes do Brasil, com jogadores campeões sul-americanos pela seleção brasileira em 1922. Só uma briga interna, política, poderia acarretar a derrota para uma equipe como a do Vasco. Para os vascaínos, a primeira vitória em cima de um dos grandes do Rio, representantes do antigo modelo de um time de jogadores oriundos das camadas altas e pagando premiações em dinheiro para funcionários de grandes empresas, era uma prova, uma verdadeira declaração pública de que o clube havia chegado entre os grandes e vinha para vencer o campeonato. O Botafogo também tinha profissionais, assim como todos os clubes. Mas o modelo vascaíno, de recrutar os jogadores dos clubes pequenos e colocá-los como a base de

---

⁷¹⁹ *Correio da Manhã*, 22 de abril de 1923.

⁷²⁰ *Correio da Manhã*, 23 de abril de 1923.

⁷²¹ *Jornal de Theatro & Sport*, 28 de abril de 1923.

todo o time de futebol, era fato que incomodava os adversários e que começava a dar resultados concretos.

O jogo seguinte, contra o Flamengo,⁷²² seria no campo do adversário, à Rua Paysandu. Diocesano Ferreira Gomes, que trabalhava no jornal *Correio da Manhã*, era ligado ao Flamengo e começou verdadeira campanha contra os jogadores do Vasco.⁷²³ Interessado direto no enfraquecimento do time da Cruz de Malta para o jogo seguinte, o jornal começou uma campanha contra os jogadores do time do Vasco. A notícia do *Correio da Manhã* na véspera do jogo contra a poderosa equipe do Flamengo levantava a polêmica:

O VASCO PERDE OU NAO PERDE OS PONTOS?

Esta em plena discussão na Liga e fora dela a aprovação do match Andarahy x Vasco da Gama, em virtude do Vasco ter feito jogar no seu 1º team o footballer Silvio Moreira, mais conhecido pelo apellido de Ceci, eliminado do Villa Izabel F.C. Este club não perdoou o alludido jogador, e por isso, de accordo com as leis, o Vasco da Gama não o podia ter incluído no seu team, sem risco de soffrer consequencias. A circumnstantia de ter sido legalmente registrado, na Liga não importa nada, desde que, fundamentalmente a inscrição de um jogador eliminado, por sua propria natureza seja ato ilegal.

O fato, tambem, do jogador Ceci ser socio do Vasco, ao tempo em que foi eliminado do Villa Izabel, não quer dizer nada, porque o que prevalece é a penalidade applicada pelo club em que esta jogando. Há a necessidade imprescindível do perdão do club que o eliminou, e sem o qual os efeitos da penalidade hão de perdurar sempre. O Andarahy esta agindo em legitima defesa dos seus interesses, e o Vasco da Gama, de accordo com os estatutos da Metropolitana, não tem, sequer, o direito de reclamar. Perde os pontos para o Andarahy e os perde tambem para o Botafogo.⁷²⁴

Mesmo com a inscrição do jogador Ceci (negro, “contratado” do Villa Izabel) regularizada pela própria Liga Metropolitana, o Vasco corria o risco de perder os pontos, o que era defendido pelo jornal. No caso de Ceci, eliminado pelo Villa Izabel, só o perdão deste time deixaria o jogador livre para jogar por outra equipe. No dia seguinte, o Vasco jogou com o Flamengo, e Ceci estava escalado para o jogo, que ocorreu no campo do Paysandu. O cronista “Perigoso”, de *O Imparcial*, torcedor fanático do America, começou a perceber que o Vasco da Gama era uma equipe poderosa e começou a desfiar críticas mais ásperas aos dirigentes do Vasco. Às vésperas

---

⁷²² Ver Iconografia: Imagem XXXIV.

⁷²³ RIBEIRO, A. op.cit. (2007) p. 61. Apesar de André Ribeiro afirmar que Diocesano era membro da Comissão de Sindicância, o mesmo não chegou a integrar a comissão, eleita em 15 de janeiro de 1923, juntamente com toda a nova diretoria, para o biênio 1923-1924. A Comissão de Sindicância eleita era formada por José Gomes de Souza Junior, José Ramos de Freitas, Adahyl Tomé Cordeiro, Alvaro Ramos Nogueira e José Soares Barbosa Junior. *O Imparcial*, 16 de janeiro de 1923.

⁷²⁴ *Correio da Manhã*, 28 de abril de 1923.

do jogo, dizia: “o nosso amigo Francisco Marques da Silva, caso a turma vascaína seja vencida, regressará para Portugal dentro de um bonde do bairro de Cascadura...”.⁷²⁵

O mesmo jornal afirmou que “as vastas dependências do querido campeão de terra e mar [Flamengo] regurgitavam desde cedo de um público ansioso pelo resultado das pugnas que iam ali se ferir”.⁷²⁶ O jogo atraiu uma verdadeira multidão ao campo do Flamengo e

[...] os torcedores, quer de um lado quer de outro, clamavam tanto que as vezes não se ouvia o apito do referee. Só se ouvia: Flamengôôô...Vascôôô
[...] O team rubro-negro fracassou completamente no 2º tempo, pois a maioria dos seus elementos estavam cansados [...] e desta falha o Vasco tirou proveito.⁷²⁷

Os treinos de Ramon Platero e o regime de semi-internato que o Vasco instituía aos seus jogadores davam um resultado prático em campo. Os treinamentos eram muito fortes e puxados, e os jogadores passavam o dia se dedicando exclusivamente àquela atividade. Como o campo da Rua Moraes e Silva não era utilizado para os jogos oficiais da Liga, pois o Vasco alugava o campo dos grandes devido à grande procura por ingressos, ele se transformou num local específico para treinos e outras atividades ligadas ao departamento de futebol, como dormitório e refeitório para jogadores. Na descrição de Mario Filho,

[...] os jogadores, quando acordavam, tomavam seu café-com-leite, saíam para o individual. Um individual que nenhum jogador do América, Fluminense, Flamengo ou Botafogo tinha feito em toda a sua vida. [...] eles trotavam do campo da Rua Moraes e Silva até a Praça Sete.⁷²⁸ Ida e volta. Depois campo, bate-bola, horas e horas. Às vezes de noite, quando a noite era de lua, podia-se ver os jogadores do Vasco, treinando. [...] Os jogadores do Vasco ficavam em Moraes e Silva, como alunos de colégio interno. Tinham hora de saída, todos juntos, Platero, de charuto na boca, não os perdia de vista. O português achando que todo cuidado era pouco.⁷²⁹

Mais adiante o autor comenta sobre a outra função deste centro para preparação dos atletas vascaínos: “Todas as noites o Custódio Moura, um sócio do Vasco, aparecia em Moraes e Silva para a aula de caligrafia. O mais importante era a caligrafia. Se o jogador assinasse o nome estava tudo arranjado”.⁷³⁰

Os treinos e o regime de dedicação total do Vasco chamavam a atenção de toda a imprensa do período, que reconhecia que os métodos de Platero, insistindo nos

⁷²⁵ *O Imparcial*, 25 de abril de 1923.

⁷²⁶ *O Imparcial*, 30 de abril de 1923.

⁷²⁷ *Jornal de Theatro & Sport*, 5 de maio de 1923.

⁷²⁸ A antiga Praça Sete de Março é atualmente a Praça Barão de Drummond e fica a aproximadamente três quilometro da Rua Moraes e Silva. Para fazer o percurso citado por Mario Filho, os jogadores corriam, portanto, cerca de seis quilômetros.

⁷²⁹ FILHO, Mario. op. cit., p.123.

⁷³⁰ Ibid. p. 131.

treinamentos diários, davam resultado concreto dentro de campo. A crônica do jornal *O Sport* é reveladora:

São ainda os ultimos ensinamentos do entraineur uruguayo Ramon Platero, que estão fazendo com que a poderosa equipe do Club de Regatas Vasco da Gama leve de vencida quantos adversarios se apresentem para embargar-lhe os passos. É ainda a sua tactica que dá em resultado a conquista dos dois cubiçados pontos, contra os mais esperançados antagonistas; é ainda o muito treino o resultado desta brilhante collocação, presentemente motivo do maior e mais justificado orgulho de quantos se interessam pelos successos das côres que sustentam os batalhadores do club da invicta Cruz de Malta, cuja derrota só se pode alcançar mediante uma actuação toda impecavel e superior, como se deu com o Flamengo. Desde o início do presente campeonato, um cuidado principal encaminhou o preparo dos jogadores do Vasco: o da resistencia, muita resistencia, que resultaria follego, conjunto, louros. Empenhando-se seriamente por uma resistencia efficiente, os defensores do Vasco puzeram de parte muitos outros prazeres e innumeras diversões e entraram a praticar toda a sorte de ensaios, numa caprichosa repetição de treinos de conjunto e de treinos individuaes, até a conquista de uma resistencia invejavel que tem sido a garantia dos louros conquistados contra todos os demais antagonistas, fracos ou fortes.

Sua tactica de jogo- elle que se fez intelligentemente uma resistencia não para dois, mas para quatro ou mais half-times- tem sido a de produzir do principio ao fim a mesma actuação, envidando os melhores esforços, a principio, no sentido de deixar os adversarios se fatiguem, para amortecellos, finalmente, mesmo desnecessario se torna uma maior producção de actividade.⁷³¹

O Melhor time do Rio de Janeiro

O Vasco da Gama continua deixando a turma toda de boca aberta!
Correio da Manhã, 21 de maio de 1923

Todo o esforço dos jogadores do Vasco, como vimos, tinha um preço. O Vasco pagava salário aos seus jogadores para que estes pudessem desempenhar as suas funções melhor do que os outros, tornando-os assim, profissionais. Sempre se comentou do “bicho”, elemento incluído na literatura e nas pesquisas de futebol por Mario Filho e atribuído ao Vasco da Gama. Filho comenta inclusive os valores e como os portugueses do Vasco davam o dinheiro a seus jogadores:

Por isso mesmo, além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores de Moraes e Silva. Chamava-se esse dinheiro de “bicho” porque às vezes era um cachorro, cinco mil réis, outra um coelho, dez mil réis, outras um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. [...] Contra o América, campeão do centenário, contra o Flamengo, bicampeão, contra o Fluminense, tricampeão, uma vaca de uma perna era pouco, só mesmo de duas pernas. O português não encontrava um jogador do Vasco sem meter a mão no bolso. “Toma lá, ó Nelson

---

⁷³¹ *O Sport*, 30 de julho de 1923.

Conceição, para que não me engulas nenhum gol. Toma lá, ó Bolão, é justo que leves o teu, pois já me deste muito dinheiro a ganhar.⁷³²

Se os valores a que Mario Filho se refere forem corretos, os jogadores do Vasco podiam ganhar até 200\$000 por jogo, e isso era muito dinheiro. Um agente de limpeza da prefeitura do Rio, que era um emprego público e cobiçado, ganhava 150\$000 por mês,⁷³³ e um Nelson da Conceição, um Ceci, um “preto” quase analfabeto, ganhava isso numa tarde. Quem não queria ser jogador de futebol? O futebol começou a atrair os jovens dos subúrbios com maior frequência, todo mundo queria jogar futebol, e todo mundo queria jogar no Vasco, que era o que pagava mais bichos e deixava qualquer um entrar. Só precisava ser bom de bola. No time do Vasco era assim, os próprios simpatizantes, homens de negócio da colônia portuguesa davam dinheiro para os jogadores. Ofereciam almoço em seus restaurantes e os tão importantes empregos fictícios para que os craques pudessem se dedicar só ao Vasco. Nos outros clubes, o “bicho” sempre veio na forma de transportes, condução, almoço e outras despesas.

Cabe aqui uma curiosa história levantada pela *Revista Athletica*, quando o Fluminense foi tri-campeão da cidade em 1919. O artigo critica a postura do Fluminense de ter dado aos jogadores tricampeões o título de sócio remido do clube. Geralmente todos os clubes tinham a qualidade de sócio remido, na qual o associado pagava uma alta quantia inicial para ficar isento de pagar mensalidades do clube. Para ser sócio remido do Fluminense tinha que se pagar 2:000\$000, e dessa maneira a revista tirava uma conclusão interessante sobre o prêmio dado pelo Fluminense aos seus jogadores:

OS CAMPEÕES DO FLUMINENSE FC RECEBERAM EM VALE...

[...] Assim, o esforço tão bem resultado que merecia a laurea foi assalariado, como bravura mercenaria, a razão mesquinha de 55\$555 mensaes. O Fluminense, querendo glorificar degradou os seus heroes, dando-lhes pelo que elles fizeram, um ‘valle’ correspondente a 2 contos de réis.⁷³⁴

Essa era uma das diferenças do Vasco da Gama. O clube não “pagava em vale”. E para exigir de seus atletas toda a dedicação era necessário pagá-los, e muito bem. O nome “bicho”, referindo-se à premiação dos jogadores no futebol, tem origem conturbada. Sabe-se que o jogo do bicho no Rio de Janeiro era uma realidade. Quando o Jardim Zoológico perdeu a subvenção do Estado, após a proclamação da República, o proprietário do estabelecimento, João Batista Vianna Drummond, precisou arranjar

⁷³² FILHO, Mario. op. cit., p.123.

⁷³³ Informe da *Directoria Geral da Fazenda Municipal* publicado no *Jornal do Commercio*, 1º de novembro de 1922.

⁷³⁴ *Athletica: Revista Litteraria, Artistica e Esportiva*, 6 de fevereiro de 1920.

novas formas de arrecadar dinheiro. As pessoas compravam o ingresso por 1\$000 e escolhiam que animal viria no seu ingresso. Ao final do dia, se sorteado o seu animal, a pessoa ganhava um prêmio, em dinheiro, de vinte vezes o valor do ingresso, lançando uma premiação inédita no meio comercial.⁷³⁵ No ato do sorteio, aparecia então o tal animal numa jaula especial, para todos conferirem seus bilhetes e receberem o prêmio. Esse jogo ganhou as ruas do Rio de Janeiro, e não cabem nesta pesquisa estudos mais pormenorizados a seu respeito. O que se sabe é que o jogo do bicho criou uma rede de empregos e investidores muito grande na cidade. Como o Jogo do Bicho era o único, além das loterias do governo, a pagar prêmios em dinheiro, os prêmios em dinheiro aos jogadores passaram a ser conhecidos como “bicho”. Assim, incentivados pelas premiações em dinheiro, os jogadores do Vasco iam ganhando seus jogos e mostrando que compunham o melhor time da cidade.

A torcida vascaína enlouqueceu e o Rio de Janeiro sentiu os efeitos da festa da torcida quando o time conseguiu a sua segunda vitória seguida, fora de casa, e de novo por 3 a 1:

Os admiradores do Vasco da Gama, em número considerável, como toda gente sabe, fizeram uma alegre passeata de automóvel pela cidade e arrabaldes festejando a vitória que o primeiro team obteve contra o Flamengo. Até tarde da madrugada ouvia-se, de vez em quando, o entusiasmo e a alegria dos torcedores do club vencedor. Na sede do Vasco, em Santa Luzia, houve um animado reco-reco, sendo feita aos jogadores uma carinhosa manifestação.⁷³⁶

O poderoso Flamengo sentia o peso de um time muito bem treinado e formado por jogadores de um nível social bem mais baixo do que os da equipe rubro-negra. A vitória cruzmaltina significava, também, uma espécie de vingança de Ramon Platero contra uma de suas ex-equipes no Rio de Janeiro. A partir deste momento, os cariocas precisavam se acostumar com isso. Cada vitória do Vasco viria acompanhada de muita festa e diversão até altas horas da madrugada. Era o grito de uma torcida mesclada de membros da colônia portuguesa e simpatizantes oriundos das camadas mais baixas da população brasileira, negros, mulatos ou brancos, impressionados com as oportunidades que os homens portugueses abriam aos seus pares. Muita gente que não era da colônia portuguesa virou Vasco, como o pai de Domingos da Guia, vascaíno convicto. Aqueles que tanta dificuldade tinham em se fazer ouvir gritavam e bradavam as conquistas do Vasco como se fossem suas vitórias pessoais. Assalariados, profissionais e estrelas dos

---

⁷³⁵ Para um estudo do jogo do bicho, ver HERSCHMANN, Micael e LERNER, Katia. *Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Epoque Carioca* Rio de Janeiro, Diadorim, 1993.

⁷³⁶ *Correio da Manhã*, 30 de abril de 1923.

principais jornais da cidade se apropriavam deste rico capital simbólico produzido por uma equipe de gente simples, mas de muita qualidade no trato da bola com os pés, que derrotou seguidamente as maiores equipes do futebol carioca e brasileiro. Neste momento, o futebol dava a este grupo de vascaínos a oportunidade de se sentirem ouvidos, de se sentirem notados e como parte da elite deste esporte. Além das duas vitórias, o Vasco se isolava ainda mais na liderança do Campeonato Carioca, agora com 5 pontos contra 3 do América e do Andarahy.

Contudo, mais um caso iria tentar abalar o Vasco. Desta vez, envolvendo a presença de Nicolino no jogo contra o Flamengo. Inconformado com a derrota do Flamengo para o Vasco, o *Correio da Manhã* continuava sua campanha contra o Cruz de Malta:

Vai ser levantada hoje no Conselho da 1ª Divisão a questão da legalidade do registro do jogador do Vasco da Gama, João Baptista Soares, conhecido pelo apelido de Nicolino, que jogou contra o C.R. Flamengo. Segundo se diz, esse jogador não tinha o prazo de inscrição necessário, por isso que tendo sido cancelado o seu registro por analphabetismo, requereu exame de suficiência, no qual provou saber ler. A data valida é a do exame de suficiência, e, segundo ella, o Vasco não o podia ter incluído no team.⁷³⁷

Nicolino havia sido “contratado” junto ao Andarahy, time do subúrbio carioca. Mario Filho mostra, em *O Negro no Futebol Brasileiro*, as artimanhas que muitos clubes, nomeadamente o Vasco da Gama, utilizavam para conseguir superar o obstáculo do analfabetismo, ilustrando o caso de Paschoal, jogador “contratado” pelo time da colônia portuguesa.

Era o mesmo Pascoal que só aprendera a assinar o nome quando Horácio Werner lhe arranjava um Silva, muito mais fácil que o sobrenome italiano que tinha. Antonio Campos pagou-lhe um professor de bê-á-bá, não queria encrenca, a Liga cada vez fazendo mais exigências, achando que jogador de futebol tinha que saber ler e escrever.⁷³⁸

Parecia que aquelas vitórias seriam mais importante que as futuras canetadas da Liga e ameaças de pontos perdidos. O momento do sabor da conquista era mais importante, dava uma sensação insuperável. Na reunião do Conselho da Liga, o recurso do Andarahy não foi encaminhado, e o Vasco ficou com os pontos da partida. Foi então que se descobriu que era o Andarahy que estava jogando com um “player” irregular, o que gerou enorme confusão de mais de hora e meia junto aos representantes dos clubes.

---

⁷³⁷ *Correio da Manhã*, 9 de maio de 1923.

⁷³⁸ FILHO, Mario. op.cit., p. 121.

Pela quarta rodada o Vasco enfrentaria o América, campeão de 1922. Jogaria na casa do adversário – chamado de “Campeão do Centenário”⁷³⁹ - que dá instruções que parecem estar direcionadas claramente aos torcedores vascaínos que visitariam o campo da Rua Dr. Campos Salles:

Para boa ordem da pugna, a directoria previne que não permitirá em hypothese alguma quaisquer manifestações de desrespeito as decisões dos juizes e aos jogadores, reservando-se o direito de se fazer retirar todo aquelle que procurar infringir estas instruções ou se tornar inconveniente.⁷⁴⁰

O jogo atraiu enorme atenção, pois se tratava do embate entre o campeão da série A contra o campeão da série B de 1922 e “desde cedo todas as localidades se achavam tomadas; muito antes mesmo do início do jogo preliminar era difficil a conquista de um canto onde se pudesse assistir ao embate”.⁷⁴¹ O campo do America havia passado por reformas e, na cidade do Rio de Janeiro, só era menor que o do Fluminense. O jogo foi o que, “na presente temporada, mais impressionou a assistencia”.⁷⁴² A vitória por 1 a 0 da equipe vascaína era mais uma prova de que o Vasco estava decidido a ser o campeão da cidade. Sua superioridade em campo era incontestável, e até mesmo os que mais atacavam o Vasco reconheciam aquela situação.

“O Vasco da Gama continua firmemente na vanguarda da tabela. Continua e continuará por muito tempo, porque por enquanto não ha ninguém na série com probabilidades de lhe arrancar a primazia desse honroso posto”. Assim, o *Correio da Manhã* começava a descrever a vitória do Vasco em cima do América por 1 a 0. Analisando as três últimas vitórias do Vasco, o cronista, incauto, perguntava:

Como é possível este phenomeno? Será que os clubs com os quaes o Vasco já jogou, não lhe tivessem dado a devida importância, por julgá-lo um neophyto na classe? É provável e errado. Ou será que o team do Vasco, realmente, seja o melhor de todos? [...] Diga-se o que se disser dos processos pelos quaes o Vasco se constituiu - e isso não desejamos discutir - mas a verdade é uma única, o Vasco da Gama esta com uma representação capaz de vencer tantos antagonistas quantos sejam os seus concorrentes na cidade. E se os outros não melhorarem os seus teams, teremos occasião de assistir essa coisa inédita, de um club estreiar-se na primeira divisão conquistando logo o campeonato. Isso não esta longe de succeder. O Vasco da Gama possui um 1º team bem capaz de tal proeza”.⁷⁴³

⁷³⁹ Por ter sido o campeão no ano do centenário da Independência do Brasil – 1922.

⁷⁴⁰ *Gazeta de Notícias e O Paiz*, 10 de maio de 1923.

⁷⁴¹ *O Imparcial*, 14 de maio de 1923.

⁷⁴² *Jornal de Theatro & Sport*, 19 de maio de 1923.

⁷⁴³ *Correio da Manhã*, 15 de maio de 1923.

Interessante notar que o cronista se refere aos “processos pelos quaes o Vasco se constituiu” (que buscavam nada mais do que abrir, para os jogadores, um espaço que os clubes tradicionais não abriam), sem, no entanto, querer discuti-los naquele momento. Era chegada a hora de perceber que o clube *neophyto* da 1ª Divisão passava a incomodar com suas seguidas vitórias. Ganhar dos times grandes, finos e, essencialmente, brancos com um time de negros, pobres e analfabetos. Essa sim era a grande proeza que o jornal não desejava discutir. O Vasco, na quarta rodada do campeonato, abriu três pontos de vantagem sobre o segundo colocado, o Botafogo, numa época em que a vitória valia apenas dois pontos. O inconformismo com a superioridade do Vasco era tão grande que *O Imparcial*, em notícia reproduzida pelo *Correio da Manhã*, afirmava que o culpado pela derrota americana havia sido o jogador do América A. Martins. O jornal colocava dúvidas e deixava no ar que Martins poderia ter sido vendido e feito corpo mole, mas os dirigentes do América saíram em pronta defesa do seu atleta.⁷⁴⁴

A rodada seguinte seria a prova definitiva do Vasco na elite do futebol carioca. Uma luta simbólica de extrema importância para os rumos que o futebol carioca vinha tomando naquele período. O jogo do Vasco, o time que vinha em ascensão com jogadores oriundos das camadas mais baixas, contra o Fluminense,⁷⁴⁵ o clube que abrigava alguns dos membros mais destacados da sociedade carioca, o fundador do futebol aristocrático e elitizante do Rio de Janeiro, ultrapassaria o limite das quatro linhas do campo aonde se disputavam as partidas. O jogo simbolizaria uma luta entre um clube visto como de elite contra os membros das camadas mais baixas da população. Ainda que o Vasco fosse dirigido por membros da colônia portuguesa, todos bem sucedidos na sociedade carioca, era inegável que sua atitude para com os jogadores atraía para este clube uma grande simpatia entre as camadas mais baixas da população. Além disso, a maioria dos membros da colônia portuguesa era de camadas menos favorecidas da população e, para eles, o Vasco simbolizava a colônia, as vitórias dos imigrantes. Dessa maneira, pode-se concluir que a chamada “torcida vascaína” deveria ser composta por um grupo heterogêneo de negros, mulatos e brancos, oriundos das camadas economicamente menos favorecidas. Para a torcida, cada *match* se constituía em muito mais do que um jogo de futebol. E esse embate, particularmente, passou a ser

---

⁷⁴⁴ *Correio da Manhã*, 15 de maio de 1923.

⁷⁴⁵ Ver Iconografia: Imagem XXXV.

encarado como uma luta do forte contra o fraco, uma questão também de afirmação social.

Uma máquina de ganhar jogos e fazer dinheiro

O jogo da 5ª rodada, entre Vasco e Fluminense terminou 1 a 0 para o clube da colônia portuguesa. O *Correio da Manhã* afirmava que o Vasco treinava mais e tinha melhores jogadores, comparando a maneira do time atuar com a maneira como o navegador Vasco da Gama conduzia suas embarcações. E afirmava:

Dessa forma conclue-se que os tricolores podem ter um stadium incomensurável, uma piscina sem rival, um histórico famoso; podem dansar melhor e darem, ate, preleções a alfaiates, mas quanto ao resto precisam pedir umas lições ao Vasco. Mormente na difícil arte de fazer goals e ganhar batalhas.⁷⁴⁶

Essa reportagem gerou muitos protestos, insultos e ameaças por parte de dirigentes e simpatizantes do Fluminense contra os cronistas do *Correio da Manhã*. O jogo se realizou no *stadium* do Fluminense, na Rua Guanabara, apesar do mando de campo ser do Vasco, pois este agora organizava seus jogos naquele estádio, o maior do Rio e um dos maiores do Brasil. O Vasco tinha que aproveitar a enorme torcida que acompanhava o time vencendo os clubes da elite carioca. As descrições são variadas: “formidável assistencia” em *O Imparcial*, “presença de elevadíssimo número de torcedores, nunca visto em partidas regionaes...” afirmava a *Gazeta de Notícias*. As fotos deste *match*, que se encontram ao final deste trabalho, dão idéia do que os jornais descrevem.

Segundo Thomas Mazzoni, essa partida rendeu 27:268\$500, o que deveria representar cerca de 12 a 15 mil torcedores. Segundo uma notícia do *Correio da Manhã* do dia 21 de maio de 1923, descontadas as taxas da prefeitura e da Liga Metropolitana, o jogo rendeu 22:000\$000 somente para o Vasco, sendo que o restante era para pagar os 10% da LMDT, o imposto de 10% sobre as diversões cobrado pela prefeitura e as despesas com a bilheteria. Esses valores eram extremamente elevados, basta compará-los com as rendas do Campeonato Brasileiro de seleções daquele ano. Com ingressos mais caros que os do Campeonato Carioca, a 2\$000 as gerais e 3\$000 as arquibancadas, o jogo mais importante, entre paulistas e cariocas, teve renda de 16:770\$220.⁷⁴⁷ Se pensarmos nos custos internos que o Vasco teve com esse jogo, só com o pagamento de

⁷⁴⁶ *Correio da Manhã*, 21 de maio de 1923.

⁷⁴⁷ MAZZONI. T. *op.cit.*, p. 172.

bichos, neste caso, “uma vaca de duas pernas”, ou seja, 200\$000 para cada jogador, o time teve que desembolsar pelo menos 2:200\$000. Essa dinheirama que sobrava, cerca de 20 contos de réis, seria usada para pagar a mensalidade na Liga, de 30 mil réis, as taxas de mil réis por jogador, as taxas de aluguel do estádio, os salários dos funcionários do departamento de futebol, inclusive do treinador Ramon Platero, os bilheteiros, o material usado pelos jogadores e outras despesas. Mas esta é a renda de apenas um jogo do campeonato. Pode-se perceber que era um investimento que valia muito à pena. Um dos gastos maiores devia ser o aluguel do *stadium*. O Fluminense arrecadou naquele ano, só com o aluguel de seu estádio, 23:875\$020,⁷⁴⁸ cerca de 20% de toda a receita do departamento de futebol. O Vasco representava um ganho real a mais para a equipe do Fluminense.

No relatório do Fluminense, pode-se perceber como a organização das partidas era lucrativa. O que custava dinheiro era a manutenção do time e os tais gastos absurdos com material esportivo, refeitório, passagens e despesas diversas, que totalizavam 35:003\$580. Para a organização dos jogos, o clube gastou 2:388\$600 com bilheteiros e porteiros, 9:034\$070 com impostos de diversões, 8:212\$900 com os 10% da LMDT sobre as rendas e 76\$000 em gratificações, num total de 19:711\$570. As receitas com a venda de ingressos para os jogos do Fluminense foram de 82:129\$000 e mesmo somando os gastos com a equipe e com a organização dos jogos (54:715\$230), pode-se perceber a viabilidade econômica e a possibilidade de acumulação com a organização de partidas de futebol. E o peso do Vasco nas receitas do futebol do Fluminense se mostrou ao mesmo tempo interessante, porém alarmante.

A vitória do Vasco mexia com as bases do futebol carioca. O cronista Raul Loureiro ironiza o sincretismo e o catolicismo exagerado dos dirigentes do clube da colônia portuguesa, descrevendo o que seria uma “mandinga” que teria encontrado fixada em frente à sede do Vasco:

---

⁷⁴⁸ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1924. O clube coloca uma despesa de reformas com o estádio da ordem dos 6:293\$500.

Santinha lá da Capella
Ó meu Senhor do Penhasco
Fazei com que amanhã
Vença o meu querido Vasco

Meu vinho tão bom da 'Casa'
que me faz a alma ladina
fazei que o Vasco triumphe
Sob o club da piscina

Se o Vasco vencer, Jesus!...
Santo Antonio casador
Vae ser um dia de farra,
Vae ser um dia de horror!...

Começarei por sentir
Uma fome de matar
e, então, irei á 'Garota'
receber um bom jantar

Depois, eu e mais alguém
uma chusma de amiguinhos
á gruta de imprensa iremos
junto irão meus canarinhos

Que noite vae ser, que noite
minhalma ao sonhal-a treme
gozar á beira da praia
beber uma cerveja no Leme

Vae ser coisa tão sublime
Que eu juro por Deus, até
Que vou esquecer que estou
avariado dum pé

Porém se o Vasco perder
eu me morderei de raiva
se alcançar arrancarei
o bigodinho do Paiva...

Á loja não descerei
que não me falem espero
despacharei para a terra
esse 'conversa' ó Platero'.

[assinado] Campos

N.R.- Há muita gente ainda que não leva a sério essas coisas: entretanto nós estamos na certeza de que o Vasco tem mesmo 'mandinga'...e 'mandinga' da boa.

O Campos faz a sua promessazinha e chega no domingo, zaz, o Vasco sae vencedor.
Assim, a sua derrota vae sendo adiada de domingo para domingo...⁷⁴⁹

Para Antonio Campos, presidente do Vasco, o time assumia a identidade de sua própria comunidade. Expressando todo o catolicismo que era típico da colônia portuguesa carioca, o dirigente vascaíno faz da sua fé um possível instrumento para as

---

⁷⁴⁹ *O Imparcial*, 22 de maio de 1923.

conquistas no futebol. Jogo que depende muito de possibilidades que estão alheias a própria vontade dos jogadores, o futebol é uma prática em que os torcedores se envolvem de maneira mágica, tendo aqueles que assistem a uma partida de futebol a sensação de que a sua torcida pode alterar o rumo dos fatos. Isso faz com que torcedores criem as mais variadas superstições acreditando que estas podem interferir no resultado de uma partida. São considerados “gestos e costumes que pretendem estimular a boa sorte numa atividade que, sendo jogo, depende dela em larga parte. São práticas dirigidas a divindades de religiões institucionalizadas ou a entidades mal definidas”.⁷⁵⁰ No caso de Campos, a Igreja Católica, a santa da capela lá do penhasco, que era a Igreja de Nossa Senhora da Penha, era o alvo do dirigente para as conquistas vascaínas.

No dia 3 de junho de 1923, a sexta rodada colocaria frente a frente dois times que utilizavam negros em seus quadros. O Bangu, já abordada sua origem anteriormente, e o líder imbatível do Campeonato, o Vasco. O jogo foi difícilíssimo, e o Vasco venceu por 3 a 2 com gols de Arlindo (2) e Negrito, que desempatou a partida no final. Nesse jogo, em que o Vasco jogou com o mando de campo no estádio do Fluminense, na Rua Guanabara, a imprensa afirmava que havia cerca de 15.000 pessoas, enquanto, segundo *O Imparcial*, o estádio não estava cheio. Mais uma vez era um excelente público, que deve ter gerado uma renda muito parecida com a do jogo anterior com o Fluminense.

Para a rodada seguinte, o Vasco enfrentaria o São Cristóvão, outro time de subúrbio, que vinha de vitórias sobre o Bangu e Botafogo e, por isso, despertava interesse grande por parte de adeptos e da crônica esportiva. Assim, “o campo do S. Christovam foi diminuto para a multidão de apaixonados do sport bretão”.⁷⁵¹ O Vasco venceu por 3 a 2, somando agora o sexto triunfo consecutivo no campeonato, ou o sétimo, se for contado o triunfo com o Andarahy na primeira rodada. O árbitro da partida, Santa Maria, do Botafogo, anulou um gol do São Cristóvão após cobrança de *corner*, pois a bola teria feito “uma trajetória por fora da linha”. A vitória foi contestada pelo *Correio da Manhã*, que divulgava no dia seguinte à partida a seguinte notícia:

Não obstante vencedor, e isso basta para os apaixonados, que no momento não distinguem senão a vitória, mesmo que ella tenha sido conquistada à custa de esforços e forças estranhas, como é bem o caso de hontem, em que

---

⁷⁵⁰ FRANCO JUNIOR, H. op.cit. As páginas 258 a 302 tratam do futebol como metáfora religiosa. A citação é da p. 296.

⁷⁵¹ *Jornal de Theatro & Sport*, 16 de junho de 1923.

o Vasco teve a seu favor o brilho nunca offuscado de sua boa estrella, e o proveito de alguns erros do juiz.⁷⁵²

Neste momento, após o fim do primeiro turno, a liderança do time vascaíno era incontestável. O Vasco acumulava 14 pontos, sendo que dois deles por conta da punição ao Andarahy por escalar um jogador irregular na 1ª rodada, contra 9 pontos do Flamengo. Após o fim do primeiro turno, o balanço para o Vasco não poderia ser melhor. Em sete jogos, 14 pontos, 15 gols feitos, outros 9 sofridos e uma liderança folgada na tabela de classificação. Para o *Jornal de Theatro & Sport*, o Vasco, ao longo do primeiro turno, “venceu a maioria dos encontros com pequena diferença e esteve sempre acompanhado pela sorte”.⁷⁵³

No primeiro jogo do retorno, Vasco e Andarahy se apresentaram e jogaram uma partida extremamente disputada. Mais uma vez, no jogo do retorno contra o Andarahy, a história se repetia:

O público que encheu hontem, literalmente, as dependencias do festejado club verde e branco, teve a oportunidade de assistir a uma partida, se não boa, de todo, pelo menos muitissimo empenhada. O Vasco da Gama deu tudo o que possuía - e tudo foi preciso - para vencer o seu terrivel adversario, que lutou titanicamente para ser vencido, afinal de contas, por tres goals contra um, score que, digamos de passagem, pode ser, nitidamente, reflexo da superioridade do vencedor sobre o vencido.⁷⁵⁴

A torcida do Vasco lotava todos os estádios onde o time jogava, e o pequeno estádio do Andarahy, na Rua Prefeito Serzedello, era pequeno para o imenso público que para lá se dirigiu. “A torcida se acotovelava nas archibancadas”⁷⁵⁵ notava *O Imparcial*, enquanto a *Gazeta de Notícias* chamava a atenção para a “assistência colossal”.⁷⁵⁶

O Vasco ainda enfrentaria o Botafogo, na rodada seguinte. Para este jogo, o *Correio da Manhã* divulgava interessante nota da diretoria do Fluminense, que alugava seu campo para os jogos do Vasco: “pede-se o especial obsequio de não invadir o campo depois de terminado o jogo”,⁷⁵⁷ fato corriqueiro nos jogos do Vasco devido à euforia da sua imensa torcida. E o Vasco venceu de novo. E, de novo, com dificuldade, num 3 a 1 muito sofrido, bem ao estilo vascaíno, com um empate de 1 a 1 ao final do primeiro tempo. O estádio do Fluminense ficou abarrotado de gente e quanto à assistência presente, “só a do memorável campeonato sul-americano se pode comparar a

⁷⁵² *Correio da Manhã*, 11 de junho de 1923.

⁷⁵³ *Jornal de Theatro & Sport*, 23 de junho de 1923.

⁷⁵⁴ *Correio da Manhã*, 25 de junho de 1923.

⁷⁵⁵ *O Imparcial*, 25 de junho de 1923.

⁷⁵⁶ *Gazeta de Notícias*, 25 de junho de 1923.

⁷⁵⁷ *Correio da Manhã*, 1 de julho de 1923.

assistência numerável que se comprimia ao longo de toda a archibancada, ao longo de toda a geral”.⁷⁵⁸

O jornal faz referência à final do sul-americano de 1922, e vale lembrar que o jornal estava comparando um jogo da seleção na final de um torneio internacional com um jogo válido apenas pela 9ª rodada do campeonato carioca. Realmente o Vasco estava levando verdadeiras multidões aos estádios. Nesse jogo, o Botafogo deu ares de que poderia vencer, atacou 46 vezes contra o gol vascaíno, contra apenas 30 ataques do adversário, mas o Vasco, que parecia ser mais incisivo, aproveitou melhor as oportunidades. Os gols vascaínos foram marcados por Arlindo (2 gols) e Ceci. O jogo, realizado mais uma vez no estádio do Fluminense, teve um enorme número de torcedores. “Archibancadas completamente cheias”, segundo *O Imparcial*, e “elevadíssima concorrência”, segundo a *Gazeta de Notícias*. Segundo o *Correio da Manhã*, a renda desse jogo foi de 20:000\$000, que, descontadas as taxas da prefeitura e Liga (cerca de 20%, calculado anteriormente), deve ter deixado para o Vasco a quantia de quase 16:000\$000. Nova fortuna para o Vasco, a Prefeitura e a Liga. Para termos uma idéia do que representavam essas rendas e da importância e peso do Vasco nesses montantes, é só verificar o que ocorreu no jogo do Flamengo, com o mesmo Botafogo no dia 30 de maio do mesmo ano de 1923. A renda foi de apenas 7:434\$000, ou seja, menos da metade das rendas do Vasco contra qualquer dos times grandes do Rio. Mas a maior renda da história do campeonato carioca até aquele momento ainda estava por vir. E seria logo na rodada seguinte com o jogo Vasco e Flamengo.

O Maior jogo da cidade

O enorme interesse que despertou o importantíssimo encontro Flamengo x Vasco da Gama atingiu um ponto nunca alcançado no Brasil inteiro, desde que foi introduzido o football association.
Gazeta de Notícias, 10 de julho de 1923

Para o jogo do Vasco com o Flamengo, só os sócios munidos de suas carteiras poderiam assistir aos jogos, e não mais seus dependentes, como antes. Não havia estádio no Rio que abrigasse tantos vascaínos. Os times eram os únicos em condições de ganhar o título daquele ano. O Vasco tinha 18 pontos, o Flamengo 11, mas com dois jogos a menos. Se o Flamengo vencesse os jogos em atraso poderia ir a 15 e, vencendo o Vasco, a 17. O Vasco tinha feito 21 gols e sofrido 10, o Flamengo havia feito 22 e sofrido 8.

---

⁷⁵⁸ *Correio da Manhã*, 2 de julho de 1923.

“No estado actual do campeonato, essa partida, alem de se recomendar por si, pela collocação de seus disputantes, recommenda-se ainda pelo apuro de cada um, como o melhor jogo da temporada”,⁷⁵⁹ conforme a expectativa do *Correio da Manhã*, no dia do jogo. Uma verdadeira correria para obtenção de ingressos aconteceu na semana que antecedeu ao jogo. As notícias dos jornais anteriores e posteriores à partida dão uma idéia do clima que se viveu para aquele jogo. A primeira delas dá conta de um “capitalista” querendo comprar a renda do jogo:

40:000\$ PELA RENDA DO JOGO VASCO X FLAMENGO!...

O maior jogo do Campeonato Carioca

Para o próximo domingo, a tabella da 1ª divisão marca o sensacional encontro das esquadras do C.R. Vasco da Gama, o leader do campeonato, e do C.R. Flamengo, o segundo collocado. Dado o preparo de ambos e o valor de suas equipes, e como uma decisão definitiva virá dar o resultado desse jogo no campeonato, o mundo sportivo desta Capital aguarda com um interesse fora do vulgar o encontro dos dois clubs nauticos. O stadium que é o local de maior lotação da America do Sul para o ‘football association’, terá forçosamente que fechar as suas portas, pois apesar de ainda não ser tempo, a procura de bilhetes tem sido grande. Segundo nos informou pessoa de confiança, um capitalista offereceu ao gremio da Cruz de Malta 40:000\$000 pela renda deste jogo, pagos adiantados, tendo sido recusada essa proposta...⁷⁶⁰

Quatro dias antes da partida, os ingressos para as cadeiras numeradas já haviam se esgotado.⁷⁶¹ Devido ao fato da procura ser muito grande, os aproveitadores de momento começaram a aparecer para poder abocanhar uma fatia do bolo. São os ingressos falsificados, que aparecem em denúncias pela primeira vez em todo o período pesquisado:

As entradas para o match Vasco x Flamengo estavam sendo falsificadas:

A directoria do club da Cruz de Malta, tendo apurado a veracidade de uma denuncia, resolveu retirar da venda as entradas para o grande match que esse gremio terá com o Flamengo no domingo, no stadium.⁷⁶²

Além dos ingressos falsificados, cambistas, ao que parece, orientados pela própria diretoria do Fluminense, vendiam ingressos para as cadeiras numeradas com ágio de 100%! Num primeiro momento, esses cambistas atuavam com a anuência dos próprios diretores dos times, como demonstra o *Correio da Manhã*:

Mal satisfeito dos lucros que vem tirando das partidas de football, o club de snobismo da rua Guanabara lançou mão de mais um recurso e transformou cada empregado seu em um agiota. E assim é de vê-los em dia de jogo, com as mãos abarrotadas de entradas, a vendê-las cá fora com percentagens escabrosas, como assistimos ainda sábado no match contra o Flamengo.

⁷⁵⁹ *Correio da Manhã*, 8 de julho de 1923.

⁷⁶⁰ *Gazeta de Notícias*, 3 de julho de 1923.

⁷⁶¹ *Gazeta de Notícias*, 4 de julho de 1923.

⁷⁶² *Gazeta de Notícias*, 5 de julho de 1923.

Um espectador, ao chegar, dirigiu-se ao guichet, à procura de uma entrada numerada, e como não mais as encontrasse, já se dispunha a consolação de não assistir a disputa, quando todo risonho surgiu um porteiro da maçonaria,⁷⁶³ uniformizado, inquirindo-o:

-O senhor quer? Eu tenho aqui...

-Mas você ha de levar um ágio nessa transação, retorquiu o cavalheiro, já se apercebendo do truc que lhe era posto em cima.

-Nem tanto! o senhor da 10 mil réis...

Não se compreende que um porteiro faça esse comercio sem ter recebido ordem de alguém...⁷⁶⁴

E quem parecia que estava certo era o nosso “capitalista”, que apareceu para comprar a renda do jogo por 40:000\$000. O jornal *Correio da Manhã* deu conta de que a renda havia sido de 37 contos.⁷⁶⁵ Mas a *Gazeta de Notícias* tinha outra informação: “47 CONTOS FOI A RENDA! Declarou-nos hontem, pessoa influente no Vasco, que o match com o Flamengo rendeu a apreciavel somma de 47:000\$000”.⁷⁶⁶

Podemos perceber que, para descobrir a renda deste jogo, o referido jornal teve que ter acesso a uma “pessoa influente no Vasco”, demonstrando um pouco da dificuldade em se obter dados exatos sobre essas estatísticas no Rio de Janeiro, uma vez que os clubes tentavam sempre “driblar” os impostos da cidade e as taxas da Liga. Mas os gastos com esse jogo foram enormes, pelo que nos relatou Mario Filho:

“O Fluminense fez uma conta minuciosa de tudo, tanto para o concerto das grades, quanto para o conserto do campo, o que somava a quantia de dez contos de réis (10:000\$000). O Vasco teve de pagar os dez contos de réis, senão nunca mais jogaria no campo do Fluminense.”⁷⁶⁷ Assim, talvez o jogo já não desse tanto lucro, ou mesmo desse prejuízo, mas fica claro o interesse que começa a surgir por este tipo de investimento.

O valor de 47:000\$000 foi o mais alto de todos os valores apresentados até o ano de 1923, no país, com a arrecadação de venda de ingressos em uma única partida. Se compararmos com as rendas do Vasco antes de chegar à elite, os valores são absurdos. Em 1921, a maior arrecadação do Vasco foi de 1:575\$000, vendendo 614 arquibancadas e 374 gerais, no seu modesto campo da Rua Barão Itapegipe, n. 119, num jogo contra o Villa Izabel.⁷⁶⁸ Em 1922, como vimos, a maior renda foi de 4:072\$000, em jogo contra o mesmo Villa Izabel.⁷⁶⁹

---

⁷⁶³ O ‘clube da maçonaria’ era o apelido do Fluminense, que era acusado de agir secretamente, como a maçonaria, na escala de árbitros.

⁷⁶⁴ *Correio da Manhã*, 16 de julho de 1923.

⁷⁶⁵ *Correio da Manhã*, 9 de julho de 1923.

⁷⁶⁶ *Gazeta de Notícias*, 11 de julho de 1923.

⁷⁶⁷ FILHO, M. op.cit., p.125.

⁷⁶⁸ *Acta da Assembléia da Directoria do Club de regatas Vasco da Gama*, 29 de junho de 1921.

⁷⁶⁹ *Acta da Assembléia da Directoria do Club de regatas Vasco da Gama*, 7 de junho de 1922.

Mario Filho faz uma descrição verdadeiramente antológica do antes, durante e pós-jogo.

Tornou-se uma questão nacional derrotar o Vasco. O jacobinismo no futebol, lançando o brasileiro contra o português.

O português levava a culpa. Pouco importava que o time do Vasco, com seus brancos, seus mulatos e seus pretos, fosse brasileiríssimo. Os jogadores e Moraes e Silva perdiam a nacionalidade, viravam portugueses. Para que ninguém pudesse dizer que os grandes clubes estavam contra os pequenos, contra os pretos. Estavam contra o português, que tinha alterado a ordem natural das coisas. [...] O Flamengo deixara de ser um clube, um time, era todos os clubes, todos os times, o futebol brasileiro, branquinho, de boa família.⁷⁷⁰

Mario Filho destaca um jacobinismo no futebol, lançando os brasileiros contra os portugueses naquele ano de 1923. Os anos 1920 foram marcados por um declínio do sentimento anti-lusitano.⁷⁷¹ E foi então que o futebol ganhou uma nova dimensão, principalmente a partir do ano de 1923 e das marcantes vitórias do Vasco.

Nessas páginas, Mario Filho ressalta que os atletas do remo do Flamengo foram ao estádio com seus remos embrulhados em folhas de *O Jornal do Brasil*, e que a cada gol do Flamengo, lá estavam as cabeças dos portugueses a levar com os remos. Um verdadeiro “sururu”, contrastando com a notícia que se pode ler a seguir. Apesar de longa, faz-se imperativa a transcrição da reportagem do *Correio da Manhã*, que mostra um panorama diferente do descrito por Mario Filho:

FLAMENGO 3 - VASCO 2

Esta partida que se anunciava a mais importante, não apenas de hontem, mas de todo o campeonato, assumiu as proporções de um vultuoso acontecimento que ultrapassou os limites do mundo sportivo, para interessar, fora desse âmbito, a toda a cidade. Não ha positivamente, exemplo, no Rio de Janeiro, de um facto, ou de um match, que tenha despertado na multidão, interesse tão vivo, como esse de hontem. Não conhecemos, francamente, na História do football carioca, nem mesmo os famosos jogos do campeonato sul-americano, uma competição que tivesse alcançado tão ruidoso sucesso. Não vae nenhum exagero nessa affirmação e, quem assistiu ao jogo, pode atestar, como o fazemos, que nunca se viu o espetáculo inédito de haver a multidão invadindo as imediações do campo, porque as archibancadas não comportavam mais gente. Foi o que hontem succedeu. Ou porque tivesse errado o cálculo da vendagem, vendendo de mais, ou porque a lotação das archibancadas do Fluminense não comporta tanta gente, realmente, como pensava o engenheiro construtor, o fato é que o povo, exprimido e comprimido, não teve senão uma solução- única aliás- saltar para a pista de corridas, e dahi assistir a partida. Foi o que fez, emprestando ao local um aspecto grandioso, em que se via uma cinta humana circulando as immediações do gramado. Era gente por todo lado. Descongestionando, um pouco, as archibancadas, pela iniciativa de invadir o campo, dentro de poucos minutos ellas foram atonetadas de povo.

⁷⁷⁰ FILHO, M. op.cit., p. 122.

⁷⁷¹ RIBEIRO, G. S. op.cit. (1990) p. 61.

Nunca se viu coisa igual no Rio de Janeiro, nem mesmo, repetimos, nos jogos internacionais. E felizmente, digamos de passagem, nada ocorreu de anormal, tudo correu bem e o jogo terminou debaixo da melhor ordem, marcando um sucesso estupendo nos annaes do football da nossa terra. Calculamos assistência de hontem num total approximado a 25 mil pessoas. Mais que isso francamente não cabe no Fluminense, em que pese a opinião de seu construtor, dando lotação para 45 mil pessoas. Havia diversos fatores contribuído para o successo do match. Primeiro e o mais importante era a collocação de ambos [...] Depois da colocação vem os teams; cada qual com mais fama, um invencível, e o outro, na opinião geral, o melhor. Depois disso os "torcedores", que tanto os de um quanto de outro, formam uma "legião". Depois o facto de não ter havido hontem mais nenhum outro jogo de importância (...) e finalmente também o espírito da "revanche" dos 3x1 do primeiro turno.

Como se vê, são todas ellas razoes que pesam e arrastam o 'torcedor' ao turbilhão das emoções violentas. Íamos esquecendo um outro fator que não e para desprezar. Todos os vencidos do Vasco estavam 'roxos' para que elle perdesse... Era uma "torcida" em regra contra os camisas pretas sempre victoriosos.

A classe é desunida!

Quando um vae na frente desgarrado, a turma toda da em cima... para atrapalhar o bruto.⁷⁷²

O futebol, um "turbilhão das emoções violentas", unia a elite do Rio de Janeiro contra o time dos portugueses, o time do povo do Rio de Janeiro. A derrota do Vasco por 3 a 2 foi a vitória da elite, dos incluídos, cujos clubes comemoraram a vitória, muito mais do que se fosse um campeonato. Era necessário derrubar o time imbatível dos "pretos" – na expressão de Mario Filho – colocá-los no seu devido lugar e mostrar que futebol era para gente importante. Numa das partes de seu livro, frequentemente transcrita em outros livros que analisam esse momento da história do futebol, Mario Filho nos dá, mais uma vez, uma idéia do que houve depois do jogo:

Foi um carnaval. Mais de cem automóveis desfilaram pela cidade seguindo o itinerário da Praia do Flamengo, Glória, Largo da Lapa, para jogar bombas na Capela, Av. Mem de Sá, Rua Evaristo da Veiga, Av. Rio Branco, Rua Larga, Praça da República, Rua Visconde de Itaúna e Praça Onze, assim como para jogar bombas na Cervejaria Vitória, onde os vascaínos gostavam de festejar seus triunfos.

A Cervejaria Vitória teve de fechar às pressas. As cabeças de negro, morteiros, batiam nas portas de aço ricocheteando. [...] O cortejo continuou, durante toda a noite, o Flamengo festejou a vitória. E quando se ia desfazer o cortejo, alta madrugada, pendurou-se o tamanco de dois metros e meio na porta da sede do Vasco, em Santa Luzia. Achou-se pouco. Comprou-se uma enorme coroa funerária no Mercado das Flores. A coroa ficou ao lado do tamanco. E, como se isso não bastasse, enfeitou-se a estátua de Pedro Álvares Cabral de tamancos e résteas de cebola.⁷⁷³

Alguns jornais como *O Imparcial* descreveram que havia mais de 35 mil espectadores, contrariando o *Correio da Manhã* que dizia que apenas 25 mil estariam

⁷⁷² *Correio da Manhã*, 9 de julho de 1923.

⁷⁷³ FILHO, Mario. op.cit., p. 125 e 126.

presentes. 35 ou 25 mil espectadores, quaisquer que sejam os números, estes são de uma enormidade incontestável. Que time teria condições de levar 25 mil espectadores ao estádio, não fosse esse time a seleção brasileira, o time de todos os brasileiros? O Vasco dava, a cada final de semana, provas de sua grandeza e da grandeza de sua torcida. A identificação das camadas mais baixas da cidade do Rio com o Vasco foi imediata. O proletariado se identificava com aqueles proletários da bola. Viam a eles mesmos em campo, lutando pela vida, por dignidade frente a uma sociedade elitista, a times elitistas.

Um aspecto interessante dessa identificação da população de mais baixa renda com o Vasco, com a “ideologia” do Vasco, foi explicitado em uma entrevista do pai de Domingos da Guia, um dos grandes jogadores que o futebol mundial conheceu. Antônio Domingos da Guia, analfabeto, sem saber ao certo quando nasceu, sabia que no dia 25 de julho de 1891 casou-se e foi considerado maior de idade, aos 21 anos, pelas contas de seu pai. Numa entrevista publicada pelo *Jornal dos Sports*, em outubro de 1948, lhe foi perguntado quem era Vasco na família Da Guia. Ele afirmou:

Eu, meu moço. Sou Vasco por simpatia de pensamento e por simpatia moral. É difícil entender? Eu explico: sou homem que gosta de pessoas que trabalham. O Vasco é um incentivo a quem trabalha. Cresce sempre, sobe sempre. Está na glória e no coração daqueles que amam o trabalho. Foi muito bom para nós quando o Mingo andou por lá.⁷⁷⁴

É claro que se deve levar em conta toda a influência do trabalhismo getulista, ainda muito vivo em 1948. Mas a afeição que o “Seu” da Guia tem pelo Vasco é anterior. Quando o Vasco foi campeão em 1923, ele já passava dos cinquenta anos, pelo menos pelas contas de seu pai. E se afeioou, pois o Vasco abriu espaço para que membros das camadas mais baixas, como ele e seus filhos, se destacassem jogando bola.

A Arrancada para o Título

A derrota para o Flamengo foi o máximo para a imprensa carioca, pois provava que a receita do Vasco não era infalível e que seu time podia ser batido. E a equipe rubro-negra que bateu o Vasco era uma legítima representante do “futebol amador”. Seus “amadores”, na maioria gaúchos e paulistas, haviam saído de suas cidades de origem por “amor” ao Flamengo, e pelos empregos arranjados pelos diretores do clube. Eram “amadores” como Candiota, natural de Bagé, e que trabalhava na *Brazilian*

---

⁷⁷⁴ *Jornal dos Sports* 6 de outubro de 1948, p.25.

*Warrant*⁷⁷⁵ enquanto defendia as cores do rubro-negro. Esses homens haviam derrotado o Vasco da Gama, time de jogadores que representavam as camadas mais baixas da sociedade brasileira, muitos deles negros e analfabetos. Neste caso, também o Flamengo produziu um rico capital simbólico apropriado por cronistas da imprensa do Rio de Janeiro, na ânsia de provar a superioridade daqueles que julgavam ser os seus representantes. Os estádios não tinham mais as moças e transformavam-se em campos de confronto entre torcedores que estendiam suas lutas para fora dos gramados. A torcida do Flamengo não se continha com a vitória e a desforra contra os vascaínos, e nas comemorações foram utilizadas “enormes bombas, cujos estouros confundiam-se com os *alle-goacks* [gritos de comemoração] dos torcedores”.⁷⁷⁶

Mas aquela derrota não abalou a equipe do Vasco, ciente de que ainda era líder e só dependia de seus resultados para ser campeã, faltando seis jogos para acabar o campeonato. No dia 22 de julho, pela 11ª rodada, o Vasco enfrentaria mais um time grande, o America. Ganhou novamente, com gols de Nicolino e Torteroli, fechando em 2 a 1 o placar para a equipe da Cruz de Malta. O jogo foi caracterizado como “grosseiro, sem graça e de brutalidade”,⁷⁷⁷ pelo *Correio da Manhã*. E o jogador Russinho, que havia acabado de se transferir do Andarahy para o Vasco, foi acusado pela *Gazeta de Notícias* de tentar agredir o árbitro Manoel Gomes da Costa Figueiredo, do seu ex-clubes.⁷⁷⁸ O Vasco mais uma vez jogou no campo do Fluminense, com o mando de jogo, e “grande foi a assistência que encheu as dependências da praça de desportos do Fluminense F. C.”.⁷⁷⁹ Acumulam-se as críticas que os *players* vascaínos recebem, bem como sua torcida. A elite carioca não se conformava com as vitórias do Vasco e sempre tinha que, de alguma forma, desviar o foco da equipe brilhante para os problemas extra-campo. Mas para os vascaínos o que importava era a vitória do Vasco e o empate do Flamengo com o Fluminense, no sábado anterior, deixando o Vasco com 20 pontos e muito perto do título.

A rodada seguinte, dependendo dos resultados, já poderia fazer do Vasco o campeão do Rio de Janeiro. Na manchete de sua seção de esportes, *O Paiz* já anunciava: “O C.R. Vasco da Gama, vencendo o Fluminense F.C., garante o titulo de campeão”.⁷⁸⁰ Se o Flamengo perdesse e o Vasco ganhasse, o clube da colônia portuguesa igualaria o

⁷⁷⁵ *O Imparcial*, 17 de abril de 1920.

⁷⁷⁶ *Jornal de Theatro & Sport*, 14 de julho de 1923.

⁷⁷⁷ *Correio da Manhã*, 23 de julho de 1923.

⁷⁷⁸ *Gazeta de Notícias*, dia 23 de julho de 1923.

⁷⁷⁹ *O Imparcial*, 23 de julho de 1923. Ver Iconografia: Imagem XXXVI.

⁷⁸⁰ *O Paiz*, 29 de julho de 1923.

feito do Flamengo de ser “campeão de terra e mar”. Como o jogo do Vasco era contra o desafeto principal dos rubro-negros, o Fluminense, foi lançada uma polêmica pelo jornal “flamenguista”, o *Correio da Manhã*:

SEM TITULO NEM COMENTARIO

O Fluminense vae jogar depois de amanhã com o Vasco da Gama. Vae jogar e vae perder. Desta vez, entretanto, não será por falta de team, porque toda gente sabe que o tricolor é o melhor team carioca do mundo (sic). Vae perder, apenas porque não quer, por nada que o Flamengo empate com o Vasco. O público que fique avisado para não se surpreender com a derrota do Fluminense, que já esta preparadinha...⁷⁸¹

Obviamente a “turma do Fluminense” contestou a nota do jornal, que se apressou com outra nota no dia seguinte, reafirmando que o Fluminense não queria mesmo vencer o Vasco: “Não quer porque não quer e está acabado. Fará amanhã um pouquinho de força com o Vasco, para disfarçar, mas acaba entregando o jogo”. E no dia do jogo, ainda reafirmou e escreveu: “são coisas do futebol”.⁷⁸²

Na segunda-feira, após a derrota do Fluminense para o Vasco, o *Correio* publicava na seção *Correio Sportivo* a manchete, com letras enormes: “Não falharam os vaticínios do Correio da Manhã sobre a attitude do Fluminense no jogo com o Vasco da Gama”.⁷⁸³

Já o jornal português *O Paiz*, de maneira diferente, afirmava, no mesmo dia, que os dois times “actuaram como verdadeiros sportsmen, com toda a lealdade e boa educação não deixando de lado a thécnica admirável e entusiástica”. Mas deixa claro que ao final do jogo, já com o Vasco vencendo a partida, ficou com aspecto “frio, sem interesse e desprovido de qualquer entusiasmo”,⁷⁸⁴ mesmo com o Fluminense sendo derrotado, o que nos leva a pensar com mais cuidado nas afirmações do *Correio da Manhã*. O jornal *O Imparcial* escrevia no dia do jogo que “O Fluminense, presentemente possuidor de um conjunto respeitável, vae penetrar a campo decidido a não fracassar”⁷⁸⁵ e, no dia seguinte, afirmava que o Fluminense: “não agiu com aquelle mesmo ardor de domingo passado contra o Andarahy. Cousas do sport bretão...”.⁷⁸⁶ O Vasco venceu por 2 a 1, com gols de Pires. Segundo *O Imparcial*, “a assistência foi grande” para este jogo, que poderia garantir o título do Vasco na série A. O Flamengo,

⁷⁸¹ *Correio da Manhã*, 27 de julho de 1923.

⁷⁸² *Correio da Manhã*, 29 de julho de 1923.

⁷⁸³ *Correio da Manhã*, 30 de julho de 1923.

⁷⁸⁴ *O Paiz*, 30 de julho de 1923.

⁷⁸⁵ *O Imparcial*, 29 de julho de 1923.

⁷⁸⁶ *O Imparcial*, 30 de julho de 1923.

na mesma rodada, empatou em 3 a 3 com o Bangu e ficava praticamente sem chances de título.

Faltando dois jogos para o Vasco e quatro para o Flamengo, e levando o Vasco uma vantagem de 7 pontos, só se a equipe vascaína perdesse todos seus jogos e o Flamengo ganhasse todas as partidas que lhe restavam é que o título poderia ficar com a equipe rubro-negra. Mas matematicamente, só um empate ou vitória contra o São Cristóvão, na penúltima rodada, garantiria o título, ainda mais com a vitória do Flamengo, no final de semana seguinte, sobre o Botafogo, adiando a festa oficial do título vascaíno para 12 de agosto, quando o Vasco precisaria apenas de um empate para sagrar-se campeão.

Assim o *Correio da Manhã* iniciava a sua seção esportiva:

O C.R.Vasco da Gama assegura-se da posse do título de campeão do Rio de Janeiro, vencendo em lindo estylo o S. Christovao.

O Vasco venceu o jogo por 3 a 2. Esteve perdendo por dois a zero, como sempre, e o time vascaíno mudou de tática 'fazendo jogo pessoal e violento'. Terminado o primeiro tempo veio, também como sempre, a virada vascaína, com gols de Ceci e Negrito (2). Ninguém do Vasco da Gama- diretores, sócios e jogadores- pensou em que o club poderia chegar às culminâncias de hoje. Chegou, ajudado um pouco pela sorte - seria mentir negál-o - mas, não ha dúvida, que a maioria dos jogos, como esse de hontem, foi ganha brilhantemente pelo esforço titânico de onze rapazes cheios de vontade e dominados por um capricho bem capaz de maiores feitos. Mais uma vez, e com muito prazer, as nossas felicitações ao club campeão.⁷⁸⁷

O jornal *O Imparcial* destacava em primeira página a foto do time do Vasco campeão carioca, com seus jogadores negros e mulatos. Na segunda página afirma:

O VASCO DA GAMA, ABATENDO O S.CHRISTOVAO POR 3X2, LEVANTA BRILHANTEMENTE O CAMPEONATO CARIOCA DE 1923

O Vasco mandou o jogo no campo do Botafogo, na Rua General Severiano, pois no mesmo dia havia jogo do Fluminense no estádio da Rua Guanabara. Segundo o Botafogo, que alugou o campo ao Vasco, a renda foi de aproximadamente 14:533\$000.⁷⁸⁸

O campeonato se encerraria para o Vasco⁷⁸⁹ com um empate em 2 a 2 com o Bangu. O time jogou fora de casa, no longínquo campo da Rua Ferrer- Estação Bangu, e mesmo assim: "O field da Rua Ferrer, como era de esperar, apanhou uma enchente à cunha.

⁷⁸⁷ *O Imparcial*, 13 de agosto de 1923.

⁷⁸⁸ *Ata da Directoria do Botafogo de 24 de setembro de 1923*. Segundo o documento, o Botafogo arrecadou 2:180\$000 referentes aos 15 % da renda bruta, cobrados pelo aluguel do campo ao Vasco para que este jogasse contra o São Christóvão.

⁷⁸⁹ Ver Iconografia: Imagem XXXVII.

Suas archibancadas e galerias estavam literalmente cheias... A torcida vascaína lá estava toda a postos...”.⁷⁹⁰

Campanha impecável. Em 14 jogos, foram 11 vitórias, 2 empates e apenas 1 derrota. E tudo isso conquistado por um time que estreava na primeira divisão. Este foi, talvez, o maior feito já conseguido por um clube brasileiro. Afinal, transformou e consolidou o Vasco como um dos maiores clubes do Brasil, da América do Sul e do mundo. Vale ressaltar que o último colocado do campeonato havia sido o até então poderoso Botafogo, com seu time todo formado por brancos, em sua maioria da elite carioca. Esse fato fez com que, definitivamente, as grandes agremiações cariocas começassem a perceber que o futebol havia mudado e que, para vencer, o melhor era acelerar o processo de democratização da prática do futebol em seus clubes e de proletarizar definitivamente seus atletas, mudando sua situação de sócio para funcionário. Os rapazes do Vasco se levantavam para dar o seu grito de liberdade e celebravam a vitória da sua profissionalização, a conquista de um espaço significativo no seio da sociedade carioca e importantes ganhos econômicos. A diretoria do Vasco dava mais um passo, sem dúvida decisivo, para se tornar um dos maiores clubes do país. O título, a conquista máxima do campeonato mais importante da cidade, a conquista de um grupo de homens imigrantes de uma colônia tão criticada na República Velha, abria um novo viés para o futebol no país. Os dirigentes sabiam que a história do Vasco não poderia parar naquele título, mas estavam cientes do significado de seu ato e continuariam seu projeto.

O futebol entrava em uma fase de franca expansão, e os meios de comunicação e a própria publicidade se rendiam ao enorme potencial desse esporte para o mundo dos negócios. Além dos cigarros, como o Olympicus e da aveia da empresa Quaker Oats,⁷⁹¹ agora eram as cervejas que faziam as propagandas diretamente vinculadas com o futebol:

Parte p'ra o 'ground', cabeça ao sol,
Vae ao 'lawn-tennis', ao 'football'.
Se após o jogo cansado fica
-Garganta secca, suando em bica-
O bravo jovem que adora o sport
Toma a cerveja que fortifica
A 'MALZEBIER': essa é a melhor
'MALZEBIER'
A cerveja que enrija os músculos.⁷⁹²

⁷⁹⁰ *Gazeta de Notícias*, 20 de agosto de 1923.

⁷⁹¹ *A Noite*, 2 de maio de 1923. Iconografia: Imagem XXXVIII.

⁷⁹² *Gazeta de Notícias*, 29 de abril de 1923.

O Vasco vai se aproveitar dessa expansão e de todo o crescimento de um mercado ligado ao futebol. Emblemática, neste sentido, é a propaganda que Nelson da Conceição fez para um tônico fortificante. É, provavelmente, a primeira vez que um atleta negro é utilizado como “garoto-propaganda” de uma peça publicitária. E não era apenas o nome de um produto, como foram as “*shooteiras Marcos*”, mas um verdadeiro depoimento, um atestado sobre a eficácia do produto.

VASCO DA GAMA

Certifico que tenho obtido muito bons resultados com o uso do ‘Fortifican’ sentindo-me sempre bem disposto para os jogos. Considero-o, pois, um dos melhores tonicos musculares.

(a) Nelson da Conceição

Rio, 24 de maio de 1923

Firma reconhecida pelo tabelião Parelo e Costa.

Assim se exprime o valoroso e querido Keeper do campeão C.R. Vasco da Gama a respeito do ‘FORTIFICAN’, o melhor tonico da atualidade.

O ‘FORTIFICAN’ dá força, saude e vigor e encontra-se nas boas pharmácias e no deposito a rua Manguape, 28.⁷⁹³

Este era um dos principais aspectos da revolução vascaína: colocar atletas negros, oriundos das camadas mais baixas, vítimas de preconceitos e ironias por conta de suas profissões consideradas braçais nas páginas dos jornais, atestando tônicos fortificantes para a saúde da juventude carioca. Muitos autores, como André Ribeiro ao escrever a biografia de Leônidas da Silva, afirmam que o primeiro jogador “garoto-propaganda” do futebol foi Leônidas, e apenas na década de 1930. O *goal-keeper* vascaíno, negro, ex- *chauffeur*, campeão carioca, servindo para vender a sua imagem ao tônico “Fortifican”, assinando uma mensagem que poderia ter dificuldades de escrever de próprio punho, com firma reconhecida em cartório para ninguém ter dúvidas quanto à sua autenticidade. Em pleno ano de 1923, foi um dos nossos primeiros “garoto-propaganda”, um tipo bem brasileiro: negro, quase analfabeto, que se sobrepõe aos brancos através do futebol.

A profissionalização dos jogadores, outro aspecto da revolução, apresentava resultados concretos, colocando o Vasco como o principal clube da cidade. Mas revolução era também ver o Botafogo em último lugar. Os clubes da elite não se conformavam com o que viam e executaram um grande contra-ataque. Deram um jeito de tirar o melhor time do Rio do campeonato, como será visto a seguir.

---

⁷⁹³ *O Imparcial*, 28 de agosto de 1923.

4.3. A elite do futebol se volta contra o Vasco

É chegado um dos momentos mais importantes do período coberto pelo presente estudo - o momento em que os dirigentes do futebol carioca, perplexos com a vitória de uma equipe da colônia portuguesa, cheia de jogadores analfabetos, negros, mulatos e brancos pobres, precisavam tomar uma atitude para não perder o controle sobre esse esporte na cidade. A vitória do Vasco representava uma vitória da colônia portuguesa, das camadas inferiores, dos negros e dos analfabetos. Cada qual se apropriou, a seu modo, daquela conquista que os fazia parte integrante e, principalmente, vencedora dentro daquele mundo que se construía sob novas bases econômicas, políticas, sociais e culturais. Além disso, era a vitória arrasadora de um novo modelo de administração daquele esporte, com a profissionalização de atletas oriundos das camadas proletárias e com a conquista de vitórias que garantiam estádios cheios. O magnetismo criado pelo futebol nos torcedores é um fato, mas o fanatismo dos vascaínos, que em oito anos formaram a maior torcida do Rio de Janeiro, mostra como a colônia portuguesa “abraçou” o seu time e como as camadas mais baixas viam nos jogadores do Vasco a chance de conseguirem as tão importantes vitórias simbólicas de seus pares. O processo já acontecia, com membros das camadas inferiores que torciam pelos clubes grandes e finos da cidade, numa tentativa de se identificar, de pertencer àqueles grupos. Com o Vasco, o processo era um pouco diferente.

Os portugueses, como é evidente, buscavam no Vasco, o clube fundado por membros de sua colônia, a identificação com aqueles que vinham do mesmo lugar geográfico, que compartilhavam hábitos comuns, típicos de Portugal. Os indivíduos desta colônia “tinham grande sentido de cooperação e solidariedade”⁷⁹⁴ como pôde ser visto quando rivais políticos na disputa à presidência do Vasco, Marcilio Telles e Marques da Silva, assumiram postura igual na defesa dos interesses do time de futebol do clube. No caso dos brasileiros era diferente. O Vasco não era um clube grande, um clube da Zona Sul da cidade, seu time não tinha estrelas da seleção brasileira e os seus jogadores não eram médicos, advogados, ou intelectuais que desfilavam pelas grandes cafeterias e pelas páginas dos jornais. Pior, era um clube de portugueses, que sofriam com sentimentos anti-lusitanos que, embora em fase de declínio, faziam questão de permanecer imbricados com a própria vida na cidade, seja através de ataques diretos ou

---

⁷⁹⁴ LOBO, E. M. L. op.cit. (2001) p. 105.

com piadas sobre a ignorância e até mesmo a burrice dos portugueses. A relação dos brasileiros era ambígua. Por um lado, a cultura portuguesa enriquecia o Rio de Janeiro; os membros da colônia realizavam sucessivas conquistas, e os brasileiros se quedavam admirados por seu sucesso em terras brasileiras. Por outro, “igualmente forte era a tensão com a população brasileira, que ora [...] via [os portugueses] como concorrentes, ora como inimigos do povo, sempre os associando ao monopólio do comércio varejista em geral”.⁷⁹⁵ É importante lembrar que o ano de 1923 foi um ano de muita inflação e carestia, o que fez com que o ódio aos portugueses aumentasse. Mas não era isso o que se via nas arquibancadas dos estádios da série A da 1ª Divisão da LMDT naquele ano.

A atração mágica que o Vasco exercia nos torcedores que não tinham origem portuguesa era sua disposição de enfrentar os grandes clubes, os interesses da elite dominante do futebol e até mesmo os interesses de um presidente da república que não queria a seleção com negros, como Epiácio Pessoa. É claro que os dirigentes vascaínos não faziam a defesa dos jogadores oriundos das camadas inferiores por simpatizarem com os negros ou com os analfabetos. O fenômeno era puramente de ordem esportiva e econômica. Esportiva, pois aqueles jogadores eram, sem dúvida, os melhores da cidade, portanto, os melhores para se constituir um quadro forte para a conquista das almeçadas vitórias e títulos. Econômica, porque as vitórias e os títulos traziam mais sócios para o clube e torcedores para os estádios, principalmente com um time formado por jogadores de origem popular, o que criava uma verdadeira identificação entre torcedores e jogadores, como nunca antes vista no Rio de Janeiro. Os dirigentes do Vasco, e o clube, ganhavam a simpatia das camadas mais baixas da cidade por pagarem salários, por darem férias, indenizações por acidente de trabalho, premiações em dinheiro em treinos e jogos, refeições e dormitórios para seus jogadores de origem humilde, contrastando com a prática dos clubes considerados grandes da cidade. Para essa conclusão, a entrevista já citada do pai de Domingos da Guia é extremamente exemplificadora.

Um movimento começava a surgir entre os clubes grandes para frear aquele processo. America, Botafogo, Flamengo e Fluminense não suportaram a vitória de um clube de portugueses e de um time de gente humilde. A própria imprensa começava a perceber que os dirigentes ligados aos clubes grandes se sentiam incomodados com o título do Vasco. Para o último jogo do campeonato de 1923, o Vasco, já campeão, pediu para o Bangu, que não aspirava mais nada naquele campeonato, para que o jogo fosse

---

⁷⁹⁵ FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda. *Imigração Portuguesa e Miscigenação Portuguesa no Brasil nos séculos XIX e XX: um ensaio*. in LESSA, Carlos (org.) op.cit., p.102.

adiado em virtude da final do campeonato de regatas. Se o Vasco conseguisse o campeonato de remo igualaria o feito do Flamengo, que em 1920 sagrou-se “Campeão de terra e mar”. O Bangu aceitou, mas a diretoria da LMDT, não. Um dos principais periódicos da cidade destacava:

O VASCO, DESTA VEZ, FOI A VICTIMA

Essa diretoria da Metropolitana sempre saiu melhor que a encomenda... Desastrada em sem tacto desde o início da sua administração, ella continua no terreno das ‘gaffes’, cega, coitadinha, a dar por paus e por pedras. Ha um caso recente que define, admiravelmente, o tino dessa meia dúzia de esbirros sportivos. O Vasco da Gama - é preciso esclarecer que o Vasco nunca esteve muito nas boas graças daquela gente - tinha a sua collocação na tabella perfeitamente definida, desde o match com o S. Christovão. O jogo com o Bangu era uma simples formalidade [...] Pois bem, o Vasco, de comum accordo com o Bangu, solicitou a transferência do match, allegando o motivo justíssimo de ter, no mesmo dia, na cidade, a disputa do campeonato de remo, coisa que o interessava immenso. Não havia nada que o obstasse. Nenhuma razão de ordem moral ou de qualquer outra espécie existia para se negar ao Vasco essa transferência pedida. A directoria da Liga, do alto das suas tamanquinhas, para fazer uma careta ao club campeão, negou a transferência. Negou sem explicar, mesmo porque, não havia explicações possíveis [...]⁷⁹⁶

Essa notícia, mais do que a negação da antecipação da partida, vale, entre outras coisas, pela frase “é preciso esclarecer que o Vasco nunca esteve muito nas boas graças daquela gente”. Aqui o *Correio da Manhã*, sem dúvida o mais crítico dos jornais em matéria de futebol e um dos mais críticos ao Vasco, mostrava sua discordância com pontos escusos do futebol. Mostrava, também, que o Vasco não era dos clubes mais queridos dentro da Liga Metropolitana, um clube pudesse ter voz ativa nas reuniões do Conselho da Liga. O que se pretende aqui é justamente demonstrar que isso era fruto da natureza do time de futebol e da origem portuguesa do clube. Notícias, no mesmo dia, de que o C. R. Flamengo parabeniza o Vasco pelo seu 25º aniversário e que “o Flamengo tem a honra de juntar as mais sinceras felicitações” pela conquista do campeonato carioca de 1923, na verdade, escondiam um plano dos clubes para não contar mais com o Vasco em seu campeonato, ou pelo menos, não mais com *aquele* Vasco, com *aquele* tipo de jogadores.

A temporada de 1923 ainda não havia se encerrado. Haveria ainda o campeonato brasileiro de seleções e o campeonato sul-americano de 1923, a ser disputado em Montevidéu. Para o campeonato brasileiro de seleções estaduais apenas Nelson, Claudionor, Nicomedes (o Torterolli) e Paschoal foram convocados para a seleção carioca. Eram jogadores brancos e negros, que mal sabiam assinar o nome, todos

---

⁷⁹⁶ *Correio da Manhã*, 23 de agosto de 1923.

oriundos de times de subúrbio. O curioso é que o campeão da cidade, com uma equipe que havia feito uma campanha impecável só tivesse 4 dos 22 jogadores convocados para a seleção da cidade. Esse fato e muitos outros fizeram com que a Liga Metropolitana passasse a receber severas críticas da imprensa. O *Correio da Manhã* publicava todos os dias fatos criticando a postura da Metropolitana. Quando o *scratch* carioca foi derrotado pelo Mangureira, que jogava na série B, em jogo de preparação, o jornal não poupou críticas: “Decididamente, ninguém mais leva a sério a Metropolitana. Contam-se por fracassos os trenos que oferece o team incerto a que dão o pomposo nome de *scratch* carioca”.⁷⁹⁷

Os grandes clubes, apoiados por parte da imprensa, começavam uma campanha para desmoralizar os dirigentes da Liga Metropolitana e sua estrutura, que dava poderes demais aos pequenos desde as reformas nos estatutos de 1917. O grande artífice da manobra dos grandes clubes foi o jornal *Correio da Manhã*, que dia após dia tentava desacreditar a diretoria da Liga Metropolitana encabeçada por Agrícola Bethlen. “A actual directoria da Liga Metropolitana, alem de não ter prestigio, não tem sympatias. Isso foi, sem dúvida, uma das razões para que nossos clubs também não se interessem pelo team representativo do Rio. Nem clubs, nem jogadores.”⁷⁹⁸

Parecia que a situação passava a ser insustentável. A Liga organizou para domingo, 16 de setembro, um jogo entre o Vasco e um combinado da 1ª divisão, para auxiliar a CBD nas despesas do sul-americano. Os jogadores do Flamengo não apareceram. A LMDT ameaçou punir esses jogadores e o clube, com advertência, multa e até mesmo a eliminação dos atletas da Liga. Para piorar, os ofícios foram mandados diretamente aos jogadores do Flamengo, e não por intermédio da diretoria do clube como era a praxe, o que irritou ainda mais os diretores do tradicional time do Rio. A situação ficava complicada e cada vez mais parecia que a Liga enfrentaria uma crise. O *Correio da Manhã* divulgava:

Esta fervilhando ha muitos dias, entre os mais graduados representantes do legítimo football carioca, um movimento de justa reacção contra os desatinos e os desmandos da diretoria da Metropolitana. [...] Não é muito difícil prever os resultados de tudo isso. [...] Não sendo possível uma solução pacífica, que será muito para se desejar, os 'desgostosos' irão ao extremo na legítima defesa de seus direitos, mesmo que preciso se tome uma decisão violenta, nas alturas de separar e revolucionar o football carioca.⁷⁹⁹

---

⁷⁹⁷ *Correio da Manhã*, 8 de setembro de 1923.

⁷⁹⁸ *Correio da Manhã*, 10 de setembro de 1923.

⁷⁹⁹ *Correio da Manhã*, 18 de setembro de 1923.

No dia seguinte, o mesmo jornal expressava o seu desagrado com a LMDT e a sua posição contrária à organização da entidade. A estrutura política permitia que os clubes pequenos, unidos, pudessem ter presidentes, vice-presidentes, representantes nas comissões e isso, para a elite carioca, era um absurdo.

A Liga Metropolitana, constituída e dominada como está por um grupo que é maioria, mas que está longe de representar o legítimo football do Rio, e por cujos interesses logicamente não zela, não pode servir aqueles que são a seu turno, os legítimos representantes do football carioca.⁸⁰⁰

O campeonato brasileiro de seleções fez com que os jornais deixassem um pouco de lado um pouco os problemas políticos da Liga. Ainda mais com a vitória de 4 a 1 dos cariocas sobre a seleção fluminense.

Campeonato Brasileiro, Sul Americano: as novas estrelas

O 2º Campeonato Brasileiro de Seleções teve um dado bastante interessante, a inclusão na equipe dos quatro jogadores do Vasco da Gama, sendo que três deles já haviam sido acusados alguma vez pela Metropolitana de serem analfabetos. Nelson da Conceição era o primeiro goleiro negro da seleção carioca, e sua ascensão como jogador fazia com que ganhasse destaque nas páginas de jornal e passasse a ser o contraponto de Marcos Carneiro. Este abandonou o futebol após perder a posição na seleção para o flamenguista Kuntz, durante o Campeonato Sul Americano, e após uma goleada que o Fluminense sofreu para o Paulistano, em 1922. O grande goleiro, ídolo da torcida carioca, parava de jogar e quem aparecia para substituí-lo, como ídolo dos goleiros, era Nelson da Conceição.

Os dois goleiros tinham diferenças fundamentais. Marcos era branco e da elite carioca, sócio do clube de futebol mais rico da cidade, figura ilustre em festas de empresários e intelectuais tricolores e casado com a poetiza Ana Amélia, outra filha da alta elite carioca. Os casal morava em uma mansão no Cosme Velho, um aprazível bairro ao lado do bairro de Laranjeiras. Marcos, pelo que se lê a respeito e pelo que se pode ouvir de suas próprias palavras, não se misturava com os jogadores de origem popular. Nem gostava dos mais escuros. Na entrevista do goleiro, concedida ao historiador Sebastião Witter e arquivada no Museu de Imagem e Som de São Paulo, o professor pergunta a Marcos quais os melhores jogadores com quem ele já havia

---

⁸⁰⁰ *Correio da Manhã*, 19 de setembro de 1923.

jogado. Marcos citou vários deles, entre eles Victor Etchegaray (um dos primeiros amadores de futebol no Rio de Janeiro) e Amílcar Barbuy (um dos jogadores mais polêmicos do período em que se defendia o amadorismo e se praticava o profissionalismo). Mas não citou Arthur Friedenreich, jogador mulato, que fez o gol que deu ao Brasil o título de campeão sul-americano de 1919, o mais importante de toda a carreira de Marcos.⁸⁰¹

Já Nelson era negro. Antes de se profissionalizar pelo Vasco trabalhava como motorista, *chauffer*, daí o apelido que carregou durante a vida. Tinha dificuldade em escrever, morava nos subúrbios e, pelas agruras da História, pouco mais se sabe sobre este que foi, talvez, o primeiro grande ídolo negro do futebol carioca e, possivelmente, brasileiro.

Eram dois jogadores ícones de seu tempo e simbolizavam não só uma nova estética constituída entre o branco e o negro, no protótipo de jogador de futebol, mas também, e principalmente, uma verdadeira conquista de espaços de atuação na sociedade brasileira pelos negros. No dia 7 de outubro de 1923, o Distrito Federal enfrentou a seleção fluminense, com os jogadores do estado do Rio de Janeiro. Foi a estréia de um goleiro negro na seleção. Além dele, só Paschoal alinhou no time titular. Simbolicamente, a substituição de um Marcos C. de Mendonça por um Nelson da Conceição, criava mais um ingrediente para as relações já tensas entre os clubes grandes do Rio de Janeiro e o Vasco da Gama com sua postura inédita.

Para o campeonato sul-americano de 1923, pela primeira vez, tinha-se uma seleção que continha vários jogadores de fora do eixo Rio-São Paulo. Com o desinteresse dos maiores clubes da cidade de São Paulo pela competição, a seleção brasileira foi formada por jogadores de clubes cariocas, fluminenses - como Soda, do Americano Football Club, e Amaro do Goytacaz Football Club, da cidade de Campos dos Goytacazes - e um jogador de um clube baiano, Mica, do Botafogo Sport Club. No caso dos clubes cariocas, jogadores de equipes pequenas do Distrito Federal, como Nilo do S.C. Brasil, eram a novidade na seleção brasileira. Apesar de contar com jogadores do Botafogo, Fluminense, Flamengo e São Christovão,⁸⁰² a grande novidade na convocação do selecionado nacional era Nelson da Conceição, o primeiro negro a ser goleiro titular da seleção brasileira. Ele e os acusados de analfabetismo Nicomedes e

---

⁸⁰¹ Entrevista feita a Marcos Carneiro de Mendonça em 5 de agosto de 1982 por José Sebastião Witter e José Pedro Pinto Espozel. *Projeto História do Futebol Brasileiro*. Museu da Imagem e do Som. Centro de Documentação e Acervo. Localização: 100.17-A FUTEBOL.

⁸⁰² ASSAF, R. e NAPOLEÃO, A.C. op.cit., pp. 118 e 119.

Paschoal. Nelson e Paschoal jogaram os quatro jogos do Sul-Americano de Montevideu, e o Brasil perdeu para o Paraguai, para a Argentina e para o Uruguai. O Brasil ficou em último lugar e com a pior participação em campeonatos sul-americanos de toda a sua história. Esse resultado deu argumentos aos dirigentes que eram contra a convocação de jogadores oriundos das camadas mais baixas e criou uma atmosfera insustentável para os dirigentes dos grandes clubes. Além de tudo isso, pelo segundo ano desde a organização da 1ª Divisão em duas séries de sete clubes cada, uma equipe grande teria que disputar a eliminatória com o último colocado da série B. Era o Botafogo, que repetiu o fracasso do Fluminense em 1921.

A AMEA e o golpe dos grandes clubes

O movimento de separação dos clubes grandes ia tomando forma. Os clubes então começaram a arranjar um modo de sair do controle da Liga Metropolitana sem ter que romper com os órgãos máximos do futebol, principalmente a CDB. A solução encontrada seria passar a integrar uma sub-liga da LMDT, a Liga Brasileira de Sports. No *Correio da Manhã* de 11 de outubro, em reprodução de reunião de alguns times do Rio, afirmavam os presentes não quererem uma cisão com a Liga, nem rupturas violentas, quando um diretor, a cujo nome não se faz referência leu uma nota com uma estratégia de desligamento da Liga sem maiores prejuízos para os que assim quisessem:

Os clubes abaixo assignados profundamente descontentes com a actual organização da Liga Metropolitana, solicitarão seu desligamento da referida Liga, cada um de per si, sem indicação de motivo, officialmente, depois do que, em entendimento prévio com a Liga Brasileira de Desportos, sub-liga da Metropolitana, solicitarão sua filiação a ella, sub-liga, que instituiu ora um campeonato em uma divisão especial onde jogarão apenas os clubs recém- filiados.⁸⁰³

De acordo com a notícia, os clubes que formariam essa primeira ruptura seriam Botafogo, Flamengo, Fluminense, Mangueira, Andarahy, São Christovão, Helênico e América.

Com o poder dos pequenos nas assembléias da Liga Metropolitana, a articulação dos mesmos conseguiu eleger para o cargo de 1º vice-presidente da entidade Ernesto Loureiro, do Andarahy. Essa atitude alterou radicalmente o equilíbrio de forças dentro da Liga Metropolitana e foi o suficiente para desencadear uma série de fatos que resultaram na ruptura definitiva dos grandes clubes cariocas com a LMDT. Agricola Bethlen, presidente da Liga Metropolitana, renunciou juntamente com todos os seus

---

⁸⁰³ *Correio da Manhã*, 11 de outubro de 1923.

diretores, gesto que o cronista do *Correio da Manhã* afirmou ser “sem dúvida, o mais acertado de toda a sua vida de *sportsman*”.⁸⁰⁴ A intenção dos grandes clubes, a partir daí, era assumir o controle do futebol, mudando duas regras fundamentais na organização de qualquer entidade reguladora desse esporte que quisesse contar com a presença dos clubes mais poderosos da cidade. A primeira delas era quanto ao poder decisório máximo da entidade. Este não poderia estar na mão dos pequenos clubes, e algo deveria ser feito para que os grandes tivessem mais poder que os pequenos. A segunda mudança deveria ser em relação ao sistema de rebaixamento de clubes. Em 1923, pela segunda vez em três anos, um dos grandes foi obrigado a disputar a eliminatória com o campeão da série B. Primeiro foi o Fluminense, e dessa vez era o Botafogo que corria o risco de cair para a série B. Os clubes grandes pretendiam criar um mecanismo que os impossibilitasse de cair de divisão.

Com a renúncia do presidente Bethlen, seguido por quase toda a diretoria. O presidente o Andarahy tinha a intenção de assumir seu cargo na LMDT para aceitar a renúncia de Bethlen. No dia da cerimônia de sua posse como vice-presidente, Loureiro foi conduzido apenas por um contínuo da Liga, em retaliação orquestrada por Bethlen e seus “paredros”. Humilhado, ele também renunciou e expôs seus motivos à imprensa, afirmando que o que o presidente e a diretoria haviam feito era um ato “terrorista”,⁸⁰⁵ que a diretoria não tinha autoridade para passar por cima da assembléia e que, também, renunciava, depois de se declarar plena e amplamente “desaggravado da grosseria de que foi vítima”.⁸⁰⁶

Foi convocada nova eleição para 13 de novembro. O Sr. Agrícola se candidatou, como representante de alguns dos times pequenos. Os outros quiseram dar uma demonstração de sua força, fechando em torno de Agrícola também, o que acabou levando à sua vitória. A relevância desse pleito é confirmada pelo repórter do *Correio da Manhã*: “Essa eleição precipitou de tal forma os acontecimentos, que não se pode mais encobrir a realidade da crise que vira fatalmente scindir o football carioca”.⁸⁰⁷

Os quatro grandes do Rio (América, Botafogo, Flamengo e Fluminense) apresentaram uma proposta de reforma na estrutura legislativa da Liga Metropolitana, que marcou a 1ª reunião de 1924 para o dia 16 de janeiro. Nesta reunião foram propostas as reformas que não foram aprovadas, ou sequer discutidas. Apesar das

---

⁸⁰⁴ *Correio da Manhã*, 7 de novembro de 1923.

⁸⁰⁵ *O Imparcial*, 14 de novembro de 1923.

⁸⁰⁶ *Correio da Manhã*, 7 de novembro de 1923.

⁸⁰⁷ *Correio da Manhã*, 14 de novembro de 1923.

ameaças, os clubes grandes resolveram não abandonar a Liga, embora o clima de tensão e de possível racha se mantivesse. O Vasco da Gama, sabendo que estava sendo isolado pelos grandes clubes do Rio, escolheu dois conselheiros para acompanhar o processo e saber que decisão tomar, causando apreensão em seus sócios mais influentes.

Na questão da distribuição de poderes dentro da Liga, os clubes grandes fizeram uma proposta para a mudança de escolha do Conselho Deliberativo.⁸⁰⁸ Passariam ao número de nove, sendo quatro dos grandes e cinco dos pequenos, escolhidos pelos grandes, escancarando a estrutura oligárquica de um novo Conselho dominado pelas maiores agremiações da cidade. Houve uma reunião dos pequenos clubes em 14 de fevereiro, em que o Vasco participou e manteve seu apoio a eles – uma vez que ainda era considerado e se considerava um deles.⁸⁰⁹ Quanto à descabida proposta acima reproduzida, de se reestruturar o Conselho Deliberativo, o *Correio da Manhã* mostrava a perplexidade dos diretores dos clubes pequenos que “não admit[iam] absolutamente que os seus representantes [fossem] indicados pelos grandes. Os seus cinco representantes deveriam ser “eleitos por escolha dos clubs e nunca por indicação dos grandes”.⁸¹⁰ Os clubes pequenos não queriam uma Comissão Verificadora de Poderes na Liga Metropolitana ou apadrinhamentos políticos dos clubes economicamente mais poderosos. E pareciam contar com o apoio domais novo time do povo, o Vasco da Gama, campeão da cidade e das rendas do ano de 1923.

Além disso, havia a questão da eliminatória do rebaixamento. Segundo a proposta dos grandes clubes, provavelmente pela última colocação do Botafogo no campeonato, estes queriam que o sistema deixasse de ser com um jogo eliminatório entre o último colocado da série A contra o 1º colocado da série B, e passasse a ser utilizado o critério “olímpico”. Ascenderia ou permaneceria o clube que praticasse mais modalidades olímpicas, fato que beneficiava exclusivamente os grandes clubes do Rio, além do Vasco da Gama, e manteria sempre esses clubes na série A, sem risco de “caírem” de divisão.

Os clubes grandes confabulavam para uma reforma completa nos estatutos da LMDT, incluindo a eliminatória olímpica e um sistema com mais votos para estas

---

⁸⁰⁸ Pelo que se pode ler na imprensa da época, a distribuição dos poderes da Liga era contestada pois os clubes pequenos conseguiam sempre 19 votos, contra 12 dos chamados cinco grandes. Apesar de vitórias e derrotas para ambos os lados e muitos acordos, como a queda da Lei do Estágio, questões cruciais dividiam esses dois grupos.

⁸⁰⁹ Antonio da Silva Campos declarou que sendo o “seu club pequeno, ficaria também com os pequenos”. *O Imparcial*, 1 de março de 1924.

⁸¹⁰ *Correio da Manhã*, 14 de fevereiro de 1924.

agregiações. As Atas da Diretoria do America revelam parte do plano dos clubes maiores: “Expediente: Telegrama do Fluminense Football Club pedindo comparecimento á sua séde, a fim de se estudarem as emendas apresentadas ao projecto de refórma dos Estatutos da Liga Metropolitana”. Os indicados pela diretoria foram Heitor Luz e Heraclito Sobral, nomes fortes ligados ao futebol do America.⁸¹¹ *O Imparcial* fazia coro ao *Correio da Manhã* e assinalava o rompimento dos clubes grandes: “Como os grandes clubs Fluminense, Flamengo, América e Botafogo discordam em absoluto quanto a eliminatória, certamente a scisão irromperá”.⁸¹²

A cisão parecia ser mesmo inevitável. A assembléia definitiva foi marcada para 20 de fevereiro de 1924. *O Imparcial* revelava nesse dia a surpreendente disposição do Vasco “de ficar ao lado dos grandes, em caso de haver scisão”.⁸¹³ Os clubes considerados grandes saíram da LMDT após verem a eliminatória olímpica ser reprovada na assembléia. A saída do America foi programada antes mesmo da assembléia da Liga Metropolitana do dia 20 de fevereiro. Em comum acordo com a posição de Botafogo, Flamengo e Fluminense, a diretoria votou nominalmente, e a saída da LMDT foi aprovada de maneira unânime.⁸¹⁴ O America comunicou em sessão da diretoria o desligamento da Liga Metropolitana, em ofício lido por seu presidente aos diretores do clube.⁸¹⁵ O *Correio da Manhã* viu com bons olhos a saída da Liga Metropolitana das equipes do Bangu, América, Flamengo, Fluminense e Botafogo:

Os grandes clubs ora afastados da Liga estão senhores de muitíssimos outros elementos de sucesso. Eles também podem vencer, não porque sejam apenas grandes e ricos, mas porque, principalmente uma causa veladamente sympathica, como seja essa da restauração moral do nosso nível sportivo. O football, ultimamente, no Rio, desceu muito no apreço de toda gente, e uma prova eloqüente dessa afirmação esta no facto de que, por via de regra, os clubs cuidavam mais da bilheteria do que propriamente da cultura sportiva.⁸¹⁶

O Imparcial divulgou entrevista com o “ilustre sportsman” Dr. Mario Pollo, representante do Fluminense, em que ele afirmava que a saída dos times grandes estava longe de querer estabelecer “distinções sociaes”. O dirigente comentava que os clubes que saíam da Liga Metropolitana fariam outra entidade de nome Associação Metropolitana dos Esportes Athleticos, ou AMEA. Pollo insistia na falta de locais

---

⁸¹¹ Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 4 de fevereiro de 1924.

⁸¹² *O Imparcial*, 14 de fevereiro de 1924.

⁸¹³ *O Imparcial*, 20 de fevereiro de 1924.

⁸¹⁴ Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 18 de fevereiro de 1924.

⁸¹⁵ Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 25 de fevereiro de 1924.

⁸¹⁶ *Correio da Manhã*, 22 de fevereiro de 1924.

adequados ou estádios para a prática esportiva, principalmente no caso do futebol. Mostrando todo o espírito elitista do movimento dos clubes grandes, ele afirmava que os clubes pequenos zangaram-se:

[...] porque só desejamos eliminatórias em equivalência de atributos materiais, com a posse de praças para exercícios physicos e respectivas accomodações hygienicas. Não havia razão, porém, para tanto, porque não podemos compreender que produza aquelle que não dispõe de machina produtora, mais valendo o que produz menos com instalações para poder produzir, do que o que produz mais com os apetrechos alheios, inclusive - quem sabe- os daquelle que lhe vai dar passagem pela eliminatória. [...] Vamos fundar uma nova aggremação, que provavelmente, tomara o titulo de Associação Metropolitana de Sports Athléticos. [...] As iniciaes da entidade a nascer, como que concitam a nova mocidade a estimá-la, a vê-la como uma instituição útil e efficiente. Sua indicação se resume em AMEA: 'Ame-a'. [...] Pretendemos pugnar pela cultura do corpo, do espírito e da alma em todas as camadas sociaes, mas exigiremos organização [...] A pobreza e a riqueza não estão em jogo. O rico e o pobre comem do mesmo trigo, mas ha certas argumentações, na Liga, que chegam a conclusão esdrúxula de que o cidadão, em sendo pobre deve fazer exercícios physicos sem campo, isto é, deve fortalecer o seu corpo nas brisas do sport, correndo em pistas aéreas.⁸¹⁷

As expressões de Mario Pollo revelam a total sintonia do dirigente com uma mentalidade capitalista de apropriação dos meios de produção e da negação de seu uso por parte de outros, ainda que pagando aluguel estipulado pelo clube. Pollo era representante do Fluminense e o clube alugava seu estádio, sua “machina produtora” para o Vasco e assistia “o que produz mais com os apetrechos alheios” ganhar o campeonato do ano de 1923. Além disso, expunha a condição de proprietário e de detentor da propriedade privada para a própria manutenção, estabelecendo um limite claro entre aqueles que detem os “meios de produção”, no caso um estádio, e os que não o tem, ou não o tem nas condições que os grandes acham suficientes.

Os clubes grandes tentavam ganhar dos pequenos afirmando que dariam prazo de cinco anos para que estes clubes tivessem seus locais próprios para desenvolvimento de atividades esportivas. Por essa entrevista, Pollo deixa absolutamente claro, apesar de insistir em demonstrar o contrário, que estava preocupado com a possibilidade de que os clubes que não tinham praças esportivas tomassem o lugar dos tradicionais clubes do Rio. Esse medo aparece justamente quando um clube sem campo e com um time de brancos pobres e negros sagra-se campeão carioca. Aqui, nesta entrevista, percebe-se que a nova AMEA era na verdade uma liga anti-Vasco, ou anti-qualquer tipo de associação que pudesse usar o modelo vascaíno para galgar posições maiores dentro do

---

⁸¹⁷ *O Imparcial*, 22 de fevereiro de 1924.

futebol do Rio. *O Imparcial* divulgava nota dando conta de que “é voz corrente que a Associação Paulista dará todo o seu apoio à nova entidade”,⁸¹⁸ mostrando que também no futebol paulista a ascensão de times como o Vasco não era vista com bons olhos. Até a imprensa argentina e uruguaia, segundo o mesmo jornal, divulgou a cisão na Liga Metropolitana. A cisão tomou contornos inimagináveis, e o clima de “estado de sítio” do país durante o governo do Presidente Artur Bernardes invadiu o futebol.

A INTERVENÇÃO DO GENERAL SETEMBRINO DE CARVALHO

Voltou a circular, hontem, nas rodas sportivas, a noticia que o General Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, ia intervir no conflito, a ver se conseguia um accordo, mas a situação chegou a tal ponto que parece quasi impossivel, qualquer intelligencia entre as duas partes. Essa intervenção, ao que se dizia, tinha sido solicitada pelo Capitão Agrícola Bethlen, presidente demissionário da Liga Metropolitana.⁸¹⁹

No dia 27 de fevereiro, reunia-se a diretoria e conselheiros do Vasco para decidir a sua posição frente ao problema que enfrentava a administração do futebol carioca. Duas correntes se debateram nessa reunião. Annibal Peixoto, vice-presidente do Vasco, Antonio da Silva Campos, homens fortes do futebol do clube e mentores do projeto que levou o Vasco ao campeonato da cidade em 1923, defendiam a permanência do clube na Liga e a manutenção do projeto que tinha levado o Vasco a ser o conjunto mais temido da cidade e a ter uma torcida imensa e fanática pelo clube. Eram os empresários do futebol do Vasco, defendendo seu bem sucedido modelo de gestão. A outra corrente, que defendia a saída da Liga e a filiação à nova entidade, era defendida por José da Silva Rocha e pela maioria dos presentes na reunião. Era a corrente do clube descontente com o departamento de futebol, ligada principalmente aos desportos aquáticos, que via a maior parte da verba ir parar no bolso de atletas que nada tinham a ver com as tradições portuguesas. Após a votação dos dirigentes do Vasco, o seguinte foi aprovado:

1º) Que seja officiado à L.M.D.T. pedindo o desligamento do C.R.V.G. visto julgarmos que sua atual constituição não representa o expoente maximo do sport carioca.

2º) Fica nomeada uma comissão composta de três membros deste conselho, para conhecer dos propositos dos fundadores da nova entidade em relação ao Club de Regatas Vasco da Gama.

3º) Constatado por esta comissão que taes propósitos correspondem à justa aspiração e à dignidade do Club de Regatas Vasco da Gama, a directoria do mesmo club, diante do parecer em tal sentido firmado pela dita comissão, providenciara, immediatamente sem mais consulta, a filiação à nova Liga.

4º) Ficam revogadas as disposições em contrario.⁸²⁰

⁸¹⁸ *O Imparcial*, 24 de fevereiro de 1924.

⁸¹⁹ *Jornal do Brasil*, 27 de fevereiro de 1924.

⁸²⁰ *O Imparcial*, 1 de março de 1924.

Essa decisão da assembléia levou ao pedido de demissão do vice-presidente do Vasco, Antonio Campos, e à ameaça por parte de alguns membros da diretoria de lutarem para acabar com a parte terrestre do clube.⁸²¹ Na sequência, foi a vez do presidente do Vasco, Sr. José Augusto Prestes, renunciar a seu cargo, voltando atrás depois de pedidos de associados e diretores. O Vasco tinha vontade de se aliar aos grandes, de se sentir grande, ainda mais agora, detentor de uma poderosa equipe e de um importante e almejado título. Restava saber se os clubes grandes aceitariam o Vasco.

A nova AMEA divulgou nota oficial nos principais jornais da cidade, informando sobre a organização e aceitação dos clubes que dela quisessem fazer parte, no dia 13 de março. Afirmando aceitar inscrições até dia 15 de março, os clubes deveriam encaminhar à nova entidade os seguintes documentos:

- 1) data de sua fundação;
  - 2) do local de sua sede e campo de exercícios athleticos;
  - 3) dos característicos de uma e de outro;
  - 4) da natureza do titulo e sob o qual occupa esse campo, se o de propriedade ou arrendamento;
  - 5) no segundo caso, qual a duração do prazo de arrendamento;
  - 6) dos esportes que pratica de modo permanente;
  - 7) dos que poderá disputar campeonatos este anno, a começar em princípios de maio;
  - 8) do número e nome por extenso e dos atletas que possui, indicando o esporte a que se dedica;
  - 9) da resistência de cada um de seus atletas;
  - 10) da profissão que exercem atualmente e da que exerceram anteriormente;
  - 11) dos endereços dos locais onde a exerciam e exercem, bem como dos nomes das pessoas sob cuja direcção os exerciam e exercem;
  - 12) das victórias esportivas obtidas ate esta data e em que sports;
  - 13) do nome das pessoas que tem representado na L.M.D.T. até essa data;
  - 14) do nome de seus directores actuaes;
  - 15) fornecer um exemplar dos estatutos e regimentos internos;
- A Comissão Organizadora se prevalece desta oportunidade para informar aos interessados que, depois de devidamente examinados os seus títulos assim apresentados, é que se pronunciará sobre a situação de cada um em comunicação directa e confidencial.⁸²²

Como represália ao Vasco, a LMDT resolveu não proclamar o Vasco da Gama como campeão da cidade, no mesmo dia em que o Vasco respondeu aos 16 quesitos obrigatórios para a filiação à AMEA.⁸²³ Outros clubes também sofreram represálias da Liga Metropolitana. O América teve que devolver a taça de “Campeão do Centenário”, algo que foi prontamente providenciado por sua diretoria.⁸²⁴ *O Imparcial* reproduzia a notícia do Vasco em relação à AMEA:

---

⁸²¹ *Correio da Manhã*, 9 de março de 1924.

⁸²² *O Imparcial*, 13 de março de 1924.

⁸²³ *O Imparcial*, 16 de março de 1923.

⁸²⁴ *Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 10 de março de 1924.*

O valoroso campeão da cidade, respondendo aos 16 quesitos exigidos pela poderosa Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, enviou uma relação de 71 atletas e a declaração de que pratica com effectividade, nada menos que 13 sports. Nos 71 atletas estão incluídos os jogadores de football. É oportuno dizer-se, a fim de desmentir uns boatos que se andam assoalhando, que o Vasco da Gama remeteu os nomes de todos os seus jogadores de 1923, com exceção apenas de 2. Nicolino e Arlindo, que não querem jogar mais.⁸²⁵

Na segunda-feira, 24 de fevereiro, o Vasco, juntamente com o Hellenico, foram os únicos clubes a terem votação unânime pela entrada na AMEA. Nessa semana, a nova diretoria da recém-fundada entidade, formada por membros apenas dos fundadores Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu, faria a inspeção nos campos dos clubes, para confirmar a aceitação dos mesmos. Pode-se notar que os grandes não deixaram de apreciar a entrada de nenhum clube. O Vasco chegou a se desfiliar da Liga Metropolitana e ser aceito na AMEA. Precisava era cumprir os quesitos obrigatórios para a sua inscrição. Portanto, o Vasco não deixou de ser convidado, até porque nenhum clube foi convidado. Eles simplesmente iam abandonando a Liga e tentando sua filiação na AMEA. Dos novos estatutos aprovados para a AMEA destacam-se as seguintes passagens:

CAPITULO I

Art.1º A Associação Metropolitana de Esportes Athléticos, fundada em 1º de março de 1923, pelo América Football Club, Bangu Athlético Club, Club de Regatas Flamengo, Botafogo Football Club, Fluminense Football Club, é uma sociedade civil, com sede no Distrito Federal, constituída por tempo indeterminado, pela união dos clubs a ella filiados regendo-se pelos dispostos nestes Estatutos, regulamentos especiaes nele previstos, e Código Civil em vigor; [...]

CAPITULO III [...]

Art.5º - São condições de admissão de um club como membro da AMEA:

1º - ter personalidade jurídica;

2º - ter estatutos em que sejam respeitados os princípios básicos da AMEA no que se relaciona aos desportos por ella superintendidos;

3º - ter directoria idônea [...];

4º - possuir sede social e praça de exercícios athléticos e desportivos própria ou arrendada por cinco anos, no mínimo, que satisfaçam as exigências regulamentares, e ter instalações hygiênicas e dependências técnicas apropriadas a pratica daquelles exercícios, umas e outras aprovadas pelo director-técnico.

Parágrafo único- a praça de exercícios athléticos, mencionada nessa alínea, não poderá ser arrendada de outra associação desportiva filiada ou não a AMEA.

---

⁸²⁵ *O Imparcial*, 19 de março de 1924.

Esse último “parágrafo único” praticamente definia a exclusão do Vasco da Gama, que só em 1924 definia em seu Conselho Deliberativo a construção da sua sede própria, como veremos adiante. E ainda:

CAPITULO IX: Da inscrição dos amadores, suas formalidades e requisitos
[...] Art. 65- Não poderão ser inscritos:
1- os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos sportivos de qualquer natureza, dentro ou fora do paiz;
2- os que tiverem seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico; [...]
6- os que não forem reconhecidamente amadores pela entidade máxima a quem competir a direcção do sport no Brasil;
7- os que não saibam ler e escrever corretamente; [...]
9- os que não tenham profissão ou emprego certo;
10- os que exerçam profissão ou emprego subalterno, taes como de continuo, servente, engraxate e motorista;
12- as praças de pret exceptuando-se, porém, os aspirantes a official, os alumnos das Escolas Militares, os sargentos e os sorteados ou desligados da Escola Militar durante o tempo de serviço obrigatório. [...] ⁸²⁶

O processo de inscrição do atleta se tornou extremamente complicado e atribuía responsabilidades e punições aos dirigentes dos clubes que colocassem jogadores irregulares. O atleta deveria fazer seu requerimento por escrito, em frente ao presidente de seu clube, colocando de próprio punho o nome completo, a idade, a naturalidade, sua residência atual e a anterior, a profissão atual e a anterior, o tempo de residência na cidade, além de levar dois retratos. Quem atestaria a veracidade das informações era o presidente do clube, que assinava o pedido de inscrição do atleta e o entregava para a Comissão Executiva da AMEA para que a mesma o analisasse. Uma vez aprovada a inscrição, a AMEA poderia, em qualquer momento, usar de todos os meios lícitos para averiguar as informações dos atletas. Caso a Associação descobrisse que haviam sido prestadas informações falsas para a inscrição de amadores, o clube perdia todos os pontos dos jogos em que o referido atleta tivesse tomado parte, ficando de fora também do restante do campeonato. O jogador teria seu registro cassado, e o dirigente que atestou as informações não poderia exercer qualquer cargo nas comissões da AMEA. ⁸²⁷

O Sr. Mario Pollo afirmava, no entanto, que não queria, com a AMEA, fazer distinções sociais. Aqui fica claro que o futebol é um lugar onde se disputavam algumas das principais lutas sociais do país. Com todas essas restrições, os negros e brancos pobres não teriam como jogar futebol no Rio de Janeiro, pelo menos não nos clubes da

---

⁸²⁶ Os Estatutos da AMEA foram publicados durante os dias 29 de março e 6 de abril de 1924 no jornal *O Imparcial* e em datas próximas nos principais jornais da Capital Federal.

⁸²⁷ Artigos 66 ao 72 dos *Estatutos da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos*. *O Imparcial*, 4 de abril de 1924.

AMEA. Havia nos dispositivos a possibilidade de se negar a participação de motoristas, que era a profissão do goleiro do Vasco. Ficava vedada a participação desses grupos nos torneios mais importantes da cidade, que dessa maneira garantiriam a máxima elitização do futebol carioca. As artimanhas da nova entidade começavam com a organização da 1ª Divisão. Como era natural, o Vasco nem cogitava ficar de fora da 1ª Divisão, e a AMEA começou desde logo a complicar a vida do campeão de 1923. Os cinco clubes fundadores estavam garantidos e mais cinco clubes queriam as três vagas restantes da 1ª Divisão. Os diretores da nova entidade propuseram uma disputa olímpica, em que os três clubes que obtivessem mais pontos em todos os esportes ficariam com as vagas.

Como legítimo campeão da cidade, o Vasco da Gama se recusou a disputar a eliminatória olímpica:

O VASCO NÃO DISPUTARÁ COMPETIÇÃO OLYMPICA DE ESPECIE ALGUMA.

Um dos membros mais influentes do Vasco da Gama garantiu a quem quizesse ouvir, na Galeria Cruzeiro, que na hipótese da AMEA resolver fazer disputar, entre os cinco candidatos às três vagas da sua série A, uma competição olímpica, o campeão carioca não tomará parte nela, preferindo não entrar para a AMEA.⁸²⁸

Porém, o golpe veio alguns dias depois, quando foi publicada a situação dos jogadores inscritos por cada clube. Após a análise das inscrições dos jogadores do Vasco na AMEA, esta instituição cortou vários deles de seu time de futebol, alguns grandes craques como Leitão, Ceci, Bolão, Negrito e Russinho, recém-contratado do Andarahy, todos de origem humilde:

FORAM CORTADOS 12 JOGADORES DO VASCO

A comissão organizadora da Amea resolveu em sessão de ante-hontem cortar 12 jogadores do time do Vasco da Gama, sendo sete do 1º quadro e cinco do segundo.

Os jogadores da principal equipe vascaína que escaparam do ‘corte’ foram Nelson, Mingote, Paschoal e Torterolli. Como se vê o baque é grande, mas...⁸²⁹

Três desses “poupados” eram jogadores que haviam servido ao *scratch* carioca e à seleção brasileira. Era a gota d’água. Apesar dos enormes lucros que o Vasco dava a todos os clubes, com rendas gigantescas quando era visitante no campo adversário, a afronta de ter em seus quadros jogadores das classes mais baixas provocou verdadeira repulsa aos grandes times da capital. Os valores aristocráticos falavam mais alto que o dinheiro naquele momento. Na reunião de 30 de março, ficou definida a primeira

---

⁸²⁸ *Jornal do Brasil*, 27 de março de 1924.

⁸²⁹ *Jornal do Brasil*, 1 de abril de 1924.

divisão da AMEA com os seguintes clubes: Fluminense, Flamengo, América, Botafogo, Bangu, Vasco da Gama, Andarahy, Hellênico, S.C. Brasil e São Christovão. Mas o golpe no Vasco não tardou. Após a sindicância que apurou as condições dos jogadores dos times, a AMEA impugnou alguns jogadores do Vasco, como era de se esperar.

O Vasco vai deixar a AMEA? Estamos seguramente informados de que o Vasco da Gama, não se conformando com as impugnações feitas pela AMEA a alguns jogadores de seus teams, officiou hontem, àquella novel entidade solicitando o cancellamento do seu pedido de filiação.⁸³⁰

A imprensa carioca se mostrava dividida com a atitude do Vasco da Gama e também divergia quanto à real natureza da saída do clube. Para alguns, O Vasco deixava a AMEA, por não ter sido considerado membro fundador e não ter as regalias dos clubes grandes. Uma das regalias era para a marcação dos jogos. Os times grandes jogariam sempre aos domingos e os pequenos aos sábados. No jornal português *O Paiz*, que nunca se mostrou muito envolvido com as polêmicas do futebol, o cronista colocou como título de sua notícia: “Não há mais esperanças para a salvação do sport carioca”, insistindo que o motivo do Vasco da Gama sair era justamente o fato dos jogos serem aos sábados, pois “sendo seus players, na sua maioria empregados do comércio, difficil se [tornava] ao Vasco enviar seus teams a campo para disputar matches nesses dia”.⁸³¹ Como sabemos, os jogadores do Vasco não eram empregados do comércio e sim empregados do clube. O problema é que os jogos aos domingos tinham sempre mais público, uma vez que, pelo regime de trabalho estabelecido na maioria dos estabelecimentos comerciais e industriais, os trabalhadores eram obrigados a cumprir suas atividades profissionais também aos sábados, tendo apenas o domingo para a folga, justamente o dia em que os jogos de futebol tinha maior procura de público. Este era um dos debates em voga naquele exato momento da cisão do futebol carioca. É só lembrar a discussão no Congresso do Projeto nº 265, durante os anos de 1923 e 1924, que se transformou na tentativa de elaboração de um Código de Trabalho, que estabelecia o descanso semanal de 24 horas “devendo recair no domingo” e que acabou garantindo aos trabalhadores do comércio e da indústria, a Lei de Férias, publicada ao final de 1924.⁸³² Com a medida que determinava o sábado para os jogos dos clubes menores, os grandes tentavam abrir ainda mais o fosso existente entre eles e os pequenos clubes.

---

⁸³⁰ *O Imparcial*, 9 de abril de 1924.

⁸³¹ *O Paiz*, 10 de abril de 1924.

⁸³² GOMES, A. M de C. op.cit. (1978) pp. 98 e 99.

Para os outros jornais, o Vasco absolutamente não se conformava “com o ‘córte’ de seus atletas”⁸³³ e, enquanto parte da imprensa achava que a saída do Vasco da AMEA “em nada [alterava] a vida daquela instituição”,⁸³⁴ os sócios do Vasco enviaram telegramas à diretoria do clube felicitando-a pela corajosa atitude.⁸³⁵ Naquele dia, o Andarahy, pelo mesmo motivo, ameaçou abandonar a AMEA também. A nova entidade não estava disposta a renovar o espírito esportivo da cidade ou acabar com os desmandos da Liga Metropolitana, muito menos de moralizar o futebol. Assim como toda a elite brasileira, a AMEA estava disposta a afastar a participação das camadas mais populares da sociedade, neste caso específico, do futebol. A decisão abalou tanto os vascaínos, que estes propunham a extinção do departamento de futebol e a não construção da sua praça de esportes. O Vasco mandou um ofício a AMEA, declarando os motivos de sua saída daquela instituição. O jornal *O Imparcial* assim reproduziu o documento:

Officio n. 261- Exmo. Sr. Dr. Arnaldo Guinle, M.D. presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athléticos. - As resoluções divulgadas hoje pela Imprensa, tomadas em reunião de hontem pelos altos poderes da Associação a que V. Ex. tão dignamente preside, collocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade, que absolutamente não pode ser justificada nem pellas dificuldades de nosso campo, nem pela simplicidade de nossa sede, nem pela condição modesta do grande número de nossos associados. Os privilégios concedidos aos cinco clubs fundadores da AMEA e a forma porque será exercido o direito de discussão e voto, e feitas as futuras classificações, obrigam-nos a lavar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto à condição de eliminarmos 12 dos jogadores das nossas equipes, resolveu por unanimidade a directoria do C. R. Vasco da Gama não a dever aceitar, por não se conformar com o processo porque foi feita a investigação das posições sociaes de nossos consócios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa. [grifo meu]

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um acto pouco digno de nossa parte, sacrificar ao desejo de fazer parte da AMEA alguns dos que luctaram para que tivéssemos, entre outras victórias, a do Campeonato de Football da Cidade do Rio de Janeiro de 1923. **São esses jogadores, jovens, quasi todos brasileiros, no começo de sua carreira, e o acto publico que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que elles com tanta galhardia cobriram de glórias.** [grifo meu]

Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA Queira V. Exa. aceitar os protestos da maior consideração e estima de quem tem a honra de se subscrever. De V. Exa. Att. e Vnr. e Obr. Assignado- José Augusto Prestes, presidente.⁸³⁶

⁸³³ *Jornal do Brasil*, 10 de abril de 1924.

⁸³⁴ *O Imparcial*, 9 de abril de 1924.

⁸³⁵ *O Paiz*, 10 de abril de 1924.

⁸³⁶ *O Imparcial*, 7 de abril de 1924.

Portanto, o presidente do Vasco preferiu seus atletas à AMEA e mostrava aos representantes da nova liga de clubes que não aceitava a exclusão de seus craques negros, mulatos e brancos pobres e quase analfabetos. O curioso caso do corte dos jogadores vascaíno se torna mais esdrúxulo quando sabemos que entre os jogadores que foram liberados estavam Paschoal, Nicolino e Torterolli, várias vezes acusados de analfabetismo pela LMDT, mas que haviam sido convocados para o *scratch* carioca, sendo que dois deles, Paschoal e Torterolli, haviam defendido a seleção da CBD, em 1923. O presidente da AMEA escreveu carta-resposta ao ofício de José A. Prestes, afirmando que o Vasco sabia das disposições da nova liga antes de pedir a sua filiação, e, portanto, saberia que alguns de seus jogadores não poderiam atuar pelo novo campeonato. Em trecho desta carta, o Sr. Arnaldo Guinle afirma:

Dissemos a V. Exa. que embora estivéssemos promptos a atender aos reclamos de vosso club a este respeito, alimentávamos a esperança de que, para o futuro, elle fizesse todos os esforços para constituir equipes genuinamente portuguesas, porquanto ao nosso ver não havia em nosso meio outra colônia capaz de apresentar melhores elementos que a portugueza para uma demonstração esportiva das verdadeiras qualidades desta nobre raça secular. A isto retorquiu V. Exa. não ser possível, visto como o regimen de trabalho pezado do commércio portuguez não permitia que os seus empregados deixassem as suas occupaões para se entregar aos preparos indispensáveis aos jogos officiaes da AMEA”. Completava, mostrando indignação com o presidente do Vasco por não ter feito esforço para cumprir essa meta, o que seria uma “acção de solidariedade do vosso club para com aquelles que souberam, nas primeiras horas das atividades dos sports terrestres desse valoroso grêmio, estender-lhe a mão [...]”.⁸³⁷

Como Mario Filho assinalou, “a demonstração estava dada. Fora preciso surgir a Amea, acabando com aquela história de clube pequeno igual a clube grande, de preto igual a branco”.⁸³⁸ Os desdobramentos dessa luta são enormes. O Vasco ficou de fora do campeonato da AMEA de 1924, mas foi o campeão da Liga Metropolitana, que o aceitou novamente junto dos pequenos.

O Vasco da Gama sofreu retaliações de todos os lados. Quando se propôs a jogar contra o Nacional de Montevideú, no Uruguai, foi proibido pela Confederação Brasileira de Desportos. E a própria equipe uruguaia não teve como aceitar a proposta vascaína sob pena de ter que sofrer conseqüências da Confederação uruguaia:

NOTA:

O Vasco da Gama vae a Montevideó disputar com o Club Nacional?

MONTEVIDÉO- Noticia-se que o Club Vasco da Gama, dessa Capital, dirigiu um telegramma ao Club Nacional, desta cidade, propondo-se a vir a

⁸³⁷ *O Imparcial*, 18 de abril de 1923.

⁸³⁸ FILHO, M. op.cit., p. 137.

Montevidéo disputar com este uma serie de "matches", apesar da proibição da Confederação Brasileira de Desportos. Accrescenta-se, porém, que o Club Nacional, em despacho que enviou ao Club Vasco da Gama, recusou-se a aceitar a proposta.⁸³⁹

Antes de o Campeonato começar outro capítulo da briga entre LMDT e AMEA. O Palestra Itália, campeão paulista de 1923, deveria fazer um jogo contra o Vasco, campeão carioca do mesmo ano. A LMDT deveria indicar o time campeão, mas a Associação Paulista de Esportes Athléticos (APEA), partidária da AMEA, não deixou seu campeão realizar a partida contra o Vasco. O *Jornal do Brasil* foi o que melhor acompanhou o conflito:

O JOGO VASCO DA GAMA X PALESTRA ITALIA

[...] Definidas as atitudes da Amea e da Liga Metropolitana, voltando o Vasco da Gama a esta entidade, esse jogo voltou a ser objecto de cogitações e, ao que parece, passou ao terreno da realidade. A Liga Metropolitana, a que o Vasco está filiado, é entidade confederada, o mesmo acontecendo a Associação Paulista a que pertence o Palestra-Italia, da sorte que, pelo lado a legalidade, deante das leis desportivas que regulam a materia, nada há que possa impedir a realização de tal jogo. Entretanto, sendo a Associação Paulista manifestamente favoravel á Amea, não há de ver com bons olhos que o Palestra jogue aqui, no Rio, com um club da Liga Metropolitana, dahi os boatos que correm que procurara ella impedir a partida do Palestra-Italia. Este, ao que corre em nossas rodas sportivas, aborrecido com os ultimos acontecidos na Paulicéa e que o levaram a desistir de disputar o campeonato de football deste anno, não deixara de aproveitar a oportunidade para dar uma demonstração de desgredo á Associação Paulista, vindo a esta capital jogar com o Vasco, mesmo sem licença.

A vinda do Palestra-Italia em taes condições, ao que se diz abertamente, acarretara uma scisão no football paulista, juntando-se a elle os elementos que estão desgostosos com a supremacia do Paulistano, e que não são poucos. A Liga Metropolitana, por sua vez, em luta franca com a Amea, tudo fará para que o match se realize e, nesse sentido tem agido com energia, já estando deliberada a transferencia de todos os jogos marcados para domingo.

E no mesmo dia publicou:

O PALESTRA-ITALIA NÃO VIRÁ AO RIO

O Palestra-Italia que tinha tudo em acordo com o C.R. Vasco da Gama para vir jogar domingo uma partida amistosa no campo do Andarahy, não mais virá a esta capital.

A Associação Paulista de Sports Athleticos, em reunião realizada hontem á noite, resolveu negar-lhe licença para vir ao Rio. Ao contrario do que alguns *sportsmen* esperavam, o Palestra-Italia não desacatará a Associação Paulista e não partirá para o Rio. A Liga Metropolitana, por sua vez, segundo se diz, não mais se interessará pela vinda do Palestra. E tudo isso, exclusivamente, em virtude de razões de ordem política.⁸⁴⁰

O problema da formação de duas ligas na cidade era óbvio: dividiria a atenção do público e da imprensa, acarretando uma perda nas rendas para os clubes. De um lado,

⁸³⁹ *Gazeta de Notícias*, 1 de maio de 1924.

⁸⁴⁰ *Jornal do Brasil*, 5 de julho de 1924.

a entidade formada por America, Bangu, Botafogo, Flamengo e Fluminense tinha o apoio da maior parte da imprensa, das entidades mais importantes do país, como a APEA; presidida por um dos homens mais influentes do esporte brasileiro, Arnaldo Guinle, carregava consigo clubes com a tradição de serem considerados por todos, os grandes da cidade. A presença do Bangu servia para mostrar que não havia distinção social na AMEA, pois os negros e os pobres operários da fábrica e do clube não foram excluídos. Do outro lado, os pequenos clubes, fornecedores de craques, democratizadores da prática futebolística, clubes que não se importavam com a cor ou com a condição de seus jogadores, se consolidavam ao lado de uma das principais agremiações esportivas do Rio de Janeiro e até mesmo do país, o Vasco da Gama, clube que arrastava multidões aos estádios. A questão para os dirigentes das ligas envolvidas: qual das duas agremiações iria ter condições de sobreviver economicamente? Qual delas teria os clubes com maior poder de atração de torcedores e de rendas para os cofres das associações? Os grandes apostavam que não precisavam do Vasco. Por seu turno, o Vasco acreditava que não precisava dos grandes para conseguir sobreviver e continuar acumulando divisas.

A questão foi logo abordada pelos órgãos que acompanhavam o futebol e que acreditavam que a Liga Metropolitana estava fadada à falência e suspeitavam que o mesmo ocorreria com o Vasco da Gama. Uma das questões polêmicas envolvendo as rendas do futebol dizia respeito ao tradicional Torneio Initium. A renda desse torneio, que sempre serviu para a própria estruturação da Associação dos Cronistas Desportivos e ajudava aos colegas de profissão em casos de necessidade, agora era motivo de controvérsia entre os dirigentes dos grandes clubes e a própria A.C.D. O Sr. Pollo, presidente do Fluminense, queria que a renda do Torneio Initium não fosse para a A.C.D. e sim para os clubes pequenos, numa defesa de algo estranho à própria natureza do que o Fluminense vinha defendendo momentos antes da criação da AMEA. O Jornal *O Imparcial* defendeu a A.C.D. e colocou em causa as afirmações de que Pollo queria que as rendas fossem para os clubes pequenos:

Se o espirito de sua philanthropia for o de dar dinheiro e proteger os clubs pequenos, devia antes fazer com o seu Fluminense o que fazem outros clubs grandes, como o Vasco da Gama por exemplo, que cede o seu campo graciosamente aos pequenos, para elles jogarem os seus matches, sem nenhum intuito ou interesse. Até porque se o Vasco da Gama fosse cobrar 50\$000- para cobrar alguma coisa- dos pequenos que jogam no seu campo, dar-lhes-ia prejuízo.⁸⁴¹

---

⁸⁴¹ *O Imparcial*, 15 de fevereiro de 1924.

É interessante notar como o Vasco foi chamado de grande clube em fevereiro para dois meses depois dizerem que aquele clube não faria falta à nova liga de clubes formada pelos grandes da cidade.

O tradicional Torneio Initium da Associação dos Cronistas Desportivos se realizou, dessa vez sem a participação dos times da AMEA, que organizou o seu próprio torneio “pré-temporada”, chamado também de Torneio Initium. A nova liga tomava para ela a organização e os lucros de um dos torneios mais tradicionais e rentáveis do futebol carioca. Para a A.C.D. restava organizar seu torneio com as equipes pequenas e com o Vasco, esperança de que as rendas pudessem ser altas. Infelizmente, as rendas do torneio organizado pela associação dos cronistas não teve a renda esperada, o que para o cronista de *O Imparcial* era resultado da ausência dos grandes clubes no torneio.

“A renda da festa de ante-hontem no campo do Andarahy [...] (final do ‘Torneio Initium’) rendeu apenas 4:200\$000. Quanta falta fazem os grandes clubs...”.⁸⁴² O time do Vasco que disputou o Torneio Initium foi: Nelson; Leitão e Mingote; Arthur, Claudionor e Brilhante; Paschoal, Russinho, Torterolli, Joãozinho e Negrito. O Andarahy foi o campeão do torneio.

O Torneio Initium da AMEA rendeu 16:122\$000, quase quatro vezes mais do que o torneio com os pequenos. Aproveitemos esse torneio Initium para analisar melhor esse processo. Até 1923, esse torneio, idealizado pela A.C.D., era uma festa de pré-temporada que servia para angariar fundos para cronistas desportivos que passassem por dificuldades financeiras. A Associação organizava todos os torneios, pagava as taxas e todas as despesas necessárias e ficava com o lucro. Agora a AMEA abocanhava quase tudo e dava uma ridícula parcela da renda que sequer chegava a 10%. As despesas do torneio da AMEA chegaram a 4:884\$220, gerando um lucro de 11:237\$780.⁸⁴³

O Vasco era grande demais para os pequenos

A temporada da LMDT começou antes dos jogos da AMEA. É interessante notar como o *Jornal do Brasil* se referiu à abertura da temporada esportiva de cada uma das associações e, em primeiro lugar, à abertura da temporada da Liga:

---

⁸⁴² *O Imparcial*, 20 de maio de 1924.

⁸⁴³ Despesas: Imposto (1:772\$320), bilheterias, etc. (680\$000), 4 bolas (260\$000), despesas com os jogadores (200\$000), 2 taças (605\$000), parte da A.C.D. (1:366\$900). *Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. Relatório Annual de 1924*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1925.

OS JOGOS DE AMANHÃ

O GRANDE JOGO DE DOMINGO ENTRE O VASCO DA GAMA E VILLA IZABEL

Não será de estranhar que a praça de sports do club alviverde [Andarahy] se apresente literalmente cheia de ardorosos adeptos e admiradores dos clubs...

A directoria do Club de Regatas Vasco da Gama, tendo em vista da importancia do jogo que se vae realizar, para normalidade do mesmo e perfeita ordem e disciplina que devem reinar entre os sportsmen de um e de outro club, resolveu tomar medidas de toda a precaução, nomeando comissões que se estenderão por todas as dependencias do campo, requisitando, como de dever, da Policia Central, o policiamento necessario para completo exito dos desejos de que estão animadas ambas as directorias.⁸⁴⁴

Para a abertura da temporada da AMEA, o mesmo jornal na seção “*Diario Desportivo*” anunciou: “INAUGURA-SE HOJE A TEMPORADA OFFICIAL DE 1924”.⁸⁴⁵ Dois dias depois, o jornal dava conta do primeiro final de semana em que as atenções se dividiram entre AMEA e LMDT:

Entra assim em atividade a velha entidade carioca e o publico assiste, dividindo-se, de accordo com as suas preferencias, pelos dous campeonatos que o Rio experimenta. O domingo foi muito cheio de jogos pois, entre os de uma e de outra agremiações, nada menos de dez encontros se feriram, isto é, enfrentaram-se vinte clubs e quarenta matches de primeiro e segundo quadros. Que prossigam na mesma ordem de agora e com o mesmo capricho, tanto a ‘Amea’, quanto a Liga e o progresso do football carioca será sensível e digno do alto posto em que se encontra.⁸⁴⁶

Domingo, dia 25 de maio de 1924, foi o primeiro dia em que AMEA e LMDT disputaram o público e as atenções. A AMEA teria os jogos AC Brasil x Hellenico e America x S. Christovão. Já a LMDT teria Carioca x Andarahy, Vasco x Villa Izabell e Palmeiras x River. Junto de agremiações pequenas, a rotina de vitórias vascaína continuava como em 1923. Mas as atenções dos jornais não eram para os jogos da LMDT. Os jornais davam muito mais ênfase aos jogos da AMEA e, felizmente para nós pesquisadores, começa a ser divulgada de maneira mais ou menos regular a quantidade de público de todos os jogos daquela entidade. Alguns de seus relatórios foram preservados e neles se encontram informações precisas sobre público e renda dos jogos, bem como de todas as atividades da nova entidade. Alguns desses dados podem ser consultados nos anexos ao final deste trabalho. Como se pode perceber nos públicos conseguidos até agora, estão todos muito aquém daqueles que conseguiu o campeonato de 1923 nos jogos do Vasco da Gama. O maior público encontrado até agora foi de pouco mais de 11 mil pessoas num Flamengo e Fluminense. Longe dos 20, 25, 30 e até

---

⁸⁴⁴ *Jornal do Brasil*, 19 de abril de 1924.

⁸⁴⁵ *Jornal do Brasil*, 25 de abril de 1924.

⁸⁴⁶ *Jornal do Brasil*, 27 de abril de 1924.

35 mil como afirmavam os mais exagerados, dos jogos do Vasco na série A. Esse o preço que os grandes pagavam pelo afastamento do Vasco de seu convívio.

A sequência dos campeonatos se deu em meio a muitas confusões. A Revolução Paulista de 1924 fez com que muitos dos atletas do futebol fossem convocados, principalmente dos times da AMEA, o que pode levar a um estudo um pouco mais pormenorizado das condições econômicas e sociais dos combatentes cariocas que foram para a luta em São Paulo. A Revolução Paulista fez com que jogos fossem transferidos⁸⁴⁷ e que os clubes se mostrassem aptos a apoiar a causa nacional contra os paulistas, como demonstrou o Fluminense:

O BAILE DO FLUMINENSE FOI TRANSFERIDO

A Directoria do Fluminense Football Club communica aos seus consocios que deliberou para a data que será marcada, ainda este mez, o baile de anniversario annunciado para ao dia 21 do corrente mez. Esta medida, alem de reflectir o desejo que lhe têm exprimido muitos socios, representa uma prova de consideração para com os socios, reservistas, sorteados, alumnos das escolas militares, officiaes de terra e mar e membros da administração publica do paiz, impedidos, por suas funções e deveres de tomar parte naquella esperada commemoração annual.⁸⁴⁸

A AMEA organizou, em 7 de setembro de 1924, um festival de caridade em benefício dos feridos na “Revolução de São Paulo”. Brava AMEA, que se sensibilizou com os soldados feridos e organizou dois matches amistosos com os craques da entidade para angariar fundos para os defensores da pátria. O Festival teve renda bruta de 5:369\$830 e foi cobrado o imposto de 742\$170. A gloriosa associação repassou 2:537\$000 e abocanhou 2:000\$000, livres, pelo pagamento de sua caridade.⁸⁴⁹

Enquanto isso, o campeonato da Liga seguia normalmente, com jogos emocionantes e com o Vasco sendo o grande destaque da competição:

DEPOIS DE UMA LUTA EMOCIONANTE, O VASCO DA GAMA LOGRA VENCER O ANDARAHY POR 1 X 0

No campo da Rua Prefeito Serzedello, realizou-se hontem o encontro Andarahy x Vasco da Gama, ambos com excellentes equipes e em magnífica ‘performance’. A partida em todo o seu transcorrer foi animada e por vezes emocionante. E havia razão para tanto. Disputava-se então o jogo mais

---

⁸⁴⁷ Por exemplo, o jogo Mackenzie contra Palmeiras: *O Mackenzie, tendo ficado sem a cooperação de alguns de seus optimos elementos da equipe principal, os quaes, como sorteados, tiveram de seguir para São Paulo, tratou de transferir o match marcado para hontem com o Palmeiras, ao qual officiou naquelle sentido, segundo fomos informados. O gremio da Quinta da Boa Vista, porém, não acquiesceu ao justo desejo daquelle seu co-irmão. O jogo por isso teve que ser disputado. Como o Mackenzie venceu por 4 a 1, o cronista do jornal escreveu: ‘Bem diz o adagio que isto de querer abrir a boca para comer muito, o resultado é ficar engasgado...’.* *O Imparcial*, 14 de julho de 1924.

⁸⁴⁸ *O Imparcial*, 16 de julho de 1924.

⁸⁴⁹ Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. *Relatório Annual de 1924*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1925.

importante da Metropolitana, ou melhor dizendo, decidia-se a liderança da actual tabella daquela liga de football. Dahi o interesse que esse jogo despertou entre os nossos sportsmen e o field completamente cheio de uma ‘torcida’ nervosa e entusiastica, vibrando a cada movimento e gritando com ‘frissons’ a cada lance. [...] Bem movimentado o jogo [...] que entusiasmava a enorme assistencia que se estendia até o morro existente numa das partes lateraes do campo.⁸⁵⁰

Como podemos observar, os estádios continuavam a encher para ver o Vasco jogar, pois a sua torcida não ligava para as discussões da AMEA. Continuava sendo fiel ao seu time e “ruidosa e incomodativa” como sempre. Mas os jogos da Liga, quase todos em subúrbios, desencadeavam verdadeiras batalhas entre jogadores e torcedores. Em uma dessas verdadeiras “guerras” que se travavam nos subúrbios do Rio por uma vitória, o jogo entre Andarahy e River definitivamente enterrava o nome da Liga Metropolitana. E a elite carioca desferia seu veneno contra os times de subúrbio. A longa transcrição se torna necessária dada a violência e a descrição rigorosa da cena ocorrida no estádio:

SCENAS VERGONHOSAS NOS CAMPOS DO RIVER E DO OLARIA-REVOLVERS, SABRES, CABEÇAS QUEBRADAS, ATAQUES, JUIZ AGGREDIDO, PRISÕES, CORRERIAS, ETC

O Pessimo campo do River F. C., na longinqua estação da Piedade, foi, hontem, o teatro das scenas mais vergonhosas e barbaras que até hoje se registraram na historia do nosso football. A incapacidade de um juiz, prejudicando flagrantemente um dos teams disputantes - o do River- exaltou de tal forma a assistencia, que esta, indignada, se não invadiu o campo, pelo menos fez causa muito superior, por isso que chegou a apedrejar os jogadores do Andarahy, havendo uma das pedras atingido, em plena testa, o back Martins. Além disso, a policia incumbida de manter a ordem, traido as suas proprias funções, entrou a tratar de modo pouco delicado os jogadores visitantes, obrigando aquelle citado back a reagir convenientemente. Foi quando se viu um soldado da policia sacar do sabre que trazia á bainha, e investir contra o player Alvaro Martins. E este teria sido victimado pela selvageria do citado policial, se não fôra o center-half Braulio, que, empenhando-se em luta corporal com o referido policial, lhe arrebatou das mãos o sabre luzidio. O soldado em assim se deu por satisfeito. Desarmado do sabre, sacou da cinta o seu revolver, entrando a desafiar, aos pulos, a todos que se achavam em campo procurando evitar as consequencias funestas que dali resultariam. As mausers luziam no ar, as espadas brilhavam ao sol, as senhoras eram accommettidas de ataques nervosos, correrias por todos os lados, gritos por todos os cantos. E tudo em consequencia da actuação prejudicial de um juiz que se não soube conduzir como devera no desempenho de sua missão. A tarde de hontem marcará na historia da Liga Metropolitana uma pagina de summa gravidade que muito vem depor contra o nome, já avariado da velha entidade.⁸⁵¹

No dia seguinte, as cenas de selvageria ainda rendiam tinta nas páginas desse mesmo jornal:

⁸⁵⁰ *O Imparcial*, 15 de julho de 1924.

⁸⁵¹ *O Imparcial*, 21 de julho de 1924.

A Liga Metropolitana, diga-se de passagem, andaria com meritorio acerto se mudasse o Metropolitana (de metropole) para Suburbana (de suburbio). Porque de 'metropole' ella nada tem, tudo tendo, entretanto, dos suburbios. Cá no Centro quasi se não ouve falar nas tres duzias de clubs da velha entidade. Entretanto, cá por cima a cotação da Liga é fantastica.⁸⁵²

O cronista ainda comparou o campo do River com as instalações do “Democrata Circo” e afirmou que só há um embrião de arquibancada e que apenas um terço do campo é gramado. A distinção entre centro e subúrbio que faz o cronista é primorosa e está de acordo com as imagens vigentes na cidade sobre o subúrbio, o centro e a metrópole. A crônica que Machado de Assis escreveu para a revista *A Semana*, em 1894, analisada por Nicolau Sevcenko, é emblemática para entendermos esse pensamento que ganhava contornos nítidos com o futebol. Na crônica, pessoas que trafegam em um bonde de tração animal, que os levava do subúrbio ao centro do Rio, percebem que o cocheiro fumava enquanto dirigia e, ao perguntarem ao condutor se o cocheiro teria autorização para fumar durante a viagem, a resposta foi de que só fumaria nos arrabaldes, no centro, não. Sevcenko assinala:

A convicção básica compartilhada por todos [pessoas do bonde e Machado de Assis] é que pelo menos até se chegar à área central, ninguém, mesmo que incomodado, há de advertir o fumante ou cobrar a aplicação da lei. Até lá, o conjunto do veículo público é uma extensão do espaço privado do cocheiro e, sem dúvida, do condutor. A partir do centro, a história é outra.⁸⁵³

É impressionante notar como os times de subúrbio do Rio alimentavam uma verdadeira raiva dos jornalistas cariocas. Mas há que se considerar que estava ficando um tanto quanto “perigoso” ir aos estádios de subúrbio para acompanhar o campeonato da LMDT. No mesmo dia, o Vasco venceu o Mackenzie por 2 a 1, levando a sua torcida ao entusiasmo de sempre e gerando rendas para os times pequenos do Rio de Janeiro:

VASCO X MANGUEIRA

Defrontaram-se hontem, perante numerosa assistencia, no campo da Rua Prefeito Serzedello, os sympathicos e valorosos clubs Vasco da Gama e Mangueira. (...) Hontem, contra o Mangueira, o Vasco, adversário muito mais forte, agindo com pericia, saiu vencedor da contenda pelo significativo resultado de 3 x 0. O score não foi maior porque, no segundo meio tempo, quando o Vasco já tinha a vantagem de 3 goals, varios players do Mangueira entraram a praticar brutalidade e deslealdade. O resultado foi haver diversos atritos em campo e tentativas de aggressões, sendo até necessária a intervenção da policia [...] Compete agora aos dirigentes da entidade da rua Buenos Aires tomar as necessarias providencias, punindo os culposos, afim de que actos semelhantes, que tanto depõem, não mais se reproduzam.⁸⁵⁴

⁸⁵² *O Imparcial*, 22 de julho de 1924.

⁸⁵³ SEVCENKO, N. In: SEVCENKO, N (org.) pp. 525 e 526.

⁸⁵⁴ *O Imparcial*, 28 de junho de 1924.

A Liga Metropolitana tentava, sem sucesso, continuar a ter o seu prestígio frente à imprensa e às principais entidades esportivas do país, mormente a CBD. O dirigente da LMDT, Alberto Mendonça, em carta à CBD, tentava provar como a Metropolitana ainda era a mais importante entidade dos esportes cariocas, através da análise de alguns números. Mostrava que a LMDT tinha 27 clubes filiados e mais 34 nas sub-ligas, com um total de 61 agremiações e 2.503 atletas concorrendo para as provas esportivas de sua associação. Todos esses clubes formavam um corpo de 34 mil sócios e um patrimônio somado de 6.000:000\$000. O patrimônio da Liga Metropolitana seria de 3.000:000\$000 e mais 3.000:000\$000 das sub-ligas. Cinco de seus clubes tinham instalações completas para a prática de todos os esportes. Enquanto isso, a AMEA tinha apenas 10 clubes filiados, com um total de 2.087 atletas e 13 mil sócios. O patrimônio de todos os clubes somados chegava apenas a 11.000:000\$000, enquanto a AMEA ainda não tinha o patrimônio definido, pois estava em fase de formação.⁸⁵⁵ Devido a esses números, Mendonça requisitava da CBD a atenção total à LMDT.⁸⁵⁶

Porém, os próprios números apresentados por Mendonça mostram claramente quais as forças em jogo na questão. De um lado, 61 clubes detentores de 6.000:000\$000 de patrimônio, uma média de 98:360\$000 de patrimônio por cada clube. Do outro lado, 10 clubes, detentores de um patrimônio médio de 1.100:000\$000 cada um, ou seja, clubes onze vezes mais ricos que os clubes da LMDT. Os clubes da AMEA eram os clubes ricos da cidade. E um detalhe esquecido, ou não mencionado, pelo autor da carta é relativo ao fato de que Arnaldo Guinle era o presidente da AMEA, já havia sido presidente da CBD e era membro do Comitê da FIFA.

A LMDT viu-se em situação tão complicada que até mesmo as suas afiliadas pediram para sair. A Liga Brasileira de Desportos, uma sub-liga da LMDT, entrou em negociações para que fosse aceita pela AMEA.⁸⁵⁷

A AMEA atraía quase todas as atenções, assim como algumas inovações que aconteceram também no ano de 1924, como a transmissão radiofônica de alguns jogos daquela entidade: “O jogo Flamengo X America pela radio-telephonia- O Grande embate de hoje, ao campo da Rua Paysandu, entre Flamengo e America, será descripto pela radio-telephonia”.⁸⁵⁸ A própria diretoria do America recebia pedido do Sr. Duarte

---

⁸⁵⁵ A AMEA tomou empréstimo inicial de 100:000\$000 para as despesas iniciais de instalação. *Acta da Sessão da Directoria do America Football Club realizada em 10 de março de 1924.*

⁸⁵⁶ *O Imparcial*, 13 de julho de 1924.

⁸⁵⁷ *Jornal do Brasil*, 22 de julho de 1924.

⁸⁵⁸ *Jornal do Brasil*, 8 de junho de 1924.

Roquete Pinto, da Radio Sociedade, “pedindo permissão para instalar aparelhos de radiotelephonia em dias de jogos”.⁸⁵⁹

Ao contrário do que pensava a AMEA, o campeonato da LMDT despertava ainda algum interesse, em grande parte pela presença do grêmio da Cruz de Malta como mostra esta notícia do *Jornal do Brasil* sobre o jogo Palmeiras e Vasco:

“No intuito de facilitar a condução para o local do match, a Directoria do Palmeiras A. C. entendeu-se com a E. Auto Viação para augmentar o numero de auto-omnibus para facilitar a concorrência ao campo da rua Costa Pereira”.⁸⁶⁰ Nos jogos com o Vasco da Gama era assim. Aliás, todos os clubes grandes obviamente atraíam muito público quando visitavam os menores, e o Vasco, como única grande atração da LMDT, potencializava os ganhos dos pequenos clubes daquela entidade. A empresa de transportes públicos também era beneficiada com a enchente de vascaínos que lotariam as pequenas dependências do Palmeiras. Como o campo era muito pequeno, no dia seguinte, *O Imparcial* divulgava:

O ‘PLACARD’ DA ACD DARÁ OS RESULTADOS DOS GOALS OBTIDOS.

No intuito de facilitar ás pessoas que não puderem assistir este encontro, o ‘placard’ da A. C. D., na Avenida Rio Branco, vae indicar todos os goals obtidos no decorrer da peleja.⁸⁶¹

Longe de atrair a “radio-telephonia” para seus jogos, o Vasco dava demonstrações de que o clube deixava de ganhar muito dinheiro por ficar com os pequenos. Talvez os campos de subúrbio fossem pequenos para tantos vascaínos. Mais uma vez, fica-se refém das descrições das partidas da Liga Metropolitana para se ter uma idéia da afluência de público aos jogos do Vasco. Sempre se menciona o “grande público” ou que “as dependências estavam completamente tomadas”. E assim é durante todo o campeonato de 1924. Mas a própria crônica esportiva começa a entender a importância econômica do Vasco e, como os outros times também não demorariam a perceber, a convidar o Vasco a fazer parte da elite do futebol carioca:

PHRASE DO DIA

Não é por mal que falamos, mas o Vasco da Gama está bancando o ‘coronel’ na Liga... Todos os clubs almejam jogar com elle, porque só elle paga... Quando o Vasco tem um match e dá campo, a sua renda é nulla, embora o ground se encha, transborde. Em compensação, quando não é elle quem fornece campo, é um agrado ver no dia seguinte a ‘cara’ do thesoureiro do club com quem jogou. A receita dá para pagar todos os ‘cadaveres’ e ser

⁸⁵⁹ *Acta da Sessão da Directoria do America Football Club*, realizada em 30 de junho de 1924.

⁸⁶⁰ *Jornal do Brasil*, 14 de julho de 1924.

⁸⁶¹ *O Imparcial*, 15 de julho de 1924.

certo outro crédito até... novo jogo com o Vasco. Nós estamos certos que os dirigentes do sympathico club da Cruz de Malta pouco ou quasi nada se importam com o interesse mais ou menos pecuniario que os seus adversarios possam ter. O Vasco concorre ao campeonato da Liga com objectivo sportivo; dentro de seu programma vae derrotando a todos e finalizará campeão... enquanto que os outros, sportivamente reduzidos a zero, terminarão o campeonato banqueiros e... todos estarão satisfeitos.

Quer-nos parecer, no entretanto, que terminada a luta, quando voltarem os tempos calmos do após-campeonato, ha de apparecer quem entenda que, affinal de contas, essa coisa de andar enchendo as ‘burras’ alheias é de uma admiravel abnegação, mas incompativel com os tempos que correm. Teremos, então, o estouro da boiada...

Quem viver verá.⁸⁶²

O que exatamente queria dizer o cronista com “Quando o Vasco tem um match e dá campo, a sua renda é nulla, embora o ground se encha, transborde.”? Apesar de reconhecer o fato de o Vasco ser uma verdadeira potência econômica, o “venenoso” Raul Loureiro, o PERIGOSO, do mesmo jornal, não se furtava às suas tiradas com o Vasco em sua coluna *Dribblando*:

O Vasco da Gama, por não encontrar na Liga Metropolitana nenhum club que possa enfrentá-lo, vae, segundo ouvimos do Rochinha, fundar uma entidade afim de disputar sozinho o campeonato de football....⁸⁶³

A Liga Metropolitana vae formar um scratch composto dos revoltosos [tenentistas] de São Paulo, afim do Vasco da Gama ser vencido porque os teams que ella possui, contra o campeão do anno passado, não vão lá bem das pernas...⁸⁶⁴

O jogo Vasco x Mangureira foi realizado no campo da Rua Desembargador Izidro, próximo à praça Saens Peña, mando do Mangureira, que também queria se aproveitar da enorme torcida vascaína:

A directoria, attendendo a ansiedade com que é esperado o desfecho da partida, mandou construir archibancadas provisorias que possam accommodar confortavelmente a grande assistência que, por certo, accorrerá taxando as entradas ao preço único de 3\$000, não havendo entradas de geral.⁸⁶⁵

Era o imediatismo do lucro, a possibilidade e a necessidade de fazer em um jogo a renda de toda uma temporada, através de investimentos provisórios em arquibancadas removíveis, sem sequer ser pensada qualquer questão de segurança dos torcedores, e aumento imediato em 100% dos preços de gerais, igualando-os ao preço das

---

⁸⁶² *O Imparcial*, 27 de agosto de 1924.

⁸⁶³ *O Imparcial*, 13 de agosto de 1924.

⁸⁶⁴ *O Imparcial*, 18 de agosto de 1924.

⁸⁶⁵ *O Imparcial*, 31 de agosto de 1924.

arquibancadas. O Vasco venceu este jogo por 3 a 0 e “Grande foi a concorrência que affluu hontem ao campo da Rua Desembargador Izidro”.⁸⁶⁶

As brigas entre LMDT e AMEA ainda renderiam. *O Imparcial*, que sempre se posicionou a favor da AMEA, não se conformou quando a LMDT acenou para a possibilidade de colocar o Vasco para jogar uma partida interestadual no mesmo dia em que a AMEA faria um jogo para auxiliar os soldados legalistas da Revolução de 1924. A reação demonstra quanta gente ia aos jogos do Vasco, a ponto de atrapalhar o jogo benéfico:

Pois bem, corre a mentira por ahi a espalhar que o Vasco da Gama deve servir de instrumento a um encontro inter-estadual, destinado pelos promotores, a diminuir a concorrência ao local do benefício de soldado brasileiro, e, assim prejudicar os proventos dos jogos sportivos em justo socorro às famílias dos heroes que viram o primeiro nascer do sol nas terras bemditas do pavilhão auri-verde.

Não nos abalança, nestes commentarios, o effeito pratico da conspiração impatriotica dos transeutes- porque, quer lhes seja agradável ou não, o estadio há de ter uma grande concorrência- mas o que nos causa pasmo é a possibilidade de ninguém nutrir o proposito de lutar contra uma ideia que diz respeito ao bem estar de nosso soldado e que nos faz cair a lama nos pés e a eventualidade da existência de um coração, que, por motivos de política estreita ou de especie semelhante, tenta fazer mal a uma obra de phylantropia, que interessa a todos os brasileiros sem distinção de credos! Depois, a maldade culmina na escolha do club, que deveria servir de arma contra as armas nacionaes. O Vasco da Gama! Gremio, a bem dizer, formado, administrado e orientado por uma colonia amiga, tão irmanada com o pensamento e o sentir brasileiros. [...] José do Montes em 5 de agosto de 1924.⁸⁶⁷

Logo o Vasco, o representante da “nação amiga” não se podia prestar a esse desserviço à pátria. Nossa colônia amiga não poderia roubar o público do jogo que ajudaria as famílias dos pobres soldados que lutaram com tanto ardor em terras paulistas e que defenderam a pátria.

O Vasco foi o campeão da Liga Metropolitana em 1924. No outro campeonato, o da AMEA, a situação era outra. Sem o Vasco os times penavam para conseguir rendas que pudessem satisfazer as necessidades de seus clubes. Pelos relatórios do Fluminense, percebe-se que, até 1933, ano da profissionalização do jogador de futebol, o departamento de futebol era o que dava maior lucro. O resto vinha das piscinas e do bilhar. Os outros esportes só davam prejuízo. Quem cobria esse prejuízo eram as mensalidades dos sócios e as rendas do futebol. Por isso, qualquer queda nos lucros do futebol abalaria consideravelmente a saúde financeira dos clubes. O Fluminense, por exemplo, teve uma queda de receitas com as rendas do futebol, em 1924, de 8:042\$500,

---

⁸⁶⁶ *O Imparcial*, 2 de setembro de 1924.

⁸⁶⁷ *O Imparcial*, 6 de agosto de 1924.

cerca de 10%, tendo que diminuir suas despesas anuais com esse em mais de 12 contos de réis.⁸⁶⁸ As rendas com futebol representavam cerca de 15 a 20% das receitas de um clube. Cerca de 60 a 70% vinha da cobrança de mensalidades dos sócios (em 1923 eram 3148 sócios que pagavam uma mensalidade de 15\$000, mais jóia anual de 15\$000). O restante vinha com o aluguel do estádio, que, em 1923, com os alugueis para os jogos do Vasco, rendeu mais de 23 contos. Em 1924, sem os vascaínos, o estádio só deu prejuízo com as despesas da troca de redes para as balisas (550\$000), concertos (203\$600), pó de gesso para pintar as linhas (557\$720) e com o corte da grama (773\$000), isso sem contar as despesas de manutenção e impostos.⁸⁶⁹

Se em termos econômicos a coisa não ia muito bem, esportivamente o plano foi um sucesso. O Fluminense voltou a ser campeão carioca em 1924. Nada mais acertado para os times da elite. Sagrou-se campeão sem nenhum negro no time. Interessante reparar que, apesar de perder um pouco nas rendas, de 1923 para 1924, o Fluminense não diminuiu as suas despesas com a “condução” e as “despesas diversas”. Estaria aí a chave para o sucesso da empreitada?

Todos os clubes sentiram a falta dos mil réis que a torcida vascaína gastava para ver os jogos de seu time de coração. Onde quer que fossem os jogos, lá estava a torcida fiel ao seu clube, comparecendo, lotando os estádios e gerando rendas fabulosas. A AMEA tinha que arriscar e deixar o Vasco entrar no “seu” campeonato. Apesar dos valores aristocráticos presentes, o espírito capitalista passava a dominar. No Brasil e no futebol. A AMEA se abria e deixava a equipe do Vasco, com sua avalanche de torcedores-pagantes-consumidores, jogar com os grandes de novo.

---

⁸⁶⁸ As rendas com o futebol foram de 82:129\$000 em 1923 e 74:086\$500 em 1924. *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1922*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1923. *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1924.

⁸⁶⁹ *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1922*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1923. *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923*. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1924.

4.4 Da volta aos grandes a São Januário

“A VOLTA DO VASCO À AMEA
A turma vascaína, não há duvida, é de facto!”
O Imparcial, 19 de maio de 1925

Através da movimentação do dirigente botafoguense Carlito Rocha, os grandes se convenceram de que a melhor saída seria incorporar o Vasco da Gama, desde que este se compromettesse a fazer seus jogos em estádios decentes, e não no seu campo da Rua Moraes e Silva. Com os relatórios da AMEA dos anos de 1924, 1925 e 1926,⁸⁷⁰ pode-se perceber o peso do Vasco da Gama para o futebol carioca e para a nova associação. As tabelas de público e renda do período estão disponíveis ao final deste trabalho. Para uma primeira compreensão do fenômeno, vejamos uma comparação entre as rendas e os públicos dos campeonatos da AMEA de 1924, sem o Vasco da Gama, e dos de 1925, já com o Vasco na instituição dos clubes da elite do Rio de Janeiro.

A tabela abaixo mostra na primeira coluna o total arrecadado por cada clube com o mando do campo no ano de 1924 e na segunda coluna, a arrecadação dos clubes de 1925. Na terceira coluna, o valor da renda do jogo contra o Vasco da Gama com os jogos de futebol em seus campos no ano de 1925 e, na quarta coluna, a diferença entre o que foi arrecadado por cada clube na temporada de 1924 (sem o Vasco na liga dos grandes) e 1925 (com o Vasco). A renda conseguida nos estádios nos jogos com o Vasco é assombrosa. Na seção de anexos podem-se consultar as rendas de todos os jogos dos campeonatos de 1924 e 1925.

Clubes	Rendas em 1924	Rendas em 1925	Contra o Vasco 1925	Diferença 1924/25
América	23:59\$500	54:20\$000	11:74\$000	30:60\$9500
Bangu	13:07\$200	25:07\$000	7:57\$9000	11:99\$5800
Botafogo	32:48\$700	42:32\$900	18:44\$5000	9:83\$4000
Brazil	9:36\$3100	9:57\$000	4:73\$2000	20\$6900
Flamengo	58:60\$9000	99:74\$5000	37:66\$4000	41:13\$6000
Fluminense	65:93\$7500	96:30\$2000	34:67\$0800	30:36\$4500
Hellenico	13:79\$7300	9:05\$2800	3:27\$1000	-4:74\$4500
São Christovão	42:69\$3800	35:18\$0500	10:74\$6000	-7:51\$3300
AMEA	25:95\$730	53:05\$8220	-----	27:10\$0490

⁸⁷⁰ Disponíveis para consulta no setor de periódicos da Biblioteca Nacional ou nos arquivos do America.

Analisando apenas as rendas geradas com as partidas em casa de cada um desses times e sabendo que o campeonato de 1924 foi sem o Vasco e o de 1925 já contava com a equipe cruzmaltina, pode-se perceber que o Vasco fez a diferença para os times grandes do Rio. A diferença de renda a mais obtida pelos times se assemelha à renda gerada pelo jogo com o Vasco. Os dois casos que tiveram rendas menores, Hellenico e São Christovão, se devem a questões da esfera esportiva. O Hellenico foi o penúltimo colocado em 1924. Em 1925, a torcida percebeu que o destino seria o mesmo, abandonou os estádios e o Hellenico acabou em penúltimo lugar. Com o São Christovão, a queda foi mais brusca, pois o time vinha de excelentes resultados no campeonato de 1924, conseguindo um 3º lugar na tabela e sendo o terceiro também nas rendas. Como os resultados de 1925 não foram os mesmos, o número de torcedores presentes no estádio foi declinando. Na última rodada, o público do jogo contra o Botafogo, não passou de 1.368 pessoas. No ano anterior, o mesmo jogo teve assistência de 3.329 pagantes. Mesmo assim, os jogos com o Vasco foram os que tiveram maior público e renda. No caso do Hellenico, 2.924 pessoas estiveram em seu campo, deixando uma renda de 3:271\$000, mais de um terço do total arrecadado pelo time. Com o São Christovão, houve 6.974 pagantes e uma renda de 10:746\$000, quase um terço do total. No caso dos maiores clássicos do futebol carioca, com Flamengo e Fluminense, o Vasco praticamente foi a única razão do aumento das rendas. No Flamengo, o fato de o time de futebol ter se sagrado campeão deve ter contribuído para um aumento nas arrecadações com a venda de ingressos daquele clube.

Neste caso, vale uma breve análise dos números mais marcantes quanto ao público e à renda no futebol naqueles anos. Em 1924, o jogo com maior público foi o do Fluminense contra o Flamengo, com 13.576 pagantes. O jogo de maior renda foi o do Flamengo contra o Fluminense, no campo do Flamengo, em que se obteve uma arrecadação de 26:428\$000 com a venda de ingressos para 11.485 torcedores. O clube que mais arrecadou (65:937\$500) foi o Fluminense, campeão do torneio, que levou 43.472 a pagar ingresso em seu estádio ao longo da temporada. O Flamengo foi a segunda equipe com a maior arrecadação, 58:609\$000 conseguidos com a venda de ingressos para 33.226 torcedores durante todo o ano de 1924. A equipe que mais levou torcedores nos jogos fora de casa foi o Fluminense, que jogou para 33.220 torcedores em estádios pela cidade, gerando uma renda para os clubes que o receberam de 58:035\$100. A AMEA, em seu primeiro ano de existência, conseguiu levar 170.677

torcedores aos estádios dos clubes a ela filiados e conseguiu, com os 10% que cobrava em cima das rendas de bilheteria, 25:955\$730.

Em 1925, quando o Vasco disputou pela primeira vez o torneio da AMEA, as diferenças nos números foram muito grandes. Uma primeira situação, que já foi um problema para a análise das rendas de campeonatos anteriores, deve ser aqui colocada. O campeonato de 1924 da AMEA teve apenas 8 clubes e um total de 56 jogos. Já o campeonato de 1925 teve 10 clubes e um total de 90 jogos, ou 60% a mais de partidas. Mesmo assim, o crescimento das rendas foi muito maior. Um cálculo das médias arrecadadas também pode auxiliar, como feito anteriormente. Os números mostram a diferença que o clube da colônia portuguesa fazia nos balanços de cada clube. Apenas comparando os principais números daquele ano com os citados acima, podemos perceber mais uma vez o grande peso da torcida vascaína. Num campeonato em que o campeão foi o Flamengo, e o Vasco ficou apenas com o terceiro lugar, a volta do clube entre os grandes trouxe muito alvoroço para o meio desportivo carioca. O jogo de maior arrecadação foi o do Vasco contra o Flamengo, 44:375\$000, um aumento de 67% em relação ao jogo de maior arrecadação do ano anterior. Esse foi o jogo de maior público também, 24.289 pagantes, o que representou um aumento de quase 80% em relação aos pouco mais de 13 mil pagantes do Flamengo contra o Fluminense de 1924, o jogo de maior público naquele ano. O clube que mais arrecadou com a venda de ingressos foi o Vasco que conseguiu um total de 140:932\$000, 113% a mais que o Fluminense, o campeão de venda de ingressos no ano anterior. Foram 96.970 os torcedores que pagaram ingresso para ver os jogos do Vasco quando este tinha o mando do campo, 123% a mais que o público que foi ao estádio do Fluminense no primeiro campeonato da AMEA. O Vasco foi também o time que mais levou torcedores fora de seu campo, mostrando mais uma vez a força de sua torcida e o apelo que o seu time de futebol exercia como atração para o espetáculo. Foram 80.458 torcedores que pagaram um total de 124:285\$000 para ver o Vasco desfilar os seus craques nos campos cariocas, aproximadamente 150% a mais que o Fluminense atraiu como visitante. O Botafogo, para o seu jogo contra o Vasco, mandou construir arquibancadas provisórias para “melhor accomodar a grande assistencia” que era esperada. O clube até abriu a exceção de alugar as cadeiras privativas para sócios por 15\$000.⁸⁷¹

---

⁸⁷¹ *O Paiz*, 7 de maio de 1925.

A AMEA faturou muito mais com o Vasco em seu campeonato, 53:058\$220, 104% a mais do que sem ele. Muito mais pessoas foram aos estádios também. Foram 394.120 torcedores os que pagaram ingressos, 130% a mais do que em 1924. Se apenas somarmos os públicos e as rendas do Vasco da Gama, dentro e fora de casa, no campeonato de 1925, e subtrairmos o resultado do total de público do campeonato podemos ter uma noção boa do que o clube representava. As rendas dos jogos envolvendo o Vasco (273:865\$800) representavam mais da metade (cerca de 51%) do total das arrecadações de 1925. A média de arrecadação das partidas do campeonato de 1924 foi 2:317\$475 por partida. No campeonato do ano seguinte, mesmo com um número maior de times e, portanto um número maior de jogos em que estavam envolvidos times de pouca torcida, a média de arrecadação se elevou para 2:980\$798 por partida, um aumento de cerca de 30% nas médias de arrecadação. Nos relatórios do Fluminense, também fica nítido o peso do Vasco da Gama. Depois de ficar o ano de 1924 sem faturar nada com seu grande estádio devido ao afastamento do Vasco no ano de 1925, o Fluminense volta a registrar como receita do clube o aluguel do estádio, no valor de 61:972\$260, simplesmente um terço de tudo o que o clube arrecadou com o futebol (184:312\$650)⁸⁷² naquele ano, ou o equivalente a dois terços de sua arrecadação em jogos da AMEA (96:302\$000).⁸⁷³

Ao analisarmos os relatórios do ano de 1926, alguns números chamaram a atenção. O Vasco da Gama já não era o clube que mais arrecadava no Rio de Janeiro. Caía para a quarta posição com a venda de ingressos e passava a ficar atrás do Fluminense, do Flamengo e do inesperado campeão daquele ano, o São Christovão.⁸⁷⁴ Fora de casa, tudo continuava como antes. O Vasco continuava sendo a maior atração como visitante da cidade, com 82.105 torcedores indo a seus estádios para vê-lo na temporada de 1926. Mas, ao observar o relatório sobre o público presente nos jogos, logo nota-se que o Vasco continuava sendo aquele que mais pessoas levava aos estádios. Foi um total de 119.279 espectadores nos jogos do Vasco como mandante, contra 75.841 do segundo clube com maior número de torcedores em seu estádio, o Fluminense. A resposta para esta questão estava no último e decisivo passo para que o Vasco se tornasse definitivamente um dos maiores clubes do Rio de Janeiro, do Brasil e

---

⁸⁷² *Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1924.* Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1925.

⁸⁷³ *Associação Metropolitana, Relatório Annual de 1925.* Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1926.

⁸⁷⁴ Para acompanhar a trajetória do clube campeão carioca consultar QUADROS, R. op.cit., pp. 41 a 44.

da América do Sul. O clube não tinha tantos pagantes em seus jogos, pois iniciou uma gigantesca campanha para atrair sócios durante aqueles anos. O número de sócios aumentou muito e, como os mesmos não pagavam ingressos ou pagavam menos, as receitas com vendas de ingressos caíram, mas por sua vez o número de associados ao clube cresceu enormemente. Assim, o clube passou a ser também, além de campeão de público nos estádios, o clube com o maior número de associados no Rio de Janeiro. O motivo da campanha de sócios: levantar fundos para a construção do que viria a ser o maior estádio da América do Sul.

São Januário

Com a chegada do clube à primeira divisão, as acanhadas acomodações da Rua Moraes e Silva, com as arquibancadas e a torcida colados no campo de jogo, assustavam as grandes equipes, que exigiram que o Vasco jogasse em praças maiores e mais seguras. Dessa maneira, a equipe pagava altos aluguéis ao Botafogo, ao America, ao Fluminense e até mesmo ao Andarahy para jogar nas casas alheias. Esse teria sido um dos argumentos para a não aceitação do Vasco na AMEA. Dizia-se que o clube não tinha estádio, que não tinha praça de esportes própria. Frente aos obstáculos criados pela AMEA, os portugueses se uniram para construir o seu estádio.

Um dos pontos fundamentais da AMEA, quando esta criou vários obstáculos para o Vasco cumprir em 1924, era o fato de o time não ter estádio próprio. Os portugueses se uniram para construir o seu estádio. Não um estádio qualquer. Mas sim o maior e o mais bonito da América do Sul. E tudo isso com o dinheiro dos sócios apenas. Um estádio de futebol é muito mais do que apenas uma praça esportiva. É um verdadeiro santuário religioso. É onde se pratica o ritual do futebol, um verdadeiro santuário do mundo industrial, correspondendo, por exemplo, ao que foram as Igrejas na Idade Média. Os estádios são os grandes monumentos das cidades atuais. Quando o Maracanã foi construído, por exemplo, cabiam 10% da população do Rio de Janeiro dentro dele. No livro *Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar*, António da Silva Costa faz uma excelente descrição do que é o terreno de jogo do futebol: “O estádio de futebol goza de um simbolismo peculiar. Muitas vezes, a imprensa apresenta os estádios como lugares sagrados, santuários grandiosos do culto da bola. Ali se vivem manifestações populares impressionantes, em que a emoção e a religiosidade popular atingem seu paroxismo. Um estádio de futebol, com uma forma geralmente zodiacal

(símbolo do tempo astrológico absoluto) e uma organização minuciosa de sua estrutura espacial, lembra o espaço ‘cosmizado’ das sociedades arcaicas e pode ser considerado uma verdadeira imagem do mundo. [...] A estrutura espacial do futebol pode, de fato, ser vista como símbolo da perfeita organização do universo e um modelo a ser imitado na estruturação de nosso espaço social”.⁸⁷⁵ São Januário não fugiu a essa descrição. Construído em menos de um ano – as obras se iniciaram em 6 de junho de 1926 e o estádio foi entregue em 21 de abril de 1927 – esse verdadeiro monumento neocolonial do Rio de Janeiro impressiona pela sua arquitetura, riqueza de detalhes e grandeza. Uma igreja foi construída atrás de um dos gols, o que dá um caráter ainda mais mítico e religioso ao estádio. Quando um atleta do Vasco faz um gol, ao iniciar a sua comemoração, ele geralmente vê uma enorme cruz, que dá bênçãos ao jogador pelo feito conseguido. Foram utilizados 6.600 barris de cimento e 252 toneladas de ferro na obra, que seguiu a orientação da Federação Alemã de Esportes, segundo o livro *São Januário, Arquitetura e História*.

A idéia de se construir um estádio de futebol para o Vasco vinha desde 1924, quando o jornal *O Imparcial* divulgava:

O VASCO DA GAMA VAE CONSTRUIR UM STADIUM

Na reunião de hoje do Conselho Deliberativo do valoroso campeão da cidade, entre outros assumptos será tratado o da construção de um grande stadium, estando ja em vista três grandes terrenos. Para tal fim será levado empréstimo de 2 mil contos.⁸⁷⁶

No dia seguinte, o mesmo jornal noticia sobre a reunião do Conselho Deliberativo do Vasco da Gama:

PARA A CONSTRUÇÃO DO STADIUM DO VASCO DA GAMA

Considerando:

Que tudo nos indica querem os vascaínos, neste momento, dar uma prova do seu clubismo, dando uma cabal e definitiva prova de seu valor e eficiência ao mundo sportivo. Que essa prova deve ser a de, com a subscrição immediata do empréstimo, construirmos a nossa praça de sports e edificarmos a nossa sede social. Que só assim os vascaínos mostrarão sem sophismas o quanto são dedicados ao club e ao sport, patenteando seu valor sob qualquer aspecto. Que qualquer decisão deve ser despida de interesses e por isso, esse empréstimo não deve vencer juro de espécie alguma, afim de manter sempre desafogada a situação financeira do club.

O Conselho Deliberativo do Club de Regatas Vasco da Gama, reunido em sua sessão extraordinária de 19 de marco de 1924, resolve:

Autorizar a sua diretoria a contrair um empréstimo de 2.000:000\$000, afim de em concorrência publica construir immediatamente a sua praça de sports e o edificio da sede. [E resolvia também]:

⁸⁷⁵ COSTA, António da Silva. *Do Futebol a uma Nova Imagem do Homem e da Sociedade*. in: LOVISARO, Martha e NEVES, Licy Consuelo (org.) *Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. pp. 19 e 20.

⁸⁷⁶ *O Imparcial*, 16 de março de 1924.

1º - Que a directoria mande confeccionar as listas necessárias para serem entregues uma a cada Sr. conselheiro, afim de que cada um, representando o voto de 25 srs. associados possa diligenciar subscritores no valor de 25:000\$000;

2º - Que presumindo-se desde já as dificuldades em que possam encontrar alguns dos Srs. conselheiros, a directoria enderece lista aos associados e amigos do club que estejam em circunstâncias de nos prestar o auxilio necessário.⁸⁷⁷

Ficou ainda decidido que o clube ficava autorizado a vender 20.000 títulos especiais a 100\$000 cada para levantar os 2.000:000\$000.⁸⁷⁸

A obra de São Januário, bem como toda a trajetória do Vasco da Gama, pode ser um dos muitos e variados exemplos da prática do associativismo entre os imigrantes da colônia portuguesa no Rio de Janeiro.⁸⁷⁹ A construção de São Januário foi, porém um marco para a colônia portuguesa no Brasil. A construção do estádio foi tema de um minucioso estudo interdisciplinar sobre sua história e arquitetura. A idéia aqui não é recontar a história da construção, o que os autores do livro fizeram com bastante clareza.⁸⁸⁰ A pretensão é analisar mais de perto o esforço da torcida e dos diretores do Vasco na empreitada que era a construção de um grandioso estádio que deveria simbolizar, nada menos, que toda uma comunidade portuguesa na cidade. A vontade dos vascaínos de ter um estádio e fazer frente aos outros clubes do Rio era enorme, como demonstram essas notícias de *O Imparcial*.

A subscrição para a construcção do stadium do C.R. Vasco da Gama continúa a despertar grande enthusiasmo entre os associados e adeptos do campeão a cidade.

A quantia de 2 mil contos, autorizada pela assembléa geral, já está mais da metade subscrita, sendo muitas também as casas commerciaes que têm assignado as listas.

Ao que fomos informados, a Companhia Hanseatica subscreveu importante quantia, tendo outra companhia de cerveja prometido assignar também quantia elevada.⁸⁸¹

Em setembro de 1924, em plena briga da Liga Metropolitana com a AMEA, o Palestra Itália rompeu com a principal liga paulista e estava liberado para fazer um amistoso contra o Vasco da Gama, que havia saído da AMEA. É impressionante notar a união dos vascaínos em torno da idéia da construção do próprio estádio. Para começar, decidiram por um aumento absurdo no preço das entradas, que passaram a 5\$000 as arquibancadas e 3\$000 as gerais:

⁸⁷⁷ *O Imparcial*, 17 de março de 1924.

⁸⁷⁸ *Correio da Manhã*, 9 de março de 1924.

⁸⁷⁹ MULHER, Elisa. *A Organização sociocomunitária portuguesa*. in LESSA, Carlos (org.). op.cit., p. 313.

⁸⁸⁰ MALHANO, C. e MALHANO, H. op.cit., pp. 93 a 102.

⁸⁸¹ *O Imparcial*, 5 de setembro de 1924.

Os associados do Vasco da Gama, ao que nos informaram, decidiram pagar as suas entradas no jogo inter-estadual de amanhã, concorrendo assim para maior sucesso da receita da porta. Essa resolução foi tomada em vista dos compromissos assumidos pelo club com a vinda do Palestra Italia, e certo de que a assistencia de amanhã será, na sua quasi totalidade, de afficionados do defensor da Cruz de Malta.⁸⁸²

Isso demonstra claramente a força da torcida vascaína, que, mesmo com o aumento no preço das entradas na ordem dos 100% para gerais e 66% para as arquibancadas,⁸⁸³ não hesitou em comprá-las e em deixar de exercer o direito de entrar com a carteira de sócio, pagando ingressos para colaborar com o clube. O público foi enorme:

Foi realizado no meio da maior cordialidade e foi presenciado por uma colossal massa de povo, até nunca vista em jogos de tal cathegoria. A praça de sports do Andarahy A.C. apresentava um aspecto nunca visto. Todas as suas dependencias estavam completamente repletas; o morro fronteiro estava completamente coberto de gente, dando assim um belíssimo aspecto. A assistencia que hontem presenciou este embate, pode-se dizer, sem exagero, foi calculada em perto de vinte mil pessoas. Nesta temporada ainda não vimos tanta gente como a que hontem affluuiu ao campo da Rua Prefeito Serzedello.⁸⁸⁴

O Palestra venceu o jogo por 2 a 0, e o jogo teve renda de 28:420\$000, o que ajudava o Vasco em um tempo de vacas magras, com o time longe da AMEA. Foram anos difíceis para o Vasco da Gama, que tinha que canalizar forças para a construção da maior praça de esportes da América Latina. Mesmo assim, ao final de 1924, o Vasco adquiriu o terreno para o estádio, na Rua São Januário, em São Cristóvão, por 665:895\$000 segundo o livro *São Januário: Arquitetura e História*, e por 1.460:000\$000, segundo *O Imparcial*, para a construção “do mais colossal stadium da America do Sul”.⁸⁸⁵

O clube apostou alto em uma enorme campanha para angariar novos sócios e rapidamente se tornava um dos clubes com o maior número de associados do Rio de Janeiro, disputando com o Fluminense e ultrapassando o número de sócios deste clube ainda antes da inauguração de São Januário. O ritmo de crescimento do número de sócios era frenético. Entre janeiro e maio de 1925, por exemplo, 699 novos associados

---

⁸⁸² *O Imparcial*, 27 de setembro de 1924.

⁸⁸³ Preços dos ingressos em 1924: Torneio Initium da AMEA e Campeonato da AMEA: 1\$500 Geral; 3\$000 Arquibancada; 6\$000 Cadeira numerada. Torneio Initium ACD/LMDT e Campeonato LMDT: 1\$500 Geral; 3\$000 Arquibancada.

⁸⁸⁴ *O Imparcial*, 29 de setembro de 1924.

⁸⁸⁵ *O Imparcial*, 4 de novembro de 1924.

passaram a pagar as mensalidades do Vasco, fazendo com que o clube chegasse a 3.135 sócios,⁸⁸⁶ só ficando atrás do Fluminense, com 3.708 sócios.⁸⁸⁷

Mas esses eram números modestos para o Vasco, que queria ser um dos clubes com mais associados no mundo. No início do ano de 1926, pouco antes de se iniciarem as obras do estádio, a diretoria do Vasco expediu uma circular aos sócios do clube com um plano audacioso:

Campanha dos 10.000 – Consocio

Todos os vascaínos tem conhecimento de ter o Conselho Deliberativo autorizado a Directoria a suspender a joia para a entrada de novos socios durante os proximos mezes, por isso, ao lembrar-lhes esse facto, venho apellar a todos os que se interessam pelo progresso do Vasco que envidem todos os esforços no sentido de podermos, em breve, attingir á cifra dos 10.000, número este que não será difficil conseguir, bastando que cada associado proponha no mínimo mais dois novos sócios.

A situação do Vasco, que agora se encontra no momento em por a prova o seu proprio valor e, portanto, o do seus componentes, exige que alguma coisa se faça que demonstre de forma indiscutível o que, tambem materialmente, elle vale e representa.

As obras que tomou o encargo de executar, que mais são impostas pela necessidade que tem de acudir do preparo de seus numerosos atletas que pela necessidade de fazer obras sumptuosas, obrigam a contrahir responsabilidades taes que só o esforço conjugado de todos os sócios póde superar e vencer.

É, pois, sob a sciencia das considerações acima, que nos dirigimos ao digno consócio, exortando-o a que collabore com a directoria do Vasco no trabalho de tornar este centro de desportos o mais completo, adequado e util, erigindo-o assim, em pioneiro destemeroso da grande causa desportiva.⁸⁸⁸

A carta acima conclama os associados a se unirem em torno do Vasco, conseguindo formar o número de sócios necessários para que se atingisse com sucesso a empreitada do estádio, que desde cedo, por ficar ao final da Rua de São Januário, ficou conhecido pelo nome do santo. E como “os imigrantes portugueses tinham grande sentido de cooperação e solidariedade”,⁸⁸⁹ o resultado do projeto vascaíno de construção de um estádio baseando o seu pagamento em investimentos feitos pelos sócios, deu resultado. Para se ter uma idéia, quando o Vasco suspendeu a jóia, conseguiu 1.303 novos sócios em 62 dias.⁸⁹⁰

O mais impressionante é que os resultados em campo não eram dos melhores. O máximo que o Vasco conseguiu após o título de 1923, foi o campeonato carioca de 1924 pela Liga Metropolitana e o título do Torneio Initium de 1926. Esse aumento do número de sócios mesmo com os resultados ruins mostra que o vínculo que os

⁸⁸⁶ *O Imparcial*, 10 de junho de 1925.

⁸⁸⁷ COELHO NETTO, P. op.cit., p. 160.

⁸⁸⁸ *O Imparcial*, 3 de março de 1926.

⁸⁸⁹ LOBO, E. M. L. op.cit. (2001) p. 105.

⁸⁹⁰ *O Imparcial*, 11 de março de 1926.

vascaínos criavam com o seu clube ia muito além das vitórias em campo. O fanatismo da torcida vascaína era tão grande que todos tentavam se aproveitar dos enormes ganhos que ela poderia proporcionar em dias de jogos. Num jogo entre Vasco e Botafogo, em 1925, a diretoria do Vasco cobrou além do ingresso mais caro do futebol até aquele momento, que eram os ingressos de cadeiras numeradas para os jogos internacionais, que chegavam a 12\$000. Pois para este jogo entre as duas equipes cariocas, os ingressos para esse setor foram colocados a 15\$000, num aumento que chamou a atenção da imprensa esportiva da época.⁸⁹¹ No mesmo ano, em jogo contra o America, com ingressos de arquibancada a 3\$000, um bilheteiro desviava ingressos de dentro da bilheteria para um “águia”, para que este os revendesse “pelo preço da casa”. O bilheteiro foi denunciado pelos torcedores à direção do Vasco por estar vendendo os ingressos de arquibancada por 4\$000. Quando o acusado foi aludido pelos diretores, disse que só dizia que a arquibancada custava aquele preço “por... gracejo”.⁸⁹²

A grande afluência dos torcedores vascaínos aos estádios e a sua força associativa na execução do projeto “São Januário” mostram particularidades da economia ligada aos esportes. Em alguns estudos já feitos sobre o assunto, chegou-se à conclusão de que os clubes são empresas com uma particularidade no capitalismo. Eles não necessariamente devem dar lucro ou devem ser *profit maximizers*, como alegam os pesquisadores ligados à economia e ao desenvolvimento esportivo norte-americano. Muitas vezes, como no caso clássico do futebol, muitos clubes exibiram ao longo de sua história longos períodos de prejuízo, como os clubes ingleses.⁸⁹³ E esse era o caso do próprio Vasco da Gama, como vimos, em seus gastos com o futebol de 1919 a 1927, até a construção do estádio. São empresas em um mundo de negócios distinto, que envolve paixão e até fanatismo dos seus consumidores.

Na ata da Assembléia Geral do Vasco, que aconteceu em 14 de junho de 1926, se percebe algumas das formas de angariar os fundos para a construção de São Januário. A diretoria do clube ficou

[...] plenamente autorizada a effectuar as operações de crédito que se tornarem necessárias, dando as garantias precisas para effectivar as obras do stádio do club, podendo contractar com o Banco Portuguez do Brasil ou com qualquer outro estabelecimento de crédito ou mesmo particular um empréstimo de seiscentos contos de réis, mediante a garantia hypotecária do terreno de propriedade do club, com juros de 12% ao ano e comissão de 3%.⁸⁹⁴

---

⁸⁹¹ *O Imparcial*, 8 de maio de 1925.

⁸⁹² *O Imparcial*, 8 e 9 de junho de 1925.

⁸⁹³ VAMPLEW, W. op. cit., p.77.

⁸⁹⁴ *O Paiz*, 1 de janeiro de 1927.

Outro aspecto interessante da construção do estádio de São Januário foi a própria dificuldade em se conseguir material para construção, num período em que o país não produzia todos os necessários para a execução da obra. Como já visto, o Fluminense enfrentou a mesma dificuldade quando construiu o seu grande estádio de futebol em 1919 e depois para a grande reforma de 1922. Viviam-se, mais uma vez no futebol, as angústias da própria economia do país. Atrasado e dependente de outras economias, “destinado” a ser exportador de produtos primários, especificamente de café, o país não possuía naquele período indústrias que fabricassem cimento e ferro, por exemplo. Todo este material tinha que ser importado, o que aumentava enormemente o custo total do empreendimento, tornando o feito um ato simbolicamente ainda mais heróico para a comunidade portuguesa. Num relatório do Vasco, também publicado no mesmo dia, no mesmo jornal, a descrição do problema é precisa:

Desde o início das obras do estádio que temos envidado os maiores esforços para obtermos a isenção de direitos aduaneiros para o material (cimento e ferro) que precisamos para a construção. [...] Há bem pouco tempo obtivemos do Exmo. Sr. Senador Paulo de Frontin [ex-prefeito da cidade que liberou o campo da Rua Moraes e Silva em 1922 para o Vasco] a sua aquiescência a apresentação de um projeto no Congresso, concedendo-nos essa isenção, projeto que já foi aprovado no Senado e que está sendo estudado na Câmara.⁸⁹⁵

O relatório ainda afirmava que até aquele momento o Vasco só tinha feito empréstimo de seus sócios, no valor de 600:000\$000, o que deu apenas para a aquisição da propriedade aonde seria erguido o estádio, mostrando que os valores do terreno apresentados por *O Imparcial* de mais de mil contos de réis não era o real valor pago por ele. O deputado Nogueira Penido apresentou à Câmara um pedido para que o clube fizesse um empréstimo de 5.000:000\$000. Este empréstimo foi autorizado pelo Decreto n.5179, de 11/01/1927, assinado pelo presidente Washington Luis e publicado dia 23/01/1927 no Diário Oficial n. 19.

O estádio saiu do papel e a construção coube a uma empresa dinamarquesa, radicada no Brasil desde 1917, a Christiani & Nielsen, sendo a Pedra Fundamental assinada pelo prefeito do Rio de Janeiro, Alaor Prata, em 6 de janeiro de 1926. A Ata da Pedra Fundamental do estádio foi assinada por toda a diretoria do clube envolvida no projeto (incluídos os nomes mais fortes do futebol vascaíno de todo o período estudado: Raul Campos, Antonio Campos, Francisco Marques da Silva e Annibal Peixoto). O estádio tinha a capacidade para 40 mil espectadores, e a colônia portuguesa poderia se

---

⁸⁹⁵ *O Paiz*, 1 de janeiro de 1927.

orgulhar de ter conseguido, através de seu trabalho, a construção de uma praça esportiva que tinha o dobro da capacidade do tão alardeado *Stadium* das Laranjeiras, do aristocrático Fluminense. A ética do trabalho era mais uma vez catalisada pelas atitudes dos dirigentes vascaínos, e a vitória do esforço da colônia tornava-se como um marco da história dos portugueses na cidade, e até mesmo no país. As piadas e as anedotas de portugueses precisariam ser matizadas, o gosto pela descaracterização do português ganhava outros contornos. Se Gladys Sabino afirma que o jacobinismo decaiu durante a década de 1920,⁸⁹⁶ o estádio de São Januário deve ter contribuído para este processo. Se a saída do Vasco da AMEA era uma prova viva de que o sentimento anti-lusitano ainda não estava morto, o estádio vinha trazer novos contornos para as relações entre portugueses e seus descendentes com os brasileiros.

Para a inauguração do estádio foi escolhido o Santos F. C. para um amistoso no dia 4 de abril de 1927, com o estádio ainda inacabado. Nesse dia, portanto, começam os preparativos para a inauguração do grandioso *stadium* do Vasco da Gama. Foi oferecido um almoço aos cronistas esportivos e principais dirigentes de clubes da cidade, e o estádio recebeu as bênçãos do padre Agostinho Mamede.⁸⁹⁷ “Eram as bênçãos dos seus à grandeza dos homens na terra” afirmava o *Correio da Manhã* no dia seguinte.⁸⁹⁸ Ali também já se aventava a possibilidade do Vasco fazer a sua estréia no estádio em um amistoso contra o Wanderers do Uruguai, que viria especialmente para a festa de inauguração. No dia 20, véspera da inauguração, o mesmo jornal destacava que

[...] o prestigioso Club de Regatas Vasco da Gama, um dos vigorosos esteios da vida sportiva nacional, inaugura, amanhã, em São Januário, o majestoso estádio que é agora, mais um dos títulos de orgulho nacional. A gigantesca construção, que é uma das maiores do mundo, já está em condições de receber um grande público.⁸⁹⁹

O Vasco tentou uma equipe estrangeira para inaugurar o estádio e contatou o Wanderers, do Uruguai. Na impossibilidade dos uruguaios aparecerem naquela data, o Vasco teve que adiar o compromisso com os uruguaios para o ano seguinte, em 1928, quando inaugurou a iluminação de seu estádio para jogos à noite.

As atenções na cidade do Rio de Janeiro não estavam só voltadas para este feito heróico da comunidade portuguesa. Dias antes da inauguração do estádio, a cidade

---

⁸⁹⁶ RIBEIRO, G. S. op.cit. (1990) p. 61.

⁸⁹⁷ Na Iconografia: Imagem XXXIX pode-se ver as fotos da cerimônia religiosa e das obras no estádio na cobertura da revista *Malho*.

⁸⁹⁸ *Correio da Manhã*, 5 de abril de 1927.

⁸⁹⁹ *Correio da Manhã*, 20 de abril de 1927.

literalmente parou para ver a proeza de um homem português que vinha ao Rio de Janeiro. Sua chegada foi cercada de expectativa, milhares de pessoas o esperavam nas ruas, na baía da Praia do Flamengo, com a presença das autoridades, dentre elas o prefeito da cidade, Antônio da Silva Prado Junior, o Ministro das Relações Exteriores, Otávio Mangabeira, e o presidente Washington Luis. A cidade parou para receber os portugueses Sarmiento de Beires, aviador, e seus companheiros Jorge de Castilhos e Gouveia, a bordo do avião *Argos*, os primeiros a atravessar o Oceano Atlântico e a pousar em terras brasileiras em um avião.

No dia 21 de abril de 1927, dividindo as atenções da cidade com os aviadores portugueses, numa partida contra o Santos F. C., inaugurava-se o portentoso estádio do Vasco.⁹⁰⁰ O *Correio da Manhã* deu destaque de primeira página para o fato com três fotos enormes onde se podia ler:

A inauguração, hontem, do majestoso estádio do Vasco da Gama, o maior não só do nosso país como de toda a América do Sul, constituiu um dos acontecimentos culminantes da história da nossa vida sportiva, o qual só pode ser comparado ao que assinalou a abertura do grande hipódromo da Gávea. Embora vencidos no campo da luta pelo Santos Football Club, os vascaínos viveram, hontem, os momentos mais gloriosos da sua vida, que é toda um exemplo de energia e de força de vontade, elevando tão alto o nosso renome sportivo. Nada menos de 25 mil pessoas, vindas de todos os pontos da cidade, assistiram à memorável jornada, que foi honrada com a presença do presidente da Republica.⁹⁰¹

Neste dia, a diretoria do Vasco fez homenagem a quem realmente era merecedor dela. Em discurso antes da partida, o Sr. Raul Campos, presidente do Vasco dizia:

Após a realização de um trabalho continuo e eficaz, em que admiravelmente tem-se conjugado dirigentes e dirigidos, tem o Vasco da Gama oportunidade de entregar ao gozo de seus associados e ao apreço da população sportiva do Rio a primeira e principal parte do seu stadium. A construção que ora se inaugura representa bem a dedicação e o esforço de todos os associados e é a estes que, neste dia, cumprimos o grato dever de os saudar e agradecer-lhes a valiosa contribuição que deram ao seu club.⁹⁰²

O Vasco jogou com uma equipe com algumas modificações no quadro campeão de 1923. Daqueles jogadores, só Nelson, Claudionor, Paschoal, Torterolli, Russinho e Negrito permaneciam. Os outros já não eram os mesmos. A dinâmica própria do futebol, no que tange a substituição incessante – e muitas vezes rápida – de jogadores, já estava em curso. O jogo foi vencido pelo Santos por 5 a 3, o que valeu célebre frase do atacante santista Feitição: “Eles constroem o salão e a gente dá o baile!”.

---

⁹⁰⁰ Na Iconografia: Imagem XL há a cobertura do *Careta* sobre o evento de inauguração do estádio.

⁹⁰¹ *Correio da Manhã*, 21 de abril de 1927.

⁹⁰² *Correio da Manhã*, 21 de abril de 1927.

Aquele estádio, construído à base do esforço da colônia portuguesa, era a grande conquista do Vasco. Palco de muitas manifestações, não só esportivas, mas também políticas, sendo o local preferido para as manifestações do 1º de Maio organizadas sob a égide do governo Vargas durante a década de 1930 e início de 1940. O estádio foi palco da maior renda conseguida na história do futebol conhecido como amador no Rio de Janeiro.

Ainda em 1927, após a inauguração do estádio, a AMEA, desesperada com a situação das transferências de jogadores entre times, resolve fazer uma alteração nos estatutos para inibir a constante troca de jogadores por parte dos clubes. De acordo com os estatutos da AMEA, o jogador, quando fazia a sua inscrição por um clube, só poderia defender aquela agremiação no espaço de dois anos, evitando mudanças de ano a ano. Abriam-se exceções para os clubes que fechassem as suas portas ou a clubes que autorizassem a saída de seus jogadores, fazendo com que as negociações do “passe” de jogadores se tornasse cada vez mais uma realidade.⁹⁰³ A mudança para acabar com aquela “ciranda” de jogadores foi tomada pelo Conselho Superior da AMEA. Em outubro de 1927, a entidade tomava a mais radical postura em relação à transferência de jogadores de toda a época do amadorismo. Os jogadores só poderiam mudar de clube depois de terem jogado por quatro anos na mesma agremiação.⁹⁰⁴ Os defensores do amadorismo corrompido tentavam desesperadamente conter a movimentação e a possibilidade de profissionalização dos atletas de futebol, obrigando-os a permanecer durante quatro anos em uma mesma equipe e, portanto, não podendo aceitar propostas vantajosas para jogar em outra equipe que não a sua. Foram anos duros aqueles em que os jogadores não puderam mudar de time, mas mesmo assim conseguiam fazer transações, mediante a autorização dos clubes detentores de sua inscrição. Os passos para a profissionalização se aceleravam, e o Vasco da Gama tinha muita participação neste processo. Faltava um último e definitivo passo, que era a profissionalização legal dos atletas de futebol. Isso foi feito, também, com a contribuição decisiva do Vasco da Gama, e é o que será analisado no último capítulo deste trabalho.

---

⁹⁰³ *Estatutos da AMEA* publicados em *O Imparcial*, 29 de março de 1924.

⁹⁰⁴ A medida foi tomada em 21 de outubro de 1927 e está publicada nos principais jornais da cidade.

CAPÍTULO 5

O Vasco e a legalização do futebol profissional no Brasil

O ILUSTRE DESCONHECIDO

- Mas afinal, quem é esse Getulio Vargas?

- Homem, não sei bem. Mas creio que é um novo jogador do Vasco.

O Malho, 11 de janeiro de 1930

A Força do Vasco

O “Grande Concurso Nacional Monroe”, promovido pela Cia de cigarros Veado, que elegeu o “Leader dos footballers do Brasil” foi uma das maiores estratégias de publicidade ligadas ao futebol do início do século XX, dando uma demonstração inequívoca do potencial deste esporte para a propaganda. A referida companhia, ao lançar um cigarro novo no mercado – os cigarros Monroe – decidiu organizar um concurso para eleger o jogador mais popular do país. As cédulas de votação eram os maços vazios de qualquer cigarro da Cia. Veado. Na parte da frente desses maços, ao lado do selo de consumo do governo, havia um espaço para se colocar o nome do jogador e o do clube escolhido pelo consumidor. O concurso teve a parceria do jornal *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, onde ficava uma das urnas para o depósito dos votos. A outra urna ficava no escritório central da companhia de tabacos, na Rua da Assembléia, no centro da cidade. Fora do Distrito Federal, havia urnas em todas as sucursais estaduais da empresa e nas sedes do *Diário de São Paulo*, na capital paulista, e do *Estado de Minas*, na capital mineira. O jogador mais votado receberia um automóvel muito apreciado no período, uma “barata” da marca *Chrysler*. Já os consumidores concorreriam a um total de 7 contos de réis em dinheiro, em sorteios realizados uma vez por mês durante a duração do concurso, de janeiro a maio de 1930.

O concurso realmente parou a cidade do Rio, ao mobilizar a população e autoridades em torno da escolha daquele que seria o maior craque do país. Cada clube escolheu aquele que deveria ser seu representante e não mediu esforços para que seu jogador fosse o escolhido. Esta disputa passava a ser uma ótima oportunidade para mostrar não só quem contava com a maior torcida do país, mas também qual era a torcida mais fanática, disposta a gastar dinheiro ou fazer sacrifícios para as conquistas de seu clube.

Rapidamente, dois jogadores apareceram como os mais prováveis vencedores: Russinho, do Vasco da Gama, e Fortes, do Flamengo. Os empresários da colônia

portuguesa logo trataram de se colocar à disposição da nova “causa vascaína”. João Rosa Pereira de Almeida era sócio da fábrica de sabão “Portuguez”. O dono da fábrica contou ao repórter do *Diário da Noite* parte da estratégia para conseguir a vitória de Russinho, “seu amigo”. Uma das táticas consistia em comprar grandes estoques de cigarros e fornecê-los a seus funcionários a preço de custo. Assim, na visão de Almeida, seus trabalhadores fumavam “um óptimo cigarro por um preço mais ‘camarada’”.⁹⁰⁵ Além disso, rifou seu carro, um *Studebaker*. Cada 30 maços de cigarros da Cia. Veado, em branco, valia uma rifa pelo automóvel. As casas do comércio e fábricas portuguesas colocaram urnas para aqueles que votassem em Russinho.⁹⁰⁶

Além da colônia portuguesa, os clubes pequenos passaram a ajudar o Vasco na eleição de Russinho. Agremiações pouco conhecidas como o *Victoria Football Club*, levaram 2.700 maços com o nome de Russinho a São Januário. O *Combinado Jeremias* e o *Sul America Football Club* levaram 1.700 carteiras cada um. Ao todo foram 16 pequenos clubes que arrecadaram mais de 16 mil votos para Russinho.

Apesar do grande apelo do concurso, João Canale, diretor da Cia. Veado, calculava que, no máximo, a empresa conseguiria vender um milhão de maços durante a duração da promoção. Como cada maço de cigarro custava em média 600 réis, a empresa conseguiria um adicional de 600 contos, que era pouco para cobrir as despesas do concurso com os três carros para os três primeiros colocados e mais relógios de luxo para aqueles que ficassem entre a 4ª e a 10ª posições. Canale afirmava que o que movia a sua empresa era o objetivo de “consolidar a colocação do [novo] produto” no mercado.⁹⁰⁷

Porém, os números ultrapassaram, e muito, todas as expectativas. No começo de abril, faltando ainda mais de um mês para o encerramento da entrega dos votos, o número de carteiras contabilizadas já ultrapassava um milhão. O primeiro colocado era Fortes, com 351.694 votos, seguido por Russinho, com 339.834; Filó, representante de São Paulo e jogador do Corinthians, com 232.268 e Nonô, do Fluminense, com 118.987. Os vascaínos intensificaram a campanha pela vitória de Russinho. Ao final do mês, durante um domingo repleto de jogos de futebol na cidade, os torcedores de

---

⁹⁰⁵ *Diário da Noite*, 20 de janeiro de 1930.

⁹⁰⁶ Alguns dos locais eram a *Casa Retroz*, na Rua Uruguaiana, n.77; *Casa Campos*, de Raul e Antonio Campos, na Rua 7 de Setembro; a *Casa Sportman*, de Raul Campos, na Rua Ourives; o *Armazem Cruzeiro*, na Rua Real Grandeza, n.278; a *Chapelaria Loureiro*, na Rua Lauro Muller, 102; a *Chapelaria Leal*, na Rua Uruguaiana, n.116; e a *Companhia Fly-Tox*, no Meyer. *Diário da Noite*, 20 de janeiro de 1930. Posteriormente outras aderiram, como a *Fábrica de Cerveja Brasil*, na rua do Cattete, n.107; e o *Restaurante Pennafiel*, na Rua Senhor dos Passos. *Diário da Noite*, 17 de março de 1930.

⁹⁰⁷ *Diário da Noite*, 2 de abril de 1930.

diversos estádios cariocas foram surpreendidos por um monoplane sobrevoando os campos com a seguinte inscrição na parte de baixo: “VOTAE NO RUSSINHO”.⁹⁰⁸ Durante o mês de maio, o número de carteiras contabilizadas era tão alto, que o periódico que patrocinou o concurso chegou a afirmar que os cariocas se envolviam mais na escolha do maior *footballer* do país do que na eleição para presidente, entre Julio Prestes e Getulio Vargas.⁹⁰⁹ Realmente, os números finais do concurso dão uma idéia do que foi aquele pleito. Russinho ficou em primeiro lugar, com 2.900.649 votos. Fortes foi o segundo, com 2.048.483 votos, seguido por Filó, com 722.563, Friedenreich, com 319.050 e por Nonô, com 129.890. No total, seis milhões⁹¹⁰ de carteiras de cigarros da Cia. Veado foram vendidas, e teve-se certeza de que o futebol poderia ser muito bem utilizado como forma de potencializar os lucros das empresas do período. A revista *O Malho*, ao final do concurso, fez uma reportagem ilustrada com muitas fotos do evento de premiação, dentre elas, algumas de Russinho e de situações que demonstram o envolvimento dos cariocas e de autoridades públicas com o referido concurso.⁹¹¹ O cronista destaca, logo ao início, que “o exito imprevisto alcançado pelo ‘Concurso Monroe’ [...] demonstrou, a par do grande espírito sportivo de nossa mocidade, a efficiencia da intelligencia alliada com a actividade humana a serviço da propaganda commercial”.⁹¹² A grande popularidade de Russinho inspirou Noel Rosa a compor o samba “Quem dá mais?” (epígrafe deste trabalho), em referência ao jogador e ao seu clube.

Nesta altura do estudo cabe uma ressalva. Após a análise a constituição do Vasco da Gama em uma grande equipe de futebol e em um dos maiores, se não o maior, clube do Rio de Janeiro, potencializando a lógica capitalista dentro dos esportes, o caminho para entender o pioneirismo do futebol profissional vascaíno passa por outros dois aspectos não menos inovadores. Torna-se necessário passarmos a outras questões introduzidas, ou pelos menos intensificadas e capitaneadas por dirigentes e jogadores do

---

⁹⁰⁸ O avião, pilotado por Arthur Cunha, passou pelo campo do Bonsucesso, durante o jogo Bonsucesso e Andarahy; por São Januário, durante o jogo Vasco da Gama e São Christovão; pelo campo do Flamengo, durante o jogo Flamengo e Syrio Libanez; pelo campo do Botafogo, no jogo deste clube contra o Bangu; no campo do SC Brazil, em seu jogo contra o Fluminense, além de passar pelo Jockey Clube e por campos dos subúrbios como o do Engenho de Dentro e do Modesto. Antes de aterrisar no Aeródromo de Ramos, passou ainda pela Igreja da Penha. *Diário da Noite*, 21 de abril de 1930.

⁹⁰⁹ *Diário da Noite*, 17 de maio de 1930.

⁹¹⁰ *Diário da Noite*, 4 de junho de 1930. Vale lembrar que as eleições para presidente de 1º de março de 1930, tiveram a participação de pouco mais de 1.800.000 eleitores, daí a comparação do jornal entre a importância atribuída ao concurso e o pleito para presidente.

⁹¹¹ Ver Iconografia: Imagens: XLI a XLIV.

⁹¹² *O Malho*, 14 de junho de 1930.

clube da Cruz de Malta. Basicamente, são duas as atitudes dos dirigentes vascaínos que, no início dos anos 1930, trouxeram novas cores e novas possibilidades para os clubes de futebol do país e para a própria lógica do futebol praticado no Brasil.

A lei dos quatro anos, como ficou conhecida a imposição dos amadores de terem que jogar por esse período pelo mesmo time, não conseguiu romper com as práticas profissionalizantes de seus clubes e, principalmente as do Vasco da Gama. As rendas provenientes da venda de ingressos num estádio como São Januário faziam do Vasco uma equipe poderosa, formada por vários jogadores profissionais, muitos deles das seleções carioca e brasileira. Portanto, era dado o momento da internacionalização da marca “Vasco da Gama”, de mostrar ao mundo civilizado a qualidade dos jogadores brasileiros e a astúcia dos dirigentes representantes de uma colônia de imigrantes no Brasil.

O Vasco seguiu os passos do Paulistano que, em 1925, foi a primeira equipe brasileira a fazer uma excursão à Europa. Em 1931, com uma equipe recheada de craques, muitos deles negros, o Vasco rumou ao Velho Continente para uma excursão em que enfrentaria times do primeiro escalão do futebol europeu, como foi o caso do Football Club Barcelona, sendo apenas a segunda vez que uma equipe brasileira atuava naquela parte do mundo. Foi, portanto, a primeira vez em que um clube do Rio de Janeiro fazia uma digressão pela Europa e, pela primeira vez, os europeus assistiriam aos negros brasileiros em ação com a bola nos pés. Na excursão, o Vasco perdeu dois de seus melhores jogadores para o já futebol profissional espanhol. O grande Barcelona tirou o goleiro Jaguaré e o centro-campista Fausto do Vasco e contratou os dois primeiros jogadores negros de sua história para os seus quadros. Foi o preço de ser a vitrine para os craques brasileiros.

A outra atitude dos dirigentes vascaínos a ser analisada como potencializadora de uma nova ordem no futebol foi, já nos primeiros anos da legalização da profissão de jogador de futebol, aceita pela maior parte dos clubes grandes do Rio e de São Paulo em 1933. Raul Campos, então presidente vascaíno, foi eleito, também, para presidência da primeira liga de futebol profissional do Rio de Janeiro, a Liga Carioca de Futebol. O Vasco da Gama não envidou esforços para compor o maior esquadrão de jogadores profissionais que poderia ser montado, com as maiores estrelas do futebol brasileiro daquele tempo, repatriando os jogadores de centros de futebol profissional como Argentina, Espanha e Uruguai. O Vasco procurava mostrar a todos que aquela seria a maneira correta de se gerenciar o futebol, fórmula que seus dirigentes colocavam em

prática desde 1919, insistindo na contratação de importantes jogadores, em ter uma grande praça de esportes e em conseguir títulos para saciar e alimentar o fanatismo dos torcedores-consumidores. O Vasco não só colocava em prática a sua fórmula, como cobrava de seus parceiros a mesma atitude, para a formação de um campeonato em que os times fossem equivalentes e, ao medir forças, pudessem oferecer, ao público, um verdadeiro espetáculo. De nada adiantava uma equipe formada por craques jogar contra outras com jogadores ruins, pois o campeonato perderia em emoção com apenas uma das torcidas considerando que valia a pena comparecer ao estádio. O Vasco montava um super-time, mas exigia equilíbrio, exigia a contrapartida nas receitas. Era a nova lógica dos esportes profissionais, mais uma vez com o auxílio do Clube de Regatas Vasco da Gama.

5.1 Excursão do Vasco

Após a construção de São Januário, o Vasco passou a um novo patamar na questão das arrecadações com vendas de ingressos, número de sócios, volume de receitas e despesas e de lucros. De acordo com o relatório do ano de 1928,⁹¹³ o Vasco conseguia atingir números que simplesmente o traduziam como o maior clube do Rio de Janeiro. Para observar melhor o nível do clube em relação a seus pares na cidade, vale uma comparação desse documento do Vasco com os relatórios do Fluminense. As tabelas abaixo mostram as despesas e receitas dos clubes durante aquele ano, apenas com o departamento de futebol:

DESPESAS	Vasco da Gama	Fluminense
Refeições	18:572\$100	10:034\$000
Condução	11:162\$100	9:287\$900
Material para treino	45:791\$800	14:800\$800
Prefeitura e AMEA	85:216\$300	51:905\$640
Jogos internacionais (1)	160:810\$600	220:192\$680
Eventuais/Diversas	89:874\$000	10:332\$900
Lavanderia	8:499\$600	
Organização de festivais	16:544\$500	
Total	362:601\$000	331:410\$670

(1) O Vasco fez jogos contra o Wanderers Football Club do Uruguai e contra o Sporting Club de Portugal. O Fluminense só jogou contra o Sporting Club de Portugal. Fonte: Relatórios do Fluminense e Vasco para o ano de 1928.

⁹¹³ *Relatório da Directoria referente a administração de 1928*. Clube de Regatas Vasco da Gama. Rio de Janeiro: Typographia Bebedicto Souza, 1929.

Uma análise rápida destes números, depois do que já foi visto neste trabalho, mostra que o Vasco tinha uma despesa maior com seu time de futebol, da ordem de 30 contos por ano. Quanto às receitas do clube com o futebol, o Vasco da Gama levou pequena vantagem. O clube conseguiu receitas com este esporte através da venda de ingressos para os jogos de seu clube em seu estádio e do aluguel, arrendamento ou administração dos bares no interior da praça esportiva.

RECEITAS	Vasco da Gama	Fluminense
Venda de ingressos	441:038\$930	444:868\$010
Bar do estádio/diversos	13:011\$800	717\$000
Total	454:050\$730	445:585\$010

Fonte: Relatórios do Fluminense e Vasco para o ano de 1928.

A grande receita do Fluminense com a venda ingressos, sendo superior à do Vasco, tem uma explicação, algo já comentado no capítulo anterior. Durante os anos que antecederam a construção do estádio do Vasco, houve uma grande campanha para o aumento do número de sócios do clube, por isso muitos não contribuía para a receita direta com o futebol. Para ser mais preciso, o Vasco tinha em 1928, 6.335 sócios, que geravam ao clube uma receita de 716:281\$000. O Fluminense tinha apenas 3.135, o menos da metade do número de sócios do clube da Cruz de Malta, e talvez por isso, apesar do lucro do departamento de futebol ter sido da ordem dos 114 contos de réis, o clube teve uma receita de 1.483:921\$560 e uma despesa de 1.618:517\$990. Desse modo, acumulava um déficit de 134:324\$740. Enquanto isso, a força associativa dos membros da colônia portuguesa e simpatizantes do clube, aliados a um ótimo gerenciamento do homem de negócios Raul Campos, fazia do Vasco da Gama uma empresa de sucesso. O clube teve uma despesa de 1.268:910\$730 e uma receita de 1.582:079\$360, gerando um superávit de 313:168\$730. Esses números eram muito maiores do que aqueles que aparecem nas atas das assembléias de sócios e da diretoria do Vasco do início da década de 1920. Só para citar um exemplo, de janeiro a maio de 1919, as despesas com o futebol do Vasco foram de 2:158\$000, ou uma média mensal de 431\$600. Em 1928, a média mensal de gastos com a seção de futebol passou para 30:216\$750, um valor 70 vezes mais alto, num período de menos de 10 anos.

O Vasco da Gama mostrava ser uma empresa muito bem gerida dentro do mundo dos negócios em que se transformava o futebol. O futebol brasileiro crescia ano a ano, e as entidades ligadas à sua administração promoviam cada vez mais torneios. A CBD tentava estender os seus domínios para outros estados do Brasil, conseguindo,

assim, uma integração entre as regiões mais distantes. Com essa integração, a Confederação também conseguia a guarda dos interesses do futebol nas principais cidades e estados do país, o que a fez ser sempre considerada pela FIFA como a entidade máxima do futebol brasileiro. Os campeonatos brasileiros do final da década de 1920 já contavam com a participação de Maranhão, Ceará, Pará, Amazonas, Sergipe, Paraíba, Bahia, Alagoas, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Para se ter uma idéia da força do Vasco no futebol desse período, podemos comparar as rendas do Vasco com as da CBD para o ano de 1928. A Confederação obteve receita de 331:863\$220⁹¹⁴ com a venda de ingressos para o Campeonato Brasileiro. O Vasco obteve 441:038\$930 com seus jogos no ano.

As Excursões dos Times de Futebol: Soluções Financeiras

Conforme os periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, uma das práticas mais constantes a que recorriam os clubes, nas três primeiras décadas do século XX, consistia em efetuar excursões para outras cidades e estados do país, com vistas a levantar receitas para os respectivos departamentos de futebol. São muitas as viagens de clubes do Rio de Janeiro, começando com os primeiros jogos envolvendo cariocas e paulistas ainda em 1904. O objetivo desses jogos, num primeiro momento, não era o de levantar dinheiro, mas o de fortalecer o espírito de confraternização gerado pelos esportes naquele período em que o futebol começava a se estabelecer em terras brasileiras.

Com o passar do tempo e com o desenvolvimento deste esporte, receitas e despesas maiores tornaram-se preocupações recorrentes nos departamentos de futebol dos clubes. Novas formas de conseguir receitas eram necessárias. Os clubes começaram, então, a organizar amistosos internacionais e a negociar excursões dentro do país com o objetivo de conseguir maiores arrecadações para a seção de futebol. Eram muitas as excursões a Petrópolis, a Juiz de Fora, a São Paulo. No final da década de 1910, os clubes começavam a se aventurar por terras mais distantes, como o Fluminense, que fez uma excursão à Bahia em 1919. Até equipes consideradas pequenas faziam excursões que pudessem ser interessantes no âmbito econômico.

---

⁹¹⁴ *Relatório de 1928 a 1929 da Confederação Brasileira de Desportos*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1929.

Uma delas era o Comercial Football Club, da próspera cidade de Ribeirão Preto, interior paulista, região de grandes cafezais, no auge da economia cafeeira. Em 1920, o clube conseguiu o feito de ser a primeira equipe paulista a fazer jogos no Nordeste e mostrou a diferença do nível do futebol praticado em São Paulo e o do futebol daquela região. O Comercial fez sete partidas, ganhou seis e empatou uma, feito que lhe valeu o apelido de “Leão do Norte”.⁹¹⁵ A própria equipe do Vasco sempre recebia convites para jogar pelo país, principalmente em regiões próximas ao Rio de Janeiro. O Vasco chegou a recusar uma proposta do Tupy Football Club, de Juiz de Fora - MG, para fazer um jogo na cidade, com despesas pagas para 18 pessoas e mais 200\$000 livres para o clube para “ajudas de viagem”. O valor era pequeno e sequer era suficiente para cobrir o aluguel do campo do Botafogo para apenas uma partida naquela mesma semana, por 250\$000.⁹¹⁶

Essas excursões levam a uma questão interessante no tocante à torcida vascaína que se formava naqueles anos em que o Vasco formava seu time com jogadores oriundos das camadas mais baixas da sociedade e começava a ganhar os primeiros títulos. A torcida é, talvez, mais um elemento relativamente inovador relacionado ao Vasco da Gama. Elemento que se compõe de uma massa de pessoas que formam um conjunto alicerçado em laços de identidade quase tribal, a torcida é levada a cometer verdadeiras loucuras em nome de “sua” equipe de futebol. Repara-se, na leitura dos periódicos, que os vascaínos seguiam o time em todos os estádios. Quando haviam excursões para locais fora do Rio de Janeiro, a diretoria vascaína arrumava mais um jeito de conseguir algum dinheiro. Sabia do fanatismo de seus torcedores e organizava excursões para os vascaínos acompanharem o clube. Dois casos são emblemáticos nessa demonstração da torcida vascaína de se deslocar por grandes distâncias, com caras e precárias condições de transporte, para estar próxima do time.

Em 1924, quando uma excursão para a mesma cidade de Juiz Fora havia sido programada, os dirigentes vascaínos logo se apressaram em divulgá-la:

O Vasco da Gama vae no dia 21 do corrente a Juiz de Fora, disputar um match amistoso com o Tupinambá [Tupy F. C.]. Para esta excursão do club vascaíno, haverá um trem especial, que partindo no dia 20, em hora previamente marcada, regressará no dia seguinte, chegando às 6 horas. As listas de adesões para esta excursão se encontram à Avenida Rio Branco 177 e Rua Uruguayana 97, repectivamente nas casas Campos e Retróz.⁹¹⁷

---

⁹¹⁵ MAAZZONI, T. op.cit., p. 155.

⁹¹⁶ *Actas da Assembleia da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*. 19 de abril de 1922.

⁹¹⁷ *O Imparcial*, 5 de agosto de 1924.

Não era barato ir a Juiz de Fora. Segundo o *Almanak Laemmert*, de 1924,⁹¹⁸ uma passagem de trem para esta cidade custava 26\$800, em segunda classe, e 40\$000, em primeira. As passagens começaram a ser vendidas mais de um mês antes do jogo e eram vendidas nas casas de comércio de propriedade de Raul Campos. Assim, o empresário ganhava dinheiro com a venda de passagens para a viagem e fazia, de certa maneira, propaganda de sua loja. Mesmo com os preços de passagens caros, a torcida vascaína apareceu em grande número na cidade de Juiz de Fora.

“Acompanhando a delegação segue uma grande caravana sportiva, composta de perto de 300 vascaínos. [...] Irão também, á Princeza de Minas, varios automoveis, que farão a viagem pela estrada de Petrópolis”.⁹¹⁹ No dia seguinte, fala-se em 350 vascaínos numa viagem que durava cerca de 6 horas e meia, das 8 e 30 às 15 horas. Isso, sem contar com o retorno, viajando de madrugada e chegando de manhã ao Rio de Janeiro. Até um correspondente especial foi enviado para fazer a cobertura do evento:

ASPECTO DO CAMPO ANTES DO JOGO. JUIZ DE FORA, 21 (Do nosso correspondente especial)

O aspecto do campo em que se vae ferir o encontro entre Vasco e Tupinambá é do mais surpreendente effeito. Todas as classes sociaes se acham representadas. Do lado da geral a multidão de torcedores, locaes de menores posses; nas archibancadas a elite da sociedade juiz de forense.[...] Em conversa que entretivemos com directores da Sub-Liga, ouvimos que é a maior concurrencia aqui verificada em jogos de football. Pode-se, sem exagero, dizer que este jogo movimentou toda a cidade de Juiz de Fora.⁹²⁰

Outro evento que chamou a atenção da imprensa foi o jogo entre os times que se considerava terem o maior número de torcedores nas duas maiores cidades do país, o Palestra Itália, em São Paulo, e o Vasco da Gama, na capital do país.

Quanto às viagens internacionais, os empreendimentos dos clubes brasileiros foram bastante modestos até o início dos anos 1930. É difícil precisar qual foi o primeiro clube brasileiro a atuar no exterior, devido ao fato de existirem inúmeros clubes na fronteira do país, principalmente no Sul, que constantemente faziam jogos internacionais com seus vizinhos uruguaio e argentino. Dos mais conhecidos no Rio e em São Paulo, o primeiro clube que se tem notícia de atuar fora do país, com divulgação da imprensa esportiva da época foi o Americano, de São Paulo, ao fazer uma pequena

---

⁹¹⁸ *Almanak Laemmert: 1924*, Rio de Janeiro, RJ : Typ. Universal de Laemmert, 1925.

⁹¹⁹ *O Imparcial*, 19 de setembro de 1924.

⁹²⁰ *O Imparcial*, 22 de setembro de 1924

digressão pelo Prata⁹²¹ em 1913. O clube fez dois jogos em Buenos Aires e dois em Montevideu. Ganhou apenas na estréia contra um selecionado argentino e perdeu os três jogos seguintes.⁹²²

Doze anos depois do Americano, uma equipe brasileira voltava ao Prata. O Palestra Itália jogou dois jogos em Buenos Aires e mais dois em Montevideu. No Uruguai, enfrentou um selecionado da liga uruguaia formado por quase todos os campeões dos Jogos Olímpicos de Paris de 1924 e perdeu os dois jogos. Na Argentina, mais uma derrota e um empate.⁹²³

Mas a primeira excursão de um time de futebol que mexeu com o país todo foi a ida do Paulistano, da capital paulista, para a Europa, para uma série de amistosos. A imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro acompanhou de perto o time brasileiro, que pela primeira vez aparecia em gramados europeus, no chamado “mundo civilizado”. Os resultados do Paulistano enchiam de orgulho os brasileiros, e a equipe era vista como a legítima representante do futebol brasileiro. O Paulistano fez jogos na França e na Suíça e teve uma campanha impecável. Foram nove jogos, oito vitórias, apenas uma derrota. Vinte e cinco gols marcados e apenas 7 sofridos. As grandes atuações do Paulistano renderam ao clube um apelido dado pela imprensa francesa: “Os Reis do Futebol”.⁹²⁴ A revista *Malho* reproduziu o apelido, estampou uma caricatura em sua capa da edição de 9 de maio de 1925, e colocou no interior da revista, ao lado de um pôster com a foto dos onze “invencíveis”, os seguintes dizeres: “No próximo dia 12, chegam a esta bella capital os bravos patrícios, que no estrangeiro ergueram bem alto o valor da mocidade patria”.⁹²⁵ A recepção no Rio de Janeiro foi estrondosa, com milhares de pessoas no porto à espera da equipe de São Paulo, numa das raras manifestações de êxtase dos torcedores cariocas com uma equipe de São Paulo.⁹²⁶

---

⁹²¹ A expressão “região do Prata” é muito utilizada pela crônica esportiva da época, tanto brasileira quanto argentina e uruguaia, para falar sobre os clubes uruguaio e argentinos. Usarei a mesma expressão ao me referir aos clubes desses dois países.

⁹²² MAZZONI, T. op.cit., p. 87.

⁹²³ Ibidem. pp. 189 e 190.

⁹²⁴ A imprensa paulista, com destaque para *O Estado de São Paulo*, que mandou enviado especial junto à delegação, além de muitos jornais e revistas cariocas, como *O Malho* e *Careta*, deram cobertura à viagem do Paulistano durante os meses de março, abril e maio de 1925. Além disso, um livro foi feito por Araken Patuska, jogador do time do Paulistano que esteve na Europa, contando toda a excursão. PATUSKA, A.op.cit.

⁹²⁵ *O Malho*, 9 de maio de 1925.

⁹²⁶ Os principais jornais do Rio de Janeiro divulgaram com bastante destaque a passagem do Paulistano pela cidade, vindo da Europa e a caminho de São Paulo.

O Vasco da Gama Vai à Europa

Seis anos se passaram até que uma equipe brasileira se achasse em condições de se aventurar em uma empreitada como uma viagem, com todo o time de futebol e o restante da delegação, até o outro lado do Oceano Atlântico. Em 1931, foi a vez do Vasco da Gama organizar uma grande viagem pela Europa para excursionar com a sua belíssima equipe de futebol, campeã carioca de 1929 e proprietária do maior estádio da América do Sul. Para a sorte deste pesquisador, o relatório anual do Vasco da Gama de 1931, em que foi registrada a excursão daquele ano, encontra-se na Biblioteca Nacional. Esse documento, assim como a leitura dos periódicos cariocas, as atas da assembléia da diretoria, documentos do próprio F.C. Barcelona, além da leitura de periódicos espanhóis e portugueses do período em que o Vasco esteve nesses países podem ajudar a contar este importante capítulo da história do futebol brasileiro. Não só pelas façanhas do Vasco dentro de campo, nem pela repercussão na imprensa européia e brasileira, mas principalmente por colocar os jogadores brasileiros na vitrine do maior e mais importante mercado de jogadores de futebol do mundo, como era o caso do futebol profissional na Espanha.

A idéia do Vasco era fazer uma excursão que levasse em conta três aspectos: o esportivo, o cordial e o financeiro. Podemos afirmar, em linguagem mais moderna, que o objetivo do Vasco com essa viagem era a “internacionalização da sua marca”, ou seja, a transformação do clube em uma agremiação conhecida dos europeus, mostrando o valor do futebol brasileiro e demonstrando a força que a colônia de imigrantes portugueses havia conquistado em terras americanas. Para o mentor de todo o projeto, o presidente Raul Campos, a idéia era passar por Espanha, França, Itália e, claro, Portugal. O presidente fez contato com clubes espanhóis de grande porte, como o Barcelona e o Celta, da cidade de Vigo. Em Portugal, uma cisão (lá também) entre a Associação de Lisboa e a Federação Portuguesa de Futebol quase colocou em risco a ida do Vasco àquele país. O clube conseguiu contornar a situação, jogando com os clubes das duas associações e não se metendo na política interna do futebol português. Para levar o Vasco à França, Raul Campos enviou telegramas ao todo poderoso Jules Rimet, sem obter sucesso na negociação de partidas em solo francês. No caso de jogos na Itália, o presidente vascaíno tentou contato com o brasileiro Amílcar Barbuy, que se encontrava já como profissional do futebol na Itália. Sem sucesso nos contatos com o brasileiro, tentou inutilmente armar amistosos com equipes que já haviam visitado o Brasil, como a Ambrosiana F.C., o Torino F.C. e o Genova F.C..

O dirigente não conseguiu todos os jogos que pretendia, mas conseguiu marcar um bom número de partidas na Península Ibérica. Ao todo, foram agendadas 13 partidas na Europa, seis na Espanha e sete em Portugal. E, com todo o pesar das vitórias do Paulistano em 1925, o Vasco da Gama enfrentou equipes de muito mais peso no futebol europeu do que a equipe paulista. Em Portugal, enfrentou os chamados três grandes, Football Club do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Club de Portugal. Na Espanha, marcou jogos com Real Club Celta de Vigo e com os gigantes Futbol Club Barcelona e Real Madrid, apesar deste último ter desmarcado as duas partidas quando o Vasco já estava em território espanhol. O Vasco dava um passo decisivo na tentativa de se estabelecer como um dos grandes clubes de futebol do mundo, apenas 15 anos após participar do primeiro torneio de sua história.

A viabilização econômica da viagem contou com as hábeis negociações do empresário Raul Campos. Caso a caso, Campos analisou qual seria a melhor maneira de negociar quotas das receitas com a venda de ingressos com os clubes que iria enfrentar. Para começar a fazer a viagem valer, duas partidas foram marcadas em duas paragens do navio rumo à Europa, uma em Salvador, e a outra em Recife. Nessas duas cidades o clube conseguiu marcar um jogo com selecionados locais e ficou com 70% da receita com a venda de ingressos. Para os dois jogos em Vigo, contra o Celta, Campos conseguiu a mesma porcentagem. Em Portugal, dos sete jogos, conseguiu negociar uma cota de 60% das receitas de porta. Apenas com o Barcelona e com a Associação Ovarense, é que o Vasco recebeu uma quota fixa. Para o jogo com a Ovarense, o valor negociado foi tão baixo que deve ter sido por mera benevolência a atitude de jogar com a modesta equipe da cidade de Ovar, ao norte de Portugal. No caso do Barcelona, o dirigente vascaíno aceitou o valor fixo, por saber que o Barcelona era uma equipe parecida com o Vasco, no quesito número de sócios. Como o Barcelona era um clube com muitos sócios, poucos pagavam ingresso, portanto, não havia porque travar grandes discussões em torno da receita do jogo. O confronto valia por si mesmo, por representar um espetáculo capaz de consolidar o prestígio internacional que começava a acompanhar a trajetória do time.⁹²⁷ Com essas rendas, o Vasco tinha que pagar todas as despesas da viagem, incluindo passagens de navio, hospedagem, alimentação e as famosas ajudas de custo para jogadores e treinadores.

---

⁹²⁷ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

Como era de costume quando um clube fazia excursões, o Vasco tentou reforçar o seu quadro para ir à Europa com um time ainda mais forte. O clube convidou cinco atletas de alto nível para integrarem a sua comitiva, com a total autorização de seus clubes. Três desses jogadores eram do Botafogo, Nilo Murtinho Braga, Carlos Leite e Benedito Moraes de Menezes, que prontamente aceitaram o convite. Outro convidado era um jogador revelação do campeonato carioca, um defesa negro, alto, de muita técnica, que atuava no Bangu. Seu nome era Domingos da Guia e tinha 18 anos. O convite foi feito pelo próprio Campos ao jogador e ao tesoureiro do Bangu, que deveria intermediar o empréstimo. Segundo Domingos, o tesoureiro do seu clube, Benjamim Galego, convenceu o jogador a pedir 10 contos de réis para ir com o Vasco. O defensor foi levado a um restaurante pelo tesoureiro para negociar com o presidente vascaíno. Assustado com o pedido do jogador e “um tanto decepcionado pelo [seu] aspecto”,⁹²⁸ como afirmou o jogador anos depois, Campos encerrou as negociações e não levou Domingos. O último convidado foi Fernando Giudicelli, do Fluminense, que aceitou prontamente o convite vascaíno. O jogador do Fluminense, descendente de italianos, investia em uma ida à Europa para lá ficar, obviamente sem ninguém desconfiar de nada. Mas no último jogo antes da partida com o Vasco, ainda jogando pelo Fluminense, Giudicelli deixou muita gente desconfiada. Arrumou confusões durante todo o jogo e agrediu com violência o árbitro da partida em que seu clube perdeu do Botafogo.⁹²⁹ O jogador foi suspenso pela AMEA quando o time já estava a caminho, rumo à Europa, e ficou proibido de atuar pelo time, mesmo longe do país.⁹³⁰ A delegação do Vasco, nas palavras de seu presidente, era “um verdadeiro selecionado”.⁹³¹ Além dos quatro reforços acima, o Vasco levava nove dos onze titulares campeões cariocas de 1929, dentre eles o goleiro Jaguaré Bezerra da Silva, negro como o ídolo anterior Nelson, e o *center-half* Fausto dos Santos, apelidado de “Maravilha Negra” quando de sua participação na primeira Copa do Mundo em 1930, no Uruguai. O próprio time do Vasco era muito forte, ainda mais com três jogadores que participaram da Copa de 1930: Brilhante, Itália e Russinho, este último o único jogador remanescente do time campeão de 1923, artilheiro do Campeonato Carioca de 1929 e detentor do título de jogador mais popular do Brasil, vencedor do “Grande

---

⁹²⁸ Entrevista de Domingos da Guia na série “Tragédias do Futebol Brasileiro”. *Última Hora*, 29 de junho de 1959.

⁹²⁹ *Jornal do Brasil*, 6 de junho de 1931.

⁹³⁰ *Correio da Manhã*, 9 de junho de 1931.

⁹³¹ *Correio da Manhã*, 7 de junho de 1931.

Concurso Nacional Monroe”, promovido pela Cia de cigarros Veado, como visto anteriormente.

Tudo estava pronto para a viagem, e o Vasco fez o seu último jogo do campeonato contra o Bangu com os jogadores já embarcados no navio “Alianza”. Horas antes do jogo, os jogadores foram para o estádio do Fluminense, jogaram, venceram o Bangu por dois a zero e voltaram ainda uniformizados para o navio, que partiria em poucos minutos. Antes do embarque, Raul Campos enviou uma carta aos periódicos da Capital dirigida aos “brasileiros do sport”. Nela, o presidente afirmava que o Vasco ia à Europa em buscas de glórias para o Brasil. Em um dos trechos da carta afirmava:

O Vasco se vae tentar algumas glorias para o seu modesto reducto conta alcançal-as com vaidade e orgulho, porque as offerecerá ao Brasil, trabalhando no sentido de tudo quanto fizer em qualquer ponto, reflecta sempre pelo bem do Brasil, pelo seu conceito sportivo, pela sua situação moral, pela efficiencia eugenica de sua gente hospitaleira.⁹³²

No embarque para a Espanha, o porto ficou absolutamente cheio de gente para a despedida da equipe.

“Nunca se viu tanta gente num embarque de delegação sportiva. As portas da estação de embarque foram invadidas pela avalanche popular, tornando-se difficil o ingresso dos proprios excurcionistas”.⁹³³ A viagem transcorreu sem problemas e, à chegada à Espanha, os dirigentes souberam da desistência do Real Madrid para realizar os amistosos contra o Vasco. Se um dos gigantes do futebol europeu não se dispôs a jogar contra o Vasco, outro gigante estava pronto para receber e jogar pela primeira vez contra uma equipe brasileira. Um clube de futebol, um dos maiores clubes de futebol da Europa, para seus torcedores “mais que um clube”, uma verdadeira expressão da cultura catalã, o F.C. Barcelona.

Barça: Més que um Club

A estréia do Vasco da Gama nos gramados europeus foi também o seu compromisso mais difícil. Duas partidas contra uma das equipes mais poderosas da Espanha e do Velho Continente. O Barcelona, assim como o futebol na Espanha, já convivia com o profissionalismo de maneira aberta e legalizada e tinha um time composto por jogadores profissionais. O “Barça”, como é conhecido, situado na Catalunha, sempre foi um clube que se orgulhou de representar e simbolizar uma região

---

⁹³² *Correio da Manhã*, 9 de junho de 1931.

⁹³³ *A Noite*, 8 de junho de 1931.

orgulhosa, por sua vez, em ter uma cultura própria. Durante os anos 1920, a Espanha passou por um momento conturbado e uma ditadura do General Primo de Rivera controlou o país de 1923 a 1930. Rivera não tolerava manifestações do nacionalismo catalão e basco, em franco desenvolvimento naquele momento.⁹³⁴ O ditador proibiu a exposição da bandeira da Catalunha e a utilização pública da língua catalã. O Barcelona se tornou então uma “instituição definidora do nacionalismo catalão”,⁹³⁵ escrevendo suas atas, como ainda o fazem, em catalão e desafiando o governo de Rivera com manifestações durante os jogos. Sob a presidência de Joan Gamper, passou por momentos difíceis, inclusive com o fechamento do estádio e do próprio clube. O governo de Rivera acabou em 1930, mas a prática da utilização do Barcelona como receptor e divulgador da cultura catalã se tornou um dos mais importantes fatores para arregimentar fanáticos torcedores para o clube, que tentava mostrar através de suas vitórias em campo sua suposta superioridade em relação aos espanhóis.

O Vasco não enfrentava apenas um clube de futebol, mas uma instituição que se auto-proclamava e era proclamada por muitos como o símbolo máximo da cultura, da resistência e do espírito combativo do povo catalão. Mas, se os “barcelonistas” tinham essa auto representação, a multifacetada e multiétnica equipe do Vasco também lutava por muitas conquistas, tanto simbólicas quanto concretas. Como vimos na carta de Raul Campos, o clube da colônia buscava uma identificação com o Brasil, buscava ser um representante da cultura brasileira e conquistar o apoio e admiração de todos, como havia conseguido o Paulistano, ajudando a superar ainda mais o sentimento anti-lusitano depositado no Vasco. Para os dirigentes era ainda a forma de exibir um projeto vencedor e ser motivo de orgulho para o povo na terra natal, em Portugal. Mas para cada jogador, a excursão do Vasco era uma oportunidade única de se mostrar para os clubes europeus e tentar arranjar um contrato com algum clube como jogador de futebol profissional. A onda de contratações de jogadores brasileiros havia se iniciado no começo do ano com a ida de vários deles paulistas, de origem italiana, para os clubes da Itália, como será visto mais à frente. Os jogadores brasileiros sabiam que se pagava muito bem na Europa, com contratos de um ou dois anos, salário fixo e mais premiação por vitória e empate. O time do Barcelona, por exemplo, tinha jogadores que chegavam

---

⁹³⁴ HOBBSAWM, E. J. op.cit. (1998) p.168.

⁹³⁵ FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: *Um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. pp. 174 e 175.

a receber 800 pesetas (880\$000)⁹³⁶ de salário e mais premiações de 50 pesetas (55\$000) por vitória e 25 por empate (27\$500),⁹³⁷ valores um pouco maiores do que ganhava em média no Brasil um mestre de torneio no Rio de Janeiro (900\$000) em 1930.⁹³⁸ Mas o Vasco da Gama não se intimidou e, com sua equipe reforçada, enfrentaria o Barcelona em dois dias seguidos.

A chegada da delegação vascaína a Barcelona foi marcada por muita pompa. Além dos periódicos cariocas acompanharem os jogos e darem notícias sobre o andamento da excursão, o diário esportivo espanhol “Mundo Deportivo” deu amplo destaque para a chegada e para toda a estadia do Vasco da Gama na cidade de Barcelona. Na primeira página do jornal desportivo mais popular da Catalunha, quase um quarto do espaço foi dedicado ao Vasco da Gama. A chamada da notícia, um tanto quanto exagerada, tentava dar conta da grandeza do Vasco, o que, nas entrelinhas, enaltecia o próprio Barcelona: “*EL VASCO DA GAMA EN BARCELONA. Um club com 6.000 socios, com um estadio capaz para 60.000 almas. Nueve jugadores internacionales*”.⁹³⁹

Exagero à parte com a capacidade do estádio vascaíno, a reportagem tinha uma foto de São Januário, além de fotos de quatro jogadores: Fausto, Itália, Sant’Anna e Russinho, que também concedeu uma entrevista ao jornal. O presidente do Vasco também foi entrevistado nesse dia, quando o repórter perguntou a Raul Campos:

- *Serán ustedes amateurs?*

[Campos] – *Completamente.*

- *Marrones, no?*

- *Tampoco. Si el Vasco da Gama pagasse sueldos a los jugadores no tendria la potencia que tiene en la actualidad.*

É interessante notar que na Espanha se usava o mesmo jargão que no Brasil, no tocante ao pagamento disfarçado dos atletas, o “amadorismo marrom”. A informação exagerada de que o estádio de São Januário tinha capacidade para sessenta mil pessoas foi dada ao repórter por José da Silva, dirigente vascaíno. Ela revela a necessidade do Vasco de se mostrar ainda maior do que era. A Russinho foi perguntado se havia grande “*afición*” ao futebol no Brasil. Citou, como exemplo de paixão pelo futebol, o concurso

---

⁹³⁶ O câmbio utilizado nos cálculos para o ano de 1931 foi o publicado em *Jornal do Commercio* em 2 de janeiro de 1931.

⁹³⁷ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 15 de Enero de 1931. Sueldo de José Samitier, jugador.

⁹³⁸ LOBO, E. M. L. op.cit. (1978) p.682.

⁹³⁹ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 26 de junho de 1931. Ver Iconografia: Imagem XLV.

que ganhou de jogador mais popular do Rio de Janeiro, com mais de cinco milhões de participantes. Apesar da juventude de seu departamento de futebol, de apenas quinze anos, o Vasco foi tratado pelo jornal como “*uno de los primeros valores del fútbol sudamericano y decididamente uno de los mejores conjuntos que de ultramar han venido al viejo continente para actuar en los campos de Europa*”. O jornal descreveu o irretocável histórico de encontros internacionais do Vasco, com vitórias sobre equipes como Ferencvaros, Torino e Chelsea, e de sua trajetória na primeira divisão do futebol carioca, com 91 jogos disputados, 72 vitórias, 10 empates e apenas 9 derrotas. A expectativa para a primeira partida era grande e assim se encerrava a reportagem: “*Veremos, pues, lo que resulta de los choques entre brasileños y catalanes*”.

No jornal esportivo, a propaganda do jogo anunciava, em catalão, a “*presentació del formidable equip CLUB VASCO DA GAMA contra FUTBOL CLUB BARCELONA*” com ingressos de 2,50 e 6,00 pesetas (2\$750 e 6\$600, respectivamente). Como podemos observar, havia ingressos mais caros do que os praticados em grandes cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, em 1931, o ingresso mais barato, o das gerais, custava 2\$200 para o campeonato carioca. Quanto aos jogos internacionais, interestaduais ou da seleção, os preços subiam e chegavam a 4\$400 o mais barato. Os ingressos mais caros daquele jogo, no estádio de Les Corts, do próprio Barcelona e com capacidade para 30 mil espectadores, eram mais baratos que os mais caros cobrados no Brasil. A direção do Vasco, por exemplo, vendia ingressos de camarotes a 20\$000. Os ingressos mais caros cobrados pelo Barcelona correspondiam a jogos do campeonato espanhol, como o jogo contra o Valencia F.C. ao preço de 15,00 pesetas, ou 16\$500, ou ainda na final do campeonato espanhol de 1932, contra o Athletic de Bilbao, uma equipe que encarnava o espírito do nacionalismo basco, com ingressos entre 6,00 (6\$600) e 20,00 (22\$000).

Os jogos contra o Vasco da Gama foram agitados e tiveram boa assistência. Na primeira partida, a equipe do Vasco jogou com a equipe do Barcelona, que usualmente disputava o campeonato espanhol, com jogadores como Zabalo, que chegou a disputar a Copa do Mundo de 1934, na Itália. O Barcelona fez dois a zero, e os reforços do Botafogo, Nilo e Carvalho Leite, empataram. No final do jogo o extrema direita da equipe “*blau grana*”,⁹⁴⁰ Piera, fez o gol que garantiu a apertada vitória do Barcelona. Apesar da derrota, a linha média “*composta de tres jugadores mulatos*” impressionou o repórter de *El Mundo Deportivo*, que afirmou ainda que a equipe vascaína havia

---

⁹⁴⁰ Referência em catalão às cores azul e vermelho do uniforme do clube.

causado “*excelentissima impression. Son rapidos, tienen un gran control de la pelota y conocen del futbol quanto se puede conocer*”.⁹⁴¹ No dia seguinte, o Vasco substituiu apenas dois jogadores e jogou novamente com o Barcelona,. O Barcelona manteve a base da equipe, trocando quatro jogadores. Um deles, Zamora, goleiro em negociação com o clube, recebeu 300 pesetas⁹⁴² (330\$000) só para ser uma das atrações do segundo jogo. E pela primeira vez na história, um clube brasileiro venciu um dos mais poderosos clubes do mundo fora do Brasil. Era apenas o segundo jogo de uma equipe brasileira na Espanha e uma vitória apertada, de 2 a 1, com um gol de Russinho ao final de jogo, que deu ares heróicos ao feito da equipe vascaína.

A renda dos jogos não foi das maiores, se levarmos em conta outras do clube durante o campeonato espanhol, mas vale dizer que os jogos, ao final do mês de junho, com a temporada espanhola encerrada e com o verão catalão quase a chegar, não foram de todo ruins no aspecto financeiro. O primeiro jogo teve uma renda de 8.243,65 pesetas, ou 9:068\$015, enquanto o segundo alcançou uma renda ligeiramente maior, 11.131,50 pesetas, ou 12:266\$650. Raul Campos aceitou uma cota fixa (*subvención*) de 12.000 pesetas (13:200\$000).⁹⁴³ Se tivesse negociado, como conseguiu com o Celta Vigo, para ficar com 70% da receita com venda de ingressos, teria conseguido 13.562,60 pesetas (20:343\$900), 1.562,60 a mais do que conseguiu com a cota fixa. Nos relatórios do Vasco, foi usado o câmbio de 1\$500 a peseta, pois o relatório foi escrito ao final de 1931, quando a cotação da moeda espanhola estava em 1\$450.⁹⁴⁴ De qualquer maneira, em pesetas, que foi a moeda que Raul Campos recebeu dos dirigentes do Barcelona, o clube teve uma pequena perda de cerca de 13%.

Como o sucesso financeiro não era o que mais interessava, a vitória contra o Barcelona foi o que de fato contou naquele momento. Até porque rendas de 12 a 18 contos, o Vasco conseguia com certa facilidade em qualquer jogo com um dos grandes do Rio de Janeiro. A digressão do Vasco pela Península Ibérica prosseguiu com dois jogos contra o Celta em Vigo, na região da Galícia, norte da Espanha, apenas seis dias após o último jogo em Barcelona e após longa viagem pelo norte da Espanha até o sul do território galego, já quase na fronteira com o norte de Portugal. Mais dois jogos colocaram à prova “*los brasileños*”. No primeiro jogo, nova derrota pela diferença

---

⁹⁴¹ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 29 de junho de 1931.

⁹⁴² *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 30 de junio de 1931.

⁹⁴³ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 30 de junio de 1931.

⁹⁴⁴ Câmbio de 2 de janeiro de 1932 no *Jornal do Commercio*.

mínima de um gol. Após gol de Russinho, o Celta conseguiu a virada ainda no primeiro tempo e, após um segundo tempo todo de domínio vascaíno, o resultado acabou em 2 a 1, e o público em Vigo saiu “*satisfecho habiendo gustado mucho el equipo brasileño*”.⁹⁴⁵ Esse jogo teve uma receita com a venda de ingressos de 5.975,00 pesetas e coube ao Vasco 4.185,50 (6:273\$700)⁹⁴⁶ relativos aos 70% da quota negociada com o Celta.⁹⁴⁷ Dois dias depois, perante uma assistência bem menor, o Vasco impressionou a todos. Assim como o Paulistano havia feito um placar favorável de 7 a 2 contra um selecionado francês em sua excursão à França e Suíça, o Vasco fazia um placar ainda mais elástico, 7 a 1. O jornalista de *El Mundo Deportivo* elogiava a equipe brasileira e dizia ser ela uma representante digna da “*elevada clase del fútbol sudamericano*”,⁹⁴⁸ mas lembrava que a temporada do Barcelona havia sido das mais estafantes e que o Celta havia decaído do belo time que tivera no início da década de 1920 e que só agora se recuperava, sendo o atual campeão da Terceira Divisão Espanhola. O jogo resultou em uma renda de 4.086,20 pesetas, cabendo ao Vasco 2:860\$000 (4:290\$000).⁹⁴⁹ Assim, o Vasco encerrou a sua “*tournee*” na Espanha, com 2 derrotas por diferenças mínimas e duas vitórias, uma frente ao poderoso Barça e outra por uma larga goleada. “*No podrán estar descontentos los brasileños de la excursión em España*”.⁹⁵⁰ Era chegado o momento de rever as raízes e partir para mostrar aos portugueses o fruto da obra de seu povo nas terras brasileiras.

Os “Representantes de um Pedaco de Portugal no Brasil”

Assim o Diário de Notícias, de Lisboa, chamava o clube Vasco da Gama quando a equipe chegou a Portugal para uma série de oito amistosos. Mais adiante, na mesma crônica, o jornalista fazia votos pela “prosperidade do Vasco da Gama que é, pela mão de Raul de Campos, uma das mais solenes afirmações de amor e dedicação por

---

⁹⁴⁵ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes.* Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 6 de julio 1931 – Edición de la Noche.

⁹⁴⁶ Ao cambio de uma peseta a 1\$500, publicadas no relatório do Vasco da Gama. Vale ressaltar que, para o dia 9 de junho de 1931, o *Correio da Manhã* indicava que a peseta estava cotada entre 1\$306 e 1\$365.

⁹⁴⁷ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932..

⁹⁴⁸ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes.* Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 9 de julio 1931.

⁹⁴⁹ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

⁹⁵⁰ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes.* Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 9 de julio 1931.

Portugal, que aos portugueses pode ser dado a encontrar no Brasil”.⁹⁵¹ A passagem do Vasco por Portugal foi cheia de recepções, festividades e até mesmo convites para os famosos teatros de revista do Teatro Avenida. Os dirigentes do clube levaram os jogadores, às vésperas do primeiro jogo em Lisboa, ao Mosteiro dos Jerônimos, para colocarem uma coroa de flores no túmulo de Vasco da Gama,⁹⁵² num dos atos simbólicos de maior destaque da viagem.

O jogo de estréia foi contra a conhecida equipe do Benfica, e o placar deixou boquiabertos os cronistas portugueses. Uma goleada de 5 a 0 para o Vasco numa “*lição de técnica e de presença no campo*”.⁹⁵³ O resultado em cima do campeão português foi conseguido com extrema facilidade, e para os próximos jogos o cronista alertava que o Vasco havia apresentado “um *team* que nenhum apaixonado da bola deve deixar de ver”.⁹⁵⁴ O jogo com o Benfica teve de receita com a venda de ingressos o total de 40.205 escudos, cabendo ao Vasco 23.835 escudos (15:969\$500), correspondentes aos 60% de quota negociados com os clubes portugueses.⁹⁵⁵

O segundo jogo dos vascaínos foi contra um selecionado da Associação de Football de Lisboa, com jogadores do Benfica, do Casa Pia e do Vitória, da cidade de Setúbal. Apesar da vitória por 4 a 2, a delegação do Vasco deixou uma péssima impressão junto à imprensa esportiva portuguesa. Após não concordarem com a marcação de uma penalidade máxima para os portugueses por uma suposta mão na bola de Brilhante dentro da área do Vasco, Jaguaré e Fausto tomaram atitudes nunca antes vistas, nem mesmo por seus companheiros mais antigos. Jaguaré, no momento em que Anibal José foi bater o pênalti, atirou a sua boina para o chão. O jogador português, atrapalhado, chutou a bola por cima da balisa. O árbitro mandou voltar a cobrança e Fausto, revoltado, colocou a bola na marca de cobrança da penalidade e cuspiu na bola. Novo erro e nova cobrança sob a alegação de que Jaguaré havia mexido seus pés antes do chute do adversário, proibido segundo a regra. A revolta tomou conta do time do Vasco, que só não abandonou o campo por intervenção direta de seus dirigentes. A imprensa esportiva portuguesa se decepcionou com a atitude dos jogadores. “Os brasileiros confirmam a sua classe, mas deslustram bastante a exibição com uma

---

⁹⁵¹ *Diário de Notícias*, 10 de julho de 1931. Centro de Documentação e Informação – Lisboa, Portugal.

⁹⁵² *Diário de Notícias*, 11 de julho de 1931. Centro de Documentação e Informação – Lisboa, Portugal.

⁹⁵³ *O Sport*, 10 de julho de 1931. Arquivos do Sport Lisboa e Benfica – Lisboa, Portugal.

⁹⁵⁴ *Diário de Notícias*, 13 de julho de 1931. Centro de Documentação e Informação – Lisboa, Portugal.

⁹⁵⁵ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932. O câmbio utilizado no relatório foi de um escudo a \$650, aproximando do câmbio de \$648 publicado no Correio da Manhã em julho de 1931.

deplorável série de incorreções”⁹⁵⁶ e “No capítulo comportamento os homens do Vasco da Gama deixaram muito a desejar”⁹⁵⁷ foram algumas das declarações da imprensa lisboeta a respeito do episódio.

Após a segunda vitória na capital portuguesa, o Vasco faria mais uma viagem, desta vez ao Norte de Portugal, para enfrentar uma das mais fortes equipes locais, o Football Club do Porto, da cidade de mesmo nome, a segunda maior de Portugal e importante centro econômico do país. A equipe do Porto havia perdido o campeonato português da temporada 1930/1931 para o Benfica, grande rival da capital. Uma vitória sobre o Vasco poderia redimir o clube e provar que o que havia acontecido no campeonato português era um mero acaso, uma vez que o Benfica foi batido por 5 a 0. Muitas honras foram oferecidas aos jogadores e dirigentes do Vasco durante a viagem e mesmo na chegada à cidade do Porto. A Associação de Futebol de Coimbra ofereceu um “Porto de Honra”, um brinde com o tradicional vinho português, na passagem do Vasco pela cidade, com grande recepção e a presença de ilustres membros do meio acadêmico. Foram oferecidos banquetes na sede do Lloyd Brasileiro e, já no Porto, cafés e vinhos à delegação, com a presença de autoridades da cidade e do cônsul brasileiro, Borges da Fonseca.⁹⁵⁸ A expectativa para o jogo foi muito grande. O público foi o maior de todas as partidas que o Vasco jogou na Europa, e foi também a que mais rendeu dividendos ao clube, um total de 29.067 escudos (19:474\$400), valor correspondente aos 60% da renda de 48.445 escudos,⁹⁵⁹ que foi conseguido com a venda de ingressos. O Vasco da Gama, mais uma vez, se sobressaiu e venceu por 3 a 1 o Football Club do Porto.

Ainda haveria uma outra partida contra essa equipe, mas marcada para uma semana após a primeira. O Vasco aproveitou então para fazer duas partidas nesse intervalo, sendo um jogo na própria cidade, contra um combinado de jogadores do Boavista e do Varzim, e outro contra um combinado de jogadores da Ovarense, da cidade de Ovar, e da Academica de Coimbra. Os dois jogos, contra equipes relativamente fracas, apesar de todas da primeira divisão daquele país, foram bastante tranquilos e duas goleadas foram aplicadas. Primeiro, uma elástica vitória por 9 a 2 e, depois, em Ovar, mais uma goleada de 6 a 2. Nesses jogos, o Vasco usou jogadores

---

⁹⁵⁶ *O Sport*, 17 de julho de 1931. Arquivos do Sport Lisboa e Benfica – Lisboa, Portugal.

⁹⁵⁷ *Diário de Notícias*, 16 de julho de 1931. Centro de Documentação e Informação – Lisboa, Portugal.

⁹⁵⁸ *O Sport*, 19 de julho de 1931. Arquivos do Sport Lisboa e Benfica – Lisboa, Portugal.

⁹⁵⁹ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

reservas como Fernando Giudicelli, o jogador do Fluminense que havia agredido o árbitro antes do embarque para a Europa. O jogo contra o Varzim não está sequer nos registros do relatório do Vasco de 1931, e a ficha do jogo aparece apenas no jornal *A Noite*.⁹⁶⁰ O jogo contra o combinado Academica/Ovarense rendeu ao clube a pequena quota fixa, muito baixa, de 1.000 escudos (670\$000).

A segunda partida contra o Porto foi uma verdadeira guerra. Nos termos do relatório vascaíno, “Quiseram os da cidade do Norte indirectamente justificar a injustiça da sua derrota no certame nacional”.⁹⁶¹ O Porto venceu por dois tentos a um, e os jogadores do Vasco, inconformados com os desmandos da arbitragem, abandonaram o campo após o segundo gol da equipe “portista”.⁹⁶² O jogo teve renda de 25.905 escudos, dos quais 15.543 (10:413\$800) couberam ao Vasco da Gama como quota de participação.

De volta à região de Lisboa, o Vasco ainda teria mais dois compromissos. Um deles, contra o Vitória, da cidade de Setúbal, próxima de Lisboa. Quatro dias depois de sua primeira derrota em Portugal, empatou em 1 a 1 com os “setubalenses” e conseguiu 6.963 escudos (4:665\$200) como quota das receitas do jogo. O último jogo do Vasco seria um dos mais difíceis de sua excursão portuguesas. O Sporting Club de Portugal, que havia brigado com os outros clubes de Portugal e era o campeão de Lisboa e da Taça de Lisboa, poderia enfrentar a equipe que havia vencido seus grandes rivais, Benfica e Porto. Uma vitória por 4 a 1 sobre o campeão da capital portuguesa e uma apresentação irretocável parecia fazer com que a crônica esportiva portuguesa deixasse de lado os incidentes ocorridos dias antes quando os jogadores vascaínos foram considerados indisciplinados.⁹⁶³ O Vasco conseguiu uma renda razoável nesse jogo, 9.930 escudos (6:291\$300), ou 60% do total arrecadado com a venda de ingressos (15.650 escudos).

Assim terminava o giro vascaíno pela Europa, ou, mais precisamente, pela Península Ibérica. A excursão não foi um sucesso em termos econômicos, mas, ao menos, não deu prejuízos. O clube teve despesas dentro do navio *Alianza*, na ida e na volta, da ordem de 3:956\$050 (1:087\$800 em telegramas, 2:577\$150 em gratificações, 84\$100 com o bar e mais 207\$000 com os gastos do treinador Harry Welfare). Na

---

⁹⁶⁰ *A Noite*, 16 de agosto de 1931.

⁹⁶¹ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932. p. 156.

⁹⁶² *Diário de Notícias*, 27 de julho de 1931. Centro de Documentação e Informação – Lisboa, Portugal.

⁹⁶³ *O Sport*, 4 de agosto de 1931. Arquivos do Sport Lisboa e Benfica – Lisboa, Portugal.

Espanha, as despesas chegaram a 27:236\$500 (10:705\$350 em hotéis, 11:183\$200 com passagens, 1:155\$450 em refeições avulsas e 4:192\$000 em gastos eventuais). Em Portugal as despesas chegaram a 43:568\$300 (20:729\$900 em hotéis, 9:653\$300 com passagens, 1:462\$800 em refeições avulsas e 11:721\$700 em gastos eventuais). O custo das passagens de ida e volta à Europa chegou a 15:341\$850 e, no total, as despesas chegaram a 90:102\$700, além de um gasto designado como “*conta corrente*” da ordem de 2:789\$900. O Vasco teve como receitas de jogos 112:955\$300, mais uma receita eventual de 200\$000. Logo, no balanço final, a excursão teve um lucro de 20:262\$700, o que era pouco para o que o Vasco já havia se acostumado a lucrar com suas rendas altíssimas no Estádio São Januário. A grande vitória do Vasco foi a sua própria exposição e as vitórias no campo, que colocaram o futebol do clube do Rio de Janeiro e do país na mais importante vitrine do futebol mundial. Os números da excursão foram animadores e encheram de orgulho os brasileiros. Foram doze jogos, oito vitórias, um empate e três derrotas, com 45 gols marcados e apenas 19 sofridos. O clube tinha muitos motivos para comemorar a sua excursão, mas havia um preço pelo sucesso em terras européias, onde o profissionalismo estava em pleno desenvolvimento. Os jogos do Vasco na Europa foram exibidos no Cinema Eldorado, no Rio de Janeiro.⁹⁶⁴ Na volta para o Brasil, após o jogo do Sporting, o jogador do Fluminense, Fernando, comunicou a Raul Campos a sua intenção de não voltar para o Brasil, aproveitar sua ascendência italiana e tentar a sorte no profissionalismo italiano, que havia contratado há pouco tempo muitos brasileiros do futebol paulista. Mas sua surpresa foi maior quando dois jogadores vascaínos avisaram que também não voltariam para o Brasil. Fausto e Jaguaré foram aliciados por um representante do Barcelona e resolveram ingressar no profissionalismo espanhol. O Vasco perdia, assim, dois dos seus melhores jogadores.

---

⁹⁶⁴ A propaganda do filme pode ser vista em Iconografia: Imagem XLVI.

5.2 Fausto e Jaguaré: Primeiros Craques Negros Brasileiros na Europa

Fausto dos Santos e Jaguaré Bezerra da Silva eram dois excelentes jogadores. Fausto nasceu na pequena cidade de Codó, no Maranhão, e jogava como centro-médio. Um jogador que, antes da excursão com o Vasco, havia disputado cinco partidas pela seleção brasileira, sendo duas delas na Copa do Mundo de 1930. Jaguaré era goleiro, jogador que afirmava ter sangue de índio e pai português.⁹⁶⁵ O Vasco vinha tendo sucesso e se habituando a colocar goleiros negros em sua meta, como Nelson, que atuou no clube de 1919 a 1927. Jaguaré veio do Santos com a difícil tarefa de substituir o grande Nelson. Com suas defesas e a excentricidade inédita apresentada no decorrer das partidas, Jaguaré rapidamente se tornou um novo ídolo vascaíno. Fez três jogos com a seleção brasileira principal, venceu os três, e sofreu três gols. Os dois jogadores foram com o Vasco para a Europa na condição de peças fundamentais e estrelas do time, porém “amadores”. O futebol profissional era uma realidade na Espanha. Havia dois campeonatos simultâneos, um para os jogadores amadores e outro, de maior preferência para o público, apenas com jogadores profissionais. No caso do Barcelona, o custo para a manutenção da equipe de futebol era muito alto. Até porque o clube não tinha uma, mas sim duas equipes de futebol profissional. Uma delas era formada só por espanhóis para atuar no campeonato nacional, uma vez que a federação daquele país só aceitava a inscrição e a concorrência de jogadores espanhóis em seu campeonato. Para os amistosos e para os jogos na cidade de Barcelona ou nos torneios entre equipes da Catalunha, havia outra equipe, formada por espanhóis e estrangeiros. Para se ter uma idéia do que representava o Barcelona e suas posses, podemos fazer uma pequena comparação com o próprio Vasco da Gama. O Barcelona, em 1930, contava com um estádio, Les Corts, para 30 mil pessoas e tinha 9.185 sócios.⁹⁶⁶ Em relação às grandes arrecadações do clube, podemos citar como exemplo a maior arrecadação do Barcelona em 1931 num jogo contra seu maior rival, o Real Madrid, que chegou a um total de 34.690,35 pesetas,⁹⁶⁷ ou 47:178\$876.⁹⁶⁸ Mas havia jogos na Espanha, como a

---

⁹⁶⁵ Afirmação ao *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. XX de julio 1931.

⁹⁶⁶ Informações retiradas dos painéis sobre a história do F.C. Barcelona, no museu do clube. Barcelona – Espanha.

⁹⁶⁷ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 5 de Abril de 1931.

⁹⁶⁸ Câmbio de uma peseta a 1\$360 do *Jornal do Commercio e Correio da Manhã* de 5 de junho de 1931.

tradicional Copa em que a final era sempre disputada no estádio de Chamartín, em Madrid, que geravam rendas muito maiores. A final de 1932 entre Barcelona e Athletic Bilbao chegou a 159.139 pesetas,⁹⁶⁹ ou 230:751\$550.⁹⁷⁰ As movimentações mensais do clube eram altas, e de acordo com seu livro caixa, apenas no mês de março de 1931, o clube teve receitas de 1.752.702,21 (1.927:972\$431) e despesas de 1.701.821,41⁹⁷¹ (1.872:003\$551).⁹⁷² O Barcelona tinha um elenco com cerca de 25 profissionais, ganhando mensalmente entre 550 e 800 pesetas, no ano de 1931. Além disso, cada jogador negociava valores diferentes para a premiação, e os salários poderiam chegar a mais de 1.000 pesetas. O treinador do Barcelona, Jack Greenwell, ganhava 700 pesetas (952\$000) por mês e mais 100 pesetas (136\$000) por vitória e 75 pesetas (102\$000) por empate.⁹⁷³

Após este pequeno panorama do que era o poderoso Barcelona no início da década de 1930, uma surpreendente revelação: os números do Vasco não são tão inferiores aos do Barcelona. O Vasco contava com seu estádio, São Januário, para cerca de 40 mil pessoas e, portanto, era maior do que o estádio de Les Corts. Uma das maiores rendas do campeonato carioca de 1931 foi o jogo entre Vasco e Bangu, que teve arrecadação de 47:886\$000,⁹⁷⁴ um pouco maior que a arrecadação do grande embate entre Barcelona e Real Madrid. Os jogos de maior apelo no Brasil facilmente chegavam a mais de cem contos de renda, como a final do campeonato brasileiro de seleções de 1927, entre Rio de Janeiro e São Paulo, que chegou a 111:795\$000. A comparação dos salários dos treinadores dos dois times também não deixa dúvidas de que o Vasco pagava muito bem a seu treinador. Harry Welfare recebia 1:500\$000 por mês⁹⁷⁵ no Vasco, ou seja, mais de 500 mil réis a mais que o salário fixo do técnico do Barcelona. As premiações altas do clube catalão chegaram a fazer com que o seu treinador, Greenwell, chegasse a receber 1:428\$000⁹⁷⁶ no mês de setembro de 1931.⁹⁷⁷ Mesmo os valores dos salários pagos aos jogadores barcelonistas não eram muito mais altos que o que se ouvia de comentários sobre negociações feitas ainda no “amadorismo

---

⁹⁶⁹ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 7 de julio de 1932.

⁹⁷⁰ Câmbio de uma peseta a 1\$450 do *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1932.

⁹⁷¹ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. Março de 1931.

⁹⁷² Câmbio de uma peseta a 1\$100 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1931.

⁹⁷³ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 7 de setembro de 1931.

⁹⁷⁴ *Jornal dos Sports*, 3 de junho de 1932.

⁹⁷⁵ *Actas da Directoria do Club de Regatas Vasco da Gama*, 12 de abril de 1933.

⁹⁷⁶ Câmbio de uma peseta a 1\$360 do *Jornal do Commercio e Correio da Manhã* de 5 de junho de 1931.

⁹⁷⁷ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 7 de setembro de 1931.

marrom”. Em 1930, Floriano Peixoto Correia afirmou que recebia cerca de 500\$000 por mês no São Christóvão do Rio⁹⁷⁸ e, em 1933, às vésperas da regularização do profissionalismo, os clubes de São Paulo queriam pagar de 400\$000 a 500\$000 mensais aos profissionais, mais o prêmio de 100\$000 por vitória.⁹⁷⁹ Já na equipe catalã os salários mais altos eram de 800 pesetas (880\$000) e os prêmios variavam de 50 (55\$000) a 100 pesetas (110\$000).⁹⁸⁰ As diferenças salariais existiam e, possivelmente, em 1933, um jogador profissional do Barcelona ganhava o dobro do mais bem pago jogador profissional atuando nos principais clubes brasileiros. Não eram esses números os que mais impressionavam os jogadores. Os números em que o Barcelona se mostrava amplamente superior ao Vasco da Gama, e a todos os clubes do Brasil, eram relativos ao quadro de sócios e ao montante de dinheiro que administrava. O Barcelona movimentava em um mês, mais do que o Vasco movimentava em todo o ano, talvez fruto do maior número de associados. O Vasco tinha, em 1930, 6.416 sócios,⁹⁸¹ 2.769 sócios a menos que o Barcelona. Além disso, o Barcelona pagava os prêmios de jogos e luvas, uma espécie de bonificação para a assinatura e mais um contrato com uma multa rescisória para quem não o cumprisse até o final. Os jogadores que assinavam contrato com o clube passavam a viver legalizadamente sob a responsabilidade de um clube de futebol da grandeza do Barcelona.

Foi isso o que atraiu Fausto e Jaguaré para o Barcelona. Dois jogadores negros abriam as portas de um dos maiores clubes da Europa para os jogadores brasileiros.

Os primeiros profissionais do futebol carioca

Fausto e Jaguaré chegaram ao clube na condição de estrelas da equipe do Barcelona. Os salários negociados pelos jogadores foram os mesmos que ganhavam os principais jogadores da equipe, 800 pesetas,⁹⁸² mais prêmios de 50 pesetas por vitória e 25 por empate. Um salário que poderia chegar a ser cinco vezes maior do que os vencimentos médios pagos aos operários mais especializados e mais bem pagos das

---

⁹⁷⁸ CORREIA, F.P. op.cit., p. 105.

⁹⁷⁹ *Jornal dos Sports*, 11 de janeiro de 1933.

⁹⁸⁰ Câmbio de uma peseta a 1\$100 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1931.

⁹⁸¹ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama* para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

⁹⁸² Quando Fausto e Jaguaré foram contratados, Zabalo, Más, Marti, Guzman, Arnau, Piera, Samitier, Sastre, Lagi e Arocha eram os jogadores que tinham o salário mais alto, de 800 pesetas, o mesmo dos dois jogadores brasileiros. *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. O 1º salário dos brasileiros data de 10 de agosto de 1931.

indústrias no Brasil.⁹⁸³ A contratação dos jogadores envolveu altas somas, uma vez que a equipe mandou o jogador Más a Portugal, ainda durante a excursão do Vasco, para conseguir convencê-los a atuar pelo Barcelona. A viagem de Más a Portugal, seus gastos naquele país e mais as despesas para levar os dois jogadores de volta à Catalunha chegaram a 2.918,25 pesetas,⁹⁸⁴ ou 3:968\$820.⁹⁸⁵

A cor da pele dos novos jogadores do Barcelona, a origem de um país considerado pelos europeus como fora do círculo dos países civilizados e com forte apelo às festas populares, como o carnaval, logo foram estereotipados pela imprensa espanhola. Uma charge do periódico *El Mundo Deportivo* condicionava o bom rendimento dos jogadores brasileiros a um “*machiche brasileño*” após o jogo.⁹⁸⁶ Em outra charge, que dava conta das novo Barcelona, Fausto, retratado com duas cabeças encimadas por auréolas de anjo, tem a cor da pele ressaltada e os lábios exagerados. Jaguaré, por sua vez, entra em campo com sua boina, com vestimentas que lembram um “homem das cavernas”. Quanto ao espanhol Samittier, a caricatura não remete a grandes exacerbações, exceção feita à asa angelical.⁹⁸⁷

A contratação de jogadores brasileiros pelo Barcelona era, na verdade, consequência de uma lógica que começava a se espalhar pelos centros mais desenvolvidos do capitalismo europeu, que, conseqüentemente, era onde se praticava o futebol totalmente profissionalizado. A lógica era a importação de jogadores sul-americanos para atuar nos times europeus por representarem mão-de-obra altíssima qualidade e que jogava em um futebol amador, ou na verdade semi-amador, uma vez que a profissão de jogador de futebol propriamente dita não estava regulamentada e não havia contratos a cumprir. O futebol na Europa se profissionalizava desde o final dos anos 1930, à parte de Inglaterra e Escócia, onde o profissionalismo já era parte integrante dos esportes há algum tempo. Os países tinham campeonatos com jogadores profissionais e amadores, e, entre os profissionais, as trocas de jogadores eram

---

⁹⁸³ De acordo com a tabela de salários diários pagos aos diversos tipos de profissionais no Brasil, o Ministro do Trabalho Lindolfo Collor, apresentou ao presidente Getúlio Vargas uma tabela de salários médios pagos por dia no diversos Estados do Brasil. O salário mais alto era pago aos tecelões do Rio Grande do Sul (8\$841 por dia) e Distrito Federal (8\$812). Fazendo um cálculo de 25 dias trabalhados em um mês o salário de um tecelão poderia chegar, no máximo a 221\$025 em um mês. Os salários de Fausto e Jaguaré no Barcelona chegavam quase sempre a 1000 pesetas por mês, ou 1:100\$000. A tabela salarial foi publicada no *Correio da Manhã* em 2 de setembro de 1931 e encontra-se ao final deste trabalho, na seção de anexos.

⁹⁸⁴ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. 14 de agosto de 1931.

⁹⁸⁵ Câmbio de uma peseta a 1\$360 publicado no *Jornal do Commercio* e *Correio da Manhã* de 5 de junho de 1931.

⁹⁸⁶ Ver Iconografia: Imagem XLVII.

⁹⁸⁷ Ver Iconografia: Imagem XLVIII.

constantes. Quando uma equipe tentava contratar um jogador de outro clube, precisava pagar o passe ao clube do jogador, além de negociar luvas e salários, o que fazia com que as transações ficassem muito caras.

Com os jogadores sul-americanos não era assim. A FIFA reconhecia os campeonatos das entidades nacionais, que declaravam que seus campeonatos eram formados ou por jogadores amadores ou por profissionais, não podendo haver a mistura dos dois tipos de jogador. Poderia até haver um campeonato amador e um profissional, mas a situação deveria ser colocada claramente para a entidade que regulamentava o futebol mundial. Como na América do Sul os campeonatos eram amadores, se um jogador se transferisse para um campeonato de profissionais na Europa, o clube não poderia reclamar o valor do passe do jogador, pois ele saía da condição de amador para a de profissional. Dessa maneira, as transferências se tornavam muito mais baratas. O início dos anos 1930 trazia novidades para o futebol sul-americano. Na Itália, a ascensão de Mussolini ao poder colocava o futebol em evidência, como um projeto quase pessoal do ditador. O fortalecimento da seleção da Itália passava por arregimentar os descendentes de imigrantes daquele país espalhados pelo mundo, principalmente na América do Sul, que começaram a ser contratados pelos clubes italianos. Como notou Eduardo Galeano, a Itália

[...] já era a Meca nos longínquos tempos de Mussolini. Em nenhum lugar do mundo se pagava tanto. [...] Os navios levavam jogadores de Montevideú, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro: se não tinham pais ou avós italianos, em Roma havia quem os fabricava no ato e sob medida, para documentar sua rápida naturalização.⁹⁸⁸

Foi aproveitando seu sobrenome italiano que Fernando Giudicelli deixou a delegação do Vasco na excursão e foi tentar a sorte no profissionalismo italiano.⁹⁸⁹ Como se pagava muito na Itália, um dos primeiros a debandar foi um treinador brasileiro, personagem famoso de nossa história. Amílcar Barbuy, ex-jogador da seleção brasileira, envolvido em vários casos do chamado “profissionalismo marrom”, se tornava o treinador da Lazio, time da capital Roma. Barbuy se transformou numa espécie de agente de jogadores.

A Lazio chegou a contar com sete jogadores brasileiros, além do treinador. A equipe gastou 300 mil liras, ou 270:000\$000,⁹⁹⁰ para ter todos os jogadores brasileiros.

---

⁹⁸⁸ GALEANO, E. op.cit., p. 66.

⁹⁸⁹ *Jornal dos Sports*, 10 de junho de 1931.

⁹⁹⁰ O *Jornal dos Sports* usou o câmbio de uma lira a \$900.

Segundo o *Jornal dos Sports*, após uma cotação feita na Itália, os jogadores, valorizados, tinham seus passes avaliados em altas somas. Nininho e Ninão, dois jogadores do Palestra Italia de Minas Gerais, os primeiros a ingressar na Lazio, estavam avaliados em 90 mil e 50 mil liras respectivamente. A equipe do Coríntians foi desfigurada e perdeu quatro de seus principais jogadores, que se encontravam bem cotados no mercado italiano. De Maria estava avaliado em 90 mil liras, Del Debbio e Filó valiam 80 mil liras cada, e Rato estava avaliado em 40 mil liras. Serafini, do Palestra Itália de São Paulo, estava avaliado em 30 mil liras. O valor total dos brasileiros do clube italiano, de 800 mil liras, ou 720:000\$000, mostra a valorização dos jogadores após a efetiva participação nos campeonatos. Del Debbio afirmou que os brasileiros na Itália tinham conseguido juntar mais de 40 contos em menos de dois anos de Europa e que ele ganhava mais de um conto de réis por vitória. Quando a Lazio ganhou da Juventus, os jogadores ganharam 1 conto de réis mais um relógio cada, no valor de 800 liras⁹⁹¹ (559\$200).⁹⁹²

O movimento começou no início de 1931, com a contratação de Del Debbio e De Maria pela Lazio. Meses depois, era a vez do Barcelona contratar dois jogadores brasileiros que não tinham nomes espanhóis e nem sequer poderiam disfarçar terem nascido naquele país, pois eram negros e não falavam espanhol. Mas desde cedo se aventou a possibilidade dos dois jogadores se naturalizarem espanhóis para poderem jogar o campeonato nacional.

Os Brasileiros em Barcelona

Fausto e Jaguaré foram contratados, a princípio, para reforçar a equipe do Barcelona em seus muitos amistosos. A chegada dos dois jogadores foi cercada de muita expectativa por parte de todos os torcedores e da imprensa de Barcelona.⁹⁹³ Os dois, por não serem espanhóis, não podiam disputar os torneios chancelados pela Real Federação Espanhola e, dessa maneira, sua naturalização poderia deixá-los aptos a defender as cores do clube em competições espanholas. O tempo de estadia dos dois jogadores foi relativamente curto. Jaguaré ficou apenas a temporada 1931/1932, sendo que ao final de 1931 fez uma viagem às pressas para o Brasil a fim de resolver a sua situação militar. Fausto ficou um pouco mais, mas apenas a primeira parte da temporada

---

⁹⁹¹ *Jornal dos Sports*, 28 de junho de 1933.

⁹⁹² Ao câmbio de uma lira a \$699, publicada dia 2 de janeiro de 1933 no *Jornal do Commercio*.

⁹⁹³ Iconografia: Imagem XLIX.

1932/1933, sendo dispensado com outros atletas de alto nível do time em janeiro de 1933. Os dois jogadores conseguiram contratos à razão dos mais altos salários do elenco e foram usados em amistosos em Barcelona, em outras cidades espanholas e ainda em Portugal, França e até mesmo na Argélia.

Jaguaré, por ter ficado menos tempo e por ter tido que ficar mais de um mês no Brasil para resolver suas pendências com o exército brasileiro, jogou menos partidas do que Fausto, mas pode-se perceber que, mesmo quando estava no clube, muitas vezes foi preterido e não jogou algumas partidas que Fausto, por exemplo, participou. Não sendo escalado para as partidas, perdia a chance de ganhar os prêmios de 25 e 50 pesetas. Os prêmios podiam fazer uma boa diferença no salário dos jogadores. Para se ter uma idéia de como era ruim para um jogador não ser relacionado para um número grande de partidas, basta analisar o quanto ganhou Jaguaré e Fausto no mês de abril de 1932. Enquanto Fausto jogou cinco partidas amistosas, com três vitórias, um empate e uma derrota, e ganhou 800 pesetas de salário e mais 175 pesetas de premiação (150 pelas três vitórias e mais 25 pesetas pelo empate), Jaguaré ganhou apenas as 800 pesetas de salário, pois atuou apenas na única derrota da equipe no mês.⁹⁹⁴ Essa diferença, de 175 pesetas, equivalia a 253\$750,⁹⁹⁵ o que para os padrões brasileiros era uma quantia muito alta. Mesmo para os padrões da equipe espanhola, Jaguaré recebeu quase 20% a menos do que Fausto. O goleiro iniciou a temporada em agosto de 1931 e, em novembro, foi convocado pelo exército brasileiro para resolver pendências no país. Até a viagem para o Brasil, Jaguaré jogou seis partidas pelo Barça, venceu quatro e empatou duas, e teve que se ausentar. O Barcelona pagou 1.700 pesetas⁹⁹⁶ (1:870\$000)⁹⁹⁷ para a viagem de Jaguaré ao Brasil. Quando o jogador chegou, uma das maiores indagações era se ele se naturalizaria espanhol. Jaguaré deu declarações dizendo que jamais seria espanhol,⁹⁹⁸ declarações que tomaram vulto na imprensa desportiva da Catalunha.⁹⁹⁹

Porém, o goleiro não vinha ao Brasil com as despesas altas pagas pelo Barcelona, apenas para resolver suas pendências com as Forças Armadas brasileiras. Com a viagem, Jaguaré aproveitou para dizer aos dirigentes do Barça que, como ele e

---

⁹⁹⁴ *F.C. Barcelona. Caja nº 09 del 5 de Abril de 1932 al 10 de Octubre de 1933*. Abril de 1932. Além desse documento, foi utilizado para a pesquisa das partidas dos dois jogadores o *Historial Partits 17/3/1929 a 20/7/1933*. (Manuscrito).

⁹⁹⁵ Câmbio de uma peseta a 1\$450 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1932.

⁹⁹⁶ *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. Novembro de 1931.

⁹⁹⁷ Câmbio de uma peseta a 1\$100 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1931.

⁹⁹⁸ *Jornal dos Sports, Correio da Manhã e Jornal do Brasil* em 18, 19 e 20 de dezembro de 1931.

⁹⁹⁹ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 20 de dezembro de 1931.

Fausto, havia muitos no Brasil, todos baratos e craques de futebol, e que ele poderia trazer mais um ou dois reforços para o clube. O jogador atuava assim como agente, como Amilcar Barbuy fazia com os paulistas que levava para a Itália. Em janeiro, segundo o *Jornal dos Sports*, o Barcelona já havia mandado um telegrama a Jaguaré, que estava “caçando jogadores”, para que o goleiro pagasse a passagem dos possíveis contratados.¹⁰⁰⁰ O livro caixa do Barcelona acusa uma despesa com um “*italcable*”¹⁰⁰¹ para Jaguaré, no Rio de Janeiro, em janeiro de 1932.¹⁰⁰² O plano de Jaguaré era levar consigo um jovem garoto negro do Bomsucesso, uma verdadeira jóia do nosso futebol. Esse jogador havia feito os dois gols da final do campeonato brasileiro de 1931 entre paulistas e cariocas a favor da equipe do Rio de Janeiro, e as manchetes dos jornais o chamavam de “o novo ás do futebol”.¹⁰⁰³ O seu nome era Leônidas da Silva. A imprensa espanhola mostrava-se agitada com a possível contratação de Leônidas e mais um jogador que Jaguaré afirmava poder levar consigo. A primeira página de *El Mundo Deportivo*, às vésperas do Natal de 1931, trazia uma foto de Leônidas com a manchete: “*El nuevo mulato brasileño que trás Jaguaré es Leonidas da Silva*”.¹⁰⁰⁴ No Brasil, Jaguaré organizou um festival e convidou vários jogadores para participar, entre eles Leônidas. O *Jornal dos Sports* aproveitou para ironizar a situação em que um profissional de futebol de um grande clube europeu organizava festivais para levantar dinheiro: “Jagaré Bezerra de Vasconcellos, o arqueiro profissional do Barcelona, ora no Brasil, parece que anda mal de pesetas”.¹⁰⁰⁵

Mas Jaguaré não levou Leônidas, foi sozinho e, apesar de manter um bom ritmo de resultados, não teve seu contrato renovado, voltando para o Brasil em julho de 1933. No total, o goleiro fez dezenove jogos pelo Barcelona, sendo onze vitórias, quatro empates e quatro derrotas, sofrendo vinte e dois gols.¹⁰⁰⁶ Nas contabilidades do clube espanhol, o goleiro só recebe a premiação por cinco vitórias (250 pesetas), mas como recebeu muito dinheiro para ir ao Brasil e ainda uma “*subvenció per despeses viatge de*

---

¹⁰⁰⁰ *Jornal dos Sports*, 3 de janeiro de 1931.

¹⁰⁰¹ *Italcable* era o sistema de telégrafos via cabo que fazia o serviço de telegramas que ligava a Europa à América do Sul.

¹⁰⁰² O clube acusa a despesa de “*Italcable, cable de Rio de Janeiro, del jugador Bezerra: 37,20*” pesetas. *F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932*. Janeiro de 1932.

¹⁰⁰³ *A Gazeta*, 14 de setembro de 1931.

¹⁰⁰⁴ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 21 e 24 de dezembro de 1931.

¹⁰⁰⁵ *Jornal dos Sports*, 2 de janeiro de 1931.

¹⁰⁰⁶ *F. C. Barcelona. Historial Partits 17/3/1929 a 20/7/1933*. (Manuscrito).

retorn al Brasil”¹⁰⁰⁷ de 250 pesetas, não se sabe se o pagamento do restante das premiações pode estar de alguma maneira embutido nessas despesas.

Quanto a Fausto, o jogador teve um maior número de atuações, todas em amistosos da equipe e um belo desempenho, sendo elogiado diversas vezes, inclusive quando era improvisado no comando do ataque. Durante a temporada 1931/1932, Fausto jogou trinta e oito partidas e venceu vinte e sete delas, empatou sete vezes e perdeu apenas quatro jogos. Como prêmio, ganhou uma renovação de contrato de mais uma temporada e uma “bolada” de 3.000 pesetas,¹⁰⁰⁸ ou 4:350\$000,¹⁰⁰⁹ no mesmo mês que Jaguaré voltava para o Brasil. Além do prêmio, um aumento de 200% na premiação por vitórias, passando a 150 pesetas por triunfo alcançado, e 300% de aumento no valor do empate, passando para 100 pesetas. Para complementar a temporada de sucesso, o novo salário também seria reajustado para 1.000 pesetas,¹⁰¹⁰ ou 1:450\$000.¹⁰¹¹ É complicado comparar o salário de Fausto com o de trabalhadores brasileiros, até porque o custo de vida nas cidades de Barcelona e do Rio de Janeiro era bem diferente. Mas vale a pena ter uma noção do que se pagava para esse “trabalhador especializado” nos mercados europeus em relação ao que poderiam ganhar aqui no Brasil como operários, ou mesmo como jogadores de futebol.

Vimos anteriormente que as cifras comentadas por aqui não são muito menores do que os salários que se pagavam no Barcelona. Até por isso, Jaguaré teve que fazer um festival no Rio de Janeiro para poder se sustentar enquanto não recebia do time espanhol. Fausto, em 1932, ganhava aproximadamente o que recebia um mestre de máquinas da Brahma no Rio de Janeiro,¹⁰¹² ou ganhava dez vezes mais que um operário da fiação da América Fabril.¹⁰¹³ Bem como os aumentos em contrato, a premiação que Fausto recebeu, de mais de 4 contos, dificilmente receberia no Brasil, fosse em um clube, fosse em um outro emprego qualquer. Porém, o encanto durou pouco tempo e, ainda no meio da temporada, em dezembro de 1932, o Barcelona dispensou dez jogadores de seu plantel, dentre eles ídolos como Samitier, Más, Piera e o brasileiro Fausto. Dois eram os motivos levantados pela imprensa: maus resultados aliados a noitadas dos jogadores. Os próprios sócios do Barcelona, torcida tida como das mais

¹⁰⁰⁷ F.C. Barcelona. *Caja nº 09 del 5 de Abril de 1932 al 10 de Octubre de 1933*. Julho de 1932.

¹⁰⁰⁸ F.C. Barcelona. *Caja nº 09 del 5 de Abril de 1932 al 10 de Octubre de 1933*. Julho de 1932.

¹⁰⁰⁹ Câmbio de uma peseta a 1\$450 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1932.

¹⁰¹⁰ F.C. Barcelona. *Caja nº 09 del 5 de Abril de 1932 al 10 de Octubre de 1933*. Agosto de 1932 a janeiro de 1933.

¹⁰¹¹ Câmbio de uma peseta a 1\$450 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1932.

¹⁰¹² LOBO, E. M. L. op.cit. (1978). p. 684. Salário de mestre de máquinas da Brahma: 1:575\$000.

¹⁰¹³ Ibidem. p. 677. Salário de um operário da seção de fiação da América Fabril: 140\$297.

exigentes,¹⁰¹⁴ denunciavam os jogadores que costumavam frequentar as casas noturnas famosas da cidade. A diretoria do clube alegava que os maus resultados e problemas pontuais levaram ao corte. Os resultados da equipe que fazia os amistosos não eram tão ruins, e os próprios números de Fausto mostram isso. Foram apenas nove partidas jogadas pelo brasileiro de agosto a dezembro de 1932, sendo cinco vitórias, um empate e duas derrotas. Alguns jornais colocaram como definitiva a derrota por 4 a 0 para o Ujpest, de Budapeste,¹⁰¹⁵ mas no dia seguinte, com Fausto em campo, o Barcelona derrotou a mesma equipe por 3 a 1. Mas a questão das noitadas era uma realidade. Após a dispensa dos dez jogadores, o clube catalão colocou em prática um rígido código de disciplina, em que os jogadores não poderiam estar na rua após a meia-noite, nos dois dias anteriores a jogos. Os dirigentes do Barcelona também pediam aos sócios para patrulharem as boates e denunciarem jogadores que não cumprissem o código disciplinar.¹⁰¹⁶ Em entrevista, um diretor técnico do clube, que não se identificou, cada jogador foi dispensado por um motivo. Quanto a Fausto, sua resposta foi: “*desgana*”,¹⁰¹⁷ ou seja, apatia, tédio, inapetência. O jogador recebeu “*sous gener a abril, per acouciadoment*”,¹⁰¹⁸ 4.000 pesetas.¹⁰¹⁹

A falta de interesse, ou o “tédio”, de Fausto não estava só relacionada às saudades do Brasil, ou ao impasse causado por sua recusa em se naturalizar espanhol. Notícias davam conta de que Fausto teria sido contratado pelo Young Fellows Club, da Suíça.¹⁰²⁰ Mas, na verdade, o brasileiro queria era engrossar a fileira dos craques do recém-instaurado profissionalismo dos jogadores no Brasil. Impulsionados pela perda de seus craques, não mais apenas para a Itália ou Espanha, ou para um ou outro país europeu, como Suíça e Áustria, numa onda que começou nos final dos anos 1920 e início dos anos 1930, os dirigentes brasileiros apressaram-se em legalizar a profissionalização dos jogadores de futebol, porque seus craques estavam indo para um outro centro futebolístico, bastante desenvolvido e que regulamentou a profissão de jogador de futebol antes que o Brasil o fizesse. Eram os clubes grandes de Buenos Aires e Montevideu, os clubes do “Prata”.

---

¹⁰¹⁴ Iconografia: Imagem L.

¹⁰¹⁵ *Jornal dos Sports*, 29 de janeiro de 1931, reproduzindo o jornal francês *Football*.

¹⁰¹⁶ Iconografia: Imagem LI.

¹⁰¹⁷ *El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes*. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 30 de dezembro de 1932.

¹⁰¹⁸ Como uma indenização por ser despedido, com o pagamento de salários até abril.

¹⁰¹⁹ *F.C. Barcelona. Caja nº 09 del 5 de Abril de 1932 al 10 de Octubre de 1933*. Janeiro de 1933.

¹⁰²⁰ *Jornal dos Sports*, 22 de janeiro de 1933.

5.3 *La Febre Paulistana y Carioca*

Quando os dirigentes de futebol do Brasil, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro, resolveram legalizar a profissão de jogador, uma verdadeira sangria de jogadores para fora do país deixava os times paulistas e cariocas completamente desfigurados de seus principais elementos. Os responsáveis por essa importação de jogadores brasileiros não era mais só a Europa, mas a chamada Região do Prata, mais especificamente as duas capitais de Argentina e Uruguai, Buenos Aires e Montevideú, que passavam a “importar” jogadores brasileiros. Do ponto de vista do desenvolvimento técnico e tático, esses dois países, juntamente com o Brasil, formavam o que de melhor havia na América do Sul e até mesmo no mundo. O Uruguai foi bi-campeão olímpico, em 1924 e 1928, e campeão da 1ª Copa do Mundo em 1930, jogando em seu país, em um belíssimo estádio lotado com 80 mil pessoas. O adversário do Uruguai na final do primeiro campeonato mundial foi justamente a Argentina, que também havia feito, dois anos antes, a final do futebol nos Jogos Olímpicos de Amsterdã. O Brasil não tinha a presença que argentinos e uruguaios tinham no futebol mundial, porém iniciava a década de 1930 com expressivos resultados internacionais. Após uma participação pífia na Copa do Mundo, em que perdeu para a Iugoslávia, venceu a Bolívia e foi eliminada na primeira fase, a seleção brasileira venceu a França, os Estados Unidos e a própria Iugoslávia em amistosos no Brasil, enquanto essas delegações voltavam de viagem da Copa, em Montevideú. Outro resultado importante foi a vitória, em 1931 contra o Uruguai, pela Copa Rio Branco, disputada no Brasil.

Após todas essas conquistas do futebol sul-americano, a cobiça dos clubes europeus por jogadores sul-americanos foi enorme. Os grandes centros do futebol europeu, já com ligas de jogadores profissionais, começaram a buscar os reforços no Brasil e na chamada Região do Prata. Como vimos anteriormente, os jogadores paulistas foram alvo do futebol italiano, assim como os cariocas o foram do futebol espanhol, mais precisamente do Barcelona. Contudo, esse processo já havia se iniciado com a contratação de jogadores uruguaios e argentinos por clubes italianos. A Itália encabeçava as contratações, principalmente de jogadores argentinos, como foi o caso de Monti e Orsi, que foram para a Juventus da cidade de Turim, e De Maria, que foi para a Ambrosiana da cidade de Milão. Os três jogadores se naturalizaram italianos e, na onda da formação de uma seleção italiana fortíssima, foram convocados para representar a

“*squadra*” de Mussolini para um amistoso contra a Alemanha.¹⁰²¹ Jogadores uruguaios, como Petrone, também atuavam na Itália. Outros, como Scarone, Faotto e Uslengui, eram cobiçados, conforme afirmava o jornal uruguaio *El Paiz*: “*Italia vuelve a tender sus redes em el Rio de la Plata*”.¹⁰²²

A solução para os clubes argentinos e uruguaios foi buscar a profissionalização de seus atletas e fazer campeonatos profissionais chancelados pela FIFA. Nessa fase de transição para o amadorismo, a FIFA tinha a seguinte política: as federações nacionais dos países deveriam informar se seus campeonatos eram formados por profissionais ou amadores, ou ainda se havia os dois tipos de campeonato. A entidade não permitia jogos envolvendo profissionais e amadores; portanto, os campeonatos deveriam ser separados. A Argentina começou o seu campeonato profissional de futebol em 1931, e o Uruguai, em 1932. Os dois países tinham já uma grande estrutura, com clubes e estádios. A profissionalização dos atletas deu ainda maior força ao futebol daquela região. Para se entender um pouco melhor o que significavam aqueles centros, vale à pena uma pequena exposição do futebol em cada um desses países para demonstrar a força econômica daqueles mercados. Assim, há a possibilidade de melhor compreender o verdadeiro ataque aos jogadores brasileiros.

O Futebol Argentino

Buenos Aires era, definitivamente, a capital do futebol sul-americano no início dos anos 1930. Naquela cidade, eram muitos os clubes considerados “grandes” que ditavam as regras do futebol argentino, juntamente com mais dois ou três times de Rosário e Mar del Plata. A Argentina era um dos países em que houve o maior desenvolvimento capitalista, dentro da esfera da divisão internacional do trabalho, no final do século XIX e início do XX. Os capitais ingleses, em busca de novos mercados, passavam a mirar a América do Sul, como fonte de possíveis investimentos na esfera de sua política imperialista. No final do século XIX, dos seus investimentos pelo mundo, a Grã-Bretanha concentrava 10,5% nesta parte do continente. Ao final dos anos 1920, essa cifra atingia 22%.

Este incremento notável das inversões britânicas na América Latina se deve em maior parte ao desenvolvimento de uma indústria de carnes na Argentina quase totalmente voltada para o mercado britânico. Entre 1880 e 1890, as

---

¹⁰²¹ *El Paiz*, Montevideu, Uruguai, 28 de dezembro de 1932.

¹⁰²² *El Paiz*, Montevideu, Uruguai, 14 de fevereiro de 1933.

inversões da Grã-Bretanha na Argentina subiram de 20,3 para 157 milhões de libras, chegando a atingir 357,8 milhões em 1913.¹⁰²³

O futebol, como esporte típico do capitalismo, seria fortemente atingido pelo desenvolvimento cada vez maior de seus mecanismos na Argentina.

No segundo ano em que se disputou um campeonato de jogadores profissionais na Argentina, no ano de 1931, um jogo facilmente atingia 5 mil pesos, ou algo em torno de 20:000\$000. Porém, havia jogos em que as cifras passavam, e muito, do que era conseguido pelos clubes brasileiros com a venda de ingressos. Em 1933, num dos jogos decisivos do campeonato entre dois grandes clubes de Buenos Aires, San Lorenzo e Boca Juniors, 45.441 entradas foram vendidas e uma renda de 51.569 pesos, ou 181:729\$156, foram arrecadados.¹⁰²⁴ Não foi essa, no entanto, a maior arrecadação da temporada. San Lorenzo e River Plate, que era outro grande clube da cidade, fizeram um jogo que rendeu 70.925,10 pesos,¹⁰²⁵ ou 249:940\$052,¹⁰²⁶ valores muito longe dos alcançados no Brasil e no nível das maiores arrecadações conseguidas na Espanha.¹⁰²⁷

Além das grandes arrecadações, os salários e as premiações pagas aos jogadores argentinos mostravam a força do futebol profissional daquele país. Pelos estatutos da liga profissional argentina de 1931, nenhum jogador poderia ganhar mais de 350 pesos, ou 1:233\$400. Porém, para aumentar os salários dos jogadores, os clubes pagavam prêmios de 100 pesos (352\$400) por vitória, além de 50 pesos por empate e até 25 pesos por derrota.¹⁰²⁸ Em 1932, o Racing Club, mais um dos grandes da capital argentina, pagava salários de até 350 pesos, mais do que o Barcelona pagava a Fausto, e luvas de até 4.000 pesos (14:096\$000),¹⁰²⁹ quase o triplo do que era pago ao jogador brasileiro como luvas pela temporada 1931/1932 no clube catalão, que chegava a algo em torno de 4:300\$000.

No entanto, para conseguir arrecadar bilheteria como essas e pagar esses valores aos jogadores, não pesava no bolso dos argentinos ingressos mais caros do que no Brasil. As gerais, chamadas na Argentina de “*populares*” custavam 0,70 centavos de

---

¹⁰²³ SINGER, Paul. “O Brasil no contexto do capitalismo internacional: 1889-1930”. In: FAUSTO, Boris (Org.). op.cit. p.364.

¹⁰²⁴ Dados retirados dos computadores no *Museo de Boca Juniors*, em que se listam todos os jogos da história do clube com os números de ingressos vendidos, bem como a renda dos jogos, tanto em seu estádio quanto fora dele. O jogo foi realizado em 5 de novembro de 1933.

¹⁰²⁵ *El Mundo*, Buenos Aires- Argentina, 23 de julho de 1933.

¹⁰²⁶ Ao câmbio de 3\$524, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1933.

¹⁰²⁷ Como visto anteriormente, a maior renda do Barcelona do ano de 1932 foi a da final do campeonato espanhol entre Barcelona e Athletic Bilbao, que chegou a 159.139 pesetas, ou 230:751\$550.

¹⁰²⁸ *Jornal dos Sports*, 12 de fevereiro de 1933.

¹⁰²⁹ *Jornal dos Sports*, 1 de janeiro de 1933.

peso, cerca de 2\$460, e os de arquibancada, ou “*oficiales*”, custavam 1,20, ou 4\$230. No Brasil esses ingressos custavam 2\$200 e 4\$400, respectivamente.

Se os ingressos não eram mais caros, algo os clubes deveriam ter a mais do que os brasileiros. O que fazia dos clubes argentinos verdadeiros gigantes era o número de sócios, além de estádios com grande capacidade de público. O Boca Juniors, por exemplo, clube com o maior número de sócios da Argentina, poderia administrar somas de dinheiro impensáveis para os clubes brasileiros. O Boca tinha 24.000 sócios, ou cerca de 1% da população de Buenos Aires, estimada em 2,5 milhões de habitantes,¹⁰³⁰ pagando 1,50 pesos por mês ao clube, totalizando 36 mil pesos por mês, algo em torno de 148:000\$000 mensais,¹⁰³¹ ou 1.776:000\$000 em um ano, apenas com mensalidades. O relatório anual do clube registrava em 1933 um crescimento enorme do que o mesmo conseguia arrecadar com as mensalidades dos sócios. Em 1932, o clube já havia batido o recorde de arrecadação com mensalidades, conseguindo 159.514 pesos (669:958\$800).¹⁰³² No ano seguinte, apresentou um crescimento elevado, atingindo 267.160 pesos (941:471\$840),¹⁰³³ apesar das dificuldades relatadas em cobrar em dia todos os associados. O tesoureiro elogiava o programa de “*Conscripción de Socios*”, que elevou, e muito, a quantidade de novos associados do clube. Nesse mesmo ano de 1933, o Boca conseguiu uma arrecadação de 425.566,41 pesos (1.499:696\$028) com a venda de ingressos para partidas de futebol.¹⁰³⁴

Outros clubes argentinos impressionavam pela sua grandeza. Após perder 1.733 associados em 1933, o River Plate ainda contava com a impressionante marca de 22.327 sócios e um capital total de 1.103.453,00 pesos (4.049:672\$510), além de mais 607.233,00 pesos (2.228:545\$110)¹⁰³⁵ em efetivos depositados em bancos.¹⁰³⁶ O clube tinha uma das maiores estrelas de todo o futebol sul-americano e, muito provavelmente, do futebol mundial. Seu nome era Bernabé Ferreira, que possuía o mais temível chute de todo o Prata e era o jogador mais caro do futebol sul-americano. Bernabé ganhava o teto salarial do River, 350 pesos, porém seu passe havia custado 35.000 pesos

---

¹⁰³⁰ GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, Subsecretaría de Sistemas de Información, Dirección General de Organización, Métodos y Estadística, Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires, página 6, 1997.

¹⁰³¹ *Jornal dos Sports*, 4 de maio de 1933.

¹⁰³² Ao câmbio de 4\$200, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1932.

¹⁰³³ Ao câmbio de 3\$524, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1933.

¹⁰³⁴ *Relatorio de Club Atletico Boca Juniors*, 1933.

¹⁰³⁵ Ao câmbio de 3\$670, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1934.

¹⁰³⁶ *El Mundo*, Buenos Aires- Argentina, 20 de dezembro de 1933.

(123:340\$000),¹⁰³⁷ pagos ao Talleres, e ainda recebeu 10.000 pesos (35:240\$000) de luvas para jogar o ano de 1933 no River. Em 1934, o jogador renovou seu contrato por mais uma temporada com o clube e recebeu a verdadeira fortuna de 20 mil pesos de luvas¹⁰³⁸ (73:400\$000)¹⁰³⁹.

Só para a montagem do time de 1933, o clube havia gasto 134 mil pesos (472:216\$000) apenas em contratações, além de 53.300 pesos (187:829\$200) em luvas para os jogadores. Em junho de 1933, anunciou a construção de um estádio para 150 mil pessoas ao custo de 16.800:000\$000.¹⁰⁴⁰ Por esses e outros motivos, o River Plate era conhecido como “los Millionarios”, sendo considerado o clube mais rico da Argentina.

Além de Boca e River, os dois clubes com mais sócios de Buenos Aires, outros clubes compunham o que se conhecia como grandes clubes argentinos. Em Buenos Aires, o San Lorenzo era uma das equipes que tinha o maior número de torcedores, além de um belo estádio e um quadro de 17.500 sócios.¹⁰⁴¹ O clube estava disposto a fazer do ano de 1933 um dos maiores de sua história e terminou a temporada com a hipótese de contratar o zagueiro paraguaio Brizuela por 20 mil pesos (70:480\$000).¹⁰⁴² contratação que acabou não ocorrendo.

Já o Velez Sarsfield era um dos clubes que apresentava maior crescimento. O número de sócios duplicou de 1932 para 1933, e alcançou a marca de 5.211 associados, além de ter conseguido um lucro de 30.150,76 pesos (106:251\$278) no ano de 1933.¹⁰⁴³ Porém, para se ter uma idéia do que cada clube arrecadava com o futebol, basta ver quanto cada um dos clubes contribuiu com impostos municipais e nacionais (num total de 20% das arrecadações).

O jornal argentino *El Mundo* mostrou o quanto cada clube havia contribuído com os impostos sobre a venda de ingressos no ano de 1932. No quadro abaixo, há uma coluna com o valor total arrecadado por cada clube, calculado a partir dos 20% dos impostos que cada clube pagou, e uma terceira coluna com o valor correspondente à arrecadação total em moeda brasileira:

---

¹⁰³⁷ Ao câmbio de 3\$524, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1933.

¹⁰³⁸ *El Paíz*, 11 de janeiro de 1934, Montevideu – Uruguai.

¹⁰³⁹ Ao câmbio de 3\$670, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1934.

¹⁰⁴⁰ *Jornal dos Sports*, 24 de junho de 1933.

¹⁰⁴¹ *El Mundo*, 5 de maio de 1933, Buenos Aires – Argentina.

¹⁰⁴² *El Paíz*, 10 de dezembro de 1932, Montevideu – Uruguai.

¹⁰⁴³ *El Mundo*, 28 de janeiro de 1934, Buenos Aires – Argentina.

<i>Clubes</i>	<i>Total arrecadado (pesos)</i> ¹⁰⁴⁴	<i>Total arrecadado (réis)</i> ¹⁰⁴⁵
River Plate	298.682,75	1.254:467\$550
Boca Juniors	220.542,50	926:278\$500
San Lorenzo	181.764,90	763:412\$580
Independiente	123.809,00	519:997\$800
Racing	117.171,20	492:119\$040
Platense	84.869,25	356:450\$850
Huracán	76.373,70	320:769\$540
Chacarita Juniors	71.361,00	299:716\$200
Velez Sarsfield	65.813,25	276:415\$650
Ferro Carril Oeste	65.238,75	274:002\$750
Estudiantes	59.608,50	250:355\$700
Atletico	57.501,45	241:506\$090
Argentino Junior	50.026,10	210:109\$620
Lanús	21.335,25	89:608\$050
Gymnasia y Esgrima	20.216,55	84:909\$510
Tigre	19.313,60	81:117\$120
Quilmes	17.383,10	73:009\$020
Talleres	16.080,65	67:538\$730

Os números são muito altos se comparados com os das equipes brasileiras. O River Plate faturou quase tanto com o futebol quanto o Fluminense com o conjunto do clube. O clube carioca conseguiu com todas as suas receitas, em 1933, 1.295:817\$550,¹⁰⁴⁶ sendo que deste montante, apenas 119:919\$000, foi oriundo das receitas com futebol.¹⁰⁴⁷ As receitas do futebol colocavam o Fluminense na ordem das piores arrecadações da Argentina, o que demonstra claramente a diferença, não só de número de associados, mas do montante com que as equipes trabalhavam para gerenciar seus clubes. Contudo, se o futebol argentino mostrava sinais de grande desenvolvimento, o uruguaio não ficava atrás. Apesar de um número menor de clubes, a

¹⁰⁴⁴ *El Mundo*, 19 de março de 1933, Buenos Aires – Argentina.

¹⁰⁴⁵ Ao câmbio de 4\$200, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1932.

¹⁰⁴⁶ COELHO NETTO, P. op. cit., p. 161.

¹⁰⁴⁷ *Fluminense Football Club. Relatório dos Apresentado ao Conselho Deliberativo, em 28 de abril de 1932.* (s.n.) 1933.

cidade de Montevideu também oferecia chances imperdíveis para craques brasileiros, devido ao grande ímpeto que tomava o futebol uruguaio naquele período.

O Futebol Uruguaio

No Uruguai, comenta-se que a equipe foi quatro vezes campeã do mundo. Duas vezes em Copas do Mundo da FIFA, 1930 e 1950, e duas em Olimpíadas, em 1924 e 1928, quando não havia ainda o campeonato mundial. Polêmicas à parte, os títulos mencionados mostram um pouco do que foi o futebol uruguaio daqueles anos. Como a Argentina, o Uruguai era um dos países sul-americanos que maiores investimentos angariavam por parte dos capitais ingleses. A grande produção de carne no Uruguai fazia com que este país fosse um dos principais rivais da Argentina no quesito exportações. Conhecido como a “Suíça da América Latina”, o Uruguai era a “única democracia verdadeira”¹⁰⁴⁸ na América Central e do Sul, no início dos anos 1930. Os números apresentados pelo jornal *El País* podem ilustrar a posição do Uruguai no sul do continente americano. O país era o menor dos cinco analisados, Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, porém apresentava uma extensão de vias maior que Paraguai e Chile, perdendo apenas para a Argentina. Eram 2.809 quilômetros de ferrovias cortando os 187 mil quilômetros quadrados do país, que era também o que tinha a maior quantidade de linhas férreas por quilômetro quadrado. O Uruguai tinha 15 metros de vias férreas para cada quilômetro quadrado do país, contra 13,7 metros na Argentina, 4 metros no Brasil, 2,6 no Chile e apenas 0,5 metro no Paraguai. O jornal mostra também a relação de habitantes por automóvel, o que pode mostrar um pouco do poder de consumo da população. Se no Brasil a cada 270 habitantes, um tinha carro, no Uruguai esse número caía para 51 habitantes. Na Argentina, a cada 38 habitantes um possuía automóvel.¹⁰⁴⁹

O profissionalismo no país foi implantado em 1932, e um cuidado grande foi tomado devido às peculiaridades do futebol uruguaio. Pelo fato de haverem apenas dois grandes times no país, o Peñarol e o Nacional, todos ficaram preocupados com a profissionalização dos atletas e com um possível enfraquecimento dos clubes pequenos. O medo dos clubes menores era que, uma vez os jogadores profissionalizados, os

---

¹⁰⁴⁸ HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos : o breve século XX : 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.115.

¹⁰⁴⁹ *El País*, 27 de agosto de 1933. Montevideu – Uruguai.

jogadores não tivessem como arcar com os salários dos plantéis devido à pequena quantidade de sócios e ao pouco atrativo que tinham as partidas sem Nacional e Peñarol. Portanto, havia que se pensar em algum tipo de regulamento que amparasse a fragilidade econômica dos times pequenos, com vistas a ter um campeonato minimamente equilibrado para aumentar o interesse do público e, consequentemente, as receitas de todos os envolvidos no campeonato. A solução pensada pelos dois maiores clubes do país foi explicada em entrevista do presidente do Peñarol, E. González Conzi, ao jornal *El País*. A *Liga Uruguaya de Football Profesional* criou um fundo comum de auxílio aos outros oito clubes da 1ª Divisão uruguaia. Na terceira rodada do campeonato, todos os sócios, que não pagavam ingressos por serem sócios dos clubes, deveriam pagar entradas nos jogos de Nacional e Peñarol, ocasionando aumento significativo nas rendas dos clubes. Todavia, esse dinheiro deveria ser dividido igualmente entre os dez clubes da 1ª Divisão, Nacional e Peñarol incluídos. Além disso, ficou decidido que nos dois primeiros anos do profissionalismo, até 1934, os jogadores só poderiam mudar de clube mediante autorização do clube ao qual estavam vinculados, mesmo que o contrato entre o clube e o jogador tivesse se encerrado. O jogador estava, de qualquer maneira, preso ao seu clube, que por sua vez poderia conseguir altas somas de dinheiro para liberar a autorização da saída de seus jogadores. As medidas, que agradavam ao jornal e ao presidente do Peñarol,¹⁰⁵⁰ foram a maneira encontrada para não deixar o futebol uruguaio com apenas duas equipes fortes e um campeonato deteriorado.

O jornal *El País*, fez um cálculo interessante, que nos ajuda a mostrar não só o verdadeiro abismo que existia entre os dois grandes e os outros oito clubes da 1ª Divisão, mas também como os pequenos clubes tinham uma capacidade limitada de pagar a seus jogadores. O jornalista calculou o montante que cada clube arrecadou na temporada de 1932, a primeira do futebol profissional do país e que demonstra ainda números relativamente tímidos, talvez devido ao fato do ineditismo da competição dos profissionais. Para encontrar a média mensal, dividiu esse total por doze, o número de meses do ano. Esse valor arrecadado em média por mês foi dividido por 40, número de jogadores médios de uma equipe de futebol, contando o primeiro, segundo e terceiro times. Na tabela abaixo, a primeira coluna mostra o quanto cada clube arrecadou no ano, enquanto a segunda mostra o valor que cada jogador receberia por mês, levando em

---

¹⁰⁵⁰ *El País*, 21 de dezembro de 1932. Montevidéu – Uruguai.

conta apenas as receitas com vendas de ingressos. Entre parênteses aparece o valor em réis, calculado ao câmbio de 7\$220 réis, publicado no *Jornal do Commercio*:

Clubes	Total arrecadado	Média mensal por jogador
Peñarol	54.775,80 (395:481\$276)	114,11
Nacional	46.275,49	96,40
Wanderers	15.174,98	31,61
Rampla Juniors	13.770,94	27,77
Defensor	10.293,92	21,44
Central	8.885,19	18,51
Buena Vista	8.681,76	18,08
Sud America	8.229,29	17,14
River Plate	8.075,76	16,82
Racing	6.291,17	13,16

Com essas arrecadações, o fundo para os clubes pequenos conseguiu 40.000 pesos para dividir entre os clubes, ficando cada agremiação com mais 4.000 pesos,¹⁰⁵¹ valor que chegava a representar em torno de 50% do total arrecadado por metade das equipes do campeonato. Apesar do fundo ser uma boa idéia, o fato de Nacional e Peñarol participarem mostra que o mesmo não se destinava meramente a ajudar aos pequenos, mas também consistia em interessante incremento, da ordem dos 10%, do total arrecadado por esses dois times.

Os números apresentados acima, principalmente no caso de Nacional e Peñarol, são apenas uma amostra do que seria capaz o futebol mais premiado da década de 1920 e do início da década de 1930. Os números dos primeiros anos do profissionalismo no Uruguai impressionam, principalmente em se tratando de futebol sul-americano. As estatísticas se assemelham mais à situação do futebol de centros como Itália ou até mesmo Inglaterra, do que à dos países sul-americanos. O estádio Centenário de Montevideu, quando foi construído pelo Estado para abrigar o campeonato mundial de futebol de 1930, tinha capacidade para mais de setenta mil pessoas. Em 1933, passou por reformas que custaram aos cofres do governo uruguaio a fortuna de 952.062,66

¹⁰⁵¹ *El País*, 19 de fevereiro de 1933. Montevideu – Uruguai.

pesos uruguaiois,¹⁰⁵² ou 6.664:438\$620,¹⁰⁵³ muito mais do que o Vasco gastara para erguer, do nada, o maior estádio do Brasil.

Porém, se o estádio tinha esse custo todo, em poucos anos vinha garantindo rendas espetaculares, de fazer inveja a grandes clubes do Velho Continente, como o Barcelona e os três grandes de Portugal. No ano de 1933, o segundo ano em que houve campeonato de profissionais no Uruguai, as rendas e o público presente aos estádios subiram vertiginosamente. O jogo do Peñarol contra o Nacional bateu recorde de arrecadação em partidas de futebol disputadas na América do Sul. Foram três jogos seguidos naquele ano que lotaram o estádio e geraram três arrecadações extraordinárias para jogos entre clubes. O primeiro jogo, em junho de 1933, teve renda de 34.948,80 pesos,¹⁰⁵⁴ ou 227:376\$892,¹⁰⁵⁵ sendo que a equipe do Nacional, que detinha o mando de campo, teve lucro de 22.086,84 pesos,¹⁰⁵⁶ ou 143:696\$981. O segundo jogo do ano entre as duas equipes aconteceu em agosto e foi “*record de recaudación em um partido de futbol disputado em Sudamerica*”.¹⁰⁵⁷ O jornal argentino *El Mundo*, afirmava que a renda havia sido de 39.700 pesos uruguaiois (258:288\$200). No último jogo do ano entre as duas equipes, mais uma enorme arrecadação de 37.384 pesos,¹⁰⁵⁸ ou 243:220\$304.

As enormes rendas apontadas acima não eram produto de ingressos muito mais caros do que no Brasil. Aliás, para alguns setores do estádio, havia ingressos mais baratos do que aqui. Assim como no Brasil, havia ingressos para vários setores. Os ingressos mais baratos para o clássico uruguaio custavam 0,25 pesos (1\$626) mais barato do que uma geral no Brasil, que custava 2\$200. Os ingressos de arquibancadas tinham dois preços no Centenário e custavam 0,50 (3\$253) 0,80 (5\$204) centavos, respectivamente, sendo que os ingressos para esse setor no Brasil custavam geralmente 4\$400. Os ingressos mais caros do estádio uruguaio custavam 1,50 pesos (9\$759), que eram os ingressos para sócios, e 2,00 pesos (13\$012),¹⁰⁵⁹ os ingressos para as cadeiras numeradas. No Brasil, os ingressos mais caros praticados em São Januário eram as

---

¹⁰⁵² *El Paíz*, 27 de janeiro de 1934. Montevideu – Uruguai.

¹⁰⁵³ Ao câmbio de um peso uruguaio a 7\$000, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1934.

¹⁰⁵⁴ FARACHIO, Enrique Alvarez. *Um Siglo de Clasicos. Peñarol – Nacional*. Montevideo: C.R.L., 1999, p. 38.

¹⁰⁵⁵ Ao câmbio de um peso uruguaio a 6\$506, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1933.

¹⁰⁵⁶ *El Paiz*, 15 de junho de 1933, Montevideu – Uruguai.

¹⁰⁵⁷ *El Mundo*, 16 de agosto de 1933, Buenos Aires – Argentina.

¹⁰⁵⁸ FARACHIO. E.A. op. cit., p.38.

¹⁰⁵⁹ *El Paiz*, 10 de junho de 1933, Montevideu – Uruguai.

cadeiras na curva, 6\$600 cada, as poltronas, 11\$000 cada, e o camarote, que custava 44\$400 cada lugar.¹⁰⁶⁰

Se a diferença das arrecadações não se dava pelo valor do preço dos ingressos, as fontes de receitas que colocavam o futebol uruguaio num patamar mais alto que o brasileiro eram as mesmas que faziam a diferença entre o futebol brasileiro e o argentino. O Uruguai possuía um estádio maior e os dois principais clubes tinham muitos sócios. No caso do Peñarol, o fato de jogar no Estádio Centenário e de conseguir as rendas como as acima mencionadas fez com que o clube tivesse lucro com a organização de jogos da ordem de 30 mil pesos,¹⁰⁶¹ ou 216:600\$000, em 1932. Impulsionado pelo título do primeiro campeonato de profissionais, fez uma campanha para atingir os 10 mil sócios e, em março de 1933, atingiu a marca de 10.030 sócios.¹⁰⁶² O Nacional, grande rival do Peñarol, também fazia a mesma campanha para ter o mesmo número de sócios do rival. O crescimento de associados do Nacional também se dava em ritmo alucinante e, em maio de 1933, o clube teve mais de mil novos sócios, passando para um total de 8 mil associados.¹⁰⁶³ O Nacional era um clube que gastava altas somas na contratação de jogadores. Nesse mesmo ano, só com o pagamento de luvas para jogadores, o clube gastou 50 mil pesos, quase 350 contos.¹⁰⁶⁴ Esses clubes atingiam a casa dos 10 mil sócios em uma cidade com cerca de 400 mil habitantes, ou seja 2,5 % da população de Montevideú era associada a um dos dois maiores clubes de futebol da cidade.

Apesar dos números impressionantes dos dois grandes clubes do futebol uruguaio, bem como dos grandes times argentinos, os times do Prata não conseguiam concorrer com os altíssimos salários pagos pelo futebol italiano, que facilmente chegavam às 3.500 libras,¹⁰⁶⁵ o equivalente a 709 pesos argentinos, 384 pesos uruguaios e quase 2 contos e meio em moeda brasileira. Dessa maneira tornava-se necessária a contratação urgente de estrelas que pudessem repor a saída dos inúmeros craques do Prata e manter o interesse dos campeonatos argentino e uruguaio. A solução foi contratar os craques brasileiros, que eram bons e amadores, portanto livres para

---

¹⁰⁶⁰ Jogo Vasco e Bangu, *Jornal dos Sports*, 24 de agosto de 1933.

¹⁰⁶¹ *Jornal dos Sports*, 29 de julho de 1933.

¹⁰⁶² *El Paiz*, 28 de março de 1933, Montevideú – Uruguai.

¹⁰⁶³ *El Paiz*, 4 e 21 de maio de 1933, Montevideú – Uruguai.

¹⁰⁶⁴ *Jornal dos Sports*, 5 de outubro de 1933.

¹⁰⁶⁵ *Jornal dos Sports*, 28 de julho de 1933. Esses valores se referem à contratação de Canalle, ex-jogador do Botafogo pelo Torino, da Itália.

assinarem com qualquer clube que participasse de campeonatos profissionais autorizados pela FIFA, como era o caso dos clubes argentinos e uruguaios.

A Seleção e os Times Brasileiros: Vitrine de Craques sem Contrato

Quando uma equipe da Argentina ou do Uruguai necessitava contratar um jogador para repor a saída de um craque para a Itália, o processo de contratação era um problema. Os clubes argentinos e uruguaios pediam verdadeiras fortunas pelos passes dos atletas, e só a liberação por parte do clube ao qual o atleta estava ligado é que dava ao jogador condições de atuar por uma nova agremiação. Além disso, os atletas profissionais desses países pediam altas somas para renovar seus contratos, como o uruguaio Corazzo, que pediu 20 mil pesos argentinos (70:480\$000) para renovar com o Independiente, da Argentina,¹⁰⁶⁶ ou como no caso já visto de Bernabé Ferreira, que pediu o mesmo para renovar com o River Plate, também da Argentina.

O Brasil tinha feito uma campanha tímida na Copa do Mundo de 1930 e era detentor de poucos títulos sul-americanos. Pairavam muitas dúvidas ainda sobre a capacidade dos jogadores brasileiros, principalmente para se adaptarem ao regime do profissionalismo. Os indícios de que os brasileiros poderiam dar certo no futebol internacional já haviam aparecido em 1931, com a contratação de Fausto e Jaguaré pelo Barcelona e a dos jogadores paulistas pelo futebol italiano. Porém, se havia alguma dúvida quanto à capacidade técnica dos brasileiros, os jogadores deram uma demonstração clara de sua qualidade técnica perante os olhos dos principais campeões do futebol mundial. No ano de 1932, a Revolução Constitucionalista abria feridas imensas entre os paulistas e o restante do país. O futebol, como parte cada vez mais integrante de nossa sociedade, foi um dos elementos que ajudou a aprofundar essa crise. Em meio a um clima de grande rivalidade política no país, foram disputados em 1932 dois jogos entre as seleções carioca e paulista. O primeiro jogo, em São Paulo, ocorreu em finais de junho, e os cariocas conseguiram uma vitória em território paulista após um longo período. O segundo jogo, no Rio de Janeiro, aconteceu a 5 de julho de 1932. Os paulistas fizeram 3 a 0 e pareciam controlar a partida. Porém, uma forte chuva começou a cair e, logo depois, os cariocas fizeram dois gols. O árbitro era paulista e, em alguns lances duvidosos, começou a ser pressionado por jogadores e, posteriormente,

---

¹⁰⁶⁶ O cronista do jornal uruguaio *El Paiz* afirmava que Corazzo era “*el mejor eje medio del football argentino*” e portanto concluiu: “*Si es mucho o poco, no nos interesa. Pero la verdad es que Corazzo vale esa suma*”. *El Paiz*, 5 de janeiro de 1934, Montevideu – Uruguai.

pelos torcedores. Não demorou muito para que as primeiras agressões começassem, houvesse invasões de campo, e uma pancadaria generalizada tomasse conta do campo. Jogadores paulistas e o árbitro foram agredidos, e a partida foi suspensa.¹⁰⁶⁷ Dias depois, estourava a Revolução Constitucionalista em São Paulo.¹⁰⁶⁸

Com as relações entre as entidades do futebol e da política institucional em crise, a APEA resolveu não enviar seus jogadores para a CBD para o jogo no Uruguai contra a seleção local, pela Copa Rio Branco. Em 1931, o Brasil ganhou pela primeira vez a taça, no Rio de Janeiro. Por isso, o campeoníssimo Uruguai queria a desforra contra uma seleção do Brasil, que vinha desfigurada para a disputa do torneio em 1932. O técnico da seleção brasileira era uma das figuras mais polêmicas e sensatas do futebol daqueles anos. Luis Vinhaes havia sido jogador, campeão com o São Christovão em 1926. Depois, se tornou técnico de futebol e, em 1932, era o técnico do Fluminense e da seleção brasileira. Levou para o Uruguai a base do *scratch* carioca que derrotou a seleção paulista e apostou em uma série de jogadores negros e mulatos, alguns de equipes pequenas, mas de altíssimo valor técnico. A seleção contava com dois zagueiros fenomenais. Um deles era Itália, Luiz Gervazonni, jogador do Vasco de origem italiana e campeão carioca de 1929. O outro era uma das figuras mais importantes de nosso futebol, o jovem Domingos da Guia, negro, que acabara de completar 20 anos e já era um dos jogadores mais cobiçados do futebol brasileiro. No meio de campo, o desfalque era Fausto, que estava atuando na Espanha, mas Agrícola, do São Christovão, Canalli e Martin Silveira, do Botafogo, foram as apostas de Vinhaes para segurar o poderoso meio de campo uruguaio. No ataque, duas grandes revelações do futebol carioca foram colocadas no lugar de dois jogadores dos mais consagrados com a seleção. Nilo e Carvalho Leite, do Botafogo, depois de anos como titulares absolutos da seleção, perderam a posição para dois jovens jogadores negros do modesto Bonsucesso, Leônidas da Silva, de 19 anos, e Gradim, de 24. Os dois participaram do melhor ataque do campeonato carioca de 1932, que teve 54 gols, e foram comandados pelo primeiro técnico negro a ter destaque no Brasil: Gentil Cardoso.

Com essa seleção, o Brasil foi ao Uruguai, cheio de esperanças de conseguir, em uma competição oficial, a primeira vitória de sua história diante da “Celeste

---

¹⁰⁶⁷ MAZZONI, T. op. cit., p. 234.

¹⁰⁶⁸ Em 9 de julho de 1932.

Olímpica”¹⁰⁶⁹ em Montevideu. Com dois gols de Leônidas da Silva e uma atuação impecável da seleção brasileira, o Uruguai caiu por 2 a 1 e teve que se render não só ao brilhantismo dos jogadores brasileiros, mas também a inovações táticas colocadas em prática por Luis Vinhaes que não eram praticadas no futebol sul-americano. A tática do WM¹⁰⁷⁰, que começou a ser introduzida após a nova lei do impedimento de 1925 e que ficou famosa pela mão do técnico austríaco Hugo Meisl entre 1931 e 1933, foi vista em pleno Estádio Centenário praticada por uma equipe de desconhecidos e composta de negros, em sua maioria. O Jornal *El Paíz* notava que aquilo que praticavam os brasileiros era o mais visto nos campos ingleses, apesar de fazer uma ressalva de que não queria com isso dizer que os brasileiros jogavam como os ingleses. Contudo, notava que sua linha de ataque jogava em W e que “[...] *Si esa táctica se practica en todas sus partes y por hombres de mejores recursos personales que los brasileños, seria de resultado extraordinario.* [...]”.¹⁰⁷¹

Os uruguaios não se conformavam com a vitória dos brasileiros, aliás, as vitórias, pois a seleção brasileira, com o nome de seleção do Rio de Janeiro venceu mais dois amistosos em Montevideu, justamente contra o Nacional, por 2 a 1, e contra o Peñarol, por 1 a 0.¹⁰⁷² Apesar de reconhecerem inovações táticas apelavam para o sincretismo do povo brasileiro: “*QUÉ AMULETO TRÁEN? Que los brasileños se han encomendado a algun santo al perder de vista el Corcovado, es algo que ya nadie se discute.* [...] *Por favor que no compren el ‘gordo’ de Navidad!*”.¹⁰⁷³

---

¹⁰⁶⁹ “Celeste” era a maneira como era conhecida a seleção uruguaia, por conta da cor de seu uniforme, azul claro. Após a conquista das duas medalhas de ouro no futebol nas Olimpíadas de Paris e Amsterdã, em 1924 e 1928, respectivamente, a seleção passou a ser conhecida como “Celeste Olímpica”. Em julho de 1916, o Brasil conseguiu vencer o Uruguai, em Montevideu, num amistoso. Depois dessa vitória, só conseguiu vencer os uruguaios mais uma vez, no Sul-Americano de 1919 e na Copa Rio Branco de 1931, ambos no Rio de Janeiro.

¹⁰⁷⁰ O WM foi uma disposição tática inovadora que passava a ser uma alternativa ao tradicional sistema de dois zagueiros, três jogadores de meio-campo e cinco atacantes, conhecido como 2-3-5. No WM os jogadores se dispunham em campo ocupando posições que configuravam as duas letras. Dois jogadores do ataque foram recuados para o meio do campo e um jogador desse setor era recuado para o setor defensivo da equipe, numa espécie de três zagueiros, quatro jogadores na região do meio do campo e três jogadores no ataque. A tática foi desenvolvida na Inglaterra pelo treinador do Arsenal Herbert Chapman, em 1930 e era uma novidade em campos sul-americanos.

¹⁰⁷¹ *El Paíz*, 12 de dezembro de 1932, Montevideu – Uruguai.

¹⁰⁷² Esses jogos tiveram ótima arrecadação e os brasileiros negociaram 50% das rendas, ficando com um total de 36.164,86 pesos uruguaios, 235:288\$579 em moeda brasileira, sendo 91:800\$961 para a CBD e o restante para a AMEA, representante do *scratch* carioca. 4 de dezembro de 1932, Brasil e Uruguai: 14.110,20 pesos (34.194 entradas vendidas); 8 de dezembro de 1932, Seleção Carioca e Peñarol: 8.804,36 (25.550 entradas vendidas); 11 de dezembro de 1932, Seleção Carioca e Nacional: 13.250,30 (32.278 entradas vendidas). *El Paíz*, 12 de dezembro de 1932, Montevideu – Uruguai. Câmbio de um peso uruguaio a 6\$506, como divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1933.

¹⁰⁷³ *El Paíz*, 12 de dezembro de 1932, Montevideu – Uruguai.

Seja pelas novidades táticas, seja pelos santos a perder de vista do recém inaugurado Cristo do Corcovado, o que realmente ficou marcado com aqueles jogos era que o Brasil possuía muitos jogadores de altíssimo nível que poderiam dar novo gás aos campeonatos recém profissionalizados da Argentina e Uruguai. Era a hora de sair às compras de bons jogadores, baratos e sem contrato. Prato cheio para os grandes clubes de Buenos Aires e Montevideú.

Craques Paulistas e Cariocas em Alta no Mercado Internacional

A corrida pela contratação de jogadores brasileiros pelos clubes argentinos e uruguaios aconteceu justamente no ano em que o futebol de São Paulo e Rio de Janeiro davam o pontapé inicial na era dos campeonatos com jogadores contratados legalmente como profissionais. No próximo item será feito um pequeno resumo deste processo e será abordado o papel decisivo do Vasco da Gama na consolidação dessa nova etapa do futebol brasileiro. O processo foi conflituoso e as posições contrárias fizeram com que, num primeiro momento, existissem dois campeonatos, um com os clubes que permaneciam “amadores” e outro com os atletas legalmente profissionalizados. A maioria dos clubes grandes optou por legalizar a prática de pagar jogadores, algo que há muito era habitual entre praticamente todos os clubes de futebol das primeiras divisões das grandes cidades do país. A questão foi que a Confederação Brasileira de Desportos ficou do lado das ligas de jogadores amadores. Nesse caso, o assunto ficou muito complicado para os clubes que optaram pelo caminho do profissionalismo. Como não eram reconhecidos pela CBD, a FIFA também não poderia reconhecê-los, uma vez que a entidade reguladora do futebol mundial só aceitava a filiação de uma entidade por país, que no caso do Brasil era a CBD. Se a FIFA não tinha esses jogadores em seus quadros de registros, qualquer clube filiado à CBD, ou a qualquer confederação de qualquer outro país filiado à FIFA, poderia simplesmente inscrever o jogador. Ou seja, os jogadores dos clubes brasileiros que optaram pelo profissionalismo estavam livres para assinar com qualquer clube do mundo filiado a confederações nacionais ligadas à FIFA.

Como vimos anteriormente, dois processos estavam tornando difícil a vida dos dirigentes dos grandes clubes uruguaios e argentinos, os dois maiores centros do futebol sul-americano. O primeiro deles, um mal que também assolou os principais clubes brasileiros: a sangria de jogadores para os grandes clubes europeus. Muitos foram os

jogadores que partiram, principalmente para a Itália. Nunca é demais lembrar que, dentro desse contexto de importação de craques sul-americanos, a seleção italiana que ganhou a Copa de 1934, sob a batuta de *Il Duce*, contava com cinco jogadores naturalizados. Quatro deles, De Maria, Guaita, Monti e Orsi, eram argentinos. O outro era Filó, jogador brasileiro que saiu do Corinthians para a Lazio e que na *Azurra* era conhecido como Guarisi. Era o auge de uma trajetória de importação que se iniciara quatro anos antes e que garantiu à Itália seu primeiro título mundial.

O outro aspecto corresponde à questão da dificuldade que os clubes argentinos e uruguaios enfrentavam para contratar jogadores de clubes menores dos seus países. Já na era do profissionalismo, os clubes tomaram a decisão de instituir o “passe”, já analisado antes. Mesmo sem contrato, os jogadores só poderiam se transferir para outros clubes, se fossem liberados, i.e., se o clube ao qual “pertenciam” lhes desse o passe. Como na Argentina a maioria dos clubes era profissionalizada e como as duas entidades máximas do país já haviam regulamentado a profissionalização dos atletas junto à FIFA, qualquer transação de jogadores grandes para pequenos envolvia logo grandes somas.

Mas havia uma solução boa, barata e de fácil acesso. Eram os jogadores brasileiros, recém-profissionalizados, porém livres, sem terem o custo do passe. Isso fazia com que os jogadores brasileiros representassem uma viável solução econômica, pois os dirigentes dos clubes só precisavam negociar o valor de luvas e salários diretamente com o jogador. Além disso, os jogadores brasileiros estavam se habituando ao profissionalismo e recebiam, dos clubes brasileiros, bem pouco em relação ao que se pagava no Prata.

Tomarei a liberdade de usar o cálculo do cronista do jornal *El Paíz*, para comparar o poder econômico dos clubes uruguaios, brasileiros e argentinos. Se levarmos em conta os números de arrecadação com jogos de futebol para o ano de 1932, veremos a diferença entre as principais equipes do Prata e as cariocas. Na tabela abaixo, a segunda coluna contém as arrecadações totais com o futebol dos principais times em 1932 e, na terceira coluna, o cálculo feito pelo *El Paíz*, dividindo esse total por 12 (número de meses) e depois por 40 (número de jogadores do plantel). Os números para o futebol uruguaio levam em consideração só o campeonato nacional, com dez clubes. Os números de Argentina e Rio de Janeiro levam em conta amistosos e outros torneios:

<i>Clubes</i>	<i>Total arrecadado (réis)</i> ¹⁰⁷⁴	<i>Valor por jogador</i>
River Plate	1.254:467\$550	2:613\$474
Boca Juniors	926:278\$500	1:929\$746
Peñarol	395:481\$276	823\$874
Nacional	334:109\$037	696\$008
Vasco (1931) ¹⁰⁷⁵	172:735\$000	359\$864
Fluminense ¹⁰⁷⁶	116:274\$900	242\$239

Os valores mostrados acima podem dar uma idéia de quanto os dois maiores clubes do Rio poderiam pagar a seus jogadores. As rendas obtidas pelos clubes grandes argentinos são muito superiores às obtidas no Brasil. Os números dos dois grandes uruguaios se explicam, pois era o primeiro ano do campeonato nacional profissional. No ano seguinte, as três partidas envolvendo-os renderam mais de 770:000\$000. Com todo o poderio financeiro e sem empecilhos legais, os clubes uruguaios e argentinos passaram a mandar emissários ao Brasil na busca de jogadores. Foram muitas as contratações, e os jogadores brasileiros passaram a configurar nos primeiros times dos grandes clubes de futebol do Prata.

O número de jogadores brasileiros a ingressar no profissionalismo platino em 1933 foi impressionante. Os dois clubes que mais contrataram brasileiros foram o San Lorenzo, que chegou a ter quatro brasileiros, e o Peñarol, com o significativo número de sete jogadores brasileiros em seu plantel. Após a excelente exibição dos cariocas na Copa Rio Branco, os uruguaios, encantados com o futebol dos brasileiros, começaram uma verdadeira guerra para contratar os jogadores. Os três jogadores mais cobiçados eram negros e jovens revelações do futebol carioca. Domingos da Guia, Leônidas da Silva e Congo começaram a tratar de suas transferências para Montevidéu. Além deles, muitos outros jogadores arrumavam as malas para o profissionalismo uruguaio. No caso da Argentina, a procura maior foi por jogadores paulistas, principalmente o craque do Syrio, Petronilho de Brito, além do defesa da seleção brasileira e da seleção acadêmica, Marin Silveira. Os clubes argentinos e uruguaios conseguiram tirar cerca de quinze dos

¹⁰⁷⁴ Ao câmbio de 4\$200 divulgado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1932.

¹⁰⁷⁵ Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama para o anno de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

¹⁰⁷⁶ *Fluminense Football Club. Relatório dos Apresentado ao Conselho Deliberativo em 28 de abril de 1932.* (s.n.) 1933.

melhores jogadores do Brasil, incluindo até jogadores do Rio Grande do Sul, como Patesko, que saiu do Força e Luz, time gaúcho, e foi para o Nacional uruguaio.

Porém, quatro foram as contratações que maior impacto causaram no futebol brasileiro. O futebol argentino levou Petronilho, que foi para o San Lorenzo juntamente com Teixeira, Vanni e Ramon; e Marin Silveira, zagueiro do Botafogo que foi para o gigante Boca Junior. Porém, as contratações que mais causaram alvoroço foram feitas por times uruguaio. Petronilho era center-forward e pertencia ao Syrio de São Paulo. Quando os paulistas planejavam formar o seu primeiro campeonato de profissionais, Petro, como era conhecido, abandonou seu time. Foi para a Argentina com alguns colegas de time e lá treinou no San Lorenzo, sendo contratado pela equipe argentina. Petronilho negociou 13 contos de luvas e disse que, se tivesse pedido mais, os dirigentes do clube argentino teriam dado. Como ganhava o teto salarial na Argentina, 350 pesos (1:233\$400), só poderia aumentar sua renda mensal com os prêmios. Cada vitória valia 80 pesos, o empate 50 pesos e cada gol que Petro marcasse valiam mais 10 pesos ao final do mês. Dessa maneira, o craque paulista tencionava ganhar cerca de 700 pesos mensais,¹⁰⁷⁷ ou 2:466\$800,¹⁰⁷⁸ uma verdadeira fortuna perto do que os clubes paulistas queriam pagar naquele ano, que era cerca de 400\$000.

Já Martin Silveira fechou um contrato de um ano com o Club Atletico Boca Juniors. Antes de assinar com o Boca, Martin espalhou notícias de que poderia assinar com o Nacional,¹⁰⁷⁹ para poder se valorizar na negociação com os argentinos, prática que se tornava comum entre os atletas de futebol profissional. O jogador acabou conseguindo um excelente contrato, com salário dentro do teto estabelecido pela Liga, 350 pesos, e prêmios de 100 pesos por vitória, 50 por empate e 30 por derrota. Conseguiu 10.000 pesos (35:240\$000) de luvas, uma verdadeira fortuna em moeda brasileira, além de afirmar que o Boca lhe pagaria 850 pesos pela moradia em hotel da cidade.¹⁰⁸⁰

Quando os dois jogadores assinaram seus contratos e partiram para jogar o ano de 1933 na Argentina, não poderiam imaginar que estariam nas duas equipes que disputariam, jogo a jogo, até a última rodada, o triunfo no campeonato argentino. Petronilho era atacante e Martin era zagueiro, eram dois brasileiros nas duas melhores equipes da Argentina. Petro ainda teria ao seu lado o brasileiro Teixeira, pois Vanni

---

¹⁰⁷⁷ *Jornal dos Sports*, 14 de maio de 1933.

¹⁰⁷⁸ Câmbio de 5\$524 publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de janeiro de 1933.

¹⁰⁷⁹ *Jornal dos Sports*, 17 de dezembro de 1932.

¹⁰⁸⁰ *Jornal dos Sports*, 17 de dezembro de 1932.

voltou para o Brasil antes do meio do campeonato,¹⁰⁸¹ e Ramon jogou apenas no segundo time. Martin foi titular em todas as partidas do campeonato, que foi decidido nas últimas três rodadas. O Boca era líder e perdeu para o San Lorenzo por 2 a 0, com um gol de Petronilho. Na rodada seguinte, o San Lorenzo perdeu para o Independiente, e o Boca, vencendo o Lanús, retomou a liderança, faltando uma rodada. O problema para o Boca era jogar o último jogo contra o arqui-rival River Plate, fora de casa. O River estragou a festa do Boca, vencendo por 3 a 1 e dando o título para o San Lorenzo, que ganhou por 1 a 0 do Chacarita Juniors.

Do outro lado do Rio da Prata, Nacional e Peñarol duelaram para conseguir contratar os maiores craques em atividade do Brasil, as duas estrelas maiores da Copa Rio Branco: Domingos da Guia, considerado o melhor zagueiro da América do Sul, e Leônidas da Silva, o homem que havia feito os dois gols no Uruguai na final contra o Brasil em Montevideu. O Nacional concentrou suas forças em Domingos da Guia e conseguiu a contratação do jogador em uma disputa com o Vasco, o Estudiantes de La Plata, o Red Star de Paris, São Paulo e muitos outros clubes. Quando Domingos foi ao Prata com a seleção, recebeu tantas propostas que afirmou: “Eu parecia até mulher bonita”.¹⁰⁸² Domingos também fez um excelente contrato com o Nacional, nos mesmos padrões de Martin e Petronilho na Argentina. Conseguiu 35:000\$000 de luvas e 1:500\$000 por mês, contrato com salário semelhante ao de Fausto no Barcelona, mas com uma premiação de luvas quase oito vezes superior. Dois meses após a sua contratação, o San Lorenzo já oferecia 15.000 pesos argentinos (52:860\$000) para ter Domingos,¹⁰⁸³ e o Estudiantes oferecia 5 mil pesos, mais o zagueiro uruguaio Castro, pelo zagueiro brasileiro.¹⁰⁸⁴ Não era à toa que o jornal *El País* publicava uma foto com Domingos da Guia e a inscrição “*ORO NEGRO*”.¹⁰⁸⁵

Já Leônidas da Silva foi para o Peñarol, que apostou forte nos brasileiros. O clube contratou sete de uma vez. Além de Luiz Matoso, o Feitiço, vindo do Corinthians, o clube trouxe o goleiro Manoel Rabello, que havia atuado no Palestra Itália de São Paulo e no America do Rio de Janeiro. O zagueiro gaúcho Luiz Luz, do Americano de Porto Alegre; Oswaldo Silva e Carlito Kerbergs, do Corinthians; Bahia, do Vasco, e a grande estrela Leônidas da Silva, vindo do Bonsucesso, completavam os reforços

---

¹⁰⁸¹ *Jornal dos Sports*, 6 de setembro de 1933.

¹⁰⁸² *Jornal dos Sports*, 20 de dezembro de 1932.

¹⁰⁸³ *Jornal dos Sports*, 16 de março de 1933.

¹⁰⁸⁴ *Jornal dos Sports*, 10 de maio de 1933.

¹⁰⁸⁵ *El País*, 19 de maio de 1933, Montevideu – Uruguai.

brasileiros. Mas Leônidas não chegou ao Peñarol nem com *status* de estrela, nem com salário de estrela. Saído do Bonsucesso e envolvido em vários escândalos no Brasil, o jogador era visto com desconfiança pelos uruguaios. Leônidas também aceitou sair do Brasil, pois estava um pouco farto de todas as polêmicas no país, como a história de um colar que teria roubado e a sua participação, ainda como amador, em um festival com Jaguaré, quando este veio do Barcelona para resolver suas pendências militares. Como estava mal de dinheiro, o goleiro profissional do Barça fez, como foi visto, um festival, do qual Leônidas participou. Como não era permitido a amadores jogar contra profissionais, Leônidas foi punido pela CBD e quase eliminado pela FIFA, mas a necessidade de fortalecer a seleção para a Copa Rio Branco de 1932 fez a CBD perdoar Leônidas.¹⁰⁸⁶ O jogador recebia “apenas” 1:000\$000 de salários e recebeu 17:500\$000 de luvas, enquanto o Luis Luz, que estava no Peñarol desde 1931, recebeu 31:500\$000 de luvas, além de salário de 1:500\$000. Os outros jogadores receberam luvas em torno de 21:000\$000 e salários também de um conto de réis. Leônidas só teve luvas maiores que Bahia, que saído do Vasco, foi tentar a sorte no Peñarol e aceitou luvas de 7:000\$000 e ordenados de 900\$000. Outro jogador brasileiro de altíssimo nível e muito barato foi parar no Wanderers, de Montevideú, por luvas de 12 contos e salários de 900\$000.¹⁰⁸⁷

Apesar de Domingos e Patesko formarem uma dupla de brasileiros de sucesso no Nacional, os jogadores do Peñarol, que deveriam formar uma “mini” seleção brasileira, fracassaram. Apenas Bahia conseguiu ter uma presença relativamente constante na equipe. Dos quatro jogos entre Peñarol e Nacional, apenas Leônidas jogou um deles e muito mal, na derrota de seu time por 2 a 0. Os jornais uruguaios não davam trégua aos jogadores brasileiros e ficavam espantados com a “*etiqueta extranjera*” e de como alguns times se encantavam com os jogadores brasileiros. O jornal apelava para que os clubes trouxessem jogadores do Chile, ou mesmo aproveitassem a crise econômica na Inglaterra para trazer jogadores de lá. Os jornalistas uruguaios não se conformavam com o fato de os clubes importarem jogadores, principalmente brasileiros. A melhor solução, segundo o jornal, era apostar nos jogadores de clubes do interior do Uruguai. Além disso, comparava a situação econômica do país com a situação do futebol: “*Será curioso que en el momento que comprobabamos el singular*

---

¹⁰⁸⁶ Para conhecer mais das histórias de Leônidas, ver FILHO, M. op. cit. e RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 1999.

¹⁰⁸⁷ *Jornal dos Sports*, 9 de agosto de 1933.

desenvolvimento de las industrias nacionales, haya de ser en el football, aqui en la tierra olimpica, donde nos dediquemos a emplear productos importados".¹⁰⁸⁸

Além de críticas ao nível técnico dos brasileiros, que a imprensa afirmava não estranhar, os jogadores brasileiros sofreram com outras duas questões em Montevideu. A primeira delas era o fato de os jogadores brasileiros serem frequentadores da noite da cidade. De fato, várias eram as notícias sobre os jogadores brasileiros, não só na noite de Montevideu, mas na de Buenos Aires também. "*Buenos jugadores pero mejores garuferos*" era como a imprensa uruguaia e argentina se referia aos jogadores brasileiros.¹⁰⁸⁹ Domingos da Guia era acusado pelo jornal *El Paíz* de ser "*um buen cliente de los cabarets*".¹⁰⁹⁰ Os brasileiros se reuniam duas ou três vezes na semana nos bares e *cabarets* da cidade no chamado "Grupo da Saudade", formado pelos jogadores brasileiros em Montevideu.¹⁰⁹¹ O *Jornal dos Sports* em nota, publicava que um jogador brasileiro, pela descrição do jornal provavelmente Bahia, gastara 943\$000 em um "*dancing*" durante uma "rodada alegre".¹⁰⁹² Porém, outra questão incomodava os brasileiros no Uruguai. Não são poucas as vezes em que se lê nas páginas do *El Paíz* referências racistas à suposta inferioridade dos negros. Apesar do Uruguai ter sido o primeiro país a ter um ídolo negro, com Gradin na década de 1910, e de ter tido uma estrela do Mundial de 1930 também negro, o jogador Andrade, era assim que os uruguaiois gostavam: uma seleção toda branca e com pouquíssimos jogadores negros. Nada muito diferente do que pensava a elite brasileira. Segundo o ex-jogador do Peñarol, Martin Fierro, que atuou no clube na década de 1920:

Dios hizo al blanco y al negro
Sin indicar los mejores
Les mandó iguales dolores
Bajo de la mesma cruz.
Mas también hizo la luz!
Para distinguir los mejores.¹⁰⁹³

Os onze brasileiros, muitos negros e mulatos, do campeonato profissional uruguaio, de uma maneira geral não se deram muito bem. Só Patesko e, principalmente, Domingos da Guia, absoluto na defesa do Nacional, campeões uruguaiois de 1933, tiveram um ano relativamente bom. Os brasileiros do Peñarol praticamente não jogaram

---

¹⁰⁸⁸ *El Paíz*, 8 de setembro de 1933, Montevideu – Uruguai.

¹⁰⁸⁹ *Jornal dos Sports*, 11 de novembro de 1933.

¹⁰⁹⁰ *El Paíz*, 13 de julho de 1933, Montevideu – Uruguai.

¹⁰⁹¹ *Jornal dos Sports*, 28 de setembro de 1933.

¹⁰⁹² *Jornal dos Sports*, 5 de julho de 1933.

¹⁰⁹³ *El Paíz*, 7 de setembro de 1933, Montevideu – Uruguai.

no primeiro time e apenas Congo, no pequeno Wanderers, teve uma boa sequência de jogos. Os jogadores brasileiros deixaram uma dupla imagem nos clubes do Prata. Alguns demonstraram ser merecedores de todos os louros e tiveram seus contratos renovados. Outros não agradaram e estavam livres para negociar com qualquer clube. Muitos não tinham mesmo se adaptado ao frio de Montevidéu, ao regime duro do profissionalismo do Prata e estavam prontos para voltar ao Brasil. Aqui, após um ano complicado de transição do amadorismo para o profissionalismo, como aconteceu em todos os países que já haviam passado por esse processo, alguns times estavam dispostos a “abrir os cordões da bolsa” e partir para contratações de grandes times. O projeto era recrutar os jogadores brasileiros no estrangeiro e dar o troco nos clubes que haviam levado os craques brasileiros. Mas poucos, ou melhor, pouquíssimos clubes poderiam se arriscar numa empreitada dessas. Porém houve um clube que resolveu encabeçar este audacioso projeto. E esse clube era o Vasco da Gama.

5.4 O Vasco na era profissional

O primeiro ano da era profissional no futebol brasileiro foi de muitos contratemplos, divisões de força e, como vimos, saída de craques para o exterior. Não só a região do Prata importava os jogadores brasileiros (mais precisamente de clubes cariocas, gaúchos e paulistas), mas também a Itália continuava a buscá-los. Muitos eram conduzidos por jogadores que já estavam na Itália, como Amílcar Barbuy ou Fernando Giudicelli. Este último usava seu irmão como uma espécie de intermediador de jogadores. Foi com o irmão de Fernando que Benedicto, do Fluminense, e Canale, do Botafogo e filho de italianos, embarcaram para tentar a sorte na Itália, em 1933.¹⁰⁹⁴

Os times brasileiros ainda estavam frágeis, se adaptando ao profissionalismo, com uma estrutura econômica muito longe das que tinham os clubes do Prata e da Itália, sem o respaldo da CBD e da FIFA e perdendo seus principais jogadores. Mesmo com a legalização da profissão de jogador de futebol pelos principais clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, os clubes penavam com problemas e sofriam o ataque de parte da imprensa e dos dirigentes que ainda defendiam o sistema corrompido do falso amadorismo. A questão da profissionalização dos atletas de futebol é um dos assuntos que algumas pesquisas de qualidade já colocaram em pauta.¹⁰⁹⁵ Neste trabalho, cabe aprofundar o papel do Vasco, não só na fundação de uma nova liga formada por clubes que adotavam o profissionalismo, como também, e principalmente, na intervenção direta em uma nova lógica atrelada à capitalização dos esportes de massa. Uma breve reconstituição dos momentos em que se deu a ruptura entre amadores e profissionais se torna necessária, justamente pela atuação do Vasco da Gama neste processo.

A Liga Carioca de Football

A profissionalização do jogador de futebol não era algo recente. Como vimos ao longo do trabalho, desde o final da década de 1910, muitos jogadores já eram profissionais, e não só nas duas maiores cidades do país. Havia profissionais em Porto

---

¹⁰⁹⁴ *Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1933.

¹⁰⁹⁵ CALDAS, W. op.cit., PEREIRA, L. A. de M. op.cit., MAZZONI, T. op.cit., FILHO, M. op.cit., CORREA, F. P. op.cit. e SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981. SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro. Ed. Relume-Dumará. 1996. MERCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol 1906-1994*. Rio de Janeiro. Ed. FERJ. 1995.

Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, São Luis, Recife, Belém e até em cidades distantes das capitais estaduais, como Bagé (RS), Petrópolis (RJ), Juiz de Fora (MG), muitas cidades paulistas, como Santos, Jundiaí, Campinas, Sorocaba e Taubaté, entre tantas outras. Todas estas cidades aparecem nos periódicos como sendo palco de transações envolvendo o pagamento de jogadores de futebol, muito antes da fundação da Liga Carioca de Football e de a APEA-SP terem regulamentado o profissionalismo.

O processo de regulamentar a profissão de jogador de futebol estava inserido em um contexto que lhe era favorável, o do início da Era Vargas, e foi impulsionado por um processo que enfraquecia os principais clubes brasileiros, com a saída de seus jogadores para os mercados profissionais.

Em relação ao contexto histórico em que se passou a regulamentar a profissionalização dos jogadores, os primeiros anos do governo Vargas foram marcados pela aceleração no estabelecimento de uma política social que beneficiasse os trabalhadores sem prejudicar os austeros lucros da burguesia urbana. A tentativa do estabelecimento de uma legislação social que desse maior amparo aos trabalhadores não era novidade e vinha tomando corpo desde as greves de 1917, mas era potencializada por um executivo forte, que passou a legislar a partir de 1930. Os diretores de clubes de futebol, como gestores de empresas capitalistas provedoras de espetáculos esportivos comercializáveis, faziam parte da burguesia urbana, que como classe, passou a estabelecer uma posição mais firme naquele período na defesa de seus interesses.¹⁰⁹⁶ A profissionalização dos atletas era perfeita para atingir a duplicidade das medidas tomadas pelo governo Vargas. Primeiro, entrava no contexto da legalização do trabalhador, da assinatura de um contrato, de direitos reconhecidos por lei, como cláusulas de rescisão contratual, luvas e indenizações em caso de contusão de algum jogador. Por outro lado, dava aos dirigentes e associados do clube a possibilidade de tratar seus jogadores de futebol como empregados do clube e não mais como sócios. Assim, como pessoas de origem muito mais humildes, muitas vezes negras e analfabetas, os jogadores passaram a não mais conviver nas dependências sociais de seus elegantes clubes. Além disso, com a profissionalização do futebol, os dirigentes brasileiros poderiam auferir das vantagens das vendas de passes de jogadores, ao invés de perdê-los de graça para o mercado de profissionais fora do país, trazendo mais uma quantidade grande de receitas para os clubes. É importante lembrar que o passe de

---

¹⁰⁹⁶ GOMES, A. M. de C. op.cit. (1979) p. 201.

Bernabé custou 20 mil pesos argentinos (84:000\$000) ao River Plate, valor superior à maior parte das rendas obtidas nos campeonatos carioca e paulista.

Se o contexto político era propícia à legalização da profissão de atleta profissional do futebol, a saída de jogadores para o exterior foi uma espécie de catalisador do processo. Muito longe das receitas dos clubes italianos, uruguaio e argentinos, os clubes brasileiros perdiam seus jogadores facilmente para esses mercados. Os jogadores brasileiros, por sua vez, eram mão-de-obra barata no estrangeiro, pois não se pagava pelo passe destes atletas, uma vez que eram considerados amadores pela CBD e pela FIFA. Passaram a ser constantemente contratados para elevar a qualidade do espetáculo em campos europeus. Canale, que foi levado à Itália pelo irmão de Giudicelli no início de julho, foi contratado pelo Torino no final do mês por cifras que nenhum clube brasileiro poderia pagar. Além dos 60:000\$000 de luvas, negociou um contrato com um salário de 2:500\$000 por mês, além de 350\$000 por vitória e 175\$000 por empate. No início de setembro, pediu passe à CBD, que não poderia negá-lo, uma vez que o jogador era do Botafogo, amador, e pedia transferência para um time profissional. Como Canale mudava da situação de amador para profissional, o Torino não tinha que pagar pelo seu passe. Em outubro de 1933, Canale já estava desfilando como novo milionário do futebol em Turim, na Itália.¹⁰⁹⁷ Rubens Espozel, dirigente do Vasco e muitas vezes tesoureiro da Comissão de Football da AMEA, afirmava, ainda em 1932, que os jogadores da seleção carioca iriam receber um prêmio de 30\$000 pela vitória contra os paulistas. Os jogadores reclamaram e acabaram levando 100\$000 cada.¹⁰⁹⁸

Não havia nem como competir com a região do Prata, pelas razões discutidas no item anterior: basicamente menores arrecadações com a venda de bilhetes, devido ao tamanho muito maior dos estádios platinos do início da década de 1930, e com as mensalidades de sócios. Os clubes brasileiros mal chegavam aos 3.000 sócios, que pagavam mensalidades entre 8 e 10\$000. Raríssimas eram as exceções dos clubes que passavam dos seis mil sócios, como o Palestra Itália de São Paulo e o Vasco da Gama do Rio de Janeiro, que, curiosamente, eram representantes das maiores colônias de imigrantes das respectivas cidades. Esses dois clubes eram os maiores do Brasil na época. O time paulista tinha uma receita anual de 660:000\$000,¹⁰⁹⁹ enquanto o time

---

¹⁰⁹⁷ *Jornal dos Sports*, 28 de julho, 13 de setembro e 4 de outubro de 1933.

¹⁰⁹⁸ *O Globo*, 10 de setembro de 1932.

¹⁰⁹⁹ *Jornal dos Sports*, 16 de agosto de 1933.

carioca chegava a cerca de 690:000\$000.¹¹⁰⁰ Um clube como o Boca Juniors, um dos maiores da Argentina, faturava 1.776:000\$000 com as mensalidades¹¹⁰¹ de seus sócios em um ano, quase o triplo do que faturavam os dois “gigantes” brasileiros. As receitas com a venda de ingressos, analisadas no item anterior também mostram a abissal diferença financeira entre os brasileiros e os platinos. O River Plate tinha arrecadações dez vezes maiores que o Fluminense ou nove vezes maior que o Vasco, por exemplo. Os salários pagos no Prata era muito mais altos, além das aliciadoras luvas. Só a profissionalização e o pagamento de salários e luvas próximos aos pagos no exterior é que poderiam conseguir o repatriamento dos “*cracks*” brasileiros.

A crise financeira mundial de início dos anos 1930 também repercutiu no futebol, parte integrante e pulsante do capitalismo. Os clubes tiveram uma queda nas receitas em 1932, fruto também da saída de vários craques do futebol brasileiro. O Fluminense teve queda de arrecadação brusca com os efeitos da crise. O número de sócios caiu de cerca de 3.000 em 1929 e 1930, para 1.966 sócios em 1932 e 1.558 sócios em 1933. As arrecadações com futebol caíram de 297:468\$000, em 1931, para 122:919\$000, no ano seguinte.¹¹⁰² Nos mesmos anos, o Vasco também teve queda nas rendas com suas receitas. O clube tinha 6.668 sócios em 1929, 6.416 em 1930 e 5.174 em 1931. As receitas com o futebol também despencavam nos anos pós-crise de 1929. Se em 1931 o clube havia arrecadado 172:735\$000¹¹⁰³ com a venda de ingressos para seus jogos, no ano seguinte só conseguiu arrecadar 140:860\$000,¹¹⁰⁴ uma queda não tão radical quanto a do Fluminense, mas mesmo assim significativa. Uma solução se fazia urgente para o futebol brasileiro, principalmente o carioca e o paulista. A crise dos clubes fazia com que os mesmos perdessem jogadores e credibilidade junto ao público, decaindo o número de sócios e de torcedores nos estádios.

Só uma reviravolta, como a fundação de uma nova liga de futebol no Rio para organizar jogos com atletas profissionais, poderia revigorar a saúde financeira dos clubes. Para esse fim, foi fundada a Liga Carioca de Football, após longa discussão com alguns membros da AMEA. De um lado, na defesa do falso amadorismo, estava o Botafogo, apoiado pelo Flamengo. Do outro lado, na defesa do profissionalismo, estava

---

¹¹⁰⁰ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama para o anno de 1931*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932. Foram somados os valores das anuidades, semestralidades e mensalidades de todas as categorias de sócios.

¹¹⁰¹ *Jornal dos Sports*, 4 de maio de 1933.

¹¹⁰² Dados obtidos nos relatórios do Fluminense de 1929 a 1932..

¹¹⁰³ *Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama para o anno de 1931*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

¹¹⁰⁴ *Jornal dos Sports*, 17 de fevereiro de 1933.

o America, o Bangu e, quem diria, os dois mentores do projeto: Arnaldo Guinle, do Fluminense, e Raul Campos, do Vasco da Gama, que foi escolhido para ser o presidente da nova entidade. Os dois que protagonizaram uma disputa árdua pelo controle do futebol carioca entre 1924 e 1925, agora estavam unidos na defesa da profissionalização dos atletas, algo que o Vasco fazia e defendia havia muito tempo. No dia 23 de janeiro, em uma assembléia na AMEA, o bloco do profissionalismo apresentou uma proposta para a reforma nos estatutos da entidade carioca. O Conselho da AMEA e o presidente Rivadávia Meyer, ligado ao Botafogo, não aceitaram as reformas. De imediato, os clubes que defendiam a profissionalização abandonaram a entidade e criaram a LCF.¹¹⁰⁵ As diretorias dos clubes convocaram reuniões para comunicar aos associados, ao conselho e aos demais interessados do clube a posição de suas diretorias. No America, em reunião da diretoria, era salientada a “atitude nobre” do clube de ingressar no profissionalismo.¹¹⁰⁶ No Vasco, o diretor de esportes terrestres comunicava a cisão com Botafogo, Flamengo e São Christovão.¹¹⁰⁷ Estavam lançadas as bases para a profissionalização dos jogadores no Brasil. Como visto, nem a AMEA, nem a CBD reconheceram as ligas profissionais do Rio e de São Paulo, que rapidamente fizeram um acordo visando justamente regulamentar a transferência de atletas entre os clubes das novas entidades profissionais.¹¹⁰⁸

O Flamengo, que ficou no bloco dos amadores, talvez por não ter perdido nenhum atleta para o exterior, resolveu fazer também a sua excursão ao Prata. Seus jogadores começaram então a ficar conhecidos pelos clubes uruguaios e argentinos. O Flamengo levou com ele para o Prata alguns jogadores de outras equipes como reforços para seu time, como era de praxe na época, mas de todos os que o Flamengo tentou levar, só Leônidas e Congo, do pequeno Bonsucesso, aceitaram ir com o time brasileiro. Os dois, contudo, estavam apenas interessados na carona do Flamengo, pois ao chegarem a Montevidéu foram logo treinar no Wanderers para fazer teste e se inscrever nas fileiras do profissionalismo uruaio.¹¹⁰⁹ Outros jogadores do Flamengo passaram a receber propostas no Uruguai, da ordem dos 1:500\$000 de salário e 20 a 40 contos de luvas.¹¹¹⁰ O Flamengo fez quatro jogos no Prata, ganhou um e empatou outro jogo contra o Peñarol, perdeu de 7 a 0 do Nacional e depois de 2 a 1 para um selecionado de

---

¹¹⁰⁵ *Jornal dos Sports, Jornal do Brasil, O Globo*, de 23 e 24 de janeiro de 1933.

¹¹⁰⁶ *Actas da Directoria do America Football Club*, dia 25 de janeiro de 1933.

¹¹⁰⁷ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, dia 23 de janeiro de 1933.

¹¹⁰⁸ *Jornal dos Sports*, 11 de fevereiro de 1933.

¹¹⁰⁹ *Jornal dos Sports*, 14 de março de 1933.

¹¹¹⁰ *Jornal dos Sports*, 2 de abril de 1933.

Buenos Aires. O *Jornal dos Sports*, forte defensor da regulamentação da profissão de jogador de futebol,¹¹¹¹ indagava o que a AMEA e a CBD fariam, uma vez que o Flamengo era um time amador que disputava jogos com equipes profissionais. Temerosa de perder um de seus dois pilares fundamentais, A AMEA nada fez.¹¹¹² Em maio de 1933, de volta da excursão, o Flamengo começou a encarar a dura realidade do campeonato da AMEA, em companhia do Botafogo e de vários clubes pequenos, uma vez que a LCF recebeu a maioria destes, ávidos pelas rendas que o Fluminense e, principalmente, o Vasco poderiam oferecer.

O primeiro jogo da Liga Carioca de futebol foi um Vasco e America em São Januário. A renda do jogo passou dos 54 contos de réis, o que era uma verdadeira surpresa, pois as rendas dos jogos vinham decrescendo. No entanto, a gradual retomada do crescimento econômico do país em 1933¹¹¹³ atrelada à novidade de um campeonato de profissionais fez com que o público comesse lentamente a reaparecer em grande número aos estádios. Enquanto isso, na rodada inicial da AMEA, a renda “não chegou para pagar as bolas”,¹¹¹⁴ e o jogo Flamengo e Olaria teve apenas 2:380\$000 de receita, mais de vinte vezes menos que Vasco e America. Na mesma rodada, Vasco e Fluminense se enfrentaram, e a renda em São Januário foi de 36:367\$000. Realmente, a situação se complicava na AMEA. Após o segundo jogo do Flamengo, uma vitória por 16 a 2 no River- São Bento, a situação ficou insustentável para o rubro-negro. Três dias após o jogo, o Conselho do clube aprovava a saída da AMEA e a entrada do clube na LCF, por 117 votos a favor contra 49 dos contrários à profissionalização dos atletas.

O primeiro campeonato carioca profissional da história teve um campeão inusitado: o Bangu, um time que não perdeu nenhum craque para o exterior e que contratou um dos técnicos mais revolucionários de nosso futebol, Luis Vinhaes, campeão com o Brasil da Copa Rio Branco em 1932. Vinhaes havia sido demitido do Fluminense em junho de 1933 e logo depois ingressou no Bangu. Ali, conseguiu sua revanche pessoal contra o Fluminense, ganhando do time das Laranjeiras por 4 a 1 em seu estádio, tirando-lhe o título e dando ao Bangu o primeiro campeonato de futebol de sua história.¹¹¹⁵ Vinhaes, afirmava ainda que o Bangu havia se antecipado aos grandes

---

¹¹¹¹ Em longos textos e em charges incisivas, os cronistas e desenhistas do jornal defendiam a profissionalização legal dos atletas de futebol. Iconografia: Imagem LII.

¹¹¹² *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1933.

¹¹¹³ GOMES, A. M. de C. op.cit. (1979), p. 201

¹¹¹⁴ *Jornal dos Sports*, 6 de maio de 1933.

¹¹¹⁵ *Jornal dos Sports* e *O Globo*, 12 de novembro de 1933.

clubes e feito contrato de 2 anos com os jogadores, por isso, nenhum dos campeões estava livre para sair do clube.¹¹¹⁶

O Vasco da Gama usou o ano de 1933 para começar a montar sua equipe de profissionais. Sem pressa, foi constituindo um verdadeiro esquadrão de bons jogadores, tomando a própria experiência na montagem de times, desde 1919. O clube daria mais um passo importantíssimo para essa nova etapa do futebol brasileiro que será o último ponto de nossa análise.

Um Time de Estrelas e mais um Título: o Vasco e o Futebol Legalmente Profissionalizado

A temporada de 1934 marcará a época mais brilhante do football brasileiro. Raul Campos, presidente da Liga Carioca de Football, em entrevista ao *Jornal dos Sports* em 19 de novembro de 1933

Com essas palavras o dirigente vascaíno, e agora dirigente máximo da liga de clubes mais importantes do Rio de Janeiro, fazia a sua previsão para o ano que ainda não havia começado. Em seu pensamento, após as rendas do campeonato carioca terem dobrado em relação ao ano anterior, chegava a hora de ousar, mais uma vez. No caso do Vasco, era hora de ousar novamente. No ano de 1933, o Vasco e todos os times brasileiros encontraram muitas dificuldades para compor seus elencos. Ao longo dos últimos anos, a sangria de jogadores brasileiros foi intensa. O Vasco resistiu bravamente às investidas dos grandes clubes estrangeiros interessados em seus jogadores. Quando os primeiros sinais de que haveria mesmo a formação de uma liga de futebol com jogadores profissionais, Raul Campos começou a preparar o time do Vasco para essa nova etapa do nosso futebol. As arrecadações com a venda de ingressos caíam, bem como o número de sócios e o que entrava como receita das mensalidades pagas. Somente um projeto arrojado para montar uma equipe recheada de craques conhecidos da torcida poderia alavancar o número de sócios e aumentar a frequência dos torcedores ao estádio.

O primeiro passo era conseguir trazer alguns jogadores para o campeonato de 1933, o que foi feito logo em janeiro com as negociações para trazer Jaguaré de volta do Barcelona. Os dirigentes do Vasco relevaram o fato do jogador ter ficado na Espanha e estavam interessados no atrativo que o goleiro passava a ser, agora profissional e com a

---

¹¹¹⁶ *Jornal dos Sports*, 15 de dezembro de 1933.

experiência de uma temporada no Barcelona. Quando souberam que Jaguaré queria voltar, que não estava feliz no Barcelona, os dirigentes vascaínos apressaram-se para tê-lo de volta.¹¹¹⁷ O goleiro voltou para o Vasco da Gama e em fevereiro estava apto a jogar pelo clube, uma vez que tinha recebido o passe da CBD.¹¹¹⁸ Após a fundação da LCF, Campos literalmente saiu às compras. Faz uma proposta para Leônidas da Silva, que não foi suficiente para tirar da cabeça do jogador a fixa idéia de abandonar o Brasil.¹¹¹⁹ Por Domingos da Guia fez uma proposta irrecusável para os padrões brasileiros. Os salários seriam de 1:000\$000, além de 5:000\$000 de luvas. Domingos receberia um salário dez vezes maior que o de um operário da fiação da América Fabril, valor compatível com os ganhos dos chefes de seção dessa fábrica.¹¹²⁰ Mesmo assim, o craque achou pouco e foi ganhar mais de 40 contos de luvas e 50% a mais nos salários no Uruguai. Como não deu certo com Domingos, o Vasco foi atrás de Fausto. Sabendo da dispensa do jogador no Barcelona, o Vasco entrou em contato para ter o jogador. Este, por sua vez, assinou contrato com uma equipe suíça, o Football Club Young Fellows. Mas o Vasco contornou a situação negociando com o clube europeu o pagamento de uma multa simbólica de mil francos,¹¹²¹ cerca de 500 mil réis.¹¹²² A diretoria adiantou dinheiro para o regresso do jogador, que em março já estava no Brasil vestindo a camisa do Vasco. Era mais uma vitória de Raul Campos, que apresentou à diretoria do Vasco, para reembolso, cópias dos telegramas a Fausto e as respectivas notas para o regresso do jogador ao Brasil.¹¹²³

O clube ainda precisava se proteger contra as investidas dos clubes de fora do país em cima de seus jogadores. Eram constantes as notícias de que os jogadores vascaínos se transfeririam para o Prata ou para a Itália. Tinoco, Russinho, Itália, Bahia e os recém-chegados da Espanha, Fausto e Jaguaré, eram alvos constantes do interesse dos clubes estrangeiros. Apesar de profissionais, vale lembrar que esses jogadores não eram reconhecidos como tal pela CBD e poderiam sair a qualquer momento. Três jogadores se destacam nessa onda de transferências. Russinho, que estava suspenso pelo Vasco da Gama por atos de indisciplina, ameaçou ingressar no Botafogo, da AMEA, o que fez com que os dirigentes Vasco perdoassem o jogador com medo de perdê-lo para

---

¹¹¹⁷ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 11 de janeiro de 1933 e *Jornal dos Sports*, 13 de janeiro de 1933.

¹¹¹⁸ *Jornal dos Sports*, 11 de fevereiro de 1933.

¹¹¹⁹ *Jornal dos Sports*, 31 de janeiro de 1933.

¹¹²⁰ LOBO, M. E. L. op. cit. (1978) pp. 678 e 684.

¹¹²¹ *Jornal dos Sports*, 22 de fevereiro de 1933.

¹¹²² Ao câmbio de um franco a \$524, como publicado no *Jornal do Commercio*, 2 de janeiro de 1933.

¹¹²³ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 22 de março de 1933.

o rival.¹¹²⁴ Com a chegada de Russinho, Bahia perdeu a posição e foi para o Peñarol tentar a sorte, pois sabia que Russinho era um dos maiores ídolos do Vasco, conforme analisado anteriormente. Já Luiz Gervazzoni, conhecido como Itália, foi a única efetiva perda do Vasco para o futebol estrangeiro. O futebol italiano, que arrancava os jogadores até mesmo do forte futebol argentino e uruguaio, além dos craques brasileiros, quis levar o jogador Itália, e levou. O Genoa Cricket and Football Club, da cidade de Genova, na Itália, contratou o defensor de ascendência italiana, que era o titular da seleção brasileira de futebol, que depois de alguns meses voltou para o Vasco da Gama.¹¹²⁵

No entanto, o Vasco conseguiu segurar as investidas dos clubes uruguaio e até do Red Star de Paris sobre Russinho. O caso que mais preocupou os dirigentes vascaínos foi o de Fausto, pois o Nacional, de Domingos da Guia, estava muito próximo de contratá-lo. Contudo, o jogador, por gratidão ao Vasco que o tirou da Europa, decidiu permanecer.¹¹²⁶ Já seu ex-companheiro de Barcelona não teve a melhor sorte. Jaguaré jogou muito mal em uma derrota do Vasco para o Palestra Itália, em julho de 1933, e foi acusado de não ter se esforçado o suficiente e ter deixado bolas entrarem no gol vascaíno de maneira proposital. Além disso, pesavam contra o jogador acusações de participar de festivais sem a autorização do clube. Jaguaré reuniu a diretoria, se defendeu das acusações e pediu a rescisão de seu contrato, pois desejava “definir sua situação em face dos últimos boatos que tem corrido à seu respeito”.¹¹²⁷ A diretoria resolveu liberar o jogador, mas comunicava à LCF que o mesmo tinha um débito com o clube de 1:800\$000, o qual pretendia tornar público e oficial “afim de futuramente o clube ser reembolsado desta importância”.¹¹²⁸

Mas se em 1933 o projeto ainda não estava completo, e o Bangu acabou campeão. No segundo ano do campeonato profissional, com os maiores times se preparando desde o início para um campeonato profissional, era a hora de montar a equipe dos sonhos. E o ano de 1934 começou muito agitado pelas declarações estrondosas de dirigentes do Vasco. A diretoria de esportes terrestres nomeou Claudionor Correa, o Bolão, campeão com o Vasco em 1922, 1923 e 1924, para ser uma espécie de intermediário nas negociações com jogadores. Bolão, ex-jogador, negro e

---

¹¹²⁴ *Jornal dos Sports*, 6 de maio e 19 de maio de 1933.

¹¹²⁵ *Jornal dos Sports*, 8 e 24 de maio de 1933.

¹¹²⁶ *Jornal dos Sports*, 1 de agosto de 1933.

¹¹²⁷ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 18 de julho de 1933.

¹¹²⁸ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 10 de agosto de 1933.

querido entre os atletas, faria a intermediação e convenceria os craques cariocas que chegavam ao Rio para as férias antes do início da temporada no Prata a ficarem no Vasco. Domingos e Leônidas eram os principais alvos do clube. Leônidas estava em uma situação mais fácil, esquecido pelo Peñarol e jogando no segundo time do clube uruguaio. Por isso, não haveria muita dificuldade e nem se gastariam somas absurdas para convencer o jogador. Já Domingos estava com seu contrato renovado com o Nacional, desde o dia 13 de janeiro, acertado para ganhar 50 contos de luvas e 1:500\$000 de salários.¹¹²⁹ Claudionor estava no porto da cidade para receber os jogadores vindos de Montevidéu começando a abordagem logo que os craques pisassem em território nacional.¹¹³⁰ Naqueles tempos as contratações se resolviam dessa maneira, quem chegasse primeiro e tivesse mais intimidade com os craques levava vantagem nas negociações. O ex-jogador passava o relatório para a diretoria do Vasco nas assembléias da diretoria do clube e afirmava ao 1º Diretor de Sports Terrestres que estava “envidando esforços no sentido de obter bons jogadores de football para reforçar o nosso actual quadro de profissionais”.¹¹³¹

A mania de grandeza do Vasco ia longe e, para os jogos que faria contra o Palestra Itália, cogitava trazer o maior craque brasileiro na Argentina, Petronilho, e o jogador mais caro da América do Sul, Bernabé Ferreira, do River Plate. Os jogadores, que não chegaram a acertar com o Vasco, viriam apenas para os confrontos com o Palestra.¹¹³²

Como o Vasco da Gama poderia trazer jogadores com contrato em vigor nos clubes platinos? O presidente Raul Campos afirmou que o que valera para tirar os craques do Brasil, valia para trazê-los de volta. Em entrevista ao *Jornal dos Sports*, declarou: “Não sendo o profissionalismo ainda reconhecido pela Associação Uruguaia, nada impede que Domingos atue livremente entre nós, cancelando o seu compromisso com o Nacional de Montevidéu. Seria apenas o reverso da medalha”.¹¹³³

O Vasco pagou um contrato com valores astronômicos para Domingos, com salários de 1:000\$000 e luvas de 30 contos de réis para que o jogador representasse o clube por um ano.¹¹³⁴ O valor era menor do que o jogador receberia no Nacional, que

---

¹¹²⁹ *Jornal dos Sports*, 14 de janeiro de 1934.

¹¹³⁰ *Jornal dos Sports*, 21 de janeiro de 1934.

¹¹³¹ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 24 de janeiro de 1934.

¹¹³² *Jornal dos Sports*, 23 de janeiro de 1934.

¹¹³³ *Jornal dos Sports*, 26 de janeiro de 1934.

¹¹³⁴ *Jornal dos Sports*, 31 de janeiro de 1934.

denunciou Domingos à FIFA.¹¹³⁵ Leônidas acabou assinando com o Vasco por menos dinheiro, devido à sua condição no Uruguai. Mesmo assim, negociou um contrato muito próximo daquele que tinha no Peñarol, com um salário de 800\$000 e 15 contos de luvas por um ano de contrato.¹¹³⁶ Ao trazer as duas maiores estrelas do futebol brasileiro para seu time, o dirigente do Vasco realizava um sonho de sua torcida e cobrava dos outros dirigentes cariocas a mesma ousadia para a formação de times competitivos. Tudo era feito para aumentar o interesse pelos jogos e aumentar as arrecadações: “É preciso que os outros clubes reconheçam o esforço do Vasco da Gama e formem grandes *teams*”.¹¹³⁷

Com esta declaração, Raul Campos cobrava atitudes e ousadia dos times do Rio de Janeiro. O Vasco ainda negociava com os jogadores que já estavam no clube para que ficassem por mais um ano. Bahiano, Tinoco, Gringo, Lino, Orlando, Molla, Almir, Juça e Carniere tinham contrato com o Vasco com opção por renovação de mais um ano, caso o clube assim desejasse. O Vasco comunicou aos jogadores que exerceria o direito de opção e lhes adiantou dois meses de salários. Carniere pegou o dinheiro e foi de férias para o Paraná, seu estado natal. Na volta, parou em São Paulo e foi abordado por um dirigente do Palestra Itália. A poderosa equipe paulista também estava montando o seu esquadrão de craques e não pensou duas vezes em aliciar um jogador do Vasco. Carniere e o Palestra alegavam que a opção havia sido exercida, mas o novo contrato com o Vasco ainda não havia sido assinado e, por isso, o jogador poderia assinar com qualquer clube.¹¹³⁸

Estava formado um imbróglio entre as duas equipes com mais sócios e com mais torcedores do Brasil. De olho nas polpudas rendas do jogo entre Palestra e Vasco, Raul Campos foi a São Paulo para resolver dois casos da equipe paulista, que tinha jogadores dos clubes cariocas sob contrato. Um deles era Carniere, do Vasco. O outro era Martin, jogador que havia atuado a temporada anterior pelo Boca Juniors e que tinha dois contratos assinados no Brasil, um com o America e outro com o Palestra Itália. Aqui vale uma breve descrição do “caso Martin”, pois envolve diversos fatores interessantes na abordagem desta pesquisa. O America era, juntamente com o Vasco, um time que buscava montar uma bela equipe em 1934. Martin foi negociado com o America com um bloco de jogadores que voltavam do Prata e da Itália. Todos assinaram uma

---

¹¹³⁵ *El Paíz*, 14 de abril de 1934, Montevideu – Uruguai.

¹¹³⁶ RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 1999, p. 54 e *Jornal dos Sports*, 1º de fevereiro de 1934.

¹¹³⁷ *Jornal dos Sports*, 2 de fevereiro de 1934.

¹¹³⁸ *Jornal dos Sports*, 9 de fevereiro de 1934.

procuração para outro jogador que lhes serviu como agente. Esse jogador era Fernando Giudicelli, que dizia representar nada mais nada menos que Petronilho, Martin, Canale, Nabôr, Demósthene e Otacílio, além dele próprio. A proposta era para irem todos para o America por ordenados de 1 conto e 10 contos de luvas para cada, menos Nabôr, que era da Portuguesa de São Paulo, e queria 5 contos de luvas, 800\$000 de ordenados, além de uma indenização à Portuguesa, ainda a ser negociada pelo America.¹¹³⁹ Desses, Otacílio, Canale, Fernando e Martin assinaram contrato. Porém, este último já havia assinado contrato com o Palestra Itália também. A solução proposta por Raul Campos foi a seguinte: o Vasco dava o passe de Carniere, o Palestra ia ao Rio para o jogo, mas o time dos italianos tinha que liberar Martin. E assim foi feito o acordo.¹¹⁴⁰

O Vasco continuava a sua busca por jogadores e, se conseguia assinar com mais alguns bons jogadores, perdia outros e corria o risco de estremecer as suas relações com o rival de São Paulo e deixar de arrecadar com dois jogos que faria contra os paulistas. Enquanto o problema não se resolvia, o Vasco acabou contratando Gradim, do Bonsucesso, ex-companheiro de Leônidas no pequeno clube do subúrbio e um dos jogadores que foi ao Uruguai na Copa Rio Branco de 1932. O Vasco deu 15 contos a Gradim e mais 10 contos ao Bonsucesso, que deu o passe ao jogador, pois “nunca pode se prender um bom jogador”.¹¹⁴¹

Os jogadores do Vasco e dos outros times do Rio que adotaram o regime do profissionalismo eram agora simples funcionários de seus clubes. Dessa maneira, a elite associada das agremiações conseguia barrar os elementos das camadas inferiores do convívio do seio social do clube. Acabavam as exigências das ligas de que o jogador fosse sócio do clube, bastando agora a sua inscrição na LCF. Os jogadores não poderiam mais frequentar a sede social, bem como as demais dependências para sócios do clube. Não poderiam mais entrar pela entrada social, devendo se dirigir à entrada dos funcionários do clube. O Vasco, ainda que pesem anos de integração com os atletas mulatos e negros para a formação do time de futebol, poderia agora definitivamente separar seus sócios daqueles jogadores. O clube da Cruz de Malta era diferente dos outros, mas no fundo era igual. A glória esportiva e os louros desses triunfos eram os objetivos, que ultrapassavam sobremaneira as quatro linhas que delimitavam o campo de futebol. Por isso, colocou jogadores oriundos das camadas inferiores para serem

---

¹¹³⁹ *Jornal dos Sports*, 3 de fevereiro de 1934.

¹¹⁴⁰ *Jornal dos Sports*, 28 de fevereiro de 1934.

¹¹⁴¹ *Jornal dos Sports*, 31 de janeiro de 1934.

sócios do clube. Como vimos anteriormente, muitas vezes esses jogadores do Vasco nem carteira de sócios tinham. Porém, a partir de 1933, legalizado o profissionalismo, o jogador poderia ser tratado como empregado do clube. Em uma assembléia da diretoria, Rubens Espozel, primeiro diretor de esportes terrestres, pediu para que a mesma notificasse dois atletas do primeiro time. O pedido do dirigente à assembléia revela o verdadeiro caráter de todo esse processo de democratização da prática do futebol em que o Vasco se inseriu: “Rubens Espozel pede para que se officie aos profissionais Fausto dos Santos e Moacyr de Queiróz [Russinho] afim de não ingressarem em locais reservados aos sócios”.¹¹⁴² Dois dos maiores craques que já haviam vestido a camisa do clube eram agora colocados em seus devidos lugares. Eram empregados, funcionários do clube e como tal deveriam se portar e, portanto, deveriam ficar longe dos locais privativos a sócios.

Para o jogo contra o Palestra Itália, o Vasco mostrava os seus profissionais ao Rio de Janeiro, em uma verdadeira seleção de craques. O time estava assim escalado: Rey; Domingos da Guia e Itália; Gringo, Fausto e Molla; Bahianinho, Leônidas da Silva, Gradim, Russinho e Carreira. Esse time ganhou do forte Palestra Itália por 3 a 0, dando uma demonstração clara do que poderia fazer naquela temporada.

O clube gastou muito dinheiro, mas conseguiu uma receita nova, nunca antes descrita nas Atas do Vasco. Os clubes passaram, oficialmente, a pedir dinheiro pelo passe dos jogadores. Em julho de 1934, o Coríntians pagou uma quantia pelo passe do goleiro Jaguaré. Infelizmente, nas Atas do Vasco da Gama, a informação consta da seguinte maneira: “O tesoureiro comunicou que o Sport Club Coríntians Paulista já entrou com a importância de [em branco] correspondendo ao passe do jogador profissional Jaguaré Bezerra de Vasconcellos”.¹¹⁴³

Além do dinheiro do passe de Jaguaré, o Vasco passou a cobrar 10 contos, no mínimo, para sair do Rio de Janeiro, pois “deslocar os *cracks* [era] muito caro”.¹¹⁴⁴ Todavia, recebia ainda contatos para fazer amistosos, como contra o Clube Atlético Mineiro, por uma quota mínima de 16 contos, ou 60% da renda bruta do jogo.¹¹⁴⁵

Assim, o clube tencionava cobrir os gastos de um departamento que sofreu uma alta muito grande em suas despesas. As despesas com os jogadores profissionais eram muito elevadas, principalmente quando o clube contratava muitos jogadores, pois era

---

¹¹⁴² *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 12 de outubro de 1933.

¹¹⁴³ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 20 de julho de 1934.

¹¹⁴⁴ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 11 de julho de 1934.

¹¹⁴⁵ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 29 de junho de 1934.

necessário pagar as luvas e, algumas vezes, o passe. Nos primeiros anos da profissionalização legal dos jogadores, os times sofreram para conseguir se ajustar ao novo regime. Pela primeira vez o futebol começava a dar prejuízo, ou pouco lucro, dentro dos grandes clubes do Rio de Janeiro. O único clube dos grandes que havia tido constantes prejuízos no início de sua história no futebol era o Vasco, como foi analisado anteriormente. Mas não era exatamente prejuízo, e sim investimentos em jogadores, campo, dormitórios e estádio. Os dados apresentados nos relatórios do Fluminense podem ajudar a compreender esse fenômeno. As despesas aumentaram muito, principalmente por conta dos salários e luvas dos jogadores recém-contratados, e saltaram de 191:623\$040, em 1932, para 265:340\$550, em 1933, um aumento de quase 40%. Porém, se as despesas aumentaram, também as receitas sofreram aumento considerável. No caso do Fluminense, as rendas obtidas com a era profissional do futebol superavam em muito o período do amadorismo:

	1930	1931	1932	1933	1934
Fluminense ¹¹⁴⁶	144:361\$000	109:996\$000	116:274\$900	266:631\$300	184:159\$500

Fonte: Relatórios do Fluminense de 1930 a 1934

Do último ano do campeonato amador para o primeiro do profissional, o Fluminense arrecadou 150 contos a mais com a venda de ingressos, cerca de 130%. A queda brusca das receitas com o futebol em 1934 tinha uma explicação bastante lógica. O clube teve um aumento vertiginoso de sócios entre 1933 e 1934. No primeiro ano de futebol profissional, o clube estava com um número pequeno de sócios, apenas 1.558. No ano seguinte, o número saltou para 4.156 de associados, que não pagavam ingressos para os jogos no estádio do clube. Segundo o relatório do clube de 1933,

Do amadorismo sem remuneração de especie alguma, passamos ao profissionalismo, sem estarmos devidamente aparelhados com os equipamentos precisos, obrigando-nos a ir buscal-os nos Estados, o que nos trouxe avultadas despesas. Estamos certos de que as vantagens resultantes dessa transformação irão refletir grandemente na nossa receita. Os algarismos assim o demonstram. [...] O football é incontestavelmente uma das principais fontes de renda de todos os clubs, e si este anno este esporte não deu o resultado que deveria dar, pelos motivos expostos, está perfeitamente justificada a diminuição de nossa receita.¹¹⁴⁷

¹¹⁴⁶ Relatórios anuais do Fluminense do ano de 1933 e 1934.

¹¹⁴⁷ *Fluminense Football Club. Relatório dos Apresentado ao Conselho Deliberativo, em 28 de abril de 1933.* (s.n.)1934.

Os clubes ainda demorariam em se adaptar a essa nova realidade do futebol brasileiro. Em 1934, o Fluminense ainda teve no futebol receitas muito abaixo de suas despesas, tônica que se manteve por quase toda a década de 1930. No segundo ano do profissionalismo, o clube teve receitas de 184:159\$500 com o futebol, sendo que as despesas chegaram a 281:805\$230, deixando o departamento desta modalidade com um prejuízo de 97:645\$730.

Contudo, o time carioca que se elevava a um novo patamar de receitas e despesas com o futebol era, mais uma vez, o Vasco da Gama. Se em 1933, as rendas não foram o esperado, em 1934, após iniciarem um novo projeto para ter o melhor time do Brasil, o clube elevou seus gastos a um nível muito mais alto que os outros clubes. Realmente, as demonstrações dadas ano a ano com as arrecadações do Vasco mostram que o clube era realmente o maior do Rio de Janeiro e, com certeza, um dos maiores do Brasil. A receita do Vasco, em 1934, com a venda de entradas para os jogos de futebol foi de cerca de 500:000\$000, nos quarenta jogos que o clube fez, assim divididos: 12 jogos do campeonato (216 contos), 11 jogos de torneios extras (40 contos) e 14 amistosos, sendo 9 em São Januário (244 contos). As receitas do futebol do Vasco passavam a colocar o clube no patamar de algumas grandes agremiações do Prata, como Independiente e Racing, da Argentina, e Peñarol e Nacional, do Uruguai, e podiam colocá-lo na briga para a contratação dos melhores jogadores do sul do continente. Em uma de suas últimas entrevistas para a Folha de São Paulo, em 1995, Domingos da Guia, que depois do Vasco foi para o Boca Juniors, foi indagado sobre se havia ganho dinheiro no futebol. A resposta do jogador: “Ganhei dinheiro no Vasco, na Argentina e no Uruguai”.¹¹⁴⁸ Este jogador perambulou por times como Flamengo e Corinthians, depois de voltar da Argentina. O Vasco realmente havia atingido outro patamar.

Para pagar a esse tipo de jogador, o departamento de futebol do clube teve uma despesa inédita de 580:000\$000. Entretanto, o diretor da seção de futebol, Rubens Espozel, tranquilizava o quadro de diretores do clube: “Esse prejuízo está recompensado pelo acréscimo do quadro social do club; 80:000\$000 representariam a mensalidade de 450 sócios [durante todo o ano], e o número real foi muito além”.¹¹⁴⁹

Todo esse montante foi despendido para a contratação de alguns dos maiores jogadores brasileiros e para a montagem de um time que marcou muito a história do nosso futebol e até mesmo, por que não, a história do capitalismo no Brasil. O ano de

---

¹¹⁴⁸ *Folha de São Paulo*, 15 de janeiro de 1995.

¹¹⁴⁹ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 24 de janeiro de 1935.

1934 marcou uma nova etapa no futebol carioca e brasileiro. A história geralmente é escrita através do olhar dos vencedores. Na história dos esportes isso também é marcante, ficando para os principais registros apenas os louros dos campeões. Felizmente, para quem gosta de futebol, e, principalmente é torcedor vascaíno, esta nossa etapa da história se encerra com um final feliz. Após dezenove anos disputando o futebol das principais ligas da cidade do Rio de Janeiro, o Vasco saiu da última colocação da 3ª Divisão do campeonato carioca, em 1916, para completar esta parte de sua trajetória como o maior clube do Rio de Janeiro. Conseguiu nesse período o título da série B da 1ª Divisão de 1922, três títulos cariocas da 1ª Divisão, sendo dois pela LMDT (1923 e 1924) e um pela AMEA (1929), construiu o que na época foi o maior estádio da América Latina, montou um dos times com o maior número de craques em 1934 e arrematou o título carioca daquele ano também. Curiosamente, nas duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro, os dois times que representavam suas maiores colônias de imigrantes foram campeões, respectivamente, o Palestra Itália e o Vasco da Gama. Os clubes mostravam a expressividade dos imigrantes em cada uma dessas cidades.

O clube carioca continuaria sua trajetória cheia de percalços, títulos, vitórias, derrotas, contratações, perda de jogadores. Assim como todos os outros clubes do Brasil, havia que se preparar para essa nova era do futebol brasileiro. O Vasco mostrava um dos caminhos possíveis para que um clube brasileiro pudesse ter uma estrutura sólida, um time forte, arrecadações altas com a venda de ingressos e um corpo associativo que desse respaldo financeiro ao clube nos momentos em que as vitórias afastassem os torcedores do estádio. Uma nova etapa do futebol carioca, paulista e brasileiro chegava com a era profissional. Mais uma vez, os dirigentes do Vasco sabiam dos importantes desafios que representava continuarem a seguir a sua trajetória e a manter o clube e seu time como um dos maiores símbolos da colônia portuguesa no Brasil: “O anno de 1935 para o club será um anno decisivo na sua vida sportiva”.¹¹⁵⁰

---

¹¹⁵⁰ *Actas da Sessão da Directoria do Vasco da Gama*, 24 de janeiro de 1935.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O time de jogadores profissionais do Vasco não preenchia os requisitos da LMDT, nem da posterior AMEA. Pelo menos, não a grande maioria desses jogadores vindos dos times formados nos subúrbios do Rio de Janeiro, em ligas e clubes que não faziam distinção entre seus atletas. Todos os jogos do Vasco tinham enorme torcida, gerando um montante de capital muito maior do que aquele gerado até a entrada da equipe da colônia portuguesa na 1ª Divisão da LMDT. Desbancar os clubes grandes do Rio com aqueles jogadores e com os estádios absolutamente lotados em todos os jogos foi o culminar de um longo processo iniciado em 1919, com a montagem do time do Vasco, ainda na 2ª divisão, e a aplicação de uma lógica diferente ao futebol da cidade. Os dirigentes vascaínos inseriam o seu time e o próprio futebol carioca dentro da lógica e das engrenagens do sistema capitalista. Transformaram o time em uma verdadeira empresa e profissionalizaram seus jogadores, convertidos em trabalhadores assalariados e com capacidade de produzir um espetáculo que gerava cada vez mais dinheiro e, conseqüentemente, prestígio para esses dirigentes e para seu clube. Homens de negócio da capital do país, os diretores vascaínos viram a possibilidade de vitórias para além daquelas conquistadas no campo. O futebol começava a ser tratado como grande negócio e começava a ser visto com potencial para conquistas dentro da sociedade carioca. Eram conquistas para os dirigentes do Vasco, para a colônia portuguesa e para membros das camadas menos abastadas, muitos negros e mulatos, os novos profissionais do futebol.

A chamada *Revolução Vascaína*¹¹⁵¹ não pode se resumir à conquista do campeonato de 1923, mas sim a um conjunto de mudanças introduzidas pelos dirigentes do Vasco durante um período crucial do desenvolvimento do futebol como esporte profissional e como espetáculo de massas no Brasil. Os clubes mais ricos da Capital, reunidos em poderosas associações, já sabiam dos lucros que o futebol produzia e, por essa razão, vinham lentamente pagando prêmios aos seus jogadores e buscando alguns deles, de origem mais humilde, nos clubes mais pobres da cidade ou de fora dela. Mas, na composição do time principal de futebol, esse tipo de jogador era sempre uma minoria frente aos sócios ricos do clube. Com o desenvolvimento do próprio

---

¹¹⁵¹ A expressão *Revolução Vascaína* foi popularizada por Mario Filho, principalmente na obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, quando o autor usou a expressão para a narração da conquista do campeonato carioca de 1923.

capitalismo e do futebol dentro de sua esfera, a profissionalização dos atletas os tornaria mais qualificados, produzindo um espetáculo de melhor qualidade, atraindo mais consumidores e gerando mais capital e prestígio para os clubes. O elenco de jogadores profissionais do Vasco da Gama se dedicava exclusivamente ao futebol e vendia sua força de trabalho aos dirigentes, que pagavam salários melhores que a média paga por trabalhos “braçais” da cidade. Suas vitórias atraíam uma enormidade de torcedores, consumidores principalmente de ingressos, acelerando a circulação de capital dentro do futebol e implantando definitivamente a lógica capitalista dentro deste esporte. Passando pela construção daquele que foi inaugurado como o maior estádio da América Latina (o estádio de São Januário), pela luta da legalização do profissionalismo dos jogadores e pela montagem do primeiro time de craques do futebol profissional do Brasil, a *Revolução Vascaína* foi determinante para a história do futebol brasileiro, e suas transformações ultrapassam as linhas do campo de futebol. Espetáculo de massas, esporte predileto do carioca e do brasileiro, o futebol foi um grande catalisador de transformações importantes vividas no país na chamada República Velha e no início da Era Vargas.

Olhar para trás e perceber todo este caminho percorrido pelo futebol brasileiro e a atuação do Vasco da Gama nesse processo pode levar a reflexões interessantes sobre as bases deixadas para os “tempos vindouros” do futebol no país. Este esporte havia se transformado, definitivamente, na preferência de quase todos aqueles que de alguma forma estavam ligados ao esporte no Brasil. O papel crucial do Vasco da Gama foi inegável, a partir da montagem de um time formado com os melhores jogadores oriundos das camadas inferiores da sociedade carioca e brasileira. O processo de democratização da prática do futebol dentro dos grandes clubes foi acompanhado de um processo, nada democrático, de proletarização e profissionalização dos atletas.

Apesar dos valores recebidos pelos primeiros jogadores de futebol profissional não estarem entre os salários mais altos da sociedade brasileira, eram o suficiente para fazer com que aqueles atletas pudessem galgar alguns degraus na escala social. Os jogadores recebiam muito pouco perto de tudo aquilo que geravam de rendas. Se o Vasco teve receitas de 500 contos com os jogos no ano de 1934, pagava, no máximo 1 conto de réis a cada jogador por mês. Domingos da Guia, que, entre luvas e salários, recebeu do Vasco algo em torno de 45 contos, e Leônidas, que recebeu próximo dos 25 contos durante o ano de 1934, eram duas das maiores estrelas, se não as duas maiores estrelas do futebol brasileiro. As estrelas do Vasco ganhavam salários considerados

elevadíssimos para a época, ainda que ganhassem por mês apenas quatro vezes mais do que o vigia noturno do clube. Eram estrelas, garotos-propaganda, estavam nas primeiras páginas dos jornais e das revistas do país, mas não tiveram seu valor em campo traduzido em contos de réis nas suas contas bancárias. A maioria desses jogadores morreu na miséria, desamparados. São clássicas as histórias do zagueiro Hespanhol, do próprio Vasco, que num jogo da seleção carioca, para salvar um gol contra o time húngaro do Ferencvaros, em 1931, quebrou uma perna e nunca mais pôde jogar futebol. A AMEA jogava o problema para o Vasco, que devolvia para a AMEA, e Hespanhol acabou dependendo de festivais organizados pelos jogadores para custear as despesas de seu tratamento. Depois, acabou se tornando entregador de pão. Outra história muito triste de um de nossos proletários do futebol foi a de um dos principais personagens de nossa história, Fausto dos Santos. O jogador se afastou dos campos no início de 1938, vítima de uma tuberculose que tirou a sua vida menos de dois anos depois, quando Fausto tinha ainda 34 anos. Morreu na miséria, abandonado pelos clubes pelo qual jogou durante sua carreira, principalmente o Vasco (clube com que Fausto teve consideração ao não ir para o Nacional, em 1933) e o Flamengo, o último clube de sua carreira. Na década de 1930, notam-se tentativas de alguns jogadores e treinadores, como Fernando Giudicelli e Luis Vinhaes, para a organização de um sindicato que pudesse defender seus interesses, mas a idéia não se concretizou, fruto do contexto de controle sindical da Era Vargas. A luta pela formação de um sindicato de jogadores realmente atuante perdura até os nossos dias, o que não foge à própria maneira como o brasileiro em geral vê a questão dos sindicatos no país: como um órgão de adesão obrigatória e com pouca ou nenhuma participação efetiva na vida dos trabalhadores.

O processo de democratização e proletarização de atletas de futebol parece ter levado a uma identificação dos torcedores das camadas sociais mais baixas com o time do Vasco, situação que levou os torcedores a frequentar em grande número os jogos em que seu time participava e a encher os estádios. Passou a ser interessante para um clube ser conhecido como “o time do povo”, pois esse tipo de identificação enchia as arquibancadas e as gerais dos estádios, que, pelos preços cobrados pelos ingressos para esses setores, era frequentada justamente por esse povo. Clubes que no passado foram marcadamente da elite e que ainda hoje são dirigidos apenas por seus membros, como é o caso do Flamengo no Rio de Janeiro, se orgulham em ser conhecidos como “o time do povo”. O processo que levou o Flamengo a ter essa “marca” atualmente se deu nas décadas de 1930 e 1940, através do rádio, e nas décadas de 1970 e 1980, por conta das

transmissões televisivas. Em ambos os casos, as sedes dos novos meios de comunicação ficavam no Rio de Janeiro e faziam irradiações nacionais. Todo o Brasil ouvia ou assistia jogos do campeonato carioca. No caso da “Era do Rádio”, Ary Barroso, locutor esportivo da Rádio Nacional e fanático torcedor do Flamengo, ajudou a formar uma legião de rubro-negros pelo país afora. No caso das transmissões televisivas, a Rede Globo, poderoso canal de televisão com sede no Rio de Janeiro, transmitia muitos jogos do time, mirando a audiência de uma torcida já muito numerosa. Ao longo desses anos, o Flamengo procurou alimentar essa espécie de rótulo de “time do povo”, algo inaugurado pelo Vasco da Gama, que ainda clama ser o verdadeiro “time do povo” no Rio de Janeiro.

Para abrigar a massa torcedora de um time identificado com as camadas inferiores, um “time do povo”, o Vasco também deu um passo importante, com a força de seus sócios, e construiu o que atualmente é o único estádio carioca de propriedade de um clube com capacidade para abrigar jogos da 1ª Divisão, ou mesmo jogos internacionais. A construção de São Januário mostrou a força da colônia portuguesa no Rio de Janeiro e abriu o caminho para a construção de um estádio muito maior na cidade para poder abrigar o constante aumento do público de futebol na cidade. No ano de 1950, o Rio de Janeiro inaugurava o estádio do Maracanã, para abrigar inicialmente a Copa do Mundo daquele ano. Um estádio com capacidade para mais de 200 mil pessoas, mas que havia sido construído pelo governo e que seria de propriedade do Estado do Rio de Janeiro. Talvez isso tenha inibido Flamengo e Botafogo a construir seus próprios estádios. Ou talvez tenha feito com que o Fluminense não desse muita importância quando seu estádio teve que perder toda a arquibancada atrás de uma das balizas para a duplicação da Rua Pinheiro Machado. O Vasco manteve o seu, que hoje é um estádio de tamanho médio, com capacidade para pouco mais de 20 mil torcedores e que mantém quase toda a estrutura do clube dentro dele, inclusive a presidência e os principais órgãos administrativos do clube.

Se no início da “era amadora” e nos princípios da “era profissional” podia-se ver diretores ainda atuando como jogadores do primeiro time, com o processo de proletarização do jogador de futebol, analisado por nós, raramente, isso aconteceu novamente. Primeiro, o futebol teve a sua democratização nas arquibancadas, depois, no campo, mas não nos quadros diretivos dos clubes. Os administradores dos clubes abriram espaço nas arquibancadas de seus estádios, nos campos de futebol de seu clube, mas mantiveram certa elitização no quadro de sócios e principalmente nos grupos

políticos poderosos que disputavam o poder dentro dos clubes. O espaço aberto para as camadas mais baixas tinha como objetivo aumentar as rendas do clube, mas ao mesmo tempo havia como separar esses elementos em camadas dentro do estádio (nas gerais, arquibancadas e cadeiras numeradas) e dentro do clube (com as categorias de sócio simples, benemérito, remido e honorário), sendo assim uma representação da própria sociedade. Quanto melhor a posição no estádio, mais caro se pagava. Com as categorias de sócios era a mesma coisa.

A direção era formada pela própria elite dentro do clube. Qualquer pessoa poderia ser torcedora do Vasco ou do Fluminense. Mas, para ser sócia, tinha que ter um poder aquisitivo maior, e para ter títulos (remidos, beneméritos ou honorários), precisava estar numa escala social e econômica ainda mais elevada. Para serem diretores desses grandes clubes era necessário ainda mais prestígio, além de poder político e econômico. Mas para ser presidente de um Vasco ou de um Fluminense, tinha que ser uma pessoa como Arnaldo Guinle, ou como Raul Campos. As posições de direção e administração continuaram a ser controladas por membros da elite da sociedade, sendo estes elementos os que verdadeiramente detinham o capital do clube em suas mãos, podendo usá-lo da maneira que achassem mais conveniente, inclusive para manter os mecanismos de poder já existentes. Por mais que hoje todos os grandes clubes do Rio de Janeiro tenham eleições diretas dos sócios para presidente, um clube é raramente presidido por um ex-jogador, ou um ex-torcedor comum. Nesse caso, o Vasco plantou mais uma semente de suas atitudes revolucionárias dentro do futebol, ao eleger para seu presidente, em 2008, um ex-jogador, ídolo de sua torcida do final dos anos 1970 e da década de 1980, Roberto Dinamite. Sua eleição desbancou uma verdadeira oligarquia dentro do Vasco, iniciada em 1983 com Antônio Soares Calçada e continuando com Eurico Miranda, que assumiu o lugar de Calçada no ano 2000.

Ao ler sobre a história do futebol, pode-se perceber que casos como corrupção e violência nos estádios não são filhos dos últimos anos, quando a televisão passou a tornar muito mais notória a violência, dentro e fora dos estádios, e os casos de compra de árbitros e jogadores. Esse tipo de ação era prática comum desde que o futebol foi se transformando num espetáculo para grandes públicos. Por isso, talvez o leitor deste trabalho se torne ou fique ainda mais incrédulo quanto aos destinos de seu clube dentro de um jogo, ou mesmo de um campeonato, sabendo que muitos dos resultados das partidas de futebol não são decididos pelos jogadores dentro do campo. Resta aos apaixonados continuar acreditando que, como na sociedade, as coisas podem mudar.

Enquanto escrevo esta conclusão, a sensação é que muita coisa deixou de ser abordada neste trabalho, que muitos jogadores deixaram de ter suas histórias contadas, que muitos casos polêmicos e famosos na época envolvendo dirigentes, jogadores e árbitros não foram analisados e que muitos assuntos ficaram por ser investigados. Espero que este trabalho tenha contribuído para abrir novos caminhos na pesquisa histórica e que meus colegas tenham a mesma sensação que eu ao ler esta obra: a de que há muito por fazer no que se refere à pesquisa histórica com o futebol como objeto de estudo, e possam dar continuidade a um sem número de questões que estão por abordar sobre a história do futebol e da própria sociedade brasileira. Deixo aqui a frase de um grande companheiro que fiz ao longo destes últimos anos em que me envolvi com esta pesquisa e de que lanço mão para acalmar minhas inquietudes na fase final deste trabalho: “Lembre-se, o doutorado não é o fim, mas apenas o começo”.

ICONOGRAFIA

Imagem I

“Instantâneos de [ilegível] torcedoras e distintos sportsmen que estiveram domingo ultimo no Stadium assistindo o “match” Fluminense F.C. versus Botafogo F.C.” *Vida Sportiva*, n.100, 26 de julho de 1919.

Imagem II

Careta, 17 de maio de 1919.

Os pequenos clubes também organizavam seus torneios, alugando campos mais modestos, como o do Carioca F.C., clube da Fábrica de Tecidos Carioca. *Vida Sportiva*, n.87, 26 de abril de 1919.

Os «teams» de Marinheiros Nacionais e Casa Stamp que acabam de disputar um «match» no campo do America F. C. *Vida Sportiva*, n.87, 26 de abril de 1919. Nota-se na segunda foto, cuja imagem aparece invertida, possivelmente uma das primeiras manifestações da prática, hoje usual, de estampar nas camisas o nome dos patrocinadores.

Imagem V

As “torcedoras”. *Careta*, 17 de maio de 1919.

Imagens VI e VII - AMERICA F.C.

Campo com poucas arquibancadas e o morro sendo usado pela torcida.
Jogo America e Botafogo. *Careta*, 22 de setembro de 1917.

Imagem VIII - VILLA IZABEL F.C.

VILLA IZABEL FOOT-BALL CLUB. — Inauguração do novo campo.

Nota-se que o campo tinha apenas uma arquibancada central. *Careta*, 18 de agosto de 1917.

Imagem IX - BOTAFOGO F.C.

Scratch paulista, com as arquibancadas do estádio do Botafogo ao fundo. *Careta*, 25 de agosto de 1917.

Imagens X, XI e XII - FLUMINENSE F.C.

Arquibancadas e gerais do Fluminense, no jogo contra o America, com os morros tomados de torcedores ao fundo. Nota-se a proximidade do público das gerais com o campo de jogo, espaços delimitados unicamente por uma pequena cerca. *Careta*, 21 de julho de 1917.

Imagem XIII - SÃO CHRISTOVÃO F. R.

As cadeiras numeradas e as arquibancadas do Campo do São Christovão durante o jogo do *scratch* paulista contra o carioca. *Careta*, 30 de junho de 1917.

Imagem XIV - Campo do SÃO CHRISTOVÃO F. R.

Gerais do campo do São Christóvão em 1922. Aqui também o detalhe da proximidade entre torcida e área delimitada para o jogo. *O Malho*, 4 de abril de 1922.

Imagens XV e XVI – S.C. ANDARAHY

Arquibancadas e aproveitamento do morro nas gerais do Andarahy em 1917. *Careta*, 9 de junho de 1917.

Imagem XVII

A Geopolítica no futebol. *Careta*, 17 de maio de 1919.

Imagem XVIII

Foto do treino da seleção brasileira, com as arquibancadas do estádio do Fluminense esvaziadas ao fundo. Possivelmente a revista pretendia também registrar a baixa frequência de público no dia em que o treino teve o valor de seus ingressos aumentados. *Careta*, 19 de abril de 1919.

Imagens XIX e XX

CAMPEONATO SUL-AMERICANO — I — Scratch vencedor. II — Batido 5 x 1.

Aqui as arquibancadas lotadas para o treino do dia 30 de abril, já com os valores dos ingressos reduzidos. Nota-se na segunda foto a presença de duas crianças sentadas na cerca que separa os torcedores do campo. *Careta* 3 de maio de 1919.

Imagem XXI

Na publicidade, a empresa faz alusão a produtos europeus que pudessem, possivelmente, prevenir as contusões recorrentes na prática do futebol. *O Imparcial* 12 de agosto de 1920.

Imagem XXII

Em primeiro plano, as cadeiras numeradas. Ao fundo, o morro, com a casa e a numerosa assistência ao primeiro jogo da final Brasil 0 x 0 Uruguai, em 25 de maio de 1919. *Careta*, 27 de maio de 1919.

Imagem XXIII

Assistência no morro durante o jogo da segunda final Brasil 1 x 0 Uruguai. *Careta*, 31 de maio de 1919.

Imagem XXIV

Aspecto do Stadium do Fluminense no início do 4º jogo do Campeonato Sul Americano – Brasileiros v. Argentinos

Panorâmica do estádio do Fluminense, certamente tirada do morro próximo ao estádio. Teria o fotógrafo também desembolsado \$500 para poder tirar a foto? *Careta*, 27 de maio de 1919.

Rui Barbosa, torce o fraque de Epitácio Pessoa, então candidato à presidência da República. *Careta*, 17 de maio de 1919.

Imagem XXVI

Carro alegórico: “Estágio ou prisão: ‘c’est lla meme chose’!” *O Imparcial*, 4 de março de 1919.

Imagem XXVII

Carro alegórico do Fluminense (F.F.C.): “Nós queremos é dinheiro!” *O Imparcial*, 4 de março de 1919.

“Uma opção que é uma ‘opitadella’. A ‘kodack’ de *Vida Sportiva*, conseguiu penetrar no archivo da Metropolitana e apanhar a interessante opção de um player do qual fizemos um ‘cliché’ ao lado. Sem comentar a ‘rambles’ ortographia do ‘opitador’, ‘opitamos’ pelo silêncio deixando de certo os leitores gozando a mesma”. Assim vinha acompanhada a foto da ficha de inscrição de Bráulio para o Andarahy. *Vida Sportiva*, 5 de julho de 1919.

Imagem XXIX

Foto do Vasco da Gama, campeão da série B da 1ª Divisão de 1922. Bolão, um dos reforços vindos do Bangu é o primeiro em pé, da esquerda. Acervo: Centro de Memória do C. R. Vasco da Gama.

Imagem XXX

Na foto, os jogadores do Vasco agachados e os do combinado Engenho de Dentro-Mackenzie em pé. Ao centro um dos ex-jogadores do clube suburbano que defendia as cores vascaínas, Nelson da Conceição. Provavelmente a foto foi tirada em 1919. Acervo: Centro de Memória do C. R. Vasco da Gama.

Imagem XXXI

Não é fortuito o fato de ter sido o atleta retratado de perfil, posição que confere destaque à sua negritude. *O Malho*, 22 de abril de 1922.

Imagem XXXII

Os cigarros Olympicos, que custavam a metade de um ingresso das gerais, apostavam na fama dos principais clubes da LMDT. Do lado direito do maço, os clubes da 1ª Divisão (Botafogo, Fluminense, Flamengo, America, Bangu, São Christovão e Andarahy), sendo que os grandes aparecem no canto superior. Ao centro, os escudos da CBD e da LMDT. Do lado esquerdo, os clubes da 2ª Divisão (Carioca, Americano, Mangueira, Palmeiras, Mackenzie, Villa Izabel e Vasco). O escudo do clube da colônia portuguesa aparece no canto inferior. *O Imparcial*, 28 de agosto de 1921.

Imagem XXXIII

Time do Andarahy em jogo contra o Fluminense. Um dos clubes pequenos da 1ª Divisão formado por jogadores oriundos das camadas mais baixas da sociedade carioca. Acervo: Centro de Memória do Fluminense Football Club.

Imagem XXXIV

Time do Flamengo de 1923. Um dos principais representantes dos chamados “clubes da elite” carioca. Acervo: Centro de Memória do Fluminense Football Club.

Imagem XXXV

Time do Fluminense de 1923. Um dos principais representantes dos “clubes da elite” carioca. Acervo: Centro de Memória do Fluminense Football Club.

Imagem XXXVI

Imagem do jogo Vasco e Fluminense, em 1923, com o estádio lotado. Acervo: Centro de Memória do Fluminense Football Club.

Imagem XXXVII

Foto do time do Vasco da Gama e jogo contra o Fluminense. Nelson, deitado no chão, Bolão, ao centro de touca na cabeça, e Cecy, o terceiro da direita para a esquerda, eram os craques negros do campeão carioca de 1923. A equipe do Vasco exhibe a bandeira do Fluminense, demonstração do cavalheirismo entre os times, caso, também, das flores. Acervo: Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama.

Imagem XXXVIII

GOAL!

MÚSCULOS fortes, grande energia e absoluta resistência à fadiga... É este o segredo para a vitória em um sport tão violento como o foot-ball. E, para adquirir estas condições ou mantê-las se já as possui, basta tomar todos os dias, às refeições, um prato de Aveia Quaker Oats.

É o alimento ideal, completo, para os sportmen e atletas, porque contém todos os elementos principais alimentícios de que o corpo humano necessita para uma nutrição perfeita dos seus diversos órgãos, porque aumenta os glóbulos vermelhos do sangue, fortifica os músculos, estabelece o equilíbrio do sistema nervoso e proporciona uma grande resistência ao cansaço físico. Possui o dobro do valor nutritivo da carne e a metade do da arroz, apesar de ser digerido muito mais facilmente que qualquer outro alimento.

No Jornal *A Noite*, a Quaker propunha seus produtos para a obtenção de “*músculos fortes, grande energia e absoluta resistência à fadiga*”. Segundo a empresa americana, sua aveia era o segredo para o sucesso “*em um sport tão violento como o football*”. *A Noite*, 2 de maio de 1923.

A revista *O Malho* deu ampla cobertura à construção de São Januário e depois acompanhou, também, a inauguração do estádio. Nota-se nas fotos a grandiosidade da obra. *O Malho*, 9 de abril de 1927.

INAUGURAÇÃO DO STADIUM DO VASCO DA GAMA

A Saudação.

A Embaixada Sportiva do Santos F. Club, que veio inaugurar o Stadium.

Team do Vasco da Gama.

Página da cobertura do jogo inaugural do estádio do Vasco da Gama. O estádio ficou conhecido como São Januário devido à linha de bonde de mesmo nome que passava a sua porta. No jogo inaugural contra o Santos, o time exibe a bandeira da AMEA da qual constam todos os pavilhões da 1ª Divisão do Campeonato Carioca. *Careta*, 30 de abril de 1927.

Imagem XLI

“Os milhões de carteiras de cigarros Veado passando pelas ruas da cidade...”. Foto da reportagem sobre a vitória de Russinho no concurso para a escolha do melhor *footballer* do país. *O Malho*, 14 de junho de 1930.

Imagem XLII

“Aspecto parcial das carteiras guardadas pelo polícia.” O envolvimento do poder público com o concurso. *O Malho*, 14 de junho de 1930.

Imagem XLIII

“Russinho trepado num montão de carteiras Veado e entre os seus cabos eleitoraes.”
O Malho, 14 de junho de 1930.

Imagem XLIV

Russinho na sua “barata” Chrysler. *O Malho*, 14 de junho de 1930.

Las potencias del futbol sudamericano

El Vasco da Gama en Barcelona

Un club con 6.000 socios, con un estadio capaz para 60.000 almas.-Nueve jugadores internacionales.-Unas palabras con los jugadores y su capitán Russinho

"RUSSINHO"
(delantero centro)

DOS SANTOS
(medio centro)

"ITALIA"
(defensa izquierda)

SANT'ANNA
(extremo izquierda)

Se encuentra en Barcelona desde el miércoles por la noche, el club brasileño Vasco da Gama, uno de los primeros valores del fútbol sudamericano y decididamente uno de los mejores conjuntos que de ultramar han venido al viejo continente para actuar en los campos de Europa.

Vimos anoche en el local del F. C. Barcelona, al que acudieron de visita a los directivos del club Vasco da Gama que nos fueron presentados por don Gaspar Rosés. Eran los señores Raul da Silva, presidente del club, Orlando Eduardo da Silva, director técnico, José da Silva Rocha, delegado de jira y Eduardo Pinho, árbitro.

Los directivos del Club de Río de Janeiro, nos acogieron con gran amabilidad facilitándonos toda clase de detalles respecto al club y la importancia de la breve jira que llevarían a cabo por Europa.

El presidente nos dijo hablando del "Vasco da Gama".

—Nuestro club es, en realidad, un

club creado para las regatas. Más tarde dedicó también sus actividades al fútbol y desde hace catorce años el fútbol se viene practicando en él, siendo este el deporte más importante y la base actual del Vasco da Gama.

—¿Serán ustedes amateurs?

—Completamente.

—¿Marrones, ¿no?

—Tampoco. Si el Vasco da Gama pagase sueldos a los jugadores, no tendría la potencia que tiene en la actualidad.

El señor don José Da Silva, secretario de jira, nos mostró unas fotografías —Vea usted. Este es el Estadio del Vasco da Gama, capaz para sesenta mil almas.

Al decir esto nos enseñaba una soberbia fotografía de un estadio rodeado de gradas en forma de V con una enorme tribuna cubierta con techado de cemento portland.

—¿Habría gran afición al fútbol, en el Brasil?

—Sí la hay — nos contesta el Pre-

sidente don Raul da Silva—. Allí se juega mucho al fútbol. Hay veinte federaciones regionales. El campeonato brasileño lo juegan selecciones de región de los distintos estados de la República.

—¿Lleva usted mucho tiempo de Presidente, en el club?

—Cinco años — nos contesta don Raul da Silva. Hoy, el Vasco da Gama es el club más importante del Brasil. Desde 1923 que viene ganando el campeonato del estado de Río y únicamente lo ha perdido en los años 1929 y 1930.

—¿Qué conjunto viene con ustedes?

—Vienen Jaguar, Italia, Brillante, Tinoco, Fausto, Molla, Daniel, Nilo, Carvalho, Leite, Russinho, Augusto, Moraes, Martinho y Judiele.

—¿Cuál es el capitán del conjunto?

—Russinho. Un muchacho muy simpático. Ganó precisamente el premio que ofreció una marca de papel de fumar al jugador de fútbol más simpático del Brasil. Fué un concurso interesante al que tomó parte toda la afición brasileña. Consistió en votar al jugador utilizando el estuche del papel. Russinho consiguió cerca de tres millones de votos.

—¿Tres millones? ¡Qué barbaridad!

—De cinco millones de concursantes.

El escrutinio se hizo en el Teatro Lírico de Río y el premio consistía en 40.000 pesetas (su equivalencia en pesos). Para el escrutinio pasaron cuatro días y cuatro noches. Russinho se llevó el premio a la simpatía.

—¿Los jugadores?

—Están en el hotel. Podrá verlos más tarde.

Nos señalaron una hora especial para acudir al hotel y allí nos fueron presentados a los jugadores por don Raul da Silva.

—Todos pertenecen al "Vasco da Gama" excepto Nilo Mortinho, Carballo Leite y Benedito Moraes que son del "Botafogo F. C." y Fernando Judiell que es del "Fluminense F. C."

Los muchachos brasileños nos saludaron con efusión. Presentáronnos a Russinho.

—Ya nos han dicho que es usted fu-

(Continúa en segunda plana)

Una vista tomada en aeroplano del magnífico Estadio del "Vasco da Gama" en Río Janeiro, capaz para 60.000 personas. Esta foto fué tomada el día de la inauguración, faltando aún terminar las gradas y tribunas de una de las partes extremas del campo.

Reportagem do jornal El Mundo Deportivo. Destaque para o Vasco como uma das "potencias del futbol sudamericano". *El mundo Deportivo*, 26 de junho de 1931. Barcelona – Espanha.

Imagem XLVI

Propaganda do filme da excursão do Vasco à Europa. *Correio da Manhã*, 6 de agosto de 1931.

Imagem XLVII

Segundo a charge, as aulas de “machicha brasileira” serviriam para conseguir obter dos “jugadores cariocas el máximo rendimento”. *El mundo Deportivo*, 6 de agosto de 1931. Barcelona – Espanha.

Imagem XLVIII

Fausto dos Santos é o segundo da fila, seguido por Jaguaré. *El Mundo Deportivo*, 28 de agosto de 1931. Barcelona – Espanha.

Imagem XLIX

El Mundo Deportivo publicava uma charge em que Jaguaré e Fausto eram saudados pela torcida à porta do estádio. *El Mundo Deportivo*, 28 de agosto de 1931. Barcelona – Espanha.

Imagem L

A exigente torcida espanhola era destacada como “La lepra del futbol”. *El Mundo Deportivo*, 8 de julho de 1932. Barcelona – Espanha.

Imagem LI

O presidente do Barcelona, Coma, destacava que os sócios deveriam denunciar jogadores que estivessem nas casas noturnas após a meia-noite. O jornal colocou que os sócios, representados na charge com chapéus com os respectivos números de inscrição no clube, seguiam as instruções do dirigente. *El Mundo Deportivo*, 30 de dezembro de 1932. Barcelona – Espanha.

Nota-se a menção ao pagamento “clandestino” dos jogadores. Mostra-se um dirigente entre o pagamento “clandestino” dos jogadores e o pagamento dos jogadores feito às claras em momento de transição para a regulamentação da profissão do jogador de futebol. *Jornal dos Sports*, 19 de janeiro de 1933.

ANEXOS

I- Preço dos ingressos de gerais e arquibancadas para os jogos do Campeonato Carioca:

Anos	Gerais	Arquibancadas
1918-22	\$500	1\$000
1923	1\$000	2\$000
1924	1\$500	3\$000
1925	1\$500	3\$000
1926	1\$500	3\$000
1927	1\$500	3\$000
1928	2\$000	4\$000
1929	2\$000	4\$000
1930	2\$000	4\$000
1931	2\$000 + selo \$100	4\$000 + selo \$200
1932	2\$000 + selo \$100	4\$000 + selo \$200
1933	2\$200	4\$400
1934	4\$000	6\$000

Fonte: pesquisa com a leitura dos periódicos da época

Tabela com os 10% arrecadados pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres sobre as rendas dos jogos de futebol da 1ª Divisão de 1917

	América	Andarahy	Bangu	Botafogo	Carioca	Flamengo	Fluminense	Mangureira	S. Christovão	V. Izabel	Total
América	-----	-----	184\$000	231\$500	69\$000	381\$300	755\$100	47\$100	334\$100	73\$400	2:075\$500
Andarahy	338\$360	-----	-----	-----	30\$800	94\$380	-----	39\$900	98\$400	45\$760	647\$000
Bangu	-----	-----	-----	62\$100	-----	-----	72\$600	-----	54\$200	-----	188\$900
Botafogo	517\$000	172\$000	60\$600	-----	51\$100	404\$900	523\$800	50\$100	219\$400	58\$900	2:057\$800
Carioca	-----	41\$580	14\$190	-----	-----	45\$900	102\$520	10\$010	33\$800	33\$330	281\$330
Flamengo	-----	90\$300	84\$900	302\$000	28\$300	-----	-----	51\$100	284\$700	-----	805\$300
Fluminense	1:029\$800	180\$800	105\$200	404\$800	150\$200	503\$500	-----	164\$200	339\$800	182\$000	3:060\$400
Mangureira	17\$700	-----	22\$800	-----	-----	68\$800	138\$800	-----	23\$600	23\$400	295\$100
S. Christovão	392\$300	120\$800	-----	230\$300	52\$100	247\$600	458\$400	-----	-----	34\$800	1:536\$300
V. Izabel	66\$400	59\$200	31\$400	22\$000	-----	136\$800	-----	-----	34\$800	-----	350\$600
Total	2:361\$560	664\$680	503\$090	1:252\$800	381\$800	1:883\$180	2:052\$220	362\$410	1:386\$800	451\$590	11:298\$830

Fonte: *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres de 12/1917 a 12/1918*. Rio de Janeiro: Papalaria Brazil, 1918. Quitanda, 150.

Tabela com os 10% arrecadados pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres sobre as rendas dos jogos de futebol da 1ª Divisão de 1918

	América	Andarahy	Bangu	Botafogo	Carioca	Flamengo	Fluminense	Mangureira	S. Christovão	V. Izabel	Total
América	-----	224\$100	69\$500	384\$400	33\$200	390\$900	765\$900	45\$700	280\$800	105\$700	2:300\$100
Andarahy	93\$000	-----	27\$800	142\$700	27\$900	169\$400	339\$400	23\$200	89\$700	123\$600	1:036\$700
Bangu	34\$400	35\$500	-----	38\$700	20\$400	48\$000	67\$400	10\$500	-----	11\$200	266\$100
Botafogo	224\$200	197\$900	106\$600	-----	-----	452\$700	772\$200	36\$600	287\$300	54\$700	2:132\$200
Carioca	55\$700	47\$500	64\$100	92\$600	-----	68\$800	104\$700	6\$300	83\$700	23\$000	546\$400
Flamengo	-----	108\$200	38\$900	754\$700	26\$400	-----	1:581\$800	53\$900	396\$600	83\$700	2:981\$200
Fluminense	815\$800	308\$400	58\$500	814\$350	-----	395\$500	-----	87\$200	500\$700	50\$200	3:030\$650
Mangureira	40\$200	7\$300	8\$200	-----	5\$100	13\$900	183\$800	-----	3\$800	16\$400	278\$700
S. Christovão	313\$100	178\$100	19\$400	-----	44\$600	-----	584\$300	19\$900	-----	70\$800	1:230\$200
V. Izabel	-----	68\$500	22\$000	-----	55\$000	55\$000	105\$000	-----	-----	-----	305\$500
Total	1:576\$400	1:175\$500	415\$000	2:277\$350	212\$600	1:594\$200	4:441\$500	283\$300	1:642\$600	539\$300	14:107\$700

Fonte: *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres de 30/12/1919*. Rio de Janeiro: Papalaria Brazil, 1919. Quitanda, 150.

Tabela com os 10% arrecadados pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres sobre as rendas dos jogos de futebol da 2ª Divisão de 1918

	Americano	Brazil	Cattete	Mackenzie	Palmeiras	Progreso	Rio de Janeiro	River-São Bento	Vasco	Total
Americano		\$5200	155000	635000	175100	205500	315000	45400	355000	1975000
Brazil	125000	-	65000	135000	1050000	35500	-	35000	135000	605900
Cattete	205700	-	-	185500	-	35000	35400	5400	-	465000
Mackenzie	435700	115300	105200	-	85500	35500	115800	65100	-	9551000
Palmeiras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Progreso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rio de Janeiro	485600	25300	-	185900	-	55300	-	115500	-	865600
River-São Bento	105400	15400	-	145500	35700	-	25600	-	55200	375800
Vasco	345100	85700	95500	345800	435200	65300	185000	-	-	1545600
Total	1745700	285900	405700	1625700	825500	425500	675400	255400	535200	6785000

Fonte: *Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres de 30/12/1919*. Rio de Janeiro: Papelaria Brazil, 1919. Quitanda, 150.

Tabela com os 10% arrecadados pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres sobre as rendas dos jogos de futebol da 2ª Divisão de 1919

	Americano	Brazil	Cattete	Esperança	Mackenzie	Palmeiras	Progreso	R. Janeiro	R. São Bento	Vasco	Total
Americano	-	-	-	-	115600	205000	105600	-	145000	425800	1995000
Brazil	-	-	-	-	-	15500	-	25000	-	35700	75200
Cattete	85300	\$900	-	-	385600	-	-	-	-	-	475800
Esperança	235700	-	\$200	-	115800	105000	\$700	45000	25200	65700	595700
Mackenzie	1553300	-	-	75000	-	105000	85000	465000	155200	335200	2725700
Palmeiras	315900	-	115000	35400	335300	-	-	255400	25400	225900	1305300
Progreso	35900	-	-	45000	125000	55000	-	65000	15400	105200	425500
Rio de Janeiro	555100	-	125000	55000	165400	65000	-	-	45300	195500	1185300
River-São Bento	95200	\$900	15000	-	105600	25000	-	45000	-	115500	295200
Vasco	1625000	-	-	-	205500	215300	45200	305600	135700	-	2535100
Total	4485200	15800	245200	195400	2545800	755800	235500	1185400	535200	1405500	1-1595800

Fonte: Relatório da Liga Metropolitana do ano de 1919, publicado em *O Imparcial* dia 26 de janeiro de 1920.

Tabela com os 10% arrecadados pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres sobre as rendas dos jogos de futebol da 1ª Divisão de 1919

	América	Andaraby	Bangu	Botafogo	Carioca	Flamengo	Fluminense	Mangureira	S. Christovão	V. Izabel	Total
América	-	-	65\$500	296\$600	52\$500	433\$400	-	68\$600	267\$300	121\$000	1:304\$900
Andaraby	156\$600	-	-	101\$200	23\$200	154\$700	126\$600	30\$100	34\$500	45\$700	855\$100
Bangu	68\$100	32\$800	-	198\$900	17\$600	102\$000	263\$000	12\$200	115\$500	45\$000	855\$100
Botafogo	447\$600	91\$900	73\$400	-	115\$700	754\$400	900\$400	31\$700	-	74\$500	2:480\$600
Carioca	40\$300	30\$700	16\$400	-	-	81\$500	116\$900	8\$800	-	35\$200	329\$800
Flamengo	324\$300	36\$500	-	343\$200	47\$600	-	1:719\$900	28\$300	402\$000	111\$400	3:013\$200
Fluminense	682\$400	326\$700	124\$200	862\$200	159\$400	1:333\$600	-	90\$100	590\$600	173\$200	4:342\$400
Mangureira	60\$900	-	-	29\$800	20\$400	12\$900	154\$400	-	42\$500	17\$500	333\$400
S. Christovão	274\$100	102\$900	62\$800	542\$400	28\$900	486\$200	945\$800	-	-	82\$300	2:525\$400
V. Izabel	155\$700	68\$900	27\$100	50\$500	26\$000	79\$600	133\$700	-	93\$300	-	634\$800
Total	2:209\$000	690\$400	369\$400	2:421\$800	491\$300	3:429\$300	4:359\$700	269\$800	1:545\$700	705\$800	16:495\$200

Fonte: Relatório da Liga Metropolitana do ano de 1919, publicado em *O Imparcial* dia 26 de janeiro de 1920.

Tabela com os 10% arrecadados pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres sobre as rendas dos jogos de futebol da 3ª Divisão de 1919

	Boqueirão	Everest	Hellenico	Metropolitano	Paladino	Tijuca	Ypiranga	Total
Boqueirão	-	-	-	-	-	-	-	-
Everest	-	-	-	-	3\$000	-	1\$200	4\$200
Hellenico	-	-	-	16\$900	3\$000	9\$800	15\$000	44\$700
Metropolitano	-	-	27\$500	-	2\$000	-	3\$600	33\$100
Paladino	-	-	-	4\$700	-	-	4\$500	9\$200
Tijuca	-	-	-	\$800	2\$500	-	2\$000	5\$300
Ypiranga	-	-	14\$900	-	3\$600	-	-	18\$500
Total	-	-	42\$400	22\$400	14\$100	9\$800	26\$300	115\$000

Fonte: Relatório da Liga Metropolitana do ano de 1919, publicado em *O Imparcial* dia 26 de janeiro de 1920.

Tabela com os 10% arrecadados pela AMEA sobre as rendas dos jogos de futebol da 1ª Divisão de 1924

	América	Bangu	Botafogo	Brazil	Flamengo	Fluminense	Hellenico	São Christovão	Total
América	-	190\$800	547\$800	102\$600	475\$500	480\$000	233\$850	329\$000	2.359\$550
Bangu	111\$650	-	180\$490	29\$500	319\$140	439\$560	79\$700	147\$280	1.307\$320
Botafogo	612\$400	51\$670	-	70\$800	803\$400	976\$820	273\$850	459\$850	3.248\$790
Brazil	269\$000	16\$560	112\$940	-	96\$800	289\$560	125\$750	25\$700	936\$310
Flamengo	1.453\$500	153\$100	809\$600	47\$700	-	2.642\$800	277\$800	476\$400	5.860\$900
Fluminense	985\$640	323\$200	1.103\$650	133\$500	2.204\$760	-	530\$000	1.313\$000	6.593\$750
Hellenico	196\$800	124\$600	164\$870	18\$150	400\$760	236\$800	-	237\$750	1.379\$730
São Christovão	533\$400	116\$900	68\$5200	90\$450	637\$500	738\$000	88\$200	-	4.269\$380
Total	4.162\$390	976\$830	3.604\$550	492\$700	5.157\$860	5.803\$510	1.609\$650	2.988\$280	25.955\$730

Fonte: *Relatório Anual da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de 1924*, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1924.

Público presente nos estádios do Campeonato Carioca da AMEA de 1924

	América	Bangu	Botafogo	Brazil	Flamengo	Fluminense	Hellenico	São Christovão	Total
América	-	2.112	4.979	1.134	4.210	4.000	1.640	3.053	21.128
Bangu	2.744	-	2.730	1.460	3.311	4.048	2.301	2.286	18.880
Botafogo	3.667	590	-	674	2.781	5.438	1.834	2.939	17.923
Brazil	1.730	486	1.177	-	1.600	2.623	2.623	527	10.766
Flamengo	7.507	814	6.664	715	-	11.485	1.701	4.340	33.226
Fluminense	6.417	2.790	7.158	1.578	13.576	-	3.442	8.511	43.472
Hellenico	960	603	2.175	674	1.935	2.125	-	2.024	10.496
São Christovão	2.774	831	3.329	646	3.045	3.501	660	-	14.786
Total	25.799	8.226	28.212	6.881	30.458	33.220	14.201	23.680	170.667

Fonte: *Relatório Anual da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de 1924*, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1924.

Tabela com os 10% arrecadados pela AMEA sobre as rendas dos jogos de futebol da 1ª Divisão de 1925

	América	Bangu	Botafogo	Brazil	Flamengo	Fluminense	Hellenico	S. Christovão	Syrio	Vasco	Total
América	-	99\$000	594\$000	119\$700	1:709\$300	986\$200	333\$300	192\$200	212\$300	1:1174\$500	5:420\$500
Bangu	181\$800	-	298\$980	72\$800	364\$500	323\$000	48\$100	323\$920	136\$200	757\$900	2:507\$200
Botafogo	374\$800	W.O.	-	30\$990	756\$700	762\$900	59\$300	193\$500	149\$500	1:844\$500	4:232\$190
Brazil	79\$700	21\$200	52\$700	-	85\$000	150\$600	24\$700	42\$400	27\$500	473\$200	957\$000
Flamengo	274\$500	311\$560	2:007\$700	96\$700	-	2:032\$700	214\$900	708\$140	564\$900	3:766\$400	9:974\$500
Fluminense	WxO	352\$840	1:230\$200	132\$800	3:609\$300	-	140\$980	488\$420	208\$580	3:467\$080	9:630\$200
Hellenico	54\$000	14\$100	27\$100	11\$200	222\$300	94\$580	-	112\$900	47\$400	321\$700	905\$280
S. Christovão	427\$800	92\$100	216\$000	124\$650	880\$000	394\$500	111\$000	-	197\$400	1:074\$600	3:518\$050
Syrio	54\$000	73\$200	39\$900	61\$700	363\$900	356\$900	124\$500	332\$500	-	413\$500	1:820\$100
Vasco	1:912\$500	1:036\$200	1:124\$300	373\$00	4:437\$500	3:544\$500	206\$000	912\$300	546\$000	-	14:093\$200
Total	3:359\$100	2:000\$200	5:590\$880	1:084\$400	12:428\$300	8:645\$880	1:259\$780	3:306\$280	2:089\$780	13:293\$380	53:058\$220

Fonte: *Relatório Anual da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de 1925*, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1925.

Público presente nos estádios do Campeonato Carioca da AMEA de 1925

	América	Bangu	Botafogo	Brazil	Flamengo	Fluminense	Hellenico	S. Christovão	Syrio	Vasco	Total
América	-	960	4.441	1.704	11.930	5.997	3.129	1.882	1.956	5.773	37.772
Bangu	2.023	-	3.218	1.901	3.533	3.316	1.761	3.758	2.077	5.670	27.257
Botafogo	2.873	-	-	2.879	4.482	4.762	812	2.034	1.974	12.450	32.266
Brazil	1.978	1.002	1.651	-	1.479	1.991	1.019	1.103	924	3.049	14.196
Flamengo	2.710	2.846	11.885	1.019	-	12.837	1.769	5.014	5.157	19.740	62.977
Fluminense	-	3.517	8.353	2.023	25.748	-	2.702	4.111	2.535	22.476	71.465
Hellenico	465	1.144	540	273	2.120	1.000	-	2.470	670	2.924	11.606
S. Christovão	3.987	913	1.368	862	4.037	1.791	783	-	1.313	6.974	22.028
Syrio	1.414	1.043	1.097	667	2.840	3.219	1.103	2.501	-	3.699	17.583
Vasco	11.971	6.745	9.328	4.712	24.289	21.783	2.180	10.765	5.197	-	96.970
Total	24.421	18.170	41.881	16.041	80.458	56.696	12.258	33.638	21.803	82.755	394.120

Fonte: *Relatório Anual da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de 1925*, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1925.

Tabela com os 10% arrecadados pela AMEA sobre as rendas dos jogos de futebol da 1ª Divisão de 1926

	América	Botafogo	Bangu	Brazil	Fluminense	Flamengo	S. Christovão	Syrio	Vasco	Villa Izabel	Total
América	-	190\$900	68\$020	63\$100	567\$500	571\$800	543\$800	211\$000	1:783\$800	203\$900	4:203\$820
Botafogo	442\$600	-	196\$500	44\$500	1:089\$500	633\$500	904\$300	193\$500	1:154\$500	159\$600	4:798\$500
Bangu	256\$700	273\$600	--	56\$700	629\$300	295\$500	538\$500	158\$900	1:419\$500	104\$700	3:778\$400
Brazil	75\$400	75\$400	23\$800	-	140\$900	99\$500	86\$700	59\$400	271\$200	62\$800	89\$100
Fluminense	625\$300	1:073\$200	577\$500	178\$000	--	1:813\$600	927\$000	917\$900	4:801\$500	373\$700	11:287\$700
Flamengo	1:024\$300	567\$700	190\$000	80\$000	2:207\$000	-	2:914\$500	207\$300	1:962\$400	227\$500	9:380\$700
S. Christovão	467\$900	404\$800	437\$400	144\$150	1:959\$000	1:375\$700	-	320\$400	3:288\$000	277\$700	8:675\$050
Syrio	203\$200	115\$800	136\$900	41\$400	1:175\$600	379\$300	743\$200	--	1:048\$200	51\$300	3:894\$900
Vasco	422\$400	302\$900	251\$200	147\$700	2:565\$600	2:045\$100	893\$800	379\$300	--	162\$500	7:170\$500
Villa Izabel	148\$800	79\$500	42\$600	26\$400	390\$400	173\$200	159\$600	108\$400	81\$5000	-	1:943\$900
Total	3:884\$600	3:083\$800	2:536\$920	781\$950	10:724\$800	7:387\$200	7:711\$400	2:556\$100	16:499\$100	1:623\$700	56:028\$570

Fonte: *Relatório Anual da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de 1926*, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1926.

Público presente nos estádios do Campeonato Carioca da AMEA de 1926

	América	Botafogo	Bangu	Brazil	Fluminense	Flamengo	S. Christovão	Syrio	Vasco	Villa Izabel	Total
América	-	5.180	2.863	1.243	4.705	5.038	4.710	1.920	9.052	2.529	37.240
Botafogo	3.827	-	1.850	756	6.781	4.470	5.253	2.148	6.644	1.758	33.487
Bangu	3.251	3.052	-	1.529	5.454	3.170	5.868	1.940	8.783	2.355	35.402
Brazil	1.584	1.478	610	-	1.061	1.000	700	1.450	2.574	874	11.331
Fluminense	6.580	8.230	5.416	2.713	-	11.841	7.340	7.472	21.913	4.336	75.841
Flamengo	8.307	4.740	3.015	1.194	12.896	-	16.698	2.008	11.753	2.608	63.219
S. Christovão	3.410	2.332	1.752	826	6.306	4.829	-	2.018	10.720	2.024	34.217
Syrio	1.866	887	1.384	1.012	5.220	3.068	4.438	-	6.140	836	24.896
Vasco	8.696	2.512	1.502	7.794	22.694	16.795	15.828	10.711	-	12.747	119.279
Villa Izabel	984	810	743	860	3.060	2.308	1.415	1.335	4.526	-	16.041
Total	38.505	36.904	31.452	17.927	68.177	52.519	62.295	31.002	82.105	30.067	450.953

Fonte: *Relatório Anual da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de 1926*, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1926.

Preço de alguns dos principais artigos de 1ª necessidade na cidade do Rio de Janeiro e dos ingressos mais baratos para os jogos de futebol do Campeonato Carioca da 1ª Divisão

	1893	1914	1919	1924	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934
Arroz (Kg)	\$250	\$747	\$960	1\$600	1\$400	1\$140	1\$400	1\$617	1\$316	1\$200	1\$246	1\$308	1\$500
Assucar (Kg)	\$500	\$892	1\$060	1\$300	1\$300	1\$350	1\$536	1\$344	\$816	\$883	\$955	1\$163	1\$200
Batatas (Kg)	\$240	\$316	\$560	\$600	\$900	\$941	1\$018	1\$108	\$908	\$772	\$747	\$900	\$858
Carne Fresca (Kg)	\$800	\$900	1\$200	1\$500	1\$800	1\$800	1\$866	2\$066	2\$116	1\$842	1\$800	1\$650	1\$633
Feijão Preto (Kg)	\$320	\$380	\$380	1\$400	\$800	\$950	1\$113	1\$179	\$866	\$600	\$722	\$708	\$642
Leite (l)	\$300	\$400	\$300	1\$200	\$900	1\$066	1\$100	1\$050	1\$150	1\$000	\$758	\$600	\$642
Pão (Kg)	\$400	\$600	\$900	1\$000	1\$300	1\$300	1\$300	1\$400	1\$350	1\$250	1\$300	1\$300	1\$300
Ingresso (Gerais)	-	\$500	1\$000	1\$500	1\$500	1\$500	2\$000	2\$000	2\$000	2\$100	2\$100	2\$200	4\$000
Ingresso (Arquibancada)	-	1\$000	2\$000	3\$000	3\$000	3\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$200	4\$200	4\$400	6\$000

Fonte: Para o preço dos alimentos *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio (1919-1934)* e para os ingressos foram levantados os preços dos ingressos publicados nos periódicos pesquisados neste trabalho.

Orçamento teórico para o custo de vida de uma família de operários composta de três pessoas: marido, mulher e filha, necessitando em média de 4000 calorias cada pessoa no rio de janeiro (1930- 1935)

	1930	1931	1932	1933	1934	1935
Alimentação	294\$203	266\$044	270\$610	261\$496	270\$132	270\$100
Combustível e luz	53\$800	55\$800	55\$800	43\$400 ¹	40\$120	40\$100
Aluguel de casa	80\$000	80\$000	75\$000	75\$000	80\$000	80\$000
Diversões (Cinema)	-	-	-	10\$000	10\$000	6\$000
Higiene (Sabão)	8\$000	8\$000	8\$000	8\$000	8\$000	8\$000
Total	436\$003	409\$844	409\$410	397\$896	408\$252	404\$200

Fonte: *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio (1919- 1935)*.

¹ Nesse ano a querosene foi substituída pela luz elétrica.

Anexo XV: Orçamento das despesas mensais de uma família composta de 7 pessoas na cidade do Rio de Janeiro

Anos	Gêneros Alimentícios	Combustível e luz	Vestúário	Casa (aluguel)	Criados	Móveis, utensílios e roupa de cama	Total
1912	302\$693	68\$440	50\$000	200\$000	40\$000	30\$000	691\$133
1913	321\$728	64\$050	50\$000	200\$000	40\$000	30\$000	705\$878
1914	318\$445	67\$930	50\$000	200\$000	40\$000	30\$000	706\$375
1915	346\$814	77\$840	55\$000	210\$000	45\$000	32\$000	766\$654
1916	374\$547	90\$588	60\$000	210\$000	45\$000	34\$000	823\$135
1917	420\$099	120\$674	65\$000	220\$000	45\$000	36\$000	906\$773
1918	464\$317	160\$767	70\$000	240\$000	45\$000	38\$000	1:018\$084
1919	484\$440	142\$120	75\$000	260\$000	50\$000	40\$000	1:051\$560
1920	515\$358	141\$991	100\$000	300\$000	55\$000	45\$000	1:157\$359
1921	542\$060	133\$760	100\$000	300\$000	60\$000	50\$000	1:185\$820
1922	547\$620	177\$090	100\$000	350\$000	70\$000	60\$000	1:299\$610
1923	611\$547	166\$440	110\$000	400\$000	75\$000	70\$000	1:433\$087
1924	739\$480	151\$710	120\$000	500\$000	80\$000	80\$000	1:671\$190
1925	766\$240	154\$750	140\$000	550\$000	90\$000	85\$000	1:785\$990
1926	714\$496	164\$090	160\$000	610\$000	100\$000	88\$000	1:836\$585
1927	737\$884	165\$950	160\$000	610\$000	120\$000	95\$000	1:888\$834
1928	741\$604	133\$650	160\$000	610\$000	120\$000	98\$000	1:858\$255
1929	732\$885	127\$710	160\$000	610\$000	120\$000	93\$000	1:843\$595
1930	648\$570	128\$630	144\$000	550\$000	120\$000	85\$000	1:676\$200
1931	614\$380	161\$980	140\$000	500\$000	120\$000	80\$000	1:616\$360
1932	695\$935	161\$680	140\$000	460\$000	120\$000	80\$000	1:621\$615
1933	646\$600	161\$500	140\$000	460\$000	120\$000	80\$000	1:608\$100
1934	715\$800	127\$000	190\$000	500\$000	120\$000	82\$500	1:735\$300
1935	747\$100	126\$200	235\$000	500\$000	120\$000	100\$000	1:828\$300

Fonte: *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio (1919- 1935)*.

Tabelas apresentadas pelo Sr. Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho, ao Sr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório. Os valores são referentes ao pagamento por dia de trabalho, em setembro de 1931.

Profissões/U.F.	AL	BA	CE	DF	ES	MA	MG	PB	PR	PE	RJ	RS	SC	SP	SE	Média
Batedor	2\$572	3\$334	2\$848	5\$533	4\$100	3\$825	3\$061	2\$000	-	3\$569	4\$892	4\$895	6\$000	4\$477	2\$965	4\$198
Cardador	1\$965	2\$573	2\$119	5\$971	3\$500	2\$911	3\$177	2\$167	-	3\$456	4\$997	6\$573	6\$000	4\$694	2\$924	4\$466
Massaroqueiro	3\$192	2\$500	2\$700	6\$006	4\$000	2\$948	2\$927	-	-	-	4\$920	-	-	4\$396	-	4\$887
Fiandeiro	2\$190	6\$434	2\$000	5\$067	8\$000	8\$127	4\$046	-	-	3\$195	5\$389	ilegível	5\$674	4\$298	3\$950	4\$604
Bobineiro	1\$800	-	-	5\$369	-	-	-	-	-	-	3\$200	-	2\$000	5\$075	-	4\$554
Tecelão	5\$171	4\$012	3\$202	8\$812	8\$500	3\$355	4\$046	2\$300	5\$600	4\$726	6\$355	8\$841	6\$724	6\$595	4\$091	7\$145
Urddidor	2\$375	5\$502	-	7\$062	-	3\$360	2\$290	1\$960	-	4\$792	6\$368	6\$292	7\$429	6\$012	2\$367	5\$609
Engommador	2\$595	5\$841	2\$500	7\$347	6\$000	3\$261	3\$888	3\$345	5\$000	3\$728	6\$500	5\$000	-	5\$675	3\$358	5\$169
Alvejador	3\$102	2\$800	-	5\$778	-	3\$278	3\$700	-	-	3\$397	5\$017	-	5\$000	4\$959	2\$659	3\$929
Tintureiro	3\$015	3\$889	1\$562	5\$686	4\$700	3\$385	3\$568	1\$810	-	3\$426	5\$137	6\$088	3\$016	5\$263	3\$100	4\$949
Acabador	2\$950	2\$000	-	5\$803	-	3\$111	3\$854	-	-	3\$248	6\$149	4\$000	5\$000	5\$819	3\$125	5\$402
Média	2\$811	3\$588	2\$418	6\$221	5\$542	3\$756	3\$455	2\$263	5\$300	3\$726	5\$356	5\$955	5\$204	5\$205	3\$171	-

Média de salário na Indústria (dária)	RJ (D.F. + Niterói)	SP	Santos	PR	RS	Belo Horizonte	BA	Recife	PA
1929	12\$243	10\$206	13\$282	8\$262	9\$186	10\$920	7\$818	5\$760	5\$490
1930	10\$400	7\$820	10\$098	9\$600	10\$020	9\$600	6\$850	5\$406	4\$992

Fonte: *Correio da Manhã*, 2 de setembro de 1931.

1. Manuscritas

1.1 Estatutos

Estatutos de clubes menores (Arquivo Nacional)

Sport Club Santa Cruz. Caixa IJ6- 655.

Sport Club Americano. Caixa 6C-479.

Sport Club Galeão. Caixa 6C-432.

Amaro Football Club. Caixa 6C-571.

Sport Club Nacional. Caixa IJ6- 655.

Alliança Football Club. Caixa IJ6- 759.

Amigos da Pátria Football Club. Caixa IJ6-763.

Belisário Foot Ball Club. Caixa 6C- 571.

Brazileiro Foot Ball Club. Caixa 6C- 479.

Sport Club Bom Sucesso. Caixa IJ6- 649.

Campo Grande Foot Ball Club. Caixa IJ6- 651.

Sonho de Ouro Foot Ball Club. Caixa 6C- 571.

Sport Club Nacional. Caixa IJ6- 655.

Alliança Football Club. Caixa IJ6- 759.

Amigos da Pátria Football Club. Caixa IJ6-763.

Belisário Foot Ball Club. Caixa 6C- 571.

Brazileiro Foot Ball Club. Caixa 6C- 479.

Sport Club Bom Sucesso. Caixa IJ6- 649.

Campo Grande Foot Ball Club. Caixa IJ6- 651.

Sonho de Ouro Foot Ball Club. Caixa 6C- 571.

São Paulo- Rio Foot Ball Club. Caixa 6C-432.

Bahia Foot Ball Club. Caixa 6C-479.

Club Athletico Central. Caixa IJ6-655.

Mexicano Foot Ball Club. Caixa IJ6- 763.

Aventureiros Foot Ball Club. Caixa IJ6- 595.

Eletro Foot Ball Club. Caixa IJ6- 670.

ABC Foot Ball Club. Caixa 6C- 468.

Brazileiro Foot Ball Club. Caixa 6C-479.
Associação Athletica Engenho Velho. Caixa IJ6-655.
Marangá Foot Ball Club. Caixa 6C- 432.
Amaro Foot Ball Club. Caixa: 6C-751.
Sport Club Curupaity. Caixa IJ6- 655.
Sport Club Braziliense. Caixa 6C- 432.
Guaratyba Athletico Club. Caixa 6C- 571.
Real Grandeza Foot Ball Club. Caixa IJ6-758.
Sport Club Nacional. Caixa IJ6- 655.
Club Sport Luzitano. Caixa: IJ6- 758.
Magno Recreativo Foot Ball Club. Caixa IJ6-655.
Leopoldinense Sport Club. Caixa IJ6- 694.
Mayrink Foot Ball Club. Caixa 6C- 433.
Mignon Foot Ball Club. Caixa IJ6- 763.
Ramos Foot Ball Club. Caixa IJ6- 748.
Cocotá Foot Ball Club. Caixa IJ6- 749.
Portinho Foot Ball Club. Caixa IJ 6-778.
Flor do Prado Foot Ball Club. Caixa IJ6 – 763.
Primor Foot Ball Club. Caixa IJ6- 759.
Portinho Foot Ball Club. Caixa 6C- 432.
Fidalgo Foot Ball Club. Caixa 6C- 435.
Imparcial Foot Ball Club. Caixa IJ6- 655.
Sport Club Americano. Caixa 6C-479.
Inhaumense Foot Ball Club. Caixa IJ6- 778.
Guaratyba Athletico Club. Caixa 6C- 571.
Sport Club Liberal. Caixa 6C- 432.
Atlas Foot Ball Club. Caixa IJ6- 655.
Athletico Cajuense Club. Caixa IJ6- 758.
Magno Recreativo Foot Ball Club. Caixa IJ6- 655.
Esperança Football Club. Caixa: 6C-571.
Republicano Athletico Club. 6C- 367.
Botafogo Athletico Clube. 6C- 432.

Estatutos das Ligas Menores (Arquivo Nacional)

Estatutos da *Liga Sportiva Suburbana*. Caixa IJ6- 655

Estatutos da *Associação Brasileira de Desportos Athleticos*. Caixa IJ6- 655.

Estatutos da *Liga Sportiva Suburbana*. Caixa 6C- 367

1.2 Livros de Atas

Acta da sessão da Directoria do America Football Club realizada em 8 de maio de 1922.

Acta da sessão da Directoria do America FC realizada em 15 de janeiro de 1923.

Acta da sessão da Directoria do America FC realizada em 4 de fevereiro de 1924.

Acta da sessão da Directoria do America FC realizada em 18 de fevereiro de 1924.

Acta da sessão da Directoria do America FC realizada em 25 de fevereiro de 1924.

Acta da sessão da Directoria do America FC realizada em 10 de março de 1924.

Acta da Sessão da Directoria do America FC realizada em 30 de junho de 1924.

Acta da Sessão da Directoria do America FC realizada em 25 de janeiro de 1933.

Acta da sessão da Directoria do Botafogo de 24 de setembro de 1923.

Acta da sessão da Directoria do Botafogo de 29 de abril de 1918.

Atas da Diretoria do Vasco da Gama de 1 de dezembro de 1920 a 8 de novembro de 1922.

Atas da Diretoria do Vasco da Gama de 17 de junho de 1931 a 20 de fevereiro de 1935.

Atas da Assembléia Geral do Vasco da Gama de 6 de dezembro de 1908 a 16 de dezembro de 1920.

F.C. Barcelona. Caja nº 08 del Octubre de 1930 al Abril de 1932.

F. C. Barcelona. Historial Partits: 17/3/1929 al 20/7/1933.

2. Impressas

2.1 Periódicos

Jornal do Commercio, de 1900 a 1934.

O Imparcial, de 1915 a 1926.

O Malho, de 1922 a 1930.

Correio da Manhã, de 1901 a 1931.

Gazeta de Notícias, de 1906 a 1924.
Gazeta Suburbana, 1919.
A Noite, de 1920 a 1923, e 1931.
A Gazeta, 1919.
O Paiz, de 1911 a 1927.
Jornal do Brasil, de 1906 a 1934.
O Estado de São Paulo, 1902, 1919 e 1920.
A Tribuna, 1923.
Vida Sportiva: Hebdomanario Ilustrado, Portivo e Mundano, 1919.
Revista Nossa Terra, 1919.
Revista Theatro & Sport, 1922.
Jornal de Theatro & Sport, 1923.
Revista Careta, 1915 a 1927.
O Jacobino, 1894.
Folha da Noite, 1921.
Suplemento Sportivo de O Imparcial, 1921.
O Sport, 1923.
O Globo, de 1931 a 1933.
Athletica: Revista Litteraria, Artistica e Esportiva, 1919.
Jornal dos Sports, de 1931 a 1934 e 1948.
Diário da Noite, 1930.
Última Hora, 29 de junho de 1959.
Folha de São Paulo, 15 de janeiro de 1995.
El Mundo Deportivo. Rotativo Ilustrado D Todos los Deportes. Redaccion y Administracion Diputacion tel Barcelona. 1931 e 1932.
Diário de Notícias. Centro de Documentação e Informação – Lisboa, Portugal. 1931
O Sport. Arquivos do Sport Lisboa e Benfica – Lisboa, Portugal. 1931.
El Paiz, Montevidéu, Uruguai, de 1932 e 1934.
El Mundo, Buenos Aires- Argentina, de 1932 a 1934

2.2 Estatutos de Ligas

Estatutos da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres publicado no *Diario Oficial da União*, 20 de dezembro de 1917, pp. 13.580 a 13.583.

2.3 Recenseamentos

Recenseamento geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro, Imp. nacional, 1892.

Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Off. da Estatística, 1907-1908. Vale destacar que havia 25 freguesias na cidade.

Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922

Quadros estatísticos. Rio de Janeiro: Directoria de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional, 1968.

GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, Subsecretaría de Sistemas de Información, Dirección General de Organización, Métodos y Estadística, Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires, 1997.

2.4 Relatórios

Relatórios do Ministério da Fazenda apresentados ao Exmo Sr. Presidente da República no ano de 1906. *Jornal do Commercio*, 3 de janeiro de 1906.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1916. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1917.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1917. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1918.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1918. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1919.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1919. Rio de Janeiro: Tip. Gomes Brandão e Marcondes, 1920.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1920. Rio de Janeiro: Tip. Gomes Brandão e Marcondes, 1921.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1921. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1922

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1922. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1923.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1923. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1924.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1924. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1925.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1925. Rio de Janeiro: (s.n.)1926.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1926. Rio de Janeiro: (s.n.) 1927.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1927. Rio de Janeiro: (s.n.) 1928.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1928. Rio de Janeiro: (s.n.) 1929.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1929. Rio de Janeiro: (s.n.) 1930.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1930. Rio de Janeiro: (s.n.) 1931.

Fluminense Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1931. Rio de Janeiro: (s.n.) 1932.

Fluminense Football Club. Relatório dos Apresentado ao Conselho Deliberativo, em 28 de abril de 1932. (s.n.)1933.

Fluminense Football Club. Relatório dos Apresentado ao Conselho Deliberativo, em 28 de abril de 1933. (s.n.)1934.

Fluminense Football Club. Relatório dos Apresentado ao Conselho Deliberativo, em 28 de abril de 1934. (s.n.)1935.

Relatório da Directoria referente a administração de 1928. Clube de Regatas Vasco da Gama. Rio de Janeiro: Typographia Bebedicto Souza, 1929.

Relatório do Club de Regatas Vasco da Gama para o ano de 1931. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1932.

Relatorio de Club Atletico Boca Juniors, 1933.

Relatório de 1925 a 1926 da Confederação Brasileira de Desportos. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1926.

Relatório de 1926 a 1927 da Confederação Brasileira de Desportos. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1927.

Relatório de 1927 a 1928 da Confederação Brasileira de Desportos. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1928.

Relatório de 1928 a 1929 da Confederação Brasileira de Desportos. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1929.

Relatório de 1929 a 1930 da Confederação Brasileira de Desportos. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1930.

Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 31 de dezembro de 1917 à Assembléa Geral. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918.

Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres apresentado pela Directoria em 30 de dezembro de 1918 à Assembléa Geral. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. Relatório Annual de 1924. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1925

Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. Relatório Annual de 1925. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1926.

Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. Relatório Annual de 1926. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1927.

2.5 Almanques

Almanak Laemmert: 1924, Rio de Janeiro, RJ : Typ. Universal de Laemmert, 1925.

3. Relatos Orais

Entrevista feita a Marcos Carneiro de Mendonça em 5 de agosto de 1982 por José Sebastião Witter e José Pedro Pinto Espozel. *Projeto História do Futebol Brasileiro.* Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Centro de Documentação e Acervo.
Localização: 100.17-A FUTEBOL.

BIBLIOGRAFIA

Obras de referência

ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Seleção Brasileira: 1914-2006*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006.

BRIGGS, Asa. *Victorian Cities*. Grã-Bretanha: Penguin Books, 1979.

Enciclopédia do Futebol Brasileiro. (coord. Marcos de Mendonça Lima) Vol. I e II. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2000.

MAZZONI, Thomas. *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

STORTI, Valmir e FONTENELLE, André. *Campeonato Paulista*. São Paulo: Publifolha, 1997.

Todas as Copas: de 1930 a 2002. (coord. Marcos de Mendonça Lima) Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2006.

FARACHIO, Enrique Alvarez. *Um Siglo de Clasicos. Peñarol – Nacional*. Montevideo: C.R.L., 1999.

Ensaaios em periódicos especializados

ANTUNES, Fátima Martia Rodrigues Ferreira. “O futebol nas fábricas”. Dossiê *Futebol*. Revista USP, n.22, junho, julho, agosto 1994.

ANTUNES, F. M. R. F.. O futebol na Light & Power de São Paulo. Pesquisa de Campo Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, Rio de Janeiro, n. 3/4, p. 51-64, 1997.

ANTUNES, F. M. R. F.. Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica. D O Leitura, São Paulo, v. 12, n. 141, p. 8-9, 1994.

CAIN, Louis P. and HADDOCK, David D. “Similar Economic Histories, Different Industrial Structures: Transatlantic Contrasts in the Evolution of Professional Sports Leagues” *The Journal of Economic History*, Vol. 65, No. 4 (December 2005).

DOBSON, Stephen and GODDARD, John. “Performance, revenue, and cross subsidiation in the Football League, 1927-1994” in *Economic History Review*, LI, 4 (1998).

LEVINE, Lawrence W. (December 1992). “The Folklore of Industrial Society: Popular Culture and Its Audiences”. *The American Historical Review* 97 (5): 1369–1399.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. “Migração Portuguesa no Brasil”. In: *Revista Brasileira de História*. vol.23, no.45 . São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

LOBO, Eulalia Maria L. e STOTZ, Eduardo Navarro. Flutuações cíclicas da economia, condições de vida e movimento operário (1880-1930). *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói, vol 1, nº 1, set/dez, 1985.

MORTARA, Giorgio, Um Enigma Resolvido: A População do Brasil. *Estudos Brasileiros de Demografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1 (7):72-3, julho 1947.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Bandeirantes do progresso: imagens do trabalho e do trabalhador na cidade em festa. São Paulo, 25 de janeiro de 1954. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 231-246, 1994.

PADILHA, Sylvia. Da “Cidade Velha” à periferia. *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, vol.1, n.1. set/dez. 1985.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. *Revista Argumento*, São Paulo, ano 1, n. 4, fev. 1974.

SOLIS, Sidney Sergio F. e RIBEIRO, Marcus Vinícius T. O Rio onde o sol não brilha: acumulação e pobreza na transição do capitalismo. *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, vol.1, n.1. set./dez. 1985.

Relatos

ASSAF, Roberto. *Banho de Bola*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CORREA, Floriano P. *Grandezas e Miserias do Nosso Futebol*, Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1933.

DIAS, Marina Tavares. *História do Futebol em Lisboa*. Lisboa: Quimera, 2000.

FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: *Um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e Sombra*. Porto Alegre: L.& P. M. Editores, 2008.

PATUSKA, Araken. *Os Reis do Futebol*, São Paulo, Bentivegna, 1976.

RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 1999.

_____. *Os Donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

VARZEA, Paulo. Prefácio In: CORREA, Floriano Peixoto. *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*. Rio de Janeiro: Flores e Manos Editores, 1933.

História de clubes

CARVALHO, Candido Fernandes de (org.) C. R. VASCO DA GAMA (autor) *Memória do Cinquentenário (1898-1948)*. Rio de Janeiro, fraf. C. Mendes Junior, 1948.

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense (1902-2002)*. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

CUNHA, Orlando e VALLE, Fernando. *Campos Salles, 118. A História do América..* Editora Laudes: Rio de Janeiro, 1972.

História do futebol brasileiro: Vol. I, C.R. Flamengo. Coleção Memórias do Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: Rditora Rio, 1983.

MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos Banguenses!* Rio de Janeiro: 2004.

OLIVEIRA, Alceu Mendes de. *O Futebol no Botafogo 1904-1950*, Gráfica Milone Ltda.: Rio de Janeiro, 1951.

QUADROS, Raymundo. *Chuva de Glórias: a trajetória do São Cristóvão de Futebol e Regatas*. Rio de Janeiro: Editora Pontes, 2004.

ROCHA, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama – Histórico*. Rio de Janeiro: Grafica Olímpica Editora. 1975.

Livros

ALBUQUERQUE, Marli Brito Moreira de. *Trabalho e Conflito no Porto do Rio de Janeiro (1904-1920): um estudo sobre a participação política das categorias portuárias no movimento operário da Primeira República*. Apresentada a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1983.

ARAÚJO, Rosa Maria de. *A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

BRESCIANI, Maria Stella. Imagens de São Paulo: Estética e Cidadania. In: *Encontros com a História: Percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro (1907 – 1930)*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial*. Memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CARONE, Edgar. *A Primeira República*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

CARONE, Edgard. *A República Velha (instituições e classes sociais)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972-1974.

- CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1877 – 1944)*. São Paulo: Editora Difel, 1984.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915* São Paulo: Educ: FAPESP, 2000.
- DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- DEAN, Warren. Industrialização Durante a República Velha. in: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, Vol.8, 1975.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Cotidiano de Trabalhadores na República: São Paulo – 1889/1940*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- DOWNWARD, Paul e DAWSON, Alistair. *The Economics of Professional Team Sports*. United Kingdom: Routledge, 2000.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na sociedade de classes. Volume I*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo- Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- FRANZINI, Fabio. *Corações na Ponta da Chuteira- capítulos iniciais da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- GLAZER, Raquel. Visões de São Paulo. In: *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Anpuh/marco Zero, 1994.
- GOMES, Angela Maria de Castro. *Burguesia e Trabalho: Política e legislação social no Brasil. 1917-1937*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.
- GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização do Brasil (1850-1914)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.
- HERSCHMANN, Micael e LERNER, Katia. *Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Epoque Carioca* Rio de Janeiro, Diadorim, 1993.
- HOBBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875 -1914)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos : o breve século XX : 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAPA, José Roberto do Amaral (org.), *História Política da República*: coletânea de ensaios inéditos comemorativa do centenário da República, Campinas, São Paulo: Papirus, 1990

LE GOFF, Jacques. *Por Amor às Cidades*: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, 1998.

LOBO, Maria Eulália Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)*. 1º e 2º Volumes. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

LOVISARO, Martha e NEVES, Ledy Consuelo (org.) *Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

MALHANO, Clara & MALHANO, Hamilton. *Memória Social dos Esportes: São Januário. – Arquitetura e História*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2002.

MARTINHO, Francisco Carlos Palamone. O imigrante português no mundo do trabalho. in LESSA, Carlos (org). *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Record/Faperj, 2002.

MARTINS, Luis. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

MATTOS, Cláudia. *Cem Anos de Paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Vitor Andrade de. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENEZES, Lena Medeiros de. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905–1941). In: SILVA, Francisco Carlos da; SANTOS, Ricardo Pinto. (Orgs.) *Memória Social dos Esportes: Futebol e Política: A Construção de Uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Nós e eles, relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. *Imigração* in FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, vol. 9, O Brasil Republicano, São Paulo: DIFEL, 1985.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

PENNA, Lincoln de Abreu. *O Progresso da Ordem: o Florianismo e a construção da República*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. *Imigração* in FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, vol. 9, O Brasil Republicano, São Paulo: DIFEL, 1985.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República*. Jacobinismo: ideologia e ação (1893-1897), São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. “O Jacobinismo na historiografia republicana”, In: LAPA, José Roberto do Amaral (org.), *História Política da República: coletânea de ensaios inéditos comemorativa do centenário da República*, Campinas, São Paulo: Papirus, 1990. (Coleção Tempo e Memória, v. II).

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MARTINS, Oliveira. Prefácio In RENARD, Antoine. *São Paulo É Isto!*. São Paulo: S.N., 1933..

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981.

SEBE, José Carlos e WITTER, José Sebastião (org.) *Futebol e Cultura- Coletânea de Dados*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982. //// SHIRTS, Matthew. *Futebol no Brasil ou Football in Brasil*. in SEBE, José Carlos e WITTER, José Sebastião (org.) *Futebol e Cultura- Coletânea de Dados*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnicas ritos e ritmos do Rio*. In: _____. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil, vol. 4.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

SOARES, Oscar de Macedo. *Código penal da República dos Estados Unidos do Brasil: commentado e anotado segundo a legislação vigente até 1901*. Rio de Janeiro : Typ. da Empresa Democrática, 1902.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.

VAMPLEW, Wray. *Pay Up And Play the Game: Professional Sport in Britain, 1875-1914*. London: Paperback, 2004.

VIANNA, Hermano. *O mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ, 2004.

Obras de apoio teórico-metodológico citadas

BOURDIEU, Pierre. *Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Deporte y clase social. In: BROHM, Jean Marie et al. *Materiales de sociología del deporte*. Madri: Las Ediciones de la Piqueta, 1993.

BROHM, Jean-Marie. Tesis sobre el deporte. In BROHM, Jean Marie et al. *Materiales de sociología del deporte*. Madri: Edición de la Piqueta, 1993.

DUNNING, Eric. Reflexiones Sociológicas sobre el Deporte In BROHM, Jean Marie et al. *Materiales de sociología del deporte*. Madri: Edición de la Piqueta, 1993.

BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CARDOSO, Ciro F. e BRIGNOLI, Hector P. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1993.

_____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio em El Proceso de La Civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERNANDES, Florestan. *Revolução Burguesa no Brasil*. São Paulo: Globo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques e NORRA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Fransisco Alves, 1995.

MICELLI, Sergio (org.) *A economia das trocas simbólicas/ Pierre Bourdieu*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOURA, Esmeralda B. Bolsonaro de . Apresentação In: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro e FERLINI, Vera Lúcia Amaral (org.) *História Econômica: agricultura, indústrias e populações*. São Paulo, Editora Alameda, 2006.

Obras acadêmicas

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo . São Paulo [s.n.] 1992.

ARAÚJO, José Renato de Campos - *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália - IFCH/UNICAMP*, Dissertação de Mestrado, Dep. Sociologia, Campinas. 1996.

LIMA, Maria Helena B. *A Missão Herdade: um estudo sobre a inserção do imigrante português*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1973.

RIBEIRO, Gladys Sabina. “*Cabras*” e “*pés-de-chumbo*”: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987.

Produções sobre a imigração e a colônia portuguesa no Brasil:

CARINHAS, Teófilo (Dir. e Org.) *Álbum da Colônia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Número de Carinhas e Cia. Ltda, 1929.

FLORENTINO, Manolo & MACHADO, Cacilda. Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil dos séculos XIX e XX. In: LESSA, Carlos (Org.). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record/FAPERJ, 2002.

FREITAS FILHO, Almir Pita. A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do X. In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na Aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

MUZZI, Amanda, *Os jacobinos e a oposição a Prudente de Moraes na transição entre as presidências militar e civil – 1893-1897*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SERRÃO, Joel. *A Emigração Portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1974.

SIMÕES, Nuno. *Portugueses no mundo*. Lisboa: Oficinas Gráficas Minerva, 1940.